

Organização: PATRÍCIA PAIXÃO



Prefácio: JOSÉ HAMILTON RIBEIRO

*Mestres*  
*da* **RE**  
**POR**  
**TA**  
**GEM**

**Vol. I**

3ª Edição

Autores:  
ALUNOS DE  
JORNALISMO  
da FAPSP



Organização: **PATRÍCIA PAIXÃO**

Prefácio: **JOSÉ HAMILTON RIBEIRO**

*Mestres*  
*da* **RE**  
**POR**  
**TA**  
**GEM**

Autores:  
**ALUNOS DE**  
**JORNALISMO**  
**da FAPSP**

Todos os direitos desta publicação estão reservados à Editora In House, que detém os direitos autorais da obra para a Língua Portuguesa.

O texto aqui reproduzido é uma obra de autoria e responsabilidade de seus autores e, não representa, necessariamente, a opinião da Editora.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização por escrito do editor ou do autor.

Jundiaí, SP, outubro de 2012. 3ª edição impressa em março de 2018.

Editor responsável / Projeto Gráfico: **Márcio Martelli**

Organização: **Patrícia Paixão**

Direção acadêmica: **Alfredo Dias D'Almeida**

Revisão gramatical: **Patricia Garcia**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro)

---

Paixão, Patrícia (org.)

Mestres da Reportagem : alunos de Jornalismo da FAPSP / organização Patrícia Paixão -- Jundiaí, SP : Editora In House, 2012.

Vários colaboradores  
ISBN 978-85-7899-213-2

1. Reportagens 2. Repórteres e reportagens I. Paixão, Patrícia.

CDD-869.93

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Jornalismo : Reportagens 070.4493641523



**Editora In House**

[www.editorainhouse.com.br](http://www.editorainhouse.com.br) | [inhouse@terra.com.br](mailto:inhouse@terra.com.br)

Curta nossa página no Facebook: Editora In House

Fones: (11) 4607-8747 / 99903-7599

Visite nossa loja virtual: [inhoustore.com.br](http://inhoustore.com.br)

---

**“Nada mais triste do que ver um repórter sentado numa redação a olhar para o teclado, disponível e sem assunto, quando os assuntos, todos eles, estão lá fora enchendo as ruas”**

**[ Joel Silveira ]**



# Agradecimentos

Este livro é resultado do esforço, colaboração e apoio de diversas pessoas que acreditaram no nosso projeto.

Nem sempre uma atividade acadêmica recebe créditos e atenção, principalmente de pessoas que já são reconhecidas no mercado de trabalho.

Felizmente fomos encorajados, e muito bem tratados em todos os nossos contatos e pedidos de ajuda.

Chegou, finalmente, o momento de demonstrar a nossa gratidão.

Agradecemos ao Diretor Geral da FAPSP (Faculdade do Povo), professor Eber Cocareli, por ter nos apoiado no projeto e por oferecer toda a infraestrutura necessária para o desempenho das nossas atividades. Isso foi essencial!

Agradecemos muito especialmente ao Diretor Acadêmico Alfredo D’Almeida por todo entusiasmo com a obra e por sua colaboração permanente, inclusive nos finais de semana, desde o início do livro, quando começamos a agendar as entrevistas, até o momento da edição final e revisão dos textos. Alfredo foi um dos grandes responsáveis pela concretização de *Mestres da Reportagem*.

Também foi essencial o apoio e colaboração do coordenador do curso de Jornalismo, o professor Carlos Monteiro, que prontamente avalizou a ideia de produção da obra, colocando-se à disposição para nos ajudar no que fosse preciso.

Aos coordenadores Miguel Valione (do curso de Publicidade e Propaganda) e Marcos Corrêa (do curso de Rádio e TV), que nos ajudaram muito na parte de divulgação do projeto.

Ao escritor e *publisher* Márcio Martelli, dono da editora *In House*, por custear a produção da obra, apostando nela.

Ao “Mestre dos Mestres” da reportagem José Hamilton Ribeiro, por realizar nosso sonho, escrevendo o prefácio do livro.

Aos jornalistas Roberto Cabrini, César Tralli, Marcelo Canellas, Goulart de Andrade, Eliane Brum, Renato Lombardi, Valmir Salaro, Geneton Moraes Neto, Leandro Fortes e Regiani Ritter por, além de concederem parte de seu precioso tempo para as entrevistas, terem nos ajudado com alguns contatos, palavras amigas, conselhos e informações que foram muito importantes para o desenvolvimento da obra.

À equipe do Globo Universidade, em especial à Viviane Tanner, Renata Minami e Alvaro Marques, pela ajuda no processo de aprovação dos textos envolvendo os jornalistas da *Rede Globo*.

Aos amigos jornalistas Luiz Antonio Del Tedesco e William Gonçalves por também terem colaborado com alguns contatos estratégicos.

À professora Patrícia Garcia por ter nos auxiliado no trabalho de revisão dos textos, com ânimo e disposição.

À professora Flávia Delgado por sempre se mostrar interessada e empolgada com nosso trabalho.

Ao jornalista Eduardo Rocha pelos conselhos e ajuda ao longo do desenvolvimento da obra.

Aos funcionários da Secretaria da FAPSP por terem colaborado diversas vezes com informações úteis para a finalização do projeto.

Aos alunos Alisson Magno, Ana Lucia Tibaldi e Daniela Gualassi por terem contribuído na etapa de edição dos textos.

Aos alunos André Luiz Guimarães, Quezia Barbosa e Milene Morgado pelo auxílio na divulgação da obra.

Meu agradecimento especial aos discentes Eduardo Rodrigues e Jéssica Tamyres dos Santos por terem aberto mão de suas férias de julho de 2012 e de vários finais de semana para ficar ao meu lado, ajudando no trabalho de edição final das entrevistas.

E a todos que, de alguma forma, colaboraram com o nosso trabalho.

# Apresentação

É com orgulho que a Direção da FAPSP apresenta a obra *Mestres da Reportagem*, resultado do trabalho realizado pelos alunos dos segundos e terceiros anos do curso Jornalismo da Instituição, em 2011 e 2012, sob a coordenação da professora e jornalista Patrícia Paixão.

O livro traz entrevistas com grandes nomes do jornalismo brasileiro atual, em que são revelados os segredos de como se fazer uma boa reportagem.

Sua leitura é proveitosa não só para os que, como os entrevistadores, pretendem trilhar a carreira de jornalista, mas também para todos aqueles que se interessam pelos bastidores de grandes e premiadas reportagens publicadas pela imprensa nacional, pois transparecem, em cada depoimento, os modos como foram construídas valiosas contribuições de um conjunto de profissionais de imprensa sérios e respeitados. O conteúdo dessas entrevistas constitui verdadeiras lições de cidadania e profissionalismo, que podem e devem ser observadas não só pelos iniciantes na área jornalística, mas ainda por qualquer pessoa comprometida com o exercício de um papel participativo e ético na sociedade a que pertence.

A gênese deste livro foi um grande desafio lançado pela professora da disciplina *Técnicas de Pesquisa, Reportagem e Entrevista Jornalística*, Patrícia, aos estudantes da FAPSP, exigindo deles que aliassem a teoria à prática, ainda no início de curso. E eles se mostraram à altura ao desafio que lhes foi proposto, preparando-se com esmero. Antes de lançarem-se às entrevistas, eles leram muito, levantando todas as reportagens e as obras assinadas por aqueles que iriam entrevistar, além de suas biografias. Tendo preparado muito bem a pauta, seguiram para o encontro com seus entrevistados confiantes de que sabiam o que estavam fazendo e, o mais importante, cômicos da importância de quem estava à sua frente.



O apoio da Direção e dos demais docentes da FAPSP a este projeto se fundamenta em duas razões. Primeiramente, uma instituição de ensino que queira fazer da expressão “qualidade de ensino” um fato e não um mero instrumento de retórica deve estar sempre aberta à sociedade em que vive e prestar contas a ela de seu trabalho. O projeto *Mestres da Reportagem*, como tantos outros desenvolvidos pelos docentes e discentes da FAPSP, é produto dessa visão, a qual também compreende o fato de que o saber não se constrói intramuros.

Em segundo lugar, nossos alunos dos cursos de Comunicação são instados desde o primeiro ano a mostrar à sociedade o que produzem, pois é para ela que produzem. Nesse processo é que se consolida aquilo que se pode chamar de Comunicação.

Este livro é uma feliz concretização dessa filosofia da FAPSP, compartilhada e vivida na prática pela Direção, pelos docentes e pelos alunos.

Parabéns à professora Patrícia!

Parabéns aos alunos!

Boa leitura a todos!

**Alfredo Dias D’Almeida**  
Diretor Acadêmico da FAPSP

**Eber Cocareli**  
Diretor Geral da FAPSP

# Introdução

## Um livro para todos que valorizam o ofício de repórter

*Por Patrícia Paixão, organizadora*

Injustiças e situações angustiantes da nossa realidade foram barradas incontáveis vezes pela força da reportagem. Casos de corrupção e exploração nos mais diversos âmbitos vieram à tona, feridas sociais foram denunciadas e puderam ser combatidas, presidentes que não fizeram jus ao cargo foram derrubados. Tudo por conta do idealismo de um repórter que abriu mão de dias, meses e até anos de sua vida particular para levar a verdade à população.

Reportagens também já deram luz àquilo que temos de melhor: relevantes descobertas científicas, exemplares atitudes de governos, projetos de instituições privadas e entidades do terceiro setor e da sociedade civil, além das belezas, sonhos e particularidades da vida e do coração de milhares de seres humanos que, como diz o “príncipe dos repórteres” José Hamilton Ribeiro (autor do prefácio desta obra), são a melhor matéria-prima do Jornalismo.

Apontando maus ou bons exemplos, a reportagem tem colaborado para a documentação da nossa história, para que futuras gerações conheçam nossos méritos e deméritos, podendo se prevenir contra a repetição de nossas falhas e se inspirar em nossos acertos, construindo um mundo melhor.

Por tudo isso, esse gênero costuma ser classificado como a “alma” do

jornalismo, a única coisa que vale verdadeiramente a pena na nossa profissão.

E foi justamente com o objetivo de destacar sua importância para todos os que têm interesse na área jornalística, em especial para os futuros profissionais, que lancei em 2011 para os meus alunos dos 4º e 6º semestres de Jornalismo da FAPSP (Faculdade do Povo) o desafio de produzirmos *Mestres da Reportagem*, um livro no formato de entrevistas pingue-pongue, que traz grandes repórteres brasileiros falando sobre o papel da reportagem na nossa sociedade (essa é a segunda obra que organizo em parceria com meus discentes. A primeira foi *Jornalismo Policial – Histórias de quem faz*, lançada em 2010, com meus ex-alunos da UNIBAN Brasil – atual Anhanguera Educacional).

Com total apoio e entusiasmo da Coordenação Acadêmica do curso e das Direções Acadêmica e Geral da faculdade, partimos, então, para a implementação do projeto, que fez parte da avaliação da disciplina *Técnicas de Pesquisa, Reportagem e Entrevista Jornalística*, por mim ministrada.

Na lista de entrevistados para *Mestres da Reportagem*, tivemos a preocupação de escolher jornalistas de diferentes mídias (impressa, eletrônica e digital) e editorias (Política, Esportes, Internacional, Geral, entre outras), com a condição que atuassem prioritariamente como repórteres. Não nos interessou entrevistar editores, chefes de reportagem, âncoras de telejornais ou apresentadores de programas jornalísticos. Não por menosprezo a esses cargos, mas simplesmente pelo fato de estarmos focando a obra na arte da reportagem. Nosso objetivo foi selecionar jornalistas que têm/tiveram reconhecida experiência na função de repórter, tendo consciência de que vários profissionais gabaritados do jornalismo brasileiro, inclusive excelentes repórteres, ficaram fora da lista dos 30 nomes escolhidos.

Não tivemos a pretensão de classificar quem são os 30 melhores repórteres do país, mas sim de trazer um pouco do que a reportagem brasileira tem de melhor. Alguns dos entrevistados são jovens repórteres, mas já se destacam na função. São mestres não pelos anos acumulados no jornalismo, mas pela paixão e idealismo com que fazem reportagem.

Vencidos o medo de não conseguir o aceite do entrevistado e a inse-

gurança de pela primeira vez ficar frente a frente com um jornalista renomado, os estudantes partiram para as entrevistas com Adriana Carranca, Agostinho Teixeira, Bruno Garcez, Carlos Wagner, César Tralli, Cid Martins, Eliane Brum, Elvira Lobato, Ernesto Paglia, Geneton Moraes Neto, Gérson de Souza, Giovani Grisotti, Goulart de Andrade, José Arbex Jr., José Hamilton Ribeiro, Leandro Fortes, Luiz Carlos Azenha, Marcelo Canellas, Marcelo Rezende, Mauri König, Paula Scarpin, Percival de Souza, Regiani Ritter, Renato Lombardi, Ricardo Kotscho, Roberto Cabrini, Silvia Bessa, Sônia Bridi, Tatiana Merlino e Valmir Salaro.

Felizmente, foram muito bem recepcionados por esses profissionais. Interessante como a humildade é realmente uma qualidade presente nos verdadeiros repórteres. Todos esses grandes nomes do nosso jornalismo receberam meus alunos com carinho, atenção e respeito.

Após cada entrevista realizada, olhos brilhantes e bocas inquietas (para o meu orgulho!) me procuravam para contar o quão especial foi ter tido uma verdadeira aula de reportagem com o profissional entrevistado. E realmente esse livro traz 30 aulas sobre como ser um bom repórter, só que no formato de entrevistas.

*Mestres da Reportagem* também é um livro sobre os bastidores de produção das principais matérias desses jornalistas, o que o torna interessante não só para quem atua ou deseja atuar na área, mas para o público em geral. Afinal, quem não gostaria de conhecer em detalhes as técnicas que Roberto Cabrini utilizou para descobrir em 1993, em Londres, o então foragido PC Farias (Paulo César Farias, tesoureiro da campanha de 1989 do ex-presidente Fernando Collor de Melo e personagem-chave do escândalo que levou à abertura do processo de *impeachment*)? Ou as estratégias que o mestre Goulart de Andrade traçou para ganhar a intimidade de entrevistados muitas vezes polêmicos e arredios, como quando desvendou a vida das travestis na noite paulistana em 1985? Ou ainda que dilemas éticos Eliane Brum enfrentou ao fazer a emblemática reportagem que acompanhou os últimos 115 dias de vida de uma senhora que estava com um câncer incurável?

Essas são apenas algumas das curiosidades de bastidores que podem ser encontradas nesta obra.

Na comparação das falas dos entrevistados, o leitor também poderá conferir interessantes consensos e dissensos sobre algumas questões básicas da área de reportagem.

Vários profissionais falaram, por exemplo, sobre a importância de o repórter não ficar preso à pauta, saindo da redação disposto apenas a confirmar uma ideia preconcebida, ignorando a realidade dos fatos. “A coisa mais saborosa é ser desmentido pelo fato. Não é porque você descobriu que a realidade é diferente do que você pensava que a sua pauta caiu. Pelo contrário! A sua pauta pode ficar ainda mais interessante”, afirmou o jornalista Marcelo Canellas.

Outros, como Gérson de Souza, ressaltaram a necessidade de o repórter contar com bons personagens que possam ilustrar a situação retratada na matéria: “A primeira providência para uma boa reportagem é ter um bom personagem para contar a história. Não adianta chegar ao meio da Amazônia perdida, do lado venezuelano, onde se tem aquele cenário maravilhoso, mas não ter um personagem”.

Curiosidade, persistência, ética e dedicação foram apontadas como qualidades essenciais do bom repórter.

Entre as opiniões divergentes, destaca-se a discussão sobre a existência ou não de um jornalismo particularmente investigativo que se diferencia dos demais pelo aprofundamento na apuração dos fatos e pelo grau de envolvimento do repórter. Para alguns entrevistados, todo jornalismo envolve investigação e, portanto, a expressão “jornalismo investigativo” é redundante. Outros acreditam que a expressão é válida já que, na prática, nem todas as formas de jornalismo contam com uma exaustiva apuração dos fatos. “Eu acho que o jornalismo por definição é investigativo. O que acontece hoje é que, devido à correria do dia a dia e a necessidade de informações diárias com prazo de entrega nas redações, o jornalismo se tornou superficial. Então, criaram essa categoria investigativa”, explicou Agostinho Teixeira.

O engajamento político/ideológico do repórter foi outro ponto de dissenso entre alguns entrevistados. Para José Arbex Jr., por exemplo, não é possível fazer jornalismo sem influência política: “Eu, por exemplo, tenho uma influência que vem dos movimentos populares. O que aconte-

ce é que você pode escolher qual vai ser a sua influência”.

Já Geneton Moraes Neto aponta o engajamento ideológico como um dos grandes pecados cometidos no jornalismo: “É claro que tenho minhas opiniões políticas, mas lugar de fazer patrulhagem ideológica é na urna, no dia da eleição”.

Mas chega de relevar os atrativos de *Mestres da Reportagem*.

Esperamos, sinceramente, que este trabalho que fizemos com tanta paixão, carinho e idealismo, contribua para a formação de inúmeros discípulos dos mestres que entrevistamos.

Tenha uma excelente leitura!

#### OBSERVAÇÕES:

*O valor relativo aos direitos autorais dessa obra será cedido à ANDI - Comunicação e Direitos.*

*O jornalista Caco Barcellos chegou a ser entrevistado pelas estudantes Cynthia Mello, Lúcia Armelin e Priscila Guimarães, mas só autorizou a publicação da entrevista no ambiente acadêmico.*



# Prefácio

## Algumas questões do jornalismo

*Por José Hamilton Ribeiro*

“O caso conto  
como o caso foi:  
ladrão é ladrão,  
boi é boi.”

Conheci essa quadrinha em um livro de jornalismo escrito por um autor da região Nordeste (agora não me recordo o nome) e nunca mais me esqueci dela. Podemos tirar desses versos uma preciosa lição de reportagem: contar a história de maneira simples, clara, direta, com as palavras que a definem.

Tem outra “lição”, esta meio no sarro, deixada por Rubem Braga. Pensando na imprensa escrita (que era a mídia de seu domínio), respondeu à pergunta sobre como se faz uma boa reportagem da seguinte maneira: “Começa com maiúscula, termina com ponto final.”

Jornalismo é uma área que é enjoada de teorizar. Depois que os americanos fizeram aquela fórmula do *5W + H* (*What, Who, Where, When, Why* e *How*) parece que teoria no jornalismo está mais na prática mesmo. É ler (ver, ouvir) os bons e correr atrás.

Eu sei de uma regra bem cruel: jornalismo é uma ocupação de um mercado de trabalho restrito, de muita concorrência e competitividade. Só sobe quem abre seu caminho arranhando a pedra do muro com a unha. Às vezes, sangra; moleza é que não tem.



...

Soube uma vez de aula interessante numa escola de Jornalismo inglesa. O professor colocou a turma sentada diante de um carneiro amarrado (o animal não podia se mexer), visto lateralmente, e pediu que o pessoal o descrevesse. Todos escreveram que era um carneiro marrom, com bastante lã, macho, de chifres assim-assado, saudável, enfim. Alguns mais informados deram a raça e a posição do bicho perante o plantel ovino inglês.

Por certo uns escreveram melhor que outros, mas o professor deu zero para todo mundo. Nenhum apontou que seu relato correspondia à visão que tinha do carneiro olhando-o “deste lado”, sem compreender o animal inteiro. A “parte oculta”, a outra banda dele, podia estar raspada, ferida, com fratura de perna, e isso mudaria toda a realidade em torno do objeto.

...

Fui um tempo professor da escola de Jornalismo do Objetivo (atual Universidade Paulista – Unip), na Av. Paulista, aquela dos anos 1970 que depois fechou. Na minha nada insuspeita opinião, foi a melhor escola de Jornalismo que o país já teve. João Carlos Di Genio, o dono do Objetivo, pôs em prática uma ideia simples: para a “parte geral” (Sociologia, Filosofia, História etc.) recrutou os melhores professores que tinha em sua organização. Para a parte de Jornalismo, chamou alguns dos melhores jornalistas de São Paulo naquela época: Miguel Jorge (depois diretor do *Estadão*), Woile Guimarães (que fora Secretário da *Folha de S. Paulo* e viria ser Diretor do Jornalismo da *Rede Globo* por muitos anos), Sérgio de Souza e Narciso Kalili, nomes emblemáticos da equipe da revista *Realidade* e alguns menos votados.

O pessoal que tinha a “pedagogia e a didática” (os professores) passava para os jornalistas fundamentos da mecânica de uma sala de aula, e a bola rolava. Aula não tinha, pelo menos não aquela aula tradicional; tudo era feito à base de seminário. Um tema era proposto, distribuía-se um

texto básico (de livro) sobre aquilo, a turma tinha um tempo para ler e, depois disso, abria-se a discussão em grupos, com possibilidade de interação com um ou mais professores. No fim (ou no dia seguinte) cada um vinha com uma redação sobre como tinha entendido o assunto e punha seu ponto de vista diante da classe, tendo de defendê-lo caso dissesse abobrinha.

Não sei se há forma melhor de encarar uma aula de jornalismo, que tanto depende de texto, seja para assimilar, seja, depois, para descrever. Além de não haver aula de “passação” de regra (para não dizer uma palavra feia), cada professor-recruta (os jornalistas) podia pedir ajuda a um professor de verdade caso tivesse ideia de fazer uma aula “diferente”.

Foi assim comigo: queria fazer um exercício prático de observação, que é tão importante para o jornalista, de um jeito que os alunos nunca mais esquecessem. As salas no Objetivo eram tipo anfiteatro: estudantes ficavam na arquibancada em semicírculo e o professor sobre um estrado mais alto. Entre os dois, um largo corredor com duas portas. Uma ficava à direita, outra à esquerda do estrado. Comecei a comentar qualquer coisa da aula anterior, quando, estrepitosamente, surgiu, na porta da esquerda, uma mulher chorando e pedindo socorro: “Ele quer me matar, ele quer me matar”. Logo em seguida um homem, de bigode, com um canivete na mão, apareceu em perseguição, a uma distância que jamais a alcançaria.

A classe alvoroçou. Um estudante que era Sargento do Exército movimentou-se como para pegar o malfeitor. Uma menina disse que ia desmaiar, foi aquele tititi.

Então eu disse: “Atenção, atenção! Não tem ninguém querendo matar ninguém, são artistas de teatro amador que vieram fazer essa encenação. É uma aula. Cada um, agora, deve pegar um papel e descrever a cena que acabou de ver. Depois, a gente toma um café com os artistas.”

Todos fizeram sua redação. Levei para casa e fiz uma decupagem, com porcentagens de cada item observado. Ninguém viu canivete nenhum na mão do agressor, mas sim punhal, peixeira, adaga e até uma meia espada. O moço, que só tinha bigode, virou um barbudo. Praticamente ninguém acertou a combinação calça-blusa da vítima.

Na aula seguinte, fiz um resumo do resultado, observando que os

alunos estavam numa posição privilegiada para observar a cena (sem ninguém na frente, sem barulho de fora, comodamente sentados) e, mesmo assim, cada um, praticamente, a viu de um jeito. Imagine a discrepância quando a cena a ser descrita não oferecer condições tão favoráveis...

Assim, cuidado! Na hora que for escrever profissionalmente não confie tanto em si próprio.

...

Este livro reúne jornalistas históricos do Brasil, com tanto jeito e estilos diferentes para contar uma história, mas sempre a contando bem. São jornalistas que passam o que é importante, a emoção. A todos, tiro meu chapéu, reverentemente, e de alguns tenho inveja escondida... (mas sem maldade).

Alguém dirá que tem muito jornalista bom que ficou de fora. Pode ser, certamente é. Mas ninguém vai dizer que nesta relação dos *Mestres da Reportagem* tem algum cabeça-de-bagre.

# Índice

## **ADRIANA CARRANCA**

“As pessoas precisam olhar para os conflitos de uma forma mais humana” ..... 23

## **AGOSTINHO TEIXEIRA**

“Você pode estar no limite de revelar uma denúncia ou cometer um crime” ..... 47

## **BRUNO GARCEZ**

“A arrogância e a empáfia são dois dos piores pecados do jornalista” ..... 59

## **CARLOS WAGNER**

“Quero ser lembrado pela História” ..... 69

## **CÉSAR TRALLI**

“Jornalismo não é profissão de celebridade” ..... 81

## **CID MARTINS**

“O segredo é tentar olhar a história por outro ângulo” ..... 105

## **ELIANE BRUM**

“A pergunta é uma forma de controle” ..... 115

## **ELVIRA LOBATO**

“A boa reportagem é aquela meticulosa” ..... 139

## **ERNESTO PAGLIA**

“Não há nada mais interessante pra fazer em televisão do que reportagem” ..... 151

**GENETON MORAES NETO**

“O mundo real é mais interessante  
que o mundo dos jornalistas” ..... 175

**GÉRSON DE SOUZA**

“Jornalista também é ser humano” ..... 203

**GIOVANI GRISOTTI**

“As instituições não funcionam de maneira eficiente” ..... 219

**GOULART DE ANDRADE**

“Eu só mostrava a realidade. A polêmica vinha depois” ..... 233

**JOSÉ ARBEX JR.**

“Quem controla a terra, controla a mídia” ..... 249

**JOSÉ HAMILTON RIBEIRO**

“Se eu fosse fazer outra coisa, não seria feliz” ..... 271

**LEANDRO FORTES**

“O jornalista não deve aceitar fazer trabalho sujo” ..... 289

**LUIZ CARLOS AZENHA**

“Ter senso crítico é mais importante que dominar a técnica” ..... 305

**MARCELO CANELLAS**

“O jornalismo tem uma natureza insubmissa” ..... 323

**MARCELO REZENDE**

“O jornalista deve ser chefe de si mesmo” ..... 341

**MAURI KÖNIG**

“A imprensa é o facho de luz sobre a atuação  
de grupos políticos, criminosos e grandes corporações” ..... 361

**PAULA SCARPIN**

“O capricho na elaboração dos textos  
é uma forma de seduzir o leitor” ..... 377

**PERCIVAL DE SOUZA**

“No Brasil, muita coisa só acontece  
em face da ação da imprensa” ..... 387

**REGIANI RITTER**

“Eram 600 homens contra  
uma mulher fazendo futebol” ..... 399

**RENATO LOMBARDI**

“Para ser jornalista é preciso ter vocação” ..... 415

**RICARDO KOTSCHO**

“O jornalismo tem que surgir da rua  
para a redação e não da redação para rua” ..... 431

**ROBERTO CABRINI**

“A melhor matéria da sua vida  
vai ser a próxima” ..... 449

**SILVIA BESSA**

“Precisamos contar o que se passa no Nordeste” ..... 467

**SÔNIA BRIDI**

“A única coisa que vale a pena  
no jornalismo é a reportagem” ..... 479

**TATIANA MERLINO**

“É preciso ser ético, estar próximo  
do povo e dar voz a ele” ..... 505

**VALMIR SALARO**

“Não sou um jornalista justiceiro” ..... 515





# **ADRIANA CARRANCA**

***"As pessoas  
precisam olhar  
para os conflitos  
de uma forma  
mais humana"***





## Para a repórter Adriana Carranca, é importante desmistificar a ideia de que os países islâmicos se limitam ao terrorismo

*Por Roberto Carlos Gonçalves e Elcio de França,  
com a colaboração de Jéssica Tamyres dos Santos*

Não é propriamente o véu sobre o rosto das mulheres que faz com que o Oriente Médio e os países muçulmanos do norte da África e de parte da Ásia sejam vistos como redutos de terroristas. Existe um véu abstrato, muito mais decisivo para a formação dessa visão preconceituosa, que é aquele criado pela forma distorcida como essas regiões são retratadas no Ocidente. A cobertura não raro ignora a riqueza cultural de países que representam o berço da humanidade; fica indiferente ao contexto histórico que fez essas partes do mundo mergulharem em um círculo vicioso de violência; esquece-se de que a população local é tão vítima do terrorismo como todos nós.

Felizmente, ainda há repórteres que, com coragem e respeito ao jornalismo, atuam procurando mostrar o que está por trás desse véu, contribuindo para um mundo mais tolerante e solidário. Adriana Carranca é uma dessas profissionais.

Fez isso quando escreveu *O Irã sob o chador – Duas brasileiras no país dos aiatolás* (Editora Globo, 2010), em parceria com a colega Marcia Camargos, e *O Afeganistão depois do Talibã* (Civilização Brasileira, 2011). A primeira obra traz a sua própria vivência e a da coautora em viagem ao Irã. Já no livro sobre o Afeganistão, ela conta a história de 11 personagens e como a década, desde o 11 de Setembro, é vista e vivida por eles; o maior aten-

## Mestres da Reportagem

tado da história – e suas consequências – relatado de outro ângulo que não o da América. “É preciso conhecer todos os lados de uma guerra. E olhar para os conflitos de uma forma mais humana”, diz a jornalista.

Formada pela Universidade Católica de Santos (UniSantos/SP), com mestrado em Políticas Sociais e Desenvolvimento pela *London School of Economics and Political Science* (Escola de Economia e Ciência Política de Londres, instituição britânica especializada em Ciências Sociais Aplicadas), Adriana sempre se interessou por pautas sociais. Nos jornais-laboratório da universidade, empolgava-se ao fazer matérias voltadas para comunidades carentes. “Subíamos as favelas, íamos até áreas que a imprensa tradicional não costumava cobrir. Nós éramos a voz das comunidades. Aquilo foi uma escola para mim.”

*“Vi uma exposição de fotos de um lugar lindo, de arquitetura magnífica, palácios, pessoas alegres passeando, crianças brincando nas ruas. Ao ver a legenda, descobri que as fotos eram do Irã, um Irã diferente daquele que eu acompanhava pelos jornais. Resolvi que queria conhecer a realidade do país com meus próprios olhos.”*

Após a graduação, foi ser babá nos Estados Unidos durante seis meses para aprimorar o inglês. A experiência, que aparentemente não tinha nada a ver com jornalismo, contribuiu para a cobertura que fez anos mais tarde da Guerra do Afeganistão (deflagrada com a invasão do país pelas forças de coalizão lideradas pelos EUA em resposta aos atentados de 11 de Setembro). “Foi importante para entender como pensam os americanos conservadores”, afirma.

Quando voltou ao Brasil, experimentou diferentes áreas da comunicação – trabalhou escrevendo roteiros para vídeos, e passou por uma experiência em empresa de comunicação. Mas queria mesmo é fazer reportagem. Começou a fazer matérias freelance para revistas da editora Abril, como *Cláudia* e *Exame* até ser contratada por *Veja São Paulo*.

No jornal *O Estado de S. Paulo*, para onde foi dois anos depois, passou a direcionar seu trabalho para pautas de cunho social: “Eu me encontrei.

Podia escrever sobre os problemas estruturais brasileiros, como a pobreza e a desigualdade”.

Aos poucos, começou a sentir a necessidade de estudar sobre esses temas para se aprofundar em suas coberturas. Foi quando se inscreveu para o programa de Mestrado em Londres e ganhou uma bolsa de estudos do governo britânico. “Na minha classe havia pessoas da Índia, do Paquistão, dos Emirados Árabes, do Egito, do Nepal, do Vietnã, da China, da Indonésia, das Filipinas, dos EUA e de países europeus. Foi uma experiência muito rica, que abriu a minha cabeça para o mundo. Pude conhecer a realidade e a cultura de diferentes países, além de estudar desenvolvimento internacional e compreender como funcionam as organizações estrangeiras, a ajuda humanitária, a ONU, os corpos diplomáticos. Ali surgiu o interesse por fazer coberturas no exterior”.

Em Londres, cobriu os atentados terroristas de 7 de julho de 2005, que deixaram 52 mortos. Em 2006, estava entre quatro jornalistas selecionados no mundo para o *Dag Hammarskjöld Fellowship Program*, da Associação de Correspondentes da Organização das Nações Unidas (ONU). No ano seguinte, Adriana viajou para o Irã, para conhecer melhor aquele país. “Vi uma exposição de fotos de um lugar lindo, de arquitetura magnífica, palácios, pessoas alegres passeando, crianças brincando nas ruas. Ao ver a legenda, descobri que as fotos eram do Irã, um Irã diferente daquele que eu acompanhava pelos jornais. Resolvi que queria conhecer o país e a realidade da população com meus próprios olhos”.

Depois disso, vieram as coberturas em outros países do Oriente Médio e da Ásia, em especial no Afeganistão e Paquistão.

Nesta entrevista, Adriana conta sua trajetória de Santos para o mundo e oferece dicas valiosas para todos os jornalistas que desejam atuar em zonas de conflito.

### **Como foi seu começo na área jornalística?**

**Adriana Carranca:** Quando ainda estava na faculdade, comeci a fazer matérias para o *Jornal da Orla*, um semanal da baixada santista. Foi o primeiro lugar onde meus textos foram publicados. Escrevia também para o jornal-laboratório da faculdade, o *Mural dos Morros*, e para o *Jornal da*

## Mestres da Reportagem

*Zona Noroeste*, outro impresso comunitário feito pela universidade. Subíamos as favelas, íamos até áreas que a imprensa tradicional não costumava cobrir. Esses jornais ficavam disponíveis nos lugares públicos das comunidades e eram a voz da população carente, quase nunca ouvida. Aquilo foi uma escola para mim. Poucos jornalistas dão valor para esse tipo de publicação, acham que tem menor importância por não fazer parte da chamada grande mídia. Mas pensar assim é um erro. O papel social do jornalismo comunitário é, talvez, mais importante e seu efeito maior, porque ele chega aonde a grande mídia não alcança.

*“Quase 70% das vagas nas universidades iranianas são ocupadas por mulheres. Em Teerã, elas são supermodernas, educadas e refinadíssimas. São engenheiras, advogadas, jornalistas, cineastas, atrizes, professoras, taxistas! Outra coisa interessante é que os iranianos dão muito valor à cultura e à história milenar que eles têm.”*

**Você viveu por um tempo fora do país. Essa experiência influenciou sua carreira jornalística?**

**AC:** Sim. Vivi fora do Brasil algumas vezes, em momentos diferentes da minha vida. A primeira experiência foi logo depois da faculdade, quando fui ser babá nos Estados Unidos durante seis meses para poder pagar um curso de inglês. Foi um choque cultural, porque eu imaginava que os Estados Unidos fossem o que eu via nos filmes, algo como Hollywood e Nova Iorque. O Texas, o estado onde eu vivi, é um lugar do sul americano ultraconservador. Eu morava no mesmo bairro da família Bush [de George H. W. Bush, presidente dos EUA de 1989 a 1993, e de George W. Bush, presidente de 2001 a 2009]. Essa experiência foi importante para entender como pensam os conservadores americanos. Posteriormente, consegui usar essa bagagem nas coberturas que fiz da Guerra no Afeganistão [invasão liderada pelos EUA, iniciada após os atentados de 11 de setembro de 2001, com o objetivo de encontrar o suposto mandante dos ataques, Osama bin Laden – líder da organização extremista Al Qaeda, morto em 2011]. O trabalho como babá não tinha nada a ver com o jornalismo, mas o fato é que as vivências pessoais e profissionais do

jornalista estão interligadas. Tudo o que você vive, você usa de alguma maneira na profissão. Percebi isso bem cedo.

### **Como foi sua trajetória profissional até chegar ao *Estadão*?**

**AC:** Quando voltei ao Brasil, fui morar em São Paulo. Não conhecia ninguém e trabalhei com o que pintava: escrevi roteiros de vídeo, trabalhei em empresa de comunicação. Achei que era o momento de experimentar áreas diferentes porque estava começando. Mas, com o tempo, passei a sentir muita falta de escrever. Eu queria ir para a redação, fazer reportagem, isso ficou claro na minha cabeça. A primeira oportunidade que tive, agarrei. Era um contato na *Revista Claudia* [publicação da editora Abril, voltada ao público feminino]. Eu me lembro que encomendei seis meses de edições passadas para estudar a publicação, entender que tipo de matéria interessava ao público leitor da revista. Depois de uma semana, mandei 26 sugestões de pauta para a editora. Você precisa conhecer bem o veículo e o perfil do leitor para sugerir uma pauta. Acabei emplacando várias matérias. A partir daí, passei a publicar sempre na *Claudia*. Depois fiz frila para *Nova* [outra revista feminina da editora Abril], *Capricho* [revista voltada para o público feminino adolescente da editora Abril], *Exame* [revista de negócios da editora Abril]. Um editor ia me indicando para o outro e, assim, meu trabalho foi ficando conhecido, até que fui contratada pela *Veja São Paulo* [suplemento da revista *Veja*, também da editora Abril]. Minha chegada ao *Estadão* aconteceu em 2002.

### **Você já fez matérias em muitos países, como Egito, Irã e Afeganistão. Essa oportunidade surgiu por interesse próprio?**

**AC:** Nunca imaginei que um dia faria coberturas internacionais. Ao longo da minha carreira, conforme eu ia caminhando de pouquinho em pouquinho, fui sentindo as coisas que eu gostava de fazer. Sempre acreditei na função social do jornalismo, na responsabilidade de expor os problemas da sociedade. Jornalismo não é entretenimento. Quem só quer fazer jornal com notícia boa deveria ir trabalhar na Noruega. Não cabe ao repórter, ao editor decidir se a notícia é boa ou é ruim; a notícia é o que acontece. Se o país é desigual, se os políticos são corruptos, se a violência

## Mestres da Reportagem

urbana mata, isso deve estar nas páginas dos jornais. Desde a faculdade eu tinha interesse em fazer matérias sobre os problemas estruturais do Brasil. Sempre considerei importante tratar desses assuntos. Então, comecei a sentir que eu precisava cobrir essa área e o meio para fazer isso seria um jornal, porque é o veículo que dá essas notícias. Comecei no *Estadão* no caderno Cidades. Cobri por muito tempo os problemas da cidade, como moradia, pobreza, violência urbana, entre outros assuntos. Era uma época de rebeliões na Febem [Fundação Estadual para o Bem-estar do Menor do Estado de São Paulo, hoje chamada de Fundação Casa – Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente] e no sistema prisional. Também cobria sociedade, lazer, viagem, chuva, enfim, no jornal, a gente faz de tudo. Mas, na minha cabeça, o foco sempre foram as questões sociais. Comecei, então, a sentir a necessidade de estudar sobre essas coisas, porque, na correria do dia a dia, a gente cobre esses temas muito superficialmente. Me inscrevi para um programa de Mestrado em Londres, ganhei uma bolsa de estudos e fui para lá. Cursei Políticas Sociais e Desenvolvimento em 2004 e 2005 na *London School of Economics and Political Science*. Na minha classe, havia pessoas da Índia, do Paquistão, dos Emirados Árabes, do Egito, do Nepal, do Vietnã, da China, da Indonésia, das Filipinas, dos EUA e de países europeus, enfim, pessoas de quase 40 países. Era uma turma muito internacional e eu era a única jornalista. Foi uma experiência muito rica. Pude entender um pouco como as organizações internacionais funcionam, e ali surgiu o interesse por fazer coberturas no exterior. Voltei em 2005 para o Brasil e continuei na editoria local, mas com essa vontade de fazer Internacional. Em 2006, fui para Nova Iorque após ganhar uma bolsa da Associação de Correspondentes da ONU [Organização das Nações Unidas] e cobri a Assembleia Geral da organização. Foi meu primeiro passo na editoria. Depois, em 2007, fui para o Irã. Tinha interesse de conhecer o país e fazer matérias de lá. O jornal publicou um especial sobre o Irã com o material que eu trouxe, e eu comecei a fazer esse tipo de cobertura. Às vezes, você tem de criar essas oportunidades, pois elas não surgem tão facilmente nas redações hoje em dia.

**Você escreveu dois livros: *O Irã sob o chador* e *O Afeganistão***

***depois do Talibã. Como surgiu esse interesse tão particular por esses locais?***

**AC:** O interesse pelo Irã surgiu por acaso. Eu estava no Centro Cultural São Paulo e vi uma exposição de fotos de um lugar lindo, de arquitetura magnífica, palácios, pessoas alegres passeando, crianças brincando nas ruas. Ao ler a legenda, descobri que as fotos eram do Irã. Aquilo me chamou muito a atenção, porque o Irã que a imprensa mostra não é aquele que eu vi nas fotografias. Fiquei curiosa e resolvi que queria conhecer o Irã cotidiano, o lugar das fotos. No curso que eu fazia em Londres, havia muitas muçulmanas na minha classe que fugiam completamente do estereótipo da mulher islâmica que a gente retrata no ocidente. Na cobertura internacional, se usa muito notícias que vêm de agências internacionais, como *Reuters* e *Associated Press*. São empresas que fazem um jornalismo sério, superimportante; sem elas não conheceríamos nada do que acontece no mundo e não acredito que sejam tendenciosas. Mas o ângulo da notícia tem muito a ver com o perfil do público leitor. Então acabamos conhecendo o mundo pela ótica dos EUA e da Grã-Bretanha. Ou seja, através do olhar de povos que têm outra cultura, outra religião, outro entendimento de sociedade, e envolvimento nos conflitos em vários países, como o Afeganistão. Acho que, na medida em que o Brasil passa a ter mais destaque e voz no cenário mundial, é preciso que entenda as questões do mundo de sua própria ótica.

“Os afegãos comuns não têm relação com bin Laden e com o terrorismo. Aliás, o suicídio para o afegão [como faz o homem-bomba] é um crime, uma desonra. A Al Qaeda, de bin Laden, teve muita dificuldade para encontrar e treinar homens-bomba no país.”

**A partir da experiência no Irã, você reuniu muitas histórias que são abordadas no livro *O Irã sob o chador*. Como nasceu a ideia de fazer a obra?**

**AC:** Apesar das belas fotos que eu vi, imaginava que encontraria um país destruído por conta da guerra que eles tiveram com o Iraque [conflito que começou em 1980 e terminou em 1988, causado por disputas



## Mestres da Reportagem

políticas e territoriais]. Pensava que os efeitos do conflito ainda seriam visíveis nas ruas. Achava o Irã como um país destruído, isolado culturalmente, com a economia enfraquecida pelas sanções [medidas econômicas impostas pelos países do Ocidente para que o Irã não prossiga com programa nuclear], onde as mulheres eram oprimidas e impedidas de fazer qualquer coisa. Logo que cheguei ao aeroporto de Teerã, vi um lugar diferente. A tradutora que havia sido indicada por um colega me esperava no aeroporto de calça jeans, com um tênis All Star cor-de-rosa, um véu da mesma cor – que mal cobria o cabelo – e toda maquiada. Marjaneh me levou até o hotel de carro, ela ao volante, e fomos ouvindo funk iraniano. Naquele exato momento, a imagem que eu tinha sobre o Irã caiu por terra. As mulheres iranianas já são metade da força de trabalho. Quase 70% das vagas nas universidades iranianas são ocupadas por mulheres. Em Teerã, elas são supermodernas, educadas e refinadíssimas. São engenheiras, advogadas, jornalistas, cineastas, atrizes, professoras, taxistas! Outra coisa interessante é que os iranianos dão muito valor à cultura e à história milenar que eles têm. É um país que conta com uma história registrada de pelo menos 2.500 anos e que enxerga esse regime atual como apenas uma passagem curta nessa história. Eles se identificam como persas. Quando perguntamos que idioma falam, respondem persa e recitam poesia de grandes poetas persas. Enfim, descobri uma série de coisas maravilhosas sobre esse país que nos é mostrado de uma forma diferente. *O Irã sob o chador* nasceu exatamente com a ideia de revelar a sociedade iraniana que fica escondida debaixo do véu, mas não o véu que cobre as mulheres [o chador – tipo de manto usado para cobrir o corpo feminino da cabeça aos pés], e sim o véu colocado por essa percepção limitada que temos do país no Ocidente.

**Você conviveu com os iranianos e pôde mergulhar um pouco na vida e nas ideias deles. Como a população reage a um Governo que centraliza política e religião?**

**AC:** No Irã, Estado e religião se encontram o tempo todo. Os aiatolás [líderes religiosos supremos do Irã] são Governo e religião ao mesmo tempo. Isso criou uma divisão dentro da sociedade. As pessoas muito religiosas são as que costumam apoiar o Governo. As menos religiosas não

apoiam, querem uma democracia, um país mais aberto com mais contato com o mundo, o que não significa que eles queiram virar o Ocidente. Hoje, uma fatia maior da população é contra o Governo. Setenta por cento da atual população iraniana tem menos de 30 anos, portanto, são pessoas que nasceram depois da Revolução Islâmica [revolta que derrubou o xá Mohammad Reza Pahlavi, aliado dos EUA, e que transformou o Irã em República Islâmica, em 1979], o que significa que elas não viveram nada do que aconteceu antes. Não viveram o golpe contra Mossadegh [Mohammad Mossadegh (1882-1967), primeiro ministro de 1951 a 1953], não conheceram o Governo do xá Reza Pahlavi e não se identificam com os ideais da revolução. Então, elas não se relacionam com as figuras dos aiatolás, que fizeram sentido em um determinado momento da história iraniana. O Khomeini [Sayyid Ruhollah Musavi Khomeini (1900-1989), líder da Revolução Islâmica e aiatolá do Irã de 1979 a 1989], que estava refugiado, comandou a revolução de 1979 com a promessa de instaurar uma “democracia islâmica” no lugar do Governo de Pahlavi, que era muito ocidentalizado e esbanjava dinheiro em palácios, festas e ouro, enquanto a população empobrecia. Naquele cenário, a revolução fazia sentido para parte dos iranianos, mas, para esses jovens, não faz mais. São os jovens que cresceram na era da Internet e, por mais que o Governo controle a televisão por satélite, eles estão mais bem informados e têm contato com o mundo inteiro.

**Normalmente a mídia mostra o Irã como um país atrasado, ignorando a cultura daquela nação. O que você pode nos dizer sobre a cultura iraniana?**

**AC:** O povo iraniano tem muito mais cultura do que a gente é capaz de imaginar. São 2.500 anos de história! Os jovens declamam poesias do século XIII para você na mesa do restaurante. Eles cultivam a sua história e suas tradições. Estudam a história de seu povo e têm muita noção de política externa. O Irã mantém contato com potências econômicas como a China, a Índia, a Rússia. Muitos iranianos viajam para a Europa para estudar. Têm menos contato com a América pela distância geográfica e pela quebra da relação diplomática com os EUA, embora a Califórnia abrigue a maior diáspora iraniana. E esses imigrantes têm hoje muito mais contato com quem ficou no país, via Internet.

### **Você acredita que a cobertura distorcida que a mídia faz do Oriente Médio é proposital?**

**AC:** Não. Não acho que existe uma conspiração da imprensa contra o Irã ou contra a região. O que eu percebo é uma falta de conhecimento acarretada pelas distâncias cultural e geográfica. Também tem o fato de que o Irã é um país fechado, um regime teocrático e não democrático. Jornalistas estrangeiros, principalmente os americanos, têm grande dificuldade de acesso ao país, e muitos jornalistas locais têm medo de sofrer represálias se trabalharem para a imprensa estrangeira. Isso prejudica muito a cobertura.

### **Na sua opinião, o que está faltando na cobertura feita pela imprensa para que o Irã seja melhor compreendido?**

**AC:** Não é só com relação ao Irã, mas de uma maneira geral, acho que falta muitas vezes contexto nas reportagens. No caso do Irã, a história é frequentemente contada como se o país tivesse 30 anos, mas tem mais de dois milênios. Falta dizer como eles chegaram a esse regime. Vamos usar como exemplo o programa nuclear iraniano. É preciso explicar como se tornou um instrumento de unidade nacional do regime. A população, os iranianos comuns não defendem o programa porque são maus, mas porque se sentem ameaçados. Já foram invadidos e sofreram golpes no passado. Basta lembrar que, em 1952, Mohammad Mossadegh, um nacionalista e primeiro-ministro eleito democraticamente, foi deposto em um golpe orquestrado pelos britânicos e americanos, de olho no petróleo do país. Hoje estão encurralados por tropas e bases militares estrangeiras nos vizinhos Iraque e Afeganistão. Ou é assim que os iranianos se veem. Eles sabem que outras potências da região têm o poder nuclear – Israel, que quer uma ação militar contra o Irã por causa do programa nuclear iraniano, não é signatário do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. Isso não tem sido sequer mencionado nas matérias, como se houvesse um entendimento pela comunidade internacional de que Israel pode ter armas nucleares e o Irã não. O Paquistão, a Índia, parceiros dos EUA, são reconhecidas potências nucleares. Os iranianos são absolutamente críticos ao seu Governo, e a maioria é contra o atual regime, mas eles conhecem todo esse contexto político internacional e o regime usa isso em seu favor.

“A influência que eu procuro exercer com meu livro é no coração das pessoas. Escrevi para que as pessoas olhem umas para as outras de uma forma mais tolerante e entendam os motivos que levam uma sociedade a se tornar violenta.”

### Como surgiu a oportunidade de ir para o Afeganistão?

**AC:** Foi através do *Estadão*. O Barack Obama [presidente dos Estados Unidos] tinha vencido as eleições. Nessa época, já se falava numa virada na Guerra do Iraque [conflito iniciado em 2003 pelos EUA e as nações aliadas contra o Iraque, que supostamente teria armas de destruição em massa] e se destacava que o conflito mais violento, em que os americanos estavam perdendo o jogo, era no Afeganistão. Diziam que a guerra do Afeganistão seria a grande guerra do Governo Obama. Fui para lá fazer um especial sobre esse desafio que o Obama enfrentaria. Também tinha interesse em saber mais sobre os afegãos. Na cobertura da ofensiva militar liderada pelos EUA, quase nunca se ouvia a voz dos afegãos, embora seu país tivesse sido invadido em resposta imediata aos atentados de 11 de Setembro. O que pensavam de tudo aquilo, do Talibã, de Osama bin Laden? A guerra é sempre coberta pela ótica dos militares e dos políticos que decidem sobre o conflito. Mas há um outro lado, que é o de quem vive a realidade da guerra no chão, os civis. Eram eles que eu queria conhecer. E isso acabou norteando a minha cobertura. Toda vez que eu vou para esses países, procuro fazer reportagem de campo, ouvir as pessoas *on the ground* e menos o “oficiais” das autoridades. Ser afegão se tornou sinônimo de terrorista, no entanto, não havia um afegão no grupo que realizou o 11 de Setembro – a maioria era saudita. Você não vai encontrar na história do terrorismo internacional um afegão, isso não existia antes da chegada dos árabes com bin Laden. Aliás, o suicídio para o afegão [como faz o homem-bomba] é um crime, uma desonra. A Al Qaeda, de bin Laden, teve muita dificuldade para encontrar e treinar homens-bomba no país no início da invasão americana e usava milicianos trazidos de outros países; só com o agravamento do conflito eles conseguiram, em 2004, recrutar o primeiro afegão para um atentado dentro de seu próprio país. Uma das personagens do meu livro, a Wahida, foi vítima

## Mestres da Reportagem

desse atentado. Ela ficou viúva e perdeu os dois braços. O ataque foi executado por um menino de 23 anos, de Logar, pequena província pobre no sudeste afegão. A Al Qaeda se beneficiou muito da pobreza, da miséria e dos bombardeios para recrutar homens dispostos a se vingar. Foi o caso desse garoto. A perversidade da guerra no Afeganistão nunca teve a ver com o povo afegão. Sempre foram outros países guerreando ali, porque aquele é um território estratégico. O país faz fronteira com o Iraque, o Paquistão, a China e com a antiga União Soviética, ou seja, está cercado de pessoas querendo guerrear entre si. Por isso acabou se transformando numa arena de guerra. Os afegãos foram os que mais sofreram com tudo isso e, no entanto, não tinham nada a ver com os atentados contra os EUA, exceto por um grupo de extremistas que insistia em dar abrigo a bin Laden. Mas bin Laden havia fugido logo no início da ofensiva e estava escondido no Paquistão, como soubemos em 2011. A guerra prosseguiu por uma década, com milhões de dólares entregues ao Paquistão sob a promessa de ajudar os americanos a combater os terroristas.

### **O livro *O Afeganistão depois do Talibã* também é uma reunião das suas experiências no país?**

**AC:** Sim e não. É muito mais pautado nas histórias de quem vive lá. Voltei para o Afeganistão em 2011 para reencontrar os personagens que eu conheci na cobertura de 2008. Eu achava que eram histórias muito boas e que precisavam ser contadas com detalhes e profundidade, porque refletiam a história do Afeganistão e dessa última década de guerra desde o 11 de Setembro. No livro eu falo um pouco sobre aquela população antes e depois do regime Talibã. Mostro também o contexto, ou seja, o que levou os talibãs ao poder e depois abordo a invasão americana. Mas as histórias são contadas pelas vozes de nove afegãos, um fisioterapeuta italiano do Comitê Internacional da Cruz Vermelha e um pastor brasileiro, ambos há muitos anos no país e inseridos na sociedade e na cultura afegã. Cada história, cada capítulo, traz um lado desse conflito – há um comandante talibã, um senhor da guerra, uma viúva vítima de um atentado suicida, uma herdeira da família real afegã, uma médica que foi a primeira mulher candidata a presidente do Afeganistão, um jornalista sequestrado pelo Talibã e até uma boxeadora, retratada no último capítulo,

em que falo sobre as novas gerações em cujas mãos está o futuro do Afeganistão. Outra história marcante é a de um refugiado afegão que veio parar no Brasil.

### **A população afegã tem consciência do que se fala deles ao redor do planeta?**

**AC:** Eles têm pouca consciência disso. Pelo menos 85% continuam sem energia elétrica nas casas, o que significa que eles não têm nem geladeira. Eles veem televisão raramente em velhos aparelhos a válvula ligados na bateria de carros. Vivem quase que num sistema tribal nas montanhas ou em vilarejos, como se vivia há milênios. Quando eu estive em Cabul, em 2008, só havia abastecimento de energia elétrica quatro horas por dia, e isso na capital, onde estão o Governo, as embaixadas, os escritórios das organizações internacionais. Estes operam com enormes e barulhentos geradores. Embora o celular esteja mudando um pouco essa realidade e permitindo que a informação chegue mais facilmente às comunidades isoladas, o acesso a notícias do exterior é privilégio de uma elite urbana, que trabalha para os estrangeiros. Para muitos afegãos, o benefício que obtiveram com a guerra foi esse. Foram criados muitos empregos para os jovens que aprenderam a falar inglês, e hoje esses jovens têm outra visão de mundo. Mas a maioria da população permanece miserável e analfabeta.

### **Qual é a reação dos afegãos quando se toca no assunto 11 de Setembro?**

**AC:** Eles não sabem o que é o 11 de Setembro. Se você perguntar para a maioria das pessoas na rua, eles vão dizer: “O que é isso?”. Outros dirão que foi um atentado na América, que se perderam vidas, mas é algo distante para a maioria deles, exceto, como já mencionei anteriormente, por uma pequena elite urbana educada. Diferentemente do que se costuma imaginar, os afegãos não têm nada contra os americanos. A guerra mais recente no país começou, na verdade, com os soviéticos, que invadiram o Afeganistão [intervenção militar da URSS comunista em 1979]. Os EUA, através do Paquistão, financiaram a insurgência afegã. Arma-

## Mestres da Reportagem

dos até os dentes com o dinheiro da CIA e de sauditas como Osama bin Laden, deixados à própria sorte após expulsarem os comunistas, os milicianos que formavam a resistência afegã voltaram-se uns contra os outros. Os horrores da guerra civil abriram espaço para a ascensão dos talibãs ao poder. Recrutados das famílias miseráveis que lotavam os campos de refugiados da guerra contra os soviéticos, treinados nas madrassas do Paquistão para reforçar a resistência afegã, os jovens prometiam restaurar a ordem e a Justiça no país. A população acreditou.

**Você chegou a entrevistar um porta-voz do Talibã. Como fez para conseguir o contato com ele?**

**AC:** O porta-voz fala com pouquíssimos jornalistas no Afeganistão. Consegui entrevistá-lo por intermédio de um jornalista afegão, que faz parte desse selete grupo que tem contato com ele. Depois falei com um comandante talibã, o Mulá Abdul, que é um dos personagens do livro. Ele era o comandante da região onde o bin Laden estava escondido, quando houve o 11 de Setembro. Também fiz esse contato através de um jornalista afegão e houve uma negociação. Mulá não entendia por que uma mulher iria entrevistá-lo. Minha sorte é que ele gostava muito de futebol e, por acaso, conhecia um pouquinho do futebol brasileiro. Isso abriu as portas.

**Como foram essas entrevistas com os membros do Talibã?**

**AC:** Foi um encontro tenso. Na primeira entrevista, o Mulá Abdul nem olhava para mim, olhava só para o tradutor. Se recusava a responder às perguntas, parecia nervoso, irritado. É preciso lembrar também que os talibãs foram criados em madrassas sem a presença de nenhuma mulher, longe da família, da mãe, de irmãs, eles cresceram entre meninos e, na cultura deles, é uma ofensa para a mulher ser olhada por um homem. Depois, eu me encontrei com ele mais algumas vezes, sempre com tradutor, e fui sentindo um pouco mais de confiança. Chegava a brincar questionando o porquê de ele não me olhar. Tinha muito interesse em saber como ele tinha se tornado um talibã. Perguntei sobre a vida pessoal dele, se era casado, se tinha filhos, como foi sua infância. Nunca um jornalista

havia feito perguntas pessoais para ele. Estavam sempre interessados no combate, no comandante do Talibã, e não no homem, em sua história, em quem ele era no passado e como se tornou um talibã. Às vezes, ele parecia incomodado, mas, com o tempo, foi se abrindo.

### **Houve alguma resposta que te surpreendeu?**

**AC:** Que me surpreendeu não. Já imaginava que ninguém nasce no Talibã. Todos os bebês nascem inocentes e o meu interesse era saber como aquele bebê se tornou um talibã. Há uma história por trás que leva alguém a se tornar um terrorista, um talibã, um militante. Existe uma vivência e era isso o que me interessava. Descobri que Mulá Abdul era o caçula de 11 filhos, a mãe morreu durante o parto; o pai o entregou de agrado a uma madrassa, porque não tinha como alimentá-lo e muito menos educá-lo. Nas madrassas, as crianças tinham moradia e comida de graça e recebiam educação religiosa. Ele vinha de uma tribo nômade que foi muito prejudicada pela antiga União Soviética, porque os soviéticos usavam muitas minas terrestres no Afeganistão. Cerca de 10 milhões de minas terrestres foram deixadas no país, e elas até hoje explodem e fazem uma vítima a cada dois dias. É um país de amputados. As pessoas vão buscar lenha, por exemplo, e explodem ao pisar em uma mina. É algo muito comum lá. Naquela época, isso prejudicou especialmente as tribos nômades porque elas foram impedidas de migrar de um lugar para outro.

### **Durante as entrevistas e reportagens que fez para esses livros sobre países muçulmanos, houve algum momento de tensão?**

**AC:** Todo momento é um pouco tenso no Afeganistão, porque acontecem muitos ataques suicidas e sequestros e você sabe que é um alvo em potencial. Você não sabe muito em quem confiar. O Mulá Abdul, por exemplo, poderia ter passado uma ordem para me sequestrarem. Aconteceu com Ajmal, que é um personagem do meu livro. Ele era um jornalista afegão que marcou uma entrevista com o Talibã e foi sequestrado junto com um jornalista italiano [o repórter italiano Daniele Mastrogiacomo, que foi libertado após negociação. Já Ajmal foi morto]. Mas eu tenho uma tendência a acreditar sempre, em todos os lugares, que as pessoas são



majoritariamente boas. O risco maior são as explosões, os ataques suicidas, os perigos do conflito em si.

### **E você chegou a presenciar alguma cena forte ou dramática como uma explosão ou ataque suicida?**

**AC:** Em abril [de 2012] eu fazia uma matéria com mulheres soldados quando a base, na Avenida Jalalabad, foi atacada com mísseis por insurgentes. Ficamos durante três horas sitiados, sob ataque, os foguetes caindo muito perto, a poucos metros. O perigo está sempre muito perto. Em minha primeira viagem ao Afeganistão, eu estava entrevistando um sul africano que mora lá há muito tempo e ouvimos uma explosão. Ele disse apenas: “Th, mais um”. Os bombardeios são tão constantes que se tornaram parte do cotidiano. Outro exemplo foi que eu tinha acabado de passar num lugar entre uma escola e uma mesquita e tirei uma foto. Momentos depois, ouvimos no rádio que havia ocorrido uma explosão de um ataque suicida ali e morreram três pessoas. O hotel em que eu estava hospedada foi alvo de um ataque com oito homens suicidas. Explodiram o prédio inteiro. E morreram todos os jovens que eu conhecia da portaria, da recepção. As histórias são tão dramáticas que, às vezes, dá vontade de fechar o bloquinho e sair correndo. Então, você percebe que milhões de afegãos vivem dramas parecidos todos os dias, sem outra realidade possível. Por isso eu quis escrever o livro. Acho que as pessoas precisam olhar mais para essas histórias, para os dramas da guerra. Precisam olhar para o outro de uma forma mais humana, solidária e tolerante. Uma história que me marcou muito foi a da Wahida, que conto no livro. É tamanha a tragédia que você não quer acreditar que seja possível. Wahida é uma senhora pobre, analfabeta, que sequer sabe a idade que tem, como a maioria dos afegãos. Não havia cartório no Afeganistão e muitos não têm sobrenome. Wahida nunca ouviu falar no 11 de Setembro, não sabe onde ficam os EUA, não tem nenhuma opinião sobre bin Laden. Se você perguntar para ela o que os EUA estão fazendo ali no Afeganistão, ela diz: “Eles vieram nos salvar do Talibã”. Ela viveu confinada na época do Talibã. Um dia, foi a um casamento com o marido – o regime dos radicais havia caído e foi a primeira vez que ela pode voltar a dançar em anos. No caminho de volta para casa, um homem-bomba explodiu na frente dela. Ela acordou

no hospital dias depois sem os dois braços, sem um seio, e com quase todo o corpo queimado. O marido tinha morrido. E no Afeganistão as viúvas não têm direito à herança, como em parte dos países islâmicos, seguindo uma interpretação controversa da sharia [conjunto de leis islâmicas]. Como, durante anos, não puderam estudar ou trabalhar, muitas acabam nas ruas mendigando. Wahida vive da ajuda do Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Cria sozinha seis filhos. A mais velha se tornou os braços da mãe – faz todo o trabalho de casa e cuida de Wahida e dos irmãos. É uma mulher que está lá resignada, conta sua história, e ainda sorri.

### **Como os afegãos reagem à presença americana no território deles?**

**AC:** Com pesar, porque os afegãos acreditaram realmente que os EUA estavam indo salvá-los. Foram para as ruas comemorar a chegada das tropas estrangeiras e a queda dos talibãs. Ninguém queria viver sob o opressor regime Talibã, que obrigava os homens a ter barbas, as mulheres a se cobrirem; proibia o esporte, o lazer; fechava escolas. Os afegãos adoram a música e o Talibã proibia a música. Quando os estrangeiros chegaram, liderados pelo EUA, os afegãos acreditaram que o Afeganistão seria transformado numa Nova Iorque da Ásia Central. Acharam que os EUA levariam desenvolvimento ao país, mas, 11 anos depois, isso não aconteceu. Como eu já disse, as casas continuam sem luz, as ruas sem asfalto. Há alguma infraestrutura de ruas e estradas por onde os comboios militares passam e onde estão os condomínios das organizações internacionais.

### **Como a sua família reagiu ao saber que você ia para uma região belicosa?**

**AC:** Na primeira vez que fui para o Afeganistão não contei para ninguém. Meu marido sabia por alto. De lá, liguei para ele e para a minha mãe, mas a reação maior foi dela. Eu disse: “Mãe, fica calma. Está tudo bem. Mas eu estou no Afeganistão”. Ela caiu no choro! Eu falava com ela no viva-voz e jornalistas afegãos que estavam na sala ouviram tudo. Eu traduzi para eles o que estava acontecendo e eles comentaram: “Puxa,

## Mestres da Reportagem

nosso país é mesmo mal visto mundo afora”. Depois disso, eu já fui outras três vezes para o Afeganistão. Estava lá quando o bin Laden foi morto. Um dia antes, tinha avisado para a minha mãe que iria para o Paquistão, uma coincidência, é claro. Eu queria fazer uma matéria nos campos de refugiados da fronteira, que voltaram a ficar superlotados com o agravamento da violência no Afeganistão. No dia seguinte, 1º de maio, chegou a notícia de que bin Laden tinha sido morto em uma operação americana na cidade paquistanesa de Abbottabad. Minha mãe chegou a falar: “Filha, você tem certeza de que não tem envolvimento nenhum com o terrorismo? Pode falar, pois você vai continuar sendo minha filha!”. Eu estava em Nova Iorque pouco tempo antes do 11 de Setembro. Quando fui para o Egito, aconteceu uma explosão no mercado Khan el Khalili. Na Turquia, houve um sequestro de um avião. Eu morava em Londres quando aconteceram os atentados de 7 de julho de 2005. Então, depois de tantas coincidências, quando o bin Laden morreu ela falou: “Não é possível! Pode falar a verdade. Você disse que queria ir para o Paquistão porque sabia que o bin Laden ia morrer, não é?”. Obviamente não era.

Crédito de Imagens: Arquivo pessoal da jornalista



**Apesar de toda a tensão, deve haver momentos de lazer na sociedade afegã. Você vivenciou algum deles?**

**AC:** A comunidade internacional se encontra em alguns restaurantes que são só para convidados estrangeiros. Os afegãos não entram. Normalmente, ficam dentro de condomínios fechados e servem bebidas, proibidas para os locais. É compreensível, pois os estrangeiros precisam de um escape qualquer. Os médicos da Cruz Vermelha, por exemplo, se encontram toda quinta-feira num *bunker* transformado em bar para tirar um pouco aquele peso da guerra, afinal, é difícil acompanhar essa tragédia todos os dias. Ao mesmo tempo, essa divisão cria sociedades paralelas e, mesmo depois de tantos anos, quase não há lugares de convivência comum entre afegãos e estrangeiros. As organizações internacionais impõem tantas restrições aos expatriados, por questões de segurança, que, salvo raras exceções, como o Dr. Alberto Cairo (fisioterapeuta do Comitê Internacional da Cruz Vermelha) que vive há mais de duas décadas no Afeganistão e é personagem do meu livro, poucos estrangeiros convivem com os afegãos; pouquíssimos aprendem a falar o idioma local, aliás. Isso criou duas sociedades paralelas no Afeganistão, e 11 anos depois da chegada dos estrangeiros, elas não conversam, não se relacionam. Eu procurava ir aonde os afegãos iam. A diversão deles é na rua. Lá, eles têm campeonatos de pipa, por exemplo. E o Buzkashi, que é um jogo milenar levado pelo Gêngis Khan [1167-1227, imperador mongol] para aquela região. É uma espécie de polo sobre cavalos, só que no lugar da bola eles jogam com a carcaça de uma cabra. Na época dos mongóis, era usado como treinamento para as tropas de Gêngis Khan nas montanhas afegãs. E tem algumas formas de diversão que estão surgindo pelas mãos das novas gerações, que têm contato com os estrangeiros. Você tem, por exemplo, a primeira equipe de boxe feminino no Afeganistão. Uma das personagens do meu livro é uma jovencinha de 17 anos que disputou o mundial de boxe feminino. Tem grupos de artistas que também surgiram agora, que são jovens que moraram fora do Afeganistão durante o tempo do Talibã e que voltaram com a invasão estrangeira na esperança de que a situação ia mudar. Eles trouxeram a experiência de contato com outras culturas. Há até uma banda de rock, a primeira do Afeganistão! Eles tinham também um tipo de clube de campo antigo, à beira do lago Qargha,

## Mestres da Reportagem

onde famílias afegãs gostavam de fazer piquenique, mas foi atacado por homens-bomba suicidas.

**Você correu uma infinidade de riscos ao ir para o Afeganistão. Houve algum tipo de preparação sua para essa cobertura? O *Estadão* passou alguma orientação?**

**AC:** Riscos fazem parte desse tipo de cobertura. A decisão que você tem de tomar com a organização para qual trabalha é se o risco vale a pena e o quanto vale a pena. Também é preciso se cercar de cuidados para minimizar os riscos que existem. A Inglaterra tem bons cursos de segurança pessoal para coberturas de conflitos; a organização Repórteres Sem Fronteiras costuma dar boas dicas. Agora, às vezes não tem jeito de se prevenir. Por exemplo, não há coletes à prova de ataques suicidas, então não tem como você se preparar para isso. O que a gente tem de ter em mente é que jornalista não precisa e não deve ser herói. Eu digo aos amigos correspondentes de guerra: “Você tem de ficar vivo para contar a história!”. Portanto, deve agir com cautela. Eu queria muito viajar para Jalalabad, que é um território Talibã ao sul. Só que encontrei muita gente me dizendo para não ir, porque era perigoso. Havia muitos casos de tiros, explosões e motoristas parados pelos insurgentes na estrada. Nem mesmo a filha de um líder religioso e político importante da região aceitou correr o risco. Ela mesma havia suspendido uma viagem para a casa da família. Encontrei apenas um tradutor que topou me levar, mas a minha decisão final foi de não ir, porque realmente não valia o risco. Percebi que o jovem tradutor podia ter aceitado me levar porque precisava do trabalho. Se eu aceitasse, colocaria a minha vida e a dele em risco. Escolher um “fixer” – como são chamados os locais, geralmente também jornalistas, que ajudam repórteres estrangeiros com tradução e logística – é fundamental, porque você confia a sua vida a ele. Teve uma vez em que fui assistir a um jogo de Buzkashi na casa do Marechal Fahim [Mohammad Qasim Fahim], que hoje é vice-presidente do Afeganistão, mas, na época, estava afastado do Governo por causa de denúncias de corrupção e envolvimento no narcotráfico. É um cara tido como perigoso, vive cercado de seguranças armados. O local era afastado e sabe-se lá quem estaria no jogo, certamente nenhum estrangeiro! A avaliação do tradutor era de

que deveríamos ficar apenas 15 minutos, porque poderiam tentar nos sequestrar. Os estrangeiros são mercadoria valiosa e há muitos sequestros por dinheiro, além daqueles motivados pelo conflito em si e feito pelos insurgentes. No final, ficamos muito mais tempo, porque ele sentiu segurança. E eu confiei na avaliação dele.

**Que orientação você deixa ao jornalista recém-formado que deseja cobrir uma guerra ou trabalhar em áreas de conflito?**

**AC:** Ganhe experiência, tenha calma e humildade. Existe uma aura, um glamour que envolve a cobertura de conflito. Eu acho isso um horror. Jornalista não é notícia. Se essa é a sua motivação, desista. Esse é o meu conselho. Depois, tenha honestidade com relação ao que te motiva. Se é a notícia, ela pode estar na vizinhança e não lá fora, pode estar num exemplo de convivência pacífica e não na guerra; se é expor os problemas da sociedade, eles estão em cada esquina de São Paulo, nos rincões do Brasil e não somente no exterior. Eu fiquei oito anos cobrindo notícias locais antes de ir para fora. O Brasil é uma escola. Há muitos conflitos esquecidos nesse país. Temos muitos problemas sociais que precisam ser retratados. Acho uma pena não aproveitar esse rico material aqui. A cobertura internacional não é mais importante do que a cobertura nacional. Então, a minha sugestão para quem está começando é: faça reportagem, apure, escreva, escreva, escreva. Aqui ou onde quer que a notícia esteja. Quando você reporta sobre o Afeganistão, por exemplo, o efeito que você consegue na sociedade brasileira é muito menor do que se tivesse feito uma reportagem no Brasil. A influência que eu procuro exercer com meu livro é no coração das pessoas. Escrevi para que os brasileiros olhem de uma forma mais tolerante e entendam os motivos que levam uma sociedade a se tornar violenta. São lições que você pode trazer para qualquer lugar. ♦



# **AGOSTINHO TEIXEIRA**

***“Você pode estar  
no limite de revelar  
uma denúncia  
ou cometer um crime”***

O repórter Agostinho Teixeira mantém sua imagem incógnita por receber ameaças devido ao seu trabalho investigativo.





## Agostinho Teixeira destaca a importância da apuração e da cautela no jornalismo investigativo

*Por Mario Célio Alavarce, Mário Severino Junior e Rosana Alavarce, com a colaboração de Ana Lucia Tibaldi*

Se o rosto de Agostinho Teixeira, 44 anos, permanece sendo uma incógnita para muitos ouvintes, o mesmo não se pode dizer da sua voz. Ela é facilmente reconhecida como sinônimo de investigação jornalística séria, de credibilidade.

Quando Agostinho entra no ar com uma de suas matérias, a audiência, em especial a paulistana, sabe que mais um escândalo ou crime contra a sociedade acaba de ser desvendado. Foi assim quando ele descobriu que um negócio de vendas ilegais de dinamites (que comumente são usadas por bandidos para explodir caixas eletrônicos) estava sendo tocado tranquilamente de dentro de uma cela da Casa de Custódia de Itaitinga, no Ceará, abastecendo todo o Brasil. Também foi assim quando revelou que um vereador de São Paulo, com salário de R\$ 9 mil, estava construindo uma mansão de R\$ 6 milhões (!), sem fazer declaração do patrimônio para a Receita Federal.

A Assembleia Legislativa paulista, em especial, foi alvo constante da veia investigativa de Agostinho. Por conta de suas reportagens sistemáticas contra esquemas ilícitos coordenados por alguns deputados da casa, o jornalista passou a ser vigiado, ganhando um codinome, que hoje seus ouvintes exploram de maneira bem-humorada. Quando ele entrava na Assembleia, alguns guardas da Segurança da casa, já combinados com os políticos, logo se apressavam para avisá-los via rádio: “O Alfa Tango chegou” [A de Agostinho e T de Teixeira]. A senha estava dada para que as atividades ilícitas fossem mascaradas. Sem se abalar, persistiu na investigação, tornando o esquema público para todo o país.

## Mestres da Reportagem

Formado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Agostinho começou sua carreira em 1986 na *Rádio Jovem Pan*, onde ficou por dez anos, passando da função de rádio-escuta para repórter. Só deixou a emissora quando recebeu um convite de Alberto Luchetti, ex-diretor de jornalismo da *Rede Bandeirantes*, para trabalhar como repórter da *Rádio Bandeirantes AM* (SP), onde está até hoje.

Chegou a ser professor na Faculdade Cásper Líbero durante dois anos, lecionando Jornalismo Radiofônico. Teve que deixar a carreira acadêmica por não conseguir compatibilizar a vida de professor com a de jornalista: “Cheguei à conclusão de que era indecente exigir que o aluno chegasse no horário, sendo que eu não conseguia cumpri-lo. Achei melhor entrar em contato com o diretor da faculdade e pedi para me afastar. Foi uma pena. Pode ser que eu retorne algum dia, pois gostei da experiência”.

Nesta entrevista, o jornalista revela sua paixão pelo rádio desde o período da infância, analisa o radiojornalismo que é feito hoje no Brasil e oferece dicas para quem busca ser um bom repórter nessa mídia: “O rádio é só áudio, então temos que tentar valorizá-lo. Isso requer criatividade e trabalho. Temos de fazer com que as pessoas entendam e imaginem o que está acontecendo”.

### **Como você se tornou jornalista? Teve inspiração de alguém?**

**Agostinho Teixeira:** A inspiração veio desde a infância. Passava quase o dia inteiro ouvindo rádio com meu pai, enquanto trabalhávamos em casa. Tudo que sabíamos do mundo era através do rádio. Meu pai não era alfabetizado, então o rádio em nossas vidas teve uma importância muito grande. Sempre me vi trabalhando nesse veículo. Não sabia o que ia fazer, nem o que era jornalismo, só sabia que queria trabalhar no rádio. Prestei vestibular para Rádio e TV, mas depois descobri que o que eu queria fazer no rádio era jornalismo.

### **De que forma começou a trabalhar na área? Já começou pelo rádio?**

**AT:** Sim, comecei na *Rádio Jovem Pan*, em 1986, logo no primeiro ano de faculdade. Fiquei lá por dez anos. Trabalhei na redação e demorou um

pouco para me tornar repórter. Um tempo depois, recebi a proposta para trabalhar como repórter na *Rádio Bandeirantes* e estou na emissora há 15 anos.

“Nós que trabalhamos no rádio temos de ficar espertos e nos reinventar a cada dia. Nosso desafio hoje é tentar conquistar o ouvinte pela qualidade do nosso produto.”

### **Você acha que o rádio hoje está perdendo espaço em função das novas mídias, como a Internet?**

**AT:** O rádio é um veículo antigo, teve seu auge na época conhecida como “a era de ouro” [1930 a 1950], época em que quase não havia concorrência com outras mídias. Hoje, a Internet conta com sites que divulgam notícias a todo o momento e a televisão possui equipamentos que trazem imagens avassaladoras da realidade. É uma concorrência grande. Por isso, nós que trabalhamos no rádio temos de ficar espertos e nos reinventar a cada dia. Não acho que vamos perder audiência a ponto de inviabilizar o veículo, mas não podemos nos acomodar. Quando surgiu a televisão, houve uma queda na audiência, mas aos poucos o rádio foi tomando novamente seu espaço, adaptando-se à evolução das novas mídias e ao gosto de seus ouvintes. Nosso desafio hoje é tentar conquistar o ouvinte pela qualidade do nosso produto. Hoje as pessoas querem um áudio melhor. As rádios jornalísticas são todas transmitidas em FM. Antigamente eram só transmitidas em AM. A *Sul América Trânsito* é uma rádio que se reinventou e é um sucesso, a audiência que ela tem é massacrante. A *Rádio Bandeirantes* tem 70 anos de vida e uma audiência também estrondosa. No período da manhã, no horário de pico, tem programas que atingem 150 mil ouvintes por minuto. Isso mostra que o rádio tem espaço e nós temos que fazer cada vez melhor.

### **Já teve propostas para ir para a TV?**

**AT:** É difícil eu trabalhar na TV, até mesmo porque o tipo de trabalho que faço [investigativo] não me permite aparecer. Já cheguei a trabalhar na *TV Bandeirantes* e tive uma proposta para trabalhar na *Rede Globo*, mas me lembro que foi bem no ano em que nasceu minha filha e eu tinha

## Mestres da Reportagem

programado que iria acompanhar o parto. Embora muitas pessoas tenham dito que eu era louco por recusar uma proposta daquelas, não me arrependo.

### **Como deve ser a reportagem do rádio para chamar atenção do público?**

**AT:** O rádio tem características que precisam ser exploradas. Não temos a imagem a nosso favor, como a TV e a Internet, então, temos de tornar a reportagem atraente só com o som e isso nem sempre é fácil. Às vezes, há coisas importantes que você tem de dizer sem imagem. Nesse caso, temos de fazer com que as pessoas entendam e imaginem o que está acontecendo. Um exemplo claro disso foi o ataque às Torres Gêmeas do edifício World Trade Center, em 11 de setembro de 2001. Quando o avião se choca com o prédio, como é que você vai conseguir passar essa informação pelo rádio sem ter uma imagem para que o público possa entender o que está acontecendo? Aquela imagem do avião atravessando a torre é forte demais. Como é que o rádio pode se equipar àquilo? É quase injusta a comparação. Uma das coisas de que me orgulho aqui na *Band* aconteceu na cobertura do ataque a Washington. Estávamos com um correspondente lá, o Eduardo Castro, que é um grande repórter. Ele morava em um prédio vizinho ao Pentágono, onde um dos aviões rendidos pelos terroristas foi arremessado. O Eduardo presenciou tudo da janela dele e registrou o áudio do local. Temos gravados todos os sons daquele momento, inclusive as pessoas gritando. Ficou muito legal. O rádio é só áudio, então temos de tentar valorizá-lo. Isso requer criatividade e trabalho. Você tem de partir para a descrição do fato. O mérito está em você conseguir transformar aquele material, que não é radiofônico, em algo atraente para esse veículo. Isso é o trabalho do dia a dia. Às vezes, dá certo; outras vezes, não dá.

**Suas reportagens são marcadas pelas técnicas investigativas. Na sua opinião, existe propriamente o jornalismo investigativo, considerando que alguns jornalistas dizem que todo jornalismo é investigativo?**

**AT:** Eu acho que o jornalismo por definição é investigativo. O jornalismo tem a função não somente de falar do problema, mas buscar enten-

der e descobrir as causas, investigar, trazer a verdade. O que acontece hoje é que, devido à correria do dia a dia e a necessidade de informações diárias com prazo de entrega nas redações, o jornalismo se tornou superficial. Então, criaram essa categoria investigativa.

*“O segredo está em ser bom observador, em ver algo estranho por trás de uma situação que, para todo mundo, é uma coisa natural. Você, como jornalista, tem de ter esse faro. Se você for atrás do que desconfia, certamente encontrará uma grande história.”*

**Qual é o requisito necessário para se tornar um bom repórter investigativo?**

**AT:** Ter boas fontes, não ficar parado, correr atrás das informações, ser vigilante e ter cautela. Você pode estar no limite de revelar uma denúncia ou cometer um crime, por isso é necessário muito cuidado.

**Nas matérias de denúncia, você mesmo se pauta, com base no seu faro jornalístico, ou é pautado? Como faz para descobrir os esquemas e escândalos que costuma retratar?**

**AT:** Muitas ideias de matérias surgem da minha observação jornalística, nos momentos em que estou de folga, passeando com a minha família, numa situação mais tranquila, embora hoje eu receba muitas denúncias enviadas por ouvintes, por ter ficado conhecido na área investigativa. O segredo está em ser bom observador, em ver algo estranho por trás de uma situação que, para todo mundo, é uma coisa natural. Você, como jornalista, tem de ter esse faro. Se você for atrás do que desconfia, certamente encontrará uma grande história.

**Uma das matérias suas de maior repercussão foi sobre a mansão de R\$ 6 milhões que o vereador Ushitaro Kamia (hoje PSD-SP, na época – 2009 - ele estava no DEM) construiu em um condomínio fechado na zona norte de São Paulo, sem declarar o patrimônio para a Receita Federal. Pode nos contar os bastidores dessa reportagem?**

## Mestres da Reportagem

**AT:** Essa matéria surgiu de uma denúncia feita por uma fonte com quem eu tinha uma relação de confiança já há algum tempo. Ela me passou muita coisa sobre o caso, tudo com muitos detalhes, incluindo o endereço da mansão que estava sendo construída pelo vereador, e isso me ajudou bastante. O problema foi ter acesso à residência, já que ela ficava em um condomínio fechado. Tínhamos de ter acesso para provar tudo aquilo que já sabíamos. Para falar sobre aquilo no rádio eu precisava ter provas. Finalmente, com a ajuda da fonte, conseguimos ter acesso ao condomínio e entramos e saímos umas dez vezes de lá para gravar e fazer a matéria. Tudo deu certo, porque a fonte colaborou com a gente. Mas é preciso destacar que nem sempre as investigações são bem-sucedidas. Às vezes, você investe 15 dias de trabalho e não vira nada, e aí você tem de se justificar com a chefia. Hoje eu sofro menos com isso. Empenho e dedicação no que faço não faltam. Quando uma reportagem tem de dar certo, é porque tinha de ser. Se tiver de ser, será!

**Em muitas de suas reportagens você conta com a colaboração de fontes valiosas para denunciar atividades ilegais. O que um jornalista deve fazer para encontrar boas fontes?**

**AT:** O mais importante é não desprezar ninguém. Na maioria das vezes, as melhores fontes não são aquelas que estão em evidência, mas os subalternos, como um motorista.

**Você fez uma reportagem em que revelou a existência de uma rádio pirata no prédio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), a *Rádio Várzea*. Essa emissora era mantida há cerca de sete anos por estudantes da faculdade, com o consentimento da universidade e dos professores. Qual é o real problema de essas rádios existirem?**

**AT:** Essas rádios piratas... As pessoas não têm uma dimensão dos problemas que elas representam ou do que elas significam. Deus nos livre, mas parece que vai precisar um avião cair por causa da interferência de uma dessas rádios para que as pessoas tomem consciência da gravidade dessa atividade. Já ouvi coisas absurdas de pilotos que precisavam

pousar o avião e não conseguiram, porque não dava para se comunicar com a torre. Tem gente que acha que esse assunto é menos importante, mas vamos continuar falando dessas rádios. A cada dez rádios piratas que são descobertas, nove são comandadas e mantidas por pastores ou por aqueles que se dizem pastores e pregam suas convicções. Poderiam ser budistas, católicos, ateus, podia ser o que fosse, o que nos interessa é o fato de que, por ser pirata, é ilegal. Mas nem todo mundo entende isso, infelizmente. Já chegamos a gravar com Silas Malafaia [Líder da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo], que representa o povo evangélico, e ele falou do assunto com indignação. Disse que é inadmissível que alguém, independentemente da crença, mesmo que seja para divulgar a palavra de Deus, utilize um instrumento que é ilegal.

*“Na maioria das vezes, as melhores fontes não são aquelas que estão em evidência, mas os subalternos, como um motorista, por isso é importante não desprezar ninguém.”*

### **Por que você recebeu o apelido de “Alfa Tango” na Assembleia Legislativa de São Paulo?**

**AT:** Isso aconteceu durante uma matéria que eu achava que não daria em nada, mas acabou rendendo muito. Chegou até mim uma informação de que um deputado estava vendendo alguns objetos de valor, sem nota fiscal, no gabinete dele. A princípio, a minha intenção era fazer uma matéria divertida, explorando o caso. Só que apareceu uma série de denúncias envolvendo outros deputados na questão. Isso acabou gerando uma confusão monstruosa. Não saíamos da Assembleia, pois todos os dias havia uma nova denúncia. A Assembleia tem um corpo de policiais militares que fazem a segurança da casa. Um dia um desses policiais se aproximou de mim e disse: “Você não vai conseguir mais fazer nenhuma matéria na Assembleia, sabe por quê? Fizeram uma combinação com o pessoal da portaria. Quando você entrar, eles vão avisar pelo rádio que você chegou e tudo será camuflado. Eles usarão um código para falar no rádio, que será ‘Alfa Tango’ – A de Agostinho e T de Teixeira”. Fiquei surpreso e disse em tom irônico: “Nossa, que chique! Eu não sabia que estava tão



## Mestres da Reportagem

famoso assim”. Com base nessa informação, nos preparamos e conseguimos gravar a comunicação entre eles. Gravamos os caras dizendo: “O Alfa Tango está chegando!”. Foi sensacional, muito bom. A matéria entrou no ar e deu muita repercussão. Até hoje eu recebo correspondência em que está escrito: “Ao repórter Alfa Tango”.

### **Em sua opinião, o que é ser um bom repórter?**

**AT:** O bom repórter é aquele que consegue fazer pelo menos cinco boas perguntas para qualquer pessoa. Se você encontrar o Pelé agora, por exemplo, tem de ter cinco perguntas na manga para fazer para ele. O mérito está em conseguir fazer a primeira pergunta e, mais importante do que ter a segunda já engatilhada, é ouvir a resposta. Porque às vezes o entrevistado está respondendo à pergunta e o repórter já está olhando para a terceira que vai fazer, sem prestar atenção ao que está sendo respondido. Muitas vezes pode ser uma informação importantíssima que merece mudar toda a pauta e o repórter nem ouviu. Só vai ouvir depois que vê a entrevista e pensa: “Caramba, o cara estava falando isso e eu não explorei!” Isso acontece até com profissionais de mão cheia. Então, mais importante do que ter uma sequência de perguntas, é você saber a hora em que terá de desviar o roteiro, porque a entrevista mudou de rumo.

### **Se você não fosse um repórter investigativo, você seria um repórter de Esportes, já que gosta muito de futebol?**

**AT:** Acho que não. De Esportes não poderia ser, porque sou muito fanático [Teixeira é São Paulino]. Não teria isenção suficiente para acompanhar uma partida sem me envolver. Na verdade, estou feliz com o que faço e pretendo continuar fazendo isso para o resto da vida. Sempre tive resistência também em apresentar programa no estúdio, porque gosto de estar na rua. O meu negócio é estar na rua, seja para uma reportagem investigativa ou do dia a dia. Gosto de ver o que está acontecendo lá fora, correr atrás da notícia.

### **Como você avalia o radiojornalismo que é feito hoje no Brasil?**

**AT:** Em São Paulo, temos veículos de comunicação de qualidade,

assim como no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e em Porto Alegre. Esses locais praticam um excelente jornalismo. Já não posso dizer o mesmo de outros locais do Brasil, como a região Norte. Fiz alguns trabalhos lá durante um tempo e, infelizmente, o que notei foi a existência de emissoras dominadas por grupos políticos, pertencentes a famílias rivais endinheiradas da região. Cada grupo tinha a sua rádio e a sua TV para fazer um “jornalismo” voltado aos interesses deles. A família A detonando os políticos da família B, e a família B detonando os políticos da família A. O pior é que a população tinha conhecimento disso. Quando perguntados, respondiam: “Aquela rádio A vive descendo a lenha na B”. A população sabia que essas rádios não eram confiáveis. Dá para dizer que isso é radiojornalismo?! Infelizmente, o rádio nesses locais carece de estrutura, são emissoras que se mantêm por causa dos políticos. As rádios das grandes cidades têm uma estrutura profissional, porque muitas empresas anunciam nelas. Ninguém vai colocar o nome de sua empresa numa rádio qualquer. Infelizmente, não dá para dizer que isso é possível em todo país.

**Em sua opinião, a grande mídia hoje está interessada em falar a verdade ou age apenas segundo seus interesses políticos e econômicos?**

**AT:** Eu não conheço nenhum jornalista que pegue o microfone e que não queira falar a verdade, pelo menos a verdade dele. As pessoas têm ideias diferentes e querem se expressar. Estou para ver uma emissora como a *Bandeirantes*, em que os jornalistas discordam tanto um do outro sobre os mais diversos assuntos: desde a Copa do Mundo, que vai acontecer aqui no Brasil em 2014, à morte do Kadafi [Muamar Kadafi, coronel e ditador da Líbia que foi derrubado do seu posto após uma revolta no final de agosto de 2011, e morto por forças rebeldes em 20 de outubro do mesmo ano. A revolta fez parte do movimento conhecido como Primavera Árabe]. Veja, por exemplo, o Datena [José Luiz Datena, apresentador do *Brasil Urgente*]. Ele tem o discurso dele que difere bastante do discurso do José Paulo de Andrade [que apresenta *O Pulo do Gato*, um dos programas mais tradicionais do radiojornalismo brasileiro, também da *Band*]. Cada um conta a sua verdade e cada um representa uma fatia da sociedade. Então, vai ter gente que vai concordar com o que um fala, como vai

## Mestres da Reportagem

ter gente que vai discordar. Eu acredito que nas grandes emissoras há jornalistas que vão para o ar com interesses diferentes. Tem gente que tem o interesse de falar a verdade e tem gente que “acha” que está falando a verdade. Quando vou para o ar, é lógico que tenho as minhas convicções, mas tento evitar ao máximo o subjetivismo, que é comum do ser humano. Numa conversa informal, o jornalista pode dizer que acha que a Copa do Mundo vai ser a maior roubalheira, mas quando ele vai para o ar, tem de ponderar a fala, ter responsabilidade. A obrigação do jornalista é tentar ampliar o leque e trazer o maior número de aspectos possíveis de um fato. Agora, é claro que não podemos negar que a rádio – qualquer que seja ela –, o jornal – qualquer que seja ele –, e a TV – qualquer que seja ela – têm interesses. A *TV Record*, por exemplo, jamais irá falar mal dos Jogos Panamericanos, porque ela está transmitindo os jogos [a entrevista foi realizada em outubro de 2011], assim como a *TV Bandeirantes* defende a fórmula Indy, pois gasta muito dinheiro para conseguir os direitos de exclusividade dela. Isso acontece, cada veículo de comunicação tem seus interesses.

**Você já chegou a lecionar por um tempo. Tem a pretensão de voltar um dia?**

**AT:** Tenho isso como uma possibilidade. Lecionei na Cásper Líbero, que considero uma excelente faculdade. Foi legal, mas era difícil conciliar o rádio com o horário das aulas. Tem épocas em que dá tudo errado e você não tem como programar o seu dia, aparece um grande caso que vai dar uma matéria muito importante e não dá para deixar de fazer o trabalho. Eu dava aula de manhã e, às vezes, à noite, e sempre exigia dos alunos que tivessem compromisso com horário. Então cheguei à conclusão de que era indecente eu exigir do aluno chegar no horário, sendo que eu não conseguir cumpri-lo. Achei melhor entrar em contato com o diretor da faculdade e pedi para me afastar. Não estava dando conta e não gosto de fazer as coisas pela metade. Foi uma pena. Pode ser que eu retorne algum dia, pois gostei da experiência.◆

# **BRUNO GARCEZ**

***"A arrogância  
e a empáfia  
são dois dos  
piores pecados  
do jornalista"***





## Para o repórter Bruno Garcez, o bom jornalista é aquele que gosta mais dos temas que está cobrindo do que de ver seu nome no jornal

*Por Iracema Ribeiro, Nelma Almeida e Maria Aparecida de Oliveira*

O carioca Bruno Garcez, 40 anos, faz parte da preciosa leva de repórteres brasileiros que lutam por um “jornalismo cidadão”. Por meio de uma bolsa concedida pelo *Knight International Journalism Fellowships*, programa oferecido pela organização *International Center for Journalists (ICFJ)*, criou o projeto *Mural Brasil*, que formou e treinou três turmas de alunos de Jornalismo egressos da periferia da Grande São Paulo, para a produção de conteúdos multimídia sobre suas comunidades. Hoje o blog do projeto, hospedado no portal *Folha.com*, continua a ser alimentado pelos participantes do curso.

Repórter da *BBC Brasil* em Londres desde julho de 2001, Garcez também trabalhou na assessoria de imprensa da editora Civilização Brasileira e no departamento de pesquisa da *Globosat*. Foi repórter dos cadernos *Ilustrada* e *TV Folha*, do jornal *Folha de S. Paulo*.

Nesta entrevista, ele nos conta um pouco mais sobre o projeto *Mural* e sobre seu dia a dia de repórter da BBC. Também analisa o jornalismo na atualidade. Diz não acreditar em regras ou em uma receita infalível para a boa reportagem. “O importante é ter disposição, investigar o tema, se debruçar sobre ele e ir a fundo”.

Aponta a “arrogância e a empáfia” como os piores pecados de um repórter e afirma que os grandes meios de comunicação estão perdidos, procurando nivelar o conteúdo por baixo para conseguir audiência de forma fácil e rápida. Confira!

### **Você sempre quis ser jornalista?**

**Bruno Garcez:** Eu achava que o jornalismo era a área que melhor abrangia uma série de coisas que me interessavam, como política internacional, economia, sociologia, cultura. Sendo assim, acabei no jornalismo. Tinha alguma ideia de que poderia ser uma opção, não necessariamente achava que iria acabar sendo jornalista. Mas aqui estou e não me arrependo de nada. Pelo contrário, acho que, dada a minha personalidade, foi a melhor opção.

### **Que técnicas você considera fundamentais para uma boa reportagem?**

**BG:** Não acredito muito em regras. O importante é ter disposição de ir a fundo, investigar o tema, de se debruçar sobre ele, fazer uma pesquisa bem cuidada, conversar com o máximo possível de pessoas. Se for um tema delicado, ou mesmo perigoso, é preciso tomar todas as cautelas possíveis, garantir que pessoas que não precisam ser prejudicadas pelas reportagens estarão seguras. Procurar garantir que você ao menos tentará alcançar o objetivo da reportagem, ainda que, na prática, a coisa muitas vezes tome um rumo distinto daquele que nós temos inicialmente na cabeça.

### **Existe mesmo um jornalismo investigativo ou todo jornalismo é investigativo por envolver pesquisa e apuração?**

**BG:** Interessante esse ponto de vista. É verdade, talvez todo jornalismo seja, de fato, investigativo, ou contenha investigação. Algumas reportagens, no entanto, exigem uma investigação mais pormenorizada, mais detalhada, uma metodologia mais rígida. Mas essa pergunta me fez pensar. Não posso deixar de concordar. Há fundamentos, sim. Talvez todo jornalismo seja, de fato, investigativo, em maior ou menor escala.

### **A tecnologia vem ajudando no trabalho de investigação?**

**BG:** Sim, isso é inegável, facilita bastante o processo, mas não significa que se investigue mais hoje em dia. Talvez até o contrário. Infelizmente, o jornalismo está bem mais superficial. Emburreceu, mesmo.

**Você acha que os estudantes de Jornalismo saem bem-formados das faculdades?**

**BG:** Creio que não. Acho que boa parte dos cursos de Jornalismo é muito fraca. São cursos de generalidades, que formam mal, que exigem que os jovens recém-formados corram por fora. Sem isso, fica difícil competir num mercado profissional tão difícil. Quem está se formando hoje precisa buscar outras qualificações, senão o desafio pode ser muito grande. Pessoalmente, além do mais, sou contra a obrigatoriedade do diploma de Jornalismo. E acho que os cursos de Jornalismo no Brasil deveriam ser repensados.

*“A reportagem é a espinha dorsal do jornalismo, mas ela não basta. Têm vários outros elementos. Um bom texto e uma boa apuração ajudam bastante também. E ser um profissional honesto e dedicado igualmente é vital.”*

**Quais são os piores pecados que um repórter pode cometer?**

**BG:** A arrogância e a empáfia são dois dos piores. E a vaidade é outro. Mas são pecados que os jornalistas cometem sempre. E nem sempre se arrependem. Infelizmente é assim.

**O jornalismo hoje parece não valorizar muito a reportagem. Textos mais rápidos e burocráticos, como a notícia, vêm ganhando mais espaço. Qual é a sua opinião sobre isso?**

**BG:** É verdade, tem sido assim mesmo. Acho péssimo. É um indicativo de que os grandes meios estão perdidos e procurando mesmo nivelar por baixo, para conseguir audiência de forma fácil e rápida. A longo prazo, são eles que vão perder. Vamos ver.

**Você considera que um bom jornalista precisaria de mais alguma graduação, por exemplo, História, Direito ou coisa do tipo?**

**BG:** Não seria mal, mas nem todos dispõem de tempo ou recursos para fazer outra graduação. Portanto, o ideal, ao menos, é procurar ler,



## Mestres da Reportagem

informar-se ao máximo, inteirar-se dos temas que se está cobrindo ou dos quais se tem interesse.

**Sabemos que para entrar numa empresa jornalística como a BBC é preciso passar por um processo desafiador. Quais foram as dificuldades encontradas por você?**

**BG:** Você tem de passar por um processo de seleção. Compete com um monte de gente para entrar, por isso, tem de procurar se destacar, fazer seu teste com alguma convicção e responder com coerência ao teste exigido. Foi o que fiz. Creio que entendia um pouco do que me estava sendo solicitado, e que não fui mal. Se você está mais ou menos em seu elemento natural, se aquele universo não te é estranho, você tem condições de se sair bem e de ser selecionado. O que não dá é você não entender nada de economia e querer tentar dar um jeitinho para entrar, digamos, num jornal diário que cobre economia. Ninguém é bobo. Fica na cara que aquela não é a sua seara.

“Os grandes meios estão perdidos e procurando mesmo nivelar por baixo, para conseguir audiência de forma fácil e rápida”

**Dos trabalhos que você fez, qual o marcou mais?**

**BG:** São vários. Foi bom ter conseguido entrevistar brevemente Barack Obama, quando ele ainda era um mero candidato à Presidência. Foi legal ter conseguido falar com Bill Clinton [ex-presidente dos EUA] em circunstâncias semelhantes. Indo atrás deles, abordando-os, e eles parando para me responder, para minha surpresa. Mas uma das histórias que mais gostei de fazer foi uma reportagem com ex-combatentes americanos no Iraque e no Afeganistão que, após terem sofrido lesões permanentes nesses conflitos, se tornaram atletas paraolímpicos. Foi uma história que mexeu comigo.

**Poderia nos dar mais detalhes sobre a reportagem?**

**BG:** Em linhas gerais, um colega com quem trabalhei nos Estados Unidos me contou ter visitado um centro de recuperação para ex-comba-

tentes das guerras do Iraque e do Afeganistão, onde muitos haviam se tornado para-atletas. Eu achei que isso parecia interessante e renderia uma boa história, se fosse possível comprovar que havia entre os para-atletas que estavam competindo nos Jogos Panamericanos, no Rio, ex-soldados que lutaram nas guerras do Iraque e do Afeganistão. Contactei a entidade de para-atletismo dos EUA e me confirmaram que, sim, havia ex-soldados entre os competidores. Foi assim que fui a uma prova de atletismo no Estado americano da Geórgia onde participavam alguns ex-combatentes que compartilharam comigo vários relatos.

### **Você encara essa vida de correspondente internacional Brasil-Londres como aventura ou já virou rotina?**

**BG:** Já virou rotina, sinceramente. Eu moro fora do Brasil há dez anos. Tem seus prós e contras e não sei se vai ser para sempre. Mas, atualmente, funciona para mim.

*“Um bom repórter tem que ser curioso por natureza. E gostar mais dos temas que está cobrindo do que gostar de ver o seu próprio nome no jornal ou sua cara na tela de TV.”*

### **Como você define um bom repórter?**

**BG:** Não saberia definir, mas acho que um bom repórter tem que ser curioso por natureza. E gostar mais dos temas que está cobrindo do que gostar de ver o seu próprio nome no jornal ou sua cara na tela de TV.

### **O que a reportagem representa para o jornalismo?**

**BG:** A reportagem é a espinha dorsal do jornalismo, mas ela não basta. Têm vários outros elementos. Um bom texto e uma boa apuração ajudam bastante também. E ser um profissional honesto e dedicado igualmente é vital. Fundamental também é não mentir para o leitor e, com isso, não mentir para si mesmo.

### **É possível ser imparcial no jornalismo? Não deixar as emoções**

### **influenciarão?**

**BG:** É algo a se almejar. Não será sempre que se conseguirá, mas é um objetivo importante. Há quem diga que a independência total no jornalismo é um objetivo inalcançável. Não sei ao certo. Talvez a neutralidade absoluta seja utópica mesmo. Mas o importante é procurar ouvir ou dar voz aos diferentes lados de uma mesma história.

### **Você já correu risco de morte por suas reportagens?**

**BG:** Creio que não. Já entrevistei gente que correu risco de morte. Uns ativistas sindicais no Pará e uma jornalista, chamada Anna Politkovskaya, na Rússia, que acabou sendo assassinada por, supostamente, ter feito inimigos poderosos na Rússia e na Chechênia. Mas, em ambas as ocasiões, creio ter ficado muito pouco tempo nos locais, seja em Moscou ou em Novo Progresso, no Pará, para eu próprio ter minha vida ameaçada.

### **O que despertou em você a ideia de trabalhar com o jornalismo cidadão?**

**BG:** Foi algo um pouco por acaso, mas também estive ligado ao fato de que eu queria buscar coisas novas no jornalismo. O acaso se deu quando pintou um convite - na verdade, em princípio, foi mais uma sondagem - que partiu de uma instituição com sede nos EUA, chamada *International Center for Journalists*, uma ONG jornalística. Eles abordaram os diferentes correspondentes brasileiros em Washington. Eu fui o único que considerou a proposta, pensei bem e achei que seria interessante o desafio de criar um projeto de jornalismo cidadão no Brasil. Mas, de lá para cá, a coisa mudou muito. Ganhou forma, treinei diferentes grupos de participantes, andamos bastante e hoje a coisa amadureceu.

### **Você criou o blog *Mural Brasil* em que seus ex-alunos do curso oferecido na *Folha de S. Paulo* escrevem, noticiando o cotidiano da periferia. Como você vê o progresso dos seus alunos nos textos postados no blog?**

**BG:** Acho que é um progresso imenso. Hoje em dia, fico feliz em

dizer que, sem quaisquer dúvidas, apesar de ter criado o projeto, o *Mural* não pertence mais a mim e nem à repórter de Educação da *Folha*, Izabela Moí (minha amiga), que o administra. Pertence, sim, aos seus participantes, que entenderam bem o conceito de ser correspondentes comunitários de seus bairros.

**Sabemos que para ser um bom jornalista é necessário, além de esforço pessoal e talento, bons mestres. Tem algum professor em especial que o inspirou, que você lembre ainda hoje e que reconheça que parte do seu talento veio do que aprendeu com este mestre?**

**BG:** Sinceramente, não. Como falei, não acho que o curso de Jornalismo tenha sido particularmente inspirador. Há alguns professores bons, mas nenhum que tenha me servido como fonte de inspiração, que tenha atuado como um mestre.

*“Não acredito muito em regras numa reportagem. O importante é ter disposição de ir a fundo, investigar o tema, de se debruçar sobre ele, fazer uma pesquisa bem cuidada, conversar com o máximo possível de pessoas”*

**Quem você admira como repórteres no Brasil e no exterior, já que você convive e trabalha fora do Brasil?**

**BG:** Admiro algumas pessoas. Fora do Brasil, gosto de muita gente, de vários repórteres da *BBC* de diferentes áreas. Na TV, gosto do Matt Frei, no rádio, de outro chamado Justin Webb. Aqui da Grã-Bretanha, admiro o Nick Robinson, que cobre política britânica. Como entrevistador, gosto de um cara chamado Jeremy Paxman, que tem uma postura bem agressiva com os entrevistados, sejam eles políticos, famosos ou não. Admiro o jornalismo e os documentários da *BBC* e atualmente gosto muito do jornalismo da TV *Al Jazeera*. Dos jornais daqui, gosto do *Guardian*. Do Brasil, há bons jornalistas diversos. Gosto do Bruno Paes Manso, um repórter de segurança muito bom, do *Estadão*. Do André Caramante, da *Folha*, que cobre a mesma área. Gosto das reportagens internacionais do

## Mestres da Reportagem

Fabio Zanini, da *Folha*, que atualmente é editor do caderno *Mundo* e não tem feito assim tantas reportagens, mas é excelente quando as faz. Gosto também das reportagens de Fabio Victor, da *Folha*, que atualmente está fazendo mais textos de cultura, mas escreve sobre tudo. Enfim, é muita gente. Curto também a Eliane Brum, que faz textos sociais com um enfoque original, próprio, uma coisa bem dela. Gosto também da Adriana Carranca, do *Estadão*, que cobre muito internacional, mas outros temas também. E, claro, gosto também de alguns críticos de cinema, como Inácio Araújo e José Geraldo Couto, dois de meus mestres.

**Deixe um conselho para os jovens que estão começando na área jornalística.**

**BG:** Procurem ler o máximo possível e tentem se inteirar do tema que mais os apaixona. Se for cultura, fiquem o mais bem-informado possível nisso. Se for economia, tentem ler as publicações especializadas no tema. E assim por diante. Fora isso, cada um deve saber o que é melhor para si. ♦

A black and white photograph of Carlos Wagner, an older man with glasses and a beard, wearing a white shirt and suspenders. He is sitting at a desk in an office, looking towards the camera. In the background, other office workers and computer monitors are visible. The text 'CARLOS WAGNER' is overlaid in large, bold, white letters with a black outline.

# **CARLOS WAGNER**

***"Quero ser  
lembrado  
pela História"***



## Para o jornalista Carlos Wagner, uma boa reportagem pode mudar a realidade

Por Glaudston Forde e Ailton Nunes

Carlos Wagner, 62 anos, faz parte da preciosa safra de jornalistas gaúchos que exemplificam para o resto do país como fazer uma boa reportagem. Prestes a completar 30 anos no jornal *Zero Hora*, é dono de 38 prêmios, entre eles sete *Essô*.

Formado na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), durante dez anos se especializou na cobertura de conflitos sociais.

Escreveu vários livros sobre essa temática, dentre eles *País bandido: crime tipo exportação* (Zero Hora Editora, 2003), um conjunto de várias reportagens sobre as questões problemáticas que envolvem a fronteira do Brasil com a Argentina e o Paraguai; e *A saga do João sem terra* (Vozes, 1989), que relata o desaparecimento de um líder camponês na década de 80.

Nesta entrevista, Carlos Wagner fala um pouco de sua trajetória e da importância da reportagem que, para ele, “pode mudar uma realidade”. Refuta a existência da imparcialidade no jornalismo. Diz que isso é “conversa fiada de editor para estudante”. Aponta a desconfiança como qualidade máxima do repórter e afirma que correr risco faz parte da profissão.

### **Por que você decidiu pela carreira de jornalista?**

**Carlos Wagner:** A explicação é igual à que se dá para a queda de um avião. São vários fatores que acabaram me tornando jornalista e depois um repórter. Lembro que quando era piá – como se chama a criança aqui no Rio Grande do Sul – sempre olhei para o distante horizonte com vontade de ver “onde a terra se encontra com o céu”. O fascínio pelo des-



## Mestres da Reportagem

conhecido e a curiosidade de saber o porquê das coisas acontecerem, somado à admiração que sempre tive pelas pessoas que sabem contar uma história, acabaram me conduzindo à faculdade de Jornalismo.

**E por que resolveu abraçar o cargo de repórter, quando muitos outros jornalistas pensam em ocupar um cargo mais alto, como editor ou diretor de redação?**

**CW:** Porque quero ser lembrado pela História. Cito um exemplo: daqui a alguns séculos, um pesquisador quer saber alguma coisa sobre acontecimentos nas fronteiras do Brasil ou sobre migrações. Ele vai encontrar reportagens publicadas por mim sobre o tema. O editor que aprovou a reportagem não ficará na História. Creio ser um preço que ele paga pela função, por ser o braço do dono da empresa. O repórter é o mensageiro das ruas. Do conflito entre o repórter e o editor nascem boas matérias, e também um grande cemitério de excelentes ideias detonadas por essa disputa. Afirmo que o jornalista é formado pela faculdade. No caso, eu cursei a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Já o repórter é moldado pela realidade das ruas. Eu conheço muita gente que virou repórter. Mas não conheço nenhum repórter que tenha virado gente novamente.

**Em sua opinião, o que a reportagem representa para o jornalismo?**

**CW:** A reportagem é o cerne do jornalismo. Não concordo com a ideia geral de que reportagem seja sempre uma grande matéria que ocupe várias páginas, ou minutos na TV e no rádio. Ela pode ser um pequeno amontoado de linhas publicadas em um canto de página. O que a torna uma reportagem não é o seu volume, mas a densidade das informações que são capazes de mudar uma realidade, ou de indicar o caminho para descobrir uma grande sacanagem.

**Ao longo de sua carreira, você fez reportagens que denunciaram questões sociais brasileiras graves, como *A saga do João sem terra*, que relata o desaparecimento de um líder camponês na dé-**

cada de 80, e *As pequenas índias prostitutas*, que trata da prostituição de meninas no sul do país. Acredita que uma reportagem pode mudar a realidade? As reportagens citadas, por exemplo, ajudaram a mudar essas graves questões sociais?

**CW:** Eu acredito que a reportagem muda uma realidade. O maior prêmio de jornalismo que um repórter pode ganhar é quando uma reportagem vira um “documento da História”, como falam os radialistas de antigamente. Na prostituição infantil, reportagem que fiz em parceria com o meu colega Nilson Mariano, nós conseguimos desmanchar a quadrilha de exploradores. E o que publicamos serviu de base para a montagem da CPI [Comissão Parlamentar de Inquérito] da Prostituição Infantil. O João Sem Terra foi um personagem que morreu pobre, no ano passado, nos arredores da cidade de Santo Antônio da Patrulha, no litoral norte do território gaúcho. Foi graças à minha matéria que ele foi encontrado vivendo na clandestinidade em Goiás. Uma pessoa leu a reportagem [que foi transformada em livro] e ligou para mim, em Porto Alegre. Daí coloquei a família dele no circuito. Na época, o seu João Sem Terra não acreditava na democratização do país, embora a ditadura militar já estivesse com o pé na cova. A reportagem o resgatou para a família, que vive em Novo Hamburgo, no Vale dos Sinos.

“Do conflito entre o repórter e o editor nascem boas matérias, e também um grande cemitério de excelentes ideias detonadas por essa disputa.”

**No livro *Repórteres* (Editora Senac, 1997), organizado pelo jornalista Audálio Dantas, você descreve os bastidores da sua reportagem sobre a prostituição de meninas. Você relata o caso de um homem que explorava uma criança de sete anos de idade. Dá para ser imparcial em casos como esses?**

**CW:** Imparcialidade é uma conversa fiada de editor para estudante. Qualquer pessoa que lida com reportagem sabe que ao escolher os personagens para entrevistar, ao bater a primeira linha do texto, optar por um ângulo na foto, filmar uma cena ou gravar um diálogo, o repórter já está

## Mestres da Reportagem

tomando um lado na matéria. Isso não significa que ele seja sectário ao abordar o assunto. O sectarismo é o grande inimigo da reportagem. Aqui no território gaúcho, onde as pessoas ou são do glorioso Colorado ou do tradicional adversário Grêmio, a escolha de lado é um assunto que se aprende ainda piá. Portanto, seria um absurdo dizer que somos imparciais no que escrevemos.

**O que você quer dizer com sectarismo? Seria o repórter assumir um papel tendencioso e engajado, fazendo uma reportagem com a intenção clara de defender um posicionamento?**

**CW:** Vou esclarecer: sectarismo significa que o repórter sai da redação para fazer uma matéria com uma tese pronta na cabeça. E, ao entrevistar, ele só usa aquilo que se encaixa dentro da tese.

**Entre o forte e o fraco, o jornalista não deveria ficar do lado do mais fraco?**

**CW:** A obrigação do repórter é ficar do lado que julga ser o da verdade, que pode estar em qualquer lugar.

**E quando o injustiçado é o mais fraco? Como peitar interesses de grupos poderosos?**

**CW:** O repórter tem de ter uma coisa bem clara na cabeça: os interesses de grupos poderosos não estão acima da lei. Uma matéria benfeita – com informações precisas – é uma faca na garganta de qualquer um, mesmo que seja de um poderoso.

**Na sua opinião, as faculdades de Jornalismo têm formado bons repórteres?**

**CW:** A faculdade de Jornalismo é essencial para a nossa profissão, mas ela tem que mudar. Precisa passar a formar repórteres. Hoje diploma apenas jornalistas. A causa está na raiz das faculdades. Com honrosas exceções, a maioria dos professores é formada por pessoas que fracassaram nas redações e optaram pelo caminho da academia, qualificando-se

com mestrados, doutorados e outros cursos. Portanto, profissionais que não foram temperados pelas redações, que são a grande escola de Jornalismo em qualquer parte do mundo. Recentemente, alguns repórteres deixam as redações e rumam para as faculdades. É enorme o valor de um professor que tem no seu currículo prêmios de jornalismo, grandes reportagens e conhece os rincões do mundo.

**Você é um jornalista bastante premiado. Pode nos dizer qual é o segredo para a produção de uma boa reportagem?**

**CW:** Olhar a realidade como repórter. Exemplo: um funcionário público ganha R\$ 5 mil por mês, mas é proprietário de um automóvel Mercedes, último modelo, e mora em um endereço caro. É uma situação que merece uma explicação. O bom repórter certamente ficará instigado a investigar o caso.

“O maior prêmio de jornalismo que um repórter pode ganhar é quando uma reportagem vira um documento da História.”

**Em tempos de endeusamento da Internet e das redes sociais, muita gente faz matéria sem sair da redação. Dá para fazer uma boa reportagem sem ir para a rua?**

**CW:** É impossível escrever com segurança sem ir às ruas. Cito o livro *Os Novos Escribas* [Arquipélago Editorial, 2010], do repórter que virou professor Solano Nascimento, no qual ele mostra que as reportagens ficaram atreladas às investigações feitas pelo Ministério Público. A reportagem não pode dar voz somente para a posição de quem está investigando. Ela precisa ter a pluralidade que cerca a investigação. As redes sociais e os documentos postados na Internet representam um lado do assunto. É necessário gastar sola de sapato para ver o que não está escrito.

**Quais qualidades são essenciais em um repórter?**

**CW:** A desconfiança é a ferramenta básica na arte da reportagem. Ela nos faz buscar explicações para o que está perante os nossos olhos. Ao buscar explicações, evitamos cometer injustiças.

## Mestres da Reportagem

**E quais seriam os maiores defeitos de um repórter?**

**CW:** O sectarismo e a arrogância matam o repórter, transformando-o em um burocrata que vive das glórias passadas.

**Como deve ser o texto da reportagem para atrair a atenção do leitor?**

**CW:** Não existe mistério na nossa profissão. Texto bom é aquele que traz novidades.

**Mas você não acha que os textos hoje na grande imprensa, de maneira geral, estão muito burocráticos e empobrecidos, limitando-se ao apontamento das falas dos personagens envolvidos na notícia?**

**CW:** Não podemos chamar de pobres os textos publicados hoje nos jornais e revistas. Eles foram desidratados porque as pessoas têm menos tempo para ler.

**Ultimamente a reportagem parece ser um gênero em extinção na grande imprensa, que tem priorizado o relato rápido e burocrático do fato, ou seja, a notícia. Qual é a sua opinião sobre isso?**

**CW:** O público está dando a resposta para este procedimento: vários jornais estão em decadência. Estão sobrevivendo aqueles que apostam na velha forma: contar novidades. As pessoas compram jornais e revistas para saber das novidades. No caso da reportagem, houve uma mudança. Os leitores estão exigindo reportagens com conteúdos interessantes, o que significa repórter na estrada. Basta olhar os grandes jornais nos fins de semana.

**Em sua opinião, qual foi a sua melhor reportagem?**

**CW:** Vai ser a próxima que vou fazer.

**Então, você vive sempre se desafiando a fazer o melhor?**

**CW:** Sim, quem vive de passado é museu.

**Você utiliza bastante a investigação em suas reportagens. Que técnicas de investigação jornalística costuma utilizar no caso de reportagens que envolvem interesses de poderosos e criminosos?**

**CW:** A invisibilidade, uma técnica de apuração com a qual trabalho sem ser notado.

**Como recolher informações e fazer entrevistas sem ser notado?**

**CW:** Cruzando informações publicadas em documentos – inquéritos policiais e processos. Observando o cotidiano do entrevistado – indo aos mesmos locais.

**A reportagem investigativa difere de outros tipos de reportagem ou toda reportagem é investigativa?**

**CW:** Aqui, eu concordo com o meu colega Humberto Trezzi, um velho “reporteiro”. Toda matéria é investigativa. Acrescento apenas o seguinte: há várias graduações na reportagem, graduações que a tornam menos ou mais impactantes na vida das pessoas. Vamos pegar, por exemplo, o caso de uma pessoa que sempre foi respeitada pela sociedade devido à sua fama de honesto. Você publica uma matéria mostrando que, na verdade, ela é uma grande safada, é algo impactante.

**Que técnicas você costuma utilizar para conseguir colher informações de fontes que estão em situação de risco?**

**CW:** Mostrar para a fonte que sou uma pessoa de credibilidade e que costumo honrar os acordos que faço para preservar o entrevistado.

**Qual é a importância das fontes no trabalho de reportagem?**

**CW:** A mesma importância que o peixe tem para o pescador. Sem peixe não existe pescador. Sem fonte não existe reportagem.

**No livro *País bandido: crime tipo exportação*, que resultou de uma série de reportagens que você fez para o *Zero Hora*, você fala**

sobre uma região do Brasil, na fronteira com a Argentina e o Paraguai, onde o tráfico comanda inclusive a lei. O tráfico daquela região abastece com armas e drogas grandes cidades, como São Paulo. Certamente você deve ter vivido momentos tensos ao fazer essa reportagem. Pode falar um pouco sobre como foi fazer esse trabalho: as técnicas que utilizou, como apurou as informações, riscos que correu, desafios que enfrentou etc?

**CW:** Fazer reportagem nos transforma em piás – crianças – novamente. Só não podemos levar a ingenuidade da criança para a lida da reportagem, uma atividade que não admite vacilo. Foi o caso do *País bandido*. A ideia do livro não nasceu de um dia para outro. Ela foi se formando durante uma década de trabalho na região, tempo que usei para conhecer profundamente a realidade. Inclusive, escrevi outro livro sobre a formação daquele pedaço de mundo, *Brasiguaios: homens sem pátria* [Vozes, 1990]. Ele narra a migração de agricultores brasileiros para o Paraguai, onde construíram cidades. Então, pensei o seguinte: “Tá, mas como os bandidos chegaram aqui?”. Descobri que, por mais de meio século, as terras da região foram disputadas por Brasil e Argentina. Durante todo esse tempo, aquele lugar era uma “terra sem lei”, um esconderijo ideal para bandoleiros. Descobri a influência que os bandidos tiveram na formação da cultura local. Foi só seguir o fio deixado na história e chegar aos quadrilheiros de hoje. Quanto mais conhecimento o repórter tem do terreno em que está pisando, menos risco ele corre. Foi o caso do *País bandido*. Lidei com quadrilheiros pesados e estive em “bocas feias”. Mas, devido ao conhecimento acumulado, eu mantive o controle da situação.

**Como é fazer uma matéria investigativa de grande repercussão como *País bandido* em um país no qual a lei parece não funcionar?**

**CW:** Eu sou repórter do Brasil, um país emergente. Não posso pensar como um “reporteiro” europeu, que vive em uma sociedade onde tudo já foi feito. Portanto, penso que reportagens como as que fiz contribuem para que o nosso país aperfeiçoe suas instituições.

**No livro *País bandido* você diz que naquela região há muitos**

**mitos e lendas, qual foi o método usado por você para confrontar a lenda com a realidade, separar o joio do trigo?**

**CW:** Foi muito difícil, pois a maioria das coisas não tem documento. Existem testemunhos de pessoas que viram o episódio ou que ouviram falar. Consegui separar a lenda da realidade verificando a história contada por várias pessoas, e procurando pistas em documentos da época. Deixei de publicar muita coisa por não saber onde iniciava a realidade e onde acabava a lenda.

**Você acredita que a situação na fronteira entre os três países mudou ou continua tudo na mesma?**

**CW:** A situação vem mudando a passos largos, porque os países envolvidos estão vivendo regimes democráticos. Isso faz toda a diferença.

*“Qualquer pessoa que lida com reportagem sabe que ao escolher os personagens para entrevistar, ao bater a primeira linha do texto, optar por um ângulo na foto, filmar uma cena ou gravar um diálogo, o repórter já está tomando um lado na matéria.”*

**Na sua opinião, qual seria a solução para o problema?**

**CW:** A situação não se resolve por um decreto, ou mesmo pelo milagre de colocar na cadeia todos os bandidos. É preciso apostar no aperfeiçoamento das instituições.

**Você fez reportagens sobre temas delicados, que envolvem interesses muitas vezes de criminosos. Até que ponto um repórter deve correr risco para levar a verdade ao leitor?**

**CW:** A profissão de repórter é uma profissão de risco em qualquer canto do mundo. O risco para escrever a verdade é parte da nossa vida. Não tem como ser repórter e não correr riscos.

**Você costuma trabalhar com informações *off the records* nas reportagens investigativas?**



## Mestres da Reportagem

**C.W:** Sim, eu costumo trabalhar com informações em *off*. Mas eu sempre verifico a veracidade do relato.

### **Como faz para preservar a identidade de suas fontes *off*?**

**CW:** Uso a lei que permite a proteção das fontes e também tomo cuidados no texto, por exemplo, não colocar indicadores que identifiquem a origem da informação.

### **Você trabalha há muitos anos no *Zero Hora*. Como esse veículo encara a reportagem? Que regras são passadas aos jovens repórteres que trabalham no veículo?**

**CW:** Entrei no *Zero Hora* em 1983. Faz parte do DNA do jornal a reportagem. A principal regra passada aos novos repórteres é o respeito à tradição de grandes matérias do jornal.

### **Qual é a sua opinião sobre a entrada das novas tecnologias na reportagem? De que maneira elas podem colaborar com esse tipo de texto?**

**CW:** As novas tecnologias na nossa profissão são tão antigas como o mundo. Não faz muito tempo – até o final dos anos 90 – as redações usavam máquina de escrever. Portanto, a incorporação do que temos de mais moderno nos dias atuais é um processo normal. Gostaria de lembrar uma coisa: o repórter é um produtor de conteúdos. Como esses conteúdos chegarão até o público, se em jornal, TV, rádio ou site, é outra história.

### **Você tem mais de 30 prêmios, sendo sete prêmios *Esso*. Como é ter o reconhecimento pelo seu trabalho?**

**CW:** É muito legal ser apontado como uma pessoa que faz parte da História. Devo o respeito que tenho às reportagens que fiz.

### **Deixe um conselho para quem está iniciando na área.**

**CW:** Seja persistente, organizado e acredite no impossível.♦

# CÉSAR TRALLI

*"Jornalismo  
não é profissão  
de celebridade"*





## Aos 41 anos, Tralli destaca que o maior problema da atual geração de jornalistas está em glamourizar a profissão

*Por Eduardo Rodrigues, com a colaboração de Alisson Magno e Flávio Henrique do Nascimento*

O atual apresentador do *SPTV 1ª Edição*, com apenas 7 anos de idade, conseguiu uma bolsa de estudos na Cultura Inglesa. Aos 16, foi bolsista da Fundação Eurocentres (Inglaterra), onde desenvolveu uma pesquisa sobre o poder dos tablóides sensacionalistas britânicos. Formou-se em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Cásper Líbero. É mestrando em Ciências Sociais pela PUC-SP.

O jornalista, que quando jovem atuou como baterista em três bandas de rock, diz que nunca pensou em fazer televisão. E por pouco não seguiu a carreira artística. Mas na hora de escolher a profissão, optou pelo Jornalismo.

César Tralli nasceu em 1970, na cidade de São Paulo, mas passou boa parte da infância em Jaboticabal, interior paulista, terra natal de seus pais. De família humilde, sempre estudou em escola pública. Começou a trabalhar aos 12 anos para ajudar em casa.

Como jornalista, seu primeiro emprego foi na *Gazeta Esportiva*, um tradicional jornal de esportes que funcionava na sede do grupo *Folha de S. Paulo*. Em seguida, foi para a *Rádio Jovem Pan* sobrevoar a cidade de helicóptero, dando dicas sobre o trânsito. Depois de um ano fez parte da equipe do telejornal *Aqui Agora*, do SBT. Na *Record*, apresentou o programa *Florida Online*.

O repórter, que chegou a pegar seis ônibus por dia para trabalhar, iniciou sua carreira na *TV Globo* em 1993, no programa *São Paulo Já*. Tralli

## Mestres da Reportagem

conta que em 1995, com 24 anos, estava fazendo uma reportagem quando foi chamado às pressas para voltar à redação. Dali foi para o Rio de Janeiro, onde recebeu a proposta de assumir o posto de correspondente internacional da *Rede Globo* em Londres. Durante os cinco anos em que permaneceu lá, participou de coberturas históricas, como a guerra no Líbano, o assassinato de Yitzhak Rabin, o primeiro-ministro de Israel, os dez anos do acidente nuclear de Chernobyl e a morte da princesa Diana.

Em 2000 decidiu voltar para fazer o que sempre teve vontade: cobrir escândalos do poder público e os crimes de colarinho branco. Suas reportagens investigativas ajudaram a derrubar poderosos e desvendar escândalos nacionais, como nos casos do Juiz Nicolau dos Santos Neto, a prisão de Paulo Maluf, do chinês Law Kin Chong e a revelação da Operação Satiagraha, que resultou nas prisões do banqueiro Daniel Dantas, do ex-prefeito de São Paulo Celso Pitta, e do empresário Naji Nahas.

Além de repórter investigativo, César Tralli revelou-se um excelente escritor. Em seu livro, *Olhar Crônico* (Editora Globo, 2001), publicou 40 crônicas contando tudo o que uma câmera não consegue captar durante uma reportagem.

Confira a entrevista deste profissional bem-humorado que, brincando, se compara aos táxis de aeroporto. “Por fora estão até bonitinhos, mas quando você entra e olha no odômetro... vê ali 200 mil km... É, eu já sou bem rodado!” [risos]. Vamos nessa?

**Você vem de uma família pobre do interior de São Paulo, começou a trabalhar cedo, estudou em escola pública e sua mãe foi boia-fria. De alguma forma esse histórico te influenciou a ser jornalista ou teve outro motivo?**

**Cesar Tralli:** Eu sempre gostei muito de comunicação. Desde molequinho participava de tudo que envolvia a área. Fiz jornal dentro da escola, boletim informativo, participei da organização de eventos, até pegava o microfone para conduzir os encontros de alunos. A comunicação sempre esteve no meu sangue. Com 7 anos eu consegui uma bolsa pra estudar na Cultura Inglesa, então desenvolvi muito esse lado, porque a Cultura oferecia muitas atividades na área da comunicação. Fiz revista,

jornal interno, participei muito de grupos de teatro e ajudei a organizar *workshops*. Acho que desde muito novo fui encontrando minha vocação para o jornalismo. Meus pais sempre foram muito politizados também, acompanhavam muito a política, gostam muito de ler. E em casa eles me influenciaram muito nesse aspecto, meu pai principalmente. Desvio de recursos, mau uso do dinheiro público e corrupção eram assuntos sempre tratados com muita indignação em casa. Acho que isso acabou me contaminando de forma positiva, entendeu?

**Sua carreira de repórter começou aos 15 anos. Qual foi o primeiro veículo que você trabalhou e de que forma iniciou na TV?**

**CT:** Do ponto de vista informal meus primeiros trabalhos com jornalismo foram aqueles que citei anteriormente, na Cultura Inglesa. Na adolescência escrevia direto para o Painel do leitor, da *Folha de S.Paulo*, e eles publicavam muita coisa. Até hoje eu tenho a coletânea de todas as cartas que escrevi. Já do ponto de vista formal, eu tinha uns 17 anos, quando comecei a trabalhar na *Gazeta Esportiva*, que na época funcionava na sede da *Folha*. Trabalhei lá quase um ano. Depois recebi um convite para atuar na rádio *Jovem Pan*. Fui repórter do helicóptero da *Pan*. O Sílvio Santos, que ouvia a rádio, um dia ligou na redação da *Pan* me convidando para trabalhar no *SBT*. Até pensei que era sacanagem [risos]. Foi assim que eu comecei na televisão.

“Acredito muito no trabalho que fazemos, na profissão que transforma a vida das pessoas pra melhor ou pra pior, dependendo da qualidade do que se faz. Se temos democracia hoje, liberdades individuais, um pouco de cidadania e respeito, devemos isso ao jornalismo.”

**Quando iniciou no SBT você trabalhou no *Aqui Agora*, um programa polêmico, mas que revolucionou a TV brasileira. Como foi essa experiência?**

**CT:** Quando recebi o convite do Sílvio foi para trabalhar neste projeto e no *Jornal do SBT*, com a Lilian Witte Fibe. Então eu fazia os dois, o

## Mestres da Reportagem

jornal e o *Aqui Agora*. Fui para o *SBT* porque eles queriam mudar a linguagem da televisão. As emissoras estavam pegando repórteres de rádio e levando para a TV. Pinçaram uma moça da *Rádio Bandeirantes* e acho que da *CBN* também. E eu, da *Jovem Pan*, também fui selecionado. As reportagens não tinham essa estrutura da TV, do *off*, do convencional. Era uma coisa muito conversada, você pegava o microfone e saía falando. Lembro que uma vez houve uma pancadaria histórica no campus da USP [Universidade de São Paulo], em que os alunos entraram em confronto com a Polícia Militar. Acho que ficamos uns 25 minutos com o microfone aberto e a câmera gravando, e isso tudo foi para o ar. O programa batia a *TV Globo*, batia até a novela das seis! Chegava a dar 32 pontos de Ibope. Foi uma loucura, o que representou o *Aqui Agora* para a época. Foi uma proposta de jornalismo popular que na época revolucionou o jeito de fazer jornalismo na televisão, mas que se desvirtuou. Foi por isso que decidi sair. Quando completou exatamente um ano, aproveitei uma oportunidade para sair e aceitei o convite para apresentar o *Flórida Online*.

### **Sobre o que falava esse programa?**

**CT:** Era uma revista eletrônica sobre a Flórida. Falava sobre serviços, turismo, novidades e curiosidades, enfim, a vida nos Estados Unidos. Foi no ano de 1992, em que o Brasil estava muito fechado para a importação, então era aquela loucura de brasileiro indo pra Miami, pra Flórida, só para comprar. O programa ia ao ar toda segunda à noite na *Rede Record*. Na época a emissora não era da Igreja Universal. Uma produtora comprava um horário da *Record* para o programa. Foi um projeto que deu muito certo. Fiquei um ano lá, até que em 1993 recebi o convite para trabalhar na *TV Globo*.

**Você foi correspondente internacional da *Rede Globo* em Londres com apenas 24 anos. Fez reportagens em mais de 30 países. Quais são os principais desafios que um correspondente internacional precisa enfrentar?**

**CT:** O principal desafio é a solidão. Lá eu trabalhei num escritório pequeno, mas muito bem montado. Eram pouquíssimos produtores e re-

pórteres. No tempo em que fui correspondente, em 1995, o computador estava apenas começando. Para mandar as matérias mundo afora tínhamos que contratar uma produtora e alugar um sinal de satélite. Era um inferno você conseguir mandar as reportagens, e hoje não, é tudo pela Internet. Atualmente temos o “kit correspondente”. Você já viaja com uma placa e um computador preparados, e consegue mandar o material de onde for. Era um sacrifício muito grande. Eu morava em Londres, mas cobria o mundo todo. Viajava demais, não parava em casa. Voltava às vezes só para mudar de mala e sair de novo. Era uma vida muito produtiva, mas, ao mesmo tempo, penosa. Fui para o Líbano umas seis vezes, para Israel umas quatro, para Jordânia, Armênia, Leste Europeu, África... Era muito difícil administrar minha vida pessoal. Foram cinco anos nesse ritmo *punk*. Ser correspondente foi muito produtivo, pois me abriu uma janela de oportunidades na vida, me fez crescer muito, mas teve esse lado pesado. Eu era muito jovem para assumir uma “responsa” dessas, então, tive que correr atrás. Desembarquei em Londres no dia 01 de outubro de 1995. Pouco tempo depois assassinaram o Yitzhak Rabin, primeiro-ministro de Israel. Eu morava em um hotel, não tinha conseguido nem alugar uma casa. Então fui para lá cobrir o assassinato. Fiquei uns 20 dias e, quando voltei, tinham me desalojado do hotel, jogado minhas coisas no porão... tive que implorar pra arrumar um quarto! Esse foi um começo bem tumultuado. Já comecei com a adrenalina a mil. Foi uma experiência maravilhosa. Era um sonho meu ser correspondente. Com 16 anos eu havia ganhado uma bolsa e fui estudar em Londres. Fui pra lá em condições muito precárias. Minha família nunca teve grana, eu fui com um dinheiro que juntei dando aulas particulares de Inglês e Português e com as coisinhas que eu fazia de jornalismo. Fui pra lá com uma mochila nas costas e o dinheiro que tinha juntado. Dava pra comer uma banana, um pacote de bolacha e beber uma garrafa de leite, só! Não tinha grana pra pegar metrô, trem, nada! Jamais imaginei que fosse voltar lá para viver como correspondente internacional da *Globo*. Me lembro que no dia em que retornei a Londres com um passaporte de trabalho, com carimbo e um salário decente, eu chorava muito dentro do avião. Chorava de emoção e gratidão.



### Quando você percebeu o momento certo de voltar?

**CT:** Fiquei cinco anos maravilhosos em Londres. Pedi à *Globo* para voltar quando tive certeza de que havia cumprido um ciclo. Tem um momento na vida do correspondente que ele diz: “Se eu avançar um pouco mais vou virar um estrangeiro mesmo”. Então você pensa: “Ou eu volto pra casa e retomo minha carreira lá ou vou realmente ficar pra não voltar”. Meu perfil nunca foi esse. Eu sempre quis trabalhar no Brasil. Eu gosto daqui e tenho essa coisa no meu sangue, de lutar pela sociedade, contra a corrupção, de brigar por cidadania e pelos direitos das pessoas. Então, quando voltei no ano 2000, resolvi me especializar em jornalismo investigativo. Percebi que não tinha ninguém fazendo esse tipo de trabalho em São Paulo, especialmente no que dizia respeito aos crimes de colarinho branco, corrupção na Justiça, escândalos políticos que envolviam desvio de dinheiro público etc. Sempre cobrimos muito a área policial por esse lado do tráfico de drogas, das quadrilhas, dos ladrões de banco, da violência policial, do abuso de autoridade, mas não tinha ninguém voltado para essa área que resolvi investir. Virei quase um especialista em Direito, pois você começa a ler tantos processos, que é obrigado a se familiarizar com a linguagem jurídica. Hoje, se eu fizer o exame da OAB [Ordem dos Advogados do Brasil], é capaz que eu passe de tanto que conheço essa área.

*“Passei por algumas situações apertadas. Posso dizer que já renasci algumas vezes. Acho que tenho um anjo da guarda que me acompanha para todos os lugares em que vou. Se tem alguém com quem tenho dívida de gratidão é com esse anjo! O que ele já me salvou de enrascada não está escrito!”*

**Qual é a importância do gênero reportagem numa sociedade como a nossa, que sofre tanto com a corrupção? Você acredita no jornalismo como instrumento de mudança social?**

**CT:** Sou um cara muito idealista nesse sentido. Acredito muito no trabalho que fazemos, na profissão que transforma a vida das pessoas pra melhor ou pra pior, dependendo da qualidade do que se faz. Se temos democracia hoje, liberdades individuais, um pouco de cidadania e respei-

to, devemos muito disso ao jornalismo. No Brasil, com exceção de alguns, o jornalismo é praticado com muita qualidade, com gente compromissada, pessoas que levam a profissão a sério, com amor, e isso faz toda a diferença. Eu realmente acredito nisso sim. Vejo minha profissão como uma bandeira em defesa da sociedade em um país tão desigual, com tanta roubalheira e corrupção, com tantos políticos que viram as costas para a população. A saúde não funciona, a educação está precária, o transporte público é de quinta categoria... Se não formos nós brigando pelo povo, quem vai brigar? Por isso, quando vejo tentativas de amordçar a imprensa, de controle do Estado sobre os veículos de comunicação, eu fico de cabelo em pé! Isso jamais pode acontecer no Brasil! Não podemos permitir isso nunca. Nosso maior trunfo é a liberdade de imprensa e a capacidade de trabalhar sem censura pelo interesse do cidadão comum.

**Você fez diversas coberturas internacionais, como o assassinato do primeiro-ministro de Israel, os dez anos do acidente nuclear de Chernobyl, o terremoto que destruiu a Turquia, os conflitos no Líbano, o 11 de setembro, entre outras. Dessas coberturas, qual foi a mais difícil? Por quê?**

**CT:** A pior para mim foi quando estive no Líbano. Estava acontecendo um conflito armado bem pesado entre os guerrilheiros do Hezbollah e as forças armadas israelenses. Fomos para a fronteira do Sul do Líbano em três ocasiões e ali eu pude sentir como a vida do jornalista é frágil. Estávamos numa área de floresta para entrevistar os integrantes do Hezbollah. Passavam os aviões da força aérea de Israel bombardeando tudo, miravam no nosso carro. Chegar perto do Hezbollah foi pesado. Foi uma negociação difícilíssima, eles desconfiavam o tempo todo de que não éramos jornalistas, e sim espiões ou agentes infiltrados. Fomos encapuzados e jogados dentro de um carro. Ficamos rodando por horas até tirarem o capuz e soltarem a gente no meio do mato. Não sabíamos que lugar era aquele. Passei por algumas situações apertadas. Essa de Israel me marcou muito. Posso dizer que já renasci algumas vezes. Essa não foi a primeira. Já estive em situações de tiroteio em que vi muita gente morrer do meu lado. No próprio terremoto da Turquia, em várias situações, as cidades balançavam do nosso lado! Imagina, você correndo

## Mestres da Reportagem

e as paredes desabando? Acho que tenho um anjo da guarda que me acompanha para todos os lugares em que vou. Se tem alguém com quem tenho dívida de gratidão é com esse anjo! O que ele já me salvou de enrascada não está escrito! Por isso eu rezo muito toda noite e agradeço. Embora seja um cara desconfiado de tudo, sou um católico fervoroso. Tenho muita fé, acho que não dá pra viver sem ela no mundo de hoje. Fé é o meu alimento.

**Você já cobriu também grandes eventos esportivos, como Copas do Mundo e Olimpíadas. O que diferencia a cobertura desses eventos para outros tipos de reportagem? Como deve ser a postura do jornalista nesses eventos?**

**CT:** Cobrir Copas e Olimpíadas é muito legal, pois o que se espera do jornalista é o olhar brasileiro num território desconhecido. Cobri as Olimpíadas de Atenas (2004), Pequim (2008), também as Copas do mundo da Alemanha (2006), França (1998), Coréia-Japão (2002) e a Copa da África do Sul (2010). O legal é ir pra rua sem pauta. Assim, o olhar do repórter permanece o tempo todo na reportagem. Quando estava lá cobrindo esses eventos ficava igual um cão farejador, olhando e procurando matéria. Quando você tem essa curiosidade em um país estrangeiro, aparece muita história legal. Eu fico imaginando um inglês descendo em São Paulo pela primeira vez na vida com a missão de sair produzindo reportagens para a *BBC*. Tenho certeza de que na hora em que ele chegar na 25 de Março com uma câmera na mão, ele vai fazer uma bela matéria! O problema é que a gente se acostuma com a nossa vida e com a nossa rotina. Por isso acaba não prestando muita atenção naquilo que está ao redor. Quando um jornalista pisa em um lugar desconhecido, ele precisa ter a curiosidade de trabalhar naquele lugar para mostrar algo novo ao público. Para mim, essa é a diferença de cobrir grandes eventos esportivos, ter a curiosidade de ir além para não fazer igual ao que todos fazem. É ir para o estádio procurando personagens na arquibancada, as figuras, não olhar apenas o evento em si. Isso é um exercício de criação. Você tem essa liberdade, pode fazer crônicas, criar textos mais leves em vez de cobrir *hard news* e matérias pesadas, nas quais a preocupação está no rigor da apuração, em ouvir o outro lado. Nas coberturas esportivas não tem o “vou ouvir o outro lado”.

**Você acredita que o Brasil está preparado para receber a Copa de 2014?**

**CT:** Acho que não. Minha avaliação é de que deveríamos estar com uma infraestrutura pronta para receber um evento dessa magnitude. Nossos aeroportos, nossas estradas, nossa rede hoteleira, nossa segurança pública, tudo tinha que ser muito melhor para sediarmos um evento assim. Por outro lado, acho muito legal e tenho certeza de que o povo brasileiro fará a diferença na Copa de 2014. Não tenho a menor dúvida disso e acho também que os estrangeiros vão ficar malucos com isso aqui. Não existe lugar em que as pessoas sejam mais bem acolhidas do que no Brasil. Não existe, eu já andei o mundo, eu sei! Falo isso com conhecimento de causa. Tenho algumas preocupações é óbvio. O que mais me preocupa nessas obras são como o dinheiro público está sendo investido. Mas eu quero crer que vai sair de uma forma ou de outra. Espero que a Seleção Brasileira não nos decepcione! Será uma tragédia se for eliminada no começo da competição. Se eles perderem vão ter que pegar um avião pra bem longe, não vai dar pra ficar aqui não.

**Tem algum caso curioso dos bastidores de alguma matéria que você pode nos contar?**

**CT:** Sempre tive esse olhar curioso sobre a vida. Quando vou pra rua, sempre tento observar algo diferente. Me lembro que uma vez estava indo fazer uma reportagem sobre robôs, a evolução da tecnologia, em uma universidade no interior da Inglaterra. E aí, nessa de ficar observando tudo de dentro do carro, eu vi uma engenhoca, uma coisa esquisita no quintal de uma fazenda, então pedi ao motorista para parar. Entramos para perguntar e descobrimos que aquilo era de um milionário excêntrico, um maluco que colecionava armas de guerras medievais. Ele havia construído uma catapulta no estilo do Império Romano e ficava atirando piano, carro velho, bomba de gasolina, entre outras coisas. Essa era a diversão do cara. Fiquei louco! Implorei para ele nos deixar mostrar a engenhoca. Ele aceitou. Depois, voltamos pra fazer duas reportagens para o *Fantástico*. Foi muito legal, ele era o “excêntrico inglês da catapulta”. Outra vez eu estava em Londres, lendo o *El país*, quando vi uma notinha sobre um povoado de solteiros na Espanha, no qual os homens estavam

## Mestres da Reportagem

procurando mulheres para casar. Logo saquei que aquilo tinha a cara do *Fantástico*. Recortei, liguei lá e marquei uma visita. Tivemos que voltar na semana seguinte para mostrar a revolução que a reportagem tinha provocado na vida dos homens do povoado de Villamiel. Foi uma explosão de brasileiras querendo ir pra lá. Congestionou o Consulado da Espanha e a Embaixada aqui no Brasil, pra você ter ideia! Tem outra também. Eu estava gravando uma reportagem em Portugal, quando perguntei para um cara assim: “Como eu chego a tal lugar a pé?” O cara respondeu: “Só um segundinho”. Daí ele desapareceu. Depois de uns 10, 15 minutos o homem apareceu. Estava esbaforido! Então me disse: “Dá pra ir a pé sim! O senhor pode ir lá que eu acabei de voltar!”. Então tem essas coisas engraçadas que mexem com a vida da gente [risos].

**Suas reportagens têm uma veia investigativa muito forte. Elas ajudaram a desvendar escândalos nacionais e derrubar poderosos, como nos casos do Juiz Nicolau dos Santos Neto, a prisão de Paulo Maluf, a prisão do chinês Law Kin Chong e a revelação da Operação Satiagraha, que resultou nas prisões do banqueiro Daniel Dantas, do ex-prefeito de São Paulo Celso Pitta, e do empresário Naji Nahas. Qual é o segredo para conseguir fazer matérias sobre temas tão espinhosos? As fontes te ajudaram ou há outros elementos importantes?**

**CT:** Você tem que ter dedicação e determinação. Quando comecei a me especializar, fui cultivando muitas fontes nas áreas do Direito, Polícia, Ministério Público, Justiça e Funcionalismo. Você vai conhecendo as pessoas e criando uma rede de contatos. Naturalmente as coisas vão voltando. O que pesa, a meu ver, é você ter lealdade às fontes, seriedade no trabalho e rigor na apuração. Isso tudo faz a diferença. Ter um distanciamento crítico também ajuda. Você tem que saber que aquela fonte é importante para você, mas ela tem que saber também que você não pode ser usado por ela. A fonte tem que ter uma noção clara do trabalho sério e profissional que você desempenha. Se ela quiser colaborar com o seu trabalho, ótimo. Se ela quiser te usar para alguma coisa, não vai funcionar. O que me ajudou nessas reportagens foi a lealdade que tive às fontes. Foi por meio delas que tive acesso a informações

ultraconfidenciais, mas que eu soube segurar, guardar para divulgar no momento oportuno. Eu já fui testado um milhão de vezes pelas minhas fontes. O repórter afoito, ou o jornalista que diz uma coisa e depois faz outra, não terá boas fontes. Se a pessoa que está conversando com você diz “isso daqui é um *off*” e, no dia seguinte, você publica aquela informação em um jornal, ela jamais terá contato com você novamente. É uma questão de exercício contínuo e inegociável de lealdade e honestidade. Passei por várias situações em que tive que ser honesto com a fonte no sentido de falar: “Eu não vou mais segurar isso”. A pessoa pode não gostar, mas pelo menos você foi honesto com ela. A preservação da fonte é tudo. Você não pode, em nenhum momento, revelar quem é ela. Por causa de várias dessas reportagens barra pesada que fiz, fui chamado pra depor, fui alvo de inquérito e de investigação interna de vários departamentos de órgãos. As minhas fontes eu não revelo. É uma questão de honra pra mim. Pode me prender, torturar, mas eu não revelo. Quem entra nessa área tem que saber o peso que é trabalhar nela. Você fica sem dormir, não come, passa nervoso, fica ansioso, mas é do jogo, entendeu?

**Qual foi o *start* para a reportagem investigativa que você fez sobre a operação Satiagraha, ou seja, que dado inicial te levou a apurar o caso?**

**CT:** Eu estava fazendo uma série de apurações sobre crimes financeiros, quando me deparei com esse caso. Quando você vai a fundo em determinada área no jornalismo, é natural que você acabe tomando conhecimento de situações que seus olhos, a princípio, não estavam mirando. E aí – obviamente - pelo teor do caso, de interesse público, e pelo valor jornalístico determinado assunto passa na frente dos demais e entra para o rol das prioridades. Isso ocorreu neste episódio.

**Ainda sobre a Operação Satiagraha, foi a partir de uma fonte que você teve acesso antecipadamente aos mandados de prisão e ao conteúdo das decisões judiciais?**

**CT:** Jamais falarei se foi uma, duas, três, dez ou mais fontes. Um dos segredos da reportagem é o sigilo total da(s) fonte(s). Questão inegociável.

**Quanto tempo durou a investigação até a prisão de Dantas, Nahas e Pitta? Que técnicas jornalísticas você utilizou especificamente nessa matéria?**

**CT:** A investigação toda levou mais de um ano. Um jornal da capital paulista chegou a revelar a existência dela. Isso gerou um tremendo interesse da grande mídia. E, claro, quando tem muita gente de olho no mesmo assunto, as especulações aumentam na mesma proporção que a dificuldade da apuração jornalística. Correram muitos boatos, muitas pistas falsas, muito desencontro de informações. Foi preciso ampliar ao máximo o leque de fontes para checar cada fragmento do caso e avançar nas apurações. Não se faz um trabalho dessa natureza, com equilíbrio e transparência, sem a consulta a muitas fontes. Incluindo aí advogados, parentes e pessoas próximas dos próprios investigados.

**Qual foi o momento mais tenso dessa investigação? Você chegou a ser processado?**

**CT:** Toda apuração de peso é tensa, desde o primeiro momento. Sempre me pautei pela ética e pela total independência nas apurações. É preciso fazer o papel de advogado do diabo o tempo todo. Ficar questionando as fontes, duvidando delas, conferindo e checando informações com a maior quantidade de fontes possíveis. E tudo isso tendo o cuidado de não estragar o seu próprio trabalho com vazamentos antecipados ou informações equivocadas. Eu nunca fui processado nesse caso como em nenhum outro dos grandes escândalos que já cobri. E atribuo a isso ao rigor nas apurações jornalísticas, o direito sagrado do contraditório, o tratamento sempre educado e ético com os acusados e o respeito total à lei. Tudo o que sempre divulguei foram provas e acusações produzidas pela Polícia, Ministério Público e com aval da Justiça.

**No esquema de corrupção envolvendo Paulo Maluf, é verdade que você começou a investigação a partir de informações exclusivas de funcionários de empreiteiras que eram aliados do esquema? Fale um pouco sobre os bastidores dessa matéria.**

**CT:** As primeiras informações e apurações começaram por parte de

peessoas que se sentiram prejudicadas, quase sempre financeiramente. Não receberam a parte prometida, não tiveram a participação reconhecida, foram passadas para trás, seja no bolso, na cama, nos negócios. As investigações jornalísticas que envolveram o caso Maluf duraram mais de dez anos, com algumas dezenas de reportagens que foram ao ar. Imagine a quantidade de fontes dentro e fora de empreiteiras, dentro e fora da família dos próprios acusados, dentro e fora da esfera das autoridades envolvidas?

**Você já foi ameaçado de morte alguma vez?**

**CT:** Ah, mais de 50 vezes! Várias, várias e várias vezes. Já me encostaram na rua pra dar recado, já recebi recado de terceiros, ameaças anônimas por telefone, por carta. Mas eu nunca tive medo disso, porque sempre tratei as pessoas muito bem. Mesmo aquelas que já foram denunciadas em reportagens feitas por mim. Desde a máfia do combustível, do crime organizado na adulteração de gasolina, passando por grupos de extermínio, e as grandes reportagens sobre crimes políticos e financeiros. Nunca tive diferenças pessoais com ninguém. Não trato as pessoas mal. Sempre as chamo por senhor, senhora. Dou oportunidade para a pessoa falar, tento deixar claro que não é nada pessoal, mas profissional. Por isso nunca acreditei nas ameaças, pois nunca tripudiei ninguém. O mundo dá muitas voltas. Um dia você está entrevistando... no outro tromba com o entrevistado na rua. Por isso, você tem que respeitar o tempo todo, seja quem for, pode ser o seu pior inimigo. Eu me lembro do dia em que o Paulo Maluf foi preso. Flávio, o filho dele, estava junto e foi preso com o pai. Eles estavam na carceragem da Polícia Federal e eu estava lá dentro gravando tudo sozinho. Não tinha mais ninguém da imprensa, só eu e o Flávio, que estava algemado e tinha que subir para a carceragem que era no 3º ou 4º andar da PF. Ele estava com umas malas de roupa que a mulher dele tinha mandado. Eu fiquei sensibilizado com a situação. Então carreguei as malas para dentro da carceragem. Eu disse: “Eu te ajudo”. Peguei as malas dele, subimos o elevador juntos. Ele entrou na carceragem e eu deixei as malas na porta. Acho que não tem nenhum repórter no Brasil que denunciou mais o Maluf do que eu, e mesmo assim eu não tenho raiva, nem ódio dele. Foi o Maluf, mas poderia ser um outro



## Mestres da Reportagem

político. Não tenho preferências partidárias. Só quero exercer meu ofício com seriedade, pautado pelo interesse público e pela certeza de trabalhar com informação de qualidade, com provas robustas.

**Você chegou a ser acusado de ter parentes que trabalhavam na cúpula da Polícia Federal e que só teria conseguido fazer essas reportagens por ter um tratamento privilegiado no órgão. De que forma você responde a essa crítica?**

**CT:** Eu nunca tive parente na Polícia Federal. Isso é tudo especulação. Eu atribuo essa acusação mentirosa ventilada na Internet à pura ciúmeira pelos furos de reportagem que eu dei juntamente com os produtores que sempre trabalharam comigo. Se eu tivesse algum parente na PF, pobre desse parente, né não?! Não ia durar uma semana lá, concorda? Nunca tive parente nem no baixo e nem no alto escalão como chegaram a dizer na Internet. Disseram também que eu estava vestido com o uniforme da PF no dia da prisão dos Maluf! Eu nunca usei e jamais usaria uniforme da PF! O boné que eu usei no dia da prisão estava escrito “*Hugo Boss*” e minha jaqueta era bege. A Polícia Federal usa colete preto escrito em amarelo. Lembro que aquela foi a primeira roupa que peguei do armário na madrugada em que eu soube que o Flávio Maluf ia pousar em um heliponto, aqui em São Paulo. Fui com o meu próprio carro para o local. Não queria que ninguém me visse ali e estragasse a minha gravação. Imagina que eu ia usar um distintivo ou um boné da PF? Repito: eu nunca faria isso. Prezo pela minha total independência, antes de mais nada. Já fiz muitas reportagens críticas à PF. Nunca escondi que sou muito competitivo. Nessas histórias eu abraço a causa e vou até o fim. Muita gente ainda acredita que nessa área eu fui privilegiado por alguém que um dia foi com a minha cara, mas nunca foi assim. Foi uma carreira construída com muito sacrifício, entendeu? São noites sem dormir, finais de semana gastos em nome do trabalho, folgas sacrificadas, conversas até altas horas da madrugada com as fontes, viajando pra tudo quanto é lado sozinho, indo buscar documentos, entrando em cartórios, checando papel, indo falar com juiz, com promotor... É um trabalho solitário e penoso, até você conquistar a confiança de alguém pra receber uma informação de qualidade. Desde o dia em que nasci nada caiu do céu pra mim, sempre foi

muito difícil conseguir as coisas e até hoje é. Eu até acho engraçado porque muita gente tem uma ideia totalmente equivocada do que é trabalhar nessa área. Pensam que os escândalos caem do céu para quem trabalha na *Globo*. Às vezes eu até brinco: digo que as pessoas acham que estou chegando à TV e, de repente, cai um fardo de documentos em cima do meu carro com uma denúncia de corrupção contra um político conhecido. Antes fosse fácil assim! Mas é o inverso. É sempre um parto para conseguir as coisas. Às vezes você consegue um documento, mas tem que provar a veracidade dele. Tem que ir atrás, checar, conseguir fontes dentro da família das pessoas para que te ajudem. É difícil.

**No portal *Memória Globo* há um perfil sobre a sua trajetória. O texto faz referência à reportagem sobre a prisão do contrabandista chinês Law Kin Chong e traz uma fala sua, afirmando que essa foi a matéria mais difícil de sua carreira. Por quê?**

**CT:** O Law era tido como um Todo-Poderoso em São Paulo. Andava pela cidade com batedores, com escolta de seguranças. Fechava ruas e esquinas para passar e descer do carro. Mandava e desmandava. E ficava sabendo de tudo o que era operação policial, investigação em cima dele, com antecedência. Tudo vazava pra ele rapidamente e, assim, ele sempre se antecipava e conseguia evitar complicações para ele. Law foi se fortalecendo ao longo do tempo até ganhar fama de “intocável”. Isso explica o grau de dificuldade para fazer fontes, ter o acesso às investigações, ganhar a confiança das pessoas numa operação que resultou na prisão em flagrante do Law por corrupção. Até mesmo dentro do judiciário o caso era tratado em código e com total sigilo. Foi preciso todo cuidado do mundo para fazer frente ao poder de fogo do Law, dono de uma habilidade impressionante para montar uma rede de relacionamentos.

**Você ganhou o *Troféu Barbosa Lima Sobrinho* com a reportagem sobre a máfia que agia adulterando gasolinas em São Paulo. O esquema foi descoberto a partir de uma denúncia?**

**CT:** Não foi uma denúncia. Foram várias suspeitas. Pessoas que nos procuravam desconfiadas de que tinham estragado os próprios carros com

## Mestres da Reportagem

gasolina batizada. Isso nos chamou muito a atenção. Resolvemos então procurar as pessoas sérias do setor para saber se isso de fato estava ocorrendo. Puxamos um fio de um novelo poderoso e perigoso. E aí avançamos, indo a fundo para desvendar um esquema multimilionário de lavagem de dinheiro e fraudes de todo tipo contra o consumidor. Felizmente, há sempre muita gente séria e correta que se dispõe a colaborar. Seja no anonimato ou dando a cara pra bater. Eu sempre fui e serei muito grato a essas fontes de credibilidade irretocável.

### **Que técnicas de reportagem você costuma usar em suas matérias investigativas?**

**CT:** Basicamente faço um trabalho muito rigoroso de apuração. Quando as pessoas me trazem uma denúncia, por exemplo, a primeira coisa que eu desconfio é das próprias pessoas. Sempre digo que nessa área ninguém acorda com um lampejo de cidadania, ou de arrependimento, e diz assim: “A partir de hoje eu vou deixar pra trás o meu passado de sujeira, vou virar essa página e ser um exemplo para a sociedade”. Todas as grandes denúncias nascem de ódio, de desejo de vingança e de sabotagem. Alguém dentro do esquema não foi favorecido naquilo que queria e resolveu denunciar. Ou a motivação é passional. Uma traição sob os lençóis. Você tem que desconfiar de tudo o tempo todo. Eu já recebi dossiês falsos, armadilhas e áudios em que tive que checar a veracidade da voz. Precisamos nos perguntar o tempo inteiro: “Será que isso daqui é isso mesmo? Essa fonte é de confiança? Será que não estou sendo usado?”

### **Qual é a fórmula da boa reportagem?**

**CT:** Como jornalistas, devemos sempre estar atentos ao que a população nos pede. Isso você consegue com a observação. É o ônibus que está sempre lotado, é o Metrô abarrotado de gente, são as linhas da CPTM que não dão mais conta da demanda, é o posto de saúde que não tem médico, é a corrupção policial que atrapalha a vida do morador, é a falta de iluminação pública, é a água da Sabesp que chega com problema, são tantas coisas... Fazer reportagem é exatamente isso. É olhar para as pessoas que estão à sua volta e ouvir o que elas estão dizendo. É brigar por

essas pessoas. Valorizar a cultura, a cidadania, fazer a defesa do consumidor, isso representa o bom jornalismo. É por isso que eu digo: “Sou um idealista”. Quero acreditar que podemos melhorar. Somos uma sociedade com condições de avançar em todas as áreas. Moramos em uma cidade rica, que faz grandes arrecadações. Se o dinheiro for empregado com seriedade, ele pode ser revertido em benefícios para a população. É nisso que eu penso o tempo todo.

*“Nunca tive parente na Polícia Federal. Isso é tudo especulação. Eu atribuo essa acusação mentirosa ventilada na Internet à pura ciúmeira pelos furos de reportagem que eu dei juntamente com os produtores que sempre trabalharam comigo.”*

### **Você não acha que está iludido?**

**CT:** Talvez o otimismo não conserte o mundo, mas o pessimismo só estraga! Eu prefiro ter essa opinião. Como eu já disse, venho de uma família muito pobre, minha mãe vendeu amendoim na porta de estádio. Recebi essa educação dentro de casa. Minha família é uma família de guerreiros, e eu tenho isso no meu DNA. Tenho que acreditar que vai dar certo. No dia em que eu achar que não dá mais, pego o meu boné e faço outra coisa. Como todas as profissões, o jornalismo também cansa. Mas aí eu fico pensando: “O que eu faria, se não fosse repórter e jornalista em tempo integral?”. Não consigo imaginar. Sou um cara muito realizado no que faço. Muito mais pelo conteúdo do meu trabalho do que pelo status que tenho. Acho essa questão de status uma grande bobagem. O grande problema dos jornalistas atuais, dessas novas gerações, é que eles querem ser jornalistas pelo status, para aparecer na televisão, serem reconhecidos na rua, virarem celebridades. Eu nunca tive essa ilusão, nunca imaginei na minha vida que fosse trabalhar em TV. Achei que minha carreira fosse na imprensa escrita, porque sempre gostei muito de escrever. Fui para a televisão por acaso e acabei dando certo. Eu vejo os jovens muito iludidos em relação a isso. O sujeito está no primeiro ano de faculdade e já sonha em ser apresentador do *Jornal Nacional*. O cara não lê jornal, não se aprofunda em nada, não conhece uma obra da literatura brasileira e quer

## Mestres da Reportagem

ser âncora do *Jornal Nacional*, apresentar o *Fantástico*, ser correspondente internacional... Isso não existe. O problema é que ninguém quer começar de baixo. O cara quer sair da faculdade e já entrar na *Globo*, começar ganhando bem, escolher os assuntos que quer cobrir. Eu levei 21 anos só de *Globo* para chegar onde cheguei. Jornalismo não é profissão de celebridade. Se você quer ser celebridade, vai fazer novela, vai virar cantor sertanejo. Jornalismo não é isso. É dedicação, é olhar para a pessoa do seu lado e que não tem professor na escola e falar: “Vou fazer uma reportagem mostrando isso, porque não é justo”.

### **O Brasil investe o suficiente no gênero reportagem?**

**CT:** Eu acredito que sim, mesmo com todas as limitações das empresas em um país como o nosso. Ainda vejo muito sensacionalismo de uma parte da imprensa, mas, por outro lado, existem reservas de credibilidade. Gente trabalhando com seriedade. Na *Globo* há uma preocupação muito grande em formar bem seus repórteres, em suprir as deficiências dos jovens que vêm das faculdades. De ensinar do curso de português à postura, da apuração à reportagem, enfim. O fundamental para o jornalista é jamais perder a capacidade de se indignar. Na hora em que você se acostumar que o ônibus está lotado porque historicamente ele sempre foi lotado, ferrou! Você está morrendo como jornalista. Você não pode aceitar que o ônibus seja sujo, superlotado e caindo aos pedaços. Não era para ser assim. As pessoas pagam impostos, a passagem é cara! O ônibus deveria ser bom, ter ar condicionado, o motorista tinha que parar no ponto, passar na hora certa. É isso que eu percebo. Grande parte dos jornalistas está perdendo a capacidade de se indignar na profissão. E os jovens repórteres estão mais preocupados em virar celebridade do que arregaçar a manga, amassar barro, ir pras ruas e fazer matéria com o povo.

***Olhar Crônico* é um livro que reúne experiências pessoais e profissionais durante os cinco anos em que você trabalhou como correspondente em Londres. Os textos são leves e agradáveis, linguagem literária. Você sofreu alguma crítica por não escrever um livro exclusivamente jornalístico?**

**CT:** Não, pelo contrário. Me lembro que na época revistas e jornais

fizeram resenhas super positivas do livro. Acredito que exatamente por ele mostrar o outro lado da profissão. Eu sempre gostei muito de escrever e quero voltar a fazer isso. Tenho vontade de fazer mais crônicas, lamento não ter tido tempo para isso. Eu fiz o livro muito mais pra mim mesmo. Como um livro de memórias de um período muito produtivo e fascinante da minha vida. Estava voltando de Londres e não queria perder esse retrato da minha vida lá fora. Então pensei no avião: “Vou escrever um livro para que lá na frente eu possa me lembrar daquilo tudo que fiz de mais marcante na temporada de correspondente internacional”. E felizmente, pelo amor e dedicação, foi um livro que acabou dando muito certo.

*“O grande problema dos jornalistas atuais, dessas novas gerações, é que eles querem ser jornalistas pelo status, para aparecer na televisão, virarem celebridades. O sujeito está no primeiro ano de faculdade, não lê jornal, não se aprofunda em nada, não conhece uma obra da literatura brasileira, e quer ser âncora do Jornal Nacional.”*

**Na cobertura que fez sobre a morte da Princesa Diana, você disse que passou dias de cão em Paris. Lá você fez a reconstituição do percurso feito pela princesa no dia do acidente. Conte como foi cobrir um acontecimento histórico como esse.**

**CT:** Fizemos o documentário para o *Globo Repórter*. Eu fui o primeiro jornalista brasileiro a anunciar a morte dela. Foi num sábado à noite, estava tendo um jogo da Seleção Brasileira. Eu lembro que o Galvão Bueno interrompeu a transmissão e me chamou ao vivo do escritório de Londres para anunciar a morte. Foi uma comoção geral. Peguei o primeiro trem que ia pra Paris. Fiquei lá quase 10 dias e depois voltei para cobrir o funeral em Londres. A Diana era um ícone de status, poder e beleza. Ao mesmo tempo em que soube se vender muito bem para a mídia, acabou sendo alvo da própria mídia. Tudo o que ninguém imaginava aconteceu com aquela mulher poderosa e aparentemente infalível. Do mesmo jeito que ela conheceu a glória, morreu de maneira estúpida - quase aos pés da torre Eiffel. Até hoje é uma morte inacreditável.

### **Como está sendo a experiência de apresentar o *SPTV Primeira Edição*? Você poderia contar um pouco da sua rotina?**

**CT:** Ah, eu sou alucinado pelo *SPTV*. Amo aquele jornal! Ele é a síntese do que eu sempre sonhei como jornalista. É um jornal para defesa do cidadão, que dá voz às pessoas. É muito legal e a resposta é maravilhosa, as pessoas interagem, chove e-mail. Elas se sentem representadas. A cada dia que passa tento ficar mais solto, mais próximo do público. Eu circulo muito pela cidade. Ando de trem, de ônibus, de metrô, vivo lá no “centrão” andando pelos calçadões. As pessoas me param para conversar. Acho que o âncora não pode perder esse perfil de repórter. Você tem que ter o contato com a população mesmo, sabe? Eu, na medida do possível, sempre vou fazer matéria. É legal você falar com conhecimento de causa, isso dá mais credibilidade. Eu levanto às 5h45 e saio de casa umas 6h30. Às 7h já estou na redação da *TV Globo*. Às 7h30 fazemos uma reunião de pauta para definir o que vai rolar no dia. Depois dessa reunião, eu começo a me aprofundar nos assuntos que irão para o ar. Leio as pautas, telefono para as pessoas. Recentemente teve o acidente do Metrô [ocorrido no dia 16 de maio de 2012, envolvendo dois trens na linha 3-Vermelha em São Paulo]. É um caso clássico, pois ficamos sabendo do acidente às 10h, faltando apenas duas para o jornal ir para o ar. Tivemos que mudar tudo. Liguei para o presidente do Metrô, para o Secretário dos Transportes, falei com os assessores. Tento fazer esse papel de apurador o tempo todo para que no momento em que eu for para o estúdio eu esteja embasado, com bastante informação. Quando o jornal termina, temos outra reunião de pauta, das 13h30 às 14h30. Somos uma equipe maravilhosa. De gente guerreira e dedicada. Que se respeita e que se ajuda muito o tempo todo. Eu almoço depois das 15h. Mais tarde vou pra rua apurar as notícias, encontrar fonte, visitar autoridade, circular pela cidade. Desde que me entendo por gente sempre trabalhei 12 horas por dia. Eu não perdi isso e acho que não vou perder nunca, me acostumei. Não consigo ir pra casa cedo. Mas eu faço com prazer, entendeu? Não é um sacrifício, eu gosto.

### **Deixe um conselho para quem está começando na área jornalística e deseja trabalhar como repórter.**

**CT:** Não glamourize a profissão. Qualquer jovem pode ser um exce-

lente repórter e um excelente jornalista, basta ter dedicação, vontade de fazer, determinação, humildade e correr atrás. Amassar barro, começar de baixo, fazendo estágio, pequenininho, porque quanto mais cedo você começa, mais rápido aprende com seus próprios erros. Quanto mais de baixo você começa, menor é a repercussão deles. Se você já começa numa empresa grande, um pequeno erro pode custar a sua carreira. Se você está em um lugar pequeno, um pequeno erro pode não te sacrificar tanto. Acredite e faça um bom trabalho. Não perca a capacidade de se indignar. Seja muito leal e leve uma vida digna, ética. Eu peço nota fiscal até em padaria. Minha vida já foi revirada algumas vezes por todas as pessoas que já denunciei. Já contrataram detetive particular, já grampearam meus telefones, já fizeram de tudo e nunca pegaram nada. Eu vivo o que prego. Se você se propôs a fazer alguma coisa na vida tem que ter consciência do quanto aquilo vai te custar. Então, eu levo uma vida correta. Paro na faixa de pedestre para as pessoas atravessarem, não ando sem cinto, não bebo antes de dirigir, não fico dando mole na rua, evito esse mundo de celebridade. Tô fora disso, totalmente. Eu não tenho ilusões. A maturidade me trouxe uma coisa muito importante: os pés no chão. A cada dia que passa quero levar uma vida mais discreta. Me sinto bem assim. Se as pessoas querem me ver, me vejam na *Globo*. Eu não vou a lançamento de produtos, festas, badalação, nada. Quando entro nos lugares, eu procuro a última mesa pra sentar, não gosto de ficar aparecendo em público. Ando de cabeça baixa na rua pra ver se ninguém me reconhece, sei lá, cada um tem um jeito. Eu já vi muita gente nesses 20 anos em que estou na *Globo* tombar por acreditar que era mais importante do que a notícia. Nada é mais importante do que a notícia. As pessoas vêm e vão, mas a empresa continua aí, firme e forte. Outro dia eu *twitteei* uma coisa que muita gente repercutiu. Eu disse que a “sandália da humildade” tinha que ser item obrigatório de fábrica. Todo mundo devia ter a sandália da humildade pra ver se consegue baixar a bola. Tem muita gente que se acha no jornalismo. A vida é tão maior que isso, e a gente é tão pequeno diante da imensidão do universo... Bom, é isso! Amor à camisa e vontade de aprender sempre. ♦





A black and white photograph of a man walking past a building. He is wearing a light-colored t-shirt and a dark backpack. He is looking to his right. In the background, there are other people, some wearing dark clothing, and a building with a corrugated metal awning.

# **CID MARTINS**

***"O segredo é  
tentar olhar a história  
por outro ângulo"***



## O repórter Cid Martins aponta a contextualização como um dos principais diferenciais do texto no rádio

*Por Alexandra da Costa Silva e Wânia Ferreira Silva,  
com colaboração de Daniela Gualassi*

O gaúcho Cid Martins, 41 anos, percebeu sua vocação jornalística ainda na infância. Nas brincadeiras com seu pai, adorava recortar e colar notícias de jornal e depois narrá-las, registrando tudo com um gravador. A influência paterna fez com que o seu “fazer jornalístico” se voltasse para o rádio. Seu pai ficou cego em 1994, inspirando o jornalista a trabalhar nessa mídia. Ele começou a preparar as matérias da maneira mais contextualizada possível, sempre se colocando no lugar do pai, de modo a tornar as reportagens possíveis de serem visualizadas por um deficiente visual. Acabou criando uma fórmula eficiente para os textos voltados a esse veículo.

Cid Martins começou a trabalhar como estagiário, no final de 1995, na revista de esportes *GOOL*, de Porto Alegre. No ano seguinte, partiu para outro estágio, na *Rádio Bandeirantes*, na qual foi contratado em 1997. Em 2001, deixou todas essas atividades para aceitar um convite da *Rádio Gaúcha* (do Grupo RBS, ligado à Rede Globo), na qual atua até hoje como repórter investigativo.

Fez diversas matérias que ganharam destaque, dentre elas as investigações sobre a atuação de um grupo neonazista na região sul do país e sobre funcionários fantasmas na Câmara Municipal de Porto Alegre.

Ganhou 67 prêmios no jornalismo, entre eles três *Imprensa Embratel* e quatro *Vladimir Herzog*. Nesta entrevista, ele destaca as dificuldades diárias de um jornalista investigativo de rádio e ressalta que o bom repórter

## Mestres da Reportagem

deve estar sempre “preocupado em esgotar todas as dúvidas que impeçam a divulgação da matéria” e “não trabalhar pelo glamour”.

**É verdade que você escolheu o jornalismo por gostar de História e por influência do seu pai?**

**Cid Martins:** Sim, sempre brincávamos de gravar e narrar jogos, recortar jornais e revistas e ler as notícias gravando. Até hoje tenho esses recortes, bem como as gravações. Além disso, meu pai ficou cego em 1994 e foi por isso que resolvi trabalhar em rádio. Sempre digo que é uma forma de ele me ver um pouco a cada dia. Meu pai é, ao mesmo tempo, meu maior ouvinte e crítico.

**Considera importante o jornalista fazer graduação de História?**

**CM:** Acho importante e é o que vou fazer depois que meus filhos crescerem um pouco mais, talvez daqui a cinco anos. Mas com uma condição, se meu pai puder participar das aulas. Passamos horas conversando sobre História e futebol. História é importante para contextualizar as matérias, falta muito disso hoje em dia.

**Você começou a trabalhar no jornalismo em qual veículo?**

**CM:** Comecei na *Rádio Bandeirantes AM*, de Porto Alegre, depois fui para a *TV Bandeirantes*, a seguir para o *Jornal do Comércio* de Porto Alegre e, desde 2001, estou na *Rádio Gaúcha*, do *Grupo Zero Hora*.

**Qual foi a primeira reportagem que você sentiu orgulho de fazer por ter ajudado alguém?**

**CM:** Foi uma matéria que fiz em 2000, na *Rádio Bandeirantes*. Um senhor ligou para a redação e ninguém queria atendê-lo, até que vi o telefone lá à espera. Falei vários minutos com ele. O resultado foi que a história desse homem se transformou em um dos cinco casos de uma matéria que fiz sobre anistia. Descobrimos que cerca de 500 gaúchos, que foram perseguidos pela ditadura, ainda aguardavam por seus direitos. Para ter uma ideia, esse senhor leu aos prantos um poema que fez para

esposa morta na ditadura. Fomos com ele até a ilha do Presídio, no Guaíba, onde ficaram os presos políticos, inclusive o ex-marido da atual presidente Dilma Rousseff. Foi emocionante chegar de barco ao local, num dia semelhante àquele em que ele chegou naquela época.

*“Meu pai ficou cego em 1994 e foi por isso que resolvi trabalhar em rádio. Sempre digo que é uma forma dele me ver um pouco a cada dia.”*

**Em palestra na quinta edição do Congresso Brasileiro de Jornalismo Investigativo, você afirmou que faz reportagem para o rádio de maneira que o ouvinte possa “enxergar” o que está ouvindo. Você diz que sempre se coloca no lugar do seu pai, que é cego. Qual é o segredo para fazer um texto para o rádio que proporcione essa “visão” ao ouvinte?**

**CM:** O segredo é tentar olhar a história por outro ângulo, buscar contextualizar e fazer algo que seja simples, mas que tenha um pouco mais do que o fato em si. Ou seja, quando estiver relatando um fato, relembrar o que já ocorreu naquele local ou algo semelhante ou até mesmo relembrar todos os fatos que levaram ao atual. Não é muito fácil no dia a dia de um repórter, devido à falta de tempo, mas esta é a diferença. As matérias especiais já são diferentes por si só, mas também exigem que saibamos fugir daquele texto básico com trilha sonora de fundo. É preciso ter efeito sonoro, e fazer, guardando as devidas proporções, como se fazia nas antigas radionovelas. Outra regra é fazer uma boa abertura, tanto em efeito quanto em texto. Tem que chamar a atenção do ouvinte para o restante. As matérias também não podem ser muito longas, é melhor dividi-las.

**Que outras peculiaridades a reportagem do rádio têm em relação a outros veículos?**

**CM:** A reportagem de rádio faz a pessoa imaginar, daí a importância do efeito sonoro, da boa dicção. Não precisa vozeirão, mas falar pausado e correto. Mesmo em locais mais tensos, tem que ter calma para transmi-

## Mestres da Reportagem

tir e é importante passar a real situação do local. Foi assim no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Havia tiro para todo o lado, mas tive que ter tranquilidade para repassar uma informação correta e audível. Com a tecnologia, fizemos até imagem pelo rádio, via *Twitter*. Nós estávamos lá dentro, na ocupação. As TVs chegaram mais tarde e não havia como botar um link lá dentro, só conseguiram transmitir depois, via *Skype*. Então, o rádio foi o destaque. Os ouvintes da *Rádio Gaúcha* viam pela TV as imagens do lado de fora do complexo e ouviam a narração de tudo o que acontecia ali dentro, as barricadas, drogas, prisões e, mais do que isso, com imagens pelo site e pelo *Twitter* da *Rádio Gaúcha*. Para completar, o rádio é instantâneo.

**Alguns jornalistas não gostam da expressão “jornalismo investigativo”. Você acredita que existem matérias que demandam mais investigação que outras?**

**CM:** Como já disse, tudo é investigação. A diferença é o tipo de programa, no caso do rádio, que tu vai trabalhar. No dia a dia é mais simples, é o *hardnews* mesmo. Agora os especiais levam um pouco mais de tempo, sendo necessário pesquisar e investigar mais e mais. Por isso, exigem algo mais diferenciado para chamar a atenção do ouvinte. Atualmente, como somos multimídia lá na *Gaúcha*, fazemos matéria para o rádio, sites da *Gaúcha* e do *Zero Hora* e até para o jornal [*Zero Hora*]. Para a TV, faço matérias em parceria com os repórteres Fábio Almeida e Giovani Grizotti. Resumindo, tudo é investigação, apuração. A diferença é o tempo para preparar a matéria, o tipo de conteúdo e a escolha do local para divulgação.

**Que qualidades um bom repórter investigativo deve ter?**

**CM:** Deve ser desconfiado, preocupado em esgotar todas as dúvidas que impeçam a divulgação da matéria. Ouvir todos os lados e repercussões possíveis e fazer bons flagrantes, ter bons documentos. A gente sempre diz que denúncia é pauta, só que precisa ser apurada. O jornalista investigativo tem que ter a necessidade de querer mostrar o oculto, o que prejudica um sistema, a sociedade, o meio ambiente. É mostrar o que ninguém consegue ver na busca de tentar fazer com que os responsáveis

pelos fatos sejam desmascarados e que as autoridades responsáveis tomem providências.

**A matéria *Tecnologia a Serviço do Crime*, que rendeu para você, em 2011, o prêmio *José Hamilton Ribeiro*, envolveu interesses de criminosos. Você correu risco de morte trabalhando nessa reportagem investigativa?**

**CM:** Nessa reportagem não. Foi baseada em contatos pela Internet, MSN, celular e conversas com advogados, namoradas de presos que fizeram os contatos iniciais pela Internet e autoridades policiais. Mostramos que os presos também estão usando tecnologia e, muitas vezes, até para fugir dos próprios meios de investigação da polícia. Mas não corri risco nessa. Já tive situações complicadas em outras oportunidades e fiquei até sem trabalhar por um período. Uma matéria envolvia funerárias e a outra ladrões de carga.

*“O jornalista investigativo tem que ter a necessidade de querer mostrar o oculto, o que prejudica um sistema, a sociedade, o meio ambiente. É mostrar o que ninguém consegue ver na busca de tentar fazer com que os responsáveis pelos fatos sejam desmascarados e que as autoridades responsáveis tomem providências.”*

**Como um repórter investigativo faz para ter uma vida normal, já que muitas vezes afeta interesses de grupos poderosos?**

**CM:** É complicado. Eu uso um apelido e tomo cuidado em relação à minha família. Quando a matéria é muito complicada, já houve o caso de sair até sem assinatura. Moro em um lugar seguro e vivo mais em ambientes fechados. Como nosso alcance é regional, férias e viagens sempre são para fora do Rio Grande do Sul ou do Brasil.

**Como é a sua rotina como repórter da *Rádio Gaúcha*?**

**CM:** Como em todas as rádios do Brasil, é difícil ficar sempre fora da pauta para fazer especiais, investigações mais complexas. Já fiquei dois



## Mestres da Reportagem

meses inteiros envolvido numa investigação que, no final, indo e voltando para a pauta, levou um ano e dois meses para finalizar. O resultado foi desmascarar a ação de neonazistas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Então, tenho que auxiliar a equipe de jornalismo no dia a dia, principalmente em pautas um pouco mais complexas ou na área policial. Geralmente eu mesmo me pauto.

**Você acredita realmente que hoje vivemos uma situação de liberdade, já que nem tudo pode ser falado e alguns veículos continuam escondendo informações que prejudicam grupos poderosos?**

**CM:** Nunca me aconteceu isso na *Gaúcha*, mas ressalto que temos sempre o cuidado em divulgar algo correto e que não nos prejudique. Isso vale para um grupo poderoso que está sendo investigado ou até mesmo o cuidado em checar o nome de uma pessoa morta no trânsito. Essa é a nossa preocupação.

**Você é um dos repórteres mais premiados do Brasil, com 67 prêmios. Qual é o segredo para alcançar esse reconhecimento?**

**CM:** Acreditar que seu trabalho pode fazer algo diferente para o teu país. O prêmio é uma consequência, que é boa, não sou hipócrita. Mas tu nunca vai me ver em prêmios de economia, por exemplo, não é minha área. Geralmente, são prêmios gerais ou ligados a questões policiais e de trânsito. Enfim, o reconhecimento pra mim é a certeza de que fiz a escolha certa lá na faculdade; e na infância, quando gravava entrevistas e narrava fatos com o meu pai.

**Pode nos contar sobre os bastidores da cobertura que você fez sobre os neonazistas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina? É verdade que você raspou a cabeça e se inseriu em um grupo para colher melhor as informações para a reportagem?**

**CM:** Sim, raspei a cabeça, fui a festas com eles, fomos a encontros, fundamos uma ONG, em resumo, valeram minhas aulas de teatro na Faculdade da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] [risos].

Nessa reportagem, convivi com eles por mais de um ano, e meu colega Fábio Almeida fazia os contatos virtuais. Depois disso, veio a repercussão, a investigação policial, os prêmios, as dezenas de palestras em faculdades e escolas e convites para livros; bem como um curso que fiz de jornalismo investigativo na Alemanha, um ano após a matéria. Conviver com essa gente foi complicado, fora da nossa realidade. Trata-se de uma minoria de classe média que feriu muita gente. Três anos depois da nossa matéria, eles se envolveram em um duplo assassinato no Paraná. Na reportagem, explicamos tudo sobre neonazismo, até fatos históricos; bem como trouxemos depoimentos de familiares que não sabiam das ações dos filhos, de psicólogos e, o mais emocionante, de um sobrevivente do holocausto. Descobrimos músicas e cartilhas que falavam como ser um neonazista. Descobrimos até uma livraria clandestina em Porto Alegre e acompanhamos todo um processo judicial de seis neonazistas, depois que denunciemos as ações deles à polícia, que virou referência no assunto e montou um banco de dados.

*“A questão é saber chamar a atenção do ouvinte, leitor, telespectador e internauta com boas sacadas, textos e conteúdo histórico. É muitas vezes fazer o que todos já fizeram, mas com novos ângulos e perspectivas.”*

### **O que mais o chocou nessa matéria?**

**CM:** Foi como ver um filme que acontecia debaixo do nosso nariz. O choque foi descobrir que, no interior, o sentimento de racismo ainda é grande em pequenas comunidades. Posso dizer que é até um sentimento de superioridade, e falo de gente nova e velha também. Me chocou ter de xingar um negro na frente dos neonazistas e, mais uma vez, me lembrei das aulas de teatro para não ser desmascarado. Nessa cobertura, se não fosse a História, não teríamos um trabalho como esse, dos Nazistas Sulinos.

### **Qual foi a matéria investigativa que deu mais trabalho? Quanto tempo levou nela e por quê?**

**CM:** A dos nazistas levou mais tempo, porque acompanhamos dois

## Mestres da Reportagem

grupos para ver as ações e ganhar a confiança deles. Foi um ano e dois meses. Mas deu trabalho também desmascarar funcionários fantasmas na Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Tivemos que inventar serviços para flagrar os servidores por mais de dois meses atuando em empresas e escritórios próprios nos horários em que deveriam estar na Câmara. Em TV até pode ser mais fácil, mas em rádio, tivemos que fazer perguntas para eles como: “Está quente esta tarde? Posso te encontrar às 15h? Tu podes fazer esse serviço pra mim até as 15h?”. Isso para ficar claro que eles estavam nessas empresas durante o horário de trabalho do legislativo. Em alguns casos, foram por telefone os contatos. Aí contamos com os horários gravados nos celulares.

“A reportagem de rádio faz a pessoa imaginar, daí a importância do efeito sonoro, da boa dicção.”

### **Deixe um conselho para quem deseja ser repórter investigativo?**

**CM:** Ser honesto e não trabalhar pelo glamour, mas sim pela simples vontade de desmascarar o que está errado. Lembrando que uma boa pauta pode ser um problema no seu bairro, como uma rede de corrupção ou poluição ambiental. A questão é saber chamar a atenção do ouvinte, leitor, telespectador e internauta com boas sacadas, textos e conteúdo histórico. É muitas vezes fazer o que todos já fizeram, mas com novos ângulos e perspectivas. Realmente, ter o desejo de acrescentar algo, é ser cidadão antes de jornalista investigativo. Mas lembrem-se de, fora do trabalho, aproveitar a vida, ela é o bem maior. ♦



**ELIANE  
BRUM**

*“A pergunta  
é uma forma  
de controle”*



## Para a repórter Eliane Brum, a garantia da boa reportagem está no saber “escutar”

*Por Patrícia Paixão*

Difícil sair da condição de fã para entrevistadora quando se está diante de Eliane Brum. São raros os jornalistas que abdicam das pautas convencionais, com celebridades e olhares elitizados e viciados, para passar dias, semanas e até meses levantando a vida de brasileiros que são esquecidos por seu próprio país e vendo delicadezas e coisas especiais no cotidiano de pessoas comuns. Eliane faz isso muito bem desde o início de sua trajetória. “Desconstrutora” de pautas e contra a lógica do “homem que morde o cachorro” (uma das máximas dos critérios jornalísticos de noticiabilidade), focaliza seu trabalho na “vida que ninguém vê”, título da coluna que a jornalista tinha no jornal *Zero Hora* em 1999, com crônicas-reportagens sobre a vida de anônimos da região sul. As crônicas lhe renderam o *Prêmio Esso* de Jornalismo e acabaram se transformando em um livro, de mesmo título, vencedor do prêmio Jabuti de 2007.

Eliane não limitou sua experiência a seu estado, o Rio Grande do Sul. Aventurou-se pelo território nacional, revelando “Brasis” desconhecidos. Percorreu Roraima de norte a sul e leste a oeste, procurando entender a guerra entre índios, ONGs, arroteiros e políticos pela disputa da terra indígena Raposa-Serra do Sol; andou quilômetros e quilômetros a pé, afundando em lama, no sul do Amazonas, para falar das mazelas sociais geradas pela nova corrida do ouro na região; embrenhou-se pela floresta amazônica para entender o cotidiano das “pegadoras” (como são conhecidas as parteiras naquele local); conviveu com os moradores da Vila Brasilândia, descobrindo belezas e poesia no dia a dia de um dos bairros mais violentos de São Paulo à época; retratou a vida de mulheres que

## Mestres da Reportagem

perderam vários filhos para o tráfico de drogas; dentre muitas outras histórias.

Quem conhece a jornalista pessoalmente, sabendo do seu currículo, fica impressionado com sua humildade. Aposto que nenhuma das pessoas que estavam naquela tarde do dia 13 de dezembro de 2011 no Fran's Café da Benedito Calixto, na zona oeste de São Paulo (local da entrevista), poderia supor que aquela mulher que chegou de maneira tímida e simples ao local, com voz baixa, sorriso sereno e olhar acolhedor, é a jornalista mais premiada do Brasil, como aponta a pesquisa feita pelo *Instituto Corda* em parceria com o *Jornalistas&Cia*. Eliane ocupa o primeiro lugar do ranking, com dezenas de prêmios nacionais e internacionais.

Nascida em Ijuí, no noroeste do RS, em 1966, a gaúcha escolheu o Jornalismo num ato de impulsividade. Em janeiro de 1984, chegou a prestar vestibular para Biologia na Unicamp, mas, em julho, acabou se inscrevendo para Jornalismo na PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). “Minha intenção era fazer Informática, mas pensei, na hora, que talvez o curso tivesse muita matemática, e acabei me inscrevendo para Jornalismo, uma graduação que nunca antes tinha cogitado. Foi um impulso que aconteceu ali, no pátio da universidade, quando preenchia a ficha de inscrição para o vestibular”.

Seis meses depois, Eliane passou no vestibular para História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e começou a cursar a graduação em paralelo com a de Jornalismo.

Levou o curso de Jornalismo sem se interessar muito pela área. Considerava-se tímida demais para trabalhar como repórter e não conseguia enxergar “pessoas” nas páginas dos jornais. “O jornal era uma coisa muito seca”, lembra. Quando, quase no final do curso, por intermédio de um professor, descobriu que as pessoas, com seus sentimentos, defeitos e qualidades, podiam ser encontradas nos textos de mestres como Joel Silveira, José Hamilton Ribeiro, Audálio Dantas e Ricardo Kotscho, se apaixonou pela reportagem.

Sua primeira experiência na área foi fruto de uma premiação. Venceu um concurso que envolveu as faculdades de Comunicação da região Sul do país e ganhou, com ele, um estágio no tradicional *Zero Hora*, que acabou levando a jornalista a largar o curso de História. Terminado o período

do de estágio, foi chamada para voltar a trabalhar no jornal, dessa vez como jornalista, e ficou por 11 anos. Só deixou o impresso em 2000 para trabalhar como repórter especial da *Época*.

Foi na revista que fez uma matéria que mudou significativamente sua vida: acompanhou os últimos 115 dias de vida de uma senhora que estava com um câncer incurável. A reflexão sobre o lado fugaz da vida em face da inevitabilidade da morte levou-a a “reapropriar-se de seu tempo”, buscando um estilo de trabalho mais independente, que lhe proporcionasse mais liberdade e experimentação. Desde março de 2010, então, o vínculo da jornalista com a *Época* limita-se a uma coluna semanal na Internet e a algumas reportagens que ela faz esporadicamente, por motivação própria.

Amante da literatura, Eliane também enveredou pelo caminho de escritora. Além de *A vida que ninguém vê* (Editora Arquipélago, 2006), é autora de outros dois livros-reportagem (*Coluna Prestes: O avesso da lenda*, Editora Artes e Ofícios, 1994, e *O olbo da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*, Editora Globo, 2008) e de uma obra de ficção: *Uma duas* (Editora LeYa, 2011).

Também trabalhou na área de cinema, tendo sido codiretora de dois documentários: *Uma história severina* (2005) e *Gretchen filme estrada: a última turnê e a primeira campanha política da rainha do rebolado* (2010).

Nesta entrevista, ela revela um pouco dos segredos de seu “fazer jornalístico”. E explica por que defende que saber escutar é mais importante do que saber perguntar: “A escuta é o instrumento que vai dar para gente a possibilidade de chegar mais perto das verdades todas. E escutar é mais do que ouvir, é algo que se faz com todos os sentidos. É perceber o ritmo, o tom, a espessura das palavras e do silêncio, assim como do ambiente onde a vida que contamos se desenrola”.

**O que te levou a escolher o jornalismo? Como foi seu ingresso na área?**

**Eliane Brum:** O que eu posso identificar hoje analisando minha infância é que eu sempre fui muito mais “escutadeira” do que faladeira, sempre gostei muito de ouvir e ler histórias. Quando eu aprendi a ler, os



## Mestres da Reportagem

livros passaram a ter uma importância muito grande para mim. Eu tinha uma percepção da infância que era muito árida. Era uma criança triste e fui ficando mais alegre com o tempo. Sou uma adulta mais contente do que quando era criança. Os livros me deram a possibilidade de “existir” de uma outra maneira. Então, me tornei uma leitora compulsiva. Me trancava no quarto, não queria comer, só queria ler. Minha primeira paixão foi pela leitura. Aos nove anos, também por conta dessa aridez que eu sentia na vida, por causa da sensação de dor, limite, de tédio até, comecei a escrever. Mas eu nunca gostei de ler jornal, sempre gostei de ler literatura, porque eu tentava ler jornal e eu não enxergava as pessoas. Na minha época de infância e adolescência, o jornal era uma coisa muito seca. Quando eu fui fazer vestibular, minha primeira escolha foi para Biologia, depois eu fiz História. Entre esses dois vestibulares, resolvi também me inscrever no curso de Informática, mas não sei o que aconteceu na hora, pois, em vez de marcar Informática nas opções, eu coloquei Jornalismo [risos]. Então, eu fazia História na Universidade Federal do Rio Grande de Sul e Jornalismo na PUC, fazia as duas juntas. No período em que eu fazia História – que foi um curso bem mais importante pra mim do que o próprio curso de Jornalismo –, também percebia uma História muito árida, sem gente. Naquele momento, esse curso não dava enfoque nos personagens dos fatos, na vida cotidiana. Eu não estava feliz em nenhum dos dois cursos e tinha a certeza de que eu não servia para ser jornalista, porque eu era muito tímida, não me imaginava entrevistando ninguém, eu achava que aquilo não tinha nada a ver comigo. Mesmo assim resolvi me formar, porque já tinha andado um bom caminho, mas tinha decidido atuar em História, fazer algum tipo de pesquisa, talvez estudar algum momento da Idade Média. Aí apareceu um professor que foi muito importante pra mim. Grandes professores mudam a vida da gente e eu tive essa sorte. Esse professor, que conheci no último semestre da faculdade de Jornalismo, tinha sido um grande repórter e depois virou professor. Naquele tempo havia uma lei que não permitia que fizessemos estágio em veículo de comunicação, era proibido. Então a gente fazia uma disciplina de estágio na faculdade e foi nela que eu encontrei o Leonam [Marques Leonam Borges da Cunha, que leciona Redação Jornalística na PUC-RS]. Ele tinha uma paixão muito grande pela reportagem. Trazia para gente reportagens maravilhosas do Joel Silveira, Ricardo Kotscho, José

Hamilton Ribeiro, Audálio Dantas. Quando entrei em contato com aqueles textos, fiquei empolgada. Vi que era possível falar sobre pessoas no texto jornalístico. Só fui conhecer o *new journalism* [estilo de narrativa jornalística com toques literários, que surgiu nos EUA na década de 60] e seus principais representantes, como Gay Talese, Joseph Mitchell, John Hersey e Truman Capote, quando já tinha uns dez anos de profissão, porque naquele tempo a gente não tinha muito acesso. Algumas pessoas conseguiam os livros desses escritores comprando em sebos e guardavam os exemplares como uma relíquia. No final da faculdade, o Leonam pediu que eu fizesse uma grande reportagem, e eu escolhi falar sobre filas, todas as filas que a gente entra desde que nasce até o dia em que morre. Era um tema que, para imprensa da época, não tinha nada a ver. O Leonam achou ótimo. Fiz a matéria, escrevendo do jeito que eu gostava, destacando as coisas que me interessavam. Ele adorou, fiquei superfeliz. Aí aconteceu o primeiro Set Universitário, um concurso que envolve as faculdades de Comunicação da região sul do país, promovido pela Faculdade de Comunicação Social [Famecos] da PUC-RS. Uma amiga minha me inscreveu no Set e eu ganhei na categoria Redação Jornalística. E aí já começou uma coisa que foi muito frequente no começo da minha carreira como repórter que era o questionamento do meu texto. A comissão julgadora chamava a gente para avaliar o trabalho. Quando entrei, os jornalistas da comissão disseram: “O que tu faz não é jornalismo”. E os publicitários disseram: “É jornalismo sim” [risos]. Não sei se havia mais publicitários que jornalistas na comissão, ou se os publicitários eram mais convincentes, o fato é que eu ganhei o concurso. E por outra sorte o prêmio era um estágio no *Zero Hora*, que até hoje é o principal jornal do sul do país. Fiz estágio nas editorias de Polícia e Geral e fiquei até o final do período dele, isso era mais ou menos julho de 1988. Em novembro, quando tínhamos as primeiras eleições, no período da redemocratização, o *Zero Hora* me chamou para voltar a trabalhar lá. Voltei para o jornal e fiquei 11 anos. Lá eu descobri que ser repórter é a melhor profissão do mundo. Foi mais ou menos assim que me tornei jornalista, devido a uma série de circunstâncias mais ou menos aleatórias.

**E foi no *Zero Hora* que você começou com a sua linha de fazer reportagens sobre anônimos, com esse seu jeito de ver coisas boni-**

**tas na vida de pessoas comuns e em situações que normalmente não são retratadas pela grande imprensa, algo que foge dos chamados critérios de noticiabilidade. Por que você fez essa opção?**

**EB:** Como quase tudo na minha vida, isso começou como uma opção não consciente. Nunca me interessei pelo clássico do jornalismo, que é aquela máxima do “homem que morde o cachorro”, da busca do fato inédito. Sempre gostei de ouvir as histórias das pessoas comuns. Sou do interior do Rio Grande do Sul, de uma cidade chamada Ijuí, no noroeste do estado, mas uma parte grande da minha família, que é muito determinante na minha vida, é da zona rural, de um lugar chamado Barreiro. Meu pai pertence à primeira geração alfabetizada da família. Meus tios eram pequenos agricultores, alguns deles muito pobres. Eles tinham problemas no inverno, às vezes não tinham agasalho suficiente, era uma vida bem dura, de agricultores que viviam da roça mesmo. A gente ia muito para lá e eu sentava e ficava ouvindo as histórias deles, adorava aquilo. Quando eu passava pela cidade – naquela época só tinha um edifício por lá – sempre ficava pensando sobre as pessoas que viviam lá dentro, o que fazia elas sofrerem, chorarem, sorrirem, como elas sonhavam. Então, desde pequena, me interessava muito por essa vida cotidiana, por essas histórias. Quando fui ser repórter no *Zero Hora* e me davam uma pauta para fazer, naturalmente eu, em vez de focar no personagem principal, fazia o secundário, quer dizer, o “supostamente” secundário. Ou então eu ia cobrir uma coisa e acabava vendo o que estava por trás daquela coisa. Eu peguei bem a época da pirâmide invertida e de um monte de regras para o texto. A gente tinha o copidesque que formatava todas as matérias. Eu não conseguia me adequar àquilo, achava muito chato e brigava muito. A primeira matéria minha que foi publicada da forma como eu escrevi foi sobre a inauguração do primeiro McDonald’s de Porto Alegre. Isso era em 1989, num plantão de domingo. Eu trabalhava na editoria Geral e me deram três pautas. Uma delas dizia que eu que deveria ir ao McDonald’s apurar quantos big macs havia sido vendidos, pegar alguém para comentar a inauguração, aquela coisa básica, previsível. O McDonald’s estava justamente se instalando num local que é a praça mais tradicional de Porto Alegre, a Praça da Alfândega, onde fica a feira do livro de Porto Alegre. Lá havia uma instituição, que talvez todas as cidades brasileiras tenham, que é a dos velinhos da Praça da Alfân-

ga – um grupo de aposentados que ficava ali falando de política, conversando sobre a vida, olhando bunda de mulher. Eu fiquei pensando no que eu poderia fazer para encontrar uma boa história, porque é claro que eu não ia contar o número de lanches vendidos [risos]. Uma das coisas que eu fiz – e que eu faço até hoje, pois nunca chego invadindo a cena que eu vou contar na matéria, sempre fico num canto – foi ficar de lado, só observando aqueles senhores. Percebi que, pela primeira vez, alguma coisa tinha conseguido calar os velhinhos, porque eles não se calavam sobre nada, eles falavam muito e sobre tudo. Mas daquela vez eles estavam praticamente mudos e não em roda como costumavam ficar. Estavam olhando para o McDonald's como se ele fosse uma nave alienígena. Aquilo me chamou muito a atenção, então, o que eu fiz foi sentar com eles e ficar também observando, vendo se faziam algum comentário. Depois escrevi sobre aquilo que eu observei e ouvi. Na verdade, nem entrei na inauguração do McDonald's. Dei sorte porque naquele dia não tinha acontecido nada de relevante na cidade e o editor que estava de plantão era um cara mais aberto. Publicaram minha matéria na íntegra. E aí deu uma repercussão superboa, as pessoas gostaram daquele jeito diferente de contar uma história, do enfoque que eu dei. Não foi uma matéria sobre a inauguração do McDonald's, e sim sobre uma mudança econômica e sociopolítica que estava ocorrendo naquele local, o estranhamento dos velhinhos diante disso. Dei uma amplitude ao assunto. Acho que jornalismo é isso. Depois desse episódio, devagarinho, fui conquistando meu espaço e, então, esse modo diferente de contar as coisas começou a se tornar uma característica minha e as pautas que os editores queriam que fossem diferentes já começaram a vir pra a minha mão. Quando o Augusto Nunes assumiu a direção da redação do *Zero Hora*, uma fase ainda melhor começou pra mim, porque ele trouxe para o jornal uma visão de jornalismo de grandes reportagens, que no Brasil tinha sido implementada pela *Realidade* [revista que circulou entre 1966 e 1976, pela editora Abril, que se destacava pela ousadia do projeto editorial e gráfico, com grandes reportagens e belas imagens, considerada um divisor de águas no jornalismo brasileiro], e era colocada em prática nos Estados Unidos pela *New Yorker* [revista norte-americana, que popularizou o *new journalism*], que tem muito mais a ver comigo.

**O seu texto é poético e inteligente, cada palavra é encaixada estrategicamente na frase. Você gosta muito de metáforas e sabe trabalhar bem com elas. É um texto que emociona, cativa. De que forma você foi construindo esse estilo?**

**EB:** Foi de forma intuitiva. O que me ajudou foi que eu tive muito contato com a literatura e isso contribuiu muito. Hoje eu racionalizo tudo o que faço, mas no início da minha carreira eu ia apenas reagindo e escrevendo as coisas em que eu acreditava, sem maiores orientações. Eu escrevo como uma leitora. Quero que as pessoas consigam enxergar o que eu enxergo. Mas também é importante destacar uma coisa: você pode ser um prêmio Nobel de literatura, mas não vai conseguir construir uma boa reportagem se não fizer uma grande apuração, se não tiver ralado muito, porque na reportagem não há milagre de texto. Na ficção tu cria, mas na reportagem tu não pode criar. Nesse sentido, tu precisa saber exatamente como é o cheiro daquilo que você pretende retratar, que tipo de móvel é aquele, que idade ele tem, se aquela pessoa fuma, se o esmalte dela é vermelho paixão, se ele está descascado. É essa observação que faz tu escrever um bom texto. Eu defendo que o cheiro, a textura das coisas, os gestos são tão importantes quanto as palavras. O que não é dito é tão importante quanto aquilo que é dito. Tudo é informação. Às vezes, o jornalista pensa que informação é somente a palavra dita, mas, na verdade, isso é uma pequena parte das coisas. A realidade é uma coisa muito mais complexa, e a gente, como jornalista, tem a obrigação de trazer essa complexidade para o leitor. Quando comecei a receber os primeiros elogios, falavam muito do meu texto, mas eu sempre tentei mostrar para as pessoas que o texto é só a última parte do meu trabalho, porque eu ralo muito antes de escrever, faço muita apuração. Eu pergunto tudo, checo tudo, apuro cada detalhe. Isso faz com que eu tenha muita informação para contar bem a história, e o leitor tem prazer com a leitura, porque ele tem tudo no texto: o cheiro, o gosto, o sentimento. Isso é fundamental.

**No livro *O olho da rua*, você destaca que a presunção do repórter, a partir da visão de mundo dele, é um grande pecado quando se está fazendo uma reportagem. Você tem alguma dica para quem está começando, como os meus alunos, para não ser presunçoso,**

**ou seja, para evitar o olhar viciado sobre uma questão?**

**EB:** Eu acho que a primeira coisa importante é complicar a pauta. Quando a gente pensa numa pauta, é natural que a primeira ideia seja algo que já vimos, algo baseado na nossa visão de mundo. Portanto, essa pauta tu deve colocar no lixo. Talvez a segunda ideia tu também coloque no lixo, precisa ir complicando. Se tu vai para uma favela, por exemplo, como eu fui na da Vila Brasilândia [reportagem *Um país chamado Brasilândia*, republicada no livro *O olho da rua*], tente contar a história de uma maneira que não trate apenas da violência que existe lá, porque isso todo mundo já contou. É claro que tu terá de falar de alguma forma da violência, porque isso faz parte daquele mundo, mas precisa complicar essa pauta para chegar mais perto das verdades todas daquele lugar. E como é que tu complica a pauta? Pensando em questões que outras pessoas não pensaram. Por exemplo: se só existe violência lá, como a imprensa diz, por que todo mundo não se mata, por que não há um suicídio coletivo na Vila Brasilândia? Essa foi a minha pergunta complicadora nessa matéria: o que faz a vida seguir num lugar tão violento, onde a sobrevivência é um desafio cotidiano? Qual é a delicadeza que faz a vida ser possível naquele lugar? Com esses questionamentos tu complica a pauta. Tu vai ao local e estuda bastante o ambiente e as pessoas para poder ter a lucidez e a tranquilidade de botar tudo aquilo que você tinha pensado inicialmente no lixo. Você descobre que tinha uma visão equivocada daquele mundo. E eu acredito que o ápice da reportagem surge de um “não saber”. Apesar de todo teu estudo, você tem de partir de um não saber, tem que partir de uma ignorância, por que um pecado muito grande é acreditar que a tua ignorância é a sabedoria. Se tu vai com a tua ignorância acreditando que é sabedoria, tu manipula a realidade para comprovar tua ignorância, e aí tu não apura nada, só embala tua ignorância em formato de reportagem. Tu tem de partir do princípio que não sabe nada daquele mundo pra descobrir que mundo é aquele. Quando eu chego para fazer uma reportagem, seja onde for, eu peço para as pessoas me mostrarem seu mundo, e esse é um começo da apuração. Analiso o que essa pessoa me mostra e também aquilo que ela não me mostra. Se eu tenho tempo, eu fico um dia só escutando as pessoas para entender como é a lógica daquele lugar. Eu faço esse movimento de me esvaziar dos meus

## Mestres da Reportagem

preconceitos, dos meus julgamentos, para poder ir vazia ou, pelo menos, o mais vazia possível em direção ao mundo do outro e ser preenchida por aquele mundo. Uma coisa muito importante é que a gente tem de ter muita certeza de que não estamos agindo como juízes. Jornalista não existe para julgar ninguém, existe para escutar. Então, nesse sentido, a gente tem de escutar aquele cara que é considerado um herói com o mesmo tratamento que a gente vai ouvir um bandido. Aliás, a nossa obrigação é mostrar que não existem heróis, que todos os heróis são bem humanos, com qualidades e defeitos.

*“En defendo que o cheiro, a textura das coisas e os gestos são tão importantes quanto as palavras. O que não é dito é tão importante quanto aquilo que é dito. Tudo é informação. Às vezes, o jornalista pensa que informação é somente a palavra dita.”*

**Ainda em *O olho da rua*, você defende que saber escutar é mais importante, para o jornalista, que saber perguntar. Por que tem essa opinião?**

**EB:** Porque tudo é informação quando tu faz uma matéria. As palavras que as pessoas escolhem para falar contigo são importantes, assim como a entonação que elas dão ao falar, os momentos em que elas se calam, enfim. Escutar de verdade é mais do que ouvir. É perceber o ritmo, o tom, a espessura das palavras e do silêncio. Não interromper as pessoas enquanto elas falam, mesmo que elas estejam falando numa velocidade que para gente não é a ideal ou que estejam sendo pouco claras ou não estejam dizendo aquilo que gostaríamos que elas dissessem. Isso tudo é informação sobre aquela pessoa e sobre a história que ela conta. E é sempre bom ser surpreendido na reportagem.

No prefácio de outro livro seu – *A vida que ninguém vê* –, o Marcelo Rech, que foi diretor de redação do *Zero Hora*, diz que você tem uma empatia enigmática com os personagens de suas matérias, uma força que leva as pessoas a se abrirem para você.

**Que força é essa? Qual é o segredo para que as pessoas abram a vida delas para você?**

**EB:** Não tem segredo nenhum na verdade. Eu sou muito clara em dizer para a fonte quem eu sou e o que eu vim fazer, e eu acho que essa honestidade é o que conta. Há uma linguagem invisível que estabelecemos com as pessoas quando somos realmente sinceros e honestos. As pessoas percebem e agem de maneira sincera e honesta contigo também. É um pacto silencioso que se estabelece. Mas também respeito se elas não quiserem falar comigo e não fico insistindo. Ninguém é obrigado a me dar entrevista.

**Então, você é contra a técnica de ficar insistindo, tentando arrancar a informação da fonte?**

**EB:** Sim, eu não arranco nada de ninguém. A pessoa me conta sua história se ela quiser. Já faz bons anos que eu não sofro pensando: “O que vou fazer se fulano não falar comigo?” Se fulano não falar comigo, está resolvido, não falou e pronto. É claro que essa postura não é muito popular nas redações, tudo tem um custo e eu acho que a gente tem de assumir esse custo. No meu caso, deixo as pessoas muito à vontade. Vou aproveitar esse gancho para falar um pouco de ética, porque acho que tem uma ética envolvida nessa questão. A ética no jornalismo é uma das questões mais complicadas que existem e não há uma resposta fácil para ela, porque cada matéria te coloca em confronto com outras coisas, com outros desafios, com limites diferentes e tu tá sempre se perguntando se tá fazendo tudo certo. Eu fui construindo o meu próprio limite ético. Estabeleci para mim uma coisa muito simples: se me dão uma pauta ou se eu penso numa pauta, antes de sair e bater na porta da fonte, eu me coloco no lugar dela. Penso se eu responderia àquela pergunta que pretendo fazer, se eu abriria a porta da minha casa e da minha vida para respondê-la, caso fosse questionada por um repórter. Se a minha resposta for não, eu não faço a matéria, porque eu acho que a gente não pode pedir nada para o outro que a gente não possa dar. Então esse é meu limite ético: eu só peço para o outro aquilo que eu também poderia dar.

**Por falar em ética, é marcante, e muito interessante**



jornalisticamente falando, a angústia que você viveu após fazer a matéria *A casa dos velhos* (publicada originalmente na revista *Época* e republicada no livro *O olho da rua*, e que traz suas observações sobre a vida num asilo). Embora destaque essa reportagem como uma das melhores da sua vida, você admite alguns erros, como não ter alertado os idosos de que os detalhes que eles contavam para você sobre a vida íntima deles poderiam ter grande repercussão ao serem publicados. Eles sabiam que a matéria seria publicada, mas não estavam muito atentos para essa questão da repercussão. Você contou os detalhes da vida deles com um enfoque muito bonito, muito delicado. Se não tivesse contado esses detalhes, a reportagem não teria ficado tão especial. Qual é a sua opinião sobre esse caso?

**EB:** Eu coloquei esses detalhes porque os achei lindos, porque eu estava falando, na verdade, sobre a resistência da vida num lugar onde as pessoas esperavam a morte, mas não me dei conta dessa questão da exposição. É o que eu disse há pouco de me colocar no lugar do outro. Uma das pessoas que eu entrevistei nessa matéria, por exemplo, me disse que tinha sonhos eróticos com a fisioterapeuta e com a médica do asilo. Eu achei isso muito interessante, no sentido de mostrar que aquela pessoa continuava “viva” em termos de desejos, de sonhos, mas, se tu se colocar no lugar desse velho, tu pensa: “Como é que eu vou olhar para essa médica na próxima consulta?” Imagina o que os outros moradores do asilo não disseram para ele? Ou como foi difícil encarar a médica e a fisioterapeuta no dia seguinte... Então, hoje eu percebo claramente que isso foi uma tristeza para ele, e que eu poderia ter evitado. Tu tem de fazer uma escolha e a escolha nunca pode ser a de constranger alguém. Mas, naquele momento, eu não percebi essa consequência – então, errei.

*“A primeira coisa importante é complicar a pauta. Quando a gente pensa numa pauta, é natural que a primeira ideia seja algo que a gente já viu. Portanto, essa pauta tu deve colocar no lixo. Talvez a segunda ideia tu também coloque no lixo. Precisa ir complicando.”*

**Então se você tivesse que fazer essa matéria de novo, você não incluiria esses detalhes?**

**EB:** Sim, não incluiria. E hoje quando dou palestras em faculdades e em outros lugares sempre destaco que o jornalista tem a obrigação de alertar o entrevistado sobre o impacto de uma matéria. Quando entrevistamos um empresário, um jogador de futebol, uma celebridade ou um político não há problema, pois são pessoas que estão acostumadas com a imprensa, os caras sabem exatamente o que significa uma matéria jornalística, mas a maioria das pessoas não sabe. Especialmente no meu caso, que costumo entrevistar pessoas comuns. Então, hoje sempre no final da entrevista eu sento com o entrevistado e digo: “Olha, quando sair na revista ou quando sair no jornal, teu vizinho vai ler isso, teu marido vai ler, todo mundo vai saber o que tu tá me dizendo”. E aí tu tem de respeitar a decisão da fonte, mesmo que aquele detalhe seja a melhor informação da matéria. Algumas vezes tu tem de tomar a decisão pela pessoa e ir contra a vontade dela, porque mesmo tu explicando a situação percebe que ela não tem ideia dos riscos que correrá. Por exemplo, na matéria sobre as mães do tráfico (*Mães vivas de uma geração morta*, também presente em *Olho da rua*), entrevistei a Eva, que perdeu todos os filhos assassinados. O marido dela era extremamente violento, tanto que, numa noite, ela acordou com uma faca na vagina, porque ele a culpava pelas mortes. Quando eu a entrevistei, o marido estava no hospital em estado grave, achavam que ele ia morrer. Pouco antes de a matéria ser publicada, liguei para ela. Perguntei do marido e ela me disse que ele tinha sobrevivido, mas tinha perdido as duas pernas. Mesmo sem pernas, no momento em que eu liguei, ele estava pintando a casa. Se conseguia pintar a casa, também continuava capaz de exercer a violência. Então eu disse: “Olha, Eva, a matéria vai sair e teu marido pode ler”. Ela me disse: “Pode publicar, é tudo verdade e ele nem vai ler essa revista”. E eu reforcei: “Pode ser que a revista não chegue a ele, mas algum vizinho pode contar”. Ela continuou insistindo que eu podia publicar. Então, eu tomei uma decisão contra a vontade dela. Não coloquei o nome dela no texto. Mais tarde, quando lancei o livro e republicuei a reportagem, o marido dela já tinha morrido, então eu coloquei o nome dela. Nós jornalistas nunca podemos esquecer que nós vamos embora, mas aquela pessoa vai continuar morando ali

## Mestres da Reportagem

para o resto da vida, vai continuar naquela favela, vai continuar naquela vizinhança e ela precisa estar segura.

Nas faculdades de Jornalismo é muito comum a discussão sobre a necessidade da imparcialidade e da isenção, quando se está cobrindo um fato. Lendo a reportagem *A Guerra do começo do mundo* (publicada na *Época*, em 2001, e presente em *O olho da rua*), sobre os conflitos no território indígena de Raposa-Serra do Sol, em Roraima, é possível perceber que você acabou escolhendo um dos lados daquela guerra: acabou ficando, ainda que sutilmente, do lado dos índios e do lado das ONGs ambientalistas que reivindicavam que aquele fosse um território único, e não dividido em ilhas, como queriam os arrozeiros, a elite política do estado e outra parcela de índios ligada a esses dois grupos. Qual é a sua opinião a respeito da imparcialidade na cobertura jornalística? Ela é possível?

**EB:** Eu acho que a gente tem de trazer para o leitor a complexidade da situação. O jornalismo anda numa zona cinzenta, sempre explorando o contraditório. A reportagem sobre Roraima é um bom exemplo disso, porque lá há vários discursos, várias coisas muito fascinantes acontecem ao mesmo tempo. Fiquei um mês no estado, percorrendo do sul ao norte, do leste ao oeste, e eu trago esses discursos todos para dentro da matéria. Fiquei até surpreendida com a reação negativa que algumas pessoas tiveram quando o texto foi publicado, porque aquilo que eu via como algo fascinante, eles viram como algo pejorativo. O que eu acho é que a gente tem de ter muita consciência de que o jornalismo não paira acima da realidade, não paira acima das pessoas, não é uma espécie de “entidade”. Somos seres históricos, inscritos na cultura, carregando uma história de vida. Precisamos ter muita consciência dessa limitação. Fazemos parte do mesmo mundo que a gente conta. Então, quando um jornalista diz que ele é imparcial e isento, ele já está contando uma mentira antes mesmo de começar a fazer a matéria, porque isso é impossível. Isso só é possível se tu não pertence a esse mundo e todos nós pertencemos a esse mundo. Agora, o que eu acho que a gente deve fazer é esse processo de tentar se

esvaziar o máximo possível para sermos capazes de escutar. A escuta é o nosso principal instrumento para chegarmos perto das verdades todas – e é a sua qualidade que vai determinar a qualidade da nossa apuração, a nossa capacidade de alcançarmos a história que é do outro. Precisa lembrar que não somos amigos nem inimigos da fonte, estamos apenas no lugar da escuta. Hoje, eu quase nem faço perguntas em boa parte das minhas reportagens, porque eu entendo que a pergunta é uma forma de controle, especialmente a primeira pergunta. Se eu começo perguntando alguma coisa para alguém, eu já estou direcionando o entrevistado para a história que eu quero ouvir. Por isso eu prefiro que a pessoa comece contando a história livremente por onde fizer mais sentido pra ela – e percebo que o começo da história é sempre muito diferente do que eu poderia prever e do que seria o meu começo se fizesse a primeira pergunta. Sempre tenho uma informação incrível neste começo, que só alcanço por não fazer a primeira pergunta. Mas, é claro, não é uma regra para todas as reportagens. Aliás, não acredito em regras. Às vezes, é preciso começar perguntando. Na matéria *Vida até o fim*, por exemplo, durante o acompanhamento que fiz dos últimos 115 dias da vida da Ailce, notei que ela nunca pronunciava a palavra “câncer”, nunca pronunciava o nome da doença que a mataria. E eu só captei essa realidade por conta da escuta. Se tivesse começado perguntando do seu câncer, jamais saberia que ela não pronunciava essa palavra e, portanto, jamais entenderia como ela lidava com a doença que a mataria. Quando eu interfiro na matéria, o leitor também fica sabendo. Nessa matéria da Ailce, tem um exemplo bem claro disso. Eu sempre fiquei no papel apenas de escutar e ela parecia compreender bem isso, pois nunca tinha perguntado nada sobre a minha vida e nem pedido minhas opiniões, mas em determinado momento, quando ela estava se sentindo melhor, eu estava na cozinha com ela e ela me disse: “Ah, acho que eu não tenho mais essa doença, não sinto mais nada. Não tenho mais essa doença não”. Ela queria uma confirmação minha. Eu gostaria muito de poder dar aquela confirmação, mas não podia, porque não era verdade. Foi um momento terrível pra mim. Ela me pediu pra sair do lugar da escuta para contar uma mentira. O que eu fiz foi ficar em silêncio, continuar no meu lugar de escuta. Depois teve um outro momento terrível, quando ela estava no fim da vida. Ela lembrou

## Mestres da Reportagem

que, certa vez, um médico disse que, se ela comesse e ficasse forte, poderia fazer a cirurgia e se salvar, como se a cura do câncer dependesse dela. O fato é que a cirurgia dela era impossível, o câncer que ela tinha era inoperável. Ela estava sentindo muita dor, estava desesperada. Eu a acompanhei na consulta médica e a doutora disse a ela que não tinha jeito de operar. Quando ela saiu da consulta, me falou: “Acho que se eu comer e ficar forte, eu vou poder fazer a cirurgia e ficar boa”. Aí foi um momento em que eu resolvi interferir, porque eu achei que era o mais certo a fazer, não só como jornalista, mas como ser humano. Disse pra ela: “Olha, eu estava contigo e tu ouviste a médica dizer que não tem como operar a tua doença, então não há nada que você possa fazer. Não é culpa sua, nunca foi”. Aí ela me disse: “Acho que eu já sabia disso, não dá para se lembrar de tudo...”. Naquele momento, então, eu saí do meu lugar de escuta e interfeiri. E deixei tudo isso claro para o meu leitor. É uma questão não apenas de honestidade jornalística, mas de honestidade no seu sentido mais amplo.

**Como é voltar para o seu cotidiano, após ficar meses vivendo histórias tão intensas, como esta da Ailce. Você a acompanhou até a morte. Isso é forte demais. Sofre muito após essas histórias?**

**EB:** É uma escolha que tu tem de fazer. Eu me entrego, me atiro na história. Essa matéria da morte teve um custo bem alto pra mim, pessoalmente falando, me deixou muitas marcas. Hoje eu percebo que, após a matéria, eu fiz mais ou menos um ano de luto. Foi um ano em que eu tive que elaborar isso tudo dentro de mim. Nessa matéria eu fiquei doente várias vezes, foi muito difícil. Mas eu acho que se uma matéria não te transforma é porque tu não conseguiu fazê-la bem. Eu sempre ganhei mais do que perdi com essa minha escolha de me entregar. Mudei muito com a reportagem da Ailce.

**Você conta em *O olho da rua* que, depois dessa matéria, você resolveu dar uma desacelerada no seu ritmo de vida.**

**EB:** Não uma desacelerada, mas uma mudança. Cada reportagem que eu fiz mudou coisas na minha vida, mas foi dessa matéria especificamen-

te que veio toda a minha decisão de deixar de ter emprego fixo, de me reapropriar do meu tempo. Me inspirei muito naquela frase que a Ailce disse no começo do nosso encontro: de que quando ela tinha finalmente tempo para aproveitar a vida – pois estava aposentada –, descobriu que seu tempo tinha acabado, pois estava com o câncer. Essa frase ainda mexe muito comigo, porque a morte serve para isso, para a gente pensar sobre a vida. Então eu me reapropriei do meu tempo, fiz várias mudanças na minha vida. Essa matéria ecoa em mim até hoje.

“*Sempre gostei de ouvir as histórias das pessoas comuns. Nunca me interessei pelo clássico do jornalismo, que é aquela máxima do homem que morde o cachorro, da busca do fato inédito.*”

**Mudando de assunto, você fala muito do papel da reportagem como documento histórico, ou seja, o que estamos escrevendo hoje ficará como registro da nossa realidade para as futuras gerações. Sempre que você pensa numa pauta, você tem essa preocupação na cabeça, de deixar um registro para o futuro?**

**EB:** Sim. Acho que a gente não pode se esquecer disso. Eu não falo só das grandes matérias. Mesmo com uma nota temos de ter essa preocupação. Nós contamos a história cotidiana, a história contemporânea do nosso mundo, seja o mundo da nossa comunidade, seja o do nosso país. O jornalista é o historiador do cotidiano, o que a gente faz é documento, querendo ou não, com consciência ou não, mesmo que seja um documento da nossa incompetência. A gente influencia o mundo agora e vai influenciar a compreensão do nosso mundo depois, então é uma responsabilidade muito grande.

**Nosso jornalismo hoje está fazendo bem essa documentação?**

**EB:** Tem gente que está fazendo bem e tem gente que está fazendo mal. Acho que sempre foi assim. Tivemos épocas melhores, outras piores, bons e maus jornalistas convivendo ao mesmo tempo. Hoje vivemos um momento muito privilegiado do jornalismo, que é contar com a Internet,

## Mestres da Reportagem

usufruir das possibilidades abertas por esse meio. Existem jornalistas que estão deixando seus empregos na imprensa tradicional, porque é possível tu fazer jornalismo com novas formas de financiamento. A *ONG Repórter Brasil* [www.reporterbrasil.org.br], por exemplo, há dez anos faz um trabalho de denúncia de trabalho escravo. É um outro jeito de fazer jornalismo fora da imprensa tradicional. A gente tem também a *Pública* [apublica.org], a primeira agência brasileira de jornalismo investigativo independente. Então há várias coisas acontecendo. Tenho uma ex-colega da *Época* que está na faixa dos 30 anos e saiu da revista para fazer jornalismo por conta própria, ela faz uma matéria e publica esse mesmo texto no *The Guardian* [tradicional jornal britânico], no *El Mundo* [jornal espanhol], quer dizer, o mundo está mudando, a gente está tendo outras oportunidades. Isso é bem interessante. Mas, principalmente, a Internet ampliou o número de vozes narrativas e de versões sobre os acontecimentos do mundo, o que torna tudo mais rico.

### **Muita gente diz que a Internet não é lugar para textos longos. Qual é a sua opinião a respeito?**

**EB:** Eu acho a Internet um lugar perfeito para textos longos, complexos, profundos. Uma coisa que me deixa muito indignada é essa balela de que Internet é para textos curtos e rápidos, para notícia e não para reportagem. Isso é uma bobagem enorme, e é uma sacanagem, porque pela primeira vez na história a gente tem um meio no qual não há disputa de poder por espaço, como ocorre no espelho do jornal e da revista. A Internet é um meio ilimitado, no qual você pode escrever cem páginas, se desejar. As matérias podem finalmente ter o tamanho que elas precisam ter. Passei a vida inteira ouvindo que eu escrevia demais para os padrões do jornalismo tradicional, sempre enfrentei gozação a respeito disso. A Internet mudou essa relação. Sempre ouvi também que o leitor não gosta de texto longo, mas aí tu pergunta: “Essa afirmação que tu está dizendo vem de onde, de qual pesquisa?” E aí tu percebe que não tem pesquisa por trás daquela afirmação. Desde março de 2010, escrevo uma coluna semanal de opinião na *Época*. Essa é a relação que mantenho hoje com a revista. De vez em quando, eu faço algumas reportagens. Na coluna, eu pude comprovar que o leitor gosta sim de textos longos, que ele lê sim textos

longos. Na verdade, o que o leitor não gosta é de texto ruim, pois ele se sente enganado. Se o texto for bom, ele se sente respeitado na sua inteligência e dedica seu tempo à leitura. Chego a fazer colunas com 60 mil caracteres, o que daria mais ou menos 30 páginas de revista. Tento recuperar aquela ideia das entrevistas longas que a gente perdeu. Não existe mais hoje na imprensa tradicional entrevista de 30 páginas. Eu faço isso na Internet e posso provar que há leitura, porque tenho o acompanhamento da audiência, eu tenho o número de acessos, eu tenho o tempo de permanência do leitor, por isso consigo desmontar todos esses mitos. Uma de minhas colunas mais lidas, por exemplo, foi a entrevista que fiz com a psicóloga Debora Noal, que trabalha na organização humanitária internacional Médicos sem Fronteiras. Tem 63 mil caracteres, uma coisa assim. E eu nunca consegui fazer uma coluna com menos de sete mil caracteres, em média elas têm 10 mil, 15 mil.

*“A Internet é um lugar perfeito para textos longos, complexos, profundos. Uma coisa que me deixa muito indignada é essa balela de que Internet é para textos curtos e rápidos. Isso é uma bobagem enorme, e é uma sacanagem, porque pela primeira vez na história a gente tem um meio no qual não há disputa de poder por espaço. É o leitor que vai escolher se vai ler a sua matéria ou uma outra, em meio a tantas opções.”*

### **Qual foi a sua situação mais difícil que você viveu como repórter?**

**EB:** Já tive vários momentos difíceis, mas talvez a matéria mais difícil tenha sido a minha primeira grande reportagem, que foi sobre a Coluna Prestes. Fiz essa matéria em 1993, quando eu tinha 26 anos. Foi difícil por várias razões. Primeiro, porque foi uma matéria concretamente difícil de fazer: foram 25 mil quilômetros percorrendo o território brasileiro, passando por lugares muito distantes, muito pobres. Havia dificuldades práticas, como reconstruir pontes e viajar quilômetros usando álcool de cozinha como combustível. E essas dificuldades práticas eram, na verdade, as menores, porque eu acabei descobrindo que a história que eu fui



## Mestres da Reportagem

buscar era outra – e essa é a melhor parte, mas também a mais difícil. Eu comecei a viajar impregnada do mito que existia sobre a Coluna Prestes e acabei descobrindo a versão das pessoas que estavam no caminho por onde a Coluna passou, a visão das pessoas que não eram nem governistas nem rebeldes, a visão da população que é, em geral, aquela que mais sofre com qualquer guerra. Em muitos lugares pobres e pequenos, as pessoas começaram a me relatar casos de torturas, assassinatos, estupros, tudo o que hoje é muito lógico de se pensar. Imagine uma tropa de mil homens num lugar muito pobre com 200 pessoas? Mas, embora seja até lógico, naquela época, isso nunca tinha sido cogitado, era um mito muito forte sendo derrubado. Foi difícil no processo de escuta entender o que estava acontecendo. Entrevistei cem pessoas, voltei e publiquei a matéria com a versão do povo do caminho, com a fala de gente que nunca tinha sido ouvida. Minha matéria, claro, foi colocada em dúvida, pois contrariava muito o mito da Coluna. Não há nada mais duro para um repórter sério, uma pessoa honesta, do que ter seu trabalho colocado sob suspeição. Eu era muito jovem para lidar com aquilo, sofri muito. Só no final dos anos 1990, quando foram abertos os arquivos do Juarez Távora, um dos comandantes da coluna, pela Fundação Getúlio Vargas, no Rio, é que foi descoberta uma correspondência do comando da Coluna, na qual os próprios integrantes relatavam que as pessoas fugiam deles e que estavam muito preocupados com os abusos, estupros, assassinatos e outras atrocidades que estavam sendo cometidas pela tropa contra as populações locais. Aí essa versão passou a ser aceita e foi tema da imprensa nacional. Como sempre, a história oral dos mais pobres só tem valor se for “legitimada” pelos letrados.

**Por que você resolveu apostar também no caminho da ficção, lançando o romance *Uma duas*, que trata da relação entre mãe e filha?**

**EB:** A ficção é uma outra voz que em determinado momento eu senti necessidade de expressar. Continuo repórter, fazendo livro-reportagem, mas precisei escrever um romance para dar conta desta outra voz, que agora faz parte de mim e precisa se expressar. E essa necessidade surgiu exatamente com o fato de eu ter trabalhado várias reportagens sobre a

morte. A matéria sobre a morte da Ailce é a mais importante certamente, mas, na verdade, eu fiz várias outras matérias sobre o assunto. Em uma delas, por exemplo, eu fiquei em uma enfermaria especializada em cuidados paliativos de bebês que estavam entre a vida e a morte. Passei praticamente dois anos trabalhando com diversas histórias de morte, de diversas maneiras e, em determinado momento, percebi que eu precisava de outra voz para contar certas realidades, certas verdades. Quando tu tem uma história pra contar, tem de achar um jeito de contá-la ou a história acaba contigo. Pelo menos comigo é assim. Então, eu criei uma voz de ficção. Para quem está acostumado a ler o meu texto de não-ficção, é uma grande surpresa, porque é outra coisa, é realmente outra voz.

**Em uma entrevista que você concedeu à Livraria Cultura sobre o livro, você diz que essa voz surge de repente na sua cabeça. Como é esse processo?**

**EB:** Sempre me entreguei muito, mesmo na reportagem eu sou possuída. Só que no jornalismo eu sou possuída pela voz do outro, pela realidade que está fora de mim. Agora, na ficção é uma possessão de dentro para dentro, uma possessão de mim mesma. Eu vejo também como uma “apuração”, só que é uma apuração dos abismos que existem em mim. Isso é muito perturbador. Quando estou vivendo uma reportagem eu me entrego, tanto que eu nunca falo em casa sobre a matéria. Eu só consigo falar depois de escrever, é como uma gestação, só depois que “nasce” eu falo a respeito. Só que a reportagem tem um tempo menor e a ficção não, leva muito mais tempo, então o custo é maior. A sensação que tive enquanto eu escrevia o livro era a de que eu “vivia” o meu romance e “encenava” a minha vida. Foi bem complicado.

**Você se sente hoje plenamente realizada?**

**EB:** Eu me sinto realizada pelo que já fiz, mas tenho muito mais para fazer, muito mais que eu nem sei o que é. Eu gosto muito dessa coisa da reportagem que é a história do “não saber”, de encontrar algo diferente do que se esperava, de se espantar com o absurdo da realidade. Minha grande angústia é ficar pensando em quanto tempo de vida eu tenho para

## Mestres da Reportagem

poder fazer reportagem, vida com saúde, eu quero dizer. Quero poder ir para a África, por exemplo, pegar malária e não morrer. Até que idade eu posso fazer isso? Essa é minha angústia. Eu queria poder conhecer o mundo inteiro e tenho medo de morrer sem ter realizado esse sonho. Quero fazer muitas matérias na África, na América Latina, tenho muitos sonhos. ♦

A black and white photograph of a woman with dark, wavy hair, wearing a dark blazer over a light-colored blouse. She is seated at a desk, looking down at a document she is holding in her hands. The document has some handwritten notes. In the background, there is a shelf with several potted plants. In the foreground, a white plastic cup is visible on the desk. The overall lighting is soft, and the image has a professional, documentary feel.

# ELVIRA LOBATO

*"A boa reportagem  
é aquela meticulosa"*



## Para a repórter Elvira Lobato, cada matéria exige soluções específicas e um investimento pessoal do jornalista

Por Juliano Ramos, Júlio Basílio, Odair Ramos,  
Paulo César e Sidnei Leal

Formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na década de 1970, a mineira Elvira Lobato traz uma bagagem invejável. Quarenta de seus 58 anos foram dedicados à profissão. Sua primeira experiência profissional foi em 1973, como *freelancer* no *Jornal do Brasil*.

Com conhecimento profundo em economia, tecnologia e telecomunicações, foi responsável por várias matérias que tiveram repercussão nacional e internacional, como a que, em 1986, denunciou a construção secreta pelos militares de um poço para testes nucleares na Serra do Cachimbo (PA), que ela considera a mais importante de sua carreira.

Um dos momentos mais difíceis de sua trajetória foi quando publicou a reportagem vencedora do *Esso* de 2008: *Universal chega aos 30 anos com império empresarial*, sobre o patrimônio da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A igreja e seus fiéis moveram diversas ações judiciais contra ela e a *Folha de São Paulo*, jornal no qual ocupou o cargo de repórter especial e onde trabalhou de 1982 até dezembro de 2011 (desde então, a jornalista está aposentada).

A repórter coleciona outras premiações importantes como o *Grande Prêmio Folha de Jornalismo*, o *Prêmio CNT* e o *Comunique-se 2011*, recebido por ela na semana em que fizemos esta entrevista.

No livro *Instinto de Repórter* (2009), ela conta os bastidores de algumas dessas matérias premiadas.

## Mestres da Reportagem

Nesta entrevista, Elvira destaca as dificuldades da profissão e os segredos e técnicas utilizadas em suas principais reportagens. Fala um pouco da polêmica envolvendo sua matéria sobre a Igreja Universal e oferece dicas para os jornalistas que desejam trilhar a linha investigativa.

### **Qual é o segredo de uma boa reportagem?**

**Elvira Lobato:** A boa reportagem deve trazer novidade. É o que em alguns casos chamamos de furo jornalístico. Há matérias que não são furos jornalísticos, mas que são excelentes reportagens. Tem que surpreender o leitor, não pode deixar dúvidas. Tem que ser clara e bem escrita.

### **E no caso da reportagem investigativa, que é o tema do seu livro *Instinto de Repórter*?**

**EL:** A primeira coisa que o profissional precisa ter é conhecimento do assunto que está sendo investigado. Às vezes, o tema é decorrência de uma legislação específica complexa, e isso pode fazer com que alguém queira induzi-lo a crer sobre uma fraude que, na verdade, não existe. Ou seja, é preciso ter bastante domínio do assunto pra não ser usado como massa de manobra, e não servir a um propósito de alguém que quer acusar outra pessoa. Vou dar um exemplo: se você vai fazer uma matéria sobre uma fraude financeira, você precisa saber qual é a legislação que rege aquele assunto, quem fiscaliza etc. Depois que adquirir esse domínio, você vai ter uma capacidade a mais de analisar a operação específica. Aí você consegue escrever com clareza para o seu leitor, que é o elemento fundamental para uma boa reportagem.

### **Quais são as características de um bom repórter?**

**EL:** A primeira característica de um repórter é a curiosidade. Se não for curioso, a perspectiva fica restrita. Quando o profissional vê algo que parece estar errado e vai atrás, tem chance de fazer uma boa matéria. Depois, tem que ter persistência, pois no jornalismo investigativo é preciso ir atrás do assunto. É extenuante, porque requer que se estude profundamente o caso. Ouvir todas as partes é primordial. Às vezes, surge uma

denúncia e não se consegue comprová-la no final, então há um desgaste. Outra característica do bom repórter é a disposição para estudar. Se ele se acomodar e disser “isso eu já sei”, vai ficar pra trás. Por exemplo, o mercado já não tem espaço para o novo profissional que não domine uma língua estrangeira.

“*Você precisa ter bastante domínio do assunto pra não ser usado como massa de manobra, e não servir a um propósito de alguém que quer acusar outra pessoa.*”

**No livro *Instinto de Repórter*, no capítulo *A TV virou cassino*, vemos que foi justamente por conta da curiosidade que você desvendou um grande esquema de arrecadação de dinheiro envolvendo o sistema 0900, por meio do qual os telespectadores participavam de sorteios em programas de TV. Pode comentar essa matéria, em especial?**

**EL:** Os sorteios de prêmios na TV tinham virado uma febre no Brasil. Os programas de maior audiência, como os do Ratinho, Faustão e Hebe, haviam aderido à onda. Os telespectadores concorriam aos sorteios por telefone. Cada ligação custava, na época, o correspondente a US\$ 3, o que era muito caro, e as pessoas ligavam compulsivamente. Pensei: “Alguns coisas estão erradas. A lei brasileira proíbe apostas - exceto as loterias estatais. Por que isso está acontecendo?”. Vi, na tela da TV, que tinha, bem pequenininho, um número de registro do Ministério da Justiça. Alguma coisa não cheirava bem. A curiosidade foi meu ponto de partida para a elaboração da reportagem. Depois, eu estudei a legislação, procurei saber quem estava envolvido, qual era o jogo econômico que estava por trás dos sorteios. Até chegar a algo que eu não imaginava: entidades filantrópicas estavam sendo usadas como laranjas para contornar a proibição legal e viabilizar os sorteios.

**A primeira reportagem citada em seu livro é sobre a construção de um poço para testes nucleares na Serra do Cachimbo (PA). Esse caso surgiu de uma denúncia?**



## Mestres da Reportagem

**EL:** Não foi uma denúncia. Um amigo me procurou (eu trabalhava na sucursal da *Folha* no Rio) e também ao *J.B.* Ele contou que geólogos tinham perfurado um poço na Amazônia e que eles suspeitavam que o poço seria usado para teste nuclear. Meu amigo só tinha esta informação. Nada mais.

### **Fale um pouco das técnicas que você utilizou nessa matéria?**

**EL:** A apuração começou quando recebi um telefonema do geólogo Arno Bertoldo, funcionário da estatal CPRM (Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais) e então presidente da Associação de Geólogos do Rio de Janeiro. A informação de Arno era de que se tratava de um projeto militar secreto. Não existem informações públicas sobre o poço de Cachimbo, e minha única saída era achar os geólogos e engenheiros da CPRM que executaram a obra e convencê-los a me ajudar. Então, procurei o ex-superintendente comercial da CPRM, o engenheiro Carlos Eugênio Farias, que concordou em conversar comigo, com a condição de que não fosse identificado na reportagem. Saí do encontro exultante, com a espinha dorsal da reportagem nas mãos. Graças a Carlos Eugênio, consegui os bastidores da negociação ocorrida entre os militares e a estatal. O passo seguinte foi levantar todas as informações técnicas possíveis sobre a obra. Carlos Eugênio prometeu me colocar em contato com dois engenheiros que, segundo ele, conheciam os detalhes técnicos. Tive alguns encontros com os engenheiros antes da matéria ser publicada. A cada encontro, eu lhes pedia mais detalhes. Eles me deram as principais informações para a sustentação técnica da matéria: um mapa da base aérea de Cachimbo, com a localização do poço, e a descrição do que havia em torno dele, a especificação dos equipamentos e da tecnologia usadas, o cronograma de execução da obra e a logística da operação.

### **Foi o seu primeiro caso de repercussão nacional?**

**EL:** Não só nacional, mas também internacional. Foi a matéria mais importante da minha vida, porque levou o Governo a fechar o poço. Este é um assunto que mexe com os interesses do mundo: a energia nuclear.

### **Houve algum caso que não teve o final que você esperava?**

**EL:** Não. Acontece com muita frequência de você ter uma informação, ir atrás e depois não se confirmar por falta de provas. Só podemos publicar uma matéria com provas ou indícios muito fortes.

“A primeira característica de um repórter é a curiosidade. Quando o profissional vê algo que parece estar errado e vai atrás, tem chance de fazer uma boa matéria.”

**Você fez uma reportagem em 2008 sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, afirmando que ela chegara aos 30 anos com um império empresarial. Por conta dessa matéria, você foi vítima de um caso inédito na Justiça. Em diferentes estados do país você foi acionada por pessoas que se sentiram ofendidas. Imaginou que teria tantos problemas?**

**EL:** Eu não esperava tal reação por parte da Igreja, porque já havia feito matéria mais grave sobre a Universal, em 1999, sobre as empresas dela em paraísos fiscais, que repassaram dinheiro para compra de emissoras. Anos mais tarde, o Ministério Público do Estado de São Paulo denunciou vários dirigentes da Universal à Justiça pelos fatos por mim apontados. A apuração da reportagem, publicada em 99, teve apuração complexa porque os nomes dos donos de empresas registradas em paraísos fiscais são protegidos por sigilo, e os contratos societários não são registrados em cartórios públicos. O repórter não dispõe dos meios de investigação da polícia e dos procuradores, daí a dificuldade de se apurar crimes que envolvem sigilo fiscal, bancário ou comercial. Consegui provar o vínculo das empresas com a Igreja Universal na Junta Comercial de São Paulo, porque as companhias que estavam em paraísos fiscais tinham se tornado acionistas de outras empresas da Igreja no Brasil. A elaboração de uma reportagem desse teor é uma colcha de retalhos, que se constrói juntando informações. Quando, em 2008, a Igreja entrou com as ações judiciais em série, contra mim e contra a *Folha de S. Paulo*, por causa da reportagem *Universal chega aos 30 Anos com Império Empresarial*, levei um susto e demorei a entender o que estava acontecendo. As ações foram

## Mestres da Reportagem

registradas em pequenas localidades, e nos lugares mais distantes do país, onde pastores e fiéis alegaram que eu humilhei a fé da igreja. Mas, a reportagem tratava do patrimônio da Igreja, e não da fé. Todas as pessoas têm direito de seguir a fé que escolheram e de serem respeitadas em suas crenças. Quem lê a matéria vê que ela não tem conteúdo religioso, e que é sobre patrimônio financeiro e negócios.

**Você afirmou em uma entrevista ao site *Observatório da Imprensa* ter ficado indignada após a exibição de uma reportagem no programa *Domingo Espetacular*, da *Rede Record*, em resposta a sua matéria. Por quê?**

**EL:** Fiquei indignada por vários motivos. A ação articulada contra mim e a *Folha de S. Paulo*, pela Igreja Universal, foi feita através dos juizados especiais, também conhecidos como juizados de pequenas causas. Nos Tribunais de Justiça, quando uma pessoa é alvo de várias ações com o mesmo teor, os processos são juntados em uma só ação, para facilitar a defesa, e o acusado não precisa estar fisicamente nas audiências. Mas, no juizado especial não é assim, porque ele foi feito para resolver pequenas discussões locais. Se o acusado não comparecer pessoalmente, pode ser condenado à revelia. Mas, o volume de ações era muito grande e eu precisaria estar, simultaneamente em cinco, dez lugares em pontos extremos do Brasil. A Igreja Universal tornou-se um grande grupo de comunicação. Além da *Rede Record*, a segunda maior rede de todo país, tem jornais, gráficas e inúmeras rádios. Como um grupo que controla vários veículos de comunicação age assim em relação à imprensa? Fiquei indignada também porque as ações tinham alegações falsas. Processos de diferentes pontos do país tinham o texto igualzinho, com as mesmas frases. Ou seja, eram da mesma matriz e seguiam uma orientação central. O custo financeiro para a defesa numa situação dessas é muito grande. A *Folha* é um grande jornal e pôde suportar os custos, mas se fosse um veículo pequeno, as consequências poderiam ser muito graves. Os processos foram um ataque à liberdade de imprensa. Fiquei muito chateada e angustiada. Eu sempre digo: qualquer pessoa que se sinta prejudicada por uma publicação tem direito de recorrer à Justiça, mas não tem direito de mentir para atacar a imprensa. Por isso é que, até o momento, a igreja perdeu todas as ações na Justiça.

Você continua magoada com o Paulo Henrique Amorim (apresentador do *Domingo Espetacular* da Rede Record), que apresentou essa matéria? Você chegou a afirmar que só o perdoaria se ele tivesse apresentado aquela reportagem por uma questão de sobrevivência.

**EL:** Não foi apenas uma matéria, eles repetiram o programa várias vezes. Estavam estimulando as pessoas contra mim e botaram a minha cara na TV. Eu fiquei imaginando que um fanático, e tem fanático em todas as religiões, poderia simplesmente me atacar. Foi muito grave o tom daquela reportagem, incitando as pessoas contra o jornal e contra mim. Fiquei muito chocada com tudo e, por estar abalada emocionalmente, disse que, se o filho dele estivesse no hospital e ele precisasse daquele emprego, eu o perdoaria, porque um pai desesperado tem o direito de fazer qualquer coisa para salvar um filho. Mas só nesta hipótese.

*“Eu sou da época do brontossauro. Comecei como estagiária e logo passei a fazer matéria na rua. O primeiro trabalho que eu fiz foi em 1973. A máquina de escrever era de ferro. Quando viajávamos, levávamos um saquinho cheio de ficha telefônica. Você consegue imaginar alguém trabalhar hoje sem celular?”*

**A reportagem é um gênero cada vez menos explorado?**

**EL:** Não acho. Ela é cada vez mais valorizada na grande imprensa. Ela continua sendo a matéria-prima do jornal.

**Que diretriz e técnicas a *Folha* passa para os seus repórteres?**

**EL:** O jornal reforça que o jornalista precisa ser verdadeiro, não pode falsear dados, não pode ocultá-los, não pode, em hipótese nenhuma, fazer uma matéria contra alguém e não ouvir esse alguém. O outro lado é importante. Todos têm direito à defesa, como se fosse num julgamento.

Você acabou se tornando especialista em várias áreas, como mercado financeiro e telecomunicações. A especialização é impor-

### **tante para o repórter?**

**EL:** Sim, e muito. Especializar-se no sentido de conhecer. Se você não conhece um assunto, ele vai parecer muito complicado. Por exemplo, ao se deparar com legislação bancária, você fica apavorado. Entender o mercado financeiro é muito difícil, de telecomunicações também. Você está mexendo com termos técnicos, com tecnologias, com grupos que você não conhece. Só com especialização você adquire conhecimento sobre essas áreas.

### **Você trabalha só ou conta com uma equipe de repórteres?**

**EL:** É muito comum o jornalista trabalhar em dupla, mas eu trabalho sozinha, na maioria das vezes.

### **As novas tecnologias são importantes no seu trabalho?**

**EL:** Eu sou da época do brontossauro [risos]. Comecei como estagiária e logo passei a fazer matéria na rua. O primeiro trabalho que eu fiz foi em 1973. A máquina de escrever era de ferro e isso se manteve até início dos anos 90. Quando viajávamos, não levávamos celular. Você consegue imaginar alguém trabalhar hoje sem celular? A gente levava um saquinho cheio de ficha telefônica. Não existia computador, você não tinha como pesquisar no Google. A tecnologia veio para ajudar.

### **Você se tornou acionista da Petrobras e da Oi para investigar mais a fundo essas empresas. Isso é lícito?**

**EL:** Sim, não tem problema nenhum. Eu comprei ações, virei acionista e com isso podia ir à assembleia e requisitar documentos. Fiz para investigar a Oi e Petrobrás. Na Oi foi muito engraçado porque eu cobria o setor e todo mundo me conhecia como jornalista, inclusive os dirigentes da empresa. Cheguei à assembleia e alguém questionou minha presença ali, por ser jornalista, foi quando eu disse: “Sou acionista também”. Quando chegou minha vez de votar, me abstive. Eles ficaram rindo, não tinham o que fazer, pois a jornalista ali era acionista [risos]. Não existe uma receita para apurar uma matéria. Para cada situação você tem que

buscar uma saída. Conhecer as soluções que deram certo em reportagens semelhantes pode ser muito útil e, por isso, escrevi o livro *Instinto de Repórter*. Tentei detalhar cada matéria, para ajudar outros colegas. A boa comida é aquela feita com bons condimentos, a boa costura é a que é feita com carinho, a boa reportagem é aquela meticulosa, então exige um investimento pessoal.

“Os prêmios são bons, porque, evidentemente, coroam uma profissão, mas não podemos trabalhar ou atuar pensando no prêmio, nem na recompensa financeira. A gente tem que trabalhar pela alegria de estar fazendo aquilo.”

### **Como você se sente tendo recebido o prêmio *Comunique-se* como a melhor repórter de mídia impressa em 2011?**

**EL:** Foi uma coisa curiosa, porque eu não consegui chegar ao local no horário. Fiquei duas horas e meia no trânsito, engarrafada [risos]. Recebi também o *Esso*, em 2008, pela reportagem sobre a Igreja Universal, que me gerou todos aqueles processos. Acho que os prêmios são bons, porque, evidentemente, coroam uma profissão, mas nós não podemos trabalhar ou atuar pensando no prêmio, nem na recompensa financeira. A gente tem que trabalhar, sim, pela alegria de estar fazendo aquilo. Toda vez que eu vejo um profissional bem-sucedido numa área, ele fala o seguinte: “Eu faço o que eu amo e ainda ganho pra isso”. Então, o segredo é buscar aquilo que te realiza, que você gosta de fazer. As outras coisas virão em decorrência. O prêmio é bom porque é um reconhecimento da qualidade do trabalho, mas não se deve inverter a relação, ou seja, trabalhar em razão de prêmios.◆





# **ERNESTO PAGLIA**

***“Não há nada  
mais interessante  
pra fazer em televisão  
do que reportagem”***





## O jornalista Ernesto Paglia confessa que não trocaria sua função por nada

*Por Daniela Gualassi e Priscila Guimarães*

O paulistano Ernesto George Paglia, 53 anos, é essencialmente repórter. Desempenha a função desde o início de sua trajetória e tem muito orgulho disso. Considera um privilégio poder variar temas, cenários e equipes a cada missão que lhe é dada: “É muito mais estimulante do que ficar em uma redação trancado, sem saber se do lado de fora é dia ou noite”.

Paglia trabalha a reportagem com tanta paixão que venceu por quatro edições o *Prêmio Comunique-se* (2004, 2007, 2009 e 2011) na categoria *Melhor Repórter de Mídia Eletrônica*.

Ao longo dos seus mais de 30 anos de carreira, o jornalista, que foi correspondente internacional da *Rede Globo* em Londres, entrevistou personagens históricos do século 20, como a ex-primeira-ministra britânica Margaret Thatcher e o ex-secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, Mikhail Gorbachev. Cobriu a guerra entre o Irã e o Iraque, o combate entre judeus e palestinos em Israel, a invasão norte-americana no Afeganistão, entre outros conflitos internacionais. Nessas coberturas, percebeu a importância de buscar as informações direto na fonte. “De maneira geral, recebemos as informações sobre o mundo árabe – assim como sobre a Ásia e a África, de segunda mão. Consumimos uma informação que é colhida por estrangeiros, por gente que tem outro olhar, outros interesses. Então, é importantíssimo fazer esse trabalho de ir direto na fonte e oferecer ao público um olhar brasileiro”.

O jornalista também atuou em grandes eventos esportivos. Cobriu sete Copas do Mundo: Espanha (1982), México (1986), Itália (1990), Estados Unidos (1994), Coreia/Japão (2002), Alemanha (2006) e África do Sul (2010).

## Mestres da Reportagem

Formado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Paglia escolheu o Jornalismo por influência de seu pai, que também atuava na profissão. “Ele era italiano e veio para o Brasil. Trabalhou aqui e, depois de um tempo, todos fomos para a Argentina, terra natal da minha mãe. Lá, ele criou o jornal *Diário Del Domingo*. Um tempo depois voltamos pra cá e ele continuou trabalhando como jornalista. Então, a primeira influência veio mesmo dele. Depois eu gostei da coisa e continuei”.

Seu primeiro emprego na área ocorreu no terceiro ano de faculdade, em 1979, como estagiário da *Rádio Jovem Pan*. Inspirado pelo ambiente de engajamento e efervescência política que tocava os estudantes naqueles tempos em que a ditadura militar começava a cair, aderiu à greve dos jornalistas que aconteceu naquele ano e acabou sendo demitido. Com a ajuda do colega de piquete Carlos Monforte, conseguiu ingressar na maior emissora de TV do Brasil. Foi lá que ele verdadeiramente aprendeu a fazer telejornalismo: “O ambiente universitário foi fundamental, mas televisão mesmo eu aprendi a fazer na *Globo*, com belos editores que cumpriram um pouco essa dupla função: ao mesmo tempo em que editavam, me ensinavam. Foi uma grande escola”.

A responsabilidade de repórter especial da emissora veio em 1981 e, com ela, propostas de reportagens cada vez mais ousadas para diferentes programas jornalísticos da *Globo*, dentre eles o *Globo Repórter*. Foi com uma grande reportagem para este programa sobre a trajetória do cacique xavante Mário Juruna [a matéria, no formato de um documentário, foi dirigida pela editora Mônica Labarthe, com roteiro do jornalista e ex-deputado federal, Fernando Gabeira], que Paglia venceu em 1984 o prêmio do *Festival Internacional de Televisão de Sevilha* (Espanha).

Em 2010, foi designado para tocar o projeto *JN no Ar*, lançado pelo *Jornal Nacional*. Durante as cinco semanas que antecederam o primeiro turno das eleições presidenciais, percorreu 27 municípios brasileiros para retratar suas carências e anseios. A experiência resultou no livro *O Diário de Bordo do JN no Ar*, lançado em 2011, pela editora Globo.

Hoje o repórter declara viver em um “ambiente embarcado”, comandando o programa *Globo Mar* (ao lado da jornalista Poliana Abritta), que mostra a diversidade natural marítima e a rotina de trabalho de pessoas

## Ernesto Paglia

que dependem das riquezas do mar para sobreviver. Direcionou sua linha de reportagem para a temática ambiental e está bem satisfeito com isso. Já esteve duas vezes na Antártida e no Ártico e conhece todas as ilhas oceânicas brasileiras.

Com muito bom humor e receptividade, fazendo jus à sua descendência italiana, o jornalista conversou conosco sobre sua carreira e suas principais matérias. Confira!

*“Não há nada mais interessante pra fazer em televisão do que reportagem. É um privilégio poder variar de assunto, de cenário e equipes. Poder viajar é muito mais estimulante do que ficar em uma redação trancado, sem saber se do lado de fora é dia ou noite.”*

### Como foi seu início na carreira de jornalista?

**Ernesto Paglia:** Comecei no rádio. Trabalhei dois meses e meio na rádio *Jovem Pan*, em 1979. Por coincidência, meu pai já havia trabalhado em rádio. Ele também foi jornalista e eu achava interessante esse veículo, que é muito ágil e dinâmico. Até hoje ouço muito. Acredito que para o jornalismo o rádio ainda é imbatível. Quando estou fazendo documentários para o *Globo Repórter* ou outro programa no meio do nada, no Ártico, por exemplo, sempre levo um radinho de ondas curtas. É um tipo de transmissão que permite que você ouça do outro lado do mundo. É muito prático. Houve uma época em que não havia a *Rádio CBN*, existia só a *BBC* [*British Broadcasting Corporation* - grupo estatal britânico]. Se você queria uma fonte de informação segura, razoavelmente independente e confiável, você ligava na *BBC* e ela transmitia em ondas curtas informações para o mundo inteiro, em vários idiomas. É muito útil ter um radinho a bordo.

### Você escolheu o jornalismo por influência do seu pai?

**EP:** Sem dúvida! Ele foi um grande exemplo de que era possível trabalhar nessa profissão. Meu pai [Gerardo Paglia] era italiano e veio para o Brasil. Trabalhou aqui e, depois de um tempo, todos fomos para a Argen-

## Mestres da Reportagem

tina, terra natal da minha mãe [Haida Alcira Frias Paglia]. Lá, ele criou o jornal *Diário Del Domingo*. Um tempo depois voltamos pra cá e ele continuou trabalhando como jornalista. Fomos para o interior de São Paulo, em Ribeirão Preto. Minha formação foi lá, do primário ao ensino médio. Então, a primeira influência veio mesmo do meu pai. Depois eu gostei da coisa e continuei.

**Além do Jornalismo, você iniciou o curso de Ciências Sociais e chegou a participar da greve dos jornalistas de 1979, que te levou a ser demitido da *Jovem Pan*. Você considerava importante o engajamento político?**

**EP:** Vamos contextualizar isso. Nós estamos falando do final da década de 70 para o início dos anos 80. Eu estava na ECA [Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - USP], que era um ambiente de efervescência política e de movimentos estudantis. Você não tinha canais para expressar a sua opinião. Inclusive, as suas ideias tinham que ser expressas com cuidado, para que você não sofresse com a repressão política. Por isso, foi necessário ir pelo caminho da manifestação. Dentro do movimento estudantil, existia uma atividade muito grande. No meu primeiro ano de faculdade, me lembro de várias manifestações políticas. Os estudantes estavam na rua quase todos os dias. Quando entrei na *Jovem Pan*, que foi meu primeiro emprego em jornalismo, estava no segundo ano do curso e no final do primeiro ano da graduação de Ciências Sociais. O Governo Geisel [general-presidente Ernesto Geisel] havia acabado e já estávamos no Governo Figueiredo [general-presidente João Baptista Figueiredo], que tinha um pouco mais de abertura, forçada pelos sindicatos. O Governo Militar, de certa forma, estava enfraquecendo. Havia maior espaço para a pressão dos ativistas do ABC paulista, lugar onde até hoje existe uma elite operária. Lá estão as fábricas mais modernas, com operários mais informados e, conseqüentemente, mais mobilizados para defender seus direitos. Surgia o *Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema*, hoje chamado *Sindicato dos Metalúrgicos do ABC*, de onde saiu o Lula [Luiz Inácio Lula da Silva, que presidiu o Brasil de 2002 a 2010]. Os jornalistas vendo aquilo, acompanhando de perto e cobrindo essas manifestações, também se sentiram estimulados a

fazer uma greve. E eu participei dessa paralisação. Era a primeira vez desde 1961 que os jornalistas de São Paulo se mobilizavam a esse ponto. Era um momento histórico e vindo deste contexto, eu não tinha outra decisão a tomar. Era óbvio que iria aderir. Era uma manifestação de cidadania. Mas aí, é claro, tive que pagar um preço, que foi ser mandado embora. Mas teve suas vantagens, pois logo em seguida consegui trabalho na *Rede Globo*, onde estou há 33 anos.

**Como surgiu a oportunidade de trabalhar numa grande emissora como a *Globo* logo no início da carreira?**

**EP:** Naquela época, a *Globo* tinha 15 anos de existência e já era líder absoluta de audiência. Mas eu não fui pra lá por causa disso. Sinceramente, jamais pensei em trabalhar em televisão, foi um acaso. Durante a greve dos jornalistas, conheci dois colegas da *TV Globo*: o Afonso Mônaco e o Carlos Monforte. Fizemos aquela amizade forjada no calor da luta. Depois de ter sido demitido pela *Jovem Pan* por participar do movimento, só tinha esses dois contatos no mundo profissional e recorri a eles. Quando acabou a greve, fui mandado embora depois de cinco dias, num domingo. Na segunda-feira, fui bater na porta da *Globo*. Pensei: “As únicas pessoas que eu conheço estão lá, só posso contar com elas”. Até aquela ocasião eu não era ninguém, era um cara recém-chegado ao mercado, mais um foca, com uma desvantagem de que eu nem era formado. Estava em uma situação de desvantagem. Fui até a *Globo*. O Afonso estava trabalhando na rua fazendo uma reportagem, o Monforte estava na redação. A portaria me colocou em contato com ele e eu me apresentei por telefone, perguntando se ele se lembrava de mim. Ele disse: “Ah, claro, o italiano!”. E pediu para eu subir. Fui lá e expliquei que tinha perdido o emprego, que precisava trabalhar. Ele não contratava, mas conhecia quem podia fazer isso. Pedi para que me indicasse a pessoa e ele disse: “A pessoa é aquela e a hora é agora. Vai lá!”. E me apontou o chefe de reportagem, que era o Dante Mattiussi. Fomos conversar com ele, que foi com a minha cara e me contratou. Foi basicamente isso. Claro que teve um período de testes e depois de experiência, mas, resumidamente, foi isso que aconteceu. Eu estava no lugar certo, na hora certa, porque sem dúvida minhas credenciais eram escassas. Foi assim que eu entrei lá e acabei

## Mestres da Reportagem

sendo formado por eles. Não foi na ECA que aprendi a fazer telejornalismo. Posso ter aprendido outras coisas, o ambiente universitário foi fundamental na época, mas televisão mesmo eu aprendi a fazer na *Globo*, com belos editores que cumpriram um pouco essa dupla função: ao mesmo tempo em que editavam, me ensinavam. Foi uma grande escola. Foi assim que me adaptei a esse novo veículo.

### **Você é repórter desde o início da sua carreira. Teve oportunidade de sair dessa função?**

**EP:** Houve uma época em que eu pensava em ser âncora. Sentia necessidade de ter um pouco mais de autonomia ou, talvez, mais poder de decisão. Por um período cobri férias dos apresentadores, e naquela época estava sendo criada a ideia do âncora. O objetivo era trocar aqueles apresentadores da geração do Cid Moreira e do Sérgio Chapelin [jornalista e atual apresentador do *Globo Repórter*], que eram locutores, por pessoas que tivessem formação jornalística. Cobri férias do William Bonner [jornalista, editor-chefe e atual âncora do *Jornal Nacional*], que era do *Jornal Hoje*. Também cobri as férias do Carlos Monforte, que fazia o *Bom dia São Paulo* e depois o *Bom dia Brasil*. Fui a Brasília algumas vezes cobrir a ausência do Monforte e comecei a tomar ainda mais gosto pela coisa. Me candidatei a uma vaga e o diretor de jornalismo na época, o Evandro Carlos Andrade, me chamou lá no Rio de Janeiro pra conversar com ele. Eu achava que seria convidado pra assumir algum jornal ou ser treinado para essa função. Na conversa, ele disse que não trocaria um excelente repórter por um aprendiz de âncora. E hoje vejo que ele estava muito certo. Se a posição de âncora me fosse oferecida hoje, eu recusaria, pois estou muito feliz no que faço. Adoro fazer matérias especiais, programas como o *Globo Mar*, entre outras coisas. Na minha opinião, não há nada mais interessante pra fazer em televisão do que reportagem. É um privilégio poder variar de assunto, de cenário e de equipes. Poder viajar é muito mais estimulante do que ficar em uma redação trancado, sem saber se do lado de fora é dia ou noite. Eu viajo, converso, conheço coisas novas e ainda me pagam por isso. Não trocaria minha função por nada. Só se fosse por alguma coisa muito interessante, mas no formato do que a gente vê por aí, eu não trocaria não. O que mais se pode inventar em

telejornalismo? Espero que a criatividade da geração de vocês traga novas ideias.

“Na nossa profissão não dá pra ser burro. Tem que ser, pelo menos, medianamente inteligente. Também é importante ser bem informado e curioso. Quanto ao resto a gente dá um jeito.”

### Quais seriam as características de um bom repórter?

**EP:** Não sei se vocês conhecem a história do José Hamilton Ribeiro, nosso companheiro aqui na *Globo*. Ele é um exemplo de jornalismo. Teve a infelicidade de perder uma perna em um acidente com uma mina na Guerra do Vietnã, quando fazia a cobertura do conflito para a revista *Realidade*. E ele é uma pessoa que lida com isso com bastante bom humor. Reza a lenda que em uma palestra para estudantes universitários, uma menina levantou e perguntou: “Zé, o fato de ter uma perna a menos não atrapalhou o seu jornalismo?”. E ele disse: “Não ter uma perna não atrapalha. O que impede mesmo é quando a pessoa tem quatro”. [risos] Eu concordo com ele, na nossa profissão não dá pra ser burro. Tem que ser, pelo menos, medianamente inteligente. Também é importante ser bem informado e curioso. Quanto ao resto a gente dá um jeito. Se a sua formação não foi brilhante, basta começar a ler bastante, fazer cursos. Aprendemos bastante também com os entrevistados. Você pode ser ignorante em certos assuntos, mas, se for inteligente, aprenderá aquele tema específico com a fonte. Basta que o entrevistado esteja disponível para falar. Eu, por exemplo, canso de me apresentar para os meus entrevistados assim: “Sou um ignorante em vários campos, mas no seu parece que eu me especializei. Eu não sei nada sobre ele, então, pelo amor de Deus me salva, me ajuda” [risos]. Claro que você não vai fazer isso com uma figura como o Kofi Annan, que era secretário-geral das Nações Unidas, quando eu o entrevistei. Tem que tomar cuidado, pois ele não é uma pessoa com a qual você pode abrir o seu coração dessa forma. O cargo dele exige um outro tipo de *approach*. Mas se você vai entrevistar um cientista que acaba de fazer uma grande descoberta, não tem obrigação de saber tudo sobre o assunto. Então, é melhor ser sincero com o entrevistado para que ele



## Mestres da Reportagem

possa te ajudar, porque você vai precisar passar tudo aquilo para os telespectadores, leitores ou ouvintes de maneira inteligível. Portanto, é absolutamente legítimo admitir sua ignorância e fazer do limão uma limonada. Às vezes, os grandes especialistas têm dificuldade pra explicar para as pessoas comuns o assunto que é do conhecimento deles. Nossa função como jornalista é servir de canal para que o *expert* possa se comunicar com o povo. Eu gosto muito de divulgação científica justamente por isso. Nós podemos ajudar o cientista, o acadêmico, o pesquisador e o economista a se expressarem de maneira mais clara e a passarem adiante suas ideias. Essa é uma função nobre do jornalismo.

**Em entrevista ao portal *Memória Globo* você conta que uma das matérias mais difíceis que fez foi com o autor Orígenes Lessa. Por quê?**

**EP:** Foi uma situação muito chata. Ele estava de muito mau humor e me pegou desarmado. Era uma época em que fazíamos as entrevista logo cedo. Íamos até o local onde a pessoa estava. Ele [Orígenes Lessa] veio para o lançamento do livro dele na Bienal e a assessoria deve tê-lo obrigado a conceder a entrevista. Cheguei às cinco da manhã na redação e me disseram: “Corre porque você vai entrevistar o Orígenes Lessa sobre o livro que ele está lançando”. Evidentemente eu não tinha lido o livro dele, pois fui pego de surpresa, descobri ali que iria entrevistá-lo. Pensei: “Bom... Seja o que Deus quiser...”. Era um livro infantil com um nome criativo e instigante. Resolvi perguntar por que ele escreveu aquela obra e por que deu aquele título tão curioso. Como ele era o autor do livro, poderia muito bem falar uns três minutos sobre isso, mas não estava nem um pouco a fim de me ajudar, pelo contrário. Ele estava com a esposa e eu a convidei pra sentar ao lado dele para a filmagem, mas ela não quis. Ele queria que ela se sentasse e ela não queria. Acabou discutindo com a mulher, e a gente com tudo ligado esperando ela decidir se sentava ou não. Então, ele deu uma bronca nela. Gritou: “Sai daí!”. Foi uma coisa grosseira, ele estava visivelmente mal naquele dia, ficou um clima horrroso. Comecei a fazer a entrevista e ele respondendo com monossílabos. Pedi pra cortar e disse: “Orígenes, o senhor vai me perdoar, mas precisa me ajudar. Eu vim aqui fazer uma entrevista para divulgar o seu trabalho.

Me perdoe, pois não tive tempo de ler o seu livro, fiquei sabendo uma hora atrás que vinha entrevistar o senhor. É o mundo da comunicação, é assim que funciona. O correto evidentemente era eu ter lido, mas não tive tempo. O senhor precisa me ajudar”. Ele se desarmou um pouquinho e, muito ranzinza, me deu uma forcinha, mas de qualquer forma foi uma entrevista infeliz para nós dois. Tem horas que você precisa abrir seu coração, pedir ajuda para o entrevistado.

**Qual pessoa você gostaria de ter entrevistado e o que você perguntaria a ela?**

**EP:** A minha curiosidade é enorme, gostaria de conversar com muita gente. Gostaria de ter encontrado o *Eistein*, por exemplo, e dizer o seguinte: “Dr. Albert, sou ignorante. Me explica melhor essa história de relatividade” [risos]. Também gostaria de entrevistar grandes líderes mundiais e questioná-los sobre algumas de suas atitudes. Seria muito legal poder viajar no tempo e entrevistar Adolf Hitler. Perguntaria a ele por que cometeu todas aquelas barbaridades. São entrevistas imaginárias que eu poderia fazer. Acho que um cara que se aproxima muito disso é o Geneton Moraes Neto [jornalista da *Globonews*, outro dos mestres deste livro]. É brilhante não só a técnica de entrevista que ele usa, mas também a escolha dos entrevistados. Enquanto a maioria das pessoas está pensando desse minuto pra frente, ele é o cara que vai lá atrás e resgata um personagem ou assunto esquecido. Tem um arquivo na cabeça. Eu acho muito interessante esse tipo de jornalismo e aplaudo toda vez que vejo o Geneton desenterrando algum tema do passado, que ninguém mais lembra. É muito importante fazer esse tipo de trabalho.

**Como foi entrevistar Mikhail Gorbatchev [ex-secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética] em 1988, no contexto de proximidade do fim da Guerra Fria?**

**EP:** Foi uma entrevista rápida, mas muito legal. Eu estava cobrindo a visita do José Sarney [que na ocasião era presidente do Brasil] à União Soviética. Aproveitei e falei com o Gorbatchev. Naquele momento, ele era a manifestação de toda uma mudança que estava acontecendo no

## Mestres da Reportagem

mundo. A União Soviética estava sendo desmontada. Até então o mundo era claramente dividido em duas metades: uma parte de influência norte americana e a outra de influência soviética. E aí você tinha um cara [Gorbachev] que estava mudando esse cenário. Então, tudo que aquela cabeça com uma marca inconfundível - a chamada “marca de vinho do Porto” – decidia estava influenciando o mundo inteiro. Hoje a coisa mudou. Apesar da Rússia ser um país poderosíssimo, ela não tem mais o peso que tinha. Foi emocionante poder entrevistá-lo, fiquei muito contente. Poucos meses antes dessa minha entrevista, o Luiz Carlos Azenha [outro mestre da reportagem que está neste livro] tinha entrevistado o Gorbachev para a *TV Manchete*, dando um furo de reportagem em toda a imprensa. Também foi uma conversa rápida, meio que por acaso, em um encontro de cúpula em Moscou entre o então presidente Ronald Reagan [EUA] e Gorbachev. O mundo inteiro foi cobrir aquele encontro no Kremlin, porque o que aqueles dois países decidiam influía em todo o planeta. Toda a imprensa já tinha entrado no local do encontro, respeitando o rígido protocolo soviético, e o Azenha chegou atrasado para a cobertura. Coincidiu dele chegar junto com o Gorbachev, praticamente tropeçou nele do lado de fora do Kremlin, na Praça Vermelha. Então ele teve a ousadia, aquela presença de repórter, de avançar e fazer uma pergunta. Ao contrário de outros líderes soviéticos, que eram distantes e intocáveis, Gorbachev chegava pela porta da frente, descia do carro, cumprimentava o público. O Azenha fez algumas perguntas e um intérprete traduziu. Foi um grande furo de reportagem. Quando cobri a visita do Sarney, alguns meses mais tarde, claro que esse episódio estava vivo na minha memória. E eu estava meio assustado, com medo de não conseguir a entrevista. Havia um risco grande disso acontecer, porque daquela vez era uma visita do presidente brasileiro e o dono da *TV Manchete*, Adolfo Bloch, fazia parte da comitiva. Acho que ele tem alguma origem russa, pois levou uma edição da revista *Manchete* em russo, e por onde ele passava distribuía a publicação. Era uma figura folclórica, muito expansivo. Pensei comigo: “Agora eu dancei, porque se o dono da *Manchete* está aqui, e é convidado oficial da caravana do presidente, é porque ele tem um acesso que só a comitiva tem. Se da outra vez o Azenha conseguiu entrevistar o *Gorbachev*, dessa vez ele vai fazer uma exclusiva no banheiro

do Kremlin” [risos]. Preocupado com isso, eu não desgrudava do Sarney e das possibilidades de estar perto do Gorbatchev. De repente, os dois presidentes se encaminharam para um salão, onde iam dar as mãos um para o outro, para que os fotógrafos fizessem aquela imagem de cordialidade, que é clássica nesses encontros. Não estava programada nenhuma declaração para aquele momento. Então, a equipe do cerimonial disse que só o pessoal de imagem poderia entrar. Expliquei que meu cinegrafista estava sozinho, sem um auxiliar para ajudá-lo a carregar o tripé, e que, portanto, iria com ele. Acabei indo. Eu era o único repórter de texto que estava ali, com um monte de fotógrafos e cinegrafistas, inclusive o da *Manchete*. Quando vi o Gorbatchev dando sopa, venci qualquer inibição e comecei a fazer a entrevista. Ele respondeu umas três perguntas e eu sai de lá nas nuvens, estava supercontente.

“Os governos que estão em uma situação de conflito lidam com a informação como se ela fosse uma arma. Ignoram os compromissos com a verdade e a transparência e assumem num primeiro plano a necessidade de proteção do país.”

### **Você cobriu os ataques dos EUA ao Afeganistão. O que mais te impressionou naquela cobertura?**

**EP:** Às vezes temos uma certa fantasia com relação à cobertura de guerra. O que mais mexe com a imaginação das pessoas é o fato de que você está em uma zona de conflito. De fato eu estava, mas o que as pessoas desconhecem é que o acesso que o jornalista tem da linha de frente, do campo de batalha, é muito limitado. Na cobertura que fiz do finalzinho da guerra entre Irã e Iraque, por exemplo, foi um custo pra sair de Bagdá [capital do Iraque], onde a imprensa toda ficava. Os vigias do governo iraquiano, que na época era comandado por Saddam Hussein, não deixavam ninguém sair. Só podíamos sair com um vigia te acompanhando. Era uma coisa muito controlada, quem dirá ir pra frente de batalha. A frase do senador americano Hiram Johnson – de que em uma guerra a primeira vítima é a verdade – é muito consistente. Sem dúvida os governos que estão em conflito lidam com a informação como se ela

## Mestres da Reportagem

fosse uma arma. Então, ignoram os compromissos com a verdade e a transparência e assumem num primeiro plano a necessidade de proteção do país. Tratam a situação como uma questão de segurança nacional e pronto. Eles restringem a liberdade de informação descaradamente e você não consegue fazer muita coisa. É uma luta conseguir fazer uma cobertura bem feita em uma situação dessas, em que toda informação é controlada. Por isso as limitações da cobertura no Afeganistão foram igualmente grandes, embora não tanto como no Iraque. Fiquei em Islamabad, que é capital do Paquistão. No Afeganistão mesmo você não conseguia entrar. Três quartos do país, a parte sul e o centro estavam nas mãos do Talibã, que é uma milícia religiosa fundamentalista e radical. Eles tinham implantado um regime medieval, proibindo as meninas de ir à escola, os meninos de soltar pipa, algo bastante drástico, autoritário ao extremo. A região norte era ocupada pelos inimigos dessa milícia, chamados de Aliança do Norte [Frente Islâmica Unida para a salvação do Afeganistão]. Essa aliança era apoiada pelos norte-americanos, que tinham interesse em derubar o Talibã, o que de fato acabou acontecendo. Então, a única possibilidade que você tinha era entrar por essas províncias do norte do país. Mas o pessoal da Aliança do Norte também tinha sua agenda própria e suas regras, entre elas a de cobrar: você tinha que pagar pra conseguir entrar e eram valores exorbitantes. Como estavam lidando com a mídia americana e europeia, que tinha dinheiro e estava disposta a qualquer coisa pra fazer a cobertura pessoalmente, eles abusavam. Mas nós não pagamos por entrevistas nem por acesso à notícia, não concordamos com a cobrança. Por isso fiz boa parte da cobertura a partir do Paquistão. A experiência foi muito boa. Foi muito interessante entrar em contato com esses costumes, visitamos, por exemplo, escolas religiosas fundamentalistas. Fui a uma Madrassa, que é uma escola religiosa para crianças e adultos. Entramos em um culto e fomos admitidos ali, mesmo sendo estrangeiros. Fomos recebidos pelo sacerdote, que é o Iman. Pra chegarmos até ele, tivemos que atravessar um mar de pessoas com turbantes, muitos homens barbudos. Você fica na dúvida se é bem-vindo ou não. Mas fomos muito bem recebidos. O ser humano é maravilhoso. Com um simples sorriso você consegue uma atitude respeitosa. Conseguimos entrar no templo deles. Eles nos explicaram como era seu ponto de vista

em relação ao conflito, e era isso que eu buscava, queria a informação direto deles, não queria ouvir um representante do Governo. Eles nos autorizaram a filmar as aulas, mostramos as crianças lendo o Alcorão, rezando, então, foi uma reportagem que mostrou ao Brasil algo que conhecemos pouco. Acho que cumpri meu dever, me senti muito satisfeito por ter conseguido material pra trazer ao telespectador.

### **Qual foi a situação que mais te causou medo na cobertura da Guerra entre o Irã e o Iraque?**

**EP:** Não cheguei a ter grandes medos, porque estava lá num momento de trégua. O que houve foi uma situação curiosa. Depois de muito insistir a gente conseguiu ir pra frente de batalha. Fomos em um ônibus cheio de repórteres do mundo todo, a maioria era formada por americanos e europeus. Fizemos um longo trajeto, horas de viagem até chegar a um quartel, tudo com as cortinas do ônibus fechadas. Não podíamos filmar. Quando chegamos e descemos do ônibus, o comandante do quartel já nos esperava com um almoço. Alguns jornalistas gringos - ao nosso olhar muito práticos, pragmáticos - disseram: “Vimos aqui pra fazer reportagem, não temos que aceitar comida”. Ficaram brigando, batendo boca com o comandante. Aí eu e um francês olhamos um para a cara do outro, avistamos uma bandeja cheia de carneiro, e dissemos: “Vamos almoçar? Depois a gente briga” [risos]. Alguns até queriam fazer greve de fome. E a gente falava: “Que greve de fome rapaz! Vamos comer, é cortesia do cara”. Mas é uma questão cultural. Os anglo-saxões são rígidos e apavorados. No conceito deles, não tínhamos que aceitar nada. Já o povo latino é diferente. Não vimos problema em aceitar a hospitalidade árabe.

### **A mídia faz uma cobertura adequada do mundo árabe?**

**EP:** Temos dificuldade de comunicação, muitas vezes pelo idioma. Por isso os grandes grupos de comunicação têm suas fontes e as grandes agências de notícias contam com funcionários locais, que falam, além do inglês, a língua local. Tudo para vencer a barreira do idioma. Mas sem dúvida diferenças culturais, preconceitos e vieses atrapalham a comunicação. Acho que a obrigação do jornalista é sempre buscar a informação

## Mestres da Reportagem

direto na fonte, porque nós, de maneira geral, recebemos as informações sobre o mundo árabe – assim como sobre a Ásia e a África, de segunda mão. As agências de notícia cobrem pra gente. Os veículos brasileiros de comunicação investem relativamente pouco ainda na cobertura internacional. Já aumentaram bastante os investimentos em relação ao passado, mas ainda há poucos correspondentes. Hoje a televisão é a mídia que mais investe na correspondência internacional, porque ainda precisa da presença física do repórter lá fora, da cara dele ao lado da Torre Eiffel ou das pirâmides do Egito. No jornal e no rádio há poucos correspondentes, porque é uma coisa cara. O fato é que, na maioria das vezes, a gente acaba consumindo uma informação que é colhida por estrangeiros, por gente que tem outro olhar, por empresas que têm outras agendas, outros interesses. Então, é importantíssimo fazer esse trabalho de ir direto na fonte e oferecer ao público um olhar brasileiro.

**Você cobriu o momento da reeleição do presidente da Venezuela Hugo Chávez. Existe uma polêmica em relação a ele. Muitos o tratam como uma espécie de ditador e outros o defendem, dizendo que ele é muito amado pelo povo. O que você observou na cobertura que fez?**

**EP:** Ditador na acepção da palavra ele não, pois é um líder eleito. O que acontece é que, a exemplo de outros líderes latino-americanos atuais, ele age de forma populista, demagógica. Em muitos casos pega o dinheiro do petróleo, que é uma grande fonte de riqueza, e usa em uma proposta populista para fazer bem aos pobres, de forma paternalista. Assim ele se transforma no “pai da pátria”. É um discurso antigo, uma maneira de se preservar no poder. Obviamente que ele planta em um terreno fértil. A Venezuela tem uma elite que por muito tempo ignorou as necessidades populares, ou seja, criou um ambiente propício para alguém como ele, com um discurso populista, crescer. Agora, esse discurso classista dele, que divide o país ao meio, não me parece um tipo de atitude de um líder que comanda bem uma nação. Ele divide em vez de somar. Na minha opinião, o discurso do ódio entre patrícios, pessoas de um mesmo país, não gera uma nação em que eu queira viver. Não gosto desse tipo de

ambiente de confronto. Eu sei que tem gente que filosoficamente e ideologicamente acha que essa é a maneira correta de se construir um país. Diz que os menos favorecidos precisam mandar e dominar, destruindo aqueles que têm mais recursos, para se libertar da miséria, mas eu não concordo com uma política que joga pobres contra ricos. Além disso, Chávez não respeita as regras democráticas. Assumiu o poder democraticamente, mas alterou as regras. Já havia tentado dar um golpe antes e, até onde a gente sabe, ele gosta dessa forma de intervenção política. Recentemente no Paraguai, ele também tentou dar um contra golpe, e se contrapor ao *impeachment* do presidente Fernando Lugo [Lugo foi acusado de “mau desempenho de suas funções” pelo parlamento dominado pela oposição. O processo político “relâmpago” aberto contra ele foi encarado por muitos países sul-americanos como um golpe.], que foi feito dentro das regras do jogo. Enviou emissários para convencer os militares paraguaios a fazer um contra golpe. Eu acho o discurso bolivariano um apelo. Ele tenta resgatar a figura histórica de Simón Bolívar [militar e líder político venezuelano, que lutou pela independência da Venezuela e de outros países latino-americanos colonizados pelos espanhóis] e atribuir a ele um discurso socialista, sendo que Bolívar nunca foi socialista. Ele era um líder que queria criar seu próprio país independente da metrópole espanhola, mas dizer que era socialista é forçar demais a barra. Bem... mas isso tem pouco a ver com reportagem, e sim opinião política.

“Na cobertura que envolve interesses políticos é preciso ter jogo de cintura e ficar atento pra ver até que ponto as pessoas estão tentando te manipular. É importante ouvir fontes contraditórias para enriquecer o mosaico.”

**Em 1984, você ganhou o prêmio do *Festival Internacional de Sevilha*, na Espanha, pela reportagem sobre a trajetória do cacique Mário Juruna. Como foi essa experiência?**

**EP:** A gente fez um *Globo Repórter* com o Juruna. Viajamos por locais que foram importantes na vida dele e ele nos acompanhou. Na ocasião, ele era deputado federal pelo Rio de Janeiro, apesar de ser cidadão mato-



## Mestres da Reportagem

grossense. Acabou sendo registrado pelo PDT de Leonel Brizola. O eleitor do Rio é um cara bastante criativo e irreverente. Eles resolveram votar no índio pra ser diferente. O Mário Juruna foi o primeiro índio que possivelmente apareceu no cenário político nacional e até hoje o único que foi eleito deputado. Era um cara que tinha métodos pouco ortodoxos na cobrança de promessas das autoridades. Ele se notabilizava na época, porque andava com um gravador grandão daqueles antigos, que parecia uma caixa de sapato. Juruna percebeu que o homem branco prometia e nunca cumpria, então começou a gravar as promessas. Fizemos uma reportagem mais no formato de documentário. Quem fez o roteiro dessa reportagem foi o Fernando Gabeira [jornalista e ex-deputado federal pelo Rio]. Ele fez uma coisa muito interessante. A estrutura narrativa toda usava o gravador como gancho. Começávamos os dois sentados: eu e o Juruna. Aí eu mostrava o gravador pra ele e dizia: “Conta pra gente o que você já gravou?”. Ele, então, acionava o gravador e a história começava. Foi uma maneira de contar a história do Juruna de um jeito criativo. Deu certo e acabamos sendo premiados. Passamos um longo mês convivendo com ele. Tivemos dificuldades em algumas ocasiões. Mas uma coisa é certa: ele tinha uma vontade legítima de ajudar seu povo e nós registramos isso. Também registramos o momento mais significativo daquele choque cultural ambulante que era o Mário Juruna – um índio que acabou tendo coisas que muitos homens brancos não têm. Eu não pude incluir esse momento na minha matéria, porque jamais aquilo foi filmado, e talvez, se tivesse filmado, teria dificuldade para mostrar. Aconteceu durante um voo entre Brasília e o Rio. Tínhamos saído do Congresso e pegamos o voo para mostrar para o Juruna a sua base política no Rio. Ele estava sentado na janela do avião, eu estava no meio e a nossa editora, que era a Mônica Labarthe, estava ao meu lado. Eu olhei pra ele e vi que estava dormindo. De repente, no meio do sono, ele limpou a garganta, emitindo um barulho forte, e cuspiu o “produto desta limpeza” pela janela do avião, e é óbvio que a janela do avião não abre. Então, imaginem o que aconteceu? [risos]. Ele vivia um grande choque, era um índio que até meses atrás vivia na aldeia e que, de repente, estava ali de terno e gravata. Pra mostrar esse choque na matéria que fizemos, o Gabeira, de maneira muito inteligente, pediu que o Juruna colocasse a gravata. A gente foi pra

frente do espelho, no banheiro do apartamento funcional em que ele estava hospedado em Brasília, e filmamos a cena dele fazendo o nó da gravata. Essa cena conseguiu comunicar a situação dele. Imaginem um índio dando um nó na gravata? Foi muito interessante. Então, todos esses ingredientes resultaram numa reportagem muito importante. Foi um privilégio poder contar essa história.

**Como surgiu o convite para fazer a série *JN no ar*, do *Jornal Nacional*, viajando por 27 cidades brasileiras [uma em cada um dos 26 estados e o Distrito Federal], para mostrar as carências e anseios delas?**

**EP:** Na verdade fui designado para fazer a série e fiquei muito feliz com isso. Considerarei uma responsabilidade muito grande. Se fui escolhido para cumpri-la, isso só pode me deixar contente. É um reconhecimento da minha capacidade para desempenhar esse papel. Missão dada, missão cumprida, como diz o capitão Nascimento [personagem do filme *Tropa de Elite*], por isso fomos em frente. Tive a sorte de fazer parte de uma equipe brilhante. Um dos grandes desafios que vemos no trabalho jornalístico é conseguir montar um grupo de pessoas, que vai conseguir funcionar bem juntas em cima de determinado objetivo. Se em jornalismo impresso ou rádio você resolve muitas vezes tudo sozinho, em televisão você precisa de equipe pra fazer um produto legal, com técnicos, cinegrafistas e até outros jornalistas. Tínhamos uma bela equipe de oito pessoas no *JN no ar*. Todas as noites nos preparávamos para a pauta do dia seguinte, que nos levaria a um lugar desconhecido. Chegávamos à localidade de surpresa [as cidades que foram alvo das pautas eram sorteadas na véspera da viagem]. O fator surpresa era muito importante, porque não queríamos que a realidade daquele município fosse “maquiada” por algum prefeito que fosse previamente avisado. E dessa forma conseguimos nos aproximar ao máximo da realidade. Foi muito bacana.

**E como teve a ideia de fazer o livro *O Diário de Bordo do JN no Ar* [Editora Globo, 2011], com os bastidores das reportagens da série?**

**EP:** O livro foi sugestão do Ali Kamel, diretor da Central Globo de

## Mestres da Reportagem

Jornalismo. No primeiro trecho da viagem ele já me deu essa dica: “Você está começando uma cobertura histórica, nunca se fez isso que nós vamos fazer. Por que não escreve um livro contando esta experiência?”. Uma sugestão vinda de uma pessoa tão lúcida como o Kamel me fez pensar de fato a respeito. Claro que seria um peso a mais em uma rotina pesada, já suficientemente complicada. Sou muito ruim de memória, sempre vivi pensando no meu próximo passo, na próxima reportagem, ao contrário do Geneton, que tem esse privilégio de pensar o passado. Então me esforcei pra manter um registro do que estava fazendo, pois iria precisar desta memória no livro. E foi muito legal. Na obra eu conto para o público da área de comunicação, como futuros jornalistas, como se faz uma cobertura desse porte. Não é uma leitura pra todo mundo, como literatura, é para um público específico. Um registro técnico valioso para quem trabalha ou quer atuar nessa área. O nome do livro – *O Diário de bordo* - acabou antecipando, sem eu saber, o que eu faço hoje, que é o programa *Globo Mar* [que mostra a diversidade natural do mar e a rotina de trabalho de pessoas que dependem das riquezas dele para sobreviver], onde fico num ambiente literalmente embarcado.

### **Qual foi a matéria do *JN no Ar* que mais te surpreendeu ou foi a mais complicada de se fazer?**

**EP:** Nossa passagem pelo Acre foi acidentada, tivemos alguns problemas técnicos para fazer a transmissão do conteúdo que produzimos. Aí tentamos os planos B, C, D e todos furaram. Experimentamos um pouco o que é a dificuldade de comunicação no Acre, e consideramos isso como parte da informação, porque os recursos lá eram muito limitados e a população do estado vive aquilo diariamente. No dia seguinte, fizemos menção dessa falta de recursos na matéria, transformamos em notícia aquilo que tinha sido um infortúnio para nós. As pessoas lá convivem com o isolamento. O lugar onde tínhamos montado a nossa base naquele dia foi Cruzeiro do Sul, porque era a única cidade que tinha um aeroporto de porte suficiente pra receber o avião Falcon 2000, do *JN no ar*. De lá, fomos, com outro avião menor, até a cidade de Feijó, que foi onde fizemos a matéria. Era a cidade que tinha sido sorteada na véspera. Em Cruzeiro do Sul, na nossa base [onde ocorreria a transmissão], tive-

mos várias dificuldades. Celular de nenhuma operadora pegava, os computadores não tinham acesso à Internet, o nosso equipamento de satélite quebrou. Tentamos transmitir pela Internet da emissora local, que nos dava apoio – a *TV Cruzeiro do Sul* [afiliada da *Globo*], mas ainda assim tivemos dificuldades. E essa cidade fica isolada da capital Rio Branco, separada por cerca de 300 quilômetros. Isso, aqui em São Paulo, dá umas três horas de viagem de carro, só que lá durante alguns meses por ano as cheias cobrem a rodovia, e eles ficam isolados fisicamente da capital. Imaginem o que é não conseguir ir até a capital durante quatro, cinco meses por ano em época de chuva? É difícil a vida deles, e a gente experimentou isso na própria pele. Foi um fato marcante. Outra situação interessante para destacar foi o nosso esforço para tentar evitar qualquer “maquiagem”, qualquer tentativa do governo local camuflar uma situação que prejudicava a população. Notamos uma tentativa dessas em Guarapari, no Espírito Santo. Começamos a conversar com os moradores lá da orla e encontramos um grupo de aposentados. Guarapari tem muito esse tipo de coisa, muita gente se aposenta e vai morar lá. As pessoas começaram a reclamar do sistema de saúde. Disseram que tinha um posto de saúde na cidade em condições precárias. Logo decidimos ir para lá. Só que estava conosco, nos acompanhando e tentando ver o que estávamos fazendo, uma assessora de imprensa da prefeitura local. Quando ela ouviu que iríamos para o posto, saiu na frente correndo pra tentar melhorar um pouquinho o ambiente. Quando chegamos lá percebemos que tinha gente que havia sido posta pra fora. As pessoas se indignaram e começaram a falar: “Ah... é por isso que tem essa correria aqui! Estamos esperando desde as cinco da manhã e de repente botam a gente pra fora. Nos colocaram pra fora para limpar a sala. Só pra vocês filmarem o ambiente limpo”. Então, a gente conseguiu desmascarar aquela situação, foi marcante. E interessante que você olha Guarapari e não imagina que tem essas precariedades, porque é uma cidade bonita à beira-mar, com prédios de bom padrão. Só que, quando você faz a apuração, descobre que aquele município tem uma precariedade grande. Enfrenta sazonalmente, por exemplo, o inchaço na temporada, muita gente vai pra lá e aí essa precariedade aparece ainda mais.

**Em entrevista na ocasião do lançamento do livro *O Diário de Bordo do JN no Ar*, você disse que ao passar pelas cidades vocês tinham que tomar cuidado com “armadilhas” que eram arquitetadas por políticos da região. Pode nos citar um exemplo?**

**EP:** Em vários lugares éramos recebidos no aeroporto por comitivas, cada uma querendo nos puxar pra um lado. O que eu tentava fazer era tirar proveito da situação. Transformar a tentativa de manipulação em uma fonte de informação. Pensava: “Bom, se o grupo A está me contando esta história X do grupo B para que eu prejudique aquele grupo, então eu também vou ouvir o grupo B pra ver o que ele me conta sobre o grupo A”. E aí eu tentava compor com as duas pecinhas um mosaico, uma imagem que no fim do dia eu teria que avaliar sobre a cidade. Éramos duas equipes de filmagem simultaneamente e tínhamos a retaguarda, uma equipe de produção que ficou no Rio de Janeiro. Quando alguém dizia que o problema da cidade era a violência, logo começávamos a checar aquilo, buscando, por exemplo, números da Secretaria de Segurança, do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística], do Ministério da Justiça, da Polícia Federal, enfim, fontes paralelas que pudessem confirmar ou não aquela situação. Essa era uma forma também de escapar das armadilhas. Tudo foi baseado em estatísticas e pesquisas prévias. Eram 400 cidades que poderiam ser sorteadas e todas elas foram pesquisadas previamente pela produção da *Globo*. Então, contávamos com contatos independentes, na medida do possível, em todas as cidades. Isso foi essencial, porque quando chegávamos em uma cidade, não estávamos na dependência daquele assessor do político que foi nos esperar na beira da pista. Ele até podia ser fonte de alguma informação, mas a gente já tinha colhido vários dados antes. Eu chegava lá e dizia que queria ir a tal lugar e o assessor comumente falava: “Ah, não precisa ir neste lugar”. E eu pensava: “Se você diz que não precisa, então é lá mesmo que eu vou”. Isso aconteceu várias vezes. Tem que ter jogo de cintura e ficar atento pra ver até que ponto as pessoas estão tentando te manipular. É importante ouvir fontes contraditórias para enriquecer o mosaico.

**Você enfrenta alguma limitação física ou psicológica para fazer o *Globo Mar* [Paglia é apresentador do programa ao lado da jornalista Poliana Abritta]?**

**EP:** Cada um tem suas próprias limitações e elas precisam ser respeitadas. Há colegas que têm labirintite. Como é que você vai botar essa pessoa dentro do helicóptero? É uma limitação, não dá pra fazer. Algumas vezes você se expõe a atividades que não é obrigado a fazer, você faz se quiser. A Fátima Bernardes, por exemplo, já admitiu que tem dificuldades para andar de avião, mas isso não a impediu de ter feito diversas Copas do Mundo e grandes coberturas internacionais. Então, a decisão é sua. Não precisa mergulhar pra fazer jornalismo de boa qualidade. Só que no ramo que eu escolhi, e no meio que eu resolvi explorar, essa disponibilidade é muito bem-vinda. Fui aprender a mergulhar pra trabalhar, e depois esse se tornou meu hobby. Hoje eu saio de férias e vou para Fernando de Noronha (PE) fazer mergulho. Já fiz algumas atividades em que senti muito medo e passei isso para o telespectador. Eu acho que isso faz parte. Minha obrigação é de alguma forma representar o telespectador. E acho que ele se sente melhor representado quando vê que a pessoa que está fazendo a matéria também sente medo. Na temporada passada do *Globo Mar* deram para a Poliana Abritta uma pauta que eu tinha proposto. Acharam melhor ela fazer, já que ela estava menos acostumada com aquela situação do que eu. É legal que a pessoa que está menos habituada faça a matéria pra passar um olhar novo, assim ela pode narrar aquilo de uma maneira mais original do que alguém que já fez várias vezes coisas do gênero. Então, ela foi fazer um curso de sobrevivência no mar, que é dado pela Marinha. Ele envolve resgate em alto mar, ser puxado de dentro d'água por um helicóptero, ser atirado do helicóptero pra dentro d'água, cair de uma embarcação alta, enfim, uma série de sustos. Essas atividades para nós, jornalistas, são duplamente arriscadas: envolvem tanto o risco físico como o risco de perda da credibilidade. Isso porque, se você se expõe ao ridículo, corre risco de ser desacreditado. Então, você tem que fazer aquilo com certo critério. Se virar palhaço, você joga sua credibilidade no lixo. Precisa reagir de uma forma espontânea, mas mantendo certa dignidade e elegância, fazendo com que o telespectador não apenas ria, mas se identifique. A Poliana conseguiu fazer isso. Reportagens como esta são interessantes, pois levam a bordo o telespectador. É uma maneira de falar pra ele: “Vem ver como isso funciona”. Isso desperta muito o interesse, satisfaz uma curiosidade legítima. Resumindo: ninguém é obri-

## Mestres da Reportagem

gado a viver essas aventuras, mas é bacana estar disponível para elas. Agora, você precisa respeitar suas limitações.

### **Você tem planos de fazer outro livro?**

**EP:** Não tenho não, pelo menos não para agora. Eu costumo dizer que quando eu me aposentar talvez escreva as minhas memórias, se eu me lembrar delas [risos]. Mas, sinceramente, tem muita coisa que estou fazendo no presente, e isso não me dá tempo de falar sobre o passado. Então, deixa essa ideia para mais pra frente, quando eu estiver aposentado ou menos requisitado. Talvez, então, eu tenha espaço pra fazer reminiscência. Tem muita coisa legal adiante. Fico imaginando o que eu ainda vou fazer. É muito divertido ficar nessa expectativa. O legal de ser repórter é isso. Agora, pra falar a verdade, não me sinto muito motivado a escrever sobre um assunto específico ou fazer reflexões teóricas. Literatura também está descartada. O livro *O Diário de Bordo*, por exemplo, nasceu da minha experiência prática, é disso que eu gosto. Talvez possa surgir no futuro algum outro produto do mesmo gênero. O negócio é escrever sobre aquilo que eu amo e tenho a sorte de fazer, que é a reportagem. ♦

A black and white portrait of Geneton Moraes Neto, a man with glasses and a beard, looking directly at the camera. He is wearing a dark jacket over a dark t-shirt. The background is a collage of newsroom-related images: a man speaking into a microphone, a Sony logo, and various text elements like 'PGM EXIB', 'B-3 : COORD-1', and 'SALA DE AMIGOS'.

# GENETON MORAES NETO

*"O mundo real  
é mais interessante  
que o mundo dos jornalistas"*





## Geneton se posiciona radicalmente contra o tédio e a burocracia que costumam rondar as redações

*Por Daniela Gualassi e Jéssica Tamyres dos Santos*

Devoto de “Nossa Senhora do Perpétuo Espanto”, o jornalista pernambucano Geneton Moraes Neto pode agradecer à sua padroeira pelas emblemáticas entrevistas e reportagens que fez ao longo de 40 anos de profissão. A “santa” fictícia criada pelo escritor americano Kurt Vonnegut (1922-2007) é citada pelo repórter todas as vezes em que ele fala da importância do profissional de jornalismo não enxergar os fatos de maneira burocrática, como se eles não pudessem ser retratados com visões e abordagens diferentes do que se costuma divulgar.

Nascido numa sexta-feira 13 de 1956, num hospital localizado num beco sem saída no Recife, Geneton trilhou uma carreira que o levou ao patamar dos grandes nomes do jornalismo brasileiro. Começou sua trajetória, sem perceber, aos 13 anos no suplemento infantil do *Diário de Pernambuco*, passando, depois, pela sucursal do jornal *O Estado de São Paulo*. Formou-se em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco. Aficionado por cinema, foi a Paris estudar a sétima arte. Desistiu, mas teve a oportunidade de ver Glauber Rocha, ídolo de sua geração. Retornou ao Recife e, quando pensou em tirar umas férias, um amigo o chamou para trabalhar na *Rede Globo Nordeste*. Terminou se mudando para o Rio. Atuou no *Jornal da Globo*, no *Fantástico*, mas acabou se “encontrando” na Globo News, canal a cabo que pertence ao mesmo grupo. Ao longo da carreira, escreveu diversos livros, como *Dossiê Drummond* (Ed. Globo, 1994, edição atualizada em 2007), *Dossiê Brasil* (Ed. Objetiva, 1997) e *Dossiê Brasília* (Ed. Globo, 2005).

Além de permanecer em eterna luta contra o tédio no jornalismo, Geneton desempenha seu trabalho tentando “produzir memória”. Defen-

## Mestres da Reportagem

de que toda entrevista e reportagem bem feita pode se transformar num valioso documento histórico para as futuras gerações.

Simpático e bem-humorado, em quase três horas de entrevista, ele nos mostrou as maiores falhas que são cometidas hoje no jornalismo e nos contagiou com a sua “ilusão”: “É uma ilusão achar que o jornalismo vai melhorar as pessoas ou o mundo, mas, se você não tiver essa ilusão, fica complicado. Se pensar estritamente no real, você não faz nada. Prefiro ser iludido. Ou você mantém a ilusão ou você morre”.

### Como você se descobriu jornalista?

**Geneton Moraes Neto:** Ainda não me descobri. O “pior” é que essa brincadeira já dura 40 anos. É inacreditável que ainda hoje eu tenha dúvidas sobre o jornalismo. Eu tinha que ter resolvido essa questão há muito tempo ou abandonado logo a área. Isso de vez em quando me incomoda. Não tive nenhuma influência familiar para ser jornalista. Meu pai era agrônomo e fazendeiro. Minha mãe foi professora. Digo - brincando - que a primeira manifestação “clínica” que eu tive do jornalismo aconteceu quando era criança. Nem sonhava em ser jornalista, mas me lembro de que ficava no muro da minha casa, no bairro da Torre, no Recife, com um caderno em que anotava a placa dos carros que passavam na rua. Anos depois, fiquei pensando se já estava com essa “doença” em mim... Quando tinha 13 anos, comecei a escrever algumas coisas. Imagine a qualidade dos textos! [risos]. Uma prima do meu pai mandou os meus escritos para o suplemento infantil do *Diário de Pernambuco*. Os textos começaram a ser publicados no suplemento infantil do jornal, mas nem passava pela minha cabeça fazer jornalismo profissionalmente.

### Como foi esse início no *Diário de Pernambuco*?

**GMN:** Depois que esses textos começaram a ser publicados no suplemento, fui chamado para ir à redação. Um jornalista do *Diário* leu meus textos e duvidou: “Deve ser o pai quem escreve essas coisas. Chama ele aqui”. Eu tinha 15 anos de idade. Era a primeira vez que eu pisava num jornal. Vou me lembrar para sempre do cheiro, das máquinas, daquela fumaceira na redação. Todo mundo fumava. Uma das primeiras reporta-

gens que fiz me deu uma lição definitiva. O diretor do *Diário*, um jornalista vibrador chamado Antônio Camelo, me mandou fazer uma matéria no Hospital da Tamarineira [nome popular do Hospital Ulysses Pernambucano, em Recife]. “Entre lá, pule o muro, diga que você tem uma irmã internada, invente qualquer coisa. Quero uma reportagem lá!”, ele me disse. Naquela petulância típica dos 16 anos de idade, eu disse a ele: “Deixe comigo!”. Quando chegamos ao hospital, o fotógrafo ficou do lado de fora. Entrei sozinho e me misturei aos pacientes. Digo – brincando - que ninguém notou que eu não era um paciente! Só aí já haveria assunto para dez anos de psicanálise. Os pacientes disseram: “A comida aqui é horrível, vem pedra no meio do feijão. É tudo sem gosto”. Saí do hospital e voltei – desta vez, me apresentando como repórter e ao lado do fotógrafo. Procurei a direção do hospital. A diretora deu uma versão diferente dos fatos: “Aqui, nós temos uma equipe de nutricionistas. Segunda-feira é dia de carne; terça, peixe; quarta, frango”. Aprendi, ali, uma lição. Há sempre duas versões para um fato: a verdadeira e a oficial. Isso vale até hoje para mim. Deve valer para todos os jornalistas.

*“Jornalismo para mim virou sinônimo de reportagem. Tudo que eu fiz fora da reportagem considero como enorme perda de tempo. Fui um dos poucos casos de jornalista que “rasgou dinheiro” - por abrir mão de cargo de chefia. Ficar numa redação tranca-do, discutindo o futuro da humanidade? Never. Estou fora!”*

**Dessa primeira fase, houve mais algum episódio que te marcou?**

**GMN:** Vivi uma cena que ficou meio folclórica. Se eu fosse fazer um livro de memórias, usaria esse caso no título. Eu tinha um editor-chefe, que até hoje permanece no *Diário de Pernambuco*, como diretor. Chama-se Gladstone Vieira Belo [atual vice-presidente do jornal]. Quando nós, repórteres, voltávamos da rua, ele ficava circulando pela redação, com as mãos para trás, olhando por cima do nosso ombro o texto que batíamos na máquina de escrever. Um vez, eu estava querendo enfeitar um *lead*. Ou seja: escrever uma frase “bonita” para começar uma matéria. Gladstone

## Mestres da Reportagem

olhou o texto, bateu nas minhas costas e disse, ironicamente: “O Clube da Poesia fica na rua Aurora! Aqui é a redação do *Diário de Pernambuco*!”. Com certeza, eu estava cometendo, ali, alguma pérola da subliteratura universal [risos]. Ao longo da carreira, você aprende essas coisas: não querer fazer poesia, por exemplo, numa redação.

**Você é formado em Jornalismo, mas já trabalhava na área quando começou a faculdade. Sentiu alguma diferença entre teoria e prática?**

**GMN:** Quando comecei o curso de Jornalismo, na Universidade Católica, já tinha experiência em redação, porque comecei a trabalhar no *Diário de Pernambuco* dois anos antes de fazer vestibular. Mas alguns professores não tinham esta experiência. Usavam, por exemplo, livros europeus sobre jornalismo que traziam organogramas que simplesmente não existiam nos jornais locais, como o próprio *Diário*. Eu chegava ao jornal pelas duas horas da tarde. Recebia das mãos do chefe de reportagem as pautas e saía com o fotógrafo na Kombi de reportagem. Voltava para a redação no final da tarde e escrevia tudo correndo. A prática era assim, bem diferente da teoria que eu ouvia na sala de aula. Sempre quando me perguntam sobre a necessidade de diploma de Jornalismo, digo que ninguém ficou mais burro por estudar. Vá fazer faculdade, então! O que deve ser discutido é a natureza do que se ensina na faculdade. Porque, em alguns casos, em seis meses numa redação você aprende mais do que em quatro anos numa faculdade. Talvez pudesse ser criada uma especialização de um ano. Um estudante de Medicina, para aprender a operar, tem de passar cinco anos na faculdade. Agora, para informar que “a presidente Dilma Rousseff assinou ontem um convênio no Recife para evitar enchentes”, não é preciso tanto tempo assim. Pelo amor de Deus, não é! A técnica jornalística é simples. Depois de tantos anos frequentando redações, digo o seguinte: os jornalistas mais qualificados são os que investem por conta própria em si mesmos. Saiu a coletânea de textos de Paulo Francis, por exemplo? Encontrou os livros de Gay Talese? As reportagens de Joel Silveira? Uma antologia de Rubem Braga? As matérias de Elio Gaspari? Vá lá, compre e leia. Tenha curiosidade. Garimpe na Internet. Vá ver o filme *Todos os homens do presidente* [de Alan Pakula]. Não dá para

ficar esperando sentado as coisas caírem no colo. Não espere que o planeta vá ficar dando tapinhas de reconhecimento nas suas costas. Pelo contrário. Aliás, é preciso aprender a conviver também com a rejeição profissional. Faz parte do circo. Já vi matérias minhas serem jogadas no lixo em série, uma atrás da outra. Já fui profissionalmente assassinado por editores. Estou usando uma linguagem de tablóide sensacionalista inglês para dramatizar uma situação, mas é verdade: já fui profissionalmente assassinado. Fui abatido a tiros “n” vezes. Minha relação com o jornalismo, então, é totalmente acidentada. Pode soar pretensioso, mas não é: prefiro ser um dissidente. Em qualquer situação, não apenas no jornalismo, sempre preferi os dissidentes, os *outsiders*, os rejeitados. Em 98% dos casos, são mais interessantes do que os “aderentes”. Viva a dissidência! Se ser jornalista é jogar notícia no lixo, estou fora. Não me enquadro neste “universo mental”. Prefiro imaginar, ingenuamente, que o jornalismo pode ser vívido, interessante, luminoso. Não há assunto desinteressante. O que há são maneiras desinteressantes de contar o que aconteceu. Ou seja: desinteressante é o jornalista. Não é a vida. Se eu pudesse escolher e se ainda houvesse tempo, talvez, até, eu preferisse criar cabras em Santa Maria da Boa Vista [PE]. Mas, feitas as contas, eu sei, no íntimo, lá no fundo, que, a essa altura do campeonato, minha maneira de fazer algo minimamente útil é exercer o jornalismo com devoção. Quando eu sentir a tentação de virar um burocrata derrubador de matéria, aí sim, prometo sair de cena, desaparecer do mapa e pegar o primeiro ônibus para Santa Maria da Boa Vista. Nunca estive em Santa Maria, mas o nome, pelo menos, é bonito.

**Você teve uma experiência em Paris estudando cinema. Como isso influenciou diretamente seu trabalho?**

**GMN:** Nessa época, eu trabalhava na sucursal do *Estadão* no Recife. Estava bem. Era solteiro. Tinha “casa, comida e roupa lavada”. Ainda assim, resolvi pedir demissão e ir para Paris. Pensava em passar três meses. Terminei me matriculando em um curso de cinema, uma espécie de pós-graduação na Universidade de Paris I-Sorbonne. Mas vi que não tinha vocação acadêmica para aquilo. Fiz um projeto de tese intitulado *Cinema e subdesenvolvimento: o caso brasileiro*, nome bem pomposo.

## Mestres da Reportagem

A ideia era discutir como o Brasil, um país subdesenvolvido, poderia criar um cinema esteticamente desenvolvido, como o Cinema Novo, por exemplo. A tese foi aceita. Eu, como “bom selvagem” vindo do Terceiro Mundo, tinha, claro, aquela ânsia de filmar logo, pegar uma câmera, tentar ingenuamente abalar as telas com meus filmecos de curta-metragem. Mas esbarrava nos professores franceses, com aquela coisa teórica demais na sala de aula. O professor começava com Aristóteles, Platão, até chegar num *take* de Hitchcock [cineasta inglês Alfred Hitchcock]. Vi que não teria paciência para aquilo. Frequentei só o primeiro ano. Uma coisa marcante foi o encontro com Glauber Rocha. Meses antes de morrer, ele foi a Paris fazer uma exibição privada do filme *A Idade da Pedra* para os críticos franceses. Um amigo meu, que também estudava cinema, Marcos de Souza Mendes, perguntou a Glauber se poderia ir à exibição do filme. Quis saber se poderia levar mais alguém, um amigo estudante de cinema. Era eu. Glauber disse que sim. Quando chegou o dia da exibição, lá estávamos nós, os dois brasileiros que estudavam cinema em Paris. Duas cenas foram inesquecíveis. A primeira cena foi Glauber Rocha falando em voz alta, em francês, no *hall* do cinema, com aquele sotaque nordestino: “Eis aqui a juventude brasileira estudando cinema em Paris!”. E aqueles críticos de cinema francês olhando pra gente. Quando acabou a exibição, dentro da sala, Glauber se virou para nós, ficou tocando o dedo indicador da mão esquerda no dedo indicador da mão direita e perguntando: “Fizeram as ligações? Fizeram as ligações?”. Queria saber, na certa, se a gente tinha entendido o que um filme radical como *Idade da Pedra* poderia significar como ruptura da linguagem cinematográfica. Só este dia já valeu a viagem para Paris. A contribuição do cinema para a minha carreira jornalística foi no sentido de tentar ser original na hora de captar uma imagem. É uma influência indireta da experiência toda que vivi em Paris.

### Como surgiu a ideia do documentário *Canções do exílio*?

**GMN:** Em janeiro de 1972, Caetano Veloso voltou do exílio e fez um show no Recife, no Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães, o “Geraldão”, que ainda existe. Fui entrevistá-lo. Não lembro se foi por conta própria ou se alguém me pediu. Caetano Veloso foi a primeira pessoa famosa que entrevistei. Naquela época, entrevistei também Gilberto

Gil. Em 2010, resolvi fazer o documentário “*Canções do Exílio*”, porque queria pegar o depoimento dos dois hoje, quase 40 anos depois da volta do exílio, para fechar um ciclo. Em qualquer profissão, não interessa se você é jornalista ou gari, astronauta ou artesão, é preciso ter um lema, uma bandeira para seguir. Entre outras quinhentas mil bandeiras que eu poderia escolher do jornalismo, há uma que elegi pra mim: “Fazer jornalismo é produzir memória”. É minha modesta contribuição como jornalista: produzir memória para o Brasil.

“*Há uma doença terrível na redação: a Síndrome da Frigidez Editorial. Batizei esta doença. Deveria registrar o nome na Organização Mundial da Saúde. O que é esta Síndrome? É a doença do jornalista que, depois de anos de profissão, perde a capacidade de se espantar diante da realidade. Se perde este fogo, o jornalista deve mudar de profissão.*”

**Você já foi editor-chefe em alguns jornais, mas sempre deu um jeito de exercer a função de repórter. Assim como o Joel Silveira, você faz opção pelo “mundo exterior”?**

**GMN:** As experiências que a gente tem no início da carreira marcam pelo resto da vida. Assim que entrei no *Diário*, fui fazer reportagem. Meu lugar, como repórter, era na rua. Se tivessem me escalado para fazer outra coisa, provavelmente, hoje eu seria um editor, por exemplo. Mas, desde então, para mim, jornalismo virou sinônimo de reportagem. Tudo que eu fiz fora da reportagem considero como enorme perda de tempo. Fui um dos poucos casos de jornalista que “rasgou dinheiro” - por abrir mão de cargo de chefia. Não tinha nem tenho vocação nenhuma para ser chefe. Mas me ofereceram cargos de chefia. Já fui editor-chefe do *Fantástico* por anos, por exemplo, mas não me interessa ser chefe. Meu negócio é ir para a rua, entrevistar alguém. Ficar numa redação trancado, discutindo o futuro da humanidade? *Never*. Estou fora!

**Percebemos que o Geneton da TV é diferente do Geneton que**



**escreve. Seu texto na mídia impressa é mais poético. Como é essa relação entre as duas mídias?**

**GMN:** É completamente diferente. Não estou fazendo charme, mas não sou uma pessoa de televisão. Não sou mesmo. Nunca fui e nem quero ser. Há até uma incompatibilidade física. Sou a figura menos “fotogênica” do mundo - um eufemismo para dizer: bicho feio desgraçado! Não falo para a câmera. Falo para o entrevistado. Não consigo narrar um texto com naturalidade. Prefiro, claro, usar as belas vozes de Sérgio Chapelin ou Cid Moreira para ler os textos que escrevo. Neste sentido, entendo quando, em TV, coisas que fiz foram para o lixo. Sou uma coleção ambulante de impropriedades televisivas. Considero-me, definitivamente, um jornalista de imprensa escrita. Quando digo “escrita” estou falando de livro, jornal, revista, blog, seja o que for. Eu me sinto mais à vontade escrevendo textos. Talvez a TV tenha suprido a minha frustração de não ter feito cinema. Tento, então, em TV, fazer uma câmera, uma luz, um enquadramento diferenciado. Dirijo-me ao entrevistado e não ao público, o que é um absurdo, porque eu deveria em algum momento me dirigir aos telespectadores, mas não sei. Sem falsa modéstia: não é meu veículo.

**Hoje em dia, nas redações, é comum o repórter realizar apurações por telefone. Qual é a sua opinião a respeito?**

**GMN:** Não tenho sinceramente preconceito contra apuração por telefone. É claro que nada substitui o contato pessoal. É muito bom entrevistar a pessoa frente a frente, olho no olho. É possível perceber as reações, os gestos, o silêncio, as pausas, as vacilações. Tudo serve como informação sobre o entrevistado. Mas fiz quinhentas mil matérias por telefone, especialmente em jornal. Eu me lembro quando liguei na casa de uma sobrevivente do Titanic [Eva Hart, em 1992]. Gravei nossa conversa. Daria uma página de jornal. Carlos Drummond de Andrade foi o caso “mais telefônico” que eu tive [risos]. Drummond se sentia melhor falando por telefone do que pessoalmente. Eu ficava ligando para ele quando eu trabalhava no *Jornal da Globo*. Se não me engano, foi Ziraldo quem disse que Drummond era um ser “eminentemente telefônico”. Já o grande poeta João Cabral de Melo Neto disse que, quanto mais perto você estivesse fisicamente de Drummond, mais ele parecia distante. Ago-

ra, quanto mais longe você estivesse, mais ele se abriria. O telefone, então, era a “arma” ideal. Preparei um questionário com cerca de 70 perguntas: tudo o que eu queria saber sobre Drummond. Armei o gravador na minha casa, liguei e ele atendeu. Estava gravando desde que ele disse “alô”. Brinco que quebrei o sigilo telefônico do maior poeta brasileiro. Havia um pretexto para a entrevista, porque o poema “*No meio do caminho*” faria 60 anos em 1988. Usei esse argumento. Drummond contra-argumentou que não valia a pena lembrar desse aniversário. Quando insisti para que ele desse a entrevista, ele disse que não daria, porque a filha estava doente no hospital. Quando perguntei se poderia ser por telefone, ele disse que poderia falar comigo naquele momento, porque estava disponível. Ao ouvir a resposta de Drummond, senti como se estivesse fazendo um gol no Maracanã [risos]. Gravei toda a entrevista. Depois, escrevi o livro *Dossiê Drummond*. Dezesete dias após a entrevista, Drummond morreu. Aquele longa entrevista telefônica terminou se tornando, então, uma espécie de testamento do poeta. Se eu tivesse tido a atitude de dizer “não, por telefone, não” ou “não quero, porque telefone tira a proximidade”, eu teria perdido a entrevista com Carlos Drummond de Andrade, uma das mais marcantes que fiz na vida. Transcritas, as respostas de Drummond por telefone deram duas mil linhas datilografadas. Conclusão: se não der para fazer pessoalmente, faça por telefone, código Morse, fumaça, qualquer coisa. Isso é absolutamente secundário em alguns casos.

**Você já entrevistou mestres como os escritores João Cabral de Melo Neto e Nelson Rodrigues. Foi pautado para essas entrevistas ou você mesmo escolhe seus entrevistados?**

**GMN:** Em 98% dos casos, tomei a iniciativa de entrevistar. Se em alguns momentos eu me deixasse levar pelo que a profissão estava me oferecendo, hoje eu estaria, certamente, fazendo uma coisa completamente diferente - e pior - do que estou fazendo. Há algum tempo, por algum motivo, o tipo de matéria que eu sempre fiz já não encontrava espaço na TV aberta. Tomei iniciativa de ir fazer outra coisa. Bati em outra porta. Bem ou mal, o importante, para mim, é fazer reportagem e entrevista, nem que seja em circuito fechado. Fui para *Globo News*. Quan-

## Mestres da Reportagem

to a Drummond, tomei a iniciativa, ninguém me pediu para fazer. Idem no caso do Rubem Fonseca, que detestava jornalista. Uma amiga minha havia me dito que Rubem Fonseca faria uma conferência em Paris. Fui até a conferência e o abordei. Rubem Fonseca disse que não daria entrevista. Ainda brincou: disse que era tímido. Insisti, mas vi que ele não daria. Então, ele me disse: “Grave o que eu vou falar. Depois, você faz o que quiser”. Gravei toda a conferência. Voltei para o Brasil, transcrevi a fala, que era um depoimento biográfico em primeira pessoa. Ninguém me pediu para fazer. Deixei o texto pronto na portaria do *Jornal do Brasil*, endereçado a Zuenir Ventura, que eu não conhecia pessoalmente. Avisei que era um depoimento do Rubem Fonseca. Zuenir terminou contando esta história no livro de memórias que publicou. Disse que, quando a secretária lhe disse que um repórter chamado Geneton tinha deixado uma matéria com Rubem Fonseca, pensou: “Isso não deve ser verdade. Primeiro: Rubem Fonseca não fala. Segundo: não pode existir alguém chamado “Geneton”, ainda mais Neto. Quer dizer que existem três Genetons? O pai, o filho e o neto? Impossível!” [risos]. Não existem, na verdade, três “Genetons” na família, mas dois: meu avô e eu. Virou “folclore”. De qualquer maneira, quando pegou a reportagem que deixei no *JB*, endereçada a ele, Zuenir viu que era verdade. Publicou aquilo sem mudar uma vírgula. Quando o Rubem Fonseca ficou sabendo do texto, levou um susto. Não acreditava [risos]. O caso me motivou a ir atrás de Carlos Drummond de Andrade. É o que eu digo: ou você toma iniciativa ou fica esperando que as coisas caiam do céu. É melhor você entrar em campo.

### **Você fala muito que a “frigidez editorial” prejudica o jornalismo. Como ela pode ser combatida?**

**GMN:** É uma doença terrível na redação: a Síndrome da Frigidez Editorial. Batizei esta doença. Deveria registrar o nome na Organização Mundial da Saúde [OMS]. O que é esta Síndrome? É a doença do jornalista que, depois de anos de profissão, perde a capacidade de se espantar diante da realidade. Se perde este fogo, o jornalista deve mudar de profissão. Porque passa a ser nocivo ao jornalismo. Não estou falando de algo abstrato, mas de uma situação real, palpável, comprovável no dia a dia das redações. Cansei de ver em redações um clima de tédio total entre os

jornalistas. Se você atravessar a rua, for à padaria e comentar que entrevistou uma velhinha que foi passageira do Titanic, provavelmente os “ouvintes” farão perguntas e se interessarão pelo assunto, enquanto muitos jornalistas dirão, com os olhos semicerrados de tédio: “Ah, mas já faz 100 anos que o Titanic afundou...”. Quando falo de frieza editorial, estou criticando a atitude entediada. Neste sentido é que faço questão absoluta de não me enquadrar no “universo mental” dos jornalistas. Nesse universo, você corre o risco de se julgar mais importante do que você realmente é. O mundo real é mais interessante do que o mundo dos jornalistas. É o que mostra minha experiência de vida. Cansei de ver, ouvir e encontrar leitores e telespectadores mais interessados pelos fatos do que jornalistas. Para que possam contribuir com esse “mundo real”, os jornalistas têm que ter uma atitude de permanente espanto. Precisam ser “levantadores”, não “derrubadores” de matéria. É aí que entra em cena, gloriosamente, a Nossa Senhora do Perpétuo Espanto. Quando criou esta “entidade”, Kurt Vonnegut não estava se referindo ao jornalismo, mas essa “santa” deveria ser proclamada padroeira plenipotenciária da nossa profissão. O jornalista precisa manter, em algum ponto de suas florestas interiores, aquela chama, aquela faísca, aquele espanto que se vê no brilho dos olhos de um estagiário - ou de uma criança. Quando você se guia pelo entusiasmo das pessoas que estão fora da redação, o resultado do trabalho é melhor do que se você se guiasse pelo tédio dos que estão dentro.

*“Tenho uma crítica seriíssima a fazer ao tom das entrevistas feitas pela imprensa brasileira. São excessivamente congratulatórias, principalmente em televisão. Entrevista deve ser um instrumento de revelação - não de congratulação ao entrevistado!”*

**Você se dedica muito ao gênero entrevista. Por que se especializou nesse gênero e o que considera importante para desempenhá-lo com eficiência?**

**GMN:** Gosto de fazer, porque a entrevista é a matéria-prima do jor-

## Mestres da Reportagem

nalismo. Tenho uma crítica seriíssima a fazer ao tom das entrevistas feitas pela imprensa brasileira. São excessivamente congratulatórias, principalmente em televisão. Entrevista deve ser um instrumento de revelação - não de congratulação ao entrevistado! É o que adotei como princípio geral para mim. Não quero ser amigo do entrevistado. Não devo ser. É um pecado capital. Acontece especialmente aqui no Brasil, quando o jornalista entrevista celebridades. Você pode ver uma coletiva de um presidente americano, por exemplo. O jornalista lá é incisivo e diz na lata: “O senhor mentiu...”. Eventualmente, pode parecer agressivo, mas é o papel da imprensa. E o presidente vai responder! Outro pecado capital é o engajamento ideológico. O ex-presidente americano George Bush é tão interessante pra mim, jornalisticamente falando, quanto Fidel Castro. Adoraria entrevistar os dois, mas, para ser sincero, conheço jornalistas que se recusariam a entrevistar o Bush, por conta de ideologia. É claro que tenho minhas opiniões políticas, mas lugar de fazer “patrulhagem ideológica” é na urna, no dia da eleição. Não é na redação, sob hipótese alguma. Quando entrevistei o [general] Newton Cruz, disse a ele, no final da entrevista: “Não quero bancar o bom moço, porque o jornalista vive é de sangue. Quero manchete, quero escândalo, quero causar embaraço para o entrevistado, mas quero dizer que, jornalisticamente falando, o senhor me interessa tanto quanto Luís Carlos Prestes, o líder comunista”. Eu não estava ali pra fazer patrulhagem ideológica em cima do general. Estava atrás de revelações. Com um entrevistado como ele, você consegue informações ricas sobre o regime militar. Mas existem jornalistas que se recusariam a entrevistar o general Newton Cruz, porque ele tinha fama de linha dura. Meu princípio é o seguinte: antes de pisar numa redação, o jornalista precisa se vacinar contra o engajamento ideológico. Não é vacina opcional: é vacina obrigatória! É como vacina contra paralisia infantil: todos devem tomar. Outro problema: como passa a vida lidando com o que é extraordinário, o jornalista corre o sério risco de passar a achar que o extraordinário é ordinário. Transforma-se naquela figura triste do “derrubador de matéria”, um bicho que infesta as redações. De maneira grosseira, divido os jornalistas em duas categorias: os bons, os tais “levantadores de matérias”, são aqueles que você pode pautar para falar de uma xícara e eles vão inventar um jeito interessante para escrever a

respeito. Os ruins, em geral, são os “derrubadores”. Repito: faço questão de não me enquadrar no universo mental da média dos jornalistas. Estou fora. Prefiro ser um “pária”. O que o jornalista “tradicional” diz é: “Ah, fulano já deu esta declaração não sei onde, não vou dar essa matéria não”. Ou então a frase tétrica “a *Folha* já deu”. Não me interessa se a *Folha* deu! O bom jornalista vai procurar fazer de um jeito diferente, vai pensar numa maneira de avançar no assunto, vai descobrir um novo personagem, vai contar aquela história de uma maneira mais interessante. Se Roberto Carlos já deu mil entrevistas, por que na milésima primeira eu não posso tirar algo novo? É preciso ter esta atitude. O jornalista pode até voltar de mão abanando, mas, pelo menos, tentou. Um bom lema é aquela frase de *Angie*, uma música bonita dos Rolling Stones: “Você não pode dizer que a gente não tentou”.

**Você já entrevistou muitas personalidades históricas. Qual personalidade não está mais viva e você gostaria de ter entrevistado?**

**GMN:** Quando fiz esta pergunta a Joel Silveira, uma espécie de guru meu, ele disse: “a entrevista que eu queria fazer era com Hitler. Perguntaria a ele: por que o senhor não insistiu na carreira de pintor? O mundo iria ganhar um pintor medíocre, mas, em compensação, iria se livrar de um dos maiores tiranos da história...”. Joel brincou que, nesse momento, entrariam cinco guardas na sala e o levariam até o cadafalso para matá-lo [risos]. “Mas pelo menos teria feito a pergunta”. Um dos que gostaria de entrevistar seria Hitler mesmo. A princípio, para mim, todo mundo é “entrevistável”.

**Você comentou há pouco que gostaria de ter entrevistado o ex-presidente George Bush. Por quê?**

**GMN:** Para entender essa mentalidade meio “fundamentalista” americana. Teria curiosidade de falar sobre o Iraque, as dúvidas que vão ficar, a decisão de invadir o país. Entrevistei um assessor do Bush, e ele me explicou algumas coisas a respeito, mas, em última instância, como a decisão é sempre do presidente, seria interessante falar com o próprio Bush. Poderia ser por telefone, se ele não quisesse pessoalmente...

### **Qual pergunta direta você faria para o Bush, por exemplo?**

**GMN:** “O senhor se arrepende da decisão de ter invadido o Iraque?” Poderia ser um bom começo ou não, porque o melhor é deixar as perguntas mais incômodas para o final.

### **Então, o melhor é deixar as perguntas incômodas para o final... Já passou por alguma experiência, durante uma entrevista, que gerou uma reação surpreendente?**

**GMN:** É melhor começar com assuntos mais leves, até que tenha construído um clima para as perguntas mais incisivas. Mas nem sempre é assim. Quando fiz uma primeira entrevista com o [ex-presidente Fernando] Collor, resolvi iniciar com algumas opiniões que o Pedro Collor tinha dito sobre ele. Pedro Collor tinha falado: “Fernando era predestinado, inteligente, carismático, comunicativo, demagogo, irresponsável, ambicioso, vingativo e ganancioso”. Então, comecei a entrevista dizendo ao ex-presidente: “O senhor é predestinado, inteligente [...] vingativo e ganancioso”. E ele só me olhando [risos]. Então, completei: “São palavras do seu irmão”. Aquilo criou um clima tenso a princípio, mas terminou com ele reagindo bem à entrevista. É difícil lembrar totalmente, mas já houve caso de eu tocar num assunto e o entrevistado não gostar. A entrevista mexe um pouco com a vaidade do entrevistado. Há várias estratégias que podem ser usadas numa entrevista. Se há alguma coisa que mexe com o ego do entrevistado, como um elogio que alguém fez sobre ele, você pode usar numa pergunta para deixar o entrevistado mais à vontade. Assim, depois, você pode fazer as perguntas mais duras. Mas a regra geral é basicamente essa: deixar as perguntas mais incômodas para o final. Isso funciona sempre.

**Analisando seu jeito de entrevistar, percebemos que você costuma fazer perguntas que exigem respostas descritivas do entrevistado. Por exemplo, em 2011, na entrevista com Ethan McCord, ex-soldado americano que atuou na guerra do Iraque e foi reprimido pelo Exército dos EUA por salvar crianças durante um bombardeio, você fez a seguinte pergunta: “como era um dia típico na guerra?”. Isso é proposital?**

**GMN:** As entrevistas descritivas são as que rendem mais em televisão. Posso citar vários casos. Um exemplo é o do ex-senador Paulo Brossard. Fiz uma entrevista recentemente com ele. Pedi que ele descrevesse o dia em que José Sarney iria renunciar à presidência da República. E ele contou: “Cheguei ao gabinete, Sarney disse que iria renunciar. Fiquei perplexo”. Dá quase pra ver a cena. É o tipo de descrição que pode virar, também, um documento histórico. Sobre o caso do soldado americano: a entrevista ficou forte porque ele foi “descritivo”. Disse que se aproximou da van e viu a menina ferida lá dentro. Isso dá uma dramaticidade que dispensa adjetivos: é uma coisa factual. O jornalismo precisa se render à força avassaladora dos fatos. Gosto de entrevistas que são essencialmente descritivas, mais do que as opinativas. É uma escolha que faço. A entrevista pode render mais se o entrevistado se preocupar mais com a descrição do que com a opinião. É o que aconteceu com Newton Cruz, por exemplo. Durante a entrevista, ele deu opiniões, mas descreveu com detalhes cenas dos bastidores da noite em que aconteceu o atentado ao Riocentro. Nesta hora, jornalismo pode produzir um documento, o tal “primeiro rascunho da História”. Tenho uma obsessão com essa capacidade do jornalismo de produzir memória.

**Por falar em Newton Cruz, nas entrevistas que você fez com ele e com o general Leônidas Pires, que chefiou o DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações/ Centro de Operações de Defesa Interna - do I Exército no Rio de Janeiro entre março de 1974 e janeiro de 1977), houve algo que foi dito que o incomodou?**

**GMN:** Já me perguntaram até se fiquei com medo. Não fiquei com medo, mas, em alguns momentos, quando os generais me dirigiam perguntas, evitei responder, porque minha função, ali, era a de jornalista: eu não estava ali pra fazer um debate com Leônidas Pires ou com o Newton Cruz. Mas quando o general Leônidas falou sobre algo que me pareceu muito injusto sobre o [ex-governador] Miguel Arraes ter “fugido”, tive que lembrar que Arraes foi deposto do governo, preso na ilha de Fernando de Noronha e exilado. Teve de sair do Brasil. Em outro momento da entrevista, ao falar sobre mortes na luta armada, o general perguntava: “É duro pra você ouvir isso?”. Também há outra parte em que ele disse



## Mestres da Reportagem

que nós, da imprensa, tínhamos acesso a eles [generais] na época da ditadura. Tive que rebater, porque não era o que acontecia. Perguntaram uma vez, logo depois da entrevista, qual havia sido a minha impressão. A impressão que me deu foi a de que eles [generais] falavam com toda a convicção, não estavam fazendo teatro ali. Para eles, a atitude que tomaram em 1964 foi “salvacionista”. Dizem, convictos, que cumpriram uma missão naquele momento, porque, como o Brasil seria “dominado” pelo comunismo, eles “salvaram” o país. A repercussão das entrevistas foi surpreendente. Ficou claro, para mim, que havia uma sede de informação pela versão dos militares. Já fiz quinhentas matérias com militantes, com gente que sofreu tortura, mas deu para sentir que o público tem o desejo de conhecer a opinião dos militares. Há muitos e muitos personagens que precisam ser ouvidos para esclarecer o que aconteceu. O Brasil vive uma democracia. Devemos, necessariamente, ouvir a voz dos militares, inclusive as mais chocantes.

### **Como você conseguiu a entrevista com eles? Foi na primeira tentativa?**

**GMN:** Consegui depois de alguma insistência. Não foi fácil. Só consegui que eles marcassem após a quarta tentativa. O momento era bom: os generais estavam “fora da mídia”, meio esquecidos. Em casos assim, é o momento ideal. Isso aconteceu com os dois. Quando pedi a entrevista a Newton Cruz, ele inicialmente recusou. Disse que já não tinha o que falar sobre o período da ditadura. Não queria se meter em “confusão”. Fiquei insistindo. Era perto do Natal. O general chegou a dizer - brincando - que era mal educado e se alterava em entrevistas. “Vou gritar, não vai dar certo”, ele me disse. Eu pensava: “Tomara que ele faça isso, quando eu for gravar a entrevista” [risos]. Continuei insistindo até que ele topou. Com o general Leônidas, foi a mesma coisa, porque ele não queria falar, mas aí você pode recorrer à vaidade. Eu disse a ele que era essencial que ele desse depoimento sobre os bastidores da noite em que o ex-presidente Tancredo Neves passou no hospital. Era importante ter este registro. E ele terminou aceitando. Um dia antes da entrevista, liguei pra confirmar e ele disse: “Você se esqueceu que está tratando com um milico? Se eu marquei amanhã às cinco horas da tarde, então está confirmado amanhã

às cinco! Não tem essa história de vamos ver?”. Engraçado. Um detalhe curioso na entrevista com o Leônidas: quando fomos gravar, havia um vaso de rosas atrás do lugar onde ele se sentaria. E ele o tirou. É só um detalhe, mas achei interessante. Não sei o que tinha ali, mas ele tirou. Talvez tenha achado que não ia combinar muito. Os dois generais foram, para mim, exemplos ostensivos de como você não pode se deixar levar por preferências políticas. O importante era tratar os dois com justiça. Ou seja: ser jornalisticamente justo. É o mínimo que um jornalista pode fazer.

**O general Leônidas Pires pediu para que a entrevista dele não fosse editada. Acha que ele disse isso por medo de haver alguma manipulação ou frase tirada do contexto?**

**GMN:** O general disse que podíamos pegar uma frase ali e tirar do contexto, o que sabemos que é verdade. Resolvi deixar o pedido do general no ar. Se eu pegasse uma frase solta, poderia, sim, distorcer o que foi dito. Nesse ponto, temos que reconhecer que esse é um poder que o jornalista possui. É o poder de apresentar uma personalidade ao público. Temos um enorme poder de manipular e omitir. Uma vez, um articulista escreveu uma coisa politicamente incorreta, mas que é, de certa maneira, verdadeira. Disse que, em última instância, quem manda no veículo de comunicação é o dono, claro, mas o poder exercido na redação pelos jornalistas é enorme.

**Como foi entrevistar Carl Bernstein, jornalista que ao lado do colega Bob Woodward, foi responsável pela série de matérias do *The Washington Post* sobre o caso Watergate, que levou, em 1974, à renúncia do presidente republicano Richard Nixon?**

**GMN:** A entrevista com Bernstein foi uma lição que eu tive. Quando era repórter do *Washington Post*, Carl Bernstein realizou, ao lado de Bob Woodward, aquele sonho de derrubar um presidente da República. Digo - brincando - que jornalista tem que querer derrubar alguém. Se não for o presidente da República, pode ser o síndico do prédio, o presidente do Palmeiras, o diretor da limpeza urbana, mas precisa derrubar [risos]. Eis

## Mestres da Reportagem

uma boa bandeira. Tive que me controlar para não bancar o tiete na entrevista com ele. Fiquei me contendo. Quando acabou a entrevista, Bernstein estava tirando o microfone e disse: “Ah, essa foi uma das melhores entrevistas que já dei pra televisão!”. Virei pro cinegrafista e disse: “Se você não gravou isso, eu te mato!” [risos]. E ele me falou: “Ainda estava ligado”. E eu: “Graças a Deus!” [risos] Não é todo dia que se recebe um elogio de um jornalista deste calibre, habituado a dar entrevistas a TVs de todo o mundo. São histórias de bastidores. Depois que gravamos, Bernstein me perguntou: “você vai para onde?”. Estávamos em São Paulo. Respondi: “Estou indo para o Rio”. E ele disse: “Ah, então me dê o seu contato, porque eu vou te ligar.” Eu fiquei pensando: “Duvido... o Carl Bernstein vai me procurar?”. Gravei a conferência que ele fez na Câmara Americana de Comércio em setembro de 2007 e fui embora. Quando eu chego em casa, no dia seguinte, tinha um recado na secretária eletrônica: “*Hello, Geneton. This is Carl Bernstein.* [Olá, Geneton. Aqui é o Carl Bernstein.]”. Eu pensei: “Que negócio é esse?”. A gravação continuou: “Eu quero convidar você para um jantar hoje lá na Urca. Me ligue no número tal”. É claro que eu gravei essa mensagem e falei para o pessoal de casa: se alguém apagar, vai de castigo ! [risos]. Liguei, mas ele não estava. Deixei um recado. Quando chego no computador, vejo um e-mail de Carl Berstein dizendo: “Quero me encontrar com você”. Sou um bicho para sair de casa. Não costumo sair, mas não podia perder aquela oportunidade. Então, fui. O encontro aconteceu na casa de uma *promoter* na Urca. Assim que cheguei, ele disse: “Esse aí fez uma excelente entrevista comigo”. Falou para todo mundo ouvir. Fiquei meio constrangido. O encontro foi aquela coisa social. Eu não ia ficar em cima do cara. Uma coisa interessante, que cito no livro *Dossiê História* [2007], é que a gente percebe que, quando o sujeito é bom jornalista, ele é jornalista o tempo todo. Durante o encontro, Bernstein falou: “O que você acha daquela catedral [catedral Metropolitana] aqui no Rio?”. É que ele tinha passado no centro do Rio, visto aquela catedral toda estranha e queria a opinião das pessoas. A mulher de Bernstein, uma lourona americana, brincou: “Ele é assim até lá em casa. Se vou fazer compras e volto com outra marca de açúcar, ele fica perguntando por que eu mudei de marca”. Posso dizer que fazer essa entrevista foi um pequeno curso de jornalismo. Tenho

Bernstein como ídolo. Eu sei que ele não tem aquele texto maravilhoso do Gay Talese [um dos pais do *New Journalism*, movimento que revolucionou o texto jornalístico nos EUA, na década de 60], mas as atitudes de Bernstein como jornalista são admiráveis. Afinal, ele revelou, junto com Bob Woodward, um escândalo que provocou a queda do presidente dos Estados Unidos! Quando ele escreve sobre o caso, é de maneira factual: não faz julgamentos. Teve obsessão com a apuração. Não é algo ideológico. Isso eu acho fundamental. Não era, certamente, simpático a Nixon. Não sei em quem ele votava. Tudo indica que votaria no Partido Democrata, mas se aproximou dos assessores de Nixon, que era republicano, para conseguir informações estratégicas. Disse que tudo o que descobriu sobre o caso nasceu da apuração - e não de visões pré-concebidas sobre este ou aquele personagem. Isso vale para todo mundo. Você não pode sair da redação com a matéria pré-concebida.

**Já aconteceu alguma situação embaraçosa durante as entrevistas?**

**GMN:** Fiquei em uma situação meio deslegante em relação ao caso que Bernstein teve com a atriz Elizabeth Taylor. Perguntei se ela não era “velha demais” para ele. Percebi que ele ficou no limite [risos]. Já levei até um fora uma vez, mas desse eu gostei, porque não foi agressivo. Aconteceu com Charlotte Rampling, aquela atriz inglesa. Quando eu tinha 17 anos, era Deus e ela para mim. Sempre achei Charlotte Rampling linda. Quando ela esteve no Rio para um festival, arrumaram uma entrevista para o *Fantástico*. Fui fazer. Ela tem aquela elegância inglesa, é meio *lady*, admirável. Uma das coisas interessantes é que ela se recusa a fazer operação plástica. É uma postura louvável. É linda até hoje, mas poderia ser uma daquelas peruas siliconadas. Durante a entrevista, perguntei: “Você se sente discriminada por essa indústria da juventude, pelo fato de assumir a idade?” E ela me rebateu: “Discriminada, como?”. Falei: “Pelo fato de você...”. Irritada, ela nem esperou que eu completasse: “Mas por que você me pergunta isso?” Deixamos essa parte no ar na entrevista da *Globo News*. Ao final, ela se levantou e eu agradei. A cena genial aconteceu quando ela estava saindo da sala. O cinegrafista continuou gravando. Ela me disse: “*See you next time*” [Vejo você na próxima vez]. Um segundo depois, virou para trás e disse: “*maybe...*” [talvez]. E

## Mestres da Reportagem

foi embora. Num estilo inglês, ela estava me dizendo, na verdade: “Nunca mais!”. Isso é que é ser elegante! Houve quem achasse que fui meio deselegante com ela por tocar no assunto da idade, mas a entrevista rendeu bem justamente por essa razão. É muito melhor que ficar dizendo: “Ah, você é linda. Você continua muito bonita”. Eu me esforço tremendamente para não passar recibo de admirador. Jornalista não pode ser tiete.

**Muita gente opta pelo jornalismo pelo glamour que a carreira pode oferecer. Qual é a sua opinião a respeito?**

**GMN:** Jornalista convive com celebridades. Mas, se achar que pertence àquele mundo, estará morto como jornalista. Uma cena surrealista que passei, por exemplo, foi com o ex-presidente Collor. A imagem que sempre tive é aquela dos tempos em que ele era presidente: todo pomposo, descia a rampa do Palácio do Planalto, em Brasília. Quando acabou a entrevista, em Maceió, para aquela série sobre ex-presidentes que fiz para o *Fantástico*, ele desceu com a gente até o carro, na maior simplicidade. Só não pegou o equipamento do cinegrafista porque não pedimos. Começamos a conversar sobre a revista *Realidade*. Ele dizendo: “Gostava muito da *Realidade*, me lembro do Pelé na capa”. Situações assim oferecem um risco ao jornalista: o de se achar “íntimo” de celebridades. Mas é preciso separar drasticamente as coisas.

**Você costuma afirmar que no Brasil não há uma tradição de prosa clara, de um texto plenamente compreensível. Por quê?**

**GMN:** Estou citando Paulo Francis [1930-1997] - que fez essa afirmação em um encontro na *Folha de São Paulo*. Francis lamentava o fato de o Brasil não ter uma tradição de texto claro, ou seja, uma prosa inteligível e instruída. Ainda vivemos o equívoco de achar que escrever difícil é escrever bem, mas é exatamente o contrário. O próprio texto do Paulo Francis é um belo exemplo de como escrever simples e bem, independentemente de você concordar ou não com o que Paulo Francis dizia. O texto era arrebatador. Em televisão, a falta de clareza é muito mais grave. Em jornal, você pode reler uma frase que não entendeu, mas a TV não

lhe dá essa chance. O próprio Paulo Francis escreveu: “Nossa imprensa: chata, previsível e empolada. Como é chata, meu Deus!”. Dou toda a razão a ele. Se você pegar um texto jornalístico de Paulo Francis e comparar com o que se vê corriqueiramente nos jornais, notará em cinco segundos a diferença. Não é possível começar cinco parágrafos de uma matéria com “segundo ele”. Eis aí um exemplo da chatice! O texto dá tédio. Depois, os jornais ficam reclamando que estão perdendo leitores... Falo como leitor: outro problema é a falta aguda de criatividade. Há 40 anos se diz que o jornal não deve repetir o que a televisão deu. Quem, no entanto, abrir o jornal do dia seguinte, verá, na primeira página, 90% daquilo que já soube na véspera pela televisão. É algo que hoje já acontece também com a TV em relação à Internet. Quem tiver vasculhado a Internet já estará sabendo das notícias mais importantes quando for ver o telejornal. A informação instantânea, tornada real pela fantástica Internet, cria novos problemas para os “velhos meios”. Fiz um teste, uma vez. O Brasil tinha ganhado da Argentina por 2 a 0. Disse: “99% da população brasileira já conhece esse resultado. Se amanhã o jornal botar na manchete que o Brasil ganhou de 2 a 0 da Argentina, é melhor fechar”. Não deu outra. A manchete era essa [risos]. É uma dessas situações tristes da imprensa escrita. Em congressos de jornalismo, vivem dizendo que o jornal tem que oferecer uma abordagem diferenciada, aprofundar mais, fazer um texto bem cuidado, investir na reportagem. O diagnóstico já foi dado há décadas. Mas, guardadas as exceções, os jornais continuam fazendo exatamente o oposto. Ou seja: tudo errado. Não avançam um milímetro em relação ao que a televisão ou que a própria Internet já deu. Nesse ponto, a situação do jornal é meio dramática. Ou muda ou morre.

**Essa é uma coisa do Brasil mesmo ou acontece também no exterior?**

**GMN:** Posso falar da Inglaterra. Talvez porque tenha morado lá, eu me confesso meio anglófilo em matéria de gosto de imprensa. Quando lia as edições dominicais dos “jornais de qualidade” ingleses e os comparava com os do Brasil, era deprimente. A palavra é essa. Depressão profunda. Você não consegue largar o jornal britânico. São pautas diferentes, textos bem escritos, uma diagramação bonita. Bastar pegar o *Sunday*

## Mestres da Reportagem

*Telegraph* para ver a quantidade de matérias especiais. Eu estava lá na eleição do Tony Blair [então candidato a Primeiro-Ministro pelo Partido Trabalhista]. Aqui no Brasil, por exemplo, quando sai uma pesquisa do Ibope, o *Jornal Nacional* dá o resultado na véspera, e, nos jornais do dia seguinte, na primeira página, 90% dos textos dizem: “Lula tem 55%, Serra tem 30%”. Tinha saído uma pesquisa que apontava que o Partido Trabalhista iria ganhar a eleição. Quem estava no poder era o John Major [do partido conservador]. O *Daily Telegraph*, em vez de botar o velho título “Ibope dá vantagem a Lula”, que é o que os jornais daqui fazem, pegou uma foto do John Major sozinho em frente à *Downing Street* [residência oficial do Primeiro-Ministro da Inglaterra]. O título era: *Este homem pensa que vai ganhar a eleição*. Quer dizer: quem bate os olhos numa chamada desta já fica interessado pelo assunto. É um jeito pouco óbvio e nada burocrático de dar uma notícia que a TV, aliás, já tinha dado.

### **Qual matéria é considerada como divisor de águas na sua carreira?**

**GMN:** É difícil apontar uma em especial. Tive um encontro marcante com o Nelson Rodrigues. Eu estava lendo *O reacionário* [publicado em 1977] - uma coletânea de textos brilhantes. As crônicas de Nelson Rodrigues são obras-primas - uma leitura que recomendo. Ninguém sabe usar adjetivo como ele. Com relação à “experiência humana”, a maioria das entrevistas deixa alguma coisa em você. Uma situação curiosa aconteceu quando consegui a entrevista com James Earl Ray, assassino de Martin Luther King [ativista político norte-americano, morto em 1968, que lutou em defesa dos direitos sociais para os negros e mulheres]. Tive a chance rara de entrar numa penitenciária de segurança máxima. Carimbaram as mãos da gente - a minha e a do cinegrafista Hélio Alvarez - com um código. O guarda me disse que trocam aquele código a cada dia. É para evitar que um visitante troque de lugar com um prisioneiro. O carimbo é checado na saída. Passamos por uma sequência de portões de ferro. A porta da frente só se abria quando a detrás fechava. Chegamos a uma pequena sala, para onde o assassino foi levado. Ficamos sozinhos com ele. Eu tinha levado para a entrevista um livro que ele tinha escrito para se defender. Quando acabou a entrevista, fiquei com uma dúvida: peço ou não autógrafa? Meu

Deus, este sujeito é um assassino, matou Martin Luther King. Vou pedir um autógrafo a ele??? É o cúmulo! Mas terminei pedindo. Como jornalista, você vive situações que, em outras circunstâncias, jamais viveria.

“Meu princípio é o seguinte: antes de pisar numa redação, o jornalista precisa se vacinar contra o engajamento ideológico. Não é vacina opcional: é vacina obrigatória! É como vacina contra paralisia infantil: todos devem tomar.”

**A revista *Realidade*, ou qualquer projeto similar, teria espaço no mercado jornalístico atual ou seria uma utopia?**

**GMN:** Teria espaço. Eu, pelo menos, sinto falta de uma revista que trouxesse grandes reportagens, perfis, entrevistas de peso. Hoje, existe uma ou outra publicação que chega perto, como a [revista] *Piauí*. Quando chego a uma banca de jornal, tenho a impressão de que a gente vive a era do “jornalismo endocrinológico”. Todas as publicações querem ensinar o leitor a emagrecer, a engordar, a fazer exercício, a começar uma dieta. Não aguento mais, pelo amor de Deus! Não sou exatamente um saudosista, mas, quando eu estava na faculdade, havia nas bancas *O Pasquim*, que eu adorava, o *Movimento*, o *Opinião*, o *Bondinho*, várias opções interessantes. Eu me lembro da revista *Status*, por exemplo. Trazia mulheres nuas, mas publicava também matérias ótimas. Não faz tempo, comprei no sebo um exemplar que tinha Paulo Francis entrevistando Truman Capote [escritor americano, autor de *A Sangue Frio*], um conto de Gabriel García Marquez [escritor colombiano, autor do romance *Cem Anos de Solidão*, Nobel da Literatura, em 1982] e um artigo de Antonio Callado [jornalista, escritor e professor, autor de *Quarup*]. Hoje, não vejo nada assim. Há também outro vício do jornalismo: a ideia de que os textos, para serem lidos, precisam ser necessariamente curtos. Meu documentário *Canções do exílio* traz um texto, lido pelo Paulo César Pereio, em que digo algo assim: “Por que tudo tem que ser despedaçado, cortado, desossado...?”. Parte-se do princípio de que ninguém quer saber de nada: tudo precisa ser telegráfico. Discordo dessa ideia. Se aparecesse uma revista de reportagem com textos aprofundados, como a *Realidade*, muita



## Mestres da Reportagem

gente iria gostar. Um amigo meu jornalista, cineasta, chamado Amin Stepple, dizia que tinha certeza de que existia uma conspiração internacional da mediocridade. Hoje, depois de analisar friamente, estou convencido de que esta conspiração não apenas existe, mas domina tudo, não só o jornalismo.

### **Quais seriam as vantagens da Internet para o jornalismo?**

**GMN:** Em última instância, a Internet dispensou a figura do editor. Se eu quiser, crio um blog agora, neste minuto, escrevo um texto do jeito que quiser e alguém pode ler em Hong Kong. É óbvio que jamais terá o alcance de um jornal impresso, mas, pelo menos, me livrei da figura do editor, uma entidade que, em alguns casos, tem um papel trágico. Nesse sentido, a Internet foi um milagre para o jornalismo. A grande novidade também é que a Internet "dessacralizou" a figura do jornalista como único intermediário entre os fatos e o público. De certa maneira, hoje todo mundo pode fazer jornalismo. Mas é preciso atentar para algo importante: já que todo mundo vai participar dessa festa, então é preciso obedecer a algumas regras básicas. Não se pode mentir, não se pode deturpar. Não tenho preconceito algum contra as novas mídias. Aquele modelo clássico de poucos órgãos - que falavam para todo mundo ao mesmo tempo - caiu. Houve um "estilhaçamento" radical, centenas de milhares de *blogs* e sites falam para públicos localizados. É uma coisa completamente estilhaçada, uma novidade. Não se sabe aonde é que vai dar. O que sabe, com certeza, é que a única coisa que salva a imprensa tradicional é a credibilidade. Eis aí um valor que vai permanecer, em meio ao vendaval. O que salva o *The New York Times*, por exemplo, é que no dia em que você lê uma notícia como "Bin Laden morreu" num blog, você vai correndo ao site do *NY Times* para ver se é verdade.

**Na entrevista que você fez com a ex-primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, você pediu para ela se definir em uma palavra. Como você se define em uma palavra?**

**GMN:** Iludido. É uma ilusão achar que o jornalismo vai melhorar o mundo, mas, se você não tiver essa ilusão, é melhor desistir. As grandes

ilusões é que movem o mundo. Sempre foi assim. Se a gente se prender estritamente à banalidade do real, não fará nada. Prefiro tentar ver o que se esconde atrás da linha do horizonte. Com o tempo, você vai conquistando o equilíbrio entre a ilusão e a realidade. Tantas vezes, você acha, ingenuamente, que vai abalar a República. Depois, percebe que não abala nada. Você chega à seguinte conclusão: se uma matéria que você fez conseguir mexer com apenas uma pessoa, já estará de bom tamanho. O que você não pode é ter uma atitude entediada diante do trabalho. Isso é desastroso para você, para o leitor, para o telespectador, para o internauta, para o ouvinte, para o jornalismo e para o Brasil. Prefiro ser iludido. Declaro-me oficialmente em estado de rebelião permanente contra essa mentalidade burocrática do jornalismo. Isso pode não ter a menor importância para ninguém, mas, para mim, tem. Ou você mantém a ilusão ou você morre. De resto, desconfio que, no fundo, o que me move a me dedicar ao jornalismo é um certo e difuso sentimento de solidariedade para com os outros. É como Paulo Francis disse um dia: “A morte é uma piada. A vida é uma tragédia. Mas, dentro de nós, mesmo no maior desespero, há uma força que clama por coisas melhores”. Eu acrescentaria: a minha força - pequena, pequeníssima - clama por um jornalismo melhor. Por que não? Posso fazer chegar ao público informações que de alguma maneira sejam úteis e lancem uma ou outra luz sobre o absurdo da vida. É minha maneira de ser solidário com meus semelhantes, com meus pobres sonhos e com meu país. ♦





# **GÉRSON DE SOUZA**

***"Jornalista  
também é  
ser humano"***



## Para o repórter Gérson de Souza, a emoção do jornalista não deve ser escondida do telespectador

*Por Aline da Silva Bezerra e Jéssica Oliveira da Silva*

O jornalista Gérson de Souza fez ao longo de seus 35 anos de profissão matérias invejáveis pelos cinco continentes do mundo. Esteve em lugares fascinantes, desconhecidos da mídia nacional e internacional, como Papua do Oeste, na parte ocidental da Ilha de Nova Guiné, onde comandou uma grande reportagem com os “*korowai batu*” – um povo que, comprovadamente, praticava o canibalismo há 30 anos e que vive em grandes árvores.

Sem a maquiagem e figurino típicos de um repórter de TV, e com um jeito simples, simpático e caloroso, Gérson parece causar uma espécie de “encantamento” nas fontes. Em poucos minutos de conversa, seus entrevistados já estão abrindo as portas de casa, contando “causos” de seu cotidiano e convidando o jornalista para provar pratos e bebidas típicas e exóticas, como a aguardente oferecida pelos *daiiaques*, uma tribo indígena de Bornéu [parte da ilha pertence à Indonésia], que é curtida há anos num recipiente com fetos de animais, pênis de crocodilo e asa de morcego.

Gérson atribui esse “encantamento” ao fato de ser um “caipira do calcanhar rachado”.

“Isso tem a ver com minha origem. Sou caipira do calcanhar rachado [risos]. O caipira não vê com o olho, ele vê com a mão, tem que tocar. Uma vez uma chefe me disse: ‘Não toque no entrevistado’. Mas eu sempre a contrariava. Quanto mais simples você for com o entrevistado, mais amorosa e calorosa será a recepção que você terá dele”.

Nascido em Bauru (interior de São Paulo) em 1957, Gérson começou

## Mestres da Reportagem

no jornalismo em 1977, num ato de coragem e ousadia. Deixou pra trás a carreira promissora que tinha em uma multinacional de equipamentos voltados a veículos de construção civil, após vencer um concurso para locutor na *Rádio Jauense*: “Dentre 33 locutores, fiquei em primeiro lugar”.

Passou por várias outras emissoras de rádio do interior paulista, foi assessor de imprensa no governo bauruense e trabalhou em jornal impresso.

Sua chegada à televisão aconteceu em 1988, na *Rede Globo Oeste Paulista*, que hoje pertence à *TV TEM* (afiliada da *Rede Globo* em Bauru).

Já em São Paulo, participou do lançamento do programa *Aqui Agora*, que revolucionou a TV brasileira por sua linguagem inovadora e ousada. “Me convidaram para participar do projeto, pois lembraram que eu já na *Globo* contrariava um pouco aquele padrão do jornalismo comportado, do repórter engravatado, durinho e parado na frente da câmera”.

Saiu do SBT para fazer o *Documento Especial* na *Rede Bandeirantes*. Posteriormente, voltou à emissora de Sílvio Santos para comandar o *SBT Repórter*.

Hoje o jornalista atua na *Rede Record*, onde está há nove anos. Faz matérias especiais para os programas *Repórter Record*, *Câmera Record* e *Domingo Espetacular*.

Nesta entrevista, Gérson fala de sua trajetória, revela os bastidores de algumas de suas principais reportagens e destaca que o jornalista tem que ter sentimento e personalidade: “O repórter não pode deixar de ser ele mesmo”.

**É verdade que antes do jornalismo, você trabalhou em uma multinacional que fazia equipamentos para veículos de construção civil?**

**Gérson de Souza:** Sim, trabalhei em uma empresa chamada Equipamentos Clark S.A, uma multinacional norte-americana que foi comprada pela Volvo. Essa empresa fabrica empilhadeiras, guindastes, tratores grandes, enfim. Eu ainda era jovem, tinha possibilidade de ser um executivo e fazer carreira nessa multinacional, mas deixei tudo pra trás. Quando eu trabalhava na Clark, em vez de fazer uma faculdade de Administração de

Empresas, Economia ou Contabilidade, prestei vestibular para Comunicação Social na Fundação Educacional de Bauru (SP). Lá eu conheci José Maria Contador, um famoso locutor de uma emissora chamada *Rádio Jauense*, localizada em Jaú (SP). Estudávamos juntos. Ele me avisou que iria abrir um concurso para locutores. “Eu conheço você em sala de aula e vejo que você tem potencial pra ser locutor na rádio”, ele me disse. Então, resolvi prestar esse concurso e, dentre 33 locutores, fiquei em primeiro lugar. Pedi demissão da multinacional para assumir como locutor na rádio. Na época, quando o gerente da rádio soube que eu iria me demitir da empresa, me desestimulou. Disse que eu deveria ficar lá porque eu ganhava bem e, no rádio, eu iria passar fome. Mesmo assim eu decidi assumir o risco. Um ano antes, eu já trabalhava como *freelancer* na *Rádio Cultura* de Pederneiras (SP). Naquela época, a profissão de jornalista foi regulamentada. A lei abriu uma brecha para quem exercia o jornalismo até 1977. A pessoa estaria desobrigada de fazer a faculdade para tirar o diploma. Aproveitei essa brecha, pois já trabalhava no rádio. O juiz deferiu meu pedido de registro de jornalista e eu acabei abandonando a faculdade, que era de péssima qualidade. Mas embora tenha abandonado o curso de Comunicação Social, eu lutei e contribuí politicamente, já como jornalista, para a transformação da FEB [Fundação Educacional de Bauru] em UB [Universidade de Bauru]. Ela acabou se transformando na Unesp [Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho], uma grande universidade. Então, era para eu ser um executivo da Clark hoje. Talvez eu estivesse no Canadá ou nos EUA, trancado em um escritório e ganhando muito dinheiro, mas, acreditem, sou muito mais feliz fazendo o que eu faço.

**Em quais outros veículos você trabalhou antes da *Rede Record*?**

**GS:** Trabalhei em várias emissoras de rádio no interior de São Paulo, fui assessor de imprensa no governo municipal de Bauru e trabalhei em jornal impresso. Entrei para a televisão como jornalista no dia 08/08/1988, uma data que não dá para esquecer. [risos] Foi na *Rede Globo Oeste Paulista*, que hoje pertence à *TV TEM* [afiliada da *TV Globo* em Bauru]. Depois, vim para São Paulo a convite do *SBT* para trabalhar na criação do programa *Aqui Agora*. Saí de lá pra fazer o *Documento Especial* na *TV Ban-*



## Mestres da Reportagem

*deirantes*. Foi um dos programas que mais gostei de fazer, fez história na televisão com a direção de Nelson Hoineff [jornalista, produtor e diretor de TV]. Voltei para o SBT pra fazer o *SBT Repórter*, que é um programa de grandes reportagens. Estou na *Record* há nove anos. Cheguei no início do crescimento do departamento de jornalismo da emissora, tanto em termos de material humano como em termos de equipamentos. Estou feliz na *Record*. Pertencço ao núcleo do *Repórter Record*, mas estou emprestado para o *Domingo Espetacular*. Também produzo grandes reportagens para o *Câmera Record*.

“Se você presencia ou sente algo forte, você acaba transmitindo isso para o telespectador, não tem jeito. E eu gosto de trabalhar assim. Narro com naturalidade o que está acontecendo naquele momento, não fico me reprimindo.”

**Como foi trabalhar no *Aqui Agora* [telejornal exibido no SBT em 1991, em sua primeira versão, e em 2008, na segunda, e que revolucionou a linguagem da TV brasileira]?**

**GS:** Era um desafio. O programa tinha uma proposta de linguagem diferente da narração simultânea à gravação de imagens. Explorávamos o que a gente chama de “plano sequência”, deixávamos a câmera ligada por um longo período, registrando toda cena do fato, e narrávamos no improviso. Eu já havia trabalhado na *Rede Globo* com a Neusa Rocha e o Amaury Soares, que tinham sido chamados para tocar o projeto de criação do programa. Eles resolveram me convidar para participar, pois lembraram que eu já na *Globo* contrariava um pouco aquele padrão do jornalismo comportado, do repórter engravatado, durinho e parado na frente da câmera. E também por causa da minha capacidade de improviso. Não escrevo os textos antes de gravar uma passagem. Simplesmente assimilo o assunto e narro. Quando cheguei lá, existiam vários personagens no programa, como Gil Gomes, Jacinto Figueira Jr., o famoso “homem do sapato branco” [apelido do repórter Jacinto Figueira Jr e nome do programa de entrevistas da virada dos anos 70 para os 80 que ele apresentava], e Wagner Montes. Também existiam repórteres e jornalistas, com um estilo mais formal,

como César Tralli, Sérgio Frias e Célia Serafim. Nós chegamos com a função de fazer jornalismo em um programa que também tinha um pouco de show. A técnica que utilizávamos não era nova. O Goulart de Andrade [apresentador do *Comando da Madrugada*], por exemplo, já fazia. Costumo dizer que o Goulart é o professor do plano sequência. Na época em que eu fiz o programa, uma das condições era levar um especialista em plano sequência, um repórter cinematográfico, que foi o Adauto Nascimento. Ele era um discípulo de Glauber Rocha [diretor da época do Cinema Novo]. Foi um dos câmeras que ajudou a formatar essa ideia da câmera nervosa e ligada. No começo, houve uma resistência, pois eu gostava de algumas coisas e tinha medo de outras. Ao chegar para fazer parte do programa, percebi que quem trabalhava lá estava numa corda bamba, como um equilibrista. Você tanto poderia cair no lado do sensacionalismo, como poderia cair no lado do sensacional, pois é possível sim fazer algo sensacional sem ser sensacionalista.

**Você fez diversas reportagens marcantes, passando por lugares que muitos desejam visitar, como a intitulada *Os sete milagres de Jesus*, produzida em Israel e exibida em 2009 pela Rede Record. Nela você percorreu os locais onde são relatados os milagres mais famosos de Jesus. Você que escolhe as suas pautas?**

**GS:** Nem sempre. Nós temos no *Domingo Espetacular* todas as terças-feiras à tarde uma reunião de pauta em que todos dão sugestões, inclusive eu, mas também acatamos pautas que vêm do nosso diretor e do nosso vice-presidente. Eles se reúnem com nossos chefes e sugerem igualmente algumas matérias. Então, as sugestões de pauta partem de toda a equipe, desde o estagiário até o vice-presidente. A ideia da pauta dos sete milagres não foi minha. A chefia sugeriu e eu gostei. Na verdade, estive três vezes em Israel. Gravei dois programas sobre o caminho de Cristo até o calvário e um sobre os sete milagres. Estive no Egito e gravei na montanha de Deus, o Monte Sinai. São temas históricos, bíblicos que ganharam a simpatia de todo cristão, independentemente da religião. Então, foi uma oportunidade boa, de contar e resgatar essa história, estar no lugar onde os fatos bíblicos aconteceram. Foi uma grande pauta.

## Mestres da Reportagem

**Nessa série de reportagens, quando você visitou os lugares onde aconteceram os milagres, deu para separar o Gérson-jornalista do Gérson-pessoa?**

**GS:** Tem uma coisa que acontece no jornalismo quando você narra no improviso, como eu faço, que é você deixar transparecer sua emoção. Então, se você presencia ou sente algo forte, você acaba transmitindo isso para o telespectador, não tem jeito. E eu gosto de trabalhar assim. Narro com naturalidade o que está acontecendo naquele momento, não fico me reprimindo. Os editores sabem aproveitar muito bem esses momentos, é o que eles chamam de “repórter-participativo”. O que o repórter está sentindo naquela hora, com certeza é o que a maioria dos telespectadores está sentindo. O jornalismo da *Record* aposta nesse estilo, faz com que os sentimentos do repórter floresçam e apareçam na reportagem. Na minha opinião, não dá para separar o humano do jornalista. Não existe jornalista imparcial no mundo, porque o ser humano tem o seu lado, tem a sua preferência e seus conflitos. Por isso, o ser humano é parcial por natureza. O que o repórter tem que ser é apatidário e justo, sempre procurando ser ético e não exagerar na narração.

**Você também retratou nesta matéria as pessoas que vivem hoje nesses lugares sagrados. O que mais te impressionou no contato com essas pessoas? Dá para dizer que alguns ainda vivem com o mesmo estilo de vida da época de Cristo?**

**GS:** Jerusalém é uma cidade antiga, mas ao mesmo tempo é muito moderna. Você vê sim pessoas usando roupas tradicionais e tendo hábitos milenares. Eu andei pelo deserto e observei, por exemplo, pessoas pastoreando ovelhas como antigamente. Vi cidades com arquitetura como a da época de Cristo. Mas também encontrei pessoas indo a restaurantes de cozinha internacional, lançamentos de filmes, entre outros hábitos contemporâneos. Estamos no século 21, as pessoas acessam à Internet, se atualizam. De um modo geral, eles vivem como nós vivemos. Têm tudo que a modernidade pode oferecer.

**Quantos países você já visitou para fazer matérias?**

**GS:** Eu havia contado 36 há um tempo, mas acho que já passou dos 40. Voltei para alguns mais de uma vez.

*“A primeira providência para uma boa reportagem é ter um bom personagem para contar a história. Não adianta chegar no meio da Amazônia perdida, do lado venezuelano, onde se tem aquele cenário maravilhoso, mas não ter um personagem.”*

### **Que técnicas você costuma utilizar nas suas reportagens?**

**GS:** A primeira providência para uma boa reportagem é ter um bom personagem para contar a história. Não adianta chegar no meio da Amazônia perdida, do lado venezuelano, onde se tem aquele cenário maravilhoso, mas não ter um personagem. Costumo falar para os produtores que trabalham comigo que a nossa reportagem serve para mostrar o homem e o seu meio. Por exemplo, fui até o vulcão Pacaya, na Guatemala, para conversar com o homem que mora bem perto do vulcão, em uma comunidade rural. Queríamos saber como ele vive naquela situação, se a terra, formada pela lava vulcânica, é mais rica para agricultura e se ele já perdeu alguém da família, porque ali são constantes as erupções. Perguntamos se ele usa o cavalo para ir até o vulcão e até onde eu poderia ir. Notamos que ele não sai dali, portanto, deveria ser perigoso se aproximar. Então, é preciso humanizar o fato, não basta mostrar o vulcão e a lava. Quanto à técnica, isso varia um pouco, de acordo com a estratégia que você tem. Às vezes, chego gravando sem avisar. Bato na porta de alguém e já vamos gravando para capturar a espontaneidade e a naturalidade da pessoa. Eu também evito aquele tipo de microfone duro conhecido como “sorvetão com logotipo” [risos]. Prefiro usar o microfone discreto e escondido, porque muitos entrevistados, especialmente os que nunca falaram para a televisão, ao verem o microfone, ficam inibidos. São pequenos detalhes que ajudam na produção de uma reportagem.

### **Como você faz para descobrir esses personagens-chave?**

**GS:** Em algumas situações descobrimos por pura sorte mesmo. Aconteceu quando fui para o lado venezuelano da Amazônia. Levamos 21 dias de produção, passando 15 dias a bordo de um *bongo*, que é uma embarca-

## Mestres da Reportagem

ção indígena, tudo para chegarmos ao local onde queríamos fazer a reportagem. Como é que eu vou combinar previamente uma entrevista com um índio que mora completamente isolado no meio da amazônia venezuelana? Lembrando que eu preciso que o pajé e o chefe desse índio estejam lá... Não tem como! Como vou entrevistar o ribeirinho que mora isolado perto do rio Sipapo [também na amazônia venezuelana]? Não dá! Então, às vezes, vamos descobrir esse personagem na sorte. Nem sempre tudo dá certo e aí vamos na base do improviso mesmo. Já em outras reportagens, como em assuntos factuais, há um trabalho de produção, onde há um contato prévio com o entrevistado. Hoje, a produção é pela Internet. Na minha época era por telefone, sola de sapato e passe de ônibus, não existia nem celular. Atualmente se usa muito a Internet, mas a melhor forma é conversar pessoalmente, ir ao local, fazer uma produção de linha de frente.

**Algo marcante em suas matérias é que, além de encontrar personagens-chave, você consegue passar uma confiança para o entrevistado, de modo que ele abre o coração dele para você. Como faz isso?**

**GS:** É uma coisa muito pessoal e tem a ver com minha origem. Sou caipira do calcanhar rachado [risos]. O caipira não vê com o olho, vê com a mão, tem que tocar. Uma vez uma chefe me disse: “Não toque no entrevistado”. Mas eu sempre a contrariava. Eu me enturmo facilmente com as pessoas mais simples. Quanto mais simples você for com o entrevistado, mais amorosa e calorosa será a recepção que você terá dele. Você não sai da casa de um caipira sem tomar pelo menos um cafezinho e tem vezes que até te convidam para jantar. Já houve casos de pessoas que oferecerem o próprio quarto para eu dormir. É uma questão pessoal, eu sou simples. Eu não chego dizendo para a fonte que sou o repórter que veio de São Paulo. Me coloco na posição dele, porque, na verdade, eu sou uma pessoa igual a ele. Também fui da roça, também descasquei milho, cortei cana, carpi café etc. Essa é a minha formação. É o meu jeito de lidar com as pessoas. Assim você ganha a intimidade delas.

**Em entrevista ao *Programa do Gugu* sobre suas melhores reportagens, você comentou sobre a viagem que fez à Papua do Oes-**

te com os *korowai batu*, “o povo das árvores”. Disse que foi sua maior aventura no jornalismo e que foi um trabalho antropológico, já que ficou uma semana na floresta. Como surgiu essa pauta?

**GS:** Quando a ideia surgiu eu estava com o Henry Ajl e o Markus Bruno, que são da Baboon Filmes [produtora fundada em 2004] e trabalham para a *Record*. Fomos encarregados de criar uma série de reportagens chamada *Fronteiras da Terra*. Íamos para os lugares mais distantes do mundo, localidades onde a televisão brasileira nunca esteve. Estávamos no aeroporto de Semarang [na Indonésia], onde se faz a travessia do mar de Java, e íamos para Kalimantan na ilha de Bornéu. Quando estávamos nesse aeroporto, vimos painéis com fotos de aborígenes usando uns protetores penianos grandes. Achei aquilo extremamente exótico e comentei com eles que seria interessante fazermos uma reportagem a respeito. Perguntei onde ficava aquele lugar e um deles me disse que era Papua, mas não sabíamos se era Papua Nova Guiné [país independente que ocupa a metade oriental da Ilha da Nova Guiné] ou Papua do Oeste [parte ocidental da Nova Guiné]. Fomos para Bornéu e, quando voltamos, o Henry manteve contato com uma fonte, um produtor na capital da Indonésia, que sugeriu que fôssemos a Papua do Oeste, pois a outra Papua era mais conhecida pelas mídias estrangeiras. Em Papua do Oeste, existe um povo chamado “*korowai batu*” que comprovadamente, há 30 anos, praticava o canibalismo e muitos ainda não tinham contato com o homem branco. Eles vivem na idade da pedra, são coletores e caçadores e moram em grandes árvores. A partir daí, enlouquecemos. Nosso objetivo passou a ser conhecer esse povo, porém nossa fonte da capital da Indonésia nos disse: “Não tem turismo, nem estrada e nem avião para ir lá. Só é possível chegar depois de tantos voos até uma localidade e, lá, vocês têm que pegar um barco e viajar pelo menos 12 horas pra chegar em uma comunidade ribeirinha. Depois, é preciso se infiltrar na mata sem trilhas durante dias para poder chegar até eles”. A fonte disse que teríamos mais um problema: não havia quem pudesse nos levar até os *korowai batu*. Ele nos prometeu que tentaria arrumar alguém. Essa produção demorou três anos para sair. Muito tempo se passou até que obtivéssemos resposta. A fonte nos avisou que tinha conseguido alguém que nos levaria até a comunidade ribeirinha e que nos ajudaria na expedição com mais de 14 carregado-

## Mestres da Reportagem

res a pé, levando comida e alguém que falasse o dialeto dos *korowai batu*. Mas surgiu uma nova questão: o custo de produção seria muito alto. Nossa chefia resistiu durante algum tempo, mas, em um determinado momento, tivemos sinal verde, a verba de produção estava liberada e tínhamos autorização para ir. Então veio a grande dificuldade de encarar a viagem. Não foi fácil chegar lá, foi uma das reportagens mais cansativas que fiz. Naquela ocasião eu ainda não tinha feito a matéria da Amazônia perdida [na Venezuela], na qual ficamos 15 dias sentados em um bongo. Na reportagem dos *korowai batu* foi marcante o fato de estar convivendo com gente que praticou o canibalismo. A última notícia que se tem de canibalismo da parte deles foi a de que eles comeram dois missionários ingleses. Eles nos receberam bem e deu para mostrar um pouco de como é a vida de quem vive em Papua do Oeste.

### Como é o cotidiano daquele povo?

**GS:** Eles vivem como animais, são coletores e caçadores. Caçam tudo o que se move e comem. Eu estava na selva com um deles à margem de um pequeno riacho. De repente, um aborígene atirou uma flecha e quando foi buscar tinha um sapinho bem pequeno na ponta. O sapo estava a cerca de 30 metros de distância. Me perguntei como ele conseguiu enxergar o animal. Para fazer o fogo, eles friccionam o cipó em uma madeira e colocam coisas secas para ativar a chama. Quando um deles estava fazendo o fogo, uma taturana passou perto. Ele pegou o bichinho, colocou no fogo e comeu. Então é isso, a maneira de viver e de sobreviver deles é bem próxima à de um animal.

### Você sentiu medo durante essa reportagem ou em alguma outra que tenha feito?

**GS:** Quando você está em uma aventura, não sente medo. Acaba se envolvendo de tal forma, que esquece os medos e os temores. Os medos e as dúvidas podem surgir antes.

### De onde você tira coragem para fazer essas matérias?

**GS:** Eu não tenho tanta coragem assim. O que ocorre é que, quando você vê a possibilidade de fazer algo que é raro, sobra coragem. Eu tive sorte de chegar duas vezes ao topo do vulcão Pacaya e ele estar expelindo aquela fumaça tóxica, quase explodindo, isso é sorte. É perigoso, mas valorizou a reportagem. No ano passado, estivemos na Somália, em uma zona de guerra, enfim, são locais de desafio, mas se pensarmos no perigo, ficamos em casa, tem que ir atrás.

*“Eu não tenho tanta coragem assim. O que ocorre é que, quando você vê a possibilidade de fazer algo que é raro, sobra coragem. Eu tive sorte de chegar duas vezes ao topo do vulcão Pacaya e ele estar expelindo aquela fumaça tóxica, quase explodindo, isso é sorte.”*

**Quando você faz uma reportagem extensa, como a de Papua do Oeste, de que maneira você se organiza em termos de edição para escolher as melhores cenas, as melhores falas dos personagens? Você já volta da viagem com algum planejamento?**

**GS:** Sim. Na televisão, a gente trabalha em equipe, é preciso ter um produtor, um repórter, um editor de texto, um de imagem, um estagiário, enfim, é preciso de muita gente. Quando o material volta, o editor faz a decupagem, detalha momento por momento, entrevista por entrevista, passagem por passagem, narração por narração do repórter e descreve todas as imagens. É um trabalho muito demorado e complexo. O repórter e o editor conversam muito. Dou as dicas para o editor de onde buscar as melhores imagens e os melhores momentos, que imagem de apoio ele terá que buscar em arquivo, onde é possível fazer uma arte, um gráfico. É um trabalho em conjunto. Depois que esse produto é finalizado, grava-se o *off*, é feito a montagem e vai para o editor-chefe, que vai assistir e aprovar tudo o que foi feito. Às vezes no trabalho de edição muita coisa boa fica de fora, porque você precisa escolher os melhores momentos e é necessário sacrificar alguns assuntos. Não tem jeito.

**Você já comeu muitas coisas estranhas, como gafanhoto e ver-**



**me de bambu, oferecidas pelos personagens que você descobriu nestas suas andanças jornalísticas pelo mundo. Como tem estômago para aguentar comer essas coisas? Faz parte da cobertura jornalística?**

**GS:** Muitas vezes não dá para recusar. Durante a matéria que eu fiz sobre a vila indígena dos *daiiques*, em Bornéu, me deram uma espécie de pinga que ficava num vidro que trazia fetos de vaca, pênis de crocodilo, asa de morcego, tudo misturado e curtido por muito tempo. Essa tribo é conhecida por matar seus inimigos e arrancar o pulmão e o coração. Também cortam a cabeça do desafeto e guardam a calota craniana como lembrança. Foi melhor aceitar bebida [risos].

**Você tem o apoio de sua família? Como é dividir o tempo com tantas viagens?**

**GS:** Minha família já está acostumada. Teve um ano em que eu fiquei mais dentro de avião e hotel do que em casa. Hoje não é muito diferente. Houve uma época em que eu pedi uma trégua pra minha chefia. Pedi pra me manterem um pouco mais em São Paulo e fiz alguns programas locais, mas não demorou muito e me colocaram em grandes reportagens novamente. Eu gosto de viajar, gosto de conhecer novas culturas, de desafios, de grandes reportagens, mas tem hora que é muito cansativo. E eu sinto saudade de casa. Me imagino no final de semana reunido com meus familiares, fazendo um churrasco com as crianças na piscina, mexendo no fogão à lenha... Mas nem sempre isso é possível. Por conta disso, quando saio de férias, não costumo viajar. Prefiro ficar em casa. Tenho uma casa no interior e curto bastante minha família, porque o tempo é curto. Eles reclamam às vezes, mas eu nunca digo não a um desafio. Tenho seis filhos. Uma filha é jornalista, outra é publicitária e acabou de se formar na Espanha. Elas já sabem que a vida do pai delas é essa.

**Você fez uma matéria no Canadá sobre um hotel construído com gelo. Como foi a sensação de dormir nesse hotel?**

**GS:** Já acampeei na Cordilheira dos Andes à margem de um rio e dormimos com a temperatura em dez graus abaixo de zero. Aquele hotel do

Canadá foi bem mais confortável que o acampamento na Cordilheira. E nele era tudo de gelo: o chão, as paredes etc. O interessante é que naquele dia a minha equipe havia trabalhado muito, tínhamos acordado cedo em Montreal para gravamos numa cidade próxima. Depois voltamos a Montreal, pegamos um trem e viajamos para o outro lado do Canadá, desembarcando em Quebec. Posteriormente fomos para o local onde ficava o hotel. Dormimos apenas às três horas da manhã, eu estava muito cansado. Minha equipe, que era formada pela produtora e dois câmeras [Janaína Pirola, Carlos Santana e Paulo Gomes], não suportou e foi para um abrigo próximo ao hotel, mas eu fiquei lá. Entrei no saco de dormir, deitei na cama de gelo e desmaiei de sono. Pedi para a recepcionista me acordar às oito. Quando eu acordei, ela estava na porta dando risada, porque certamente eu roncava e dormia profundamente.

*“Me deram uma espécie de pinga que ficava num vidro que trazia fetos de vaca, pênis de crocodilo, asa de morcego. Essa tribo é conhecida por matar seus inimigos e arrancar o pulmão e o coração. Foi melhor aceitar bebida” [risos].*

**Suas matérias têm um texto simples, mas ao mesmo tempo poético, que chama a atenção do público. Como você adquiriu esse estilo?**

**GS:** Temos que ser nós mesmos, não é necessário que sejamos outra pessoa para sermos repórteres. Eu falo uma linguagem coloquial, evito palavras difíceis, procuro me vestir como me visto no dia a dia, não uso maquiagem e, às vezes, nem penteio o cabelo. É isso, tem que ser você mesmo. Eu aprendi uma coisa quando entrei para a televisão em 1988, na *Rede Globo Bauriv*. tinha um manual de redação com as palavras proibidas, que jamais devem se usadas no jornalismo e aquilo ficou muito gravado na minha memória. Eu me lembro da aula que tive ao entrar na televisão sobre não usar palavras difíceis. Precisamos usar o português coloquial de forma que uma pessoa analfabeta entenda e que o intelectual não conteste. É o falar do povo que faz a diferença.

## Mestres da Reportagem

### **Você defende a regionalização do jornalismo. Por quê?**

**GS:** O jornalista que vive em determinada região é quem a conhece melhor. Acho que a televisão, o jornal e o rádio tem que ter grandes janelas para você poder discutir os problemas das comunidades locais, dando espaço e voz para essas comunidades. Por isso eu defendo a regionalização. Ninguém conhece melhor a sua casa do que você, que está dentro dela.

### **Quais são as características de um bom repórter?**

**GS:** O bom repórter é aquele que não sabe tudo, que tem sempre algo a aprender. Se me direcionam para uma pauta sobre determinado assunto, eu vou estudar, vou ler e aprender sobre aquilo. Então, o primeiro e importante passo é ler e estudar o que você não sabe. Eu me considero um eterno aprendiz. Também é importante ter sentimentos, como qualquer pessoa. Procurar manter a imparcialidade sim, mas não deixar de ser você mesmo. Jornalista também é ser humano. ♦

O repórter Giovani Grizotti mantém sua imagem incógnita por receber ameaças devido ao seu trabalho investigativo.

# **GIOVANI GRIZOTTI**

***"As instituições  
não funcionam  
de maneira eficiente"***



## O jornalista “sem rosto” acredita que a sociedade encontra na imprensa uma saída para lutar contra injustiças políticas e sociais

*Por Alexandre Moreira, Cleusa Santos Moreira e José Quirino, com colaboração de Alisson Magno*

“Eu vou te matar, ele me falou. Ao ouvir isso, entrei no shopping pra pedir socorro a algum segurança. Nesse meio tempo, já tinha numa sacola, só por precaução, uma camiseta e um boné. Tirei a camiseta que estava usando e vesti a que estava na sacola, coloquei o boné e sai pelos fundos do shopping. Consegui escapar com a ajuda de um motoboy”. Essa poderia ser uma daquelas cenas de fuga que costumamos ver em filmes de ação, mas é uma história real. Aconteceu com o repórter gaúcho Giovani Grizotti, da RBS TV (*Rede Brasil Sul de Comunicações*, retransmissora da *Rede Globo* no Rio Grande do Sul), em uma das vezes em que foi ameaçado por conta de seu jornalismo investigativo.

Com uma câmera escondida e muita ousadia, Grizotti não tem medo de enfrentar a corrupção. Defende que o jornalista precisa ter coragem para bater de frente com pessoas poderosas, políticos, empresários e até policiais corruptos. “Na hora de fazer um flagrante de corrupção, por exemplo, você tem que ter coragem para se fazer passar por um corrupto ou por alguém que está interessado em participar de algum esquema”, explica.

E qual seria o rosto do destemido repórter? Não se sabe. Grizotti preserva sua identidade para sua própria segurança e para garantir o andamento de suas matérias. Toma uma série de cuidados para se manter incógnito. Muda de endereço a cada dois anos, no máximo, e não permite

## Mestres da Reportagem

que seus dados sejam utilizados em cadastros de empresas.

Em 2007, se deparou com uma foto sua dentro do escritório de um golpista que vendia carteiras de identidade falsas. Naquele mesmo ano, descobriu que 59 policiais tinham acessado seus dados. Sete não conseguiram se justificar e foram indiciados. Em 2011, o fato se repetiu: fotos dele, que poderiam ter sido subtraídas do Sistema de Consultas Integradas da Secretaria de Segurança, estavam circulando no centro de Porto Alegre, e seus dados tinham sido acessados novamente por diversos policiais.

Nascido em 1973, em Barros Cassal, interior do Rio Grande do Sul, Grizotti já vendeu milho na praia, levantou parede, pintou casas e entregou malote dos Correios antes de ser jornalista. Começou em jornais do litoral gaúcho e depois foi para a rádio. Hoje, é responsável por muitas reportagens marcantes, como *A Máfia dos Pardais* que, em 2012, foi a vencedora do Prêmio de Reportagem Especial de Rede, no *Grande Prêmio de Jornalismo da Rede Globo*. Mas prêmio para Grizotti não é novidade. Ele aparece no ranking feito pelo *Jornalistas & Cia* como oitavo repórter mais premiado do Brasil. “Eu acho que o principal prêmio que recebemos, quando colocamos uma reportagem no ar, é perceber que essa matéria transformou uma realidade, corrigiu uma injustiça, melhorou a vida das pessoas”, defende.

### O que o levou a escolher o jornalismo?

**Giovani Grisotti:** Na verdade, foi tudo por acaso. Quando tinha 17 anos, eu mudei do interior do Rio Grande do Sul para o litoral, mais especificamente para Capão da Canoa. Nesta cidade, um grupo de estudantes estava fazendo um trabalho de conclusão de curso e comentaram sobre a importância do cidadão acompanhar as seções da Câmara de Vereadores, e eu, estimulado por esses colegas, acabei indo a uma seção da Câmara. O que me chamou muito a atenção foi que um vereador havia comparecido completamente embriagado. Ele ocupou a tribuna e começou a xingar alguns colegas. Tomei a iniciativa de escrever uma carta para o espaço do leitor do jornal de Capão da Canoa. Na carta reclamava desse vereador na condição de leitor e, disso, surgiu a proposta de fazer uma coluna para o jornal de Capão da Canoa, abordando assuntos principalmente de

política. Foi assim que eu comecei. Depois, fui trabalhar em um jornal maior, chamado jornal *Costa do Mar* e, desse jornal, fui para a *Rádio Horizonte*. Ali, eu comecei como repórter policial. Na verdade, fazia de tudo porque era o único repórter da rádio, mas me dedicava mais a assuntos policiais. Em 1996, fui convidado para trabalhar na *Rádio Gaúcha de Porto Alegre*, sendo, depois de um tempo, contratado pela *RBS TV [Rede Brasil sul de Televisão]*, que é uma afiliada da *TV Globo*, onde estou até hoje. Meu grande sonho no início da carreira era poder trabalhar no maior veículo de comunicação da cidade. Fui além desse sonho.

*“Para trabalhar nessa área de denúncia, o jornalista não pode se contentar em receber a informação e ficar só nela, precisa buscar mais dados. É muito importante a curiosidade, a vontade de descobrir coisas, de construir fontes e de trazer pra redação sempre novos assuntos.”*

### **Existe muita diferença entre trabalhar em rádio e na TV?**

**GG:** A grande vantagem da televisão é a imagem. Às vezes, no rádio, para você comprovar que aquela voz é realmente de uma determinada pessoa que cometeu um crime, é preciso perícia, uma comprovação, é mais complexo. Já a imagem fala por si só. Costumo fazer o que chamo de jornalismo de infiltração, no qual a gente se faz passar por outra pessoa para obter a confissão de um crime. A partir do momento em que um criminoso ou traficante confessa ou mostra o produto daquele crime, diante de uma câmera, não existe prova mais firme e contundente. E nem sempre o rádio permite isso.

**Em uma entrevista à RBS TV, você disse que todo jornalista precisa ser investigativo, desde aquele que faz uma matéria mais simples até o que produz a mais complexa. Quais qualidades e pré-requisitos são importantes para ser um repórter investigativo bem-sucedido?**

**GG:** Em primeiro lugar, o repórter tem que ter muita curiosidade e vontade de descobrir coisas. Acho que é essa a condição essencial, por-



## Mestres da Reportagem

que, às vezes, estamos em um veículo de comunicação e recebemos uma pauta do nosso chefe para ser desenvolvida durante aquele dia, e aquilo, na verdade, chega pra você praticamente pré-produzido. Um roteiro de televisão, por exemplo, basta você executá-lo. Eu acho que o repórter para trabalhar nessa área de denúncia não pode se contentar em receber a informação e ficar só nela, precisa buscar mais dados. E, para isso, é muito importante a curiosidade, a vontade de descobrir coisas, de construir fontes e de trazer para a redação sempre novos assuntos. Não pode ter medo também, de muitas vezes, até se infiltrar entre bandidos. Na hora de fazer um flagrante de corrupção, por exemplo, você tem que ter coragem para se fazer passar até por um corrupto ou por alguém que está interessado em participar de algum esquema. É importante ainda ter muito sangue frio pra saber lidar com algumas situações inesperadas, por exemplo, uma desconfiança que surge durante uma gravação, uma eventual situação de risco. Eu já enfrentei algumas, mas graças a Deus, consegui me livrar de todas elas. Existem cursos para situações de riscos que são promovidos por algumas entidades, e é importante participar desses cursos, mas, acima de tudo, o que eu vou dizer agora resume tudo: é ser apaixonado por aquilo que se faz, ser apaixonado pelo jornalismo e, muitas vezes, colocar a profissão acima de tudo, só não acima da vida da gente.

*“Se as pessoas não procuram as autoridades para fazer uma denúncia, é porque não confiam nelas e, então, encontram na imprensa uma saída. Infelizmente, sabemos que as instituições não funcionam de maneira eficiente.”*

**Você poderia nos relatar uma das várias situações de risco que viveu em sua carreira?**

**GG:** Houve várias, consigo lembrar bem algumas delas. Foi quando fiz uma reportagem sobre a máfia das funerárias, que era um esquema em que policiais rodoviários recebiam uma comissão toda vez em que avisavam determinadas funerárias quando ocorriam mortes no trânsito. As funerárias procuravam os parentes dos mortos e conseguiam obter a tarefa

de sepultar esses corpos. Houve uma situação em que eu fui descoberto por um policial rodoviário. Ele montou uma barreira na estrada para me interceptar, mas não conseguiu porque peguei outro caminho. Recentemente, aconteceu uma situação um pouco mais complicada. Havíamos feito uma reportagem para o *Fantástico*, em Foz do Iguaçu [PR], sobre contrabando feito pelo rio Paraná. Nos infiltramos no meio de alguns contrabandistas paraguaios, entramos em uma favela, fizemos a travessia do rio entre a favela paraguaia e o outro lado da fronteira em Foz do Iguaçu. Conhecemos um traficante, que também era contrabandista. Ele, obviamente em função desse contato, marcou muito o meu rosto. Numa segunda viagem que fizemos a Foz do Iguaçu, para flagrar vereadores que faziam turismo com dinheiro público, no momento em que estávamos seguindo um desses vereadores, me deparei com esse traficante. Percebi que ele me olhou, mas achei que ele não ia me seguir. Dei meia volta e fui para o shopping de *Ciudad del Este*. Quando cheguei à porta desse shopping, ele estava ali na minha frente de novo. Ele me perguntou se eu me lembrava dele. Eu falei que não. Então ele me falou: “Eu vou te matar!”. Ao ouvir isso, entrei no shopping para pedir socorro para algum segurança. Nesse meio tempo, já tinha em uma sacola, só por precaução, uma camiseta e um boné. Então tirei minha camiseta e vesti essa outra, coloquei o boné e sai pelos fundos do shopping. Consegui escapar com a ajuda de um motoboy. Ele não me seguiu. Nos livramos dessa numa boa. Houve outra situação em que denunciemos um cartel de empresas de vigilância, que eram as maiores companhias do Rio Grande do Sul. Elas combinavam entre si o preço para fraudar licitações. No domingo seguinte à veiculação da reportagem, alguém me ligou de um telefone bloqueado, dizendo que eu não eu passaria daquela noite. Fiquei um pouco preocupado, porque foi uma das primeiras ameaças que eu recebi, isso logo no início da carreira. Procurei a delegacia e registrei um boletim de ocorrência. Naquela noite, uma testemunha que eu havia entrevistado sofreu um atentado. Essa testemunha era um segurança particular, então ele tinha mecanismos de defesa pessoal. O carro dele foi atingido por tiros, mas ele conseguiu escapar. Imaginei que poderia ter sido eu. São situações que a gente tem que aprender a lidar no dia a dia e, para isso, eu tomo alguns cuidados, como nunca fazer o mesmo caminho entre o local onde eu moro e a TV, mudar de prédio uma vez a cada ano ou, no máximo, uma vez a

## Mestres da Reportagem

cada dois anos, e nunca informar meu endereço para nenhum tipo de cadastro de telefone, de energia elétrica e de crediário. Poucas pessoas conhecem meu endereço. Somente as pessoas com quem eu convivo, como amigo e familiares.

**Em 1996, você fez uma reportagem para a *Rádio Gaúcha* que denunciou a venda ilegal de carteiras de motoristas. Essa reportagem resultou na mudança do Departamento Estadual de Trânsito do Rio Grande do Sul (Detran-RS). Ele saiu da Polícia Civil e se transformou em uma autarquia. Ou seja, com uma matéria você conseguiu transformar uma situação que estava ruim. A reportagem investigativa tem mesmo esse papel transformador da realidade?**

**GG:** Acho que o principal objetivo do nosso trabalho é esse. Muitas vezes, as pessoas falam que para alguns profissionais o prêmio é algo mais importante. Eu acho que o principal prêmio que recebemos, quando colocamos uma reportagem no ar, é perceber que essa matéria transformou uma realidade, corrigiu uma injustiça, melhorou a vida das pessoas. Essa da venda de carteira de motorista foi muito importante porque foi uma das primeiras denúncias que eu fiz. Nós conseguimos obter de um policial a promessa de venda de uma carteira de motorista sem a realização de qualquer tipo de prova ou exame. Foi a partir dessa matéria que o processo de terceirização do Detran, no Rio Grande do Sul, foi iniciado. O problema de venda de carteiras no estado praticamente acabou e, com isso, cumprimos o nosso papel no jornalismo investigativo, que é transformar uma realidade.

**Na sua opinião, as instituições que foram feitas para proteger a população estão funcionando?**

**GG:** Não, porque se, naquela época, por exemplo, a Corregedoria do Estado, a Polícia ou o Ministério Público tivessem sido eficientes ou gozassem de plena confiança por parte da população, a pessoa que me procurou para denunciar esse esquema de venda de carteira de motorista não teria recorrido à imprensa, teria procurado uma autoridade. Se as pessoas

não procuram as autoridades é porque não confiam nelas e, então, encontram na imprensa uma saída. Infelizmente, sabemos que as instituições não funcionam de maneira eficiente. Sobre esse ponto de vista é importante também falar do uso da câmera escondida, que é um mecanismo em defesa da sociedade. E é um mecanismo legal, reconhecido pelo próprio Supremo Tribunal Federal. Pode-se até alegar que a privacidade de quem está sendo gravado sem autorização é ameaçada, mas a verdade é que a Justiça tem reconhecido em várias decisões, inclusive nas que nós, repórteres da *RBS* e da *Rede Globo*, estamos envolvidos, que o direito que uma pessoa tem de ter sua imagem preservada, no caso de ser gravada sem autorização, é menor do que o direito que a população possui de ser informada sobre o que acontece.

*“Tem um tipo de ameaça que não se comenta muito e que é a pior violência que um jornalista pode sofrer. Chega a ser pior do que a ameaça física: pessoas que se valem do seu poder para tentar impedir que a reportagem vá ao ar, seja procurando o veículo de comunicação, ou entrando na Justiça pra tentar impedir a veiculação da matéria.”*

**No ano passado, você fez uma grande reportagem que denunciou a máfia dos pardais, aqueles aparelhos que controlam trânsito, como lombadas e radares eletrônicos. Essa matéria, que foi divulgada no *Fantástico*, mostrou esquemas de corrupção nas licitações que escolhem as empresas que vão colocar os radares em uma cidade. Pela pesquisa que fizemos na Internet, você disse que essa foi a matéria que mais repercutiu em toda a sua carreira. Em que sentido foi essa repercussão?**

**GG:** Costumamos flagrar corruptos recebendo dinheiro de empresas, mas, dessa vez, flagramos as empresas oferecendo a propina. Isso tornou a matéria muito mais abrangente. Quando vamos mostrar o corrupto recebendo a propina, estamos flagrando uma situação específica envolvendo um funcionário público e uma empresa. Agora, quando mostramos a empresa oferecendo propina, fica claro que essa é uma prática dessa em-

## Mestres da Reportagem

presa, não apenas em relação a um funcionário público, mas em relação a vários funcionários públicos de várias prefeituras em estados diferentes. Pegamos as principais empresas do país que fornecem radares e descobrimos que elas possuem contratos em todo o Brasil. Então, conseguimos encontrar uma prefeitura do interior do Rio Grande do Sul que nos ofereceu uma sala, na qual eu pude me passar por um funcionário responsável pelo setor de compras. Começamos a telefonar para essas empresas de radares e sabíamos que algumas delas adotavam essa prática da propina. A partir desse momento, começamos a receber várias propostas de direcionamento digital que previam comissões em cima dos contratos. Essa reportagem repercutiu muito por ter sido divulgada no *Fantástico*, um programa transmitido em rede nacional. E também pelo fato dessas empresas terem contratos em vários estados. O Ministério Público, as Câmaras de Vereadores, as Assembleias Legislativas, cientes de que essas empresas denunciadas mantinham contratos com os órgãos de trânsito dessas cidades, também abriram investigações, por isso houve suspensão de contratos de norte a sul do país. Só no Rio Grande do Sul, há 23 cidades sendo investigadas pelo MP e pelo Tribunal de Contas. Uma licitação de R\$ 70 milhões no DAER [Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem] foi cancelada, porque havia a suspeita de que uma das empresas denunciadas poderia ser a vencedora da licitação por meio de um esquema de cartas marcadas.

### **E como você ficou sabendo do envolvimento dessas empresas nesse esquema de corrupção?**

**GG:** Anos atrás, recebemos uma denúncia da Eliseu Kopp, que é uma das empresas de radares do Rio Grande do Sul, sobre irregularidades em relação a uma concorrente, a Engebrás, que mantinha contratos no estado. Quando procuramos a Engebrás para ouvir o outro lado, a companhia nos apresentou um dossiê contra a Eliseu Kopp. Nesse momento, chegamos a uma conclusão: a de que não havia santos nessa história. Então, resolvemos verificar se outras empresas do setor também faziam ofertas de propina e fraudavam licitações e editais na hora de negociar com as prefeituras. Aí foi só montar uma base em uma prefeitura pra começar a surgir propostas de comissões em cima dos contratos.

**Nessa matéria você sofreu algum tipo de ameaça?**

**GG:** Nessa especificamente não, mas tem um tipo de ameaça que não se comenta muito e que também acontece. Chega a ser pior do que ameaça física. Pessoas que se valem do seu poder para tentar impedir que a reportagem vá ao ar, seja procurando o veículo de comunicação, ou entrando na Justiça pra tentar impedir a veiculação da matéria, até mesmo pressionando o repórter. Não é uma ameaça direta, mas é a pior violência que um jornalista pode sofrer.

**Você é tido com um dos poucos repórteres do telejornalismo brasileiro que não tem rosto, porque você não costuma aparecer nas matérias que faz. Por que você fez a opção por trabalhar de maneira oculta? Foi por causa de ameaças?**

**GG:** Quando comecei a trabalhar eu não recebia ameaças, então isso permitia que eu me infiltrasse nos locais sem ser reconhecido. Depois que eu entrei na televisão, isso se tornou uma necessidade. Porque a partir do momento em que eu aparecesse na TV e fizesse o flagrante, ou me infiltrasse em um determinado ambiente, seria facilmente reconhecido. A televisão marca muito, então, não aparecer era uma questão estratégica no princípio e, depois, também passou a ser uma questão de segurança.

*“Nós fazemos um dos melhores jornalismo do mundo com certeza. Acho que a nossa imprensa cobra muito, principalmente da classe política e tem evoluído bastante.”*

**A sua reportagem *Fantasmas de Sapucaia*, exibida nos telejornais da RBS, premiada com o *Esso de Telejornalismo*, começou a ser pautada após a denúncia feita por um morador da cidade de Sapucaia do Sul, município gaúcho, que, por conta própria, identificou vários assessores da Câmara Municipal que recebiam salário sem trabalhar. Ou seja, essa matéria surgiu a partir de uma fonte. Qual é a importância da fonte para o repórter?**

**GG:** A fonte é tudo para um repórter. Quem não tem fontes de infor-

## Mestres da Reportagem

mação, acaba caindo no mar do esquecimento, porque o papel do repórter é trazer a informação. Quando comecei minha carreira na RBS, especificamente na *Rádio Gaúcha*, era pautado pelos chefes. Existia a figura do pauteiro, que definia os assuntos que seriam apurados por cada repórter. E a mim eram delegados aqueles assuntos menos importantes, porque eu era um repórter principiante. A partir daquele momento, eu comecei a construir fontes, a tomar a dianteira a ponto de, em vez de ser pautado pelo meu chefe, eu mesmo pautar a reportagem que iria desenvolver. E foi assim que comecei a distribuir meu telefone para delegados, autoridades, deputados e as informações começaram a chegar. Num primeiro momento, assuntos menos importantes, até que, com o tempo, o meu trabalho começou a ser reconhecido. E foi se criando uma relação de confiança com essas fontes. Hoje são tantas denúncias, que é preciso selecionar os assuntos mais importantes.

### Como é a sua relação com as fontes?

**GG:** Uma relação muito honesta. Independentemente de ser um bandido ou uma pessoa de bem, vou respeitá-lo como informante. No caso de um bandido, desde que o crime ou ação que ele cometa não interfira na reportagem, ou desde que ele não antecipe pra mim um crime que vai cometer, irei guardar as informações que ele me passa. Porque, do contrário, teria que denunciá-lo. Mas, tirando essas situações, a informação que ele me passa será trabalhada como qualquer outra. E se essa reportagem for trazer benefícios para a população, vou respeitá-lo como qualquer outra pessoa.

### Qual foi sua reportagem mais importante e por quê?

**GG:** Não diria a mais importante, mas a mais abrangente, que mais trouxe resultados. Foi a reportagem da máfia dos pardais, que era um assunto que até então ninguém tinha levantado. Não se ouvia falar em corrupção nesse segmento de controladores de velocidade. Acredito que foi a reportagem que mais trouxe resultado.

### Entre os dez jornalistas mais premiados no Ranking feito pelo

***Jornalistas & Cia*, você ficou em oitavo lugar. Como recebeu esse reconhecimento?**

**GG:** Fiquei muito feliz, porque, apesar de morar no Rio Grande do Sul, tenho um reconhecimento nacional. Tenho uma lista de colegas profissionais que admiro muito. Eu acho que o prêmio é meramente um indicativo do trabalho, ele não é tudo. O principal prêmio é o reconhecimento do público, é perceber que realidades foram transformadas, vidas melhoradas e injustiças corrigidas.

**Como você avalia o jornalismo brasileiro hoje em relação ao de outros países?**

**GG:** Eu acho que hoje nós fazemos um dos melhores jornalismo do mundo, com certeza. Acho que a nossa imprensa cobra muito, principalmente da classe política e tem evoluído bastante. Evidentemente, que muitas vezes, quando o veículo de comunicação não possui uma situação econômica razoável, ele fica submetido a interesses de governos, mas acho que, com o passar do tempo, a independência dos veículos de comunicação tem aumentado, não só nos pequenos, mas também nos grandes. Tudo depende dos profissionais que fazem parte da imprensa.

**Qual o conselho que você deixaria para os estudantes de jornalismo?**

**GG:** Acho que a primeira coisa é ser apaixonado pelo trabalho, gostar realmente daquilo que se está fazendo, e não entrar numa faculdade de jornalismo por glamour. Se dedicar de corpo e alma, tomar iniciativa, se preocupar em trazer assuntos pra dentro da redação, questionar sempre, duvidar acima de qualquer outra coisa da versão oficial dos fatos, buscar visões alternativas dos acontecimentos, para que você não fique só com um lado da questão, para que o público possa, a partir de vários pontos de vistas, formar sua opinião e decidir se aquilo que está sendo mostrado é certo ou errado. ♦





# GOULART DE ANDRADE

*"Eu só mostrava  
a realidade.  
A polêmica  
vinha depois."*





## O pai do Comando da Madrugada relembra sua trajetória e conta os bastidores de algumas das matérias que revolucionaram o telejornalismo brasileiro

*Por Ester Vitkauskas, Priscila Mazariolli e Tátyla Almeida*

Difícil apontar algo ousado e inovador nos programas de reportagem de hoje da TV brasileira que já não tenha sido feito 30 anos atrás por Luís Filipe Goulart de Andrade. Ele foi o criador do plano sequência [filmagem, sem cortes, que vai mostrando para o público tudo o que o repórter está vendo, como se fosse um olhar eletrônico]; um dos pioneiros na técnica investigativa do repórter infiltrado, quando entrava “na pele do lobo”, vivendo a vida dos personagens que retratava [foi catador de papel, palhaço, presidiário, trapezista, mendigo e travesti – tudo para sentir como era o dia a dia desses profissionais]; e o primeiro a propor um programa de reportagens para a madrugada, provando que era possível chamar a atenção da audiência num horário até então considerado “morto” na grade das emissoras. “Não entendia porque a televisão parava à meia-noite, principalmente em uma cidade como São Paulo. Entre a meia-noite e as sete da manhã, um monte de coisas interessantes estava acontecendo e a televisão ficava naquele hiato”.

Ao descobrir que estava enfartando, durante uma entrevista com o renomado cardiologista Euryclides de Jesus Zerbini, para o programa *Domingo Gente*, da *Rede Globo*, resolveu gravar toda a sua cirurgia para mostrar ao público da TV brasileira pela primeira vez como era feita uma operação cardíaca. “Fiz isso porque sou repórter! Logo vi que aquilo era grande uma oportunidade, algo que nunca tinha sido feito antes. Eu não

## Mestres da Reportagem

sei ver um pôr do sol sem chamar alguém para contemplá-lo comigo, quando vejo uma coisa maravilhosa, quero compartilhar”.

À frente do *Comando da Madrugada*, programa que passou por várias emissoras, tamanho foi o seu sucesso, tratou de temas polêmicos, quase proibidos na década de 80, como a vida das travestis, com cenas delas injetando silicone industrial no corpo, e a realização de uma cirurgia de prótese peniana. “Decidi mostrar tudo, porque não sou censor. Se eu te perguntar: Te choca ver um pênis aumentado? Você vai dizer: Me choca! Mas isso não choca a pessoa que está com aquele problema. Ela se interessa pelo assunto”.

“Vem comigo”, seu famoso bordão, era a deixa para o cinegrafista e amigo Capeta [já falecido] acompanhá-lo na reportagem, mostrando a realidade por mais chocante que ela fosse. Foi assim que ele fez história na nossa TV.

Neto da jornalista Acylina Pibernat de Carvalho, que trabalhou para Assis Chateaubriand (um dos maiores ícones da Comunicação no Brasil), e filho da famosa cantora de rádio Elisinha Coelho, Goulart começou a se interessar pelo jornalismo, quando escreveu sua primeira crônica aos 16 anos. “Enviei para a minha avó, que emocionada me disse: Até que enfim encontrei um substituto. Como ela era uma grande jornalista, levei aquilo a sério”.

Sua trajetória na área começou num pequeno jornal de Copacabana de nome *Beira-mar*. De lá, foi para o célebre *Última Hora*, de Samuel Wainer, onde escrevia críticas de cinema, outra de suas paixões [Goulart também é cineasta].

Quando estava trabalhando num cineclube, que analisava e debatia filmes de destaque com um grupo de intelectuais, chamou a atenção de Fernando Barbosa Lima, que o convidou para participar do programa *Preto no branco*, que ele dirigia na *TV Rio*. Era o início de Goulart na televisão.

Além da *TV Rio* e da *Globo*, o jornalista passou ainda pelas tevês *Tupi*, *Continental*, *TV Jornal do Commercio de Pernambuco*, *Bandeirantes*, *SBT*, *Gazeta*, *Record* e *Record News*, sempre com programas ousados e polêmicos.

Dos 15 aos 20 anos, antes de começar no jornalismo, já havia trabalhado como salva-vidas de praia, motorista de caminhão, jogador de fute-

bol e piloto de avião. “Isso me deu a oportunidade de entender todo tipo de pessoa – da mais simples à mais refinada, de falar a língua da prostituta, do cardeal, dos esportistas”. Essa vivência em diferentes áreas seria a responsável pela forma mágica com que Goulart ganha a confiança de seus entrevistados.

Hoje o jornalista tem a oportunidade de ver suas principais matérias sendo atualizadas por estudantes da Faculdade Cásper Líbero, no programa *Túnel do tempo*: “A ideia é ver como determinadas questões que abordei na década de 80 estão hoje. Espero que eu possa dar alguma contribuição para esses estudantes e para a TV, de uma forma geral”.

Perguntado sobre por que continua ligado a novos projetos, já que conta com uma carreira consolidada e poderia estar descansando e viajando com sua família, ele responde, com seu estilo bem-humorado, irreverente e sem papas na língua: “Eu só tenho 79 anos, porra!”

Quer conhecer um pouco mais da carreira dessa lenda da TV brasileira? Então, vem com a gente!

**Você é neto da jornalista Acylina Pibernat de Carvalho, que trabalhou para Chateaubriand, e filho de Elisinha Coelho, que foi uma grande cantora de rádio. De que forma esse histórico familiar te influenciou a ser jornalista?**

**Goulart de Andrade:** No início eu não pensava nisso. O meu interesse pelo jornalismo começou quando fiz a minha primeira crônica e mandei para a minha avó pra ela observar se o texto tinha muitos erros de português. Ela ficou muito emocionada e me escreveu uma carta dizendo: “Até que enfim encontrei um substituto”. Como ela era uma grande jornalista, levei aquilo a sério. Nessa ocasião, eu fazia um curso de piloto comercial. Conclui o curso, mas fiquei com um olhar mais interessado no jornalismo. Na verdade, eu não sabia bem o que era jornalismo. O que eu sabia era contar histórias através de um texto ou através de um registro, porque eu fazia cinema também na época.

**Você começou trabalhando em qual veículo?**

**GA:** Comecei a carreira escrevendo para um jornal de Copacabana

## Mestres da Reportagem

chamado *Beira-Mar*. Depois fui para o grande *Última Hora* [jornal criado em 1951 pelo jornalista Samuel Wainer, que representou uma inovação na imprensa brasileira por sua agilidade e projeto gráfico ousado - circulou até 1971]. No início eu fazia bastante crítica de cinema. Fazia os textos sob encomenda. Me lembro, por exemplo, que uma vez me encomendaram uma crítica do *Cidadão Kane*, um dos filmes mais famosos do Orson Welles [o longa conta, sob a forma de ficção, a história do magnata dos meios de comunicação William Randolph Hearst, acusado de atitudes antiéticas]. Naquela época eu já me preocupava com a questão ética e fiz questão de discuti-la no texto. Fiz uma referência sobre o início da carreira de um jornalista, destacando que o jornalista, acima de tudo, precisa da verdade, e uma verdade que seja transparente e eticamente perfeita. Isso me marcou pra sempre. Tanto que, quando fiz algumas matérias polêmicas ao longo da minha carreira, tive o salvo conduto da ética e do desprezo ao “preconceituismo” [SIC] pra poder sobreviver às críticas, porque sabia que elas viriam.

“O governo militar odiava quem pensava. A inteligência era punida. Fui preso mais de uma vez. Terminava o programa e já tinha um camburão na porta da emissora me esperando.”

**Da experiência em impresso, você foi para a televisão, começando pela TV Rio. Como surgiu a oportunidade de trabalhar lá, no programa *Preto no branco*, no qual personalidades tinham que responder a perguntas provocadoras?**

**GA:** Eu participava de um cineclube, no qual costumava fazer análises e discussões de filmes para um grupo de intelectuais. Um dia o Fernando Barbosa Lima [diretor do programa *Preto no branco*] participou de uma dessas reuniões, gostou muito do meu perfil e me perguntou se eu não gostaria de trabalhar com ele. Agarrei aquela oportunidade e fui fazer uma participação no *Preto no Branco*, que era o programa de maior audiência da época. Logo depois, inventei um programa com o nome de *Europa 60*, em 1960, na *TV Continental*. Depois da *Continental*, eu fui para *Tupi*, onde eu fiz *Sumaré 22 horas*. Sempre comandava programas bastante polêmicos,

diferentes. Cheguei a ser preso mais de uma vez por conta dessa ousadia. O governo militar odiava quem pensava. A inteligência era punida. Terminava o programa e já tinha um camburão na porta da emissora me esperando. Muitas vezes a pena era ficar preso nu, por quatro ou cinco dias. Era uma espécie de castigo moral. Se bem que como eu nasci no Rio, na praia, pra mim ficar pelado não era nada demais [risos]. Essa história continuou até 1969, quando me cansei e fui para Pernambuco ser diretor geral da *TV Jornal do Commercio*. Implantei um sistema regional muito interessante naquela emissora. A *TV jornal do Commercio* tinha uma ligação com a *TV Record*, e dependia muito do conteúdo de São Paulo. Oitenta por cento da programação deles era da *Record* e apenas 20% era de lá. Eu resolvi reverter aquilo, pois vi que eles eram exuberantes em cultura. Fiquei um ano e pouco até que os militares descobriram que eu estava lá e eu fui demitido. Quando me demitiram, a emissora estava com 80% de programação regional e 20% de conteúdo daqui. Fiz lá um programa muito interessante que depois o Sílvio Santos imitou: se chamava *Campeonato das cidades*. O Sílvio me disse: “Puxa, Goulart, esse programa é muito bom, vou fazer aqui também”. Fiquei sendo perseguido pelo regime até 1971. Depois comecei a trabalhar na *TV Globo*.

### É verdade que você começou no *Globo Repórter*?

**GA:** Sim, fui para a *Blimp Filmes*, uma produtora independente de São Paulo que era do Guga Oliveira [Carlos Augusto de Oliveira], irmão do Boni [José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, ex-diretor de produção e conteúdo da *Globo*]. Fazíamos o *Globo Shell Especial*, um documentário sobre o Brasil, que era transmitido uma vez por mês. O programa deu muito certo. O Boni achou maravilhoso e resolveu encurtar sua periodicidade para semanal. A experiência acabou se transformando no *Globo Repórter*. Portanto, foi o Guga que inventou o *Globo Repórter*. Eu fazia parte de um grupo de cineastas e intelectuais que produziam aquele programa, como Maurice Capovilla e Eduardo Coutinho. Isso até 1976, quando o Boni me chamou pra fazer um programa chamado *Domingo Gente*. O primeiro entrevistado era o Zerbini [Euryclides de Jesus Zerbini, famoso cardiologista brasileiro]. Eu senti uma dor forte na frente dele, durante a entrevista, e ele achou estranho. Perguntou se eu topava fazer um exame de cateterismo.



## Mestres da Reportagem

Eu disse que topava, mas perguntei se ele deixava eu gravar, e ele aceitou. Foi diagnosticado um enfarte e eu tinha que fazer uma cirurgia de emergência. Pedi pra gravar a cirurgia também. Dali fui para a mesa de operação. A matéria foi ao ar enquanto eu me recuperava da cirurgia. Dois meses depois, senti a dor novamente e fui mais uma vez operado. Estou aqui por milagre.

### Por que você decidiu gravar a cirurgia?

**GA:** Porque eu sou repórter! Naquela época ninguém do público tinha visto esse exame na televisão e nem como era feita uma cirurgia do coração. Logo vi que aquilo era grande uma oportunidade. Eu não sei ver um pôr do sol sem chamar alguém para contemplá-lo comigo, quando vejo uma coisa maravilhosa, quero compartilhar. Vocês não têm ideia do que é se ver por dentro, todo aberto. Foi fantástico.

**Ainda na *Globo*, você lançou em 1978 o *Comando da Madrugada*, programa que o projetou definitivamente, passando depois por outras emissoras. Como surgiu a ideia de cobrir o horário da madrugada, que costumava ser menosprezado na grade das emissoras?**

**GA:** Eu não entendia porque a televisão parava à meia-noite, principalmente em uma cidade como São Paulo. Entre a meia-noite e as sete da manhã, um monte de coisas interessantes estava acontecendo na cidade e a televisão ficava naquele hiato. A *Globo*, que era mais poderosa financeiramente, exibia filmes nesse horário. Então, eu propus ao Boni mostrarmos São Paulo nesse horário. E ele topou. Assim nasceu o *Comando da Madrugada*, um estilo de programa que não existia na televisão brasileira, e que se perpetuou, porque depois eu saí da *Globo* e o levei para a *Bandeirantes*, *SBT*, *Record*, *Gazeta*, enfim.

### Então, o nome *Comando da Madrugada* era da *Globo*?

**GA:** Sim, era da *Globo*. Quando saí de lá e fui para a *Bandeirantes* passei a usar o nome *Plantão da madrugada*. Depois saí da *Band* e fui para o *SBT*. Só que a *Bandeirantes* registrou o nome *Plantão da Madrugada* e aí como é que eu iria usá-lo? Tomando conhecimento disso e sabendo que eu iria

estrear em uma semana, o Boni me mandou uma carta me dando o nome *Comando da Madrugada* de presente. Eu o registrei e estreei no *SBT* com ele. Foi aí que o Boni trocou o nome da programação da madrugada da *Globo* para *Corujão*. Foi muito legal da parte do Boni.

*“Gravei minha própria cirurgia de coração porque sou repórter! Naquela época ninguém do público tinha visto pela TV como era feita essa cirurgia. Eu não sei ver um pôr do sol sem chamar alguém para contemplá-lo comigo, quando vejo uma coisa maravilhosa, quero compartilhar.”*

**Esse programa revolucionou a TV brasileira com matérias polêmicas. Tratava de temas até então “proibidos” e tinha imagens fortes. O Comando denunciava realidades sociais terríveis, como as matérias sobre a vida das travestis na noite paulistana [de 1985], que mostraram que eles recebiam navalhadas de outros colegas de trabalho, porradas da Polícia e injetavam silicone industrial no corpo. Você não temia as críticas de setores mais conservadores do público?**

**GA:** Eu só mostrava a realidade. A polêmica vinha depois. Eu não criava aquilo que eu mostrava. Eu não criei, por exemplo, as travestis botando silicone. Apenas fui lá e fiz um registro. Só que com muito respeito e ética. Eu entrevistava uma travesti como se estivesse entrevistando o papa, tratava com a mesma decência.

**As pautas do *Comando da Madrugada* eram bastante interessantes. Como elas surgiam?**

**GA:** Vocês não vão acreditar, mas saímos da redação sem pauta. Quando dava uma hora da manhã, eu chegava pro Capeta [cinematógrafo Jorge Duarte, companheiro inseparável de Goulart – hoje falecido] e perguntava: “Aonde é que nós vamos hoje?” E aí íamos para algum canto. Rodávamos a cidade, seguindo algo que nos interessava. Era bastante exuberante o material humano que transitava na madrugada. Nunca tive pauta na minha vida. Sou um grande curioso e, como tal, não posso chegar num

## Mestres da Reportagem

lugar pra fazer uma matéria com algo pré-estabelecido, como se já conhecesse aquela realidade. Tenho que chegar aberto pra tudo, perguntando para as pessoas do local o que é aquilo, como as coisas funcionam. Não sei se as redações hoje pensam o contrário, mas pra mim tem que ser assim. Isso é tão simples...

**Como você conseguiu entrar no mundo das travestis naquela reportagem de 1985, já que elas costumam ser arredias, em função do preconceito e da violência que comumente sofrem?**

**GA:** Eu tinha um amigo travesti, a Andrea de Maio, e foi ela que me deu a ideia de mostrar o que acontecia naquele universo. Ela me falou de um lugar na rua Vitória, no centro de São Paulo, que injetava silicone industrial nas travestis. Foi bem chocante ver aquilo. Aliás, é chocante até hoje. Essa matéria foi importante para pensarmos: Quem são aquelas pessoas, afinal? O que elas pretendem? Porque uma coisa é clara: o que elas faziam era uma espécie de suicídio antecipado. Provavelmente elas sabiam que iam morrer logo.

**Nesse programa você chegou a criticar a hipocrisia de algumas pessoas com relação às travestis...**

**GA:** Sim porque os ditos “normais” da sociedade “consumiam” aquelas pessoas sexualmente. Então, é uma grande hipocrisia.

**Você de alguma forma manteve contato com aquelas travestis?**

**GA:** Não. Eu tinha contato com a Andrea, que era minha amiga. Esporadicamente ela me recomendava algum assunto e eu fazia a matéria ou não. Essa reportagem sobre as travestis não representou nada de excepcional pra mim. Eu me surpreendo hoje, porque vejo que isso passou a ser excepcional depois de 32 anos. Até hoje as pessoas me perguntam sobre isso.

**Você costumava sentir na pele o assunto que retratava. Como você mesmo dizia, entrava “na pele do lobo”. Na matéria das tra-**

vestis, por exemplo, você se vestiu como uma delas e foi fazer ponto na rua. Isso contraria um pouco a ideia de distanciamento do jornalista em relação ao fato, que é defendida por muitas pessoas. Qual é a sua opinião a respeito?

**GA:** Eu sou isso aí, sou muito enxerido. Fazia questão de ver como era passar por aquela situação. Mas, na verdade, ao mesmo tempo em que eu estava dentro, eu estava fora. Nunca interferei no fato. Não omitia nada que fosse bom ou ruim e nem ficava dando minha opinião sobre o que estava acontecendo. Essa é uma estratégia do ponto de vista ético muito interessante. Você “mergulha” naquilo que está fazendo para captar a realidade em sua completude e alguém está registrando tudo ali com a câmera e o microfone. Sempre estava envolvido, mas não que aquilo me afetasse. Por exemplo, eu me surpreendi encontrando em Portugal um bairro chamado Casal Ventoso, que era um reduto de drogados. Quase todos os drogados de Lisboa ficavam lá para se abastecer, consumir e morrer. Isso me chocou, como chocaria qualquer pessoa. Mas ao mesmo tempo, como eu estava com a tarefa de retratar aquilo, esse clima se diluiu. Eram seres humanos numa tentativa de morrer mais cedo, mas o que eu poderia opinar em relação àquilo? Nada! Só mostrar. Não tinha que ter opinião. Minha função era contar a história.

### **Como surgiu o bordão “Vem comigo”?**

**GA:** Foi circunstancial, nada planejado. Eu fui fazer uma reportagem numa danceteria na zona leste de São Paulo, chamada Toco Discoteca, no dia da inauguração. O dono me chamou e disse: “Olha, aqui é grande, mas se você for esperto dá pra fazer uma matéria legal. Eu perguntei pra ele: “Quantas pessoas tem aí dentro?”. E ele me respondeu que havia 5 mil. Naquele momento eu virei pro Capeta e disse: “Vamo lá, Capeta, Vem comigo! Vem comigo sem corte, não corta”. E aí a gente foi mostramos tudo o que estava acontecendo, usando o chamado plano sequência, que é uma coisa que eu criei. É um plano sem cortes, que vai mostrando para o público tudo o que você está vendo, como se fosse um olhar eletrônico. Nem que você fique 20 minutos filmando. Então, foi assim. Eu ia andando pela discoteca, mostrando o lugar que existia pra comer, os DJs, como cada coisa funcionava, e sempre falava: Vem comigo sem cor-

## Mestres da Reportagem

tes, Capeta. Vem comigo!” Depois, na hora de editar o material, pensei: “Porra [SIC], esse tal de Vem comigo tem força, hein? Já estou indo com ele” [risos]. Foi assim que passei a adotá-lo.

### **O que o Capeta representou para você?**

**GA:** O Capeta era maravilhoso. Ele era meu alter ego, meu olhar eletrônico. Tinha uma sensibilidade fantástica. Ele percebia que eu tinha achado algo interessante e logo focava a câmera naquilo, eu não precisava falar nada. Era também um tripé humano, não se mexia de jeito nenhum. Ele acabou morrendo num acidente de moto e até hoje me faz muita falta [emocionado]. Nunca mais consegui uma pessoa que tivesse tanta sintonia comigo.

### **Em sua opinião, houve algum personagem que foi mais intrigante ou que teve destaque nas entrevistas feitas para o *Comando da madrugada*?**

**GA:** Todos foram interessantes. É difícil privilegiar qualidade ou excelência no material de um programa que tem entre 15 mil horas de gravação. Na verdade, é natural você não eleger nada. Todos pra mim são personagens importantíssimos, que fazem parte de um período em que eu pude mostrar diferentes histórias para as pessoas. Sou apenas um contador de histórias.

**A reportagem sobre a morte de PC Farias, tesoureiro do ex-presidente Fernando Collor, também causou bastante polêmica. Na época, você exibiu imagens da autópsia do corpo, com os órgãos de PC sendo retirados. Outra matéria polêmica foi a que tratou do implante de prótese peniana, na qual você mostrou como a cirurgia era feita nos mínimos detalhes. Muitos consideravam essas imagens desnecessárias. Qual é a sua opinião sobre isso?**

**GA:** No caso do PC Farias, qualquer repórter queria estar na sala de autópsia para fazer o furo do procedimento. Eu consegui essa oportunidade, então tinha que aproveitar. O furo é uma coisa de excelência! Todo jornalista busca. A cirurgia peniana eu encarei como um assunto de uti-

lidade pública, que precisava ser divulgado. Um cirurgião se prontificou a mostrar como se fazia esse tipo de cirurgia. Fui até lá e mostrei, e isso certamente fez a felicidade de milhões de pessoas. Muitos homens sofrem com problemas de falta de ereção. Eu decidi mostrar toda cirurgia, porque não sou censor. Se eu te perguntar: Te choca ver um pênis aumentado? Você vai dizer: “Me choca!” Mas isso não choca a pessoa que está com aquele problema. Ela se interessa pelo assunto. Eu não sou hipócrita, só isso. Não estabeleço pra mim as regras que sociedade estabelece para os outros, estou fora disso. Eu não procuro sensacionalismo. Ibope pra mim é uma coisa relativa. Eu faço o meu trabalho pra mostrar pra um ou para um milhão, não me importa isso. Aliás, acho que eu faço o meu trabalho pra mostrar para mim mesmo. Nunca pensei nisso e olha que estou com quase 80.

*“Não entendia porque a televisão parava à meia-noite, principalmente em uma cidade como São Paulo. Então, propus ao Boni mostrarmos o que acontecia no horário entre a meia-noite e as sete horas. Assim nasceu o Comando da Madrugada.”*

**Você fez uma reportagem que mostrou a cesariana da sua própria filha. Como conseguiu convencê-la a permitir a gravação do parto?**

**GA:** O cara que nasceu desse parto hoje tem 27 anos! [risos]. Olha, entre mim e minha filha há uma coisa muito interessante, de compromisso e confiança. Eu falei: “Filha, vou gravar esse troço aí, tá bom?”. Ela simplesmente disse: “Tá bom, pai”. Ela é uma divindade. Mora hoje em Miami. Me lembro de ver a Nanci [filha de Goulart] na maca e eu com Capeta falando: “Vocês vão ver agora como é feita uma cesariana”. Minha intenção era tornar aquilo mais universal, mostrar como é esse negócio de cesariana. Quando começou o procedimento, eu fiquei calado, vestido com aquelas roupas de médico e tudo mais. Só que era minha filha que estava ali. Quando me pediram pra puxar o “bichinho”, eu disse: “Opa, sou avô”! [risos].

**Naquela hora você era mais avô ou mais repórter?**

## Mestres da Reportagem

**GA:** Não sei [risos]. Até hoje fico aturdido pensando em como consegui assistir a tudo aquilo.

**Nas suas matérias a gente percebe que você conversa com uma linguagem muito próxima da fala do entrevistado e ele, conseqüentemente, abre o coração pra você. Como explica isso?**

**GA:** A minha cultura da humanidade veio de experiências pessoais que tive em várias atividades. Dos 15 anos aos 20 anos, consegui fazer muita coisa e reservava essas coisas na minha essência. Eu saía de um emprego e dois meses depois entrava em outro. Fui salva-vidas de praia, motorista de caminhão, jogador de futebol, piloto de avião. Isso me deu a oportunidade de entender todo tipo de pessoa – da mais simples à mais refinada, de falar a língua da prostituta, do cardeal, dos esportistas. Isso que me facilitou e que me ajuda até hoje. Não fui um tolo! Quando tinha 15 anos, eu entregava remédios de uma farmácia na casa das pessoas com uma bicicleta. É a partir dessas experiências que você cresce como ser humano. Você aprende a linguagem dos outros. Em 1960, as portas dos cemitérios eram abertas e eu não tinha grana pra pagar hotel todo dia, então fiz um acordo com o cara do hotel: “Quando eu dormir aqui você me cobra, quando eu não dormir você não me cobra. Peço apenas que deixe as minhas roupas ficarem aqui? Pode ser?”. Ele respondeu que sim. Então, eu deixava a roupa lá e andava com uma pequena malinha com uma cueca e minha escova de dentes. Quando dava uma hora da manhã eu pensava: “Não vou para o hotel, porque tenho que estar às oito aqui na rua Bahia”. Eu tinha um compromisso comercial. Então, eu dormia no cemitério da Consolação, e era delicioso. Acordava com o barulho da vassoura varrendo as folhas. Tinha um banheirinho lá no cemitério aonde eu ia escovar meus dentes. Depois que me aprontava, saía para trabalhar. Na década de 80, os cemitérios começaram a fechar, porque foram iniciados os assaltos a túmulos, e aí não dava mais pra fazer isso. Até fiz cobertura dessa questão. Enfim, essa foi uma experiência impagável na minha vida. Você não consegue pagar um psiquiatra ou psicólogo pra te dar isso, precisa viver. Você precisa ir fazer solda pra dizer que foi um operário de solda, precisa dirigir um avião pra dizer que foi um piloto. Essas coisas enriquecem muito o ser humano. Um filho meu foi ser repór-

ter e ele queria ser como eu, mas é difícil passar tudo isso pra ele. É algo que está dentro de mim, no meu DNA.

**Hoje em dia a maior parte dos repórteres fica boa parte do tempo na redação, sem ir para a rua. Você acha que isso afeta o jornalismo?**

**GA:** Isso é o ortodoxo da profissão. O que eu sou é uma exceção. Mas não há mérito nenhum nisso. Vocês ficam me chamando de “mestre, mestre”, mas não tem mestre nenhum aqui. Sinceramente, vocês são jovens e estão começando. Vocês vão me olhar e só vão me olhar, não vão fazer nada como eu. Cada um tem a sua experiência. Não há mérito e nem demérito nisso. A única coisa que eu, sem querer ser arrogante, posso passar pra vocês, é que sejam curiosos na hora de fazer uma reportagem. É uma bobagem sair de uma redação com uma pauta estipulando: “O Carlinhos Cachoeira é um bicheiro assim e assado...” Você tem que sentar na frente do Carlinhos Cachoeira e perguntar: “Porque você é Carlinhos, no diminutivo, e não Carlos?”. Essa é a primeira pergunta que eu faria pra ele [risos]. Tudo tem que te despertar curiosidade.

*“O Capeta era maravilhoso. Ele era meu alter ego, meu olhar eletrônico. Tinha uma sensibilidade fantástica. Ele percebia que eu tinha achado algo interessante e logo focava a câmera naquilo, eu não precisava falar nada. Nunca mais consegui uma pessoa que tivesse tanta sintonia comigo.”*

**O programa do apresentador Otávio Mesquita, exibido de madrugada, parece querer imitar o Comando da madrugada. O que isso causa em você?**

**GA:** Ele falou isso pra mim, confessou que tentou me imitar. Ele me entrevistou há pouco tempo para um programa especial que estava fazendo sobre mim. Isso não me incomoda e nem me comove. O que eu quero, ou melhor, o que eu imagino é que a televisão não poderia ter se perdido tanto em cima das audiências e dos ibopes. Não dá para focar apenas no lado financeiro.



## Mestres da Reportagem

**Você lançou um novo programa na *TV Gazeta*, chamado *Túnel do Tempo*, que relembra reportagens antigas suas, que marcaram a história da TV. Qual é o objetivo desse programa?**

**GA:** É uma reprodução das principais matérias que eu produzi, feitas agora pelos alunos da Faculdade Cásper Líbero. Eu mostro uma matéria que fiz há 30 anos no auditório para os alunos e eles se comprometem a fazer a atualização daquele passado para o presente. Mostramos o *making of* dos estudantes fazendo a reportagem e depois exibimos o comparativo do passado e do presente, discutindo o que mudou. A ideia é ver como determinadas questões estão hoje, como o universo das travestis, que revelei em 1985. Espero que eu possa dar alguma contribuição para esses estudantes e para a TV, de uma forma geral.

**Você poderia nessa fase ficar apenas viajando e descansando na sua bela casa com a sua família, mas percebemos que continua com o dedo na tomada, trabalhando e participando de novos projetos...**

**GA:** Sim, senhoras! Eu só tenho 79 anos, porra! [risos].♦



**JOSÉ  
ARBEX JR.**

***"Quem  
controla a terra,  
controla a mídia"***



## Para Arbex, a solução contra a manipulação feita pela grande mídia está na reforma agrária

*Por Adriano Fabrício dos Santos, Jennifer Souza e Thaysa Araújo*

Em um país em que o “jornalismo do patrão” predomina, poucos têm a ousadia de nadar contra a maré em favor da classe trabalhadora. José Arbex Jr. é uma dessas raridades.

Nascido em Marília, no interior de São Paulo, ele faz, de maneira ácida, o exercício permanente de crítica da mídia, doa a quem doer. Fala com a responsabilidade de alguém que, além de ter estudado muito a questão sob o pano de fundo da política nacional e internacional, já esteve na redação da grande imprensa e sabe muito bem como ela funciona.

Jornalista e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, trabalhou nove anos na *Folha de S. Paulo*, chegando a ser o responsável pela editoria Internacional. Foi correspondente do jornal em Nova Iorque e Moscou e cobriu, como enviado especial, alguns dos acontecimentos mais importantes do século 20, como as guerras da Nicarágua (1986), Afeganistão (1988), Camboja (1989), a queda da ditadura dos Duvalier no Haiti (1986), a primavera de Pequim e a queda do Muro de Berlim (1989), a Guerra do Golfo (1991) e o golpe de Estado de Alberto Fujimori, no Peru (1992). Teve a oportunidade de entrevistar personalidades históricas, como Yasser Arafat (1991 e 1995) e Mikhail Gorbachev (1992).

Deixou a *Folha* por perceber que o jornalismo feito pelo impresso, assim como o de outros grandes veículos nacionais, não atendia os verdadeiros interesses do povo brasileiro: “É um jornalismo que não tem muito a ver com aquilo que acontece de fato no país. O verdadeiro interesse do povo brasileiro fica mascarado na grande imprensa, porque ela trata o problema social como se fosse um caso de polícia”.

## Mestres da Reportagem

Bem-humorado e irônico, ele não esconde que dos dois motivos que o levaram a escolher a graduação de Jornalismo – a indignação com as injustiças cometidas pelo regime militar e as belas garotas que circulavam no prédio da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – o segundo (as garotas da ECA) foi o que mais pesou: “Quando passava em frente à ECA, via aquele monte de moças, tudo era mais colorido [risos]. Foi aí que escolhi fazer jornalismo. Essa é a versão mais apropriada. Escolhi o jornalismo por causa das moças”.

Depois da experiência na *Folha*, Arbex voltou para o jornalismo engajado que praticou em sua primeira experiência profissional como editor do jornal semanal *O Trabalho*, ligado à Organização Socialista Internacionalista (OSI). Assumiu em 2003 o cargo de editor-chefe do *Brasil de Fato*, jornal criado durante o Fórum Social Mundial de Porto Alegre para dar voz aos movimentos sociais. Resolveu sair do periódico em outubro de 2010, por discordar da tendência do impresso de apoio ao Governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Hoje é editor especial da revista *Caros Amigos*, um dos veículos de esquerda mais respeitados da América Latina, e professor do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Também chefia o Departamento de Jornalismo da mesma instituição.

Arbex é autor de diversos livros, todos com linha crítica e analítica. Dentre eles, *Shonmalismo: A notícia como espetáculo* (Casa Amarela, 2001 – obra que resultou de sua tese de doutorado em História Social); *Jornalismo canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder* (Casa Amarela, 2003), *O poder da TV* (Scipione, 1995); *Nacionalismo: o desafio à nova ordem pós-socialista* (Scipione, 1993); *O mundo pós-moderno* (Scipione, 1996 – em coautoria com o jornalista Cláudio Tognolli); e *O século do crime* (*Boitempo* – também coescrito com Tognolli), vencedor em 1997 do Prêmio *Jabutí* na categoria *Melhor Livro-reportagem*.

Em 1999, venceu o Prêmio *Vladimir Herzog* pela reportagem *Terror no Paraná*, publicada na *Caros Amigos*, que denunciou o cenário de horror presente nas reintegrações de posse feitas no estado na calada da noite, envolvendo tortura e assassinatos de sem-terra.

Também foi premiado em 2003 com a Medalha Chico Mendes de Direitos Humanos, oferecida pelo grupo Tortura Nunca Mais, em associ-

ação com outras entidades de defesa dos direitos humanos.

Nesta entrevista, Arbex fala sobre sua trajetória e faz uma análise da cobertura que é feita por nossos grandes meios de comunicação. Diz que a manipulação promovida pela grande imprensa vai continuar enquanto não houver a reforma agrária: “Enquanto os donos de terras mandarem na imprensa e no Congresso Nacional, nada vai mudar”.

### **Por que você escolheu o Jornalismo?**

**José Arbex Jr.:** Há duas maneiras de responder a essa pergunta. Vou começar pela maneira heroica. Era o período da ditadura militar e eu fazia cursinho para entrar na faculdade de Engenharia da Poli [Escola Politécnica da Universidade de São Paulo]. Havia uma luta muito grande contra o regime e minha primeira atividade, já como estudante do curso, foi participar de uma missa em homenagem ao jornalista Vladimir Herzog, que morreu assassinado em 1975 pelos militares. Essa missa foi uma forma de denunciar a ditadura. Comecei a me envolver na luta contra o regime e a escrever para vários jornais clandestinos. Naquela época, só era possível apontar críticas aos militares nesses jornais, por conta da censura. Percebi que gostava muito mais de escrever artigos do que de fazer Engenharia, então resolvi ir para o curso de Jornalismo. Essa é a versão heroica, mas tem outra versão. Na Engenharia, entravam por ano cerca de 600 homens e 30 moças, e algumas delas dificilmente eram o que poderíamos chamar de “moças” [risos]. A maioria dos estudantes parecia louco: tinha japonês, coreano, turco, judeu, tudo com maquininha de calcular nas mãos, um bando de nerds. Quando eu passava em frente à ECA [Escola de Comunicação e Artes da USP] via aquele monte de moças, tudo era mais colorido [risos]. Foi aí que escolhi fazer Jornalismo. Essa é a versão mais apropriada. Escolhi o Jornalismo por causa das moças.

### **Como foi participar da missa do Vladimir Herzog?**

**JA:** Havia muito medo, afinal a ditadura ainda cometia assassinatos e torturas. A Catedral da Sé, naquele dia, amanheceu cercada por policiais. A coisa tinha chegado ao limite do tolerável. O próprio Exército assassinando gente! Não dava para aceitar. Se você aceitasse, teria de deixar

## Mestres da Reportagem

passar qualquer coisa. Então, houve uma reação da sociedade contra aquela situação. Para mim foi um momento muito importante, a primeira vez em que eu vi uma multidão de gente que não deixou com que o medo impedisse a manifestação. Isso foi muito importante na minha formação.

**Se a ditadura fosse hoje você certamente seria perseguido pela sua postura combativa...**

**JA:** Eu acho que a ditadura ainda existe. Hoje ela não mata mais jornalistas que são contra o regime, mas está matando na periferia e causando muita injustiça. Veja, por exemplo, o escândalo do banqueiro Salvatore Cacciola [condenado por crimes contra o sistema financeiro], que, em 1999, causou um prejuízo enorme aos cofres públicos, de R\$ 1,5 bilhão. Esse cara roubou uma quantia absurda do Brasil e está solto. Agora, uma mãe que rouba do mercado porque o filho está com fome fica dez anos na cadeia. Você acha isso justo? Eu não acho! Você mata um cara de classe média em um bar de classe média e isso dá o maior escândalo no jornal. Quando morre alguém da periferia ninguém fica sabendo. As torturas nas delegacias ainda não acabaram. A diferença é que os torturados hoje são as pessoas da periferia. Ainda tem muita coisa errada no Brasil.

**Hoje sua atuação é na imprensa independente. Por que desistiu da grande imprensa?**

**JA:** Participei durante muito tempo da grande imprensa, fui correspondente *da Folha de S. Paulo*, trabalhei em muitas guerras, revoluções, trabalhei em Nova Iorque, em Moscou. Acontece que fui percebendo que o jornalismo que você faz dentro da *Folha*, do *Estadão* ou do *Globo* é um jornalismo que não tem muito a ver com aquilo que acontece de fato no país. O verdadeiro interesse do povo brasileiro fica mascarado na grande imprensa, porque ela trata o problema social como se fosse um caso de polícia. Vamos pegar o caso do *MST* [Movimento dos Trabalhadores Sem Terra] como exemplo. A imprensa diz que eles invadiram um determinado pedaço de terra, só que eles não invadiram, eles ocuparam. Há uma diferença muito grande entre usar o verbo invadir e o ocupar, porque o verbo invadir dá a impressão que o *MST* está cometendo uma ação ilegal,

violenta, um ato de bandidagem, enquanto o verbo ocupar dá a conotação de uma ação justificada, legalizada, como ela é na verdade. Porque a lei diz que a terra tem de ter uma função social e não pode ser improdutiva, ela tem de produzir. E quando o MST ocupa uma fazenda, eles estão ocupando um latifúndio improdutivo. Mas a imprensa quer dar a impressão de que são um bando de foras da lei, desocupados, bandidos, que não querem trabalhar e só tomar o que é dos outros, o que é uma grande mentira. E isso não ocorre só dentro do Brasil. Na cobertura de conflitos internacionais você não pode dizer que os palestinos resistem à ocupação de Israel, você tem de chamar os palestinos de terroristas e não de resistentes. Toda a grande mídia noticiou os ataques de 11 de setembro de 2001 nos EUA como o “maior atentado da história”. Na época, eu participei de vários programas de televisão e questioneei: “Se esse é o maior atentado, o que Hiroshima e Nagasaki foram? Foi uma bomba que matou 170 mil e não três mil! Cento e setenta mil mulheres e crianças!! Isso é terrorismo ou não é?”. Só que a mídia não chama os Estados Unidos de terroristas, só o Osama bin Laden. Agora, quem foi que deu a bomba para o Osama bin Laden? Foram os próprios americanos! Isso tudo não aparece no noticiário. Foi por causa dessa cobertura deturpada que resolvi sair da grande imprensa e fazer um jornalismo que reflete os interesses do povo. Esse negócio de grande imprensa para mim já deu o que tinha que dar.

*“Além de ser muito bem informado, o bom jornalista é o cara que vai para rua, que sabe onde fica o puteiro da cidade, onde ficam os pontos de drogas, quem são os manos e onde são as quebradas. Do mesmo jeito que ele é capaz de ler um livro difícil de filosofia, sabe conversar com as pessoas na rua.”*

### **Como foi ser correspondente internacional pela *Folha de S. Paulo*?**

**JA:** Dependendo de como você encara a situação, existem duas maneiras: ou você é um correspondente que age de acordo com a sua própria consciência e acaba muitas vezes tendo de enfrentar o patrão, que não quer que você escreva algumas coisas, ou você faz o jogo do patrão e é



## Mestres da Reportagem

um correspondente bonzinho, que escreve aquilo que ele quer que você escreva. Sempre procurei agir de acordo com a minha consciência e, muitas vezes, tive conflito com o dono do jornal. Ele achava que eu estava exagerando, que não era bem aquilo, mas eu conseguia demonstrar que estava certo. O que me salvou e acabou sendo muito importante na época em que trabalhei na *Folha* foi que muita gente lia o que eu escrevia, e isso para o patrão é importante, porque um jornal depende de credibilidade para existir, quer dizer, não adianta nada ter um jornal que não inspira confiança em ninguém, que não é lido. Se você não acreditar na *Folha*, não vai comprar, se não acreditar no *Estadão*, você vai quem compra. Foi por causa dessa credibilidade que eu consegui escrever muitas coisas que o próprio patrão não gostava. Escrevia e os leitores liam. Foi isso que me garantiu dentro da *Folha*.

**No livro *Shownarlismo: A notícia como espetáculo*, você cita uma matéria sua sobre a queda do muro de Berlim que acabou sendo negligenciada pela *Folha*. Pode nos contar os bastidores desse caso?**

**JA:** Eles fizeram um negócio absurdo. Eu era o único jornalista que estava em Berlim na noite em que caiu o muro. Isso foi no dia 9 de novembro de 1989, só que no dia 10 a manchete da *Folha* não foi sobre o muro de Berlim, foi sobre o Sílvio Santos. Então, imagina só a minha cara quando eu abro o jornal e está lá: “Sílvio Santos não vai ser candidato a presidente da República”. Pior: não era nem para dizer que ele ia ser candidato, era para dizer que ele não ia mais se candidatar! Agora imagina um historiador daqui a 500 anos fazendo uma pesquisa sobre o que aconteceu no mundo no dia 9 de novembro de 1989 e pegando a *Folha*? Ele vai achar que a não candidatura do Sílvio Santos é mais importante do que a queda do muro de Berlim!

**Essa questão da grande mídia decidir o que é “notícia” é preocupante, porque os leitores acabam sendo direcionados a dar atenção apenas para alguns assuntos. Você se lembra de mais alguma matéria sua que foi afetada por conta desse agendamento do que é notícia?**

**JA:** Um exemplo que eu acho marcante foi quando cobri a queda da ditadura no Haiti [a queda do regime ditatorial no país se deu a partir de 1986, quando Jean Claude Duvalier, filho do ditador François Duvalier, foi deposto]. A religião oficial do Haiti é o candomblé, aquilo que eles chamam de “vodu macumba”. Lá, todos os caras do regime político iam se consultar com os pai de santo, do mesmo jeito que aqui os caras vão à igreja católica ou, agora, à igreja evangélica. Quando caiu a ditadura, foi a primeira vez que os pais de santo começaram a falar e a contar histórias dos políticos que iam se consultar com eles. Eu quis escrever sobre isso, porque há muita semelhança entre os negros do Haiti e os negros brasileiros, então é lógico que é uma notícia que interessa ao povo brasileiro. Só que as pessoas do jornal acharam que ninguém teria interesse nesse tipo de notícia. Na verdade, quem não quer saber disso é a minoria dos leitores pertencentes à classe média alta e branca de São Paulo. O jornal tem essa visão preconceituosa em relação ao que eles acham que o povo quer saber.

*“A grande mídia noticiou os ataques de 11 de setembro de 2001 nos EUA como o maior atentado da história. Se esse é o maior atentado, o que Hiroshima e Nagasaki foram? Foi uma bomba que matou 170 mil e não três mil! Isso é terrorismo ou não é?”*

**Muita gente acredita que tudo o que sai na mídia é verdade. Por que isso acontece?**

**JA:** Essa ilusão de que o jornalismo expressa a verdade acontece muito pela falta de informação das pessoas. Muita gente que viu as torres do World Trade Center caindo em 11 de setembro de 2001 nos EUA compra a versão de que aquele foi o maior atentado da história mundial, porque não sabe nada sobre Hiroshima e Nagasaki e nem sobre a Guerra do Vietnã, quando os Estados Unidos mataram mais de dois milhões de camponeses com bombas. A grande mídia trabalha com a ignorância dos leitores, dos telespectadores. Ela joga com a ignorância, sabendo que a maioria do público é comodista e não questiona. Ou então a pessoa sabe, mas tem medo de questionar e finge que aceita aquilo que está sendo dito. Isso é

## Mestres da Reportagem

terrível porque as mentiras vão crescendo com o tempo. Outro dia gerei uma polêmica em relação à *Rede Globo*, com o setor de teledramaturgia. Eu estava assistindo à novela *Viver a Vida* – lógico que por interesses acadêmicos e não pra ver a Taís Araújo e a Aline Moraes [risos] – e tinha um capítulo em que as personagens interpretadas por essas atrizes estavam em Amã, na capital da Jordânia. Era noite, e uma delas diz assim: “Vamos passear pelas ruas aqui em Amã”. Aí a outra fala: “Como você vai sair aqui? É perigosíssimo”. E a outra responde: “Não é perigoso não, porque Amã é a cidade mais ocidental da República Árabe”. Achei um absurdo, porque, ao dizerem aquilo, a ideia que a Globo está passando para o telespectador é a de que o perigo é ser oriental, como se no Ocidente não houvesse perigo nenhum. Mandeí uma carta para o setor de teledramaturgia da *Rede Globo* perguntando em que rua do Oriente fica São Paulo e Rio de Janeiro, porque sair à noite em São Paulo e no Rio de Janeiro é perigoso. Disse também que eu gostaria de saber quem foi o rapaz que escreveu o roteiro daquela novela, para saber se ele achava isso mesmo ou se o cérebro dele estava encharcado pelo álcool, o qual, aliás, foi criado pelos árabes, assim como o alfabeto que proporcionou a ele escrever a telenovela. Eles responderam que novela é ficção e, portanto, vale tudo. Respondi: “Já que pode tudo, desafio os senhores a fazerem uma novela que mostra o papa tendo relação homossexual. Não é ficção? Não vale tudo?!” [risos]. Então, se você fica assistindo à novela igual a uma rã, parado com os olhos arregalados, sem pensar criticamente a respeito e sem ler e ver outras coisas, você começa a acreditar que o Oriente é perigoso e que o Ocidente é sossegado. Aquilo que a mídia diz vai penetrando em você e você não resiste. Uma vez eu ministrei um curso em comunidades de bairro lá dos morros do Rio de Janeiro, na Rocinha e no Complexo do Alemão. Eu estava falando em planejarmos reuniões para fazermos um jornal comunitário, rádio comunitária, enfim. Uma senhora levantou a mão e falou: “Olha, Arbex, sabe qual é a maior dificuldade que a gente tem em fazer uma reunião aqui no morro?”. Eu disse: “Não sei, mas vou chutar. É a polícia?”. E aí ela falou: “Não”. E eu chutei de novo: “É o narcotráfico?”. E ela disse: “Não”. Aí eu falei: “Tá bom, são as milícias?”. E ela falou: “Não”. Então eu disse: “Desisto!”. E ela respondeu: “O problema é a novela, ninguém sai de casa, porque todo

mundo quer ver novela.” Então, imagina... o cara trabalhou 15 horas por dia com o patrão no pé dele. Ele chega em casa e o filho fica enchendo o saco dele, porque não tem dinheiro pra comprar o tênis que ele quer, a mulher também reclama, porque precisa comprar comida no supermercado, quer dizer, ele está com o saco na lua [sic]. Aí ele liga a televisão e vê a Taís Araújo e a Aline Moraes. Ele vai querer mais o quê? [risos] E, de repente, aparece um diálogo desses em que as duas ficam falando que o Oriente é perigoso e o Ocidente é tranquilo. É claro que o telespectador vai incorporando aquilo, e isso é um perigo, porque as pessoas vão ficando preconceituosas.

### **É possível um jornalismo independente sem influência política?**

**JA:** Não. Eu, por exemplo, sou influenciado politicamente, tenho uma influência que vem dos movimentos populares. O que acontece é que você pode escolher qual vai ser a sua influência política. Você pode escolher se quer fazer um jornalismo que vai ser porta-voz dos interesses dos banqueiros, dos patrões e da grande mídia ou se vai fazer um jornalismo identificado com os movimentos populares, sociais. Essa é uma escolha que só você pode fazer. Alerto o seguinte: se você escolher o jornalismo identificado com o povo, se prepara porque você vai tomar porrada de tudo quanto é lado. É isso mesmo, não estou mentindo pra ninguém aqui.

### **Como nós, que estamos começando na profissão, podemos nos “vacinar” contra a manipulação que a mídia comumente faz dos fatos, caso venhamos a trabalhar na grande imprensa?**

**JA:** Como disse há pouco, a grande arma que o jornalista que trabalha na grande imprensa tem para não cair nesse jogo é a credibilidade, porque os grandes meios de comunicação precisam de credibilidade para ter público. Os jornais e as emissoras não podem mentir o tempo todo e para todo mundo. Em algum momento, eles têm de falar alguma verdade, caso contrário perdem a credibilidade. É nesta hora, portanto, que o jornalista sério consegue trabalhar. E é importante destacar uma coisa: não acho que todo mundo que trabalha na grande imprensa é canalha e vendido.

## Mestres da Reportagem

Tenho muitos amigos que trabalham no *Estadão*, no *Globo*, na *Folha* e que fazem um jornalismo sério. Muitas vezes, publicam coisas que o patrão não queria que eles publicassem. O texto acaba sendo publicado, porque os veículos precisam manter a credibilidade. Então a arma é essa: fazer um jornalismo sério. Agora, para você fazer um jornalismo sério, tem de estudar muito, conhecer muito sobre a história política brasileira, quais são os partidos, a origem de cada um deles, os interesses deles, o que está por trás de cada um desses políticos, qual é o discurso deles no Congresso Nacional. Assim, quando o político estiver te dando uma entrevista, você poderá saber se o que ele está dizendo é coerente com a vida dele ou não, se está mentindo e por que ele está mentindo. Quer dizer, você tem de ir além daquilo que as aparências estão mostrando. É difícil, porque você tem de estar sempre muito bem informado, estudar muito e ler muito. A leitura também ajuda no texto. Ninguém escreve direito se não lê muito. Vejo os meus alunos aqui na PUC-SP. Às vezes, eu encontro alguns textos que me dão vontade de chorar... Sempre reclamo em sala de aula: “Vocês não leem!”. Nós temos alguns mestres de texto no Brasil que todo jornalista tem de ler e ler sempre. Machado de Assis, por exemplo, é obrigatório. Sempre tenho um livro dele na cabeceira, toda hora estou relendo Machado. Fico analisando como ele constrói as frases, como cria os argumentos. Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade também fazem parte dessa lista de grandes autores brasileiros que te ensinam muito sobre como lidar com o idioma português. Outra coisa muito importante: o bom jornalista é o cara que vai para rua, que sabe onde fica o puteiro da cidade, sabe onde ficam os pontos de drogas, sabe quem são os “manos” e onde são as “quebradas”. Do mesmo jeito que ele é capaz de ler um livro de filosofia difícil, sabe conversar com as pessoas na rua, sabe falar em uma linguagem que as pessoas aceitam, enfim, sabe respeitar os outros. Esse é um bom jornalista, porque, se você ficar só nos livros, você vai virar um professor acadêmico chato. Do mesmo jeito que, se você ficar só na rua, vai virar um mano igual a todo mundo, então você não pode ser nem um professor e nem um mano pra ser um bom jornalista. Tem de fazer a ponte entre a rua e a cultura. Se você conseguir essa ponte e fizer um jornalismo sério, terá tudo para garantir um bom jornalismo.

*“Participei durante muito tempo da grande imprensa. Acontece que fui percebendo que o jornalismo que você faz dentro da Folha, do Estadão ou do Globo é um jornalismo que não tem muito a ver com aquilo que acontece de fato no país.”*

### **A humildade seria outra característica do bom jornalista?**

**JA:** Sim, é fundamental! Todo dia, de manhã, ao se olhar no espelho você tem de dizer: “Sou uma besta preconceituosa, hoje vou cometer algum erro, então preciso aprender com esse erro!”. Por exemplo, muita gente, quando vai para o Paraguai e vê os sacoleiros, costuma dizer: “Putaque o pariu [sic], que miséria! Como o povo paraguaio é ignorante...”. Esse pensamento é absurdo, puro preconceito. Os paraguaios foram os primeiros da América do Sul a proclamar a República, em 1812. Além disso, muito antes de o Brasil sequer sonhar em ser um país, os caras já estavam fazendo a reforma agrária. Quem acabou com o Paraguai, na verdade, fomos nós na Guerra do Paraguai. Se hoje o Paraguai está vivendo uma situação de atraso social, somos responsáveis por parte disso. Outro exemplo é a Bolívia. Vivo ouvindo: “Nossa, como o povo boliviano é atrasado...”. Outra asneira. Em 1852, o povo boliviano fez uma revolução que foi uma das maiores de todo o mundo. Os camponeses e trabalhadores bolivianos pegaram em armas e formaram um exército popular. Quando o Brasil fez isso??? E não é que o povo brasileiro é pacato e não luta, isso é outra mentira. Desafio alguém a apontar dez anos da nossa história em que não tenha tido alguma luta importante do povo brasileiro. Então, a verdade é que estamos cercados de preconceitos, contra outros povos e contra nós mesmos. Eu mesmo, em várias ocasiões, fiquei surpreso como o meu preconceito, e aí você tem de aprender a captar a verdade e calar a boca. Se você quiser ser um bom jornalista – porque existem aqueles que acham que são os donos da verdade e não erram nunca –, tem de estar disposto a aprender sempre. Hoje eu afirmo que a única fé que eu mantenho inabalável – e não adianta ninguém falar nada, porque nunca vou mudar de opinião – é a fé no “coringão” [Sport Club Corinthians Paulista]. Só que, nesse caso, não é preconceito, é ciência pura [risos].

### **Na sua opinião, como a questão da reforma agrária é tratada no Brasil?**

**JA:** Não é tratada, essa que é a verdade. Se você estudar a história do Brasil com cuidado, vai ver que em 500 anos uma coisa nunca mudou: os grandes latifundiários sempre controlaram quase toda terra brasileira. O povo brasileiro sem terra existe desde que Pedro Álvares Cabral chegou aqui e foram criadas as sesmarias, os governadores liberais, as capitânicas hereditárias. Você vê no Brasil fazendas que são maiores que países inteiros e um punhado pequeno de proprietários possuindo a maior parte da terra. Isso sempre foi assim. Para a reforma agrária acontecer, seria preciso reverter 500 anos de história e falar: “Agora chega! Agora a terra vai pertencer ao povo brasileiro”. Só que, para fazer isso, você teria que pegar as terras de quem? Dos Sarney, dos Collor de Melo, dos Calheiros, de toda essa gente que manda no Congresso Nacional e nos meios de comunicação. É claro que os caras não querem largar o osso. Eles querem manter a propriedade da terra, manter o controle do poder. E é exatamente por isso que a reforma agrária não aconteceu até hoje, e não vai acontecer enquanto esse pessoal continuar no poder. Faça o exercício de criar três mapas. Num mapa, você coloca os donos de terra desse país. Depois, você faz outro mapa com quem controla o Congresso. Por último, você faz um terceiro mapa com os donos da mídia, da *Globo*, do *SBT*, das retransmissoras nacionais, enfim. Se você colocar um mapa sobre o outro, adivinha o que vai acontecer? Você descobrirá que são os mesmos caras. Isso quer dizer que quem controla a terra, controla a mídia. Por isso que a situação é tão complicada.

### **Você acredita que pode haver uma mudança nessa situação, por exemplo, com o uso da Internet, que é um meio que permite que todo cidadão possa fazer sua crítica?**

**JA:** Enquanto não houver a reforma agrária e os donos de terras mandarem na imprensa e no Congresso Nacional, não vai mudar nada. Precisamos nos mobilizar contra isso. A Internet pode ajudar, mas é preciso saber usá-la, pois ela é uma tecnologia como outra qualquer. É como uma faca. Assim como você pode usar a faca para descascar uma laranja e cortar um bife, você pode usá-la para matar alguém. Para usar bem a

Internet, você tem de ter formação política. Por isso, no fundo, a solução está na formação do homem, e não propriamente na tecnologia. Num país como o Brasil, a situação é muito difícil, porque você tem uma estrutura de 500 anos que mantém o povo na miséria. O Brasil não tem política pública adequada para as escolas, para os hospitais. Nossa política pública é manter as escolas na miséria. A política que o Governo tem com a saúde é a de manter gente nos corredores do SUS [Sistema Único de Saúde]. O povo é mantido na miséria e na ignorância.

**E as pessoas alienadas ficam impossibilitadas de lutar contra esse sistema, certo?**

**JA:** É claro! Agora, temos de tomar cuidado. Eu não acho que alguém pensou propositalmente: “Vou manter todo mundo na miséria para ninguém ser contra a gente”. Na verdade, essa exclusão acontece como lógica de um processo que vem desde a época da escravidão. E, de novo, eu vou pegar Machado de Assis, o mestre de todos os mestres, para exemplificar essa situação. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o personagem principal, o Brás Cubas, é filho de um senhor de engenho muito rico, cheio de escravos. Além de ser irônico, ele tinha consciência da sua própria brutalidade, então ele fala que foi para a Europa, aprendeu vários idiomas, várias ideologias, tudo sobre a Revolução Francesa e, quando voltou para o Brasil, se perguntou: “Vou fazer o que com tudo isso?” E concluiu: “Nada, porque no Brasil você só precisa de uma coisa: do chicote para dar no lombo do escravo”. Até hoje vemos isso. Acham que as pessoas daqui não precisam de cultura; a elite quer a gente para pegar no chicote e dar nos lombos dos caras. A cultura no Brasil é uma coisa de enfeite, para as pessoas acharem bonito. Pode perceber que se costuma dizer: “Nossa, como ele é culto, como é sábio...” Quando elegeram o Fernando Henrique Cardoso, muita gente ficou falando em tom de destaque: “Ah! Agora temos um presidente que fala seis idiomas diferentes!”. Na verdade, é o que eu escrevi na *Caros Amigos*: “É um sujeito que sabe ser cretino em seis idiomas diferentes”. Grande vantagem em ser imbecil em seis idiomas...

**A Veja é tida por muita gente como a “revista das pessoas cul-**



### tas”. Qual é a sua opinião sobre a publicação?

**JA:** A *Veja* é um absurdo! Costumo dizer que ela é a maior revista americana escrita em português, porque ela reflete as ideias da classe dominante dos Estados Unidos. Se você pegar as páginas amarelas da revista da semana de 25 de abril deste ano [2012], você verá que eles entrevistaram o historiador Gordon Wood, que diz que os Estados Unidos são bons, democráticos e inocentes. É esse tipo de cara que tem espaço na *Veja*.

### **Na Guerra do Iraque, havia jornalistas que pesquisavam a fundo as notícias, enquanto outros apenas compravam o que os militares diziam. Qual é o maior perigo disso?**

**JA:** É o de passar uma versão para o público que é a versão dos militares, falando só aquilo que os militares querem. Houve um debate muito importante sobre isso realizado pela *TV Cultura* durante um das Flips [Festas Literárias Internacionais], em Paraty, há uns três anos mais ou menos. Foi convidado o Robert Kuttner [jornalista norte-americano, cofundador da revista *The American Prospect*], um jornalista que eu considero o melhor do mundo hoje. Ele estava à mesa com um jornalista do *New York Times*. Nesse debate, ele disse: “Imagine a seguinte situação: você tem um jornalista que vai cobrir a Guerra no Iraque. O Exército dos Estados Unidos dá toda a proteção que esse jornalista precisa, capacete, colete à prova de bala, tudo. Só há um problema: para o jornalista mandar a notícia para o veículo dele, antes ela tem de passar pelas mãos do chefe do pelotão. Como alguém, pode aceitar um negócio desses?”. Aí o outro jornalista americano falou: “Mas eu aceito, porque eu quero preservar a minha vida”. E o Robert rebateu: “Se você quer salvar a sua vida, não vá cobrir guerra, fica na sua casa. O que não dá é você ir para lá para mentir!” Então, o que o Robert Kuttner explicou foi que, quando você está cobrindo uma guerra, não há mais possibilidade de se falar o que você vê de fato, sendo que a função do jornalista é mostrar a verdade e não ficar atrás de chefe de regimento. Lógico que os dois não chegaram a um acordo nesse debate, mas eu comprei e pedi para a biblioteca da PUC também comprar esse DVD, e todo ano eu passo ele para os meus alunos, para discutirmos qual é o papel do jornalista. O que está acontecendo hoje de fato é isso. Você aceita ser protegido pelo Exército, mas você só pode

filmar ou falar aquilo que eles deixam, não pode desafiar a versão de nenhum deles, ou seja, acabou o jornalismo, virou ficção, virou qualquer coisa.

*“A Internet pode ajudar, mas é preciso saber usá-la, pois ela é uma tecnologia como outra qualquer. É como uma faca. Assim como você pode usar a faca para descascar uma laranja, você pode usá-la para matar alguém. Para usar bem a Internet, você tem que ter formação política.”*

### **Essa questão envolve a ética jornalística, certo?**

**JA:** O jornalismo brasileiro sempre se dividiu em duas partes. Uma é a do jornalismo dos patrões, e a outra é a do jornalismo dos trabalhadores. Na dos patrões, você tem as grandes empresas, por exemplo, o império do Assis Chateaubriand, retratado no livro *Chatô, o rei do Brasil* [1994, Editora Companhia das Letras], de Fernando Moraes, além da *Folha*, do *Estadão*, as doze famílias que controlam o jornalismo nesse país. Na parte do jornalismo dos trabalhadores, você tem uma história muito interessante, que vem desde 1850, quando começaram a chegar os primeiros imigrantes, que vieram da Europa pra cá e trouxeram com eles experiências de editar jornais de fábrica, panfletos, a chamada imprensa operária. Evidentemente, o Sindicato dos Jornalistas se identifica com a história dos trabalhadores e, por conta disso, temos um Código de Ética da nossa profissão. Quando você aceita ser jornalista, você tem de obedecer esse código, que diz o seguinte: “Todo jornalista deve ser comprometido com a luta pela liberdade de expressão, de organização e a luta pela soberania nacional e contra o imperialismo”. Portanto, se o jornalista não age dessa maneira, está violando o código de ética. Eu participei de um programa na *TV Cultura*, em 1996, o *Roda Viva*, e estava aqui no Brasil o correspondente da CNN Peter Arnett, que foi o único jornalista a transmitir o bombardeio que os Estados Unidos fizeram em Bagdá na Guerra do Golfo, em 1991. O bombardeio foi mostrado pela televisão no mundo inteiro por meio da CNN, que afirmava que ninguém morreu. No meio do programa, falei para o Peter Arnett: “Quero te dar os parabéns pelo livro que você está lançan-

## Mestres da Reportagem

do [*Ao vivo do campo de batalha*], mas gostaria de te fazer uma pergunta: você sabe que esse livro vai ser lido por estudantes universitários?”. E ele disse: “Ah, eu sei”. Então, eu disse: “E você sabe que na nossa profissão há um código de ética?”. E ele respondeu: “Claro que eu sei! A ética é muito importante.” Aí eu disse: “Se a ética é importante, como é que você explica no seu livro que a televisão para a qual você trabalha disse que ninguém morreu em 1991 na Guerra do Golfo, quando morreram pelo menos 150 mil mulheres e crianças? Como é que fica a sua ética e a sua consciência profissional? O que você fez com elas?”. Ele começou a suar e falou: “Eu concordo que houve censura por parte do Governo dos Estados Unidos, mas quando um país está em guerra com o outro é normal acontecer essa censura”. Aí eu olhei para o Heródoto Barbeiro, que era o âncora do *Roda Viva* na época, e falei: “Eu quero fazer um protesto aqui pelo seguinte motivo: vocês me disseram que iríamos entrevistar um jornalista e quem veio, na verdade, foi um embaixador dos Estados Unidos. Vim preparado para entrevistar um jornalista!” [risos]. Um comportamento como esse do Peter Arnett é uma violação da ética profissional. Vemos essa violação também quando observamos jornalistas brasileiros elogiando a operação do Exército no morro do Alemão, no Rio de Janeiro, sem destacar que a Justiça autorizou um mandado de busca coletiva – quer dizer, a polícia pode invadir a sua casa, mesmo que você tenha uma vida correta, sem um passado criminoso. Isso é uma violação à Constituição brasileira, que diz que todo cidadão tem direito à inviolabilidade do lar. O seu lar é sagrado, a polícia só pode entrar na sua casa se tiver uma razão muito forte e, para fazer isso, tem de ser com mandado judicial. Quando um jornalista viola o código de ética profissional, ele está querendo se dar bem com os patrões. O certo seria o Sindicato entrar com um processo para caçar a licença desses jornalistas.

**Você escreveu vários livros alertando os leitores sobre a manipulação que é feita pela grande mídia. Certamente, muitos jornalistas leram esses livros, mas mesmo assim não mudaram suas mentalidades. Como você se sente diante disso?**

**JA:** Sinceramente, não sofro com isso. Ajo como em sala de aula, como professor. Minha preocupação é dar uma boa aula, uma aula bem

preparada, honesta e verdadeira. Não faço chamada. Estou pouco me lixando para lista de presença. Na verdade, só dou nota no final do semestre porque sou obrigado, a universidade exige isso. Porque se o aluno vai aproveitar ou não a minha aula é problema dele. Estou cumprindo a minha obrigação, que é dar uma boa aula. A mesma coisa é escrever um livro. Escrevo o que é verdadeiro, honesto, tudo o que representa aquilo no que eu acredito. Se você ler o livro e aproveitá-lo, ótimo. Se você vai aproveitar o livro para fazer fogueira na sua casa em dia de frio, também está tudo bem. O problema não é meu. Eu faço aquilo que eu tenho obrigação de fazer, sem nenhuma expectativa do que possa acontecer depois.

### **O jornalismo hoje está sendo confundido com entretenimento?**

**JA:** Totalmente! Por isso que o nome do meu livro é *Showrnlalismo*. É a notícia como espetáculo, como entretenimento. Hoje em dia, os *experts* de televisão não precisam entender nada do que estão lendo no ar, basta ser bonitão ou bonitona e falar bem. Acho isso ridículo. Cheguei a ter um programa de televisão sobre política externa na rede *CNT Gazeta* há muito tempo. Não durou um mês. Tem dia em que eu tenho preguiça de fazer a barba e acabo deixando crescer. Houve um mês em que eu não fiz a barba e apresentei o programa daquele jeito mesmo. Quando chegou ao final do mês, eu resolvi fazer a barba, mas chegaram para mim dizendo que eu não poderia fazê-la. Questionei por que não poderia, e eles explicaram que eu não podia mudar o visual sem avisar a produção, porque o âncora do programa tem de ter uma cara que os telespectadores conhecem. Disseram que eu não podia ficar mudando de visual. Então eu disse: “Meu amigo, quem manda na minha cara sou eu, não tenho de falar com a produção. Vai para a puta que te pariu” [sic]. E foi assim que meu programa acabou.

**Você é editor especial da revista *Caros Amigos*, um veículo que faz um jornalismo sério, peitando interesses de grandes grupos políticos e econômicos. Como é a relação de vocês com os anunciantes?**

**JA:** Olha, os leitores da *Caros Amigos* são supercríticos e sempre que

## Mestres da Reportagem

nós colocamos um anúncio da Coca-cola, por exemplo, vem um monte de crítica, mas nós não deixamos a publicidade afetar nosso conteúdo. Um dia, eu estava em casa, numa sexta-feira de fechamento da revista, e mandei a minha matéria, pensando já ter cumprido com minha obrigação. Tocou o telefone, e era o Sérgio de Souza [jornalista que foi um dos fundadores da revista – na época, ele estava na redação, isso foi em 2008. Ele faleceu naquele ano] dizendo: “Arbex, estamos ferrados. Fechamos a revista agora e acabou de chegar um anúncio de uma página da Companhia Vale do Rio Doce”. E eu disse: “Tá bom, e por que você é contra receber dinheiro da Vale do Rio Doce?”. Ele respondeu: “O problema não é esse. O caso é que este mês vai ter o Plebiscito da Vale do Rio Doce para o povo decidir se vai privatizar ou não a companhia, e nós estamos fechando hoje a edição e não temos nenhuma matéria mostrando os problemas de uma privatização da Vale, só temos o anúncio dela”. Respondi: “Entendi... Você quer que eu faça uma matéria contra a Vale do Rio Doce?” E ele falou: “Exatamente, mas estamos no fechamento e eu preciso agora dessa matéria?”. Então, eu escrevi uma reportagem contra a Vale do Rio Doce com tanto ânimo e apuração como se a companhia tivesse matado a minha mãe. Se espremesse aquela matéria, saía sangue [risos]. E acabamos publicando o anúncio da Vale com a minha matéria do lado. Essa é nossa diferença. Deixamos claro para o leitor que ninguém se vendeu por causa daquela matéria.

### E qual foi a reação da Vale do Rio Doce?

**JÁ:** Eles têm uma direção inteligente, assim como a Coca-cola. Eles sacam que, ao anunciarem num veículo como a *Caros Amigos*, ficam com a imagem de bonzinhos, de democratas. Em um país com mais de 190 milhões de habitantes, a *Caros Amigos* vende 30 mil exemplares. Isso é um peido no infinito [sic]. Quer dizer: eles sabem muito bem que não é a *Caros Amigos* que vai acabar com eles. Fazem o anúncio para ficar com a fama de pluralistas. Agora, se a *Caros Amigos* vendesse um milhão ou dois milhões de exemplares, aí sim a coisa mudaria de figura.

**É motivador saber que a *Caros Amigos* é lida em várias partes do país?**

**JA:** Sim, e é isso que me dá vontade de escrever. É saber que tem gente que está lendo e que vai fazer a diferença, que vai levar a revista para escola, questionar o professor, levar para o sindicato, isso é muito legal. Principalmente quando vou a uma palestra em algum canto do mundo e encontro um cara que levanta a mão e diz: “Eu li o seu livro”. Quer dizer: se eu mijar fora do pinico [sic], os caras cobram. Isso é muito bom, porque me mantém no prumo. Na *Caros Amigos* ninguém recebe. Não que ninguém tenha salário. É claro que o pessoal que fica na redação diariamente ganha salário, mas eles estão muito abaixo do que é oferecido pela *Folha* ou pelo *Estado de S. Paulo*. Os colaboradores, por exemplo, não recebem. E isso simplesmente porque a revista não tem dinheiro para pagar. Então, o trabalho lá é por idealismo, pela vontade de fazer um jornalismo que valha a pena.◆



A black and white close-up portrait of an elderly man with short, light-colored hair. He is wearing a light-colored, short-sleeved button-down shirt. He has a slight smile and is looking directly at the camera. The background is dark and out of focus.

# **JOSÉ HAMILTON RIBEIRO**

***"Se eu fosse  
fazer outra coisa,  
não seria feliz"***





**Aos 77 anos, o “repórter do século”  
conta que ser jornalista é sua  
vocação impositiva e que,  
para ser um bom repórter,  
é preciso aprender todos os dias**

*Por Alessandro dos Santos Viana, Evandro Miguel dos Santos,  
Daniel Pereira Silva Furlan e João Paulo Ribeiro dos Santos,  
com a colaboração de Eduardo Rodrigues*

“Sentia na boca um gosto ruim, como se tivesse engolido um punhado de terra, pólvora e sangue – hoje eu sei, que era o gosto da guerra. Cuspia, cuspiam, mas aquela gosma amarga permanecia na boca. Então, senti um repuxão violento na perna esquerda e só aí tive a consciência de que a coisa era comigo. A perna esquerda da calça tinha desaparecido e eu estava, naquele lado, só de cueca. O repuxão muscular aumentava e eu quase não me equilibrava sentado; rodopiava sobre mim mesmo em círculos e saltos. Olhei-me de novo: abaixo do joelho, na perna esquerda, só havia tiras de pele, banhadas de sangue, que repuxavam e se arregaçavam, fora do meu controle [...]”. Com essas palavras, José Hamilton Ribeiro, 77 anos, descreve o momento em que foi atingido pela explosão de uma mina, durante a cobertura que fez da Guerra do Vietnã, em 1968, para a *Realidade* (revista que circulou entre 1966 e 1976, pela editora Abril, que se destacava pela ousadia do projeto editorial e gráfico, com grandes reportagens e belas imagens, considerada um divisor de águas no jornalismo brasileiro).

A história comovente, que está registrada no livro *O Gosto da Guerra* (Brasiliense, 1969; Objetiva, 2005), poderia significar o fim da carreira

## Mestres da Reportagem

de muitas pessoas, mas não para aquele que é considerado o “príncipe dos repórteres”. Um jornalista de verdade jamais desiste do ofício, é “viciado” nele. Ao receber, no hospital, um dia depois da bomba, a visita do encarregado de negócios do Brasil em Saigon, Rogério Corção, foi logo avisando que assim que pudesse se sentar na cama, escreveria sua matéria. E escreveu. Prosseguiu fazendo reportagens sobre assuntos variados da realidade brasileira, com um jeito de escrever simples e envolvente, alguns dizem “primoroso”. Por isso, com mais de cinco décadas de profissão, é o “mestre dos mestres” da reportagem, exemplo para os jornalistas brasileiros, incluindo algumas das estrelas que participam deste livro.

Nascido em 1935, em Santa Rosa do Viterbo, interior de São Paulo, o senhor de fala tranquila, sotaque do campo, olhar profundo e gestos e gostos muito simples, começou sua trajetória em 1955, quando foi trabalhar no jornal *O Tempo*, criado por jornalistas oriundos da *Folha de S. Paulo*. Arrumou um segundo emprego no mesmo ano, na *Rádio Bandeirantes* de São Paulo, para trabalhar da meia-noite às seis da manhã. Ao mesmo tempo, fazia o curso de Jornalismo na Escola Cásper Libero, mas não chegou a se formar: foi expulso no último ano por ter participado de uma greve, mostrando que, desde o início, nunca se esquivou de lutar por aquilo que achava certo.

Um ano depois, foi trabalhar na *Folha de S. Paulo*, num momento em que o jornal, querendo se tornar o maior diário do país, apostava muito na reportagem, dando oportunidade a jovens repórteres, como Zé Hamilton.

Após uns bons anos de *Folha*, foi para a então “principiante” Editora Abril, que fazia a sua primeira aposta no jornalismo brasileiro, a revista *Quatro Rodas* (depois veio a revista *Realidade*). Até então a Abril vivia de publicações traduzidas e, na verdade, não tinha redação, mas sim escritório, com presença de tradutores em vez de jornalistas.

Na *Quatro Rodas*, Zé Hamilton ganhou seu primeiro *Esso de Jornalismo* (1963). Posteriormente viriam outras premiações.

Em 1964, tornou-se bacharel em Direito. A profissão não foi exercida, mas serviu para cumprir uma antiga promessa à sua mãe, que não achava jornalismo uma profissão de “gente séria”.

## José Hamilton Ribeiro

Em 1966, encontrou na revista *Realidade* o lugar perfeito para desenvolver seu talento profissional. Durante os anos em que foi repórter e editor-chefe da revista, produziu, além da matéria que conta sua experiência trágica no Vietnã (relatada anteriormente), reportagens emblemáticas como *Coronel não morre*, *Magia negra*, *O perfil verdadeiro de Chico Xavier* e *Uma vida por um rim*, sobre o primeiro transplante feito no Brasil.

Zé Hamilton ainda trabalhou na revista *Vêja*, no início dos anos 1970, e, no final da década, foi para a televisão como um dos editores de jornalismo da *TV Tupi*, que logo fechou.

Durante os difíceis anos da ditadura, saiu da cidade e foi para o interior. “Já que na grande imprensa não se podia mais trabalhar com conteúdo, o jeito foi ir para jornais do interior trabalhar com a forma”, conta o jornalista.

Ele e Sérgio de Souza (o lendário editor de texto da revista *Realidade*) foram reformar um jornal em Ribeirão Preto. A chegada deles coincidiu com a implantação do primeiro computador numa redação da cidade, o que motivou um grande ti-ti-ti. “De um dia para outro, como se fôssemos mágicos, o jornal, que era borrado, mal impresso, sujava a mão e saía com fotos esmaecidas, passou a sair limpo, bem impresso, com fotos nítidas e bonito. O computador substituía na composição do texto – “composição a frio” – o chumbo derretido (“composição a quente”) e o sistema *offset* substituía o velho mundo dos clichês de madeira e a impressão tipográfica. A tecnologia, que era do século 19, passava, num momento, para os séculos 20/21. Os outros jornais da cidade tiveram de vir atrás, sob pena de nunca mais se recuperarem”, relembra Zé Hamilton.

O que aconteceu em Ribeirão Preto deu-se em seguida em São José do Rio Preto e Campinas, irradiando-se, afinal, por todo o interior de São Paulo.

Zé Hamilton estava em Campinas quando foi convidado para o *Globo Repórter*, onde pegou, também por acaso, uma outra grande virada tecnológica: a passagem, no telejornalismo, do filme 16 mm para a fita magnética, virada essa que representou um ganho enorme nas reportagens de TV, que passaram a poder repetir uma passagem ou uma entrevista quantas vezes fossem necessárias, porque não havia mais o perigo de o

## Mestres da Reportagem

filme acabar. As “passagens” passaram a ser sofisticadas, perfeitas.

Coube a Zé Hamilton fazer, na *TV Globo*, a primeira reportagem inteiramente em fita magnética: o assunto era Serra Pelada. Essa matéria até hoje roda na Internet.

Depois de um tempo no *Globo Repórter*, Zé Hamilton foi provisoriamente para o *Globo Rural* e está lá até hoje (30 anos depois). Gosta do *Globo Rural* porque, sendo um programa que não sofre de “estresse de Ibope”, o ritmo da reportagem pode ser mais lento, mais de acordo com a sua natureza – e, especialmente, com a natureza do campo – e com melhor acabamento. Internamente, na *Globo*, de acordo com o jornalista, o *Globo Rural* é considerado o programa mais variado nas pautas e com o melhor acabamento da casa.

Durante toda a sua trajetória, nunca abandonou a lida de escritor. É autor de mais de 15 livros. O último, *Realidade Re-vista* (2010), foi lançado em parceria com o ex-companheiro de *Realidade*, José Carlos Maranhão, para oferecer ao leitor os bastidores e as principais matérias publicadas na “fase de ouro” da revista.

Contando o tempo de imprensa escrita e de TV, Zé Hamilton fez centenas de “grandes reportagens”. Por causa de um texto de Ricardo Kotscho, alguns o chamam de “o repórter do século”. Um trabalho de conclusão de curso de Jornalismo sobre a sua trajetória profissional o intitulou de “o príncipe dos repórteres”. O jornalista Tônico Ferreira, da *TV Globo*, diz que Zé Hamilton é uma “lenda da reportagem”. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), no ato de sua instalação, entregou uma placa considerando Zé Hamilton “o repórter dos repórteres”. E um congresso de comunicação da Intercom em São Paulo referiu-se a ele, através de um diploma, como “paradigma da imprensa”.

Zé Hamilton ganhou vários prêmios nacionais e dois internacionais: o *Moors Cabot*, da Universidade de Columbia, em Nova Iorque (EUA), e o prêmio comemorativo dos 60 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem, dado pela ONU (Organização das Nações Unidas).

Também virou (provisoriamente) nome de uma premiação, em 2011: *Prêmio José Hamilton Ribeiro*, voltado aos jornalistas do interior, criado pela Regional Rio Preto do Sindicato dos Jornalistas, com apoio do Sindicato

## José Hamilton Ribeiro

dos Jornalistas de São Paulo e da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), além da Federação dos Jornalistas de Língua Portuguesa.

Sua simplicidade é de quem começou ontem na profissão: “o fato de eu ter mais de 50 anos de reportagem só prova que eu sou um repórter velho, e velhice não é algo para se gabar em profissão nenhuma. Para ser repórter, e continuar trabalhando como repórter, é preciso aprender todo dia”.

Preparado para ter uma aula de jornalismo? Então, preste atenção e tome nota. O mestre vai falar!

**Você tem mais de 50 anos de experiência em reportagem, ganhou sete prêmios *Esso de Jornalismo* (entre outras premiações) e já foi classificado como “príncipe dos repórteres” e “repórter do século”. Afinal, qual é o segredo para ser um grande jornalista?**

**José Hamilton Ribeiro:** Olha, o segredo eu não sei. O que sei é que o jornalismo é uma profissão competitiva e muito agressiva. Todo ano entram no mercado jornalistas, às vezes mais bem preparados do que os que estão aí. Então, eu costumo dizer: “Só sobe nessa carreira quem abre seu caminho arranhando a pedra do muro com a unha”. Não existe moleza.

**Se não tivesse abraçado a carreira de jornalista, que outra profissão você teria escolhido?**

**JHR:** O jornalismo é minha vocação impositiva. Se eu fosse fazer outra coisa, não seria feliz. Quando parar, vou ser jardineiro.

**Em um documentário que os alunos da Faesa (Faculdades Integradas Espírito-santenses) fizeram sobre sua trajetória, você fala de uma “fórmula” que criou para a grande reportagem. Pode nos explicar essa fórmula?**

**JHR:** É uma fórmula meio algébrica que fiz como se fosse uma brincadeira. Quando falo de grande reportagem, não estou falando do factual, do *hard news*. Me refiro àquele tipo de matéria em que o jornalista tem mais tempo de apurar, pode viver o assunto que vai escrever, contextualizá-

## Mestres da Reportagem

lo. A fórmula é básica:  $GR = [(BC + BF)] \times [(T \times T)^n]$ . Primeiramente, a grande reportagem precisa ter um bom começo (BC). Se não começar bem, o leitor desiste de acompanhar, acha aquilo ruim, ou seja, você perde o leitor. No meio, você põe o  $T \times T$ . O primeiro T é trabalho e o segundo, T<sup>2</sup>, é talento. Mas, qual é a medida de trabalho e talento necessários para cada reportagem? A medida é a potência “n”. Ou seja, aquilo que for necessário de trabalho e talento deve ser colocado na hora de fazer a grande reportagem. O final não pode ser maçante e sem graça, tem que ser bom (BF). O texto não pode morrer subitamente. Precisa terminar num ponto alto, não pode cair morto. Tem que terminar deixando a sensação de quero mais.

### Que qualidades são essenciais num repórter?

**JHR:** A profissão de jornalista precisa ser exercida por alguém que acredite que seu trabalho pode melhorar o mundo. Se o repórter não tiver essa ambição, não dará certo. Por outro lado, tem de ter humildade. Não pode pensar que sabe de tudo. Precisa reconhecer que existem pessoas que sabem mais que você. Podemos destacar alguns traços psicológicos também. Um deles é sempre estar do lado do mais fraco, do pequeno, do oprimido, e não do lado mais forte, seja ele econômico, político ou militar. O repórter que está do lado do mais fraco é capaz de captar um sentimento humano mais autêntico, espontâneo. Outra qualidade muito importante: o repórter não pode ser egoísta. No mundo dos negócios, quem tem uma informação guarda, pois sabe que ela vale dinheiro. O jornalista não pode ser assim. Quando consegue uma boa informação, deve divulgar para o bem de todos. Não guardar para si. Mas é necessário um cuidado: é preciso que ele saiba contar a história. Com ética e de forma envolvente.

### Que tipo de conhecimento um bom repórter precisa ter?

**JHR:** O repórter deve conquistar um conhecimento que lhe permita saber um pouco sobre a angústia do ser humano. Para isso, precisa ler bons livros, sobretudo, os de poesia. Os poetas são a “antena da raça”. Eles captam coisas que nós, pessoas comuns, não conseguimos perceber.

**Procede essa história de que todo repórter precisa ser extrovertido e “cara de pau”?**

**JHR:** Não. Eu acho que há uma distorção nisso. O que ele precisa ter é sensibilidade. Só assim conseguirá pegar uma informação, um sentimento no ar. A pessoa pode até ser muito extrovertida, mas não pode faltar esse detalhe. O importante é ter muita sensibilidade. Se é extrovertido ou não, isso não importa.

**Comparando a reportagem da época em que você começou a fazer jornalismo com a que se faz nos dias atuais, o que mudou?**

**JHR:** Com as mídias eletrônicas e a tecnologia, o jornalismo evoluiu muito, mas, se compararmos a forma com que os jornais e as revistas de hoje fazem suas reportagens com o modo que fazíamos antigamente, veremos que nada mudou. Continuam aplicando a maneira tradicional de se fazer jornalismo que, diga-se de passagem, é também a mais autêntica. A técnica continua a mesma. O repórter vai para rua, cobre o acontecimento, se informa, apura o que está por trás daquilo tudo, para depois contar.

*“A profissão de jornalista precisa ser exercida por alguém que acredite que seu trabalho pode melhorar o mundo. Se o repórter não tiver essa ambição, não dará certo.”*

**Até onde um repórter pode ir para conseguir informações à sociedade?**

**JHR:** Disse um jornalista antigo que “não existe a ética do jornalista, existe a ética do cidadão” [referência a artigo do jornalista Cláudio Abramo, publicado no livro *A regra do jogo* (Companhia das Letras, 1988), no qual ele compara a ética do jornalista à ética do marceneiro, ou seja, de uma pessoa comum]. O jornalista que não for ético como cidadão não será um bom profissional. Se for um canalha como cidadão, fará um jornalismo canalha. Portanto, a ética do jornalismo é a ética do cidadão, isto é, respeitar as pessoas, não difamar, não caluniar e não publicar nada que tenha interesse de ferir os outros, de fazer mal às pessoas.



## Mestres da Reportagem

### **Quando uma informação em *off* deve ser revelada?**

**JHR:** Uma informação em *off* é o caminho que o jornalista deve trilhar para iniciar uma investigação. Você até pode receber uma informação dessas, mas não deve deixar de checar a veracidade. Então, quando tiver certeza de que aquela informação procede, inclusive porque cruzou com outros dados, aí sim você pode usar. Agora quando um *off* é divulgado sem ter sido cruzado com outras informações, eu acho complicado.

**Hoje, quando observamos nossa grande imprensa, percebemos que o gênero notícia, que é mais rápido e menos analítico, muitas vezes tem mais força do que a reportagem. A reportagem parece que está virando um artigo de luxo, sendo explorada mais por veículos segmentados. Qual é a sua opinião sobre isso?**

**JHR:** Jornalismo é um produto caro, e a reportagem é o produto mais caro do jornalismo. Por lucro, as empresas tiram recursos da redação e não permitem que o veículo use os bons talentos que os repórteres têm para fazer as reportagens. O jornal, então, continua sendo um jornal de notícia ou, como diz o Clóvis Rossi, que é um excelente profissional: “Hoje em dia, a gente não faz mais notícia, a gente faz B.O. [Boletim de Ocorrência], porque é mais barato”.

**Você teve a oportunidade de cobrir a Guerra do Vietnã. Embora o Brasil tenha poucos correspondentes de guerra, você considera essa experiência importante para todo jornalista?**

**JHR:** Às vezes, eu me pergunto o que leva um repórter a atuar em uma situação de risco, como a guerra. Entre outras coisas, acho que é um pouco de vaidade. Aliás, você não vai encontrar nenhum repórter que não seja vaidoso. Principalmente, os de televisão. Outros aspectos que também colaboram para o jornalista cobrir uma guerra são: ter um pouco de espírito aventureiro, ambição profissional (querer subir na carreira), vontade de estar no lugar onde a notícia acontece (seja para ser testemunha da história ou para denunciar o que vê de iniquidade, preconceito, abuso de poder, violência e crueldade), e um pouco de falta de juízo. A experiência que se ganha ao cobrir uma guerra é fantástica. No caso dos

jornalistas que moram no Brasil, onde não acontecem guerras, fazer a cobertura de um acontecimento desses significa subir um degrau na profissão. Para muitos, é o lugar mais alto que se pode chegar como repórter. É algo muito importante. Como dizia um correspondente inglês, é como se você recebesse o ingresso para assistir à História na primeira fila. É por isso que se dá tanta importância a esse tipo de trabalho. Sem falar que uma cobertura de guerra custa caro e, em geral, nossas empresas de comunicação estão mais preocupadas com o seu saldo médio do que com o interesse público. Não temos muita tradição nesse campo. Um país valoriza a correspondência de guerra quando tem muita guerra ou muito jornalismo. Não sei se por Deus ou pelo diabo, não temos nem um nem outro [risos].

“O repórter deve conquistar um conhecimento que lhe permita saber um pouco sobre a angústia do ser humano.”

**E o psicológico? Como você ficou, por exemplo, ao saber que não teria mais uma perna, após a explosão da mina, na cobertura da Guerra do Vietnã?**

**JHR:** O psicológico você administra. O jornalista só não pode morrer. Lembro-me do que Assis Chateaubriand disse quando Joel Silveira foi cobrir a II Guerra Mundial [1939-1945]: “Repórter não é para morrer, é para mandar notícias!”. Sobre a perda da perna... penso que a vida continua. Tantas coisas acontecem com a gente. Uma substitui a outra. Aquela bomba na minha perna também foi uma bomba na minha família. Para ser sincero, meu pé esquerdo sempre me deu problemas. Quando criança, tive nele uma tuberculose óssea. Então, pensei: “Não me fará muita falta!”. Na verdade, tive sorte. No mesmo local em que pisei na mina, pouco antes, dois soldados morreram e um terceiro perdeu as duas pernas e um braço.

**Você teve medo? O que sentiu quando percebeu que a mina tinha explodido na sua perna?**

**JHR:** Sim, como diz Germano Mathias [sambista]: “quem tem anato-

## Mestres da Reportagem

mia tem medo”. Senti três medos. Primeiro de morrer. Depois de ficar incapaz de ganhar a vida, de trabalhar. O terceiro foi de ser um jornalista que cobriu a guerra e depois perdeu o sentido da profissão e não fez mais nada. Lutei contra esses medos com ajuda de outras pessoas, é claro. Hoje tenho a impressão de que já superei todos eles.

### **Existe preparação para cobrir uma guerra?**

**JHR:** Sim. O repórter tem de preparar o psicológico para saber como enfrentar os problemas que virão. Como ele não é de nenhum dos lados do conflito, em certos momentos pode se tornar um alvo. Teoricamente, ele é um estranho na guerra. Morrer durante a cobertura de guerra é algo muito comum. A Guerra do Vietnã foi campeã nisso. Morreram mais de 50 jornalistas. Os correspondentes de guerra são considerados uma tribo infeliz. Pois, além do camarada estar em um país estranho, o único apoio humano que lhe resta seria o dos demais correspondentes. E é aí que mora o perigo. Cada um está ali para “furar” o outro. É uma relação hipócrita. Mas a função do jornalista é essa, pegar algo que o outro ainda não viu.

### **A função do jornalista na guerra mudou?**

**JHR:** A cobertura de guerra mudou em função da tecnologia na guerra. O risco diminuiu muito, diminuindo, conseqüentemente, o jornalismo. A cobertura que fiz da Guerra do Vietnã nunca mais será feita da mesma forma. Por exemplo, um jornalista que cobre guerras no Iraque fica nas mãos dos militares. Ou seja, ele não consegue as notícias em primeira mão, só sabe daquilo que falam para ele.

### **Qual é a sua opinião sobre os repórteres que fazem televisão atualmente?**

**JHR:** O Brasil tem grandes repórteres na televisão, como César Tralli, Ernesto Paglia, Roberto Cabrini, Marcelo Rezende e Caco Barcellos. O que eu me queixo desses repórteres é que todos tenham um viés policial. Eles ficam atrás de reportagens policiais, quando o importante em um país é a reportagem política. A cobertura política pode não dar audiência, mas é muito importante.

**Qual é sua opinião sobre a obrigatoriedade do diploma no curso de Jornalismo? Isso faz alguma diferença na carreira?**

**JHR:** Os profissionais dessa área estão lutando para restabelecer a obrigatoriedade do diploma. Vou falar de um caso que vivenciei na *Folha de S. Paulo*, que hoje é um dos maiores jornais do país. O sujeito entrava lá como *office boy*, motorista, porteiro, vigia ou faxineiro. Lá dentro, se demonstrasse interesse, podia crescer. De repente, se transformava em repórter de Polícia, de Esportes ou em fotógrafo. A *Folha* recrutava pessoas a troco de um prato de comida. Muitos eram analfabetos. Tanto que eu escrevi um livro em 1997 sobre os 60 anos da fundação do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, no qual falava sobre os jornalistas analfabetos que eram filiados à entidade [*Jornalistas: 1937 a 1997 – 60 anos da fundação do Sindicato dos Jornalistas profissionais no Estado de São Paulo – História da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones*, Imprensa Oficial, 1998]. Com o diploma, o recrutamento tornou-se mais rigoroso. Para mim, jornalista tem de ter sim um diploma de nível superior. Uma pessoa que fica quatro anos na universidade tem mais capacidade crítica, mais consciência e capacidade de questionar. A profissão não pode ser exercida por alguém analfabeto. O diploma é importante para a nação, não para o jornalista. O jornalismo é uma profissão delicada. Tem de estar preparado.

“Um país valoriza o trabalho de correspondência de guerra quando tem muita guerra ou muito jornalismo. Não sei se por Deus ou pelo diabo, não temos nem um nem outro.”

Você é conhecido por sua habilidade de colher boas informações com as fontes, como podemos perceber na grande reportagem que fez com o coronel nordestino Chico Heráclito, para a revista *Realidade*, em 1966, que inclusive está republicada no seu último livro, *Realidade Re-Vista* (Ed. Realejo, 2010) Ao que parece, você teve de criar um clima de intimidade com aquele coronel para fazer com que ele contasse a você os mandos e desmandos que fazia naquela região. Pode nos contar os bastidores dessa reportagem?

## Mestres da Reportagem

**JHR:** Fazer essa matéria foi um trabalho que exigiu de mim muita observação. Cada detalhe foi importante. Não era fácil para um jornalista ter acesso ao dia a dia de um coronel nordestino, ainda mais naquela época. Principalmente eu, que estava acompanhado de um fotógrafo. Queríamos mostrar que, embora o coronelismo tivesse acabado, os coronéis estavam bem vivos. Então, para retratar como o coronelismo era nas suas raízes, fui para o Nordeste. Detalhamos o estilo de vida do conhecido Chico Heráclito. Sem adjetivar, com simpatia até, revelamos o lado frio e autoritário que ele tinha. No começo foi duro, ele não queria aceitar. Mas acabou cedendo, porque achava positivo aparecer em uma revista. Lembro que ele tinha uma rotina bem movimentada. Estava sempre rodeado de jagunços e eleitores. Fazia exposições de armas, praticava até exercícios de tiro ao alvo. A mesa de sua casa, sempre farta, alimentava muita gente. Era muito desconfiado também. De início, pensava que teria de pagar pela reportagem. Mas quando ficou sabendo que não era preciso, se mostrou mais desconfiado ainda. Chico era um homem capaz de tudo. As atitudes dele eram disfarçadas em falsa generosidade. Fazia sucesso com as mulheres. Devia ter uns 20 ou 30 filhos. Só de afilhado... uns 10 mil. Ele tinha 80 anos e sua vontade era lei em Limoeiro [PE] fazia seis décadas. Era um sujeito gordo, mas que vivia com as calças caindo. Era muito influente, muito respeitado, até pelas crianças. Controlava a Prefeitura, a Câmara e até a polícia local. Vivia falando e fazendo política. Com ela, ganhou muitos adversários na cidade. Era impiedoso com cada um. Dava, sempre que podia, um jeitinho para desmoralizar o cabra diante dos eleitores. Nunca descia do carro. Todos iam até ele sempre. Lembro-me que, depois que a matéria foi publicada na revista, recebi alguns recados meio estranhos. Pareciam ameaças. Mas não fiquei com medo disso, não. No livro há mais detalhes dessa matéria.

**Como surgiu a ideia de fazer o livro *Realidade Re-vista* com o jornalista José Carlos Marão?**

**JHR:** O Marão e eu, assim como outros remanescentes da *Realidade*, somos procurados de tempos em tempos por estudantes de Jornalismo, Filosofia, História, entre outros cursos, para contar o que a revista refletiu na sociedade da época, como influenciou aquela geração, entre outras

coisas. Você sabe, a memória da gente vai diminuindo com o passar do tempo, então, decidimos juntar o material para fazer o livro.

*“Quando percebi que perdi a perna, senti três medos. Primeiro de morrer. Depois de ficar incapaz de ganhar a vida. O terceiro foi de ser um jornalista que cobriu a guerra e depois perdeu o sentido da profissão e não fez mais nada. Lutei contra esses medos com ajuda de outras pessoas. Hoje tenho a impressão de que já superei todos eles.”*

Muitos mestres do jornalismo, como Ricardo Kotscho, destacam a sua habilidade para tratar de temas técnicos, como foi o caso da matéria feita sobre o primeiro transplante de rim no Brasil (em 1967, também para a revista *Realidade*). Era uma matéria científica, da área da saúde, com uma linguagem muito particular. Você desenvolveu o texto com primor, traduzindo tudo para o grande público. Conte um pouco sobre os desafios de fazer essa reportagem, que lhe rendeu o *Prêmio Esso*, na categoria *Informação Científica*.

**JHR:** Me lembro que o primeiro desafio foi convencer a equipe de médicos de que seríamos capazes de escrever sobre o transplante de uma forma simples, que todos conseguissem entender, e sem erros técnicos, exageros ou sensacionalismo. Fizemos um acordo com o professor-assistente, membro da equipe. Ele iria ler a reportagem com antecedência, não para mudar o texto, mas para alertar sobre equívocos ou algum erro de informação. Queríamos que tudo fosse muito verdadeiro. Sempre fez parte da minha rotina de repórter, a vida toda, dar oportunidade para que minha fonte fizesse uma leitura prévia do que eu tinha escrito. Na época, foi, sem dúvida, a primeira publicação feita sobre o que se chamava de divulgação científica. Acho que ainda hoje temos excelentes repórteres de ciência, pois a cobertura científica é uma realidade do jornalismo brasileiro. Fazer algo assim de tanta qualidade só foi possível porque a *Realidade* mantinha uma postura muito específica em relação aos textos: clareza e simplicidade na informação.

A revista *Realidade* é apontada como a que melhor trabalhou o gênero reportagem. Suas matérias eram aprofundadas, escritas de forma primorosa e o projeto gráfico também era ousado, com grandes e belas fotos. Você foi repórter e editor da *Realidade*, pode nos dizer por que ela acabou?

**JHR:** A *Realidade* desapareceu há 36 anos e até hoje se discute o porquê. Na verdade, várias hipóteses foram levantadas sobre o fim dela. Isso tem assunto para uma tese de doutorado. Existem duas versões consideráveis para o fato. Primeira: a editora *Abril* deu condições para que os jornalistas fizessem reportagens com aquele padrão de qualidade. Algumas duravam vários meses. A edição era primorosa, jamais foi vista outra igual. Mais tarde, o grupo decidiu lançar a revista *Veja* [1968] e mudou o posicionamento. Começou a tirar fôlego da *Realidade*, priorizando a *Veja*. A qualidade das matérias foi caindo. Até o leitor percebeu que não dava mais. Segunda versão: a revista surgiu em pleno governo militar [1966], num momento em que a censura ainda não havia se instalado. Ela [a censura] veio com força total em 1968, vigorando mesmo no ano de 1969. Na medida em que passou a ser tolhida, a revista mudou a cabeça. Reportagens que antes podiam ser feitas, já não poderiam mais ser produzidas. A *Realidade* não conviveria com a censura, iria contra a natureza dela. Essas são apenas duas variáveis que existem sobre o porquê a revista fechou. A *Realidade* surgiu em função de circunstâncias que hoje não existem.

**No Brasil de hoje haveria lugar para uma revista como a *Realidade*?**

**JHR:** Sim. Faltam publicações com grandes reportagens, benfeitas e de profundidade. Digo isso com muita certeza, porque, se existe lugar para uma revista assim nos Estados Unidos e na Europa, por que não vai existir no Brasil? Será que somos tão inferiores?

**Você é editor do *Globo Rural*. Como define o trabalho do programa?**

**JHR:** Ele não é um programa agrotécnico. Cobre o mundo de quem

## José Hamilton Ribeiro

vive na roça, abordando os aspectos do trabalho, da angústia existencial, política, gastronômica, cultural e cotidiana. É um programa cuja dimensão é retratar a alma humana. O *Globo Rural* é uma pauta aberta, muito rica. O homem do campo tem uma alma maior do que o homem da cidade.

### **Qual é a sua visão sobre o jornalismo hoje no mundo?**

**JHR:** Acredito que o trabalho jornalístico que se faz hoje no mundo é muito vivo e autêntico. Principalmente no mundo ocidental, que é mais democrático. O jornalismo depende de liberdade. Só se tem jornalismo com democracia. Na ditadura, quando não se tinha liberdade, não havia jornalismo, tampouco jornalistas. O que podia ter é puxa saco, mas jornalista, não. ♦







# **LEANDRO FORTES**

***“O jornalista  
não deve aceitar  
fazer trabalho sujo”***



## Para o repórter Leandro Fortes, é preciso mais controle ético e moral no jornalismo brasileiro

*Por Alexandre Moreira, Alisson Magno,  
André Luiz Guimarães e Cleusa Santos*

Leandro Boavista Fortes, 46 anos, poderia estar defendendo o país nas alturas, mas preferiu fazê-lo da maneira mais apaixonante que conhece: através da reportagem. Desistiu do sonho que tinha quando criança de ser piloto da Força Aérea (chegou a cursar a Escola Preparatória de Cadetes do Ar – Epcar – de Barbacena, em Minas Gerais, entre 1982 e 1984) e resolveu fazer Jornalismo. Sorte do povo brasileiro que hoje carece de mais repórteres como ele, dispostos a revelar as irregularidades de poderosos, mesmo quando eles representam os interesses dos donos da mídia.

Seu jornalismo investigativo é uma pedra no sapato de todos que estão acostumados a ser bajulados e blindados pela grande imprensa. Ele coloca o dedo na ferida, apontando esquemas e contradições que boa parte dos veículos tradicionais faz questão de esconder ou ignorar, seja por interesses políticos ou econômicos. Um exemplo foi a matéria que fez em julho deste ano [2012] sobre o Valerioduto Tucano. A reportagem provou, por meio de análise de novos documentos que foram entregues à Polícia Federal, que em 1998, bem antes do chamado “escândalo do mensalão” (esquema segundo o qual deputados da base aliada do PT receberiam uma “mesada” para votarem de acordo com as orientações do Governo), caciques do PSDB e de outros partidos, o ministro do STF Gilmar Mendes e até a Editora Abril receberam fartas quantias de um caixa dois comandado pelo publicitário Marcos Valério (também indiciado no processo do “mensalão” do PT) na campanha à reeleição de Eduardo Azeredo (PSDB) ao Governo de Minas Gerais. Fortes desnudou, portan-

## Mestres da Reportagem

to, a hipocrisia daqueles que hoje se vendem como defensores da ética.

A carreira do jornalista começou em veículos regionais de Salvador, sua cidade natal. O primeiro emprego na área, ainda como estagiário, foi na *Tribuna da Bahia*, em 1986. Foi ali que ele teve a certeza de que tinha tomado a decisão certa ao optar pelo jornalismo. “Assim que entrei naquele ambiente e comecei a ver aquelas máquinas de escrever, aquela balbúrdia, pensei: ‘É aqui mesmo que eu quero ficar, é aqui que vou me instalar’. E de fato isso aconteceu”.

Em 26 anos de carreira, passou por diferentes redações. Em Salvador, trabalhou também no *Jornal da Bahia* e na *TV Itaporã*. A partir de 1990, começou a construir uma sólida carreira de repórter investigativo em Brasília. Foi repórter do *Correio Braziliense* e das sucursais de *O Estado de S. Paulo*, *Zero Hora*, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, revista *Época* e *TV Globo*. Ainda foi chefe da *Agência Brasil*, na *Radiobrás*, e comentarista da *Voz do Brasil*, da *Rádio Nacional*. Desde outubro de 2005, atua como repórter da revista *CartaCapital*.

Além de jornalista, Fortes é escritor. É autor de *Cayman: o dossiê do medo* (Editora Record, 2002), *Fragmentos da Grande Guerra* (Editora Record, 2004), e coautor de *O Brasil no contexto: 1987-2007* (Editora Contexto, 2007) e *Políticos ao entardecer* (Editora Cultura, 2007). Pela Editora Senac-DF, publicou os livros *Beirute – aromas, amores e sabores* (2004), *O Bistrô de Alice* (2005), *Gula d’África* (2007) e *Louco por café* (2009).

Com o objetivo de contribuir com a formação jornalística, escreveu outras duas obras voltadas a oferecer dicas para estudantes e profissionais da área: *Os segredos das redações* (Editora Contexto, 2008) e *Jornalismo investigativo* (Editora Contexto, 2005).

O jornalista também estendeu sua atuação para área acadêmica. É criador do curso de Jornalismo *Online* do Senac do Distrito Federal, diretor da Escola Livre de Jornalismo, e foi professor do curso de Jornalismo do Instituto de Educação Superior de Brasília (Iesb).

Defensor da pluralidade de fontes de informação propiciada pela Internet, Fortes mantém um perfil bastante ativo nas redes sociais. Foge da postura “inatingível” que muitos jornalistas fazem questão de manter, aceitando pessoas comuns de toda parte do Brasil como seus amigos de

*Facebook*. Troca ideias com todos, num estilo irônico e bem-humorado.

Nesta entrevista, ele analisa o trabalho que é feito hoje pela nossa imprensa e destaca que o verdadeiro jornalismo investigativo demanda ética, visão clara do que é notícia, boas e confiáveis fontes, capacidade de leitura de documentos oficiais, além de coragem e paciência. Confira!

**O que te levou a escolher a profissão de jornalismo? Você sempre quis ser jornalista?**

**Leandro Fortes:** Quando era garoto, eu queria ser piloto da Força Aérea. Cheguei a fazer concurso, passei e fui aluno da Escola Preparatória de Cadetes do Ar [Epcar] em Barbacena [MG]. Só que não me dei bem com a vida militar, achei aquele troço meio chato. Como sempre gostei muito de escrever e cheguei a ganhar alguns concursos regionais de poesia e literatura, considerei que meu caminho seria fazer alguma coisa na área de Comunicação Social. Então, voltei para Salvador, minha cidade natal, e prestei vestibular para a Universidade Federal da Bahia. Passei no curso de Jornalismo. Logo que comecei a estudar, percebi que aquilo era exatamente o que eu queria. Esse sentimento foi reforçado quando pisei pela primeira vez em uma redação de jornal, em 1986. Foi no *Tribuna da Bahia*, que existe até hoje em Salvador. Eu tinha 20 anos. Assim que entrei naquele ambiente e comecei a ver aquelas máquinas de escrever, aquela balbúrdia, pensei: “É aqui mesmo que eu quero ficar, é aqui que vou me instalar”. E de fato isso aconteceu. Comecei a trabalhar lá como estagiário. Desde então, sou repórter.

*“Muitas das reportagens vendidas ao público hoje como fruto de jornalismo investigativo, como denúncias bombásticas e escândalos políticos, não passaram nem perto de uma investigação. Foram entregues prontas ao repórter, como naco compartilhável das estruturas de poder da República. Essas matérias rendem furos, prêmios, mas nada têm a ver com jornalismo investigativo.”*

**Você acabou focando sua trajetória no jornalismo mais no campo político. Isso foi proposital ou aconteceu por acaso? Que conse-**

### **Ihos são fundamentais para quem deseja trabalhar na editoria de Política?**

**LF:** Na verdade, minha trajetória não é focada em jornalismo político, pelo menos não dentro do conceito tradicional de cobertura de atos legislativos e da vida política em si. Sempre fui um repórter mais ligado às questões políticas maiores, sobretudo às que dizem respeito a movimentos sociais, justiça e cidadania. O segredo para se movimentar dentro do mundo político, contudo, é manter o distanciamento das fontes e desenvolver um filtro profissional para separar, dentro do discurso político, as informações que são, de fato, de relevância pública.

### **Você escreveu um livro sobre jornalismo investigativo. Acredita mesmo que existe propriamente um jornalismo investigativo ou todo tipo de jornalismo envolve investigação?**

**LF:** Jornalismo investigativo é um conceito transversal, não um compartimento do jornalismo, como é, por exemplo, o jornalismo político, esportivo, econômico, cultural etc. Trata-se da sistematização de alguns fundamentos e práticas voltados para a apuração de matérias longas, de fôlego, sustentadas por provas materiais que demandam tempo, estudo, paciência e dinheiro.

### **A Internet mudou o trabalho do jornalista investigativo?**

**LF:** Até o surgimento da Internet, toda apuração, por mais simples que fosse, tomava ares de investigação. Hoje, com as ferramentas eletrônicas de busca, isso mudou. Se o repórter tem dúvida sobre a grafia de Juscelino Kubitschek, por exemplo, basta “dar um *google*” e escrever “JK Brasília”, que uma centena de documentos vai surgir na tela do computador sobre o ex-presidente. Antes da Internet, o jornalista teria de ir fuçar nos arquivos da redação, procurar em jornais antigos, enciclopédias, almanaques, consultar colegas mais experientes, enfim... Então, com esse novo cenário, a investigação deixou de ser um simples preceito – antes seguido por todos os jornalistas – para se transformar em um trabalho jornalístico mais apurado que, como eu disse antes, demanda mais estudo e tempo do repórter.

**Nossa imprensa hoje trabalha bem o jornalismo investigativo?**

**LF:** A imprensa trabalha pouco com investigação jornalística porque, justamente, não aceita aumentar seus quadros (e seus gastos) para manter equipes de repórteres liberadas da cobertura dia a dia, e empenhadas nos temas que envolvem maior dedicação. Muitas das reportagens vendidas ao público hoje como fruto de jornalismo investigativo, como denúncias bombásticas e escândalos políticos, não passaram nem perto de uma investigação. Foram entregues prontas ao repórter, como naco compartilhável das estruturas de poder da República, que cabem, supostamente por direito, às redações brasileiras. Essas matérias rendem furos, prêmios, mas nada têm a ver com jornalismo investigativo.

*“Por duas vezes, em 26 anos de reportagem, tentaram me subornar. Uma vez, para fazer uma matéria favorável a uma indústria de aviação; outra, para caluniar um diplomata africano. A única forma de se driblar uma situação dessas é levantar e ir embora.”*

**Que técnicas você considera fundamental no trabalho jornalístico investigativo?**

**LF:** Visão clara do que é notícia, boas e confiáveis fontes, conhecimento de processos judiciais e capacidade de leitura de documentos oficiais (diários oficiais, planilhas, atos legislativos, inquéritos policiais, processo etc.). Os dados estatísticos devem ser lidos com cuidado, pois escondem tratamentos técnicos e avaliações que passam despercebidos pelo leigo. Também é preciso ter coragem e paciência. Uma boa investigação é demorada. Muitas vezes não é de uma fonte ou de um documento específico que se obtém a informação, mas do cruzamento de vários deles.

**Por que resolveu escrever o livro *Os segredos das redações – O que os jornalistas só descobrem no dia a dia* (Editora Contexto, 2008)? Acredita que os estudantes de Jornalismo estão saindo das faculdades despreparados para trabalhar nas redações?**



## Mestres da Reportagem

**LF:** Escrevi porque, com anos de experiência acadêmica, percebi que a maioria dos professores dos cursos de Jornalismo não tem qualquer vivência prática de redação. Isso, de certa forma, inviabiliza a transmissão do conhecimento real sobre as rotinas do ofício aos alunos. Decidi, então, fazer um apanhado geral sobre o tema e disponibilizar para os estudantes.

**No livro, você afirma que “o jornalismo é uma profissão apaixonante, viciante e corajosa, cheia de boas consequências para a sociedade, mas repleta de alminhas pequenas abertas ao suborno e ao achaque”. Ao longo de sua carreira, já tentaram suborná-lo para um texto não sair ou sair de forma deturpada? Como driblar esse tipo de situação?**

**LF:** Por duas vezes, em 26 anos de reportagem, tentaram me subornar. Uma vez, para fazer uma matéria favorável a uma indústria de aviação; outra, para caluniar um diplomata africano. A única forma de se driblar uma situação dessas é levantar e ir embora.

**Você escreveu um livro sobre a Guerra do Paraguai (*Fragmentos da Grande Guerra*, Editora Record, 2004). Nele, você aborda a vida e os sentimentos dos soldados brasileiros que lutaram no conflito. Como fez para conseguir dados sobre esses soldados, considerando que a guerra aconteceu no século 19?**

**LF:** Me empenhei numa ampla pesquisa nos bancos de dados do Exército e li diversos livros sobre o tema.

**Nessa pesquisa que você fez sobre o assunto, encontrou dados que realmente comprovam que o Brasil promoveu um massacre naquela guerra?**

**LF:** Os dados históricos de uma guerra, sobretudo no século 19, são confusos e imprecisos. É certo, porém, que a ofensiva final das tropas brasileiras, comandada pelo Conde d’Eu [Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orléans, príncipe imperial consorte do Brasil por seu casamento com a princesa Isabel – Isabel Cristina Leopoldina de Bragança], já

com o Paraguai derrotado, foi excessivamente violenta e resultou, segundo diversos historiadores, no assassinato em massa de populações civis, aniquilação quase total da população masculina paraguaia, tomada e saque de cidades e estupros sistemáticos de mulheres paraguaias.

**Você também escreveu o livro *Cayman - o dossiê do medo* (Editora Record, 2002), no qual retrata um esquema de corrupção que abalou os altos escalões do Governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso [1994-2002], envolvendo dinheiro desviado das privatizações em paraísos fiscais e tentativas de abafar o caso. Aquele escândalo não teve muito repercussão. Qual é a sua opinião sobre isso?**

**LF:** O governo FHC foi pautado pela subserviência extrema dos meios de comunicação ao pensamento neoliberal, baseada no chamado Consenso de Washington [reunião realizada em 1989 entre o Governo americano e instituições financeiras, que passou a ser sinônimo de medidas neoliberais voltadas, em especial, aos países latino-americanos], pilar central da administração do PSDB e do antigo PFL – atual DEM. A adesão da mídia foi completa. Logo, apesar de ter sido bastante corrupto, o governo FHC foi tratado com imensa condescendência pela imprensa.

*“O Governo FHC foi pautado pela subserviência extrema dos meios de comunicação ao pensamento neoliberal, pilar central da administração do PSDB e do antigo PFL [atual DEM]. A adesão da mídia foi completa. Logo, apesar de ter sido bastante corrupto, foi tratado com imensa condescendência pela imprensa.”*

A mídia bate na tecla de que o Governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2002-2010) foi o mais corrupto da história, citando o escândalo do mensalão, como algo inédito na nossa política. Esse foi realmente um dos piores casos de corrupção do Brasil ou a mídia exagera para atacar Lula, por não aceitar o fato de ele ter sido o primeiro presidente brasileiro que não saiu dos quadros

### da elite e por ele ter uma linha voltada aos interesses populares?

**LF:** A partir de 2003, quando Lula assumiu a Presidência no Brasil, o movimento da nossa mídia passou a ser outro, totalmente diferente do que acontecia antes. Ela foi conivente com o Governo anterior, porque Fernando Henrique representava os interesses dela. E qual o grande interesse da mídia brasileira? Como grande parte da mídia mundial, é a defesa única e exclusiva do grande capital, são interesses empresariais. Quando Lula assumiu, a mídia virou um partido de oposição, com viés francamente golpista, movida tanto por ódio ideológico como por preconceito de classe. Passou a se posicionar de forma ainda mais incisiva contra os interesses populares, se tornou um pouco mais à direita, mais agressiva e ostensiva, passou a fazer o pior jornalismo de todos os tempos. O que nós temos hoje, esse péssimo jornalismo, é resultado desse processo de vale tudo contra o Governo Lula. O caso do mensalão está inserido nesse contexto. Nós, jornalistas, ligados de verdade ao compromisso da notícia, sabemos que não houve mensalão nenhum. Não está provado e nunca se provará nada sobre o mensalão. Agora, houve sim vários crimes, como arrecadação irregular e sonegação fiscal. O dinheiro arrecadado pode ter sido usado sim para a corrupção, mas jamais houve pagamentos mensais para deputados votarem a favor do Governo, como diz a oposição, sustentada pela mídia. Não há nenhuma prova disso. Essa acusação surgiu numa entrevista que o Roberto Jefferson [à época, 2005, deputado federal pelo PTB, hoje presidente do partido] deu à *Folha de S. Paulo*. E por que teve tanta repercussão e, até hoje, há um interesse tão grande e ostensivo dessa velha mídia em relação a isso? Porque se você condenar o José Dirceu [ex-ministro da Casa Civil do Governo Lula] e outras pessoas-chave do PT (Partido dos Trabalhadores) e transformar o mensalão em um fato real, você consegue macular aquele Governo, o que não foi conseguido nos oito anos em que Lula ficou no poder. Isso nada tem a ver com o jornalismo, mas sim com uma disputa ideológica e partidária, que tem a mídia como cabeça de ponte. O mensalão no Brasil acabou virando sinônimo de corrupção. Claro que as pessoas envolvidas merecerem ser punidas, mas os jornalistas não devem se posicionar nesse sentido. Eles têm de se posicionar a favor da justiça.

Em 2011 o jornalista Amaury Ribeiro Jr. lançou o livro *A privatária Tucana* (Editora Geração Editorial), que conta as negociatas envolvendo as vendas de estatais brasileiras durante o Governo Fernando Henrique Cardoso. O seu livro – *Cayman, o dossiê do medo* – de alguma forma prenunciou as denúncias apresentadas por Amaury Júnior?

**LF:** Na verdade, são dois momentos diferentes. Escrevi o livro em 2002, bem antes do lançamento de *A privatária Tucana*. No meu livro, eu só pincelava que havia suspeitas de que o dinheiro das privatizações tinha sido mandado para fora do Brasil por uma quadrilha de Miami, nos Estados Unidos, que montou um documento falso para chantagear o Governo FHC. A resposta do Governo diante disso foi tão nervosa e maluca que demonstrou, na verdade, que havia essa possibilidade. O Amaury, através de documentos, conseguiu mostrar como foi feita essa evasão do dinheiro das privatizações. Isso envolve parentes, amigos e padrinhos políticos do ex-ministro José Serra do PSDB. São dois momentos diferentes, mas que basicamente tratam do mesmo assunto.

Na reportagem *Fraude na escolinha do professor Gilmar* (junho de 2012) você revela o processo judicial em que um ex-sócio de Gilmar Mendes no Instituto de Direito Público (IDP), em Brasília, acusa o ministro de desvio de recursos e sonegação fiscal. Essa matéria, que teve bastante repercussão – inclusive, foi alvo da coluna de Elio Gaspari na *Folha de S. Paulo* –, fez com que você recebesse críticas do portal *Consultor Jurídico* e de Reinaldo Azevedo, colunista da *Veja*. Em 2008, você já havia feito uma matéria mostrando irregularidades na relação de atual Ministro Gilmar Mendes com o IDP, o que rendeu a você um processo, que foi encerrado pela Justiça a seu favor. Por que a grande mídia blinda tanto a figura de Gilmar Mendes?

**LF:** A mídia blinda a imagem das pessoas que interessa a ela blindar, que interessa a ela proteger, porque em algum momento ou sempre essas pessoas defendem os interesses dela. O caso Gilmar Mendes é emblemático. Ele faz o que quer e não acontece nada com ele na mídia, ele nunca ou quase nunca é responsável pelas coisas. Esse IDP é um

## Mestres da Reportagem

instituto que foi montado com dinheiro público. O terreno foi praticamente doado pelo ex-governador do Distrito Federal Joaquim Roriz. E quem faz as acusações contra o Gilmar Mendes não sou eu, é o sócio dele! Está nos autos dos processos que ele fazia saques fraudulentos e sonegava Imposto de Renda, e isso é inadmissível para um ministro do STF [Supremo Tribunal Federal]. Muitos desses jornalistas – “pseudojornalistas”, na verdade – que defendem Gilmar Mendes fazem assessoria de imprensa para ele. É o caso dos que comandam o portal *Consultor Jurídico*. Há muitos interesses mútuos que contam. Reinaldo Azevedo e gente desse nível trabalham por demanda, por interesses próprios. O que esse pessoal faz não tem nada a ver com jornalismo. São pessoas que vivem num esgoto absoluto. Para mim não interessa o que eles acham ou deixam de achar, sempre haverá alguém que faça o serviço sujo, mas a minha parte é só jornalismo. É isso que me interessa.

**Na resposta que você deu ao *Consultor Jurídico* e a Reinaldo Azevedo, você disse que foi demitido do *Estadão* (jornal *O Estado de S. Paulo*) porque levou um furo quando era setorista da Polícia Federal, em 1990, quando tinha 24 anos, e que era isso que acontecia com o repórter que levava furo, enquanto hoje alguns repórteres produzem fichas falsas, usam informações de quadrilha e são promovidos. O que é preciso para colocar um fim a essa situação decadente da nossa grande imprensa?**

**LF:** É preciso haver um choque de moralidade e de honestidade intelectual. O posicionamento dos jornalistas deve ser revisto. Os jornalistas devem fazer essa revolução internamente e não aceitar fazer trabalho sujo, não aceitar publicar fichas falsas, não aceitar publicar mentiras. É necessário fazer uma limpeza dentro das redações, porque elas estão infectadas por puxas sacos, embora existam os profissionais sérios. Precisamos formar gente de melhor qualidade e ter uma regulamentação não de conteúdo nem censura, mas que possa controlar o comportamento dos maus jornalistas. Eu sempre fui a favor da criação do Conselho Federal de Jornalismo. A empresa jornalística pode fazer o que ela quiser, agora o jornalista não pode mentir, não pode se meter em fraude. É preciso que haja um Conselho que impeça o jornalista de fazer isso, que preveja algumas

penalidades. Porque aí esse profissional vai pensar: “Não posso fazer isso, porque o meu registro de jornalista pode ser cassado”. Do jeito que está hoje, os maus jornalistas fazem o que querem e ainda são premiados, porque estão fazendo um serviço sujo para os patrões. É preciso ter mais controle ético e moral dentro do jornalismo brasileiro.

*“Meios de comunicação que até então nunca tinham sido questionados nos seus métodos passaram a ser questionados simultaneamente por meio da blogosfera e pelas redes sociais. Hoje a mídia não tem mais como mentir e manipular. O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo.”*

**Na CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) sobre a operação Monte Carlo da Polícia Federal (que em fevereiro de 2012 desmontou uma quadrilha especializada em explorar máquinas caça-níqueis em cinco estados, chefiada pelo bicheiro Carlinhos Cachoeira e que envolvia políticos conhecidos, como o ex-senador Demóstenes Torres, do DEM) houve muita polêmica por parte de alguns setores, inclusive da imprensa, sobre convocar ou não o jornalista Policarpo Júnior, diretor da revista *Veja* em Brasília. Foram encontradas provas contundentes que ligavam esse jornalista ao bicheiro. Os setores que se revoltaram contra a convocação de Policarpo argumentaram que ela era uma ameaça à liberdade de imprensa. Qual é a sua opinião sobre isso?**

**LF:** É um argumento falacioso que foi usado para blindar a investigação sobre o envolvimento da mídia no caso. A operação Monte Carlo deixou bem claro que Cachoeira tinha envolvimento com alguns setores da imprensa, especificamente com a revista *Veja* e também houve pelo menos um caso envolvendo a revista *Época*, em que havia um tráfico de informações para beneficiar o esquema da quadrilha. Todos os documentos apurados pela CPI e pela Polícia Federal mostram que o esquema do Cachoeira não teria sobrevivido sem o apoio da *Veja*. Assim como a *Veja* não teria se transformado nessa “máquina de assassinar reputações”, nos últimos anos, sem o apoio do Cachoeira, que virou o pauteiro da revista.

## Mestres da Reportagem

Basta as pessoas prestarem atenção. O Carlinhos Cachoeira é um bandido e está preso no presídio da Papuda, em Brasília. Ele implantou várias matérias na revista. Recebia encomendas e as entregava. O caso do hotel Naoum, aqui em Brasília, é emblemático. Ele passou as imagens do corredor do quarto do José Dirceu para a *Veja* e a operação Monte Carlo pegou essas informações e os grampos, mostrando como ele negociava isso com o Policarpo Júnior e os seus capangas. Existe uma encomenda do Policarpo Júnior pedindo um grampo de um deputado chamado Jovair Arantes, do PTB de Goiás. É tudo muito claro, não há como contestar. Essa história de que, se você convocar um jornalista, vai estar ferindo a liberdade de expressão é uma mentira. Faz parte de um acordo para evitar que a lama respingue nessa velha mídia e que ela seja desmoralizada.

### **Na sua opinião, a Internet tem ajudado a quebrar a credibilidade da velha mídia?**

**LF:** Antes da disseminação de informações pela rede mundial de computadores, a mídia e os jornalistas tinham exclusividade na intermediação da informação para o público. Ninguém se informava sobre nada, se não fosse pela mão e pela voz de um jornalista. Você só tinha conhecimento do que acontecia pelo mundo através de um jornalista. Isso dava muito espaço para a manipulação e era pouco perceptível, porque não existia nenhum contraponto, não tinha ninguém para se colocar contra esse sistema, que dominava de forma hegemônica a comunicação no mundo e no Brasil. Com a Internet, o que aconteceu? O mundo passou a ser visto por vários olhos e comunicado por várias bocas. Hoje, para se informar não é mais necessária a intermediação de um jornalista. Isso criou uma crise de identidade na mídia tradicional, e não só no Brasil. O que acontece aqui hoje segue um fenômeno maior que é a crise mundial da mídia. Meios de comunicação que até então nunca tinham sido questionados nos seus métodos passaram a ser criticados simultaneamente, por exemplo, por meio da blogosfera e pelas redes sociais. Então, a mídia não tem mais como mentir, não tem mais como manipular. Quando ela tenta fazer isso, é imediatamente desmascarada. Eu faço parte de uma geração de jornalistas que vive exatamente essa transição: do fim da velha mídia exclusiva e hegemônica para uma era em que as pessoas se informam por

várias fontes e também podem dar sua opinião. E essa é uma coisa que de certa forma me encanta. Acho bom que os jornalistas não tenham mais exclusividade na intermediação dos fatos. Agora, no que se refere ao processamento da informação, nós jornalistas continuamos sendo muito importantes, essenciais. Você pode colocar a informação no *Facebook*, no *Twitter* ou no seu blog, mas processar essa informação, ou seja, transformá-la em um texto jornalístico, é um trabalho para o jornalista, porque ele tem experiência para isso. Na minha opinião, o mais importante é que esses dois mundos passaram a conviver juntos. As matérias que escrevi – e que outros colegas escrevem hoje – envolvendo a mídia refletem um outro fenômeno que está acontecendo, graças à Internet. Antigamente, jornalistas não escreviam sobre jornalistas e sobre a mídia, simplesmente porque a mídia detinha todos os empregos, todas as oportunidades de trabalho. Hoje temos mais liberdade para falar sobre isso, embora não seja uma liberdade compartilhada por todos os colegas. Alguns jornalistas são proibidos de se pronunciar nas redes sociais. Esse é o início de um caminho duro e longo, que já está transformando a vida da sociedade.

**Muitos acusam a *CartaCapital* de ser um veículo a serviço da esquerda, assim como a *Veja* seria um veículo a serviço da direita. Qual é a sua opinião sobre isso?**

**LF:** Não somos um veículo a serviço da esquerda, não existe essa ligação orgânica. Somos, isso sim, uma revista de esquerda, voltada para a cobertura da questão social, pela ótica da cidadania. Fazemos um jornalismo voltado para o interesse público. Não temos ligação com grupos ideológicos. ♦







# **LUIZ CARLOS AZENHA**

***“Ter senso crítico  
é mais importante  
que dominar a técnica”***



## Para Azenha, o profissional que não exercita sua capacidade crítica faz um “jornalismo pequeno”

Por Edson Silva, Marcos Aurélio Barbosa e Vagner Souza

Ele deixou para trás uma carreira bem-sucedida na principal rede de TV do Brasil, a *Globo*, para se dedicar a um jornalismo mais livre da pressão do dia a dia, da limitação do espaço para veiculação de conteúdo e mais próximo dos interesses da sociedade. Repórter da *Rede Record* e editor do blog progressista *Vi o Mundo*: o que você não vê na mídia ([www.viomundo.com.br](http://www.viomundo.com.br)), Luiz Carlos Azenha, 54 anos, é hoje um dos poucos nomes no nosso jornalismo que fazem um contraponto ao “mesmismo” das linhas editoriais da “velha” mídia, produzindo matérias que nascem, na maioria das vezes, da sugestão de leitores. “Meu blog é alimentado, basicamente, pelas sugestões de pauta dos comentaristas. Esse veículo representa uma transição do jornalismo hierarquizado – em que o diretor de redação manda no editor, que manda no repórter – para um jornalismo horizontal, no qual o leitor é tratado de igual para igual. Respeitar o interesse do leitor, esse é o princípio do meu blog”, explica o jornalista sobre a proposta de *Vi o Mundo*.

Antes de se tornar blogueiro, Azenha construiu uma carreira ao longo de quatro décadas dedicadas à profissão. Iniciou sua trajetória em Bauru (interior de São Paulo), sua cidade natal, em 1972, no *Jornal da Cidade*. Em 1980, transferiu-se para a *TV Bauru*, afiliada da *Rede Globo*.

Em 1985, começou uma experiência como correspondente internacional nos Estados Unidos. Primeiro pela *Rede Manchete*, depois pelo *SBT* e, mais tarde, pela *Rede Globo* (entre 2001 e 2004). Enquanto morou naquele país, colaborou algumas vezes com a rede norte-americana *CNN* e a canadense *CBC*.

## Mestres da Reportagem

Cobriu as Copas do Mundo na Itália (1990), França (1998) e também a Olimpíada de Atlanta (1996). Viajou mais de 50 países e realizou várias matérias marcantes, dentre as quais uma entrevista exclusiva com o último presidente da extinta União Soviética, Mikhail Gorbachev, e a cobertura da queda do Muro de Berlim, em 1989.

Em 2005, ganhou o prêmio *Embratel de Jornalismo*, na categoria TV, com uma reportagem investigativa: o uso fraudulento de células-tronco para tratamentos médicos, veiculada no *Jornal Nacional*.

Em 2007, deixou a *Rede Globo* para levar uma vida mais “normal”. “Quando recebi o convite da *Record*, em 2008, voltei com uma condição: que não trabalharia nos feriados e nos finais de semana. Se você perguntar para um jornalista depois de uns dez anos de carreira qual é o sonho de consumo dele, ele vai te responder que é passar um final de semana comum, como todos os seres humanos normais. É chegar na sexta-feira à noite e falar: Que sensacional! Amanhã é sábado! Vou poder ir à feira comer um pastel”, explica.

Desde então, além de comandar o blog *Vi o Mundo*, Azenha é repórter da *Rede Record* em São Paulo.

Nesta entrevista, ele destaca que a função do jornalista é ser crítico e que o profissional não pode deixar suas convicções distorcerem a veracidade dos fatos. Afirma não existir segredo ou fórmula mágica para ser um repórter de sucesso. Ao contrário, ressalta que o reconhecimento é consequência da experiência que se ganha fazendo um bom trabalho.

### O que o jornalismo representa para você?

**Luiz Carlos Azenha:** Para mim representa a defesa do interesse público. Essa foi a função que a imprensa assumiu historicamente, com o passar do tempo, no Brasil. A história da nossa imprensa tem uma relação muito forte com o Estado. Ela surgiu no Brasil incentivada por Dom João VI, quando ele veio de Portugal para o Rio de Janeiro. Essas grandes empresas brasileiras de mídia nasceram ligadas a interesses políticos muito particulares, continuam assim, mas dentro delas, o jornalismo se desenvolveu como um instrumento de defesa de interesses públicos. O que é mídia? É a mediação entre diversos interesses dentro de uma sociedade.

E dentro da mídia, como um jornalista se enquadra? Enquadra-se como uma pessoa que não deve pensar nos seus interesses particulares e nos de seu patrão, muito embora a gente, em função da relação com o patrão, seja forçado, às vezes, a representar os interesses dele. Trabalhamos para emissoras, rádios e jornais que não nos pertencem. Acho que o essencial nessa relação é você ter clareza do que é o interesse público. Saber o que representa de fato o interesse da maioria.

*“A apuração hoje é muito feita por telefone, quer dizer, é a morte do repórter. Você tem de olhar nos olhos das pessoas que você está entrevistando, ter esse contato pessoal é essencial, porque a reportagem nasce da confiança.”*

### **E o que a reportagem representa para o jornalismo?**

**LCA:** Sou repórter, portanto, sou suspeito para falar. A reportagem é tudo, é a apuração, embora ela esteja perdendo terreno no jornalismo, porque é relativamente cara. E por que ela é cara? Vocês, para virem até aqui fazer essa entrevista, gastaram. Vieram de carro, de táxi, tomaram um ônibus ou um metrô. Já o colunista, que escreve da casa dele, não tem que apurar informação. Em geral, ele lê, se informa, escreve e dá a opinião sem precisar sair de casa. É por isso que o jornalismo de opinião está crescendo muito, ele é mais barato. Hoje, num canal de TV, por exemplo, você vai ver pouca notícia e muito blá-blá-blá. Usam muitos especialistas para encher o tempo. Você paga o salário do apresentador e, quando muito, o transporte de quem vai à emissora para dar opinião. É relativamente muito mais difícil você pegar um repórter, deslocá-lo para outro estado, pois você terá de pagar o hotel dele e gastará um valor altíssimo para que ele possa fazer a apuração da notícia. Por isso, os repórteres estão perdendo espaço. Além disso, a reportagem vem sendo enfraquecida por conta de interesses dos donos das empresas jornalísticas. Os repórteres estão sujeitos a uma pressão crescente, porque a tendência das empresas de mídia é colocar o jornalismo em defesa de seus objetivos particulares. Um repórter investigativo, por exemplo, pode muitas vezes apurar fatos que são contra o interesse da empresa para a qual trabalha e ele terá dificulda-

## Mestres da Reportagem

de nessa missão. Então, há limitações crescentes para o trabalho do repórter, mas a essência do jornalismo é a reportagem.

**Você tem grande experiência em reportagem, trabalhou em diferentes veículos, entrevistou líderes internacionais e recebeu menção honrosa no prêmio *Vladimir Herzog*. Qual é o segredo para se tornar um repórter de sucesso?**

**LCA:** Não existe uma fórmula mágica. A resposta é trabalho. A capacidade de fazer bem feito é uma consequência do trabalho a longo prazo. Uma coisa que é essencial e que eu não vejo atualmente é a leitura. Você precisa ler muito e os estudantes leem pouco. Quando eu digo ler, não é só ler o jornal do dia, é você se informar sobre os assuntos que você cobre. Eu, por exemplo, cobri em Bagdá a crise que antecedeu a invasão do Iraque. Antes de ir para o país, eu li dois ou três livros sobre o assunto para ter uma ideia do lugar em que estava pisando. Li um livro sobre a guerra do Irã contra o Iraque. A obra falava desse conflito que durou dez anos e teve uma grande influência na política internacional, com participação indireta dos Estados Unidos, que apoiaram o Iraque de Saddam Hussein! Isso me ajudou muito na cobertura. Se você não tiver conhecimento, seus textos serão muito superficiais, você não vai saber avaliar uma informação dentro de um contexto. Essa é a questão essencial.

### **O que é importante no gênero reportagem?**

**LCA:** A boa reportagem nasce de algumas coisas. Primeiro, tem que ter curiosidade intelectual, se interessar pelo assunto que você está cobrindo, porque, sem curiosidade, não se chega a lugar nenhum. Outra coisa é criar empatia. Quando se trabalha em televisão, por exemplo, você atua com uma equipe que precisa filmar, fazer a iluminação etc. Com o passar do tempo, percebi que esse aparato técnico me afastava do entrevistado. Então, combinei com as equipes o seguinte: “Vou descer antes, conversar com a pessoa e eu não quero que vocês digam imediatamente ‘está gravando’, porque isso me afasta do entrevistado, a pessoa fica com medo”. Então, comecei a conversar previamente com o entrevistado e, depois de cinco minutos falando com ele, me posicionava para gravar.

Com isso, eu conseguia garantir o envolvimento com a pessoa. Essa questão da empatia é muito importante. Se você vai fazer uma matéria sobre trens metropolitanos, por exemplo, tem que andar nesses trens, conversar com as pessoas dentro deles, passar pelas experiências que elas passam. A apuração hoje é muito feita por telefone, quer dizer, é a morte do repórter. Você tem de olhar nos olhos das pessoas que você está entrevistando, ter esse contato pessoal é essencial, porque a reportagem nasce da confiança. O entrevistado só confia no jornalista se sentir que o profissional está entendendo o que ele está falando. É preciso, portanto, se colocar no lugar de quem está sendo entrevistado, trabalhar com a espontaneidade da pessoa, fazer com que ela conte a história.

**Você acredita em um tipo de reportagem que é mais investigativa ou todo tipo de jornalismo é investigativo? Perguntamos isso, pois muitos jornalistas dizem que o tal “jornalismo investigativo” não existe, porque todo jornalismo na essência é investigativo.**

**LCA:** Todo tipo de jornalismo é investigativo, porque qualquer assunto que você cobre requer investigação. Mas temos passado por alguns problemas no momento. Por exemplo, há muito jornalismo de denúncia, pois chama a atenção e vende mais. Só que muitas vezes o jornalista não vai ver o que está por trás do problema, não dá um olhar mais aprofundado. E também ocorre hoje o que meu colega Caco Barcellos fala muito, que é o jornalismo declaratório. O jornalista não assume responsabilidade pelo que está sendo apurado. Por exemplo: “fulano acusa beltrano disto ou daquilo”. O jornalista não apura se a acusação é verdadeira. Acha que basta colocar a declaração do entrevistado. Esse jornalismo baseado somente em declarações é muito suscetível a erros, porque não há verdadeira apuração. A *Veja*, por exemplo, acusou o PT de ter recebido dinheiro do Fidel Castro na capa [na edição nº 1929, de 2 de novembro de 2005]. Essa matéria foi baseada em um fiapo de informação. Eles nunca conseguiram provar aquilo, no entanto, o caso teve um impacto eleitoral. A revista na eleição de 2010 veio com três capas que retratavam o PT como um polvo, com acusações fortes baseadas também em fiapos de informação, com muitas ilações e poucas provas. Isso desmoraliza o jornalismo. Outro exemplo: a *Folha de S. Paulo*. Na capa de 5 de abril de 2009, publi-



## Mestres da Reportagem

cou uma ficha falsa da então ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff. A ficha de guerrilheira, que não tinha autenticidade, saiu na primeira página do impresso. Depois a *Folha* tentou se justificar afirmando que a ficha foi recebida pelo repórter por e-mail. Quer dizer, você recebe por e-mail alguma coisa e já sai publicando na primeira página? É um absurdo! Isso aconteceu porque o jornal tinha predisposição em defesa de um candidato. Claro que a *Veja*, a *Folha* e outros veículos como o *Estadão* e a *Globo* não trabalharam a favor de José Serra [candidato à Presidência pelo PSDB em 2010] abertamente, senão ficariam desmoralizados, mas tinham essa predisposição.

### **Você é a favor da neutralidade no jornalismo?**

**LCA:** Sou a favor que o jornalista não se esconda, porque eu acho que não existe neutralidade no jornalismo. Você tem suas ideias políticas e eu tenho as minhas. É claro que não se pode distorcer uma informação baseado nas suas convicções. É importante que isso não aconteça. Fiquei mais convicto sobre esse posicionamento depois de ter feito meu blog. Jornalismo de blog é diferente, você pode misturar a sua opinião com informações que levantou. Acredito neste formato em que você deixa explícito para o leitor qual é a sua convicção em relação àquele fato que está cobrindo. O que você não pode é distorcer. O senso crítico é mais importante para o jornalismo do que a técnica. É melhor o repórter ter uma bagagem, capacidade crítica. Por mim, as escolas de Jornalismo seriam voltadas muito mais para a formação humanística, para ler História, debater Filosofia, do que para a técnica. Técnica você aprende no dia a dia, é supersimples. O que importa é a ética. Por exemplo, no caso do uso da câmera escondida em matérias investigativas: aprender a usar a câmera é fácil. Mas saber quando você pode usá-la é o debate. É ético usar uma câmera escondida? Em que circunstância? Você pode entrar em um prédio fechado com câmera escondida?

### **Qual é a importância das fontes em uma reportagem?**

**LCA:** Você vai acumulando fontes ao longo de sua trajetória profissional. Não é algo que acontece do dia para a noite. Você não vai conseguir

ter fontes antes de começar a trabalhar, a fonte é resultado de confiança, são aquelas pessoas que acreditaram em você ao longo da sua carreira.

*“Sou a favor que o jornalista não se esconda, porque eu acho que não existe neutralidade. Você tem suas ideias políticas e eu tenho as minhas. É claro que não se pode distorcer uma informação baseado nas suas convicções. Agora, você não pode deixar de ter senso crítico. Ele é mais importante do que a técnica.”*

### **Como as informações off the records devem ser usadas?**

**LCA:** Vou dizer como elas não devem ser usadas. Você recebe, por exemplo, muitas informações em off de políticos. Isso é muito comum em Brasília. Agora, o que você tem que pensar é a quem interessa aquelas informações que estão sendo passadas em off. Muitas vezes é óbvio, como numa disputa entre duas partes. Um dos lados tenta usar você para publicar aquela informação. Mas, às vezes, isso não acontece. Vou falar de um caso que ocorreu comigo na *Rede Record*. O Durval Barbosa, ex-secretário de Relações Institucionais do Distrito Federal, que foi aquele cara que vazou a imagem do mensalão do DEM [esquema de cobrança de propina de empresários que derrubou o ex-governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, e que teria desviado, aproximadamente, R\$ 110 milhões dos cofres públicos, segundo a Procuradoria-Geral da República], foi acusado pela ex-mulher de abusar sexualmente dos próprios filhos. É uma acusação formal, feita na polícia. O relatório está sendo investigado. Nós recebemos em off as informações sobre esse caso de uma das partes envolvidas. A primeira reflexão que fizemos foi: a quem interessa a publicação dessa informação? Será que interessa aos adversários políticos do Durval? Por isso, na denúncia deixamos claro que Durval estava envolvido em disputas políticas e que ele atribuía o caso a uma vingança da ex-mulher. Ou seja, contextualizamos a denúncia.

### **Qual a reportagem mais difícil que você já fez? Por quê?**

**LCA:** É complicado dizer. Acredito que a mais difícil foi uma que fizemos no ano de 2002, em uma cidadezinha da Índia, sobre crianças

## Mestres da Reportagem

que trabalhavam costurando bolas. A reportagem completa [Na Índia, sob ataque da máfia da bola] está no meu blog. Fomos para um lugar sem ter muita informação a respeito. Para reforçar o que eu disse anteriormente, ficamos vítima da falta de informação. Não conhecíamos suficientemente o contexto do lugar para entendermos que aquele trabalho, por pior que fosse para as crianças, era o meio pelo qual as famílias delas sobreviviam. Para o nosso olhar ocidental, aquilo era um absurdo. Quem via de fora podia pensar: “Esses caras brancos vêm aqui só para saber por que nossos filhos trabalham costurando bolas”. Por isso, digo que é importante conhecer e entender o contexto do local aonde se vai. Nós não sabíamos que havia um confronto entre os defensores dos direitos humanos e aquelas famílias. Fomos lá apenas para fazer uma reportagem, não imaginávamos que haveria tanta reação por parte da população. Um grupo entre 100 ou 150 pessoas veio para cima da gente. Não tínhamos noção de que aquilo poderia acontecer. Aquelas famílias eram pobres, então tinham de usar os filhos para trabalhar, por mais condenável que isso fosse do nosso ponto de vista. Essa história nasceu de uma denúncia de trabalho infantil naquela região. Essas pessoas que nos cercaram bateram na gente e roubaram nosso equipamento. Escapamos com vida por muito pouco. Eu posso dizer que esse foi o episódio mais traumático da minha carreira. Tive medo até de morrer. No Panamá, também foi muito difícil. Ficamos no meio de um confronto entre o Governo e a oposição. Houve uma repressão durante uma passeata. Caíram muitas bombas de gás lacrimogêneo em nossa volta. Ficamos perdidos no meio daquela nuvem de fumaça. Eu passei muito mal. Foi quando uma pessoa me pegou, abriu o portão e me levou para dentro de uma casinha. Eu entrei para jogar uma água no rosto. Fiquei lá um tempo respirando... É difícil dizer qual foi a reportagem mais difícil, mas, às vezes, acontecem coisas espetaculares, como uma matéria que “cai no seu colo”. Foi o caso da entrevista que fiz com o Mikhail Gorbachev [ex-secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética] em 1988. Aquilo foi um furo mundial em Moscou. Eu estava no lugar certo, na hora certa. Não precisei me matar para conseguir aquela reportagem. Já fiz centenas de outras matérias que demandaram muito mais trabalho, cuidado e envolvimento.

**Conte-nos como foi a entrevista com Gorbachev.**

**LCA:** Como disse, aconteceu por acaso. Na verdade, nós tínhamos perdido um sorteio, pois naquele dia haveria uma entrevista coletiva do Ronald Reagan [ex-presidente dos EUA] com o Gorbachev. Não cabiam todos os repórteres, então fizeram um sorteio para decidir se a *Rede Globo* ou a *TV Manchete* [rede de televisão brasileira fundada em 1983, no Rio de Janeiro] entraria para fazer a entrevista. A *Globo* ganhou. A gente nem sabe se ganhou de fato ou se foi uma mãozinha que deram. O fato é que nós ficamos de fora. Já que não podíamos entrar, pensamos: “Bom, vamos inventar uma reportagem!”. Não lembro direito quem sugeriu, mas disse para a gente ir ao Kremlin [sede do governo russo e da extinta União Soviética, na cidade de Moscou] porque era um lugar muito bonito. Decidimos então ir até lá para fazer uma reportagem, algo sobre religião. Foi nessa hora que o Gorbachev, saindo da entrevista, passou na nossa frente. Começamos a gritar desesperados, tomamos até umas pancadas dos seguranças dele, que ficaram assustados com aquele bando de malucos gritando em português. Ele deu um sinal e parou. Todos pararam. Me aproximei e fiz algumas perguntas. O ex-embaixador da União Soviética no Canadá, que estava ao lado dele, foi quem traduziu tudo. Não valeu tanto pelo conteúdo, eu fiquei assustado na hora e mal perguntei, fiz só algumas perguntas que me vieram na cabeça. Valeu mesmo pelo simbolismo, pois em geral os líderes soviéticos não deixavam a imprensa se aproximar. Ninguém perguntava muita coisa para eles. E de improviso, assim, imagina?! Isso teve um grande valor para mim. Depois veio um monte de gente bater na porta do meu quarto atrás das imagens. Emprestamos o conteúdo para a TV russa, que passou no principal telejornal. Foi um episódio bem inusitado.

**Como é trabalhar a reportagem como correspondente internacional? Conte-nos sobre essa experiência.**

**LCA:** Trabalhar como correspondente internacional é muito bacana. Mas já foi melhor. Viajávamos mais, hoje nem tanto. Houve um grande corte na cobertura internacional. O que aconteceu? Hoje você tem uma facilidade muito grande para transmitir conteúdo. O acesso às produções

## Mestres da Reportagem

é muito mais fácil. Por que eu vou mandar um correspondente lá para o Panamá se eu posso contratar de lá mesmo um jornalista que faça as imagens e me mande via Internet? Ou seja, o papel do correspondente mudou muito. Eu tive sorte de fazer isso num período em que ou você mandava a sua própria equipe lá ou você ficava sem o material. Tive sorte de viajar o mundo inteiro. Foi uma época em que o papel do correspondente era mais importante. Mas, de qualquer forma, ainda acho muito legal esse trabalho, você mergulha em outra cultura, outros parâmetros. Reaprende o jornalismo, de certa forma. Trabalhar no seu país de origem é mais fácil. Quando você vai para outro país tem de se colocar na posição daquele povo. Só assim consegue enxergar aquela realidade, isso é fascinante. Quando o correspondente entende isso, ele se torna um tradutor para o leitor. O telespectador entende.

**Você também acompanhou viagens de diferentes presidentes brasileiros, como José Sarney, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva. Pode nos revelar um pouco da personalidade de cada um deles?**

**LCA:** É difícil de falar, porque o contato que eu tive com eles foi muito limitado. Não dá para conhecer a personalidade de uma pessoa fazendo apenas uma cobertura sobre ela. Eu também não gosto dessa coisa personalista da cobertura, a não ser que você esteja fazendo o perfil de uma pessoa. Porém, acho que, se o jornalista fizer uma cobertura muito superficial, depois será difícil para ele avaliar essa pessoa dentro do que ela representa, nesse caso, politicamente. Quem é o Sarney? Foi presidente no período de transição do regime militar. Exerceu muito bem essa função, embora os problemas econômicos tenham marcado seu Governo. Ele representou um elo entre o regime militar e o regime civil. O Collor [Fernando Collor de Melo] era um voluntarista. Representou uma ruptura política, pois se isolou demais. Na verdade, ele não caiu por corrupção e sim porque cometeu um erro gravíssimo ao congelar a poupança de todos os brasileiros. Foi ali que ele perdeu todo o apoio e credibilidade que tinha. Tentou uma mudança muito brusca. Já o Fernando Henrique era mais pra frente. Fez as privatizações que, na minha opinião,

são um erro grave. Privatizou a Vale do Rio Doce, parte do patrimônio público, por um valor ínfimo. Mas ele fez algumas coisas bacanas, sendo inclusive, reeleito. O Governo Lula foi marcado pelo aprofundamento dos programas sociais. O que existiu superficialmente no Governo do Fernando Henrique, foi aprofundado no Governo dele. Eu, quando faço uma cobertura sobre pessoas assim, vou com uma visão diferente. Não dá para fazer juízo de valor sobre a personalidade, a não ser que você os conheça muito bem. Como não os conheço profundamente não posso fazer uma avaliação mais aprofundada.

*“Temos passado por alguns problemas no momento. Há muito jornalismo de denúncia, pois chama a atenção e vende mais. Só que muitas vezes o jornalista não vai ver o que está por trás do problema, não dá um olhar mais aprofundado.”*

### **Qual deles é mais atencioso com a imprensa?**

**LCA:** Todos foram muito atenciosos com a imprensa. O Collor era uma pessoa um pouco mais difícil. Às vezes, até parecia que ele estava em outro planeta. Acompanhei o Collor em duas visitas, e o mais distante de todos era ele. O Sarney, o Fernando Henrique e o Lula eram bem acessíveis.

### **Houve alguma situação curiosa que você observou durante essas viagens?**

**LCA:** Sempre tem. O melhor dessas coberturas são os bastidores. Lembro-me de uma briga que tive com o Collor no corredor de um hotel. Fiz uma pergunta que ele não gostou, então ele me deu o maior esculacho. Acabou nem entrando no ar. O Lula é uma pessoa muito engraçada. Me lembro que ficamos muito bravos com ele um dia. Foi na República Dominicana. Num tom de brincadeira, ele disse: “Vocês jornalistas são um bando de covardes”. Eu coloquei isso na reportagem, inclusive. Ficamos muito chateados, pois achamos que não merecíamos receber aquele tratamento, ouvir aquilo dele. Depois o assessor nos disse que ele estava brincando mesmo. Esses bastidores são muito curiosos, sempre acontece

## Mestres da Reportagem

um milhão de coisas. Sei que não são de interesse público, mas não deixam de ser engraçadas. Tem também aqueles repórteres que só querem puxar o saco, que só fazem perguntas positivas para o presidente. Lembro uma vez, quando estávamos fazendo uma coletiva com o Sarney. Tinha um repórter que só “levantava a bola dele”, só fazia perguntas agradáveis. Quando os outros faziam perguntas mais bombásticas, ele já entrava com uma questão de puxa saco. Diziam até que ele recebia para fazer esse tipo de coisa. Isso sempre existiu. Existem jornalistas que são umas figuras, que estão mais interessados nas viagens do que na própria cobertura em si. Ficam pensando no que vão comprar, onde vão passear...

### **Como é trabalhar a reportagem no jornalismo político?**

**LCA:** Eu não faço jornalismo político propriamente dito. Mas, nesse tipo de cobertura, é preciso ter muito cuidado. Primeiro porque cada jornalista tem suas convicções pessoais e a gente não consegue anular essas convicções só porque se vai fazer uma reportagem. Somos seres políticos, sociais. Então, é essencial separar a sua convicção da apuração da notícia política. Ainda que você simpatize com determinada pessoa, por exemplo, você não pode deixar de fazer o seu papel como jornalista. Você tem que fazer perguntas que cobrem algo dessa pessoa. A função do jornalista é ser crítico. Ele não pode misturar as coisas e pensar: “Ah, só porque é fulano, não vou dizer isso ou aquilo”. Se você descobre algo que macula a imagem de tal pessoa, é sua obrigação profissional publicar. Por mais que você goste do personagem, não deve misturar as coisas. Em segundo lugar, é impossível não interferir. Suas impressões sempre acabam ficando na matéria, mas o que não pode é distorcer, manipular.

**Embora nossa grande imprensa se “venda” como imparcial, a verdade é que ela anda bastante partidarizada. Qual é a sua opinião a respeito?**

**LCA:** Isso é um problema grave, gravíssimo! Sempre houve uma concentração de poder nos meios de comunicação brasileiros. Isso é histórico. Se você observar a história da imprensa brasileira, verá que lá no início existia o dono dos meios de comunicação e ele fazia a manchete do

jornal em favor de alguém, vendia a manchete. Então não é uma coisa que nasceu hoje, já é antiga. Nos últimos 20 anos, o poder da mídia se concentrou ainda mais em alguns grupos, como a *Globo*, por exemplo. Não sei agora, mas não faz muito tempo 60% das verbas publicitárias eram gastas nas *Organizações Globo*, isto é: *TV Globo*, *Rádio CBN*, *Portal G1*, jornal *O Globo*. Isso é inaceitável e está ligado diretamente a interesses políticos. Quem retransmite a Globo no Maranhão? O José Sarney. Ele não quer mudar esse quadro, está ganhando dinheiro. Quem retransmite a Globo em Alagoas? A família Collor. E eles não vão querer mudar isso, afinal, estão se dando bem. As empresas de comunicação estão alicerçadas nesses interesses particulares. Como resultado, o jornalismo que fazem acaba por representar a preservação desses interesses, e não o interesse público. Estão usando o jornalismo com objetivos políticos. Isso é condenável! Nós, jornalistas, não podemos ser coniventes com isso. Se a *Record* disser pra mim: “Azenha, hoje você vai fazer uma matéria com algumas mentiras. Nós queremos ferrar o Fernando Henrique...” Eu vou dizer: “Não!”. Eu posso até não acreditar nas propostas dele, mas não vou fazer uma reportagem assim. Vai contra as minhas convicções, contra a ética da profissão. Não coloco o meu nome e nem a minha cara para distorcer informações. O jornalista tem a obrigação de dizer não. Tem que aprender a dizer não. É melhor você ser demitido do que ter seu nome associado à manipulação, omissão e distorção.

### **Como a imprensa deve ser para cumprir verdadeiramente seu papel social?**

**LCA:** Acima de tudo, deve levar em consideração aquilo que é de interesse público e ter capacidade de contextualizar as informações.

### **Em abril de 2007, você rescindiu seu contrato com a Rede Globo. Por que tomou essa decisão?**

**LCA:** Eu estava muito cansado. Aquele período foi muito difícil pra mim. Tinha feito pela primeira vez a cobertura de uma eleição presidencial aqui. Estava um pouco cansado do jornalismo. Trabalhei muito nos plantões da *Globo*. Nossa, é um massacre trabalhar todo sábado e domin-



## Mestres da Reportagem

go, quando não no feriado. Cansei disso. E também tinha muitos projetos. Um deles era o de estudar um pouco mais a Internet. Sempre acreditei muito no poder que ela tem. O jornalismo na Internet é uma ruptura. Eu já tinha começado meu blog em 2004, ano em que era correspondente da *Globo*, em Nova Iorque. Quando recebi o convite da *Record*, voltei com uma condição: que não trabalharia nos feriados e nos finais de semana. Isso muda muito o trabalho de um jornalista. Se você perguntar para um jornalista depois de uns dez anos de carreira qual é o sonho de consumo dele, ele vai te responder que é passar um final de semana comum, como todos os seres humanos normais. É chegar na sexta-feira à noite e falar: “Que sensacional! Amanhã é sábado! Vou sair, vou poder ir à feira comer um pastel”. Parecem coisas aparentemente banais, mas não são. Eu estou conversando com vocês agora, mas se estivesse na *Globo*, estaria trabalhando. Na *Record* eu tenho muito mais controle sobre a minha rotina de trabalho. Ajudo a escolher as matérias que vou fazer, faço matéria especial, posso me dedicar ao meu blog, não trabalho aos sábados nem feriados. Eu voltei em outra posição para a *Record*. Como eu disse, na *Globo* foi cansaço mesmo. Estava lá há muito tempo. Talvez fosse uma questão mais pessoal mesmo, de dar um tempo.

“Estão usando o jornalismo com objetivos políticos. Isso é condenável! Nós, jornalistas, não podemos ser coniventes com isso. É melhor você ser demitido do que ter seu nome associado à manipulação, omissão e distorção.”

### **A *Globo* realmente manipula as informações como se costuma apregoar?**

**LCA:** O que acontece é que a *Globo* seleciona as notícias de acordo com seus interesses, sejam eles políticos, ideológicos ou econômicos. Por exemplo, ela é contra a reforma agrária, contra o MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra], então dá paulada no MST, não deixa o movimento expor as ideias dele. A manipulação é feita durante a seleção das notícias que serão colocadas no ar. Um jornalista experiente percebe como essa seleção é feita. Agora, é preciso ressaltar que a *Globo* tem exce-

lentes profissionais, de altíssima qualidade, e isso se reflete de maneira positiva no jornalismo da emissora. A culpa não é dos jornalistas. Quem sou eu para falar do jornalismo deles? Trabalhei lá por duas vezes. Não vou dizer: “Nunca trabalhem na *Globo*”.

### **Como surgiu a ideia de criar o blog *Viomundo*?**

**LCA:** Como disse há pouco, foi quando eu era correspondente em Nova Iorque. Naquela época, eu vivia um grande drama. Tinha que apresentar algumas reportagens em apenas 50 segundos ou 1 minuto. Às vezes, o assunto era mais complexo, não ia tudo para o ar e acabava sobrando muito material. Me diziam: “Ah, você tem um minuto e dez pra contar aquela história...”. Nossa, eu me sentia mal, pensava: “Isso não é o tipo de coisa que quero fazer!”. Então pensei em criar o blog. Ele funcionava como um bastidor do meu trabalho. Foi assim que o *Viomundo* nasceu.

### **Que tipos de pauta são trabalhados no blog?**

**LCA:** O blog é alimentado, basicamente, pelas sugestões de pauta dos comentaristas. A pessoa vai lá, acessa e dá a sua ideia de matéria. A direção não é minha. É claro que eu escolho alguns assuntos, mas prevalece o princípio da liberdade, no blog você abre mão do seu poder. Ele representa uma transição do jornalismo hierarquizado (em que o diretor de redação manda no editor, que manda no repórter) para um jornalismo horizontal. Ou seja, você trata o leitor de igual para igual. Respeitar o interesse do leitor, esse é o princípio do meu blog.

### **Você continua desenvolvendo reportagens para o blog?**

**LCA:** Sim. Cada vez mais quero produzir meu próprio conteúdo, fazer minhas próprias reportagens. Faço isso no meu tempo livre. Entrevisto, faço gravações, entre outras coisas. Procuo trabalhar com os temas de que eu gosto. Em vez de aprender pelos outros eu mesmo vou lá e faço. Eu gostaria muito de fazer perfil. No Brasil, temos muitas personalidades para esse tipo de trabalho, como Lula, Fernando Henrique Cardoso, José Serra, Sarney. Na minha opinião, são figuras políticas fascinantes. O que aparece sobre eles na imprensa não diz tudo sobre quem são. Esse lado

## Mestres da Reportagem

humanizado sempre me interessou muito.

**Que dicas você oferece para os jornalistas que estão começando?**

**LCA:** Desenvolva um espírito crítico. Isso é o principal. Para desenvolvê-lo é preciso ler bastante, conhecer a História, a Filosofia, a Sociologia, enfim. É interessante que o jornalista faça uma pós-graduação em uma dessas áreas, não em Jornalismo. Assim é possível ampliar o horizonte intelectual. É muito importante ter a capacidade de olhar para uma coisa complexa e não ficar perdido. Se você não tiver essa capacidade, fará um jornalismo pequeno. Hoje se faz muito isso, o jornalismo da picuinha, do detalhezinho barato... É essencial que a pessoa que está começando agora dê um passo atrás. Dando um passo atrás, você consegue visualizar o conjunto. São poucos os jornalistas que enxergam o conjunto. Quem enxerga esse todo, consegue fazer a melhor reportagem. ♦



# MARCELO CANELLAS

*“O jornalismo  
tem uma natureza  
insubmissa”*



## Para Canellas, a boa matéria é aquela que revela as desigualdades e contradições do nosso país

Por Jennifer Souza

Gaúcho de Passo Fundo (RS), o jornalista Marcelo Pasqualoto Canellas, 46 anos, é uma figura calma, mas de ideias fortes. Cativa os que estão ao seu redor com sua simplicidade e idealismo. Segundo ele, seu objetivo como jornalista é iluminar os pontos obscuros da sociedade, aquilo que ninguém quer ver exposto, trazendo para o centro das atenções feridas sociais, como a fome e a exploração sexual infantil.

Seu primeiro emprego como repórter foi no jornal *A Razão*, de Santa Maria, mas foi na *RBS TV (Rede Brasil Sul de Comunicações)*, emissora afiliada da *Rede Globo* no Rio Grande do Sul, que descobriu sua vocação para a linguagem da TV.

Passou pela *EPTV*, também afiliada da emissora carioca, em Ribeirão Preto (SP), e chegou à sede da *Globo* no Rio de Janeiro no início dos anos 90, tendo produzido diversas matérias de destaque para o *Jornal Nacional*. Hoje é repórter especial do *Fantástico*.

Canellas, com suas crônicas televisivas sobre o cotidiano social brasileiro, já ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais, entre eles o *Vladimir Herzog*, o *Imprensa Embratel* e a medalha do mérito das Nações Unidas pela série *Fome*, exibida pelo *JN*, em 2001.

Nesta entrevista, ele revela os bastidores desta e de outras séries de reportagem marcantes de sua carreira. Defende que, acima dos prêmios, o trabalho do jornalista deve gerar debates na sociedade organizada. Afirma que uma das prerrogativas da profissão é ser crítico e questionador: “É um grande equívoco achar que você vai crescer na carreira, tentando

## Mestres da Reportagem

agradar os donos do lugar no qual você trabalha. Isso é a negação da natureza da nossa profissão que, por si só, é contestadora”.

### Quando jovem, você estudava Agronomia. Por que mudou para o Jornalismo?

**Marcelo Canellas:** Sou do interior do Rio Grande do Sul. Venho de uma família de agrônomos, meu pai era agrônomo, meu irmão também, então eu tive essa influência. Sempre quis fazer Jornalismo, mas daí eu pensava: “Sou do interior, como vou ganhar a vida trabalhando por aqui?” Então, resolvi fazer Agronomia. Mas bastou um semestre para eu perceber que aquela não era a minha praia. Então, voltei a estudar e prestei Jornalismo.

### Jornalismo já era uma paixão antiga, então?

**MC:** Já, meu pai trabalhava na Emater [Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado] e viajava muito. Ele costumava pegar os jornais de toda cidadezinha onde ele passava para me dar de presente. Até pouco tempo, ele me trazia esses informativos. Eu tinha pilhas e pilhas deles, gostava muito de colecioná-los.

*“Jornalismo social é uma expressão redundante, porque jornalismo trata da sociedade, dos problemas humanos. É óbvio que, como jornalista, você tem de propor pautas com esse viés.”*

### Como foi o seu início no jornalismo?

**MC:** Eu comecei trabalhando no jornal *A Razão*, de Santa Maria, cobrindo férias do setorista de Polícia, ainda era estudante de Jornalismo. Passei quatro anos da faculdade me preparando para trabalhar em impresso, era o que queria fazer até porque sou muito tímido, não pensava em fazer televisão. Quando me formei, estava desempregado e fiquei sabendo que havia uma única vaga para repórter da *RBS TV Santa Maria*, que é afiliada da *Rede Globo*, no Rio Grande do Sul. Resolvi fazer o teste e fui aprovado. Acabei me apaixonando pela linguagem da televisão. Tra-

balhei durante seis meses na RBS e, então, recebi um convite para trabalhar em Ribeirão Preto, na EPTV, que na época era *TV Ribeirão*. Lá em Ribeirão, eles acharam que eu tinha potencial e me deram corda para fazer matérias para a rede. Comecei no *Bom dia São Paulo*, depois *Bom dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Fantástico* até chegar ao *Jornal Nacional*. Fui durante um ano repórter do *Jornal Nacional* na região de Ribeirão Preto.

**As suas matérias têm um caráter de denúncia social, abordam problemáticas como a da fome e da exploração sexual infantil. Não costumamos ver a grande imprensa cobrir essa temática com a frequência necessária. Por que você acabou se especializando nessa temática?**

**MC:** Eu acho que o agendamento de um jornalista deve ser orientado pela preocupação com a vida. Você não consegue separar a sua leitura do mundo da sua leitura como profissional. Então, aquilo que te incomoda como cidadão, deve ser o ponto de partida para a sua reportagem e, assim, interferir no agendamento dos lugares em que você trabalha. Aliás, eu acho que uma das principais prerrogativas da profissão de jornalista e da função de repórter é a de influenciar a agenda da cobertura jornalística, ser crítico e questionador a priori. É um grande equívoco achar que você vai crescer na carreira, tentando agradar aos donos do lugar no qual você trabalha ou à sua chefia. Isso é a negação da natureza da nossa profissão que, por si só, é contestadora. O que orienta o meu agendamento é aquilo que me preocupa. Sou um jornalista brasileiro, vivo em um país que tem problemas, muitas contradições. O jornalismo trata das contradições da vida, então, é mais do que natural que eu proponha temas que expressem essas contradições. Às vezes, as pessoas me perguntam: “Por que tu enveredaste para esse lado do jornalismo social?”. Acho que jornalismo social é uma expressão redundante, porque jornalismo trata da sociedade, dos problemas humanos. É óbvio que, como jornalista, você tem de propor abordagens com esse viés. Por isso, é natural que eu tenha me especializado em temas ligados aos direitos sociais e aos direitos humanos.

**Então, a responsabilidade do jornalismo, num país tão injusto e desigual como o nosso, é enorme...**



## Mestres da Reportagem

**MC:** Sim, temos de expressar essa conjuntura do país. O jornalismo é o primeiro rabisco da história, você está testemunhando um momento histórico na sua reportagem. Grande parte do que se noticia hoje, amanhã vira história. E o papel do jornalismo é esse: fazer essa radiografia do momento, para que no futuro as pessoas possam refletir sobre esse momento.

**Você cobriu o massacre de trabalhadores sem-terra em Eldorado dos Carajás, no Pará, em 1996. Ficou 20 dias na região com o objetivo de entender melhor o conflito entre latifundiários e trabalhadores rurais. Qual foi a sua conclusão sobre o caso?**

**MC:** Foi uma das experiências mais marcantes da minha carreira, pelo caráter simbólico do fato. No começo eu via as pessoas falando em “enfrentamento com a polícia”, mas não houve enfrentamento nenhum. O que houve foi um massacre mesmo. Dezenove sem-terra foram assassinados pela polícia e aquilo expressava toda a radicalidade da luta pela terra no Brasil, da questão fundiária, da concentração iníqua da terra em uma região conflagrada. Foi um privilégio poder participar de uma cobertura tão simbólica como essa. É claro que, por questão de aptidão, eu fui buscando as histórias mais humanas, mostrando as vítimas, suas famílias, tentando contextualizar o fato, mostrar por que se chegou àquela situação. Não sou um repórter investigativo clássico, daqueles com perfil de investigação policial. Meu interesse é mais humano, tentar entender o que aconteceu segundo a perspectiva das pessoas que participaram do fato. Sempre busco um personagem que possa explicar aquele contexto.

**Qual é a sua opinião sobre a cobertura que a mídia faz do MST [Movimento dos Trabalhadores Sem Terra]?**

**MC:** Os grandes meios de comunicação, de uma maneira geral, reproduzem uma percepção historicamente determinada, que é a do senso comum. Fazem uma leitura média dos fatos. E nós, que somos jornalistas, fazemos parte do senso comum. Não é porque somos jornalistas que escapamos dessa percepção. Acabamos reproduzindo, muitas vezes, clichês e preconceitos. As pessoas costumam dizer que a mídia manipula, mas, às

vezes, não é propriamente a concepção ideológica das empresas, mas a consciência média dos profissionais da área que reproduz maneiras viciadas e cansadas de olhar a realidade. Muitos jornalistas seguem essa ‘cesta de notícias’, que todos apresentam mais ou menos da mesma maneira. Você abre os jornais e percebe que estão todos na mesma inflexão. Isso acontece, a meu ver, quando o jornalista não se questiona, não faz autocrítica, gerando uma cobertura pasteurizada.

“O nosso papel é jogar luz naquilo que está obscurecido pela visão cansada das pessoas, pelo preconceito, pela omissão do Estado ou pela arrogância do poder.”

**Você fez reportagens sobre a exploração sexual de menores no Acre e o trabalho infantil no Nordeste. O que é mais difícil, quando se está tratando de temáticas tão chocantes como essas?**

**MC:** É impossível se distanciar nesses casos e não existe assepsia emocional. Você se envolve com as pessoas e é absolutamente impossível manter uma relação de frieza com o sofrimento delas. Esses conceitos que estão no campo da moral, como imparcialidade e neutralidade, não se adéquam ao jornalismo. Quando você encontra uma situação de injustiça como essa, da exploração sexual, você não pode ficar neutro e nem imparcial. Tem que se colocar claramente do lado da vítima, fazer a denúncia, usando um outro conceito mais apropriado, mais adequado à nossa atividade porque se situa no campo do conhecimento: o conceito de objetividade. Neutralidade e imparcialidade não servem para o jornalismo, mas a objetividade sim. Nosso dever é aproximarmo-nos tanto quanto for possível da realidade, isso é objetividade.

**Baseado no livro *Geografia da fome – O dilema brasileiro: pão ou aço* (Civilização Brasileira, 1946), de Josué de Castro, você realizou em 2001 uma série de reportagens sobre o tema fome. Você e o cinegrafista Lúcio Alves viajaram durante um mês pelo país e essa série se tornou uma das mais premiadas do telejornalismo brasileiro. Vocês partiram sem pauta ou teve um certo planejamento no**

### que iriam observar? Como foi essa experiência jornalística?

**MC:** Uma reportagem sobre a fome no Brasil era uma ideia muito antiga. Quando ainda era estudante de Jornalismo, li o *Geografia da Fome*, e pensei: “Puxa, um dia vou fazer uma matéria sobre esse livro”. É uma obra absolutamente desconcertante e fiquei com isso na cabeça. Com o passar dos anos, fiz várias reportagens no Nordeste e na periferia das grandes cidades sobre fome e concentração de renda, mas senti falta de fazer um mergulho mais profundo no assunto. A primeira vez em que propus a matéria, no início de 1998, ainda morava no Rio. A resposta foi a de que era um assunto superado do ponto de vista jornalístico, pois todo mundo já tinha falado a respeito. Foi estabelecida uma discussão interessante na redação sobre o que torna um fato merecedor de existência pública. Levei quase quatro anos para conseguir a aprovação dessa pauta. Em 2001, o pessoal do *Jornal Nacional* a aprovou. Quando você recebe um não, não pode ficar bravo, nem pedir demissão ou desistir da profissão. Tem que insistir naquilo que acredita que é correto, justo, que é jornalisticamente importante e socialmente relevante. Fiquei me preparando com o passar dos anos. Em cada lugar aonde eu ia, pelo *Jornal Nacional* ou o *Fantástico*, procurava um especialista, uma universidade, alguém que tivesse alguma novidade sobre o estado nutricional do povo brasileiro. Recolhi informações novas e, aos poucos, montei um dossiê. Depois de quase quatro anos de pesquisa, o dossiê estava pronto e os caras disseram: “Pô, deixa esse chato fazer essa matéria” [risos]. Teve uma repercussão muito boa. A primeira reportagem foi ao ar numa segunda-feira no *Jornal Nacional*, bem no dia do aniversário do presidente Fernando Henrique Cardoso. Ele estava oferecendo um jantar no Palácio da Alvorada, quando a matéria foi exibida. Na quinta-feira, o Governo começou a se mexer. O José Serra, então ministro da Saúde, convocou uma entrevista coletiva informando a tomada de algumas medidas sugeridas pelas pessoas que entrevistamos. A discussão que se criou no Brasil todo sobre essa questão foi na antevéspera da disputa eleitoral para presidente da República. Havia toda a discussão sobre o Fome Zero, da formação do programa. Depois o Chico Graziano [Francisco Graziano Neto, diretor-geral da FAO - Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação em Roma], que era o coordenador do Fome Zero,

me chamou para dizer que a matéria interferiu na formatação do programa e gerou uma discussão. Isso que é bacana. O assunto continua na discussão pública e nos setores mais organizados da sociedade que reverberaram aquela reportagem.

**A lavadeira Maria Rita, que vocês entrevistaram nessa série, no povoado da Baixa Quente (município de Araçuaí, MG), acabou falecendo, algum tempo depois da matéria. Vocês a ajudaram por que viram que ela estava em uma situação muito precária?**

**MC:** Sim, com certeza. Fomos até a mercearia do lugarejo, compramos alguns víveres e deixamos na casa dela. Quando soubemos que ela estava mal, chamamos a ambulância para que ela fosse resgatada. Nada justifica uma atitude desumana diante de uma situação limite. Você tem que interferir, mas isso não sai na reportagem, né? Não preciso posar de herói, o que eu não sou. Sou repórter, sou jornalista, mas também sou um ser humano. A notícia é a situação absurda em que ela vivia e teve uma boa repercussão. Até hoje é uma das séries mais premiadas da história do *Jornal Nacional*.

**Você já chegou a sofrer algum tipo de ameaça por tratar sobre esses temas?**

**MC:** Muito sutil, bem diferente das ameaças que o Caco [Barcellos], por exemplo, sofre com alguma frequência. Como não trato diretamente dessa questão policial, não recebo os mesmos tipos de ameaças. O único momento crítico foi quando fiz uma série chamada *Terra do Meio - Brasil invisível*, para o *Bom dia Brasil*. Fomos a uma região de grileiros e ficamos baseados em Altamira (PA), justamente porque lá havia Ministério Público Federal e Polícia Federal, o que nos deixava mais seguros. Nos dirigimos de carro para São Felix do Xingu, onde, por razões de segurança, fizemos a reportagem o mais rapidamente possível, retornando a Altamira poucos dias depois. Só que na volta passamos em uma estrada erma e fomos interceptados por um carro que parecia ser da Polícia Militar do Estado do Pará. Homens fardados saíram do carro com metralhadoras em punho dizendo: “Sai do carro, sai do carro!”. Nós saímos com as mãos

## Mestres da Reportagem

na cabeça. Me identifiquei, porque eles faziam menção de atirar, disse: “Calma, calma, eu sou jornalista da *TV Globo*. Estou fazendo uma reportagem”. Um deles me respondeu: “Seu filho da puta [SIC], eu não perguntei nada. Bota a mão no carro”. Eu pensei: “Nossa, se mesmo dizendo que eu sou da Globo o cara me trata assim... lascou”. Eles começaram a revistar tudo e pensei que poderiam plantar algo ali, afinal, não sabíamos se eram policiais. Um senhor de quase 80 anos que estava conosco, nosso guia, tremia muito, assim como nós. Então, eu disse ao homem que parecia comandar o grupo: “Senhor, veja bem o que vai fazer, porque cada item do nosso equipamento é monitorado por satélite no Rio de Janeiro. Eles estão sabendo exatamente onde nós estamos”. Nessa hora, eles mudaram de comportamento. Recolheram as armas, deram mais uma olhada e foram embora. O senhor que estava comigo disse: “Deus seja louvado e abençoe esse tal de satélite”. E eu disse: “Vou contar uma coisa pro senhor, não tem satélite coisa nenhuma, foi o maior caô” [risos]. Essa foi a única intimidação mais ostensiva.

### **Você afirma que é a favor de uma agenda social na grade do curso de Jornalismo. O que você quer dizer com isso?**

**MC:** Os estudantes de jornalismo precisam discutir a realidade brasileira que, aliás, é a matéria-prima da nossa profissão. Existem algumas experiências, como a da Andi [Agência de Notícias do Direito da Infância], que tem algumas parcerias com universidades. São discutidas questões como direito da criança e do adolescente. Fui voluntário numa dessas cátedras da Andi na Universidade de Brasília, na cadeira de Políticas Públicas. Acredito que é papel das faculdades de Jornalismo levar o aluno a pensar, criticar, refletir sobre a realidade brasileira. Não só criticar os meios e os jornais, mas fazer uma crítica da realidade. É preciso conciliar as ferramentas técnicas do jornalismo com a leitura da realidade.

### **O que uma pessoa precisa ter para ser um bom jornalista?**

**MC:** Dominar as ferramentas da profissão, que vão desde a questão técnica à capacidade de interpretar o mundo. Evolvendo o fato, existe o verniz da aparência e é preciso raspá-lo. Para isso, você tem que ter ferra-

mentas teóricas, ter uma visão humanista que lhe permita questionar e fazer uma crítica sobre aquilo que está acontecendo, para que você não seja enganado pela aparência. Ter a capacidade de interpretar corretamente o fato começa com o domínio da Língua Portuguesa, com a leitura. É absolutamente inconcebível que um estudante de Jornalismo não tenha o hábito de ler. Ele vai acabar sendo traído pelas aparências.

“Os grandes meios de comunicação, de uma maneira geral, reproduzem uma percepção historicamente determinada, que é a do senso comum. Fazem uma leitura média dos fatos. E nós, que somos jornalistas, fazemos parte disso. Acabamos reproduzindo clichês e preconceitos.”

### Qual seria o maior pecado de um repórter?

**MC:** Ir para a rua com uma ideia preconcebida. Isso é terrível, porque a pessoa acaba não se abrindo para as surpresas da vida, e o grande barato do jornalismo é a surpresa. Muitas vezes, percebo que o jornalista está com a matéria já pronta na mente dele e vai para a rua apenas para ratificar aquilo que ele pensa. A coisa mais saborosa é ser desmentido pelo fato. Não é porque você descobriu que a realidade é diferente do que você pensava que a sua pauta caiu. Pelo contrário! A sua pauta pode ficar ainda mais interessante. Uma vez eu propus para o *Jornal Nacional* que embarcássemos em Porto Velho (RO) e só desembarcássemos em Belém (PA) passando por Manaus (AM), percorrendo os rios Madeira, Solimões e Amazonas. A ideia era fazer uma série sobre a vida dos ribeirinhos. Logo me perguntaram: “Mas você vai falar sobre o quê exatamente?”. E eu disse que não tinha a menor ideia, mas que era quase impossível fazer aquele trajeto sem encontrar algo interessante para falar. Foi uma briga. Minha chefia questionava que não daria para aceitar uma ideia daquelas, sem colocar no papel. Então, eu tentei colocar no papel, mas sem muito planejamento. Resultado: voltei com uma série de reportagens absolutamente marcante, chamada *O povo das águas*. Ganhamos vários prêmios com ela e foi uma matéria sem pauta. Foi uma experiência emblemática, porque mostra como o jornalismo pode ser bacana, se você se deixar surpreender pela vida.

### O que é mais importante para quem está começando na área? Ter faro para encontrar uma boa notícia?

**MC:** Tem que ter faro, mas acho que mais importante do que isso é ter independência intelectual e ser uma pessoa livre de preconceitos. O jornalismo não aceita encilhamento ideológico. O jornalismo tem uma natureza insubmissa. Não aceita ser colocado em parâmetros direcionados. Você não tem que encilhar o jornalismo para ter uma finalidade. Aquela coisa dos fins justificarem os meios não funciona nessa profissão. Você tem que aprender a estabelecer uma conexão entre causa e consequência, fazer uma ligação entre os fatos e o contexto e ouvir todo mundo. Esse é o básico da profissão. Fazendo isso, tratará o jornalismo como forma específica de conhecimento. Acredito muito nisso e acho que essa talvez seja a definição mais brilhante que alguém já deu sobre jornalismo. Esse conceito foi cunhado por um jornalista gaúcho muito importante que já morreu, chamado Adelmo Genro Filho. Ele tem um livro intitulado *O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo* [Editora Tchê!, 1987]. Na obra, ele coloca o jornalismo como uma forma específica de conhecimento. Nos princípios editoriais da *Rede Globo* está lá a definição de jornalismo adotada pela empresa que “é o conjunto de atividades que produz um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas”. Ou seja, a própria *Globo* define o jornalismo não como um conjunto de regras que você aprende em um manual, mas como uma forma específica de conhecimento. Para conhecer a realidade, você tem que fazer o percurso do pensamento, fazer a crítica daquilo e chegar a uma síntese. Você precisa ter ferramentas para isso. Mais do que a impetuosidade, mais do que sentir o cheiro da notícia, é preciso estar preparado e ter um profundo senso ético. Para mim, a grande discussão da nossa profissão hoje é ética e não tecnológica. O tipo de jornalismo que fazemos está correto? Contempla aquilo que a sociedade espera de nós? Essa para mim é a grande discussão. O Gabriel García Márquez [escritor, jornalista, editor, ativista e político colombiano, vencedor do Nobel de Literatura em 1982] escreveu aquele texto sobre a profissão de jornalista, *A melhor profissão do mundo*. Esse texto é maravilhoso! Em outras palavras, ele diz o seguinte: “Hoje você consegue interpretar estrelas, consegue alcançar o espaço sideral, consegue chegar ao fundo do mar com a tecnologia. Você consegue con-

quistar tudo isso. Quero ver quem consegue conquistar o coração do leitor”. Você não tem ideia do que era fazer jornalismo quando eu comecei. Eu passava matéria da rua pelo orelhão. Hoje, você entra ao vivo do deserto do Saara pelo celular. Olha o que essa geração tem à disposição! Uma tecnologia de ponta! Mas isso tornará vocês jornalistas melhores? Não necessariamente.

**Você acredita que todos esses recursos tecnológicos têm empobrecido o jornalismo?**

**MC:** Não, esses recursos são maravilhosos, são espetaculares, mas o que eu quero dizer é que eles não te tornam um jornalista. Se você não tiver um senso ético apurado e se não considerar aquilo que é importante, não adianta nada. Como eu disse, o mais importante é você ser ético, fazer um jornalismo livre de preconceitos, respeitar a dor alheia. Você não tem que fustigar uma pessoa na sua dor mais profunda para verter uma lágrima, com o objetivo de filmá-la para aumentar a audiência.

**Em vez de falarmos em um jornalismo imparcial, nos devemos, então, falar em um jornalismo ético?**

**MC:** Ético e objetivo. Eu acredito muito nesse conceito da objetividade. Não acho que jornalismo seja lugar de fazer proselitismo ou de fazer uma dissertação. Isso é papel da Sociologia, da Antropologia. O jornalismo trata de fatos objetivos da vida. Eu tenho implicância com opinião em reportagem, porque o leitor e o telespectador não têm que saber qual é a tua opinião. Não interessa, entendeu? Ele tem que saber dos fatos e a ferramenta que você usa para tentar aproximar o fato das pessoas é a objetividade.

**Um leitor seu comentou na Internet que você escreve de maneira fácil, pois ele leu seu texto e entendeu muito bem. Dando a entender que talvez você devesse escrever um pouco mais difícil, para passar a imagem de um intelectual. Você comentou esse fato em uma de suas crônicas no *Diário de Santa Maria*. O que, na verdade, é mais importante: o leitor entender o que você escreveu ou**



### ter uma linguagem rebuscada?

**MC:** O critério para mim é o seguinte: 100% de clareza. Você tem que ser totalmente entendido pelo telespectador ou pelo leitor, mas isso não significa que você precisa ser simplório, ao contrário. É possível ser simples e surpreendente. Tem uma expressão que eu gosto muito, de um artigo do Antônio Candido, crítico literário muito importante, sobre a poesia do Manuel Bandeira. Ele analisa a obra do Bandeira e diz que a poesia dele é desentranhada. daquelas que você tira todas as impurezas do texto, como se estivesse lavrando o minério e deixando só ouro puro. Isso cabe como uma luva para a gente. Você tira as muletas de linguagem, tira a literatice, tira a empolgação e, com uma linguagem simples, chega ao ouro puro do texto jornalístico. Eu costumo dizer que a complexidade conceitual nada tem a ver com hermetismo. É muito frequente que textos muito herméticos, na verdade, busquem esconder uma ideia confusa. A falta de clareza esconde a obscuridade de pensamento. Temos que ser claros como jornalistas. Texto claro é resultado de um pensamento claro, portanto, você tem que pensar com clareza. Nelson Rodrigues já dizia: “Como é difícil escrever fácil”. Para escrever fácil, você precisa dominar completamente o assunto que está tratando.

### Você afirma que se apaixonou pela linguagem da TV. Como é trabalhar o jornalismo televisivo?

**MC:** É absolutamente apaixonante, porque as pessoas vão te dar uma infinidade de elementos narrativos que o texto escrito não te dá. Há diversos recursos como as imagens, os sons, os silêncios, as entrevistas, a participação do repórter, ou seja, há um leque de elementos narrativos com os quais você joga para montar o texto de televisão. Escrever para televisão não é sentar na frente do computador e escrever um parágrafo atrás do outro. É saber articular de maneira criativa essa infinidade de elementos narrativos. Uma das coisas que eu fiz para TV que mais gosto foi uma chamada para a matéria sobre a *Terra do Meio*, um VT chamado *Sons da Amazônia* em que eu produzi uma reportagem só com sons coletados na floresta, uma crônica de sons. Aquilo, pra mim, é texto de televisão.

**Qual é o seu sentimento quando percebe que a partir de uma reportagem que você fez uma situação injusta foi modificada?**

**MC:** É claro que sempre esperamos que, ao tratar de um assunto impactante, haja algum desdobramento, mas eu aprendi que há uma pré-condição para o exercício da nossa profissão, que é a humildade intelectual. Eu sei que os temas que eu abordo, como repórter especial do *Fantástico*, são importantes, mas não devo ter a pretensão de achar que uma matéria vai mudar a realidade brasileira. Você tem que ter humildade para saber que não é assim. O nosso papel, como jornalista, é jogar luz naquilo que está obscurecido pela visão cansada das pessoas, pelo preconceito, pela omissão do Estado ou pela arrogância do poder. Quem muda a realidade é a sociedade organizada politicamente. Eu sou jornalista, porque eu quero mudar o mundo, mas eu não posso ser arrogante a ponto de achar que eu vou conseguir fazer isso sozinho. Não é pequeno o nosso papel, mas acho que não podemos ter essa arrogância, achar que estamos lá para resolver tudo.

*“A coisa mais saborosa é ser desmentido pelo fato. Não é porque você descobriu que a realidade é diferente do que você pensava que a sua pauta caiu. Pelo contrário! A sua pauta pode ficar ainda mais interessante.”*

**O que dá, para você, um prazer especial?**

**MC:** O que me dá um prazer especial é quando a reportagem, de alguma forma, continua. Seja a partir de uma atitude do Governo, de uma mudança de postura das pessoas, do surgimento de uma discussão ou da lembrança de alguém, uma pessoa, por exemplo, falando dez anos depois da tua matéria. É ruim quando não há repercussão e ninguém mais fala nisso. Claro que o prêmio é um reconhecimento, e é bacana para mim e para a equipe, para a valorização profissional da gente. Quem não gosta de ganhar prêmio? Porém, mais importante que o prêmio é quando a reportagem fica na memória das pessoas.

**Quais dicas você daria para os estudantes de Jornalismo?**

## Mestres da Reportagem

**MC:** Leiam muito. Não se preocupem em só dar furo. A Alice Maria, que é uma pioneira do telejornalismo e está até hoje na *Globo*, diz que o mais importante não é dar antes, mas dar melhor. É importante dar furo, mas vamos dar furo certo, porque é preferível. E tem mais: os grandes profissionais são aqueles que aprendem com seus erros. Erramos muito e o tempo todo, mas o importante é aprendermos a ter humildade intelectual para reconhecer que podemos ser enganados pelas aparências. Não estamos livres de sermos enganados, por isso devemos ter bastante cuidado.

**Voltando a uma informação que você disse há pouco, de que forma a leitura do livro *O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo* (1987), de Adelmo Genro Filho, ajudou em sua carreira?**

**MC:** Eu fui marxista, e acho que o marxismo ainda é válido como instrumento teórico, como ferramenta de interpretação da realidade. O comunismo, tal como foi concebido, morreu, mas o marxismo ainda está por aí. E o livro do Adelmo, que era um comunista, pode até ser um pouco datado, pode até ter premissas superadas, mas está cheio de conceitos marxistas que são para mim absolutamente válidos hoje em dia.

**Você acha que essa admiração pelo marxismo o levou ao jornalismo, pelo fato de querer mudar o mundo?**

**MC:** Talvez sim. Quando eu fui pra *Globo*, me diziam: “Pô, tu vais trabalhar na *Globo*, do jeito que tu és socialista, de esquerda?”. O engraçado é que ninguém nunca me perguntou na *Globo* qual é a minha posição ideológica. Repito: o jornalismo não aceita encilhamento ideológico. Jamais quis em matéria nenhuma fazer proselitismo, sou jornalista e tenho que trabalhar com objetividade. A *Globo* preza a diversidade de pensamento. Nossa redação é extremamente heterogênea e quanto mais diversificada e plural ela for, mais saudável será. Você tem gente que pensa de várias maneiras, isso oxigena a redação. Há um respeito profundo em relação à chefia, mas é claro que é sempre uma relação tensa. Sou duro, batalho, sou insistente e, às vezes, isso gera tensão, mas é sempre com respeito. O fato é que minha independência intelectual também sempre foi respeitada lá dentro. Tenho

toda liberdade para compor aquilo que eu acho correto e é assim que tem de ser. Sou muito respeitado dentro da *Globo*.

**Existem formas diferentes de contar a mesma notícia ou um assunto que parece estar esgotado?**

**MC:** Escrevi uma crônica na qual relato uma história que um jornalista argentino me contou. Ele se chama Ezequiel *Martínez* e é filho do *Tomás Eloy Martínez*, um grande escritor argentino, autor de um livro chamado *Santa Evita* (1996). O Ezequiel foi trabalhar no *El Clarín*, principal jornal de Buenos Aires. Pediram a ele para fazer o perfil de um profissional e ele precisava destacar no texto que esse profissional falava devagar. Então, ele escreveu: “O sujeito fala devagar”. Não ficou satisfeito e levou para seu pai dar uma olhada no texto. Tomás leu o texto, colocou um papel na máquina e escreveu: “As palavras lhe saíam cansadas, despedaçadas em largos silêncios”. Era a mesma coisa, mas olha a joia literária que ficou. E ele foi absolutamente preciso jornalisticamente. Então, tudo depende de como você conta, da criatividade que lança mão pra contar uma história de maneira atraente.

**Qual é a diferença entre fazer uma crônica para impresso e uma matéria para a TV?**

**MC:** A crônica é um gênero marcadamente brasileiro que eu adoro por tratar da “desimportância”, alargando a significação do banal. Tudo aquilo que não é importante pode ser um grande assunto para a crônica. Sou absolutamente fascinado pela obra do Rubem Braga, que escrevia sobre o nada de maneira brilhante. Braga escrevia sobre borboletas e passarinhos, quando estava, na verdade, falando sobre as pessoas, sobre sentimentos humanos como os de desamparo e solidão. O jornalismo trata do que é importante e a crônica trata da “desimportância”, mas há pontos de contato entre os dois. Uso muito a crônica. Acho que sempre fui cronista nos meus textos jornalísticos para a televisão, porque sempre estive ligado ao cotidiano das pessoas, isso me atrai. Quando eu fui convidado para fazer esse gênero em jornal, achei que não sabia fazer, mas fui aprendendo, fui gostando. Hoje, é uma atividade que eu adoro.

## Mestres da Reportagem

### **Para você, o jornalismo é uma profissão apaixonante?**

**MC:** Totalmente! Assino embaixo do que diz o Gabriel García Márquez: é a melhor profissão do mundo! Não tem como você viver de uma profissão que te sacrifica tanto, que absorve tanto o seu tempo, sem ser apaixonado por ela.◆



# MARCELO REZENDE

*"O jornalista  
deve ser chefe  
de si mesmo"*



## Para o repórter Marcelo Rezende, o profissional da área precisa buscar maior autonomia, procurando olhar para o “contra fluxo”

*Por André Luiz Guimarães*

Dono de uma das vozes mais marcantes da TV brasileira, o carioca Marcelo Rezende, 61 anos, começou a construir a sólida carreira que tem hoje no nosso jornalismo aos 17, graças à sua proatividade. Em 1969, durante uma visita à redação do *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro, onde seu primo trabalhava, ele se ofereceu para ajudar um jornalista, sem saber que aquele profissional era o diretor do jornal. Resultado: impressionou o dirigente do impresso e foi convidado a trabalhar lá.

Nessa mesma época, tornou-se repórter esportivo na *Rádio Globo*. Em seguida, atuou na redação da *Revista Placar* e no jornal *O Globo*. Em 1987, tornou-se editor da *TV Globo*, na área de Esportes.

Sua carreira seguiu o rumo do jornalismo investigativo policial depois que cobriu o assassinato do milionário José Carlos Nogueira Diniz Filho, em 1989. Por conta da sua eficiência nessa cobertura, foi aconselhado a seguir esse novo caminho. Desde então, foi responsável por furos jornalísticos que denunciaram diferentes mazelas da nossa sociedade, como o caso Favela Naval, em Diadema (Grande ABC paulista), em 1997, em que policiais exerceram flagrante abuso de poder; a descoberta dos sequestradores do publicitário Roberto Medina; a corrupção no nosso futebol; a revelação de rotas do tráfico internacional de armas e a entrevista exclusiva com o assassino em série Francisco de Assis Pereira, que ficou conhecido como “maníaco do parque”, por ter cometido boa parte dos seus crimes no Parque do Estado, em São Paulo.



## Mestres da Reportagem

Rezende passou pelas principais emissoras brasileiras. Além da *Globo*, onde também apresentou o programa *Linha Direta*, que fazia reconstituição de crimes e solicitava à população que identificasse e denunciasse os criminosos, atuou na Rede TV!, onde comandou o *Repórter Cidadão*, e criou e apresentou o *Tribunal na TV*, na Rede *Bandeirantes*.

Hoje, está na *Rede Record*, apresentando o quadro *A Grande Reportagem*, do *Domingo Espetacular*, e comandando o *Repórter Record* e o *Cidade Alerta*.

Com mais de 40 anos de experiência na área, o jornalista conta que sofre ameaças frequentemente, mas que não se deixa intimidar.

Entre os muitos conselhos que ele oferece nessa entrevista, está o de que o jornalista precisa ter independência, buscando suas próprias fontes e pautas, e saber lidar com a frustração: “Não existe nenhum frenesi na área. Ninguém vai acender luzes de neon pra você brilhar. É um sofrimento danado. Às vezes, você passa meses apurando algo e percebe que uma peça daquele quebra-cabeça não está encaixando. Quando isso acontece, você precisa começar tudo de novo. Não pode desanimar”.

### Como você começou na área jornalística?

**Marcelo Rezende:** Comecei meio que por coincidência. Iniciei no jornalismo na área de Esportes, em 1969, no *Jornal dos Sports* (RJ). Na época, eu estudava Mecânica e tinha ido fazer uma visita ao meu primo que trabalhava lá. Lembro que no dia, tinha um senhor batendo uma relação de nomes ali. Vi que ele estava meio enrolado e perguntei se aceitava ajuda. Fiquei com dó e comecei a ditar os nomes para ele. O cara ficou muito grato. No dia seguinte, o meu primo que era *copydesk* veio me perguntar se eu queria trabalhar no jornal, pois aquele senhor que eu tinha ajudado era ninguém menos que o diretor geral do jornal. Como ele viu a boa vontade que tive em ajudá-lo, decidi retribuir dando-me o emprego. Desde então faço isso.

**Em 1989 você cobriu um dos mais marcantes casos da crônica policial carioca, o assassinato do milionário José Carlos Nogueira Diniz Filho. Esta cobertura o incentivou a se tornar um repórter investigativo?**

**MR:** Não. Coincidentemente, o delegado que cuidava do caso era um colega que dava aulas de judô, e eu lutava judô. Foi assim que eu o conheci. Ele me abriu muito as portas. Me passava as informações e eu investigava. Nesse mesmo período, meu pai morreu e tive que dar um tempo nas investigações para resolver algumas coisas. Quando voltei para prosseguir no caso, o Armando Nogueira e a Alice Maria, então diretores da Central Globo de Jornalismo, me chamaram para conversar. Disseram que o meu caminho na TV seria na área investigativa. Me sugeriram que parasse de trabalhar por uns dois meses, fosse criando minhas fontes, uma rede de informações, e só depois voltasse. Eu, que de besta não tenho nada, escutei com atenção e fiz o que eles mandaram. Depois disso começaram os sequestros no Rio de Janeiro.

*“O jornalista deve ser chefe de si mesmo. Precisa ter suas próprias pautas, pensar e se interessar por elas. Construir suas fontes, ter um canal aberto para informações. E algo que eu considero valioso: sempre olhar para onde as pessoas não estão olhando. Tem que olhar o contra fluxo.”*

**Outra cobertura marcante que você fez foi a do sequestro do publicitário Roberto Medina [fundador do *Rock In Rio*] em junho de 1990. Que técnicas utilizou especificamente nessa reportagem?**

**MR:** Foi uma encrenca danada. Estávamos acompanhando esse sequestro. Eu sempre corria por fora. Havia um repórter que fazia os VT's do que era factual e eu ia para a investigação do caso. Em uma madrugada, uma das produtoras que trabalhavam diretamente comigo me ligou dizendo que aquele meu amigo delegado queria falar comigo, pois havia achado os sequestradores, e que eles estavam no Paraguai. Nessa época o Medina já estava solto. Pedi autorização à Globo e fomos até lá. Alugamos um avião e os encontramos. Foi uma turma com a gente no avião que alugamos e outra equipe por terra. Para o nosso azar, logo que chegamos ao aeroporto do Galeão do Rio de Janeiro [Aeroporto Internacional Galeão / Tom Jobim], um jornalista me viu junto com o delegado. Ele iria associar as coisas. A gente disse que era uma coincidência, que estávamos indo

## Mestres da Reportagem

para lugares diferentes. Ele não acreditou evidentemente. Enfim, ele divulgou a informação e aquilo chegou ao país [no caso, o Paraguai] rapidamente. Quando eu cheguei ao aeroporto do Paraguai, dois caras me abordaram. Disseram que o chefe deles queria falar comigo. O cara era um major da Polícia Nacional. Fui falar com ele. Me perguntou o que eu tinha ido fazer lá. Eu disse que eu tinha ido pra fazer uma matéria de turismo, o que, na verdade, era uma mentira. Depois que fui interrogado pelo major, disse para a turma do avião: “Esses caras vão acabar nos prendendo e teremos que trabalhar para a polícia do Paraguai”. Achamos dois sequestradores primeiro: Nilo Cunha da Silva e Aloísio Magalhães Galvão. O Aloísio era um guarda penitenciário que pertencia a uma turma chamada “Turma da Melhoral”, que era da Avenida Brasil [RJ], onde funcionava uma fábrica da Melhoral. Esta turma era muito conhecida pelos sequestros que realizava. Sendo assim, a polícia prendeu os dois, mas ainda faltava um: Alberto Salustiano Borges, o Chocolate. Alberto foi o primeiro preso a morrer em Bangu-1 [presídio de segurança máxima no Rio de Janeiro]. Achar ele foi difícil, pois a dica que tínhamos era de que ele estava em um hotel chamado “Arboredo”, disseram que ficava perto da rodoviária. Nós já estávamos com os outros dois caras detidos, presos dentro do avião alugado. Acompanhados pela polícia, fomos atrás do Chocolate. As horas passavam e a gente não o achava. Até que eu disse: “Quer saber, vamos tomar uma água num quiosque!”. Enquanto a gente conversava, eu tomava minha água. De repente, eu olhei para uma planície e vi o sol caindo... aí me veio um *insight* e disse: “É lógico que o nome do hotel não é Arboredo! O sol morre aqui... nasce lá... o nome do hotel é Alvorada! O policial que recebeu a informação não deve entender nada de espanhol e acabou se atrapalhando”. Foi dito e feito. Eu cheguei para o cara do quiosque e perguntei se existia algum hotel chamado Alvorada por ali. Ele disse: “Claro, é na rua aqui de trás”. Fomos até lá e a polícia prendeu o Chocolate. Ele era um negão de aproximadamente dois metros e dez de altura. Lembro que ele disse assim pra mim: “Pô, eu não aguentava mais ver você por a minha foto no *Jornal Nacional*, por isso a gente veio pra cá. Íamos fugir para a Espanha”. Como ele sabia tudo de sequestro no Rio de Janeiro, tinha muito medo de morrer no presídio. Eu tentei tranquilizá-lo, dizendo que não era assim, que cada um tinha uma cela individual. Com

o trabalho concluído e todo mundo pronto para vir embora, não davam autorização pra gente decolar. Eu sentia que alguma coisa estava errada. Estavam esperando a gente para dar um flagrante e nos por na cadeia com todo o nosso material. E isso realmente aconteceu, como eu previa. Ficamos numa cela separada dos sequestradores. Os policiais ficaram detidos no alojamento policial da Polícia Nacional do Paraguai. Então, uma longa negociação começou entre o Governo Collor e o Governo do Paraguai para a nossa libertação. Depois de três dias nos deixaram sair. Mas eles queriam as fitas com as nossas gravações. Antes de ter ido viajar, tive mais um *insight*. Havia colocado na mala uma fita da Xuxa, porque ela estava explodindo de sucesso na época. Foi essa a fita que eu passei a eles. Eles não tinham como ver, pois o sistema deles era antigo. O nosso era muito mais avançado. O cinegrafista Lúcio Rodrigues desarmou a fita, então o cara botava a fita pra rodar e não via nada. Depois disso, eles nos liberaram. Na volta, eu peguei um avião diferente, pois eles não queriam que voltássemos para o Brasil junto com os presos. Combinamos com os policias brasileiros para que eles parassem em Foz de Iguaçu [cidade do Paraná que fica na divisa com o Paraguai] e esperassem a gente. E assim o piloto disse para eu ficar tranquilo que ia dar tudo certo. E deu mesmo. Voltamos para o Brasil.

**Em 31 de março de 1997, o *Jornal Nacional* exibiu uma reportagem sua denunciando o abuso de autoridade policial em uma *blitz* na Favela Naval, em Diadema, no Grande ABC paulista. O impacto e repercussão dessa matéria foram tão grandes que entraram para a história da TV Globo e do jornalismo brasileiro. Como foi o processo de realização desta matéria?**

**MR:** Quando fiz essa reportagem, estava no Rio de Janeiro para fazer uma matéria que tratava do caso de meninas de 15 anos que viravam mães. Eu conhecia uma professora que fazia um trabalho com adolescentes na Universidade Federal do Ceará. Liguei para ela e combinamos que eu iria pra lá fazer a matéria. Estava no meu apartamento à noite quando meu telefone tocou. Era uma fonte. Ela disse: “Eu tenho uma bomba pra você!”. Ela [a fonte] estava com a fita sobre a história na Favela Naval. A primeira pergunta que eu fiz para ela foi: “Você viu, ouviu dizer ou tem

## Mestres da Reportagem

essa fita?”. Ela disse que estava assistindo naquele exato momento. Desliguei o telefone e liguei para a direção da *Globo*. Informei que estava suspendendo a viagem por conta disso. Eles entenderam. Sempre tive muita autonomia na *Globo*. Pedi a um colega que pegasse a fita para mim, seguindo um esquema que a fonte me passou. Depois que tinha a fita em mãos, assisti e resolvi pegar um avião para São Paulo. Só que aí as coisas começaram a complicar. Quando você tem uma fita dessa, a decisão de levar ao ar não é só sua, mas do dono do material também. Comecei a negociar com ele. Percebi que a fita era em preto e branco. Pedi, então, para que ele me desse o filme original. Quando conseguimos entrar em acordo com a fonte, ele me deu as duas cópias que tinha da fita e me contou que uma cópia já estava em poder do Comando da Polícia Militar. Assim eu fiquei mais tranquilo. Percebi que o fato não iria vazar. Só que, uma vez com o material na mão, eu me perguntava se aquele material era realmente verdadeiro. Talvez pudesse ser uma armação pra acabar comigo. Eu sabia que era uma bomba. Nela apareciam um morto, um monte de gente apanhando e uma “porrada” de policiais. Levei a fita para a *Globo* e, lá, eles queriam colocar no ar imediatamente. Não concordei, pois não queria que divulgassem sem que antes fosse feita uma boa checagem da veracidade daquilo. Cheguei a dizer: “Eu só coloco no ar se vocês me deixarem apurar isso direito. Caso contrário, vocês usam a fita e colocam outro repórter no meu lugar, aí não vejo problema”. Eles estavam muito preocupados que a fita vazasse. Sugeri que, se a fita vazasse, poderíamos convocar uma coletiva. Eram necessárias paciência e cautela, não dava para fazer aquilo de qualquer jeito. Montei uma equipe escolhida a dedo. Tranquei todos numa sala e mostrei a fita. Eles ficaram horrorizados. Levantamos toda a história e averiguamos tudo. E assim a matéria foi ao ar e teve a repercussão que teve.

### **Qual foi o impacto que isso causou em sua carreira?**

**MR:** Posso dizer que foi um impacto fulminante. Minha carreira hoje é bonita, polida como inox. Foi ótimo, talvez a coisa mais importante que já fiz.

**O apresentador do *Jornal Nacional*, William Bonner declarou na época que eram cenas fortes, mas que o JN tinha o dever de**

**denunciar. Você acha que a denúncia ainda é uma obrigação dos meios de comunicação?**

**MR:** Sim, mas às vezes penso o contrário. Acredito que estão exagerando demais. Há coisas que não precisam ir ao ar e mesmo assim alguns veículos fazem o favor de divulgar. Jornalismo policial é o repórter que acompanha o dia a dia do policial. Se a polícia vai para um lado, o jornalista vai também. O jornalismo investigativo é diferente. É só você e Deus, só os dois. É ele por cima e você ali embaixo. Hoje percebo que são veiculadas matérias policiais que mereceriam uma investigação melhor. Mereceriam que nos debruçássemos mais sobre elas. A rapidez, a pressa e a luta pela audiência prejudicam o trabalho jornalístico. Não tenho a menor dúvida disso.

*“É preciso saber lidar com a frustração. Não existe nenhum frenesi na área. Ninguém vai acender luzes de neon pra você brilhar. É um sofrimento danado, você não pode errar. Se errar, pode acabar abalando famílias inteiras ou estragando a reputação de uma pessoa que, na verdade, não tem nada a ver com aquela história.”*

**Por falar em abusos no nosso jornalismo, no dia 07 de setembro de 2003, o programa *Domingo Legal*, apresentado então por Gugu Liberato no *SBT*, colocou no ar uma entrevista forjada com supostos criminosos do PCC [Primeiro Comando da Capital], na qual eles, mascarados, faziam ameaças de morte a vários jornalistas, incluindo você. Como você reagiu àquela situação?**

**MR:** Recebo ameaças a todo momento. Não acontece nada. O problema é que aquela foi uma ameaça, especificamente, muito irresponsável. E por que irresponsável? Você não pode colocar no ar supostos bandidos ameaçando as pessoas! Aquilo nada mais foi do que o *Domingo Legal* em busca de audiência. Eu não vi o exato momento em que rodaram a matéria, pois estava doente. Tinha ido passar o final de semana no Rio de Janeiro. Precisei voltar antes, pois comecei a ter dores na garganta. Precisava tomar os remédios porque tinha gravação do *Repórter Cidadão* no

## Mestres da Reportagem

outro dia. Quando acordei de manhã, meu telefone não parava de tocar. Me mandaram a fita. Logo que assisti vi que era uma mentira. O jeito do cara segurar a arma, as sombras do local onde gravaram... só podia ser uma armação. Quando fui apresentar o *Repórter Cidadão*, coloquei o seguinte título *Farsa do Domingo Legal* e fui gravar. Depois de três dias, um policial me ligou dizendo que tinha visto os caras falando. “O cara do vídeo é fulano. Eu tenho uma fita dele fazendo uma procissão que ocorre todo ano”, explicou ele. Eu pedi para que me mandasse a fita. Recebi, assisti e concluí o caso. No domingo seguinte, o Gugu terminou o programa dizendo: “Tô nem aí... tô nem aí...”. Quando foi na segunda eu desci o pau nele no meu programa. Recebi uma ligação da Hebe me convidando para ir ao programa dela. Queria aliviar a situação junto com o Datena, que também foi um dos ameaçados pelos supostos criminosos. Respondi pra ela que não iria falar, que não desculpava porcaria nenhuma. Poxa, o cara coloca três débeis mentais ameaçando que vão te matar! O problema maior não era ter dito que iam me matar, mas o quanto aquilo estimula quem realmente queria me matar. Depois recebo outra ligação. Dessa vez é do Roberto Cabrini me pedindo para entrar no programa dele. Eu não aceitei. Na manhã do dia seguinte liguei para o Datena e disse: “Você pode ficar muito chateado comigo, mas eu não vou desculpar o Gugu, e mais, vou cair de porrada sobre você por ter desculpado ele. Eu vou ganhar este jogo, ou melhor, este jogo já está ganho. Estou montando o quebra-cabeça”. O Gugu não aguentou. Disse que queria falar comigo por telefone, mas eu não quis. Respondi dizendo que só perdoava ele no dia que se desculpasse formalmente na justiça. Ele foi e se desculpou.

**Você entrevistou o motoboy Francisco de Assis Pereira, conhecido como o “maníaco do parque” após cometer, em 1998, uma série de estupros e assassinatos de mulheres no parque do Estado, em São Paulo. O que mais te marcou nesta entrevista?**

**MR:** A inteligência dele. O Francisco me passou pra trás umas duas vezes. Como todo psicopata em primeiro grau, a inteligência dele era assustadora. Na primeira vez que nos encontramos, ele disse que via na cela um número no cimento que representava a quantidade de mulheres que ele tinha assassinado. Colocamos este trecho no ar. A imprensa caiu

de pau. Na segunda vez que o vi, ele me desarmou. Me deixou sem ação, sem resposta. Quando fui entrevistá-lo, levei uma pasta com as fotos de várias garotas que ele tinha matado. Eu tinha combinado com a produção para não desligar as câmeras, e com um produtor, pois eu pediria a pasta a qualquer momento. Num determinado momento da entrevista, o produtor entrou em cena e me entregou a pasta. Peguei a primeira foto e disse: “E esta aqui? Como foi que você a matou?”. Ele contou com detalhes. Mostrei outra foto e perguntei: “E esta?”. Ele descreveu mais uma vez com detalhes. Com a terceira foto aconteceu a mesma coisa. Pensei comigo, agora eu peço ele, e perguntei: “E se essas meninas fossem suas filhas?”. Ele virou pra mim e disse o seguinte: “E se eu fosse seu filho?”. Eu não fiquei com raiva, mas me calei, pois fiquei sem ação, não tinha o que responder. Foi a maior sinuca que alguém já me deixou. Eu não esperava uma rapidez de raciocínio daquelas. Ele falou e fez o que quis. Tive que me segurar e esperar. Frisei o rosto para voltar e perguntar novamente: “E se fosse a sua filha?”. Ele respondeu, mas viu que tinha ganhado o combate.

**Você declarou ao longo da entrevista publicada no livro *Jornalismo Policial, histórias de quem faz* (2010), que a matéria que mais te deu dor de cabeça foi a da CPI do Futebol [exibida em fevereiro de 2001], para o *Globo Repórter*. Se tivesse que fazer essa matéria hoje, você mudaria alguma coisa ou usaria as mesmas técnicas que utilizou na época?**

**MR:** Não mudaria nada, faria exatamente igual. Fazer essa matéria foi muito difícil, pois a pressão era grande. Precisei ir para Miami, porque tinha um cara nos Estados Unidos que só queria falar comigo. Descobri a casa do Eurico Miranda [ex-presidente do time Vasco da Gama-RJ], que ficava em um condomínio americano, e lá não entrava nem uma agulha. Bolei de comprar uma casa neste condomínio, para que eu pudesse entrar lá, só que eu não entrei como comprador, mas como motorista. Sabia que o corretor não iria me dar nem bom dia e, assim, eu tiraria toda a atenção de cima de mim, porque o ser humano é arrogante. Entrei no condomínio e filmei a casa do Eurico. No meio do caminho encontrei um brasileiro que tinha sido agente do FBI, e ele me ajudou. Me deu a dica de que havia



## Mestres da Reportagem

um brasileiro famoso que tinha uma casa no mesmo condomínio. Era o Ricardo Teixeira [então presidente da CBF, na época]. Fiquei oito meses indo e vindo em um avião para fazer a matéria. Era muito dinheiro em jogo, mais ou menos uns U\$\$ 240 mil. A pressão era muito grande, eu não podia chegar perto dele. Estavam rolando duas CPIs. A primeira com o Eurico Miranda, e a outra com o Ricardo Teixeira. A Copa do Mundo de 2002 estava próxima e ele era do Comitê executivo da FIFA [Federação Internacional de Futebol Associado] e Presidente da CBF [Confederação Brasileira de Futebol]. Tinha muita gente envolvida, muitos empresários. Eu não podia esbarrar na pessoa errada. Foi a maior dor de cabeça que eu já tive. A *Globo* soube resistir a toda essa pressão. A equipe com quem eu trabalhava era espetacular. Embora todos pensassem que a matéria não iria ao ar, eu dizia: “Vai ao ar, pode esperar!”. Não me decepcionei. A *Globo* foi forte e rigorosa. Colocou tudo, sem uma vírgula a mais ou a menos do que tínhamos apurado. A emissora cumpriu o seu papel de utilidade pública. Agiu muito bem, uma vez que a pressão sobre ela vinha de todos os lados.

**Você realizou uma matéria investigativa sobre as falhas e contradições nos casos dos assassinatos da advogada Mércia Nakashima [morta em 2010] e da modelo Eliza Samudio [também assassinada em 2010]. Pode falar um pouco sobre essa investigação?**

**MR:** Me lembro que fui contratado pela *Record* quando estava acompanhando o caso. Saí do *Tribunal na Rede TV!* e, ao chegar à *Record*, fiz uma reportagem sobre homicídio - que na minha opinião é pouco investigado no Brasil - e, em seguida, ocorreram esses dois casos. Eu já vinha notando as diferenças e as contradições entre eles. Na verdade, eu estava fazendo isso desde o início das investigações e fui ligando os pontos. O problema é que nem sempre o desembargador, aquele que aceita o recurso em segundo grau, pensará igual ao outro. É muito subjetivo. Um interpreta o caso de um jeito, já outro vê de uma forma diferente. Por isso ocorreu uma aberração nesses crimes. No caso da Eliza, não foi encontrado o corpo, mas os acusados já estão presos. No caso da Mércia Nakashima, há o corpo, mas o culpado está solto [à época da entrevista os responsá-

veis pelo crime – o vigilante Evandro Bezerra Silva e o ex-namorado de Mércia, o policial militar reformado e advogado, Mizael Bispo de Souza, estavam soltos]. Se eu que lido com isso não consigo entender, imagine as outras pessoas!?

*“A maioria dos repórteres de TV vive às custas do pauteiro e, quando o pauteiro tem uma pauta ruim, se acha no direito de reclamar. É raro ver os repórteres de televisão produzindo as próprias pautas, com suas fontes próprias. Na verdade, a maioria deles atua como um cafetão do produtor, não passam disso.”*

**Você foi escolhido pela ONU [Organização das Nações Unidas] para falar sobre o narcotráfico a diversas autoridades mundiais no assunto ao lado de José Hamilton Ribeiro. Como foi essa experiência?**

**MR:** O José Hamilton Ribeiro foi convidado para palestrar na ONU em função da cobertura que ele fez da Guerra do Vietnã, em que perdeu parte da perna esquerda. Acredito que ele esteja entre os três maiores jornalistas do Brasil. Talvez o melhor. Não teremos outro igual tão cedo. Ele é como o Pelé, não existe outro. José Hamilton Ribeiro é um gênio. Com aquele jeito pacato, ele te enrosca e, quando você vê, já era! É de uma capacidade extraordinária de observação, de uma sensibilidade rara. Ele foi por causa disso. Já eu fui por outro motivo. Lembro que havia ocorrido uma Assembleia Geral Extraordinária na ONU. Para minha surpresa, nesta assembleia a ONU pediu o meu currículo, pois iriam escolher um jornalista para assistir a palestra. Eu disse para a pessoa que entrou em contato comigo que não tinha tempo nem para almoçar direito e que não iria fazer um currículo para ir assistir a presidentes e especialistas do mundo inteiro falar sobre diversos assuntos. Passados alguns dias, ela insistiu novamente. Eu reiterei que não dava. Mais algum tempo depois - quatro meses de negociação, se não me engano - ela insistiu, dizendo que vários jornalistas do mundo todo tinham enviado seus currículos. Eu disse a ela: “Minha senhora, eu não vou mandar, pois não tenho tempo, me desculpe. Eu não quero ir. Estou ocupado”. Alguns minutos depois, rece-

## Mestres da Reportagem

bi a ligação do chefe de gabinete do subsecretário geral da ONU, era um italiano ligado à área de narcotráfico. Ele explicou que a ONU tinha me escolhido, e queriam que eu fosse até lá nem que fosse para fazer uma pergunta só. Disse pra ele: “Eu não quero ser desagradável com o senhor, mas eu não posso ir. Não posso perder três dias de trabalho pra ir a Nova Iorque só para fazer uma pergunta... aí só vai ter gente importante”. Para minha surpresa, 20 dias depois aquela senhora me ligou novamente e disse que a ONU tinha decidido que eu não faria uma simples pergunta, mas sim uma conferência sobre minhas opiniões a respeito do narcotráfico. Aí eu aceitei, mas perguntei pra ela: “Por que vocês cismaram comigo?”. E ela disse: “Eu também não entendi. Só sei que o senhor vai fazer a conferência representando a América do Sul”. Acabei indo mesmo contra a vontade da *Globo*. O diretor de jornalismo tentou me impedir. Eu disse que iria de qualquer jeito. Fui, fiz a conferência e para mim foi muito gratificante, gostei bastante. Cheguei a uma conclusão com isso tudo: todos sabiam muito sobre o narcotráfico, mas ninguém fazia nada. Só sabem “maquiar” o problema.

### **O que o jornalista deve fazer para não cair na rotina e, consequentemente, não limitar suas coberturas?**

**MR:** O jornalista deve ser chefe de si mesmo. Precisa ter suas próprias pautas, pensar e se interessar por elas. Construir suas fontes, ter um canal aberto para informações. Também tem que olhar o contra fluxo. Isso eu considero fundamental. Sempre olhar para onde as pessoas não estão olhando. Por exemplo, quando todo mundo está atravessando um mesmo viaduto, eu geralmente vou por baixo para ver o que é que tem lá. Penso: “Deve ter alguma coisa diferente ali”. Faço jornalismo dessa maneira. Outro princípio que me norteia é que eu trabalho não para o interesse do público, ou seja, para a curiosidade de ninguém. Eu trabalho para o interesse público, para aquilo que é bom pra sociedade.

### **Que conselho você dá para estudantes de Jornalismo que desejam atuar no campo investigativo?**

**MR:** Que saibam lidar com a frustração. Não existe nenhum frenesi.

Ninguém vai acender luzes de neon pra você brilhar. É um sofrimento danado, você não pode errar. Se errar, pode acabar abalando famílias inteiras ou estragando a reputação de uma pessoa que, na verdade, não tem nada a ver com aquela história. Por que eu disse lidar com a frustração? Às vezes, você passa meses apurando algo e percebe que uma peça daquele quebra-cabeça não está encaixando. Quando isso acontece, você precisa começar tudo de novo. Lidar com isso não é fácil, mas não pode desanimar. Sempre trabalho montando um cenário que aponte para onde eu quero caminhar e, quando a peça não encaixa, eu recuo. Além de ser cansativa, a área investigativa não é muito subsidiada. As empresas não fazem muito, porque é caro. Na *Globo*, cheguei a levar quase um ano fazendo uma única reportagem. Eles bancavam tudo. Eu ficava muito grato por isso.

**Que elementos são fundamentais na produção de uma reportagem?**

**MR:** A apuração da notícia deve ser feita até a exaustão. Isso te dá segurança no momento em que o material vai para o ar. A maioria dos repórteres de TV vive às custas do pauteiro e, quando o pauteiro tem uma pauta ruim, ele se acha no direito de reclamar. É raro ver os repórteres de televisão produzindo as próprias pautas, com suas fontes próprias. Na verdade, a maioria deles atua como um “cafetão” do produtor, não passam disso.

**Hoje pode-se dizer que existe uma desvalorização no gênero reportagem. A maioria da grande mídia dá preferência ao *hard news*, por ser mais rápido, menos analítico e burocrático. Qual é a sua opinião sobre isso?**

**MR:** Eu não vejo assim. Acredito que um jornal impresso precisa publicar notícias sobre o que é factual mesmo, o telejornal também. Eu não tenho esta visão. Penso que se uma reportagem realmente for boa, terá o reconhecimento que merece.

**Qual é a importância do gênero reportagem para o jornalismo?**

**MR:** A reportagem é essencial, sem sombra de dúvidas. É fundamen-

## Mestres da Reportagem

tal. É o que faz a diferença. Não importa se a pauta é simples. Se o repórter for bom, vai transformar essa pauta na melhor matéria da vida dele. Ele conseguirá dar uma abordagem diferente ao tema. Vejo o jornalismo atravessando uma fase maravilhosa no Brasil, com grandes reportagens, bons telejornais e bons impressos. Seria melhor se os repórteres tentassem ter mais autonomia.

### **Quais são as qualidades que não podem faltar em um bom repórter?**

**MR:** Gosto de uma frase do Rubem Braga [cronista e jornalista brasileiro] que diz: “Repórter é olho”. Ou seja, os canais sensitivos do jornalista trabalham pela notícia. A observação é importante. Ter boas fontes de informação e manter uma relação ética e moral com elas também é essencial. Outra coisa também é a curiosidade. O repórter é um ser humano, mas antes de qualquer coisa, ele tem que ser um cidadão cuja curiosidade pulse dentro dele. Essa história de que o repórter não se emociona, tem que ser frio e distante é uma frescura sem tamanho. Sou feito de carne e osso, sinto as coisas com a mesma intensidade ou até mais que outras pessoas que não são jornalistas. Apurar bem, ter olho para a notícia e dedicar-se. Se o cara não ralar, está morto.

### **Como deve ser uma reportagem para segurar a atenção do público?**

**MR:** Uma grande notícia prende o público seja pelo impacto que tem ou pelo acontecimento em si. Um exemplo disso foi o ataque às Torres Gêmeas [atentados de 2001 nos EUA, que foram liderados pela Al Qaeda]. Então, para construir uma boa notícia, o jornalista precisa pensar como o cidadão. A maneira como você olha as coisas, a forma que aborda e como conta a história também influenciam e muito a qualidade do seu texto. Se não prender o leitor no início, não vai prender nunca. Precisa ter algo que leve a pessoa a permanecer contigo.

### **Quem são os repórteres que você mais admira no Brasil?**

**MR:** José Hamilton Ribeiro é o primeiro deles. O vejo como uma

exceção. É uma inspiração para todos os jornalistas. Quando o encontro ou o vejo trabalhando, é como se eu tivesse chegado ao lado dele pela primeira vez. Até hoje eu sinto que o José Hamilton é um cara que não existe. As faculdades e universidades deveriam contratá-lo a peso de ouro, para que desse depoimentos e ensinasse com que leveza e com que precisão ele consegue ser um jornalista tão brilhante. Existem outros que eu admiro muito também, como Ernesto Paglia, Caco Barcellos e Roberto Cabrini. São meus amigos. Me orgulho de ter trabalhado com eles.

*“Hoje percebo que são veiculadas matérias policiais que mereceriam uma investigação melhor. Mereceriam que nos debruçássemos mais sobre elas. A rapidez, a pressa e a luta pela audiência prejudicam o trabalho jornalístico. Não tenho a menor dúvida disso.”*

**Até onde um repórter deve ir para conseguir uma informação?**

**MR:** Não sei se esse limite existe. Isso é algo muito subjetivo. Uma discussão que dá o que falar é sobre o uso da microcâmera. Uns dizem que não se pode usá-la... outros defendem o uso por se tratar de uma ferramenta de trabalho. Enfim... A minha opinião é que ela não pode ser usada com exagero, mas é um instrumento importante. Numa apuração investigativa, por exemplo, ninguém vai se entregar se você aparecer com uma daquelas câmeras enormes que estamos acostumados a usar. O repórter de jornal que leva um gravador escondido para gravar com um bandido está sendo ético e rigoroso. Uma coisa é clara: você não lida com o presidente da República da mesma forma que lida com os líderes das facções criminosas. A abordagem é diferente.

**Qual é a sua opinião sobre a influência que as tecnologias vêm exercendo no jornalismo? Elas estão acrescentando ou deixam os repórteres preguiçosos?**

**MR:** Atualmente, as tecnologias têm deixado os repórteres mais preguiçosos. Eles estão se acostumando a apurar apenas pela Internet, e

## Mestres da Reportagem

se esquecem de que esse meio tem um grande percentual de coisas erradas. Penso que essas novas mídias ainda estão em amadurecimento, por isso as considero extremamente irresponsáveis. Dão a notícia sem apurar direito, depois voltam atrás. Tudo tem um grau de evolução, mas para nós, jornalistas já estabelecidos, ou para aqueles que estão começando agora, seja numa redação de TV ou de jornal, sempre digo que a Internet é 1% do que você deve fazer. No máximo utilize-a para fazer uma consulta histórica. Na investigação factual tudo tem que ser muito bem checado, caso contrário, você pode cair em uma armadilha. Eu já vi vários caírem por causa disso.

### Que matéria você gostaria de fazer e ainda não fez?

**MR:** Não existe nenhuma, não. Já fiz todas as matérias que gostaria. As que virão eu também quero fazer. Uma coisa que eu tinha muita vontade de fazer e agora não tenho mais era saber como funcionava a mente do Osama bin Laden [líder e fundador da Al-Qaeda, organização terrorista que entre outros ataques, foi responsável pelo atentado ao World Trade Center em 11 de setembro em 2001. Bin Laden morreu em maio de 2011]. Queria saber o que se passa na mente de alguém que utiliza um pretexto religioso para matar. Ele dizia clamar a um Deus superior e, ao mesmo tempo, foi capaz de matar o próximo. Quando a vingança está no coração, a pessoa não tem Deus dentro dela.

Com uma carreira construída ao longo de mais de três décadas, você já esteve à frente de diversos programas, entre eles o *Procura-se*, do *Fantástico*, *Linha Direta*, na *Globo*, *Repórter Cidadão*, da *Rede TV!*, *Cidade Alerta* na *Record*, *Rede TV News*, *Tribunal na TV*, na *Band*, voltou a *Rede Record* com o programa *A Grande Reportagem* e agora é o apresentador do *Repórter Record*. O que mais você busca ou espera do futuro?

**MR:** Acho que a experiência que eu podia ter, já tive. Já apresentei um telejornal tradicional como o *Rede TV News*, um jornal mais comentado, descontraído. Sempre fiz as coisas que gosto, mas deixo que o barco da vida me leve, que siga o seu curso. Não costumo determinar o leme da

## Marcelo Rezende

minha vida, deixo as coisas acontecerem. Minhas ambições profissionais são de progredir dentro do que faço como jornalista. Escrever bem, apurar melhor, trocar ideias para a construção de coisas mais legais. Digo que o futuro a Deus pertence. Não vivo de passado e nem fico planejando o presente pensando no futuro.◆







# **MAURI KÖNIG**

***“A imprensa é o  
facho de luz sobre  
a atuação de grupos  
políticos, criminosos  
e grandes corporações”***



## Na opinião de König, a imprensa tem contribuído muito com a sociedade, nas mais variadas formas de cobertura jornalística

Por Alessandra Küster

O jornalismo de Mauri König, repórter da *Gazeta do Povo*, é marcado por reportagens que denunciam graves chagas sociais. Para ele, o papel da imprensa “é atuar na realidade e mudar aquilo que ela apresenta de mais injusto, trazer à luz o que está obscuro por interesses diversos”.

Por conta do posicionamento idealista e destemido, quase perdeu a vida. Ao fazer uma matéria sobre adolescentes brasileiros que estavam sendo recrutados ilegalmente pelo Serviço Militar do Paraguai, sofreu uma emboscada armada por alguns policiais e foi violentamente agredido: “Me agarraram e começaram a me golpear. Perdi a noção de quanto tempo ficaram me batendo. Eu tentava argumentar com eles em espanhol, mas não tinha resposta. Eles falavam em guarani, que é a língua nativa, e davam risadas, enquanto me espancavam com um pedaço de madeira, correntes e chutes”.

Mas se engana quem pensa que esse acontecimento arrefeceu os ânimos e a coragem do repórter. König continuou com seu jornalismo investigativo em defesa da sociedade. Em 2004 e 2005, por exemplo, fez a série de reportagens *Infância no Limite*, na qual mostrou, entre outros casos, a história da menina Bruna, aliciada por traficantes aos sete anos de idade, induzida às drogas e explorada sexualmente. Essa série lhe rendeu os prêmios *Lorenzo Natali Prize* (concedido pela União Europeia) e *Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos*.

Nascido em Pato Branco, no sudoeste do Paraná, em 26 de agosto de

## Mestres da Reportagem

1967, König iniciou sua carreira no *Jornal de Foz* (um semanário que hoje está extinto), em setembro de 1990. Em 1994, passou a trabalhar na *Folha de Londrina*, onde ficou por três anos. Em 1997, migrou para o rádio para atuar como repórter de uma emissora afiliada da *Rádio Bandeirantes*. Voltou para a mídia impressa em 1998 como correspondente do *O Estado de S. Paulo*. Passou pelos jornais *Gazeta Mercantil* e *O Estado do Paraná*, até que, em 2002, foi para a *Gazeta do Povo*, onde está até hoje como repórter especial.

Em seus 22 anos de carreira, foi vencedor de outras 20 premiações nacionais e internacionais, além do *Lorenzo Natali Prize* e do *Vladimir Herzog*. Possui dois prêmios *Eso* (pela matéria sobre os adolescentes brasileiros sequestrados pelo serviço militar paraguaio), dois prêmios *Embratel*, o *Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo da Sociedade Interamericana de Imprensa*, o *Prêmio Jornalistas & Cia – Grandes repórteres*, que o apontou como um dos 15 jornalistas mais premiados do Brasil no período de 1995 a 2010, e o *Prêmio Internacional de Liberdade de Imprensa* (König foi um dos quatro homenageados na edição 2012 do prêmio, que é organizado pelo Comitê de Proteção dos Jornalistas – CPJ).

Coincidentemente, no dia de nossa entrevista, foi agraciado com uma menção honrosa no *Prêmio Vladimir Herzog*, em São Paulo. Mais uma prova do seu devotamento para com o jornalismo e a sociedade.

Graduado em Letras e em Jornalismo, com Pós-Graduação em Jornalismo Literário, König possui um texto atrativo e envolvente, que prende o leitor do início ao fim.

Em 2009, foi finalista do *Prêmio Jabuti*, com o livro *Narrativas de um correspondente de rua* (Editora Pós-escrito), que traz suas 15 reportagens mais premiadas.

Nesta entrevista, o repórter, que é um dos diretores da Associação Brasileira de Jornalistas Investigativos (ABRAJI), fala do início de sua trajetória e revela detalhes e técnicas utilizadas em suas principais matérias.

**Você sempre quis ser jornalista? O que o levou para essa área?**

**Mauri König:** Costumo dizer que foi o jornalismo que me escolheu e

não o contrário. Comecei a trabalhar com jornalismo em 1991, quando ainda cursava Letras na Unioeste [Universidade Estadual do Oeste do Paraná], em Foz do Iguaçu. Como na época não havia curso de Comunicação na cidade e o pouco número de profissionais formados não atendia à demanda do mercado local, fui convidado a trabalhar num jornal semanário hoje extinto, chamado *Jornal de Foz*, devido à minha experiência na edição do jornal do Centro Acadêmico de Letras, da universidade. Consegui, então, o registro de jornalista provisionado e passei a atuar como repórter naquele semanário. Mais tarde, entrei na primeira turma do curso de Jornalismo aberto na cidade, em 2000. Antes, já havia passado pela sucursal da *Folha de Londrina*, ao mesmo tempo em que me tornei correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*. Ainda em Foz do Iguaçu, fui secretário municipal de Comunicação e trabalhei nos jornais *O Estado do Paraná* e *Gazeta Mercantil*. Em novembro de 2002, ingressei na *Gazeta do Povo*. Oito meses depois, fui transferido para a sede da empresa, em Curitiba, onde atuo hoje como repórter especial.

*“Quando percebi que não havia mais ninguém e que eles já tinham ido embora, levantei e fui ver o estrago que tinham feito. Riscaram no capô do carro, que tinha a logomarca do jornal: Abajo prensa de Brasil. Era um recado muito claro para a imprensa brasileira que vivia fazendo matérias sobre as mazzelas e as corrupções da fronteira.”*

**Em um de seus primeiros trabalhos de destaque, como repórter do jornal *O Estado do Paraná*, você denunciou o caso de adolescentes brasileiros recrutados para o serviço militar paraguaio. Você sofreu agressões sérias em função dessa cobertura. Pode nos contar um pouco como foi viver essa experiência? Chegou a achar que iria morrer?**

**MK:** A história toda começou no início de novembro de 2000. Tinha muito contato com jornalistas do Paraguai e da Argentina, por causa da proximidade na fronteira. Naquele novembro, o colega César Palácios, que então trabalhava no *Diário de Notícias* [jornal daquele país], me disse

## Mestres da Reportagem

que adolescentes brasileiros estavam sendo recrutados pelo Serviço Militar obrigatório do Paraguai. Achei que aquilo renderia uma boa reportagem, pois há muitos imigrantes brasileiros que moram naquele país. Faríamos a cobertura juntos, mas César teve de se ocupar com outras matérias para o jornal dele. Por isso, toquei sozinho o assunto. Fui cinco vezes ao Paraguai para percorrer as cidades próximas da fronteira, atrás de adolescentes brasileiros. Encontramos vários casos. Realmente eram jovens brasileiros que estavam sendo recrutados para o serviço militar, mas não era um recrutamento normal, não se tratava de adolescentes em idade militar. Eles tinham entre 13 e 15 anos e estavam sendo sequestrados de dentro das suas casas e das ruas e sendo jogados em quartéis. Fui descobrindo isso, ouvindo algumas pessoas, indo aos quartéis do Paraguai e às *comisarías* de polícia, que são as delegacias de polícia de lá. No Paraguai, o sistema é um pouco diferente. Alguns recrutas do serviço militar também ficam nas delegacias de polícia. É como se parte do serviço militar fosse prestado nas delegacias. Os jovens brasileiros estavam num sistema de semiescavidão dentro dos quartéis e das delegacias. Foi isso que a gente tentou mostrar na reportagem. Consegui alguns flagrantes em algumas delegacias e quartéis próximos das fronteiras e, como na época não havia máquinas fotográficas digitais [estamos falando de dezembro de 2000], o fotógrafo que me acompanhava na matéria, o Nilton Rolim, ficou revelando as fotos que tínhamos feito e eu fui sozinho com minha máquina fotográfica [uma câmera amadora] checar uma informação num outro ponto da fronteira. Eu queria confirmar uma nova denúncia que havia chegado até mim. Já era a quinta vez que eu estava indo ao Paraguai, mas a primeira em que eu ia sozinho. Nas outras vezes, eu tinha ido com o Nilton. Fui numa cidadezinha chamada São Alberto, que fica a 82 km da fronteira com Foz do Iguaçu e da Ponte da Amizade, que divide Brasil e Paraguai. Lá eu consegui mais alguns flagrantes de adolescentes brasileiros na delegacia local. Quando estava voltando, na metade do caminho, numa estradinha de terra batida onde só havia plantação de soja dos dois lados, avistei ao longe uma caminhonete vermelha e uma pessoa com a farda da Polícia Nacional do Paraguai me fazendo sinal para parar. Eu tinha o hábito de ir com tanta frequência para o Paraguai fazer tantas outras matérias e já tinha parado em tantas *blitzen* policiais que nem me passou pela cabeça que aquilo poderia ser uma armadilha, mas era. Eu parei, aten-

dendo ao sinal do guarda, e peguei meus documentos no porta-luvas do carro para apresentá-los. No que eu viro para apresentar os documentos, esse policial me deu um soco no rosto, meus óculos caíram para dentro do carro e eu não pude ver com muita definição o rosto dele e nem os de outras duas pessoas que estavam com trajés civis. Eles me agarraram e começaram a me golpear. Perdi a noção de quanto tempo ficaram me batendo. Eu tentava argumentar com eles em espanhol, mas não tinha resposta. Eles falavam em guarani, que é a língua nativa, e davam risadas, enquanto me espancavam com um pedaço de madeira, correntes e chutes. Quando eu percebi que não havia diálogo, fiquei com medo que eles furassem o meu olho e me virei de costas. Então começaram a me golpear nas costas, até que um deles forçou o joelho nas minhas costas e ficou literalmente sobre mim. Com o joelho nas minhas costas, ele envolveu meu pescoço numa corrente e começou a me estrangular. Quando eu já estava para perder os sentidos, ele soltou a corrente, deu mais uns golpes na cabeça e todos saíram e me deixaram estirado ali no chão, ainda consciente. Eu fiquei um tempo no chão imóvel com receio de que, se fizesse algum movimento, eles pudessem reiniciar a agressão. Quando percebi que não havia mais ninguém e que eles já tinham ido embora, levantei e fui ver o estrago que tinham feito. Riscaram no capo do carro, que tinha a logomarca do jornal: “Abajo prensa de Brasil”. Era um recado muito claro para a imprensa brasileira que vivia fazendo matérias sobre as mazelas e as corrupções da fronteira. Quebraram minha máquina de fotografia, arrancaram o filme com as informações que eu tinha conseguido, só que deixaram a chave do carro no contato, não mexeram em nada. Depois, eu concluí, conversando com outras pessoas da Polícia Nacional do Paraguai, que a intenção não era matar realmente. Se fosse para matar, eles tinham dado um tiro na testa e tinham me jogado no rio Paraná, que fica do lado e faz a fronteira com os dois países. Lá há um lugar de despejo de cadáveres. Na verdade, foi um recado para a imprensa brasileira. Saí dali e consegui dirigir o carro, embora com o pé destroncado, até Ciudad Del Leste, onde fica a sucursal do *Diário de Noticias*, no qual eu tinha alguns amigos trabalhando, inclusive César Palácios. Ele me socorreu, foi um grande amigo. Juan Carlos Salina, um jornalista paraguaio, me levou para o consulado brasileiro para ter toda a assistência legal e ao Instituto Médico



## Mestres da Reportagem

Legal de Ciudad Del Leste. Lá constataram mais de 100 hematomas no meu corpo, entre chutes, batidas com pau, com corrente, enfim. Minhas costas ficaram em carne viva. Tudo aconteceu em uma terça-feira, 19 dezembro de 2000, por volta de 12h30, e eu só consegui chegar em casa por volta da meia-noite, depois de todos aqueles trâmites.

### Como foi a repercussão do caso?

**MK:** A agressão que sofri acabou sendo notícia internacional, foi veiculada pela *Reuters* e pela *France-press*. Pedi ajuda ao Juan Carlos Salinas e ele chamou toda a imprensa paraguaia para falar do caso. Então, no dia seguinte, a notícia era capa de todos os jornais do Paraguai e alguns veículos da imprensa brasileira também noticiaram. A repercussão foi grande.

*“A imprensa é um instrumento de busca da transparência nas relações de poder, no trato da coisa pública, do interesse público. Não são poucos os casos em que a gente vê o bom serviço do jornalismo.”*

**Mesmo com a agressão, você não desistiu da reportagem e ainda acabou aprofundando sua investigação. Que outras descobertas conseguiu fazer nesse trabalho jornalístico?**

**MK:** Quando voltei na terça-feira, por volta da meia-noite, para a casa, depois de todos os trâmites, eu não queria tão cedo escrever a matéria. Fiquei atormentado durante vários dias. Mas logo veio uma comichão em mim para escrever logo a história, é aquela ansiedade do jornalista de saber que tem um bom assunto nas mãos e de querer ver ele logo publicado. Então, embora estropiado, fui para a redação do jornal e, na quinta e na sexta, escrevi a matéria. A reportagem foi publicada no domingo 24 de dezembro, se não me falha a memória. O título era *Mãos às armas, meninos!* Nela, faço todo um contexto histórico de como esses adolescentes foram parar nos quartéis paraguaios. Não era por vontade própria. O serviço militar no Paraguai é obrigatório, assim como é no Brasil, mas aqui é meio flexível. Lá, adolescentes com 12, 13, 14 e 15 anos eram sequestrados e empurrados para os quartéis. Então eu tentei fazer uma busca histórica

do motivo disso e uma das explicações possíveis – não é a única – remonta à Guerra do Paraguai que, 130 anos antes, havia dizimado a população daquele país. Então, o Paraguai estava num processo de reconstrução de sua população masculina, não havia ainda adolescentes em idade militar em número suficiente para atender à demanda dos quartéis. Por isso, eles acabavam pegando menores para compor o contingente mínimo. E aí eles tinham de fazer um recrutamento ilegal, porque lá também o recrutamento ou alistamento militar se dá no ano que o adolescente completa 18 anos. As forças armadas do Paraguai faziam vistas grossas. Há muita corrupção lá dentro, e isso a gente conseguiu mostrar através de uma série de documentos que forjavam um contingente fictício de recrutas para poder aumentar o orçamento das forças armadas. Para mim, já estava de bom tamanho a reportagem. Passaram as festas de final de ano e aí, em meados de janeiro, me ligou um paraguaio se dizendo um oficial das forças armadas. Disse que tinha uma série de informações que eu não tinha descoberto. Ele me alertou que aquilo que eu descobri não era nem a ponta do iceberg. Outras informações começaram a chegar num volume tal que era impossível não voltar ao assunto. Esse oficial do exército paraguaio compareceu à sucursal do jornal *Estado do Paraná*. Me levou uma série de documentos, provas e tudo o mais que ele vinha juntando há muito tempo. Ele não sentia confiança na imprensa paraguaia, então resolveu me passar. E assim eu fiz a segunda parte dessa reportagem que foi publicada em abril de 2001, uma matéria muito mais ampla, com o título *Mentiras encobrem crimes nos quartéis*. Dessa vez, fiz a matéria num esquema diferente. Tinha uma senadora lá no Paraguai, a Elba Recaldi, do Partido Liberal Radical Autêntico (PLRA), um partido de oposição, que era uma fonte antiga minha. Ela montou um esquema para me proteger. Não era propriamente um esquema de segurança, mas me ofereceu mais tranquilidade para trabalhar. Fiz entrevistas com algumas fontes oficiais das forças armadas lá em Assunção e consegui uma série de outras informações com familiares de jovens que foram mortos nos quartéis do Paraguai. A segunda parte da reportagem, então, saiu muito mais forte que a primeira, ficou mais contundente, com muito mais subsídios e provas das irregularidades. Ao longo desse trabalho, consegui checar e confirmar a morte de 109 adolescentes de 12 a 18 anos em circunstâncias

## Mestres da Reportagem

misteriosas dentro dos quartéis do Paraguai de 1989 ao início de 2001, quando eu completei a matéria. Então, muitos jovens morreram espancados dentro dos quartéis ou eletrocutados fazendo serviço particular na casa de oficiais. Os adolescentes também eram usados para o tráfico interno de drogas dentro dos quartéis. Tinha uma mulher lá em Assunção, chamada Maria Nogueira, que tinha recém-criado a Associação dos Familiares de Vítimas do Serviço Militar Obrigatório no Paraguai. Ela me ajudou com muitas informações e eu levei um monte de outros dados para ela. Havia, portanto, um histórico de mortes recorrentes nos quartéis, só que a imprensa paraguaia noticiava esparsamente uma morte ou outra. Quando descobri que havia esse número grande, foi só juntar todos os casos num pacote e mostrar que não era algo pontual e esporádico, e sim sistemático.

**O que foi mais difícil, em termos de investigação jornalística, nesta reportagem?**

**MK:** Se você diz que há adolescentes prestando serviço irregular no Paraguai, o difícil é você conseguir provar isso. Então, por exemplo, foi difícil conseguir imagens de adolescentes nos quartéis. A gente conseguia mais nas delegacias de polícia, onde eles também faziam um rodízio. Mas a gente conseguiu com muito custo as imagens dos jovens. Uma parte que foi difícil também foi conseguir os documentos que comprovavam os desvios dos recursos do orçamento das forças armadas do Paraguai. Para isso, eu tive que contar com ajuda de jornalistas paraguaios. Quando uma fonte me contava alguma situação irregular, se ela não tinha documentos que comprovassem o que ela falava, eu tinha de correr atrás de outras pessoas que pudessem ter os documentos. E isso tinha de ser feito de forma discreta, para não vazar, porque é claro que tentam te cercar o máximo possível para você não conseguir aquela informação.

**A agressão que você sofreu gerou um processo, que acabou sendo arquivado pelo Ministério Público, por falta de provas. Como foi isso para você?**

**MK:** É verdade. Quando houve a agressão no dia 19 de dezembro de

2000, isso gerou uma investigação por parte do Ministério Público do Paraguai. O chefe da Polícia Nacional paraguaia em Ciudad Del Leste acabou me colocando numa saia justa, justíssima para falar a verdade. Um dia ele me convidou para ir à delegacia com o pretexto de conversar a respeito do assunto e, de repente, quando eu chego à sala dele, estão perfilados uns 30 ou 40 policiais. Aí ele me perguntou: “Qual deles te agrediu?” Eu olhando para a cara deles e eles olhando pra mim, ou seja, de uma forma intimidatória. Eu já havia falado de antemão que era difícil identificá-los por duas razões primordiais: primeiro, porque o policial que me abordou me deu um soco na cara e os meus óculos caíram – e na época eu usava óculos porque precisava mesmo, tinha miopia e astigmatismo –; segundo, porque os policiais estavam todos com um quepe na cabeça bem enterrado e grandes óculos de sol cobrindo parte do rosto. O chefe da polícia disse que aqueles eram os policiais que estava prestando serviço naquela região naquele dia, mas eu repeti que não dava pra fazer a identificação. Paralelamente a isso, ocorria uma investigação por parte do Ministério Público do Paraguai, sediado em Hernandarias, cidade vizinha. Eles me convocaram para fazer uma identificação. Não é uma prática da polícia paraguaia, mas eles improvisaram uma janela, colocaram uma tela e eu olhava pela fresta alguns policiais que estavam na parte de fora da delegacia. Me perguntavam se eu identificava algum daqueles, e eu falei da mesma forma que não tinha como identificar. Exatamente um ano depois da agressão, o Ministério Público do Paraguai arquivou o processo, alegando que não havia provas contra os policiais. Mas esse episódio não arrefeceu o meu ânimo de investigar assuntos como esse, que afetam sobremaneira o interesse público.

*“Tradicionalmente, o leitor recebe uma informação no jornal que já passou por uma série de filtros. O sociólogo tal diz um pedacinho da informação, o outro analista fala mais coisas. Só que essas fontes estão dando a visão delas de mundo, que é importante, mas não comporta toda a realidade. Daí a importância de o repórter ir para a rua.”*

**No livro *Narrativas de um correspondente de rua* você oferece ao leitor 15 reportagens suas que retratam problemas sociais do Paraná, mostrando dramas pessoais vividos em Curitiba e no interior. Na sua opinião, a reportagem tem mesmo essa missão de tentar mudar aspectos negativos da nossa realidade?**

**MK:** Eu acho que sim, é fundamental. Nas mais variadas formas de cobertura jornalística, temos visto que a imprensa tem contribuído muito com a sociedade brasileira, e em outros países isso também acontece. A imprensa é um instrumento de busca da transparência nas relações de poder, no trato da coisa pública, do interesse público. Não são poucos os casos em que a gente vê o bom serviço do jornalismo. Quando, por exemplo, denuncia o político que não cuida bem dos recursos públicos, quando denuncia casos de desvio de dinheiro dos cofres públicos, enfim, quando denuncia o mau administrador público. O papel do jornalismo é atuar na realidade e mudar aquilo que aparece de mais injusto. É injusto que uma pessoa que foi eleita democraticamente passe a se achar no direito de desviar recursos públicos, inclusive daqueles que o colocaram naquele lugar. É injusto também a gente ver um contingente tão grande de pessoas vivendo à margem de todos os direitos possíveis. São essas pessoas que compõem grande parte da minha reportagem, os excluídos, pessoas que vivem à margem dos direitos básicos, como moradores de rua e catadores de lixo reciclável. O que as pessoas que têm o poder econômico, o poder político ou o poder de mando em algum grupo ou comunidade querem? Quanto menos luz houver sobre os atos delas, melhor, porque assim elas podem fazer o que bem entendem. A imprensa é o facho de luz sobre a atuação de grupos políticos, criminosos e grandes corporações, que atuam em detrimento do interesse coletivo.

**Além da reportagem sobre os brasileiros que atuavam no serviço militar paraguaio, qual outra – dessas 15 matérias – deu mais orgulho de fazer e por quê?**

**MK:** Há vários casos. Eu poderia falar de cada uma dessas 15 reportagens, mas isso levaria horas. Então vou destacar rapidamente um projeto que eu comecei a fazer em 2004 pelas fronteiras brasileiras. Esse projeto de reportagem venceu o segundo *Concurso Tim Lopes de Investigação*

*Jornalística*, que é promovido pela Agência de Notícias do Direito da Infância [ANDI] e pelo Instituto WCF Brasil, com o apoio da UNICEF [Fundo das Nações Unidas para a Infância], da Organização Internacional do Trabalho [OIT], da Federação dos Jornalistas e da ABRAJI [Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo], da qual sou um dos diretores. É uma premiação diferente das tradicionais, como o *Esso*, o *Embratel* e o *Vladimir Herzog*. Nesses outros prêmios, eles reconhecem reportagens já feitas e já publicadas. Já nesse projeto se premia uma intenção de reportagem. Minha proposta foi vencedora e eu recebi uma bolsa para produzir a matéria. Comecei, então, a fazer a reportagem com o repórter fotográfico Albari Rosa, porque me identifico muito com a forma com que ele trabalha. Ele tem uma visão humanista do jornalismo, assim como eu. Conseguimos fazer um trabalho inédito na imprensa brasileira, que é percorrer como a mesma equipe toda fronteira do país, do Oiapoque ao Chuí. Outros veículos de imprensa, como a *Rede Globo*, já fizeram reportagens sobre as fronteiras brasileiras, mas apenas sobre algumas regiões da fronteira e trocando de equipe. Não foi a mesma equipe que percorreu toda a região para ter uma visão do todo. Fizemos isso. Ficamos três meses exclusivamente viajando pelas fronteiras, um mês na fronteira Sul e dois meses na fronteira Norte. Isso nos permitiu esboçar um retrato da fronteira como nenhuma equipe havia feito até então. E tínhamos um foco específico, que era mostrar a dinâmica do tráfico de pessoas, sobretudo o tráfico de crianças e adolescentes nas fronteiras para fins de exploração sexual-comercial. Em cada lugar, fomos entrevistando várias pessoas. Conseguimos traçar um mapa da dinâmica da exploração, mostrar de onde crianças e adolescentes eram levadas com o objetivo de exploração sexual. Foi um trabalho inédito, que nos custou muito tempo e um bom investimento, porque a primeira parte da reportagem foi custeada pela bolsa que ganhamos, mas a segunda parte foi *A Gazeta do Povo* que bancou. Foi muito prazeroso, até porque esse é o espírito do jornalista: botar o pé na estrada e tirar todos os filtros possíveis que existem entre nós e a realidade. Não é o fulano ou o sicrano que está me dizendo que está acontecendo aquilo. Sou eu que fui lá e vi. O jornalista hoje em dia, nas redações, está muito dependente desses filtros e fontes. Não queríamos isso. Tiramos esses filtros todos e fomos direto à fonte, sujando sola do sapato

## Mestres da Reportagem

para ver o que estava acontecendo e para poder mostrar a realidade ao nosso leitor com uma propriedade muito maior do que se tivéssemos dependido de fontes terceiras. Tradicionalmente, o leitor recebe uma informação no jornal que já passou por uma série de filtros. O sociólogo tal diz um pedacinho da informação, o outro analista fala mais coisas. Só que essas fontes estão dando a visão delas de mundo, que é importante, mas não comporta toda a realidade. Daí a importância de o repórter ir para a rua. Quando o repórter vai direto ao local estudar o fenômeno em campo, ele tem muito mais propriedade para escrever.

*“Normalmente, os jornalistas pegam uma pauta e, então, correm atrás de um personagem que se encaixe dentro dela, mas é preciso lembrar que, muitas vezes, é o personagem que vem atrás de você. Tenho vários exemplos disso, de personagens que deram origem a pautas muito boas.”*

### **Além da iniciativa de ir a campo, que características o repórter deve ter?**

**MK:** É difícil conceituar um bom repórter. Talvez em outras profissões você tenha mais parâmetros para poder definir um bom profissional. No caso do jornalista, o que fica mais evidente para o leitor, telespectador ou para o ouvinte é o texto, que é a carta de apresentação de quem trabalha na área, porque até mesmo em rádio ou TV a pessoa precisa ter um bom texto, precisa ter uma boa escrita para ser atrativo para quem está ouvindo ou vendo a matéria. Agora, sobretudo no impresso, não adianta você ter uma big de uma reportagem se você não conseguir transformar aquilo em palavras atrativas para segurar o seu leitor. Mas também não adianta você ter um texto bom, se o assunto não segura. Por isso a apuração é igualmente importante. Portanto, assim como o jornalista tem de ter um texto excepcional, ele tem de fazer uma apuração rigorosa, para não deixar nenhum vazio informativo na reportagem. O jornalista não pode terminar a matéria com um grande ponto de interrogação. No jornalismo, é fundamental juntar a estética do texto bem escrito com o conteúdo. Quanto ao conteúdo, é importante que o repórter vá a campo e esteja

preparado para perceber a história como um todo, não só ver, mas sentir, porque eu acho que a gente consegue captar informações não só vendo ou ouvindo, mas sentindo pelo olfato, pelo tato, tudo é informação. Em alguma medida podemos levar isso para o texto informativo

### **Existe, afinal, uma fórmula para a boa reportagem?**

**MK:** Eu costumo dizer que a boa reportagem tem três elementos. O primeiro é o personagem, que não pode ser um mero figurante. Normalmente, nas redações, os jornalistas pegam uma pauta e, então, correm atrás de um personagem que se encaixe dentro daquela história, mas é preciso lembrar que muitas vezes é o personagem que vem atrás de você. Tenho vários exemplos disso que, inclusive, estão no meu livro. Casos em que o personagem deu origem à pauta, e pautas muita boas. O personagem tem múltiplas funções dentro do texto jornalístico. Ele é capaz de provar para o leitor que nós [jornalistas] estamos tratando de pessoas, assim como ele. Com isso, o leitor consegue se identificar com a história que estamos retratando. Também costumo usar muitos dados nas minhas reportagens, por exemplo, os estatísticos. Existe jornalista que usa dados estatísticos toda hora e outros que não gostam de usar, pois acham que a matéria fica burocrática, mas eu acho que dá para chegar a um meio termo, porque com o dado estatístico você consegue dar uma dimensão para o leitor do fenômeno que você está tratando. O terceiro elemento importante são as fontes. É preciso escolher sempre as fontes mais qualificadas, conferir a maior credibilidade à informação. Costumo dizer que jornalista não é onisciente, onipresente e nem onipotente. Não sabemos de tudo, não estamos em todo lugar e não podemos tudo. Somos dependentes de outras pessoas. Se eu quero compreender um determinado fenômeno social, quem pode me ajudar a explicá-lo? Um sociólogo, ou pode ser um antropólogo e até um filósofo. Então, eu acho que as fontes são fundamentais, mas elas têm de ser usadas apropriadamente, conforme o trabalho que está sendo feito. Se você dispensar as fontes, você fica com um texto muito pedante, como se soubesse tudo e fosse autossuficiente. E também fica com uma visão única. As fontes nos ajudam a rever os nossos conceitos, podem trazer um questionamento que a gente ainda não tinha pensado ou um gancho para outra matéria. Fonte, quando eu digo,



## Mestres da Reportagem

não é só a pessoa física, pode ser um estudo científico, uma pedra que está no meio do caminho. Se você souber interpretar por que aquela pedra está no meio do caminho ou por que ela foi posta ali, pode chegar a um cenário bastante interessante.◆



**PAULA  
SCARPIN**

*“O capricho na  
elaboração  
dos textos  
é uma forma de  
seduzir o leitor”*



## Para a jornalista Paula Scarpin, os leitores continuam interessados em reportagens de fôlego; basta que elas sejam bem contadas

*Por Juliano Ramos, Júlio Basílio e Paulo César,  
com a colaboração de Eduardo Rodrigues*

Muitos reclamam que o investimento feito em reportagem não tem sido igual se comparado com o de algumas décadas atrás. Para os mais radicais, esse gênero jornalístico virou artigo de “luxo” na nossa mídia impressa, em detrimento de textos curtos e menos aprofundados, que não demandam muito tempo de produção e nem a custosa ida do repórter para a rua. Mas o fato é que, contrariando essas opiniões, novas publicações, que defendem menos pressa, mais qualidade e originalidade no conteúdo, vão surgindo. A *Piauí* é uma delas. A revista pratica um jornalismo de personalidade, que aposta na grande reportagem. A publicação foi lançada em 2006 e, desde então, tem conquistado a fidelidade de um público que, diferentemente do que se costuma apreçoar sobre o leitor atual, gosta de ler boas e longas histórias, desde que elas sejam bem contadas. Suas pautas fogem do convencional, revelando o delicado tratamento investido em cada tema. O texto também não segue os padrões burocráticos da imprensa *hard news*, tendo, muitas vezes, títulos longos, toques de ironia, humor e provocação. Para construir a narrativa, seus repórteres apostam nos pormenores de cada assunto, motivando o leitor.

Paula Scarpin, 28 anos, é uma jovem jornalista que se destaca no time da publicação. Formada pela USP (Universidade de São Paulo) em 2007, ela começou a trabalhar na revista ainda como estagiária: “quando soube que o jornalista Mario Sergio Conti e o documentarista João Moreira Salles

## Mestres da Reportagem

iriam lançar a revista, fiquei muito entusiasmada. Soube por uma amiga de uma oficina de jornalismo literário que seria ministrada na Flip (Festa Literária Internacional de Parati), e que selecionaria seis pessoas para estagiar por dois meses na *Pianú*. Consegui me inscrever e a minha reportagem foi uma das seis selecionadas. Depois dos dois primeiros meses de estágio, me convidaram para ficar mais seis meses, prorrogaram por mais seis, e eu fui contratada ao final desse período”.

Desde então, vem fazendo reportagens marcantes, que refletem uma maturidade maior que a de uma jornalista que tem apenas cinco anos de formação profissional. É uma “mestre da reportagem” não pelos anos de experiência acumulados (como vários repórteres entrevistados neste livro), mas pela responsabilidade e paixão com que trata esse gênero jornalístico.

Dentre muitas matérias interessantes feitas por Scarpin, destacam-se *O médico (e o) político* (perfil de Roberto Kalil Filho, cardiologista que tratou de vários figurões da política brasileira, como o ex-presidente João Figueiredo – 1979/1985) e *Rodas em ação* (perfil de João Grandino Rodas, reitor da Universidade de São Paulo – USP).

Antes da *Pianú*, Scarpin nunca tinha pisado numa redação. Sua experiência se limitava ao trabalho numa ONG, a *Repórter Brasil* (que luta contra o trabalho escravo), e à agência de notícias e jornais-laboratório da universidade. “Nesses jornais-laboratório, participávamos de todo o processo, desde a cobertura e fotos, passando pela redação, edição, diagramação das páginas, até a própria distribuição”.

Nesta entrevista, Scarpin fala sobre a sua trajetória, as peculiaridades do jornalismo feito pela *Pianú* e oferece conselhos preciosos para quem deseja ser um bom repórter.

### Quando e de que forma você começou no jornalismo?

**Paula Scarpin:** Eu fiz Jornalismo na Universidade de São Paulo (USP), e já tínhamos algumas experiências muito interessantes de jornais-laboratório, como a *Agência Universitária de Notícias*, o jornal *Notícias do Jardim São Remo* [voltado para uma comunidade próxima à Cidade Universitária] e o *Jornal do Campus*. Nesses jornais-laboratório, participávamos de todo o

## Paula Scarpin

processo, desde a cobertura e fotos, passando pela redação, edição, diagramação das páginas, até a própria distribuição. Durante a faculdade, me envolvi bastante em projetos de extensão universitária, como o Projeto Redigir [em que alunos de Jornalismo davam aulas de redação e gramática para pessoas de baixa renda], e minha primeira experiência profissional foi mais ligada a este mundo que ao jornalismo propriamente. Comecei numa ONG, a *Repórter Brasil*, voltada para o combate ao trabalho escravo. Eu era responsável pela produção de material didático, mas trabalhei também nas frentes, dando cursos para professores e líderes comunitários no Norte e no Nordeste do Brasil. De lá, só saí para trabalhar na *Piauí*, em 2007.

### Sempre quis ser jornalista? Alguém a inspirou?

**PS:** Não, na verdade eu estava bastante indecisa até durante a faculdade. Quem mais me incentivou a seguir essa profissão foi meu pai, que é comerciante, mas sempre foi um entusiasta do rádio. Ele era tão apaixonado pela notícia que acabou passando um pouco dessa febre para mim. Assistíamos juntos às Aventuras de Tintin, e eu comecei a ter vontade de sair pelo mundo procurando boas histórias.

“O capricho que temos na elaboração dos textos é uma forma de seduzir o leitor. Se o texto não for atraente, se a história não tiver drama, graça, suspense, ninguém consegue chegar até o final.”

### Como surgiu o convite para integrar o time de repórteres da *Piauí*?

**PS:** Não foi um convite, na verdade. Eu ainda era estudante de Jornalismo em 2006 quando soube que o Mario Sergio Conti e o documentarista João Moreira Salles iriam lançar uma revista chamada *Piauí*, e fiquei muito entusiasmada para participar do projeto. Na época, não me identificava com nenhum veículo em circulação no Brasil, e pretendia continuar no terceiro setor. Ao mesmo tempo, eu tinha vontade de apurar boas histórias e escrever. Antes mesmo de a revista começar, eu soube por uma amiga de uma oficina de jornalismo literário que seria ministrada na Flip, e

## Mestres da Reportagem

que selecionaria seis pessoas para estagiar por dois meses na *Piauí*. Consegui me inscrever na oficina e a minha reportagem foi uma das seis selecionadas. Depois dos dois primeiros meses de estágio, me convidaram para ficar mais seis meses, prorrogaram por mais seis, e eu fui contratada ao final desse período, assim que entreguei meu Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade de São Paulo.

**A *Piauí* valoriza bastante o gênero reportagem. A direção da revista passa algumas diretrizes técnicas para que seus repórteres realizem boas reportagens?**

**PS:** Não sei bem o que você quer dizer por diretriz técnica. Na verdade, o time de jornalistas da *Piauí* é bastante experiente, temos repórteres que eram editores de revistas como a *Veja* e a *Exame* quando foram contratados. Eu e alguns dos mais novos somos a exceção ali, e tratamos de aprender observando o trabalho dos colegas mais experientes e, claro, pedindo muitas orientações sempre.

**Os textos que você faz para a *Piauí* são muito bem trabalhados, próximo do jornalismo literário. Que dicas você oferece para que o jornalista consiga fazer esse tipo de texto?**

**PS:** Na verdade, acho que o que temos na *Piauí* é tempo para apurar bem as reportagens e espaço para contar as histórias. O capricho que temos na elaboração dos textos é uma forma de seduzir o leitor a gastar o tempo dele se debruçando sobre cinco, oito páginas sobre o mesmo assunto. Se o texto não for atraente, se a história não tiver drama, graça, suspense, ninguém consegue chegar até o final.

**A grande imprensa trabalha com um texto mais burocrático e mais curto. Embora hoje o perfil geral do leitor pareça ser o de uma pessoa que privilegia textos curtos, você acredita no futuro da grande reportagem, com um texto mais trabalhado?**

**PS:** Eu não tenho certeza de que o perfil geral do leitor de hoje seja o de alguém que privilegia os textos curtos. O que eu vejo é a abundância de informação proporcionada pela Internet criando uma necessidade de

se estar o tempo todo a par de tudo, o medo de estar desinformado. Por isso, o sucesso de comunicadores como o Twitter, que satisfazem essa ânsia de ter um panorama geral atualizado à disposição. Mas eu não acredito que os textos longos, as grandes reportagens, os livros, perderão espaço com isso – pelo contrário. A *Piauí*, por exemplo, está completando seis anos e o número de assinantes só tem crescido. A *New Yorker* não tem diminuído a tiragem. Eu acredito que a grande reportagem, bem apurada e bem escrita, é o futuro do jornalismo impresso. O conceito de “furo” ficou comprometido na imprensa escrita, é impossível competir com o bombardeamento de notícias *online*, mas sobra mais espaço para as análises dos articulistas, para a reportagem que não precisa ser feita da noite para o dia. Na Internet, você sabe de tudo um pouco, mas quando você quer se aprofundar melhor num tema que te interessa, você busca o texto mais longo.

| “Acredito que a grande reportagem, bem apurada e bem escrita, é o futuro do jornalismo impresso.”

**Em sua opinião, quais são os ingredientes de uma boa reportagem?**

**PS:** Acho que uma boa reportagem é uma história bem contada e traz alguma novidade. Pode ser o lado pouco conhecido de uma pessoa conhecida, pode ser a vida inusitada de uma pessoa comum, pode ser um panorama de uma situação que ninguém tenha feito antes. A apuração precisa ser exaustiva, mas os dados precisam servir ao sabor do texto, provocar emoção de alguma forma.

**Que características tem o bom repórter?**

**PS:** O bom repórter é alguém muito curioso, que sabe ouvir, que tem muita paciência para esperar o melhor momento de falar com alguém, que tem o olhar sempre atento para um detalhe que possa trazer sabor ao texto. Acho que o bom repórter se interessa por qualquer assunto, vê cada situação ou pessoa com olhos frescos e não viciados.



### **Qual foi a sua melhor reportagem, na sua opinião?**

**PS:** Tive a sorte de sempre poder escolher as reportagens que eu faria na *Pianú*, e me apaixonei por cada assunto de que eu tratei em todas as Esquinas [seção da revista que traz textos mais curtos] e nas reportagens longas: sobre criadores de pombos, o PAC [Programa de Aceleração do Crescimento] das favelas no Rio de Janeiro, o concurso de Miss Brasil, os moradores de Rua em Ipanema, o chef de cozinha analfabeto, o ídolo adolescente Luan Santana. Mas em minha opinião, eu consegui o melhor resultado com a reportagem sobre os três grandes tradutores de russo no Brasil: Boris Schnaiderman, Paulo Bezerra e Rubens Figueiredo.

### **Que técnicas você utilizou para fazer essa reportagem que você considera que foi a melhor?**

**PS:** Eu já havia lido algumas obras de Tolstói e Dostoiévski, mas estou a quilômetros de ser especialista no gênero. Apesar de a ideia da reportagem ser a tradução do russo, a história desses três tradutores na atividade, eu tinha muito medo de escrever alguma bobagem. Então li muitos artigos, teses, dissertações, entrevistei muitas pessoas que pudessem me munir de informações antes de começar as entrevistas com os três. Encomendei livros com todas as traduções disponíveis de cada obra, comparava trechos. Minha casa virou uma bagunça de livros, papéis e anotações soltas por todos os lados! E, mesmo assim, durante as entrevistas, brinco que adotei uma técnica “psicanalítica”: deixava-os falando, fazia pouquíssimas perguntas e interrompia o mínimo possível.

### **A reportagem parece ser um gênero que cada vez é menos trabalhado na grande imprensa. Qual é a sua opinião sobre isso?**

**PS:** Eu não sei se vivo numa bolha, mas eu não vejo assim. Como eu disse, antes do surgimento da *Pianú* eu tinha pouco interesse nos veículos em que eu poderia trabalhar com o diploma de jornalista embaixo do braço, mas acredito que este cenário mudou bastante desde então. Claro que a *Pianú* ainda é um oásis de tempo e espaço, e trabalhar aqui é um privilégio, mas vejo a reportagem ganhando muito espaço em outros veículos. As três grandes semanais [*Veja*, *Época* e *IstoÉ*] têm tido iniciativas

de reportagens bastante interessantes, os próprios jornais têm dado mais espaço para as matérias longas e bem apuradas. A *Trip* e *Rolling Stone* têm feito um bom trabalho também. Até na televisão os programas de reportagem têm ganhado espaço, como o *Profissão Repórter*, da *Globo*, e o *Domingo Espetacular*, da *Record*.

### **É importante para o repórter se especializar em uma área específica?**

**PS:** Eu sou muito curiosa por muitos assuntos diferentes, e teria bastante dificuldade para eleger uma área para cobrir. Por sorte, nunca precisei fazer isso. Mas o Jornalismo é uma carreira tão ampla e diversificada que existe espaço para todos os tipos de profissionais, com todos os interesses em assuntos e estilos diferentes. Existe espaço e demanda para jornalistas especializados em economia, esportes, políticas, direitos humanos, saúde, trabalho, cultura. Mas independentemente do seu interesse e onde você está empregado, é importante ler de tudo e não se fechar na sua pauta. Não apenas pela máxima “você nunca sabe o dia de amanhã” – e pode ser que amanhã você seja chamado para passar do caderno de Cultura para o de Esportes –, mas também porque quanto mais repertório você tem, mais rico o seu texto sai. O jornalista esportivo argentino Juan Sasturain, por exemplo, fez um texto maravilhoso chamado “Lionel Messi, autor del Quijote”, narrando um gol de Messi que era muito parecido com um gol de Maradona. Mas o título fazia uma referência ao conto “Pierre Ménard, autor del Quijote”, de Jorge Luís Borges, sobre um escritor que tentou tanto superar o Dom Quixote que acabou escrevendo um livro idêntico ao de Cervantes. Sasturain trouxe uma graça para a história que só foi possível graças ao seu contato com a literatura.

### **Como é para você trabalhar em uma revista que dá ao repórter total liberdade para escrever as matérias?**

**PS:** É um privilégio sem tamanho, e eu tento fazer o melhor uso possível dessa liberdade, lendo exaustivamente sobre o assunto que eu devo tratar, conversando com o máximo de pessoas que podem me dar boas ideias sobre como abordar um tema e produzindo o texto com muito cui-

## Mestres da Reportagem

gado. Como eu nunca trabalhei em outro veículo, só posso comparar pelo que ouço dos meus amigos e do que eu vejo quando encontro outros colegas na mesma apuração. Eu entendo a necessidade do jornalismo *hard news* e da preocupação dos veículos diários e semanais em fazer uma cobertura mais imediata possível. Mas acredito que cada vez mais os jornais e as revistas investirão numa cobertura mais extensiva, e separarão pelo menos uma parte da sua equipe para fazer uma cobertura com mais fôlego. Pensei nisso a primeira vez quando fiz a cobertura do PAC das favelas com a minha colega Cristina Tardáguila. Quando acompanhávamos a inauguração de um apartamento popular com o governador, por exemplo, víamos os colegas de TV e jornal desesperados para conseguir informações como a metragem dos imóveis, datas e outros dados técnicos. Eles precisavam ter tudo pronto para seguir logo para outra reportagem. Não havia tempo para fazer uma reflexão sobre essa ação do Governo num território onde ele tinha passado de ausente a inimigo. Nós só pudemos fazer isso porque tivemos o privilégio de acompanhar o início das obras por meses antes de começarmos a escrever.

“Não é uma profissão fácil, e nossa presença não é bem-vinda na maioria das vezes. É um trabalho de paciência e persistência, de bom humor para não sucumbir às frustrações. Mas vale muito a pena.”

### Quais as dificuldades encontradas para desempenhar a função de repórter?

**PS:** Não faltam dificuldades: desde entrevistados que não querem falar, assessores de imprensa que parecem mais “embarreiradores” de imprensa, chá de cadeira, dados difíceis de apurar ou de comprovar, histórias delicadas de contar. Não é uma profissão fácil, e nossa presença não é bem-vinda na maioria das vezes. É um trabalho de paciência e persistência, de bom humor para não sucumbir às frustrações. Mas vale muito a pena. Eu não consigo pensar em nenhuma outra profissão em que eu, ao me interessar por um assunto, possa ligar para uma pessoa e dizer: “Eu quero conversar com você sobre isso, quero acompanhar tal coisa com você”. É um privilégio. ♦



# **PERCIVAL DE SOUZA**

***"No Brasil,  
muita coisa só  
acontece em face  
da ação  
da imprensa"***



## Para Percival de Souza, o bom jornalista não é um burocrata da notícia, mas aquele que sabe encontrar uma boa história

Por Camila Florentino, Karina Martins e Marcelo Barbosa

Percival de Souza tem quatro décadas de jornalismo. Foi um dos fundadores do *Jornal da Tarde*, para o qual cobriu as atividades do temido Esquadrão da Morte, organização marginal comandada pelo regime militar.

Chegou a ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional [decretada em 18 de setembro de 1969, estipulava o exílio e a pena de morte em casos de “guerra psicológica adversa, ou revolucionária, ou subversiva”]. A experiência jornalística no período da ditadura levou o repórter a escrever dois livros: *Autópsia do medo - vida e morte do delegado Sérgio Paranhos Fleury* (Editora Globo, 2000) e *Eu, Cabo Anselmo* (Editora Globo, 1999), sobre o agente duplo que atuou a serviço do regime militar.

Nascido na cidade de Braúna, interior de São Paulo, é considerado um dos principais repórteres do jornalismo policial brasileiro. Ganhou quatro prêmios *Esso*. Escreveu 16 livros e recebeu Menção Honrosa do 25º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos de 2003, na categoria *Livro-reportagem*, com a obra *Narcoditadura: o caso Tim Lopes, crime organizado e Jornalismo Investigativo no Brasil* (Labortexto Editorial, 2002). Durante essa última investigação, diz que enfrentou o medo com a mesma determinação do jornalista que foi brutalmente assassinado: “Quis fazer uma homenagem póstuma ao meu amigo, grande repórter, completando o que a morte dele interrompeu”.

Nesta entrevista, além do caso Tim Lopes, Percival destaca as características do bom repórter, define a reportagem como “a alma do jornalis-

## Mestres da Reportagem

mo” e revela detalhes de coberturas marcantes, como o assassinato da menina Isabella Nardoni.

### Como surgiu o seu interesse pelo jornalismo?

**Percival de Souza:** Surgiu na adolescência, com a atração pelo ato de escrever e de apreciar a literatura. Depois, trabalhando na *Folha de S. Paulo*, ainda como contínuo, conheci grandes figuras do jornalismo brasileiro. Me imaginei sendo como um deles algum dia. Esse dia chegou.

### De que forma você começou a trabalhar na área?

**PS:** Fui convidado para ser um dos fundadores do *Jornal da Tarde* [em 1966]. Mino Carta, o diretor de redação, queria inovar em todas as áreas de cobertura, inclusive a criminal. Recebi essa missão.

“Sou de uma geração que lia muito, discutia um lead, debatia o enfoque, escolhia de quem era o melhor texto para determinada reportagem. Vibrávamos juntos com a matéria bem feita.”

### Você ganhou quatro prêmios *Esso*. Com toda sua experiência, qual é o segredo para uma boa reportagem?

**PS:** Ter o domínio sobre o que considero a arte de reconstrução dos fatos, prestando atenção com sensibilidade em cada detalhe, em cada personagem, e depois saber contar bem o que viu e ouviu.

### A grande imprensa hoje parece não privilegiar a reportagem. Os veículos preferem a notícia, um texto mais rápido e menos analítico. Qual é a sua opinião sobre isso?

**PS:** A preferência por textos curtos revela pressa. Mas todos os veículos com densidade no texto obtêm sucesso. Os jornais de maior circulação no país investem muito nas edições dominicais, e isso demonstra que bom texto, mesmo sendo mais longo, tem o seu público. É só examinar, por exemplo, o *Estadão*, a *Folha* e *O Globo* para constatar isso. Sem contar a reconhecida revista *Piauí*, que é consagrada pelo bom texto, e as revis-

tas semanais que destacam matérias de texto longo. Todas elas possuem excelente tiragem.

**Qual é a importância da reportagem para o jornalismo?**

**PS:** Ela é a alma do jornalismo. Nem sempre o próprio jornalismo percebe isso, mas esta é a verdade.

**Como você define um bom repórter? Que qualidades ele deve ter?**

**PS:** Como pessoa arguta, perspicaz e obstinada, ele sabe descobrir onde está uma boa história. Sabe apurar, escrever, ouvir e contar. É uma arte.

**Qual é o maior pecado que um repórter pode cometer?**

**PS:** Ser atropelado pela notícia. Ser foca eterno. As coisas estão perto dele e ele não vê. É um burocrata da notícia, não exatamente um jornalista, do qual a sociedade muito espera.

**Os estudantes de jornalismo têm saído da faculdade preparados para a reportagem?**

**PS:** Dificilmente. Chegam à redação precisando de preparo, precisando se despir de preconceitos. Se forem talentosos, perceberão logo quem faz as melhores matérias e procurarão aprender com essas pessoas. Se derem uma de “sabe tudo”, *a priori*, estarão perdidos.

**A reportagem veiculada na mídia pode mudar a sociedade e as leis ou só fica no campo da denúncia, sem conseguir transformar a realidade?**

**PS:** A reportagem tem a função de informar tudo da melhor maneira possível, o que, aliás, é profundamente político. A partir daí, isto sim, as instituições passam a se mexer. No Brasil muita coisa só acontece em face da ação da imprensa. É um vácuo acreditar em “ficar só no campo da denúncia”. As responsabilidades sociais precisam ser muito bem divididas.



## Mestres da Reportagem

**Você foi um dos fundadores do *Jornal da Tarde*, um veículo que, desde o início, valorizava a reportagem. Na fundação do jornal houve alguma orientação aos jornalistas do grupo para privilegiar esse tipo de texto?**

**PS:** Sim, desde o começo. O *JT* chegou a ser o melhor jornal de reportagem do país. Sou de uma geração que lia muito, discutia um *lead*, debatia o enfoque, escolhia de quem era o melhor texto para determinada reportagem. Vibrávamos juntos com a matéria bem feita. Procurávamos aprender com os melhores e ler os bons exemplos de reportagem e de textos literários.

*“História não tem lado. É História, e não panfleto. Contar tudo, sempre foi meu objetivo, despreocupado em agradar ou desagradar, a não ser a minha própria consciência, que considero um lampejo divino.”*

**Na redação do *JT*, nos anos 70, você enfrentou a ditadura militar. Como era trabalhar sob vigilância? Houve muitas intervenções por parte dos militares?**

**PS:** Você tinha limites intransponíveis. Era preciso exercitar a arte de escrever com inteligência para burlar os burocratas da censura. Éramos perseguidos, processados pela draconiana Lei de Segurança Nacional. Havia uma polícia política, como no livro *1984*, de George Orwell. Chamava-se DOPS, o temido Departamento de Ordem Política e Social.

**Você chegou a ser preso e torturado?**

**PS:** Não, mas fui perseguido. Precisei retirar minha esposa de casa quando ela tinha oito meses de gravidez e escondê-la na casa de um amigo. Fui “enquadrado” na tal Lei de Segurança, para ser julgado por um em Tribunal Militar.

**Muitos jornalistas acabam se tornando escritores para que possam desenvolver melhor grandes reportagens, o que nem sempre**

**é possível dentro dos veículos jornalísticos. Você se tornou escritor também por essa razão?**

**PS:** De certo modo, é uma compensação, mas me tornei escritor essencialmente pela oportunidade do aprofundamento, para mostrar que sei escrever. Ajuda a eliminar frustrações. Temos excelentes jornalistas e escritores, fazendo inclusive papel de historiadores.

**Quais são os maiores desafios quando se pretende escrever um livro-reportagem?**

**PS:** Saber descrever com minúcias, valorizar cada detalhe, aprofundar-se ao máximo e desenvolver uma narrativa que possa, por exemplo, ter a capacidade de apuração de um Truman Capote, no livro *A Sangue Frio*, e o jeito sensível de escrever de Gay Talese, na obra *Fama e Anonimato*. Se perceber que Euclides da Cunha dá uma aula de reportagem em *Os Sertões*, melhor.

**Você tem um estilo de texto bastante atrativo, próximo da literatura, que prende a atenção do leitor. Você se inspira em algum jornalista para escrever dessa forma?**

**PS:** Gostava muito de Marcos Faermann (ex-JT), de alguns cronistas, mas basicamente são os escritores que me inspiram. A lista é longa, de Thomas Mann a Scott Fitzgerald.

**No livro *Autópsia do Medo – Vida e morte do delegado Sérgio Paranhos Fleury* você traz revelações surpreendentes sobre como agia o Esquadrão da Morte. Você faz relatos chocantes e conta, inclusive, que perdeu amigos na guerra entre militares do DOI-CODI, guerrilheiros e agentes do DOPs. Como conseguiu fazer um relato jornalístico isento?**

**PS:** Porque eu já era jornalista tarimbado, experiente, amadurecido, consciente de que não faria nada do tipo Sidney Sheldon e sim algo para entrar na bibliografia de Elio Gaspari. História não tem lado. É História, e não panfleto. Contar tudo, sempre foi o meu objetivo, despreocupado

## Mestres da Reportagem

de agradar ou desagradar alguém. Fui fiel a minha própria consciência, que considero um lampejo divino.

### **A imparcialidade é possível no jornalismo?**

**PS:** A imparcialidade é contar o que aconteceu – quem, onde, como e por quê. Fraser Bond ensinou isso há décadas. A discussão pode ser ideologizada, acadêmica, teorizada. O jornalista é dinâmico. Um ser humano, suscetível a arroubos, falhas, ímpetos. Não é um robô.

**Ainda sobre o livro *Autópsia do Medo*, o que foi mais difícil no seu trabalho investigativo? Por exemplo, como foi arrumar fontes dispostas a falar sobre aquele período, uma época de tanto medo e perseguição?**

**PS:** Tive de relacionar 117 pessoas que tinham o contexto daquele período em suas cabeças. Localizá-las e convencê-las a falar. Não foi nada fácil. Gastei dois anos na finalização do livro. Larguei tudo para elaborá-lo. Só isso já é uma decisão. Sumi do mapa para cuidar da obra.

“No período militar, era preciso exercitar a arte de escrever com inteligência para burlar os burocratas da censura.”

**Na biografia *Eu, Cabo Anselmo*, você reúne relatos preciosos de policiais, ex-militantes e militares. Qual é a sua conclusão sobre a personalidade e o perfil do Cabo Anselmo, após tanta pesquisa?**

**PS:** Ele foi militante na guerra revolucionária, foi cooptado e tornou-se um traidor. Levou ex-companheiros à prisão e à morte, inclusive sua mulher, que estava grávida. O que fiz foi a reconstituição da história dele.

**Em entrevista ao *Canal Livre*, da *TV Bandeirantes*, em 2009, o cabo Anselmo afirmou que não se considera um traidor. Segundo ele, naquela ocasião ele teria feito uma escolha certa em favor do povo brasileiro. Qual é a sua opinião sobre isso?**

**PS:** É uma estratégia para escapar da pecha de Judas. “Escolha certa em favor do povo brasileiro” é demais..

Você escreveu também a obra *Narcoditadura: o caso Tim Lopes, crime organizado e Jornalismo Investigativo no Brasil*, que lhe rendeu uma menção honrosa no prêmio *Vladimir Herzog*. Você era amigo do jornalista. Foi isso que o motivou a escrever o livro?

**PS:** Quis fazer uma homenagem póstuma ao meu amigo e grande repórter, completando o que a morte dele interrompeu.

Algumas pessoas dizem que a morte de Tim Lopes foi culpa do próprio jornalista por ter se arriscado. Qual é a sua opinião?

**PS:** Isso é uma heresia e um desrespeito. Coisa de gente que não sabe o que é reportagem e muito menos fazer uma.

Em algum momento você ficou com medo de alguma represália dos traficantes?

**PS:** Enfrentei o medo com a mesma determinação do Tim. Disse para mim mesmo: “esses crápulas não vão me impedir de fazer este trabalho”. Deixei para pensar no medo depois. Só contei para minha mulher que estava envolvido nesta reportagem quando voltei do Rio de Janeiro.

Seu último livro *O crime quase perfeito*, de 2010, é uma ficção inspirada em fatos reais. Você mostra que muitas vezes o criminoso é motivado por fatos banais. Em todos esses anos na cobertura policial, qual foi o criminoso que mais o chocou?

**PS:** É difícil selecionar um caso pela brutalidade. Tenho quatro décadas de trabalho na área. Já vi de tudo, ou quase tudo. Mas são os casos que envolvem crianças que me chocam mais.

**Por que resolveu escrever uma ficção?**

**PS:** Sempre tive essa vontade. Em literatura, a ficção é muito valiori-

zada. Depois de 16 livros publicados, achei que estava em condições de me aventurar.

**O que o motivou a se especializar em jornalismo investigativo, nas áreas de segurança e criminologia?**

**PS:** O princípio foi o *JT*. Acharam que eu dei certo. Então, já que iria ficar na área, resolvi me aprofundar, com especializações. Hoje, sou consultor da Comissão de Segurança Pública da OAB-SP [Ordem dos Advogados do Brasil – seccional de São Paulo]. É uma honra e um reconhecimento.

**Qual é o papel do jornalista investigativo?**

**PS:** Trazer à tona fatos que pessoas ou grupos – moralmente eunucos – querem manter submersos. É delicioso frustrar esse tipo de gente.

**Você vive tão intensamente o jornalismo que durante a cobertura do caso Isabella Nardoni [garota Isabella Oliveira Nardoni, 5 anos, que, segundo a Justiça, foi assassinada em 2008 por seu pai e sua madrasta] você foi submetido a uma cirurgia e, poucos dias depois, já estava trabalhando. É necessário mesmo todo esse vigor?**

**PS:** Dediquei-me em corpo e alma a essa cobertura. Isabela lembrava a minha netinha, Júlia. Usei todo o meu *know-how* no assunto. O vigor, a vontade e a busca são fatores indispensáveis, que nos alimentam e nos movem.

**O que mais o chocou no caso Isabella?**

**PS:** Ver as fotos da menina sem vida, estatelada, após ser arremessada do quinto andar, e estar no apartamento onde tudo aconteceu. Ela sofreu muito, no mais absoluto silêncio dos inocentes. Foi cruel, brutal, chocante. Psicologicamente, fiquei um trapo diante de tanta maldade.

**Você acredita que os pais realmente cometeram o crime?**

## Percival de Souza

**PS:** Não tenho a menor dúvida. Conheço o caso na palma da mão, em todos os aspectos.

“O jornalismo investigativo traz à tona fatos que pessoas ou grupos – moralmente eunucos – querem manter submersos. É delicioso frustrar esse tipo de gente.”

**Você é comentarista de segurança da Rede Record. Como se organiza para interpretar as notícias para a população?**

**PS:** Vejo os assuntos do cotidiano. Diante dos principais fatos, consulto minhas fontes para fazer os comentários adicionais aos VTs [videoteipes], com bastidores e revelações. Sou cartesiano, exigente comigo mesmo.

**Quem são seus inspiradores no jornalismo?**

**PS:** José Hamilton Ribeiro, que me estendeu a mão para debutar; Mino Carta, pai de *Quatro Rodas*, *Jornal da Tarde*, *Veja*, *Isto É* e *Carta Capital*; e Murilo Felisberto, que lia tudo e tinha um texto impecável.◆



# REGIANI RITTER

*"Eram 600 homens  
contra uma mulher  
fazendo futebol"*







## Pioneira na cobertura esportiva feminina, Regiani Ritter relembra momentos marcantes de sua trajetória

*Por Ana Lucia Tibaldi e Ester Vitkauskas*

Ela adentrou vestiários masculinos de times de futebol para entrevistar jogadores ainda nus, num período em que a mulher-jornalista sofria muito mais com o preconceito e a discriminação, principalmente em Esportes, uma editoria que era tratada como “menor”.

A cada cobertura, foi ganhando respeito do público e da mídia do setor, não só pelo seu profissionalismo, mas por buscar um diferencial nas suas reportagens. “Sempre acrescentava algo que os macacos velhos esqueciam, porque eles não precisavam anotar nada, mas eu anotava tudo”.

Em função de tanto trabalho, ousadia e talento em quase 40 anos de carreira, acabou se tornando referência para todas as mulheres que desejam atuar no jornalismo esportivo. Tanto que virou nome do prêmio da Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo – o troféu que a ACEESP oferece hoje aos melhores profissionais da área se chama *Regiani Ritter*.

Atriz e jornalista, Regiani é uma profissional completa. Nasceu em Ibitinga (interior de São Paulo), em 7 de fevereiro de 1947.

À primeira vista, parece ser uma pessoa tímida e frágil. Mas basta ela pronunciar algumas palavras e uma mulher de personalidade forte é revelada. Fala o que pensa sem pestanejar, com convicção.

Começou no jornalismo em 1983, convidada por Pedro Luiz, ex-comentarista da *Rádio Gazeta*. Em 1991, foi escolhida a melhor jornalista esportiva do Estado de São Paulo em eleição do jornal *Unidade* do Sindicato dos Jornalistas de SP.

## Mestres da Reportagem

Em 1994, cobriu a Copa do Mundo nos Estados Unidos, experiência que ela considera como bastante enriquecedora: “Somando tudo, foram quase três meses: 84 dias de eliminatórias e 55 dias de Copa”.

De repórter, passou a atuar como cronista e comentarista. Hoje apresenta o programa *Disparada no Esporte*, da *Rádio Gazeta AM*, das 11h às 12h e das 12h às 14h.

Nesta entrevista, a jornalista relembra sua trajetória, fala dos bastidores de algumas de suas entrevistas e comenta a atual cobertura que é feita pela mídia esportiva: “Hoje não é mais possível ignorar que o futebol é uma fábrica geradora de empregos, e é um mercado milionário. Os departamentos de jornalismo dessas emissoras deram ao Esporte o espaço que ele merece, principalmente ao futebol. Porém, esse espaço não está sendo bem aproveitado por todos. Há uma falta de criatividade muito grande, uma falta de evolução do jornalismo, da reportagem principalmente”. Confira!

**Você atuava como atriz quando apareceu a oportunidade de trabalhar no jornalismo. Como isso aconteceu?**

**Regiani Ritter:** Esta oportunidade surgiu em 1983, por meio de um convite que recebi do Pedro Luiz [ex-comentarista e chefe de Esportes da *Rádio Gazeta*]. Ele me ofereceu a oportunidade de fazer um programa voltado para a família. Respondi que não. O que queria mesmo era fazer um programa que falasse de política, ou algo assim. Foi quando ele mencionou o Esporte. Gostei da ideia e do desafio. Ele perguntou se eu entendia de futebol, respondi que não, mas aceitei.

**Como foi este começo?**

**RR:** No início, achei que tudo seria uma brincadeira, mas não foi. Tive de trabalhar muito para mostrar minha capacidade e competência. Comecei cobrindo o repórter do Pedro Luiz, só que na hora de ir para o campo, que é o gostoso, eu não era escalada. Passei a cobrar todo mundo, queria estrear no campo. Cobrei a assessora de produção Malu Gouveia, a produtora Sonia Peixoto e o próprio Pedro. Foi então que ele me escalou para um posto em rádio. Este posto era muito importante, porque invari-

avelmente vai só o repórter. Ele que dá todas as informações e conta os lances do jogo para o narrador, que está no jogo principal. Eu fiquei muito feliz. Seria meu primeiro passo. Estando sozinha lá, ou eu aprendia ou aprendia. Minha estreia seria em julho, num jogo da Portuguesa. Mas, no dia seguinte, a escala do posto estava riscada com um “X” enorme feito à caneta. Não acreditei. A Malu foi orientada a me dizer que se tratava de problemas técnicos. Fui tirar satisfação com os superiores e me informaram que o nosso chefe, não o geral, mas o da rádio, que na época era Ferreira Neto, disse que a voz feminina podia tirar a credibilidade da informação esportiva. Na hora me lembrei e citei a Lillian Witte Fibe da *TV Globo*, que era comentarista econômica. Na época, ela estava no auge. Questionei: “Ela tira a credibilidade da informação?”. Nada adiantou. Mesmo inconformada tive de aceitar e fui ficando. Até que em uma festa de confraternização de final de ano eu conheci o Roberto Avallone, que tinha o programa *Mesa Redonda* na *TV Gazeta*, e era o gerente de Esportes. Ele me chamou para cobrir as férias do Cléber Machado, que na época era repórter da emissora. A primeira matéria que ele me deu foi um especial da saída do Luís Pereira do Palmeiras [considerado o maior zagueiro central do Palmeiras no período de 1968 a 1974], um “jogadorzaço”. Não era uma saída comum. Era uma saída muito triste. Foi uma matéria especial. Fiquei contente.

“*Eu não podia errar. Eram 600 homens contra uma mulher fazendo futebol e outras poucas na produção. No caso de qualquer erro, iria ouvir: Volta pra a cozinha!*”

### **Quando ocorreu finalmente a sua tão sonhada estreia no campo?**

**RR:** Foi na segunda escala que recebi. Era para fazer um jogo no Pacaembu, gravar o teipe do jogo que seria transmitido mais tarde. Imaginem a minha alegria? Não me perguntem que jogo era, só sei que era no Pacaembu. Não me perguntem também quem com quem, quem ganhou ou perdeu... Eu estava tão feliz, tão vibrante, tão espetacularmente feliz que não me lembro de nada. Fui para o meu primeiro jogo. Como era TV e eu ia gravar o videoteipe, entraria faltando 10 minutos antes do jogo

## Mestres da Reportagem

começar. As emissoras de rádio entravam 10 horas antes, eu fui cedo para o estádio, e fiquei por perto dos bons repórteres. Eu sabia quem eram os bons. Tudo era uma descoberta e novo para mim. Comecei a anotar o que via e ouvia. Tenho uma facilidade muito grande de assimilar as coisas. Não podia errar. Eram 600 homens contra uma mulher fazendo futebol e outras poucas na produção. No caso de qualquer erro, iria ouvir: “Volta para a cozinha”. Nunca tinha feito uma escalação na minha vida, mas na hora da gravação eu tinha a escalação completa. Eu tinha a escalação do mandante *versus* visitante, dos reservas, a posição de cada reserva, até a idade eu tive o cuidado de anotar. Marquei quem era arbitragem, quem era o auxiliar um, o auxiliar dois – na época era bandeirinha um, dois –, quem era o delegado da federação, o representante da federação, enfim... Essa minha primeira cobertura em campo foi ótima, não me comprometeu. Meu objetivo principal era não comprometer. No quarto ou quinto jogo, eu comecei a ousar mais. Sempre acrescentava algo que os “macacos velhos” esqueciam, porque eles não precisavam anotar nada, mas eu anotava tudo. No décimo jogo eu já dava as cartas.

### **Qual foi a situação mais machista que você enfrentou dentro da cobertura esportiva?**

**RR:** Eu estava há um ano entrando no vestiário do São Paulo, como setorista, com total liberdade. Um dia, o vestiário estava muito lotado de conselheiros e assistentes e um deles mandou eu sair dizendo que a entrada de mulher ali era proibida. Saí, mas pensei: “Espera aí! Esse cara enlouqueceu”. Nessa hora, o diretor de marketing Carlos Caboclo me viu lá fora e perguntou o que eu estava fazendo ali. Num tom de brincadeira disse para eu ir trabalhar. Aproveitei e respondi que eu não podia entrar, porque um “amigão” dele me mandou sair do vestiário. Surpreso, ele me propôs entrar com ele. Respondi que era profissional e que não precisava de favor para entrar. Ele voltou com o presidente do São Paulo, que na época era o Carlos Miguel Aidar. Respeitou minha decisão de não voltar ao vestiário, mas pediu que eu mostrasse quem era o indivíduo. Concordei com uma condição: a de poder assistir à conversa deles de longe. Apontei o indivíduo. Era um cara arrogante, de um metro e noventa de altura, usava camisa italiana, sapato de cromo alemão, terno caríssimo.

Sentei e assisti de camarote à cena. O presidente Carlos Miguel gesticulava e apontava o dedo na cara do indivíduo. Comecei a ficar constrangida, porque o cara foi ficando pálido. Tentei buscar o caminho da saída do vestiário, mas não deu tempo. O grandalhão se aproximou e pediu desculpas, querendo que eu o perdoasse, pois alegou não saber que eu era uma profissional da imprensa. Respondi que quem perdoa é Deus, e que eu não era Deus. Pedi para que ele parasse de me dirigir a palavra, porque estava me incomodando mais agora do que antes. Expliquei que anteriormente pelo menos ele tinha sido autêntico, espontâneo, embora grosseiro, mas agora estava sendo ridículo. Mas o pior veio em seguida. Ele voltou cinco minutos depois com uma caixinha de vinhos de São Roque, que custa uns R\$ 2,00, tentando comprar meu perdão. Foi revoltante. Perguntei se aquele era o preço das mulheres da família dele e disse: “Mulher da minha família não tem preço”. O único motivo da insistência dele era para não ser punido pelo presidente. Quando comecei a falar o que pensava sobre ele, que era mesquinho, abjeto, vil e idiota, ele saiu, desapareceu. Essa situação foi uma das piores.

**Você foi a primeira mulher a entrar nos vestiários para entrevistar os jogadores. Chegou a encontrar os atletas nus e não se intimidou. Quando foi a primeira vez que isso aconteceu?**

**RR:** Já cobria jogos há algum tempo quando entrei num vestiário pela primeira vez. Quando terminava a partida, todos os jogadores iam para o vestiário, eu ficava do lado de fora esperando o meu câmera ou meu operador de rádio me avisar quando os jogadores já estavam parcialmente vestidos. Um dia, numa quarta-feira gelada, no Morumbi, o São Paulo perdeu para o Coritiba por 1x0. A torcida estava furiosa. Embora em pequeno número, cerca de dois mil torcedores começaram a xingar e jogar objetos em todos os que estavam dentro do campo. Eu fiquei na porta do vestiário para entrevistar o Cilinho, [Otacílio Pires de Camargo], técnico do São Paulo, e adiantar meu trabalho. Assim que comecei a entrevistá-lo, ele sugeriu que fossemos para o vestiário, pois estava chovendo pilha, sapato, pedra... tudo mandado pelos revoltados torcedores. Expliquei a ele que eu não entrava de cara com os jogadores, que eu esperava eles se vestirem para eu entrar. Ele argumentou que eu não entrava porque não

## Mestres da Reportagem

queria, afinal eu era profissional. Pegou no meu braço e me levou pelo túnel ao vestiário que ainda não estava aberto para a imprensa. Sempre levava uns 10 minutos após o término da partida para ser aberto aos repórteres. Quando entrei, todos os jogadores estavam completamente nus andando pelo vestiário.

### O que você sentiu? Como foi a reação dos jogadores?

**RR:** Olha... Foi preciso muita cara e coragem. A primeira vez a gente nunca esquece. Quem olhava para mim, não percebia, mas meu coração fazia “tutu, tutu, tutu”. Eu pensava: “Eles vão me matar! Eles vão me tocar daqui! Eles vão me bater! Eles vão perguntar se eu fiquei louca...” E eles não fizeram nada disso. Mas era um tal de pôe a mão na frente, pôe a mão atrás, um corre para lá, um corre para cá. Uma loucura! [risos] Eu não sei como consegui, mas eu entrevistei jogador pelado. Não me pergunte como, mas agi com naturalidade. Eu não podia ser ostensiva. Se olhasse para baixo, seria ridículo, se olhasse para cima, seria mais ridículo. Tinha um zagueiro muito alto, o Oscar – na verdade, não tinha jogador baixinho no São Paulo naquela época –, eu o entrevistava e tinha de olhar para frente, para o nada, manter o olhar perdido. Assim foi a minha primeira vez.

*“Eu não tinha tempo e nem gostava de me maquiar, passava um batonzinho e prendia o cabelo com um rabo-de-cavalo. Nunca usei roupas coladas. Eu era meio homem, sem ser. Eu era mulher, sem ser. Eu tentava mesclar profissionalismo, respeito e uma intimidade distante. Demorei para buscar esse equilíbrio.”*

### Você sofreu alguma repreensão por esse comportamento?

**RR:** Repreensão não, mas eu me lembro de um episódio muito engraçado. Aconteceu no Morumbi, quando entrei no vestiário número dois, para entrevistar Cláudio Adão, que era um dos principais jogadores do Corinthians. Enquanto eu o entrevistava, entrou o Vicente Mateus [ex-presidente do Corinthians], aliás, sempre gostei muito do Matheus, até hoje eu gosto demais dele. Ele entrou, parou e viu o Cláudio Adão

peladinho e eu, meio de lado, entrevistando-o. Mateus entrou na imagem, no quadro e perguntou o que era aquilo. Respondi que era uma entrevista, que eu perguntava e ele respondia. O Mateus falou inconformado que não podia ser, que o Cláudio estava pelado, sem roupa. Respondi que não tinha problema. Ele acabou com a entrevista. Virou um “cirquinho”. Claro que o câmara não parou de gravar e foi ao ar. Igual a ele, outras pessoas não se conformavam com aquilo. Era muito engraçado.

### **Qual foi a cantada mais inusitada que você já recebeu?**

**RR:** Embora minhas abordagens com os jogadores, técnicos e outros da área fossem extremamente profissionais, levei algumas cantadas discretas em São Paulo. Eu não tinha tempo e nem gostava de me maquiar, passava um batonzinho e prendia o cabelo com um rabo-de-cavalo. Nunca usei roupas coladas. Eu era meio homem, sem ser. Eu era mulher, sem ser. Eu tentava mesclar profissionalismo, respeito e uma intimidade distante. Eu demorei para buscar esse equilíbrio. Porque nós [mulheres] somos todas um poço de emoções. Mas teve uma cantada muito engraçada, de “uma estrela” de um time lá do Sul, que veio jogar aqui no Morumbi. Assim que terminou a partida e os vestiários foram abertos para a imprensa, eu entrei no número dois, onde o time de fora estava. Ao entrar, os jogadores estranharam. Alguns saíram rapidinho para os boxes, para trás da parede. Mas teve um que agiu com uma naturalidade muito grande e foi para o chuveiro. Quando voltou, voltou sem nada. Foi tão acintoso isso, mas eu não me abalei. Continuei na minha. Como ele era estrela, é natural que eu quisesse entrevistá-lo. Perguntei se ele poderia falar comigo. Respondeu que sim, porém com um olhar irônico. Comecei a falar do jogo, da postura tática do time, da técnica, do resultado, de maneira bem profissional. A expressão dele foi mudando. Assim que terminei ele saiu rápido, meio que se cobrindo discretamente. Voltou vestido e esperou que eu terminasse uma entrevista e se aproximou. Pediu para falar comigo a fim de pedir desculpas porque tinha sido agressivo. Afirmou que não sabia que eu era tão profissional. Respondi que não se preocupasse, já estava acostumada que pensassem que eu era apenas uma curiosa dentro dos vestiários. Aproveitou para informar que o time perdeu o voo e teriam de ficar em São Paulo. Sendo assim, me perguntou se eu aceitava



## Mestres da Reportagem

jantar com ele para falar de futebol. Respondi que não. Ele insistiu e disse que podíamos falar de outro assunto. Recusei novamente. Ficou inconformado. Afirmou que todas as mulheres sempre aceitavam seu convite. Perguntou se eu não o achava bonito. Juro que ele disse isso! Falou ainda que eu não tinha coragem para sair com ele. Retruquei dizendo que não era falta de coragem, e sim que não queria mesmo. “Mas todas querem”, ele disse. Respondi que pelo caminho ele encontraria muita gente dizendo não, era pra ele ir se acostumando [risos].

### **Como foi a cobertura das eliminatórias da Copa do Mundo em 1993 e da própria Copa, em 1994?**

**RR:** Somando tudo, foram quase três meses, 84 dias de eliminatórias e 55 dias de Copa. As eliminatórias foram disputadas aqui e em quatro países: Equador, Bolívia, Venezuela e Uruguai. Nas eliminatórias, a seleção ficava em um hotel e nossa equipe em outro, do outro lado da cidade. Em Teresópolis [RJ], na Granja Comary [um dos mais modernos centros de treinamento do mundo], eu chegava às 8h e ia embora às 20h, mais ou menos. Nos outros países, a gente viajava no voo fretado pela seleção, pago pela nossa empresa. Só tínhamos compromisso com a *Gazeta*. Ao chegar ao destino, invariavelmente não ficávamos no hotel da seleção. Eu fazia toda a cobertura dos treinos, da concentração. Muitas vezes a seleção terminava o jogo, dava duas entrevistas e corria para o aeroporto. Eu e minha equipe corríamos atrás. Era fascinante fazer a cobertura, mas difícil também, porque o acesso à seleção lá fora é diferente. Quando nós fomos para a Copa (EUA, 1994) aí ficou feio. Porque as regras eram rigorosamente cumpridas. Você tinha de atropelar ou ser atropelada. O policiamento lá era um negócio absurdo. Os policiais tinham todos quase dois metros de altura. Eles pareciam monstros de tão grandes. Eles eram rigorosíssimos. Dava vontade de passar no meio das pernas deles. Judiação! Com o meu tamanho querer enfrentar aqueles monstros.

### **É importante encontrar um diferencial jornalístico nessas grandes coberturas?**

**RR:** Com certeza! É preciso sair da média. Na Granja Comary, os jogadores se recolhiam nos alojamentos e os repórteres de rádio, jornal e

TV iam todos embora. Eu sempre ficava mais um pouquinho. Depois de 20 minutos, mais ou menos, descia o roupeiro, o massagista, o porteiro. São os que mais falam com a gente. Sabe por quê? Eles fazem parte do exército dos invisíveis. Ninguém fala com eles, ninguém sabe o nome deles, ninguém dá bola pra eles. Eu conversava e sabia o nome de cada um deles, porque são eles que sabem do algo a mais, do que acontece lá dentro, onde o repórter não tem acesso.

*“Roupeiro, massagista e porteiro fazem parte do exército dos invisíveis. Ninguém fala com eles, ninguém sabe o nome deles. Eu conversava e sabia o nome de cada um, porque são eles que sabem do algo a mais, do que acontece lá dentro, onde o repórter não tem acesso.”*

**Por ter mais sensibilidade, você acha que a mulher leva vantagem para obter as informações?**

**RR:** A mulher leva vantagem quando faz bom proveito das informações. Nem que para isso ela tenha de voltar na mesma pessoa para obter mais informações. Só que um detalhe é fundamental: tratar com decência e honestidade as informações e a pessoa informante.

**Na cobertura da Copa houve alguma diferença no tratamento dado aos jornalistas da *TV Gazeta* em relação aos jornalistas da *TV Globo*?**

**RR:** Embora ainda hoje exista uma diferenciação, eu confesso que não senti nenhuma, e nem fui prejudicada. Eu tinha uma relação muito boa com o Parreira, o Zagallo e com os jogadores também, na sua grande maioria. Os técnicos e jogadores falavam com as emissoras de rádio, com as TVs, e depois com imprensa escrita. Com a *Globo*, eles faziam matérias especiais. A *Globo* diz que agenda dez meses antes. Não adianta, a *Globo* é quem tem os direitos de transmissão. Há muito tempo ela é quem manda no futebol brasileiro. A *Globo* tem o lado bom e o lado ruim. Mas o lado bom é tão bom, a qualidade é tão grande, que você acaba se rendendo.

**Hoje o jornalismo esportivo é alvo de muitas críticas, seja pela falta criatividade na elaboração das pautas, seja pelo fato de alguns programas terem mais cara de entretenimento do que jornalismo. Algumas pessoas mais radicais chegam até a afirmar que o jornalismo esportivo não existe. Qual é a sua opinião sobre isso?**

**RR:** No passado, o jornalismo esportivo era o “quarto dos fundos” de todas as mídias – rádio, TV, jornal. Hoje não é mais possível ignorar que o futebol é uma fábrica geradora de empregos, e é um mercado milionário. A arrogância da falsa elite acabou. Eles baixaram o nariz e os departamentos de jornalismo dessas emissoras deram ao Esporte o espaço que ele merece, principalmente ao futebol. Porém, esse espaço não está sendo bem aproveitado por todos. Há uma falta de criatividade muito grande, uma falta de evolução do jornalismo, da reportagem principalmente. Uma vez perguntaram para o atacante Miller, um dos principais jogadores do São Paulo na ocasião, por que os jogadores respondiam sempre a mesma coisa? Ele virou e disse: “Porque vocês perguntam sempre a mesma coisa”. E isso é um fato! A reportagem está muito devagar. Podemos atribuir esta falta de criatividade no jornalismo esportivo às entrevistas coletivas.

**Por que você considera as coletivas tão ruins?**

**RR:** Porque, nas coletivas, cada representante de um órgão de imprensa tem direito a duas perguntas, que eu saiba. Você faz a primeira pergunta, que é exatamente para engatilhar uma resposta para destrinchar um assunto que está incomodando o público. O cara dá a resposta. Só que quando você faz a segunda pergunta, antes da resposta já tem alguém se metendo, se antecipando. Então, sua pergunta fica sem resposta. Você é proibido de fazer a terceira. O colega de outra emissora acaba não dando continuidade àquele tema, desenvolve outro. Isto torna as coletivas muito negativas.

**Antigamente a mulher que trabalhava em Esportes era vista com um certo preconceito, pois essa era uma editoria predominantemente masculina. Hoje, com mais mulheres no ramo, a situação melhorou?**

**RR:** Havia outras mulheres na época, como a Abigail Costa, Kitty Balieiro, Isabel Tanese, Renata Figueira de Melo, Lia Bentchen, depois foi surgindo mais e mais. Mas hoje a atuação das mulheres e as chances dadas a elas ainda são pequenas. A oportunidade que é dada não acontece tanto pelo talento, e sim pela beleza. Dá-se muita chance para “caras e bocas”. Mas existem muitas competentes, por exemplo a Renata Fan da *Bandeirantes*, que sabe muito de futebol. A Michelle Giannella, da *TV Gazeta*, é outro caso. Ela é linda, tem bastante preparo e boa cultura geral. Isso faz com que a respeitemos muito.

**A partir de um certo momento você não falou mais para que time torce. De que forma o repórter deve revelar o time para qual torce sem prejudicá-lo?**

**RR:** Isso atrapalha. Eu nunca falei o time que eu torço. Porque, ao analisar a atuação de um determinado time e criticá-lo, com certeza minha crítica seria questionada. Então era melhor eu não dizer. Fiquei surpresa muitas vezes com minha frieza dentro de campo. Vi meu time perder títulos, ganhar títulos, era como se não existisse nenhuma preferência. Isso era um profissionalismo “monstro”, que eu era obrigada a ter. Principalmente por ser mulher.

**O Brasil está preparado pra sediar a Copa do Mundo em 2014?**

**RR:** Claro que não! E nem vai se preparar. Vocês sabem qual é a solução para o Brasil? É roubar menos. Só isso. Tudo que a gente vê de problema no Brasil, é porque se rouba demais nesse país. Se roubassem menos, a saúde teria jeito, a educação teria jeito, aliás, a educação e a cultura no Brasil estão um caos! A violência será menor quando deixarem os jovens trabalhar. No meu tempo, se podia trabalhar, ninguém ia ser prostituta, traficante, drogado, ladrão, assaltante. Não havia tempo para isso. Então, se roubarem menos no Brasil, nós faremos uma Copa do Mundo maravilhosa. Ainda assim acho que não dá mais tempo.

**Conte como começaram o reconhecimento e os prêmios em sua carreira.**

## Mestres da Reportagem

**RR:** Demorou muito para chegarem, na verdade. Fiz por merecer. Ganhei vários prêmios, frutos do meu trabalho. Quando fui eleita, em 1991, a melhor jornalista esportiva do Estado de São Paulo, pelo jornal *Unidade*, do Sindicato dos Jornalistas, eu sei por que fui eleita. Eu queria realizar um sonho, fazer os três órgãos de comunicação existentes, na mesma matéria. Eu era da *Rádio Gazeta*, da *TV Gazeta* e do *Diário Popular*. Foi o Arnaldo Branco que me levou para lá. Atuei nos três órgãos de comunicação e, quando chegou ao final do ano, era quase impossível ter outro resultado. Foi por todo o meu esforço. A luta de chegar antes e ir embora depois, esmiuçar, investigar e por não sacanear ninguém. Trabalhava feito uma louca. Tomei chuva, sol, levei até pedrada. E como se não bastasse, cinco pontos no supercílio. E tudo isso por quê? Porque eu precisava vencer pela competência. Eu tinha de mostrar algum talento para vencer. Porque, além de ser mulher, eu não tinha “caras e bocas”. Imaginem hoje? Nem peitos, nem bunda... [risos]. Quando fui escolhida a melhor jornalista esportiva do estado, eu era setorista do Corinthians e sempre chegava mais cedo à sala de imprensa, onde eu colocava os materiais para depois ir cobrir o treino. Um dia, estranhamente, já tinha um jornalista lá, o que não era o normal. Ironicamente ele me cumprimentou pelo prêmio ganho. Agradei sem dar muita ênfase. Foi quando ele meio que irritado falou que aquele prêmio foi dado à melhor jornalista esportiva feminina e, como só existia eu, não havia ganhado de ninguém. Respondi que não havia nada pior no nosso mercado de trabalho do que um jornalista mal informado. Eu não só havia ganhado dele, como concorrido com outros 600 homens! Não existia a categoria feminina. Completei que ele devia se informar melhor, e quem sabe no próximo ano ele teria uma chance. Eu nunca pedi nada para ninguém. Tudo o que eu queria era reciprocidade, o mesmo tratamento que eu dava pra todo mundo.

**Como foi saber que uma premiação teria o seu nome? No caso, o Troféu Regiani Ritter, da Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (ACEESP).**

**RR:** O Érick Castelheiro, vice-presidente da ACEESP e do portal *Gazeta Esportiva Net*, que é um site esportivo maravilhoso, e a Michelle Giannella [apresentadora do programa *Gazeta Esportiva*] foram ao estúdio,

e eu estava no ar. Eles esperaram chegar o intervalo, e me perguntaram se poderiam dar o meu nome ao Troféu Ford ACEESP. Eu perguntei se era o dia 1º de abril. Quis saber se eles vieram me sacanear, se estavam brincando comigo. Eu tinha e tenho muita amizade com a Michele e perguntei novamente se ela estava brincando comigo. Ela respondeu que não, que tinham feito uma reunião e, por unanimidade, escolheram instituir um troféu com o meu nome. Começaram a dizer que eu era uma referência, a pioneira, a melhor, que fiz não sei o quê.. Eu comecei a chorar, sem acreditar. Sabe... [emocionada, com lágrimas nos olhos] eu nunca trabalhei buscando isso. Não era o meu objetivo. Eu só queria fazer o meu trabalho, ter orgulho de mim. Eu queria gostar daquilo. Só faço o que eu gosto. Sou atriz, apresentadora, jornalista, porque faço do que eu gosto. Quando você tem a chance de fazer o que gosta, tem a obrigação de fazer bem. Por que, pensa: quantas pessoas têm a chance de trabalhar só naquilo de que gosta? Então, você tem de corresponder a isso. E quando eles disseram que eu ia virar nome de troféu, chorei. E choro! Porque eu nunca fui premiada com nada da ACEESP. Fiquei quase 20 anos no jornalismo esportivo, mas nunca me deram esse troféu. Então eu pensava: “Se eu fui eleita pelo Sindicato a melhor jornalista esportiva entre 600 homens, o que aconteceu de errado pra eu não ter recebido o troféu da ACEESP?” Eu só fui me tocar que eu nunca tinha ganhado um, quando eles deram o meu nome para o troféu. Demorou 30 anos para vir, e veio com o meu nome.

*“Há uma falta de criatividade muito grande. Uma vez perguntaram para o atacante Miller por que os jogadores respondiam sempre a mesma coisa. Ele virou e disse: Porque vocês perguntam sempre a mesma coisa. E isso é um fato!”*

### **Para quem você “tira o chapéu” na área?**

**RR:** Estou meio distante das pessoas. Estou vendo uma competição tão incomum, que extrapola os limites. A competição sadia tem de existir, até dentro da mesma equipe. Quando ela extrapola, foge do estabelecido, do decente, aí você perde o gosto e acaba tendo muito desgosto. Então,

## Mestres da Reportagem

eu gosto das mesmas pessoas que eu gostava antes. O Luís Augusto Simon, conhecido com “Menon” [da *Revista ESPN* e no site *Trivela*], por exemplo, é um cara que admiro. Trabalhei com ele nos tempos do *Diário de São Paulo*. Ele e outros são pessoas que eu convivi que ficaram no meu coração. Hoje eu tenho amigos. Acho que um grande comunicador que temos é o Milton Neves. O Osmar Santos é uma pessoa que tenho aqui dentro do meu coração, vem me visitar no estúdio, adoro ele... Fui produtora dele na *Record*, num programa lindo de TV que se diferenciava do lugar comum, das velhas mesas. Sou apaixonada também pelo Chico Languê [comentarista dos programas *Gazeta Esportiva* e *Mesa Redonda*, ambos da *TV Gazeta*]. A gente já quebrou muito pau, mas o Chico tem uma autenticidade muito rara, ele não faz tipo, ele é aquilo. O fato dele ser brincalhão, de ser corintianíssimo, de xingar a mãe dos caras, não significa que ele não seja um superjornalista. Ele é. Alberto Heleno Junior [comentarista do *SporTV*, colunista do *Portal IG* e do jornal *Diário de São Paulo*] para mim também é um monstro, como era o Sérgio Carvalho [ícone do jornalismo esportivo brasileiro]. Agora, se eu tiver de dizer quais são as mulheres que admiro, hoje eu posso ter preferência, mas referência não.

**Sim, afinal você foi uma pioneira. Qual foi a grande mensagem que sempre a norteou na vida?**

**RR:** Meu pai e a minha mãe sempre me diziam que para ser alguém na vida eu não precisava falar dez idiomas ou vestir roupa de marca. Nem precisa viajar todo ano para a Europa ou os Estados Unidos. Não precisava me prostituir ou ir para esquina usar drogas para vencer. Eles me ensinaram que para ser alguém eu só precisava ter dignidade, vergonha na cara, solidariedade e trabalhar. Trabalho é uma coisa que verdadeiramente enobrece e dignifica o homem. Embora eu não goste dos ditados antigos, esse é o mais certo. Eles me deram o principal, eles me deram educação para conviver com o mundo, para conviver com o planeta. Eu amo viver! Amo a vida e as pessoas, especialmente aquelas que estão perto de mim. ♦



# RENATO LOMBARDI

*"Para ser jornalista  
é preciso ter vocação"*





## Com 40 anos dedicados à profissão, Renato Lombardi destaca que o nome e a carreira do jornalista estão em jogo todos os dias

*Por Andre de Oliveira,  
Carlos Eduardo da Silva e Gisely de Oliveira*

Renato Lombardi nasceu em Nápoles, Itália. O jornalista, que aos 14 já trabalhava como contínuo na redação do extinto *Última Hora* [jornal criado em 1951 pelo jornalista Samuel Wainer, que representou uma inovação na imprensa brasileira por sua agilidade e projeto gráfico ousado - circulou até 1971], tem uma carreira escrita dentro do jornalismo policial ao longo de seus 40 anos de profissão. Foi convivendo diariamente com os jornalistas do *Última Hora* que Lombardi decidiu seguir a carreira.

Quando fez 18 anos, começou a trabalhar na sucursal do jornal em Santo André. Perseguido pelo regime militar, o impresso teve que demitir vários jornalistas, dentre eles, Lombardi. Mas a história do jornalista não parou por aí, estava apenas começando. O romeno Jean Mele lançou o popularesco *Notícias Populares*, convidando Lombardi para fazer parte de sua equipe. Foi lá que o jornalista pode se especializar em reportagens policiais. Em 1970, foi para a sucursal paulista do jornal *O Globo*, onde ficou por sete anos. De lá, foi para *O Estado de São Paulo*, no qual construiu uma sólida reputação como jornalista da imprensa escrita. Trabalhou 25 anos no jornal, chegando a receber o Prêmio *Esso de Reportagem* em 1985, pela cobertura que fez sobre a corrupção dentro do INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social), extinto em 1993. Dividiu o prêmio com os colegas de jornal.

No ano de 1992, entrevistou João Acácio Pereira da Costa, o famoso

## Mestres da Reportagem

“bandido da luz vermelha”, cuja carreira criminosa acompanhava desde os tempos em que trabalhou no *Última Hora*.

Em 2004, deixou a mídia impressa e foi para a televisão. Trabalhou primeiramente na *TV Bandeirantes*, conquistando também um programa de rádio na emissora. Depois foi chamado para substituir Marcelo Rezende na apresentação do *Repórter Cidadão*, um telejornal policial da *Rede TV!*. Meses mais tarde, foi para a *TV Cultura*, onde ficou quatro anos. Finalmente, em 2009, Lombardi foi para a *Rede Record*, emissora em que atua como comentarista de segurança e justiça.

Um ano antes, estreou como escritor. Foi co-autor do livro *Enjaulados - Presídios, Prisioneiro, Gangues e Comandos* (Gryphus, 2008), do advogado criminalista Pedro Paulo Negrini. Na obra, Lombardi fala a respeito do poder que o PCC (Primeiro Comando da Capital) e o CV (Comando Vermelho) exercem sobre as penitenciárias brasileiras. O jornalista, que já havia participado do livro *Jornalismo policial: histórias de quem faz* (In House, 2010), também organizado pela jornalista Patrícia Paixão, reforça o time dos 30 mestres desta obra.

Nesta entrevista, ele fala a respeito de ética, do que aprendeu ao longo dos anos como jornalista policial, das suas principais reportagens (com destaque para os casos Escola Base e Bar Bodega), sobre o sensacionalismo utilizado por alguns jornalistas e a tão questionada imparcialidade da profissão.

### **De que maneira você iniciou na área? Sempre quis fazer Jornalismo?**

**Renato Lombardi:** Comecei como contínuo na redação do jornal *Última Hora*, já fechado há algum tempo. Entrei lá aos 14 anos. O contato diário com os jornalistas me fez chegar à conclusão de que realmente faria jornalismo. Naquele tempo, a maioria dos jornalistas era formado em Direito. Entre os que trabalharam comigo estão o Ignácio de Loyola Brandão, hoje escritor, mas que foi repórter da editoria de Política, o Ricardo Amaral, que era colunista social e hoje é um empresário de sucesso no Rio de Janeiro, e uma infinidade de outros repórteres que depois seguiram a carreira política e judiciária.

**Há 40 anos você cobre as áreas de justiça e segurança. Como se especializou nelas?**

**RL:** Quando completei 18 anos tive a oportunidade de trabalhar como repórter. Queria cobrir futebol e esportes amadores, mas o que apareceu foi uma vaga para ser repórter policial na sucursal do *Última Hora*, em Santo André, região do ABC. Foi ali que comecei minha carreira. Passei a cobrir todo o tipo de ocorrência. Do roubo ao assassinato. No período da ditadura, o jornal sofreu repressão, tendo que dispensar muitos jornalistas. Eu fui um deles. Deixei o jornal e fui trabalhar no *Notícias Populares*, criado pelo ex-jornalista do *Última Hora*, o romeno Jean Mele, com o apoio do banqueiro e político Herbert Levy. O jornal era sensacionalista, mas tinha um conteúdo excelente. Nele trabalhei como setorista na Central de Polícia, região do centro de São Paulo. Eu ficava nos plantões policiais. Ali existiam repórteres durante as 24 horas do dia e também chegavam as principais notícias criminais da capital. Depois do *NP* fui trabalhar no jornal *O Globo*, sucursal de São Paulo. Dessa vez, eu cobria uma área mais específica: o setor de segurança, órgãos como o DOPS [Departamento de Ordem Política e Social], o DOI-CODI [Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna], a Secretaria da Segurança, Polícia Federal, Judiciário e Ministério Público. Sete anos depois, fui convidado para trabalhar no jornal *O Estado de São Paulo*, mas permaneci atuando neste campo.

*“O jornalista deve saber que seu nome e sua carreira profissional estão em jogo todos os dias. É preciso se empenhar. Aquele que faz só o básico será mais um. E um bom jornalista, com boas fontes, bem-preparado, tem o futuro certo.”*

**O rigor na apuração da notícia deve ser maior no jornalismo investigativo policial ou independe da editoria?**

**RL:** O jornalismo investigativo atinge mais as editorias de Polícia, Economia e Política. São coberturas demoradas, que exigem um trabalho meticuloso, isto é, diligente. Muitas vezes, uma informação aparentemente simples, se investigada, pode render uma grande reportagem. Mas o rigor

## Mestres da Reportagem

jornalístico é importante em todas as áreas, como educação, saúde etc. A apuração é sempre fundamental, não importa a editoria.

### **Como uma reportagem deve ser escrita para atrair a atenção do leitor?**

**RL:** No caso do impresso, as primeiras linhas são fundamentais. Eu aprendi que se você não conseguir chamar a atenção do leitor no início do texto, sua reportagem, aquela que demandou horas e dias para apurar, não terá nenhuma repercussão. É frustrante para o jornalista ver que seu trabalho não teve retorno, não interessou ao leitor. “Ah, mas o assunto é fraco”, podem argumentar. De uma simples frase, o bom jornalista consegue desenvolver um texto que “fisga” o leitor. O título pode até ser bom, mas se o conteúdo for fraco, quem está lendo vai parar na metade.

### **Quais são as qualidades de um bom repórter? Como deve ser a postura dele?**

**RL:** O repórter tem que ser responsável e, acima de tudo, estar bem preparado. Ele tem que entender que está representando o veículo para o qual trabalha, e que muita confiança é depositada nele quando vai para a rua apurar uma notícia ou cobrir um fato. Por isso, digo que é importante estar bem preparado, ter um bom texto, basear-se em informações corretas e escutar todos os envolvidos do assunto que se está cobrindo. O bom jornalista tem que saber o que está perguntando. Só assim terá condições de rebater o entrevistado quando perceber que ele não respondeu o que lhe foi perguntado ou dizer coisas diferentes daquelas que a pauta está indicando. O jornalista deve saber que seu nome e sua carreira profissional estão em jogo todos os dias. É preciso se empenhar. Aquele que faz só o básico será mais um. E um bom jornalista, com boas fontes, bem preparado, tem o futuro certo.

### **Humildade. Você acha que ela é importante para o jornalista?**

**RL:** É fundamental. Existem jornalistas que se acham estrelas, acreditam estar acima de qualquer pessoa só porque mostram o rosto na TV, falam nas rádios, têm textos publicados em jornais, revistas ou na Internet.

A humildade, assim como a ética, deve estar sempre adiante do profissional, inclusive do jornalista. Ele deve saber que o sucesso, muitas vezes, é remoto. Ter competência é essencial. Um jornalista competente sempre estará à frente daquele que se acha “importante”. Agora, se não fizer um trabalho estruturado e com responsabilidade, não permanecerá na área.

### **Quais os atributos da boa reportagem?**

**RL:** Informação correta, detalhada e com provas. Além disso, o jornalista deve ser ético em todos os momentos. A ética é fundamental. Não há como distorcer um fato, forçar uma determinada situação para conseguir mostrar ao leitor, ouvinte ou telespectador que só um lado da história está certo. Quando me refiro à ética, falo sobre a oportunidade que temos que dar a quem está sendo acusado, denunciado. O jornalista tem que ser honesto em suas informações e em seu texto.

### **Qual é a importância da pauta para a reportagem?**

**RL:** Numa reportagem a pauta é tudo. Na maioria das vezes, o repórter segue todos os detalhes das informações obtidas pela chefia que elaborou a pauta. E isso é importante, pois ali está o quem, quando, onde, como e por quê. Para se montar a pauta, é preciso consultar fontes, checar, verificar em diversos lugares para ver se a informação está correta. E quando me refiro a fontes para a elaboração de uma pauta podem ser, inclusive, as oficiais. E, além disso, a pauta tem que ter informação. Muita informação. A boa pauta é o caminho para uma excelente reportagem.

### **Quais são as diferenças que existem entre fazer reportagens para o impresso e para TV?**

**RL:** A diferença é grande. Fazer uma reportagem para o jornal, revista, ou TV, mesmo que o assunto seja o mesmo, é diferente. No caso da TV, existe a necessidade de ter personagens, pessoas que falem e detalhem os fatos. As imagens são fundamentais. No caso de jornais e revistas é mais simples, porque dá para publicar sem a necessidade de mostrar o rosto da pessoa. Uma conversa pode dar uma grande entrevista na mídia escrita e não ter o alcance necessário para a TV. Por isso, os jornalistas

## Mestres da Reportagem

das emissoras de televisão usam câmeras ocultas para gravarem imagens e declarações. Com esse tipo de apuração, não há como os envolvidos tentarem desmentir. Nos jornais impressos, a gravação, mesmo sem imagens, já é um suporte para a comprovação de uma denúncia. São métodos diferentes de apuração e de elaboração de matérias.

### **Uma boa reportagem pode curar as chagas da sociedade?**

**RL:** O jornalista tem todas as condições de mudar determinados fatos com uma boa reportagem. Podemos citar o exemplo de uma matéria em um determinado pronto socorro ou um grande hospital. A descrição de como as pessoas são atendidas, dos pacientes que estão em péssimas condições, a falta de material e o descaso dos médicos e dos funcionários, se for benfeita, pode mudar aquele estado caótico. Uma reportagem com base em denúncias tem todos os meios de mudar uma situação. A pressão da mídia, com detalhes verdadeiros, ajuda a comunidade e até os que sabem do problema e não têm condições de denunciar.

**Você ganhou o Prêmio *Esso* com a matéria que fez em 1985 sobre a corrupção no extinto INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social). Na época, você dividiu os créditos que teve com a equipe do jornal *O Estado de São Paulo*. Por que fez isso?**

**RL:** Nesse caso, necessitei do apoio de outros colegas. Nada mais justo do que dar crédito aos que se empenharam nesta cobertura que foi tão ampla. Recebi a informação do envolvimento de uma família com os golpes. Eles eram donos de uma empresa contábil e moravam num pequeno sobrado, sem muitas condições financeiras. Em poucos meses se tornaram ricos. Essas pessoas se associaram aos médicos do INAMPS. De um simples atendimento ambulatorial, como um pequeno corte, o grupo cobrava o preço de uma cirurgia. Com isso, ganharam muito dinheiro. Durante o trabalho de apuração, levantei as informações, montamos um esquema de cobertura e, enquanto os demais colegas apuravam os fatos sobre a família, eu me encarreguei de ficar com a parte dos médicos e da Polícia Federal, que fez toda a investigação e colocou os respon-

sáveis na cadeia. Jornalismo é um trabalho em equipe. Isso é fundamental para que se consiga o objetivo, a melhor qualidade. Um repórter sozinho, na maioria das vezes, tem sérias dificuldades em conseguir todos os detalhes. Mas quero esclarecer que tudo começa com a informação que chega ao repórter. Todas devem ser examinadas e apuradas.

“*Sempre mantive uma postura de imparcialidade. O jornalista não pode ser parcial mesmo que muitos casos o deixem revoltado. O que é imparcialidade? É ser ético.*”

**Ainda sobre o caso INAMPS, você diz em entrevista no livro *Jornalismo policial: histórias de quem faz que as fontes foram fundamentais nessa matéria. Por quê?***

**RL:** A informação foi passada por uma pessoa que sabia da história da família. Ficaram no sobrado por pouco tempo e depois foram morar em grandes residências, até uma fazenda que criava cavalos árabes. Para que essa pessoa me procurasse foi necessário apresentar outra pessoa, também minha fonte. Essa outra pessoa havia me dado muitas informações, com as quais eu consegui boas reportagens. Quem me trouxe os detalhes sobre os golpes contra o INAMPS sabia que poderia falar comigo porque em momento algum seria identificado (a). Minha fonte garantiu a essa pessoa que ela podia confiar em mim. Além dos detalhes sobre como o golpe era aplicado, esse (a) informante me trouxe documentos. Com eles, não houve como desmentir a reportagem. Por isso, a fonte é fundamental. Ela sabe que pode confiar no jornalista e que não será identificada em hipótese nenhuma.

**O que é ser antiético no jornalismo?**

**RL:** O jornalista antiético é aquele que força determinadas situações para criar polêmica ou para conseguir vantagens. Seja qual for o campo, pessoal ou profissional. Um exemplo, quando o jornalista apura um fato, deve ouvir sempre o outro lado. Repito, sempre! Quando não consegue encontrar a pessoa ou ela não quer falar, deve dar detalhes de que tentou e não conseguiu. O que não pode é ficar apenas com um lado da história. Isso



## Mestres da Reportagem

proporciona ao acusado condições de pedir a abertura de um processo.

### **Alguma vez, durante uma reportagem, você já chorou? Qual?**

**RL:** Já chorei de tristeza e já chorei de alegria. Um crime que me deixou arrasado foi a morte de um menino sequestrado por dois policiais militares e um motoboy [sequestro do menino Ives Yossiaki Ota de oito anos, em 29/08/1997, que residia na Vila Carrão, zona leste de São Paulo]. Ele era filho de um comerciante japonês da família Ota. Eles sequestraram o garoto para extorquir dinheiro do pai. Mataram a criança porque um dos assassinos, que trabalhava para o pai, foi reconhecido por ele. Enterraram o corpo do menino no quarto da casa do motoboy. Em cima do local onde estava o corpo dele, o motoboy colocou o berço do filho. Chorei muito quando a Polícia esclareceu o crime e fez as escavações para retirar o que tinha sobrado do corpo do pequeno Ota. Acompanhei o caso desde o sequestro. Fiquei semanas pensando naquela cena, naquela família, naquelas pessoas que não tiveram compaixão com uma criança. Os assassinos tinham filhos em idades do menino morto. Passados alguns anos do crime, os responsáveis já estavam em liberdade. Não imagino como vivem. Quem cometeu um crime como esse, deve viver sem remorsos. Gente como essa jamais deveria deixar a cadeia.

### **Em coberturas tão complexas como esta, é possível manter a imparcialidade?**

**RL:** Sempre mantive uma postura de imparcialidade. O jornalista não pode ser parcial mesmo que muitos casos o deixem revoltado. O que é imparcialidade? É ser ético. Eu discordei dos assassinos do pequeno Ota, mas não cabia a mim julgá-los. O que fiz nas reportagens foi contar tudo sobre eles, dar detalhes de como agiram. Ouvi juízes, promotores, policiais e familiares. Mostrar que tipo de gente era aquela que mata um menino e continua vivendo normalmente, frequentando – no caso de um dos PMs –, a casa dos pais do garoto e dizendo que iria ajudar a procurá-lo. Repito: jornalista não é policial, não é juiz e nem é promotor. Cabe a ele retratar, denunciar e cobrar das autoridades. Sempre com base e coerência. Jamais se envolver pessoalmente.

**Durante a semana de palestras do *Prêmio Jovem Jornalista de 2011*, oferecida pelo *Grupo Estado*, você destacou que foi processado diversas vezes por conta de suas reportagens investigativas. Isso é normal na área?**

**RL:** Sem dúvida. Mesmo que o jornalista tenha documentos que comprovem que sua reportagem está certa, a pessoa investigada, se se sentir prejudicada, tem todo o direito de entrar com um processo na Justiça por danos morais, injúria, calúnia ou difamação. Cabe ao jornalista responsável pela matéria comprovar tudo o que falou ou publicou. Assim, perante a Justiça, terá todas as condições de se defender. No jornalismo investigativo, o jornalista corre o risco de ser processado. Por isso, deve se preocupar em juntar o maior número de provas.

**Você teve a oportunidade de entrevistar João Acácio Pereira da Costa, o “bandido da luz vermelha”, em 1992. Conte um pouco sobre essa entrevista.**

**RL:** Quando “Luz Vermelha” completou 25 anos de prisão, pedi uma entrevista e ele me concedeu. Fui entrevistá-lo na antiga Penitenciária do Estado, hoje batizada de Penitenciária Feminina de São Paulo. Aquele homem que eu entrevistei no começo da minha carreira, quando foi preso, depois de uma série de assaltos e seis assassinatos, era diferente daquele que conheci. Sem alguns dentes na arcada superior, falando muito alto, queixou-se que foi abandonado pela família. Tinha somente um irmão em Santa Catarina, e sérios problemas de convívio nos presídios. Naquela época, o crime organizado não existia nas prisões paulistas. Todas as vezes em que ele criava problemas, era mandado para o setor psiquiátrico do Hospital de Franco da Rocha, na Grande São Paulo, ou para a Casa de Custódia de Taubaté, no Vale do Paraíba, na qual ficam os presos com problemas mentais. Conversei com ele durante duas horas. Gravei a entrevista. Pude notar que ali estava um homem que não tinha condição de ser colocado em liberdade. Não sou médico, mas dava para perceber o desequilíbrio dele. Minha comprovação foi quando ele, na pequena sala onde nos encontrávamos, ao lado do gabinete do diretor da prisão, me mostrou uma planta num vaso e disse que o único amigo dele na cadeia iria visitá-lo em pouco tempo. Era o vento, e iria balançar as

## Mestres da Reportagem

folhas da planta. Claro que não ocorreu. Quando soube, cinco anos depois, que iriam colocá-lo em liberdade, conversei com o diretor da penitenciária. Ele me disse que o Ministério Público é que insistia em libertá-lo, porque ele havia completado 30 anos na cadeia e ninguém ficava mais do que 30 anos preso no Brasil, a não ser em hospital psiquiátrico. Os médicos que o examinaram tinham dito em relatório que ele estava em condições de ser posto em liberdade. Seis meses depois de sua liberação, João Acácio foi morto em Santa Catarina. Atacou a mulher do amigo do irmão que o acolheu em sua casa.

### **Na época, quais foram suas impressões sobre João Acácio?**

**RL:** Ele foi um ladrão perigoso. Assaltou dezenas de residências. Matou seis pessoas. Quando foi preso, era muito jovem e lembrava o ator do cinema americano James Dean. Os jornalistas da época criaram um personagem e diziam que as mulheres estavam apaixonadas por ele. No fundo ele era de alta periculosidade, por isso, ficou 30 anos preso. Foi morto por tentar atacar a mulher do homem que o recebeu em casa. O único irmão que ele tinha jamais o visitou ao longo dos 30 anos em que ficou preso em São Paulo. Em contrapartida, o acolheu em casa. Três meses depois, o colocou para fora. Disse que João tinha sérios problemas psicológicos e que não o queria em sua casa. O amigo do irmão deu abrigo para ele. Esse amigo o matou em legítima defesa. “Luz Vermelha”, depois de discutir com sua mulher, o atacou com um facão e morreu com um tiro de espingarda.

**Você cobriu o polêmico caso Escola Base [Escola de Educação Infantil Base, do bairro da Aclimação, em São Paulo. Alguns diretores e funcionários da escola foram denunciados injustamente pela imprensa, em 1994, de abusar sexualmente dos alunos]. O que levou a imprensa a ouvir apenas a versão do delegado e não a dos donos da escola?**

**RL:** O que aconteceu neste caso foi que o delegado acusou os donos da escola. Ele pediu à Justiça a prisão preventiva dos suspeitos e instaurou um inquérito. Quando ele foi afastado do caso, e outro delegado assu-

miu, a história começou a mudar. Mas já era tarde. A força dos meios de comunicação – com as primeiras reportagens – levou a população a massacrar a escola e os acusados. A mídia procurou no começo os acusados, mas eles não quiseram falar. Acredito que não tinham noção do “tsunami” que estava por vir. Até hoje se faz reflexão entre os jornalistas para impedir que novos casos como o da Escola Base ocorram.

**Passados 18 anos do ocorrido, qual é a sua opinião sobre a maneira como cobriram o fato?**

**RL:** Alguns meios de comunicação cobriram o caso intensamente. Outros menos. Apenas um jornal se isentou: o *Diário Popular* [atual *Diário de S.Paulo*], que se pautava, em sua maioria, nos assuntos policiais. Os editores tiveram o discernimento de não divulgar. E acertaram. Mas o que pesou mesmo foi o noticiário da TV, principalmente o de uma emissora que tinha a grande maioria da audiência na capital e Grande São Paulo.

“*Eu sempre pensava comigo que no dia em que o criminoso no Brasil soubesse a força que tem iria dominar as prisões e enfrentar os órgãos policiais. E foi o que aconteceu.*”

**No livro *Enjaulados - Presídios, Prisioneiro, Gangues e Comandos*, escrito juntamente com o criminalista Pedro Paulo Negrini e o jornalista Marcelo Auler, você fala sobre o nascimento e a evolução histórica das gangues que comandam o sistema penitenciário no Brasil. O que você pensa desse poder paralelo dentro das prisões?**

**RL:** Eu sempre pensava comigo que no dia em que o criminoso no Brasil soubesse a força que tem iria dominar as prisões e enfrentar os órgãos policiais. E foi o que aconteceu. Um exemplo disso ocorreu em maio de 2006, quando o crime organizado matou e levou pânico ao principal estado do país [onda de ataques e rebeliões em São Paulo, comandada pelos criminosos do Primeiro Comando da Capital - PCC]. Desafiou a polícia, mostrou sua força de organização e intimidou toda a população

do Estado. A polícia não acreditava no que estava acontecendo. Hoje, ela está mais bem-preparada. Mas o monstro cresceu e está aí.

**O “Marcola” [que já foi considerado o líder do PCC – Primeiro Comando da Capital - e hoje está preso] disse coisas assustadoras em algumas entrevistas que deu. O PCC tem todo esse poder mesmo ou isso é falácia de bandido?**

**RL:** Hoje o criminoso lê, ouve e sabe o que aconteceu. Com isso a criminalidade mudou. Antes dava para conhecer o perfil do criminoso só de saber em qual região ele atuava. Hoje isso não existe mais. O crime cresceu. Os criminosos estão envolvidos com o tráfico de armas, drogas, roubo de cargas, carros etc. Em poucos minutos, se comunicam pelo celular com outros criminosos do sistema penitenciário de São Paulo e de todo o país. A polícia precisa se preparar cada vez mais para enfrentar esse tipo de criminoso que se atualiza e organiza numa velocidade incrível, auxiliados muitas vezes pela corrupção, seja na própria polícia ou no sistema carcerário.

**Grupos criminosos como o PCC e o CV [Comando Vermelho] podem desaparecer? Ou eles podem criar dissidências com objetivos ainda mais perigosos?**

**RL:** O crime organizado está instalado. Mas vem sendo monitorado pela polícia. Infelizmente, no meu modesto modo de ver, não irá desaparecer. Só pode ser controlado. No Rio de Janeiro, o Comando Vermelho se enfraquece. Enquanto isso, outras milícias fortalecidas por policiais e ex-policiais corruptos aparecem. Enquanto as polícias não se entendem – infelizmente – o crime se acerta, se organiza. O certo seria que as Polícias Civil, Militar e Federal, auxiliadas pelas guardas municipais, se unissem. Aí, sim, teriam condições de combater a criminalidade em todas as frentes.

**Você concorda que a imprensa atribuiu um caráter sensacionalista à cobertura do caso Isabella Nardoni [morta por seu pai e sua madrasta, segundo a Justiça, em março de 2008]?**

**RL:** Uma menina atirada de um prédio pelo próprio pai e pela mulher

dele, convenhamos, é um caso que merece ser coberto em todos os sentidos! Quando a cobertura é forte, as autoridades são obrigadas a se mexer, investigar, dar uma resposta rápida para a sociedade. Pode ter havido algum sensacionalismo, mas, repito, um crime como esse tem que ser resolvido em toda a sua dimensão, com a identificação e prisão dos responsáveis. Num caso como o do casal Nardoni, os jornais e as emissoras de televisão cobriram com detalhes, em todos os aspectos. É verdade que houve muita informação sem consistência. Por isso, acredito que numa cobertura como essa, é preciso ter jornalistas que entendam e cubram o setor para que saibam o que estão dizendo e escrevendo. E, mesmo quando não saibam, devem recorrer a juristas, juízes ou promotores.

**Acredita mesmo que a menina foi assassinada pelo pai e a madrasta?**

**RL:** A condenação diz tudo. A Justiça aceitou os argumentos da polícia e do Ministério Público. A defesa não conseguiu mudar o jogo mesmo com o advogado dizendo que a opinião pública já tinha condenado o casal. O promotor mostrou ponto por ponto, com base na investigação da polícia e da perícia. O casal não conseguiu convencer os jurados e nem a polícia.

*“Sou a favor do diploma. É preciso frequentar a faculdade, ser orientado por pessoas que saibam como um jornalista deve trabalhar. Mas o futuro profissional não pode depender apenas do professor. É preciso que ele se esforce, leia, saiba tudo o que está acontecendo. Jornalista desinformado jamais será um grande jornalista.”*

**Teve algum caso acompanhado por você que levou a resultados inesperados ou causou algum choque?**

**RL:** O crime do Bar Bodega [ocorrido em agosto de 1996, em São Paulo]. Um grupo de rapazes foi preso depois de assaltar e matar em um restaurante de Moema, na zona sul da capital. Eu estava presente no dia

## Mestres da Reportagem

em que os presos confessaram, alguns dias depois, numa entrevista para a TV, que eram os responsáveis pelo crime. Tempos depois, outro setor da polícia passou a cuidar do caso. A investigação realizada por eles mostrou que aqueles rapazes eram inocentes, prendendo assim, posteriormente, os verdadeiros culpados. Os suspeitos que confessaram naquele dia nas entrevistas poderiam dizer que eram inocentes, porque todos escreveriam e gravariam. Mas não. Depois afirmaram que ficaram com medo da polícia e continuaram com a versão até que os verdadeiros culpados aparecessem.

### **Qual conselho você oferece para os jovens que pretendem ingressar no jornalismo?**

**RL:** Para ser jornalista é preciso ter vocação. Não é qualquer um que se torna um bom jornalista. Precisa se empenhar, estudar, encarar todos os dias como se aquela reportagem fosse a mais importante que já apurou. Não dá para ser um jornalista burocrata. Mesmo trabalhando em outros setores, sem a correria do dia a dia do rádio, da TV, do jornal e da revista.

### **Qual é a sua opinião sobre a discussão da obrigatoriedade ou não do diploma para o curso de Jornalismo?**

**RL:** Sou a favor do diploma. É preciso frequentar a faculdade, ser orientado por pessoas que saibam como um jornalista deve trabalhar. Mas o futuro profissional não pode depender apenas do professor. É preciso que ele se esforce, leia, saiba tudo o que está acontecendo. Jornalista desinformado jamais será um grande jornalista. ♦



# **RICARDO KOTSCHO**

***“O jornalismo tem que surgir  
da rua para a redação  
e não da redação para rua”***





## É na rua que o repórter tem a “sorte” de encontrar boas histórias, defende o jornalista Ricardo Kotscho

*Por Fernanda Barbosa, Fernanda Campanini e Sylvania de Souza Vitor*

Lugar de repórter, repórter mesmo, daqueles que têm o jornalismo correndo nas veias, é na rua. O dono desse lema? Nada menos que Ricardo Kotscho, um dos principais ícones do jornalismo brasileiro, que se dedica há quase 50 anos à profissão. Hoje com 64 anos, esse descendente de alemães e russos começou a se interessar pela área ouvindo as histórias sobre o seu avô jornalista. Desde o início de sua trajetória teve a preocupação de ir a campo para ter a “sorte” de encontrar fatos e personagens que comumente passam despercebidos por boa parte da imprensa. Sempre evitou o caminho tradicional de endeusamento a celebridades e fontes oficiais. Não é à toa que já recebeu o apelido de “repórter do pipoqueiro”. Motivo? Ter entrevistado um simples vendedor de pipocas durante a cobertura da visita do general-presidente Costa e Silva a São Paulo, em 1969. Enquanto os demais jornalistas focavam na figura do general, que estava hospedado no Palácio de Verão do Governo do Estado no Horto Florestal, Kotscho deu preferência a um velho pipoqueiro que estava no parque do horto, para denunciar a gritante diferença entre a vida das pessoas comuns, como aquele homem, e a dos poderosos, como Costa e Silva. Ao sair do “mesmismo”, acabou fazendo uma bela matéria. “Não que eu tenha algo contra as autoridades e as pessoas famosas, mas sempre preferi trabalhar longe das grandes coberturas, com o fotógrafo e o motorista apenas. Sempre busquei fugir do tradicional”, explica o jornalista.

O início de sua carreira se deu em jornais de bairro da região de Santo Amaro, zona sul de São Paulo, experiência que ele considera riquíssima.

## Mestres da Reportagem

“É a melhor escola que há. Eu tinha a chance de fazer todo tipo de reportagem, cheguei a fazer revisão e até a vender anúncio”.

Em 1967, começou uma trajetória de 11 anos em *O Estado de S.Paulo*. Foi lá que ganhou um prêmio *Essô* por coordenar, em 1976, uma série de reportagens que abalou a ditadura militar. As matérias mostravam as mordomias de funcionários do alto escalão do Governo. A repercussão foi tanta que, estrategicamente, diante da pressão dos militares, resolveu aceitar o convite para ser correspondente internacional do *Jornal do Brasil* na Alemanha. Voltou dois anos mais tarde por sentir saudade de seu país: “Todos os correspondentes querem passar o resto da vida na Europa, nos Estados Unidos, e eu só pensava em voltar. Do ponto de vista pessoal, foi muito sofrido”.

Depois de uma considerável experiência em redação, aceitou o desafio de ir para o outro lado do balcão. Foi assessor de imprensa da campanha do então presidenciável Luiz Inácio Lula da Silva, em 1989, cargo que voltou a assumir em outros pleitos, como em 2002, quando Lula foi vencedor.

Em 2003, tornou-se secretário de imprensa e divulgação da Presidência da República do Governo Lula, cargo no qual ficou por dois anos.

Também passou pelas redações da *Isto É*, *Época*, *Folha de S. Paulo*, *TV Globo*, *CNT*, *Canal 21* e *SBT*.

Em 2011, foi homenageado com o lançamento do livro *Lugar de repórter ainda é na rua*, dos jornalistas Mauro Jr. e José Roberto de Ponte, que conta histórias dos seus quase 50 anos de jornalismo.

Atualmente, escreve diariamente no blog *Balaio do Kotscho*, é comentarista de política do *Jornal da Record News* e repórter especial da revista *Brasileiros*.

Nesta entrevista, o autor de *A prática da reportagem* (2000) e *Do Golpe ao Planalto – uma vida de repórter* (2006), explica por que optou por fugir do estilo de cobertura tradicional, conta os bastidores de algumas de suas reportagens e oferece dicas para aqueles que estão começando na área.

**Em uma entrevista ao *Programa do Jô*, da *Rede Globo*, você disse que, como todo garoto, sempre quis ser jogador de futebol e**

**não jornalista. Como acabou, então, optando pelo jornalismo?**

**Ricardo Kotscho:** Meu avô era jornalista e, embora não tenha tido a oportunidade de conhecê-lo, cresci ouvindo as histórias que minha mãe e minha avó contavam sobre ele. Gostava muito daquelas histórias. Quando completei 12 anos, perdi meu pai e fui trabalhar em uma banca de jornal. Lá eu lia muito e de tudo – revistas, jornais, gibis - e ainda ganhava um trocado. Aprendi português lendo o *Estadão* e, aos 16 anos, em 1964, fui trabalhar num jornal de bairro, a *Folha Santamarense*. Fiquei lá cerca de quatro meses. Depois, fui para a *Gazeta de Santo Amaro* e lá atuei por três anos.

**Como foi a sua experiência em trabalhar na *Gazeta de Santo Amaro*?**

**RK:** Muito boa. Armando da Silva Prado Neto, proprietário da *Gazeta* [fundada em 1960] disse: “Vamos ver se você sabe escrever mesmo. Escreve este texto em português correto”. Lembro que era uma coluna de Esportes do José Maria Marin. Na época, ele era advogado e, anos mais tarde, chegou a ser governador de São Paulo [de 1982 a 1983. Atualmente, Marin é presidente da Confederação Brasileira de Futebol]. Escrevi o texto e gostaram, então comecei a trabalhar como repórter no mesmo dia.

**Você aprendeu bastante no jornal de bairro?**

**RK:** Na minha opinião, é a melhor escola que há. Fiz parte da primeira turma de jornalistas do veículo. Gostava de escrever, fazer matéria, ir para a rua. No jornal de bairro eu tinha essa chance de fazer todo tipo de reportagem, cheguei a fazer revisão e até a vender anúncio.

**De que forma você conseguiu entrar no *Estadão*?**

**RK:** Um primo meu vendia a *Enciclopédia Britânica* e, em uma ocasião, foi vendê-la na redação da *Realidade* [publicada entre 1966 e 1976 pela editora Abril] que, na época, era a maior revista do país e até hoje a melhor publicação que já saiu. Ele falou de mim para o pessoal da redação, comentou que tinha um primo jornalista e isso rendeu um cartãozinho. Logo na segunda-feira, me apresentei na *Realidade* para levar um não e ser

## Mestres da Reportagem

chamado de calouro. Me lembro que o redator da revista, o Mylton Severiano da Silva [jornalista que atuou em outros veículos como a *Estadão*, *TV Globo* e *Caros Amigos*], me indicou para o *Estadão*. O processo seletivo foi o mesmo do primeiro jornal em que trabalhei, ou seja, eles disseram: “Vamos ver se você sabe escrever”. Me deram uma pauta sobre vestibulares, fiz a matéria, gostaram e lá eu fiquei 11 anos.

**Sua primeira grande reportagem foi sobre uma tragédia em Caraguatatuba [cobertura de um desabamento no litoral paulista, em 1967, que matou 400 pessoas]. Lá você descobriu que gostava mais de escrever sobre histórias de anônimos que de celebridades. Essa, ainda hoje, é a sua preferência?**

**RK:** Eu estava começando no *Estadão* nessa época e já havia um jornalista cobrindo a parte oficial da tragédia, que era o Luis Roberto de Souza Queiroz, o Bebeto [que, além de ter trabalhado no *Estadão*, atuou no *Jornal da Tarde*, na *TV Bandeirantes*, na *TV Globo*, na *Rádio Eldorado* e foi diretor do Departamento de Jornalismo da Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP]. Perguntei para ele o que eu deveria fazer e ele disse: “Sai andando por aí e procure informações sobre as vítimas, que do resto eu cuido”. E foi isso que fiz. Descobri sobreviventes, pessoas que perderam tudo, perderam parentes. Gostei de fazer esse tipo de trabalho, de fugir do oficial, daquela estrutura do *lead* tradicional.

**Você ficou conhecido na redação do *Estadão* como sendo o “repórter do pipoqueiro” por ter entrevistado um anônimo na cobertura que fez da visita do presidente Costa e Silva a São Paulo, em 1969. Você conseguiu dar um enfoque diferente do resto da imprensa àquela cobertura, justamente por ter fugido das fontes oficiais. Poderia nos contar um pouco sobre isso?**

**RK:** Não que eu tenha algo contra as autoridades e as pessoas famosas, mas sempre preferi trabalhar longe das grandes coberturas, com o fotógrafo e o motorista apenas. Sempre busquei fugir do tradicional. Um exemplo foi uma entrevista que fiz com o Pelé, quando ele estava se despedindo do futebol. No primeiro dia da despedida, tinha muita gente

em volta dele, pessoas pedindo autógrafo e uma porção de jornalistas. No segundo dia, diminuiu o número de pessoas. No terceiro dia, havia pouquíssimas e, no quarto, só estávamos eu e ele. Foi quando percebi que renderia a entrevista, porque antes, com todos em cima, não daria. Gosto de trabalhar assim. Você acaba pegando um outro lado das pessoas famosas, que, normalmente, não aparece na cobertura oficial. Sempre procurei isso.

*“Não que eu tenha algo contra as autoridades e as pessoas famosas, mas sempre preferi trabalhar longe das grandes coberturas, com o fotógrafo e o motorista apenas. Sempre busquei fugir do tradicional.”*

**No livro *A prática da reportagem* (2000), você fala um pouco sobre como foi atuar como jornalista na época da ditadura e comenta que as pessoas viam o repórter de forma idealizada. Você se via dessa forma?**

**RK:** Naquela época, havia censura. A maioria das coisas importantes que acontecia no país não podia sair no jornal. Nós fazíamos a matéria, mas ela era cortada pelos censores. Eu e um grupo de jornalistas fazíamos palestras em faculdades, sindicatos e igrejas para contar aquilo que não era publicado, por isso havia essa ideia de que sabíamos mais do que o resto das pessoas. Na verdade, não é isso. O que acontece é que o papel do jornalista é contar as novidades para as pessoas que não podem estar no lugar do fato. Vamos pegar como exemplo o caso da morte do Muammar Kadafi [coronel e ditador da Líbia que foi derrubado do seu posto após uma revolta no final de agosto de 2011, e morto por forças rebeldes em 20 de outubro do mesmo ano]. Os jornalistas que foram para a Líbia contaram para o mundo todo como foi a morte daquele ditador. Não pudemos estar lá, então a imprensa fez isso por nós.

**Você diz que a tarefa do repórter é informar para transformar. Acredita que o jornalismo pode mesmo mudar uma realidade?**

**RK:** Acho que sim. Não é uma coisa que cada jornalista possa fazer

## Mestres da Reportagem

individualmente, porque isso seria muito pretensioso, mas um conjunto de jornalistas e veículos pode sim interferir na realidade e isso de duas maneiras: a primeira é denunciando o que está errado para ser corrigido e a outra é contando histórias que deram certo para servir de exemplo e estímulo para outras pessoas. O que procuro fazer é contar uma história que ninguém contou ainda, podendo ela ser boa ou ruim.

**Também em *A prática da reportagem*, você diz que a “objetividade jornalística” e a “neutralidade” são bobagens inventadas para domesticar os profissionais que não se dobram aos interesses de poderosos. Você acha possível retratar a realidade de forma fiel sem perseguir a objetividade?**

**RK:** Preciso ser honesto. Não existe uma verdade absoluta. O jornalismo não é uma ciência exata, cada pessoa vê a realidade de uma maneira diferente. Desse nosso encontro, cada um que for escrever vai contar de uma forma diferente, o que é importante para um não é importante para o outro. Mas você não pode brigar com os fatos e é isso que eu acho fundamental. É importante que o jornalista conte o que aconteceu da forma mais honesta e verdadeira possível, sabendo que a verdade e a neutralidade absoluta não existem. Tudo isso é bobagem, cada um tem preferências e maneiras diferentes de ver as coisas. O que separa um bom jornalista do ruim é a honestidade, é ser verdadeiro. Tem muita gente hoje que quer dar opinião. Acho que você tem que encontrar o equilíbrio para isso. Primeiro contar o que está acontecendo para depois dar opinião.

**No livro *Do golpe ao Planalto – uma vida de repórter* (2006), você diz que repórter que é repórter nunca deve achar nada impossível. Para você, a perseverança é algo fundamental no jornalismo?**

**RK:** Sim, mas é preciso não confundir isso. Aquele negócio de jornalista herói que se envolve no meio da guerra e leva tiro não é comigo. Eu sempre fui muito medroso e é por isso que estou vivo até hoje. Já vi de tudo, então, não tem essa coisa romântica do jornalista que se mete em qualquer lugar. Você tem que saber o que está fazendo até para poder

contar a história. Agora, quando falo de perseverança é no sentido de que você pode fazer a matéria em um dia, uma semana, um mês ou levar até seis meses, isso já aconteceu comigo. Isso é perseverança, é você achar que é possível. Às vezes, você fica uns dois meses numa história e ela não bate, não acontece. Repórter tem que ser chato, não tem jeito.

**Uma boa reportagem depende de uma boa pauta ou é importante também o faro jornalístico do repórter?**

**RK:** O repórter não pode ser dependente da pauta, nem ser filho da pauta. Repórter tem de ter iniciativa, ele mesmo tem de fazer sua pauta. Antigamente, era assim. Não havia uma pauta. Você mesmo corria atrás da sua matéria. Isso foi uma escola para mim. O próprio repórter devia saber o que estava acontecendo. Quando fui chefe de redação, ficava bravo quando alguns repórteres vinham me procurar para reclamar: “Só me dão porcaria para fazer”. “A partir de amanhã”, eu dizia, “Vocês fazem a pauta”. Só que eu percebia que eles não estavam preparados para isso. Nenhum chefe recusa uma boa pauta.

***A prática da reportagem* é um livro especialmente voltado a destacar o gênero reportagem, a partir de suas experiências profissionais. Qual é a importância desse gênero para o jornalismo?**

**RK:** A importância é cada vez maior. No jornalismo, tanto as velhas como as novas mídias estão muito indiferenciadas, ou seja, está tudo muito parecido. Você vê algo na Internet à tarde, assiste àquele mesmo conteúdo à noite no telejornal e no dia seguinte o lê no jornal impresso. O que diferencia uma mídia da outra é a reportagem, a história exclusiva. Um exemplo que todo mundo está noticiando hoje é a morte do Kadafi [o ditador líbio tinha sido morto no dia em que a entrevista foi realizada]. Todos têm a mesma notícia sobre como ele morreu, mas muita gente não o conhece e vai buscar no *Google* mais informação, procura saber mais sobre quem foi Kadafi. Eu tive a oportunidade de estar com ele numa visita do ex-presidente Lula à Líbia [no final de 2003 – naquela ocasião, Kotscho era secretário de imprensa e divulgação da Presidência do Governo de Luiz Inácio Lula da Silva]. Por dois dias na Líbia, acompanhei o



## Mestres da Reportagem

Lula nas conversas com aquele cara, que é uma figura!! Ele lembra o Oscarito [Oscar Lorenzo Jacinto de la Imaculada Concepción Tereza Dias, ator e comediante espanhol que fez sucesso no Brasil entre as décadas de 30 e 50 com teatro de revista e as chanchadas], como um déspota da chanchada [risos]. No texto que fiz sobre Kadafi, não há nenhuma grande revelação, nenhum furo, mas eu conto como ele era, como se vestia, o jeito dele fazer as coisas, como era a relação com o Lula. Agora, o bom da reportagem é contar uma história que o outro não tem, seja na Internet, na revista, na TV ou onde for. É por isso que temos que perseguir a notícia sempre quando acontece alguma coisa. Claro que para mim hoje é mais fácil. Sou mais velho, tenho mais história para contar, mas a vida inteira procurei fazer isso.

**Você diz que “lugar de repórter é na rua” e cita vários exemplos em seu livro (*Do Golpe ao Planalto*) de como isso funciona. Um deles ocorreu em 1981, quando você não conseguiu credenciais do Exército para cobrir o julgamento do Lula (que tinha sido enquadrado na Lei de Segurança Nacional junto com outros metalúrgicos por liderar o movimento grevista no ABC). Você acabou indo até a casa do Lula e isso rendeu uma exclusiva. Qual é a sua opinião sobre o fato de atualmente o repórter ir menos pra rua?**

**RK:** Era um impacto pra todo mundo aquele julgamento dos metalúrgicos do ABC. Era o grande assunto do dia e eu precisava de uma credencial dada pelo Exército para poder entrar no julgamento, mas realmente não consegui. Então, voltei para o jornal e falei com o chefe de reportagem. Ele me disse: “Faz o seguinte: vai à casa do Lula e acompanha com a família dele o julgamento. Faz a matéria sobre o clima da casa, sobre o ambiente”. Fui para lá de manhã e dei muita sorte. Não só a família estava lá como o próprio Lula e todos os outros metalúrgicos que iam ser julgados. Eles resolveram não ir ao julgamento e o advogado deles estava no local. Esse acabou sendo, sem querer, meu primeiro dia de assessor de imprensa do Lula. Eu estava dentro da casa dele e lá pelas onze horas da manhã os outros jornalistas saíram do julgamento e foram para lá. Ficou um monte de jornalistas na porta da casa dele. O Lula

pediu que eu falasse com os “meus amigos que estavam lá fora”. Meio sem jeito, disse que não iria falar com eles. Eu falei para os colegas mais ou menos o que estava acontecendo, mas também não contei tudo porque ali era a minha matéria [risos]. Enfim ... não acho interessante fazer matéria por telefone, pela Internet... Nada contra essas coisas, mas elas são apenas instrumentos para você montar sua história. Servem para marcar entrevista, para você ver o que já foi publicado sobre aquele assunto e não repetir perguntas que já foram feitas ao entrevistado, entre outras coisas. Agora, a história mesmo, a reportagem, tem de ser na rua. Eu costumo ir a muitos lugares e, em alguns deles, coisas interessantes acontecem. Acabo fazendo matérias que, se estivesse sentado numa redação, não faria. Claro que você tem que ter sorte, mas só tem sorte quem está na rua. É isso que eu falo. Quem está na redação ou no telefone não dá sorte nunca!

*“Um conjunto de jornalistas e veículos pode sim interferir na realidade e isso de duas maneiras: a primeira é denunciando o que está errado para ser corrigido e a outra é contando histórias que deram certo para servir de exemplo e estímulo para as outras pessoas.”*

### **Como foi trabalhar com mestres como Clóvis Rossi e Mino Carta?**

**RK:** Dei muita sorte de trabalhar com eles. Não apenas de aprender a escrever, a fazer matéria, mas principalmente de obter lições de caráter. A coisa mais importante do jornalista é a honestidade, ter compromisso com o país e sua gente. Os exemplos que tive marcaram minha carreira. Essa passagem de uma geração para a outra está em falta hoje nas redações. Há uma predominância de jovens, inclusive nos cargos de chefia. Gente que nunca passou pela reportagem e que acaba virando chefe de redação. Acho isso errado, porque, para comandar uma equipe, é preciso ter experiência naquilo. Ninguém pode ser general sem ter sido soldado, sargento, tudo faz parte de um processo.

**Você fez coberturas no exterior e trabalhou como correspondente internacional pelo *Jornal do Brasil*, na Alemanha. Em *A práti-***

**ca da reportagem, você diz que nas coberturas no exterior não basta informar, é preciso ajudar o leitor a entender por que tal fato está acontecendo. Pode nos dar um exemplo?**

**RK:** Sempre fui repórter da editoria Geral. O correspondente internacional geralmente escreve sobre política internacional, assunto que nunca foi minha área. Então, quando tive a oportunidade de ser correspondente, resolvi ser repórter de Geral, como eu era no Brasil, só que no exterior. Todo assunto me interessava: futebol, carnaval, política. Mesmo aqueles que eu não dominava. Eu fiz uma reportagem, por exemplo, sobre bomba de nêutrons [variante da bomba atômica]. Se você me perguntar hoje o que é isso, eu não sei te explicar [risos]. Mas eu procurava a ajuda dos amigos mais velhos, que eram mais informados sobre o assunto, e assim fui sobrevivendo. O importante é aprender a se virar. Estudar também é muito bom e quanto mais línguas você souber melhor.

**É difícil arrumar fontes quando se está fora do seu país?**

**RK:** Sim, às vezes os vizinhos me contavam umas histórias, até hoje é assim. Tem gente que me escreve, relatando ter uma história boa e você tem que contar. Também costumava ler os jornais, as revistas, ver televisão e conversava com as pessoas na rua. Como eu falo alemão, isso me ajudou muito.

**Você gostou dessa experiência?**

**RK:** Eu gostei da experiência profissional de viver fora do país, tendo uma visão do Brasil do lado de fora, mas tinha saudades daqui. Todos os correspondentes querem passar o resto da vida na Europa, nos Estados Unidos, e eu só pensava em voltar. Então, do ponto de vista pessoal, foi muito sofrido. Mas a experiência foi muito legal, como também foi interessante a minha passagem pelo Governo Lula, mesmo não sendo a minha praia. Depois que passa, você fica com uma história para contar. Isso que é importante.

**Durante o regime militar (1964-1985), você coordenou a série de reportagens *Mordomias*, para o *Estadão*, sobre gastos, compras e**

**hábitos de políticos do alto escalão do regime. Por conta da repercussão dessa matéria, você foi ameaçado pelos militares e se viu impelido a ir trabalhar na Alemanha como correspondente. Pode nos contar um pouco os bastidores dessa grande reportagem?**

**RK:** A série sobre as mordomias foi apenas um aperitivo do banquete de denúncias de corrupção que seria servido ao país, à medida que, sem censura prévia, a imprensa ia retomando suas funções. Muitas denúncias das mordomias foram tiradas do próprio *Diário Oficial da União*. O sentimento de impunidade dos beneficiários da ditadura tinha chegado a tal ponto que eles já não se preocupavam em esconder seus privilégios, achavam que ter determinadas regalias era um direito deles. Embora com medo que seus nomes aparecessem na reportagem, alguns poucos parlamentares também colaboraram, fornecendo informações ou, ao menos, pistas seguras para a matéria ou ampliando depois as denúncias nas tribunas da Câmara e do Senado. Foi um trabalho de paciência, de costurar numa ampla reportagem os pedaços de uma situação que estava à vista de todo mundo para quem quisesse contar.

*“Há uma predominância de jovens hoje nas redações, inclusive nos cargos de chefia. Gente que nunca passou pela reportagem e que acaba virando chefe de redação. Acho isso errado, porque, para comandar uma equipe, é preciso ter experiência. Ninguém pode ser general sem ter sido soldado, sargento, tudo faz parte de um processo.”*

### **Como surgiu a ideia de fazer essa reportagem?**

**RK:** Um dia Fernando Pedreira [já época diretor do *Estadão*] me chamou na sala dele e começou como quem não quer nada a me mostrar alguns recortes de jornal que havia juntado. Eram pequenas notícias publicadas por vários jornais, inclusive o *Estadão*, falando da boa vida que levavam os ministros e altos funcionários num país em que, já naquela época, pessoas morriam de fome, embora a propaganda oficial garantisse que vivíamos numa “ilha de paz e prosperidade em meio a um mundo conturbado”. O Pedreira me fez ler aqueles recortes e depois pegou

## Mestres da Reportagem

uma matéria do *The New York Times*, publicada no domingo anterior, em que o ex-correspondente do jornal norte-americano em Moscou retratava os privilégios de uma nova casta: os superfuncionários do Estado. Me disse: “Ricardinho, o que você acha da gente fazer a mesma coisa aqui? Vê isso com calma e depois volta a falar comigo. Não tem pressa”. Achei que dava uma bela matéria e, então, comecei o trabalho de apuração.

### Como foi o levantamento de dados para essa reportagem?

**RK:** O mais difícil em um levantamento desse tipo é saber por onde começar. Como o diretor do jornal frequentava o alto mundo da vida política e econômica do País e conhecia algumas intimidades da “corte” instalada em Brasília, era ele a pessoa mais indicada para me mostrar o caminho das pedras. A gente conversava dia sim, dia não, ia juntando as peças do quebra-cabeça. Depois de uma semana, fui a Brasília para iniciar a garimpagem. Pela extensão da bandalheira, logo vi que não daria conta daquele levantamento sozinho. Ou levaria pelo menos um ano para levantar uma parte da história. A grande orgia daquela gente era paga com o dinheiro do Governo, quer dizer, com dinheiro do povo. Percebi que o caso não se limitava a Brasília, era muito maior do que a gente imaginava. Depois de uma semana em Brasília, vi as coisas de maneira mais clara e comecei a fazer um esqueleto da matéria. Deixei, então, uma pauta na sucursal de Brasília e repeti o mesmo esquema, na semana seguinte, no Rio de Janeiro. A mesma pauta seria depois enviada para o resto do país. O *Estadão* tinha uma fantástica rede de sucursais e correspondentes, repórteres de primeiro time espalhados pelo Brasil inteiro, uma equipe montada ao longo de muitos anos por Raul Martins Bastos [coordenador-chefe de sucursais e correspondentes do *Estadão*, entre os anos 1960 e 1970]. Enquanto essa equipe ia recheando o esqueleto e enviando para São Paulo informações que acabavam gerando novas pautas, cabia a mim coordenar este trabalho e fazer a parte do levantamento em São Paulo. Já na pauta deixada em Brasília – e depois repassada para toda a rede – aparecia pela primeira vez a palavra “mordomia”, que acabou se incorporando ao vocabulário pátrio, servindo de tema para músicas e filmes. Dois meses depois, esse levantamento todo resultou na série de reportagens que, ousado dizer, abalou o Brasil.

**Fale um pouco sobre a repercussão da matéria.**

**RK:** Bem, como disse, o levantamento foi ampliado e ficou mais ambicioso com o passar do tempo. Já não queríamos apenas fazer uma denúncia sobre os privilégios e desmandos do regime, mas mostrar como o Brasil havia chegado àquela situação, uma década depois do golpe militar que justamente se propunha a “combater a corrupção”. Comecei a escrever a matéria em casa. Alguns colegas leram o texto final e duvidaram que ele fosse publicado. A censura tinha saído há pouco dos jornais e ninguém sabia quais eram os limites da chamada “abertura” do então General-Presidente Ernesto Geisel. Mas a minha obrigação era colocar no papel tudo que havíamos apurado. Publicar ou não seria uma decisão da empresa. Entreguei a série de reportagens a Pedreira poucos dias antes do Congresso Nacional entrar em recesso, em junho de 1975. Ele resolveu dar um tempo. A primeira matéria saiu no começo de agosto, com o Congresso funcionando. Foi num domingo e as reações começaram imediatamente. De um lado, elogios à coragem do jornal em publicar a matéria; de outro, críticas às suas verdadeiras intenções. Durante os dias seguintes, a repercussão ocupou páginas do jornal, virou notícia até em outros países.

**Mudando de assunto, qual é a sua análise sobre a cobertura que a mídia fez dos oito anos do Governo Lula e que ela faz do atual Governo, da Dilma Rousseff?**

**RK:** Hoje, todo mundo é emissor e receptor de informação. Então, não dá mais para a grande imprensa ser a dona da verdade, isso é muito bom para a democracia brasileira. A maior prova disso foi a reeleição do Lula e a eleição da Dilma, mesmo contra a vontade de toda grande mídia.

**Na sua opinião, o jornal impresso vai acabar por conta da evolução da Internet?**

**RK:** Eu acho que não. O jornal impresso não vai acabar. O que acontece é que ele vai ter que sobreviver de outra forma. A imprensa de papel vai ter que se reinventar, se tornar necessária, imprescindível. O velho Frias [Octavio Frias de Oliveira – jornalista e empresário, dono da *Folha de S. Paulo*, falecido em 2007] dizia isso: “Temos de fazer um produto de

## Mestres da Reportagem

primeira necessidade”. Há 20 anos ele dizia que em cada grande cidade só iria sobrar um jornal e a tendência hoje no mundo inteiro é exatamente essa: sobrar um jornal que não tem uma circulação grande, mas atende um público específico e traz um conteúdo diferente do que há na Internet e na televisão. E é aí que entra o papel da reportagem. Não pode ficar se repetindo, tem de inovar.

**Por que você resolveu lançar o blog *Balaio do Kotscho* e como tem sido a experiência de fazer jornalismo na Internet?**

**RK:** Não foi uma ideia minha, e sim do Caio Túlio Costa, que era diretor-presidente do *portal IG*, onde trabalhei por três anos. Eu fazia uma coluna para o portal, como se fosse de jornal, e ele me perguntou: “Por que você não faz um blog?”. Era mais ou menos entre 2005 e 2007. Ele insistiu muito e eu acabei fazendo e gostando, porque você tem um retorno imediato. Ao escrever, as pessoas já mandam comentários criticando ou elogiando. A interação com o leitor é muito bacana e eu gosto bastante disso.

“O antijornalismo para mim é quando se faz uma reunião na redação, cria-se uma tese e o repórter vai apenas justificar aquela tese, pegar aspás e declarações para confirmá-la.”

**E a experiência como comentarista político da *Record News*? Tem gostado?**

**RK:** Sim, gosto muito. No começo você fica meio receoso, pois é um negócio novo. Mas a turma é muito legal, e eles me deram muita força. O Heródoto Barbeiro [editor-chefe e apresentador do jornal da *Record News*] é uma figura fantástica. Eu não sou um comentarista tradicional, vou conversando com o Heródoto sobre os assuntos do dia e adoro isso.

**Lendo suas matérias, percebemos que o seu texto é mais trabalhado, com um tom literário. Há espaço para esse tipo de texto mais literário na imprensa atual?**

## Ricardo Kotscho

**RK:** Eu acho que não existe um texto literário ou de jornalismo literário, como costumam dizer. O que existe é texto bom e texto ruim. O mesmo texto que escrevo para Internet eu publico no livro. Eu acho que não é o veículo que faz o profissional. O antijornalismo para mim é quando se faz uma reunião na redação, cria-se uma tese e o repórter vai apenas justificar aquela tese, pegar aspas e declarações para confirmar a tese do jornal, da revista ou da televisão. O jornalismo tem que surgir da rua para a redação e não da redação para rua.◆







**ROBERTO  
CABRINI**

*"A melhor matéria  
da sua vida vai  
ser a próxima"*



## Roberto Cabrini encara o jornalismo como um “sacerdócio” e diz que o repórter acomodado deve seguir outra profissão

*Por Erick Guedes Cunha, Sérgio Gonçalves e Marcos do Nascimento*

Em outubro de 1993, quando todos se perguntavam onde estava o foragido Paulo César Farias – tesoureiro da campanha de 1989 do ex-presidente Fernando Collor de Melo e personagem-chave do escândalo que levou à abertura do processo de *impeachment*, ele o descobriu em Londres, após um trabalho minucioso de sete meses de investigação.

Em setembro de 1997, encontrou o paradeiro de outra famosa fugitiva: a fraudadora do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), Jorgina de Freitas Fernandes, comandante de uma quadrilha que causou um prejuízo, segundo a Polícia Federal, de mais de US\$ 16 milhões aos cofres públicos e que estava na Costa Rica.

Em 1998, revelou que um dos piores desastres da aviação brasileira – o pouso forçado do Boeing da Varig, de voo 254, em 1989, na floresta amazônica, que causou a morte de 12 ocupantes e deixou 42 feridos – foi provocado por um erro de falta de humildade do piloto da aeronave.

E essas foram apenas algumas das matérias marcantes dos 36 anos de carreira de Francisco Roberto Cabrini, um dos principais jornalistas brasileiros, que encara a profissão como um “sacerdócio”: “O repórter deve sempre pensar que a melhor matéria da sua vida vai ser a próxima. Se você ficar acomodado com o que fez no passado ou achar que seu trabalho se limita ao horário de expediente, não conseguirá a grande reportagem. Ou você é jornalista 24 horas por dia ou, então, deve seguir outra profissão”.

## Mestres da Reportagem

Nascido em Piracicaba em 1960, Cabrini começou sua carreira cedo, aos 16 anos, na rádio de sua cidade, a *Voz de Piracicaba*. Nunca teve dúvidas em escolher a área de comunicação: “Pra mim foi muito simples, sempre gostei de escrever e de falar. Nos eventos cívicos da escola, como o 7 de Setembro, costumava ser escolhido como orador da turma”.

Sua experiência na pequena emissora foi tão rica que, com apenas 17 anos de idade, foi convidado para ser repórter da *Rede Globo*.

Aos 23 anos, tornou-se correspondente internacional. Primeiro em Londres e, anos mais tarde, em Nova Iorque. Além da *Globo*, o jornalista passou pela *TV Record*, *TV Bandeirantes* e pelo *SBT*. Fez matérias em mais de 60 países, participou de cinco Olimpíadas e cinco Copas do Mundo e cobriu seis guerras internacionais (Afeganistão, Iraque, Palestina, Camboja, Caxemira e Haiti).

Na cobertura exclusiva que fez da ascensão do grupo radical muçulmano Talibã, no Afeganistão, escapou da morte por um triz. “Os soldados do Talibã fizeram menção que iriam nos executar. Fui levado ao líder da organização e expliquei que tínhamos nos perdido. Foi uma saída que achei para nos salvarmos”.

Com um nome já consolidado e vários prêmios no currículo – *Esso*, *APCA* (*Associação Paulista dos Críticos de Arte*), *Líbero Badaró*, *Imprensa*, *Tim Lopes* e *Vladimir Herzog*, Cabrini poderia ter parado por aí, acomodando-se na figura de apresentador. Mas, como ele mesmo diz, “tudo no jornalismo é substituível e dispensável, menos a reportagem. E a grande reportagem não se encontra dentro da redação de um jornal, e sim na rua”. Por isso continuou a ir a campo, sem medir esforços para apontar as contradições e os problemas de nossa sociedade.

Em 2008, chegou a cair em uma emboscada armada por policiais civis. Colocaram papелotes de cocaína no carro do jornalista. Três anos após o episódio, a Corregedoria da Polícia Civil concluiu em sua investigação que o repórter foi realmente alvo de uma armação.

O episódio não o intimidou. Hoje à frente do *Conexão Repórter*, no *SBT* (uma das poucas razões para manter a TV aberta ligada nas noites de quinta-feira), ele prossegue tocando o dedo em diversas feridas brasileiras, com seu estilo ousado e destemido, marcado por perguntas incômo-

das e por estratégias voltadas a desmascarar aqueles que cometem irregularidades, seja qual for a área.

Em 2010, venceu mais um *Esso* com a matéria *Pedofilia: sexo, intrigas e poder*, que revelou casos de pedofilia dentro da Igreja Católica em Arapiraca (AL). A reportagem levou três sacerdotes e um importante monsenhor local a julgamento e teve forte repercussão no Vaticano.

Bem-humorado e simples, Cabrini nos contou, ao longo de quase duas horas de entrevista, um pouco dos bastidores desta e de outras instigantes matérias de sua trajetória. Também deixou lições preciosas para quem deseja desempenhar com eficiência a arte da reportagem.

### Você sempre quis ser jornalista?

**Roberto Cabrini:** Foi algo muito natural. Na escola, desde o início me destacava nas redações e sempre era escolhido como orador da turma nas datas cívicas. Sempre fui apaixonado por reportagens, tanto de rádio como de jornal. Comecei como repórter com apenas 16 anos em uma pequena emissora de rádio e em um pequeno jornal de minha cidade [Piracicaba, interior de São Paulo]. Logo meu estilo de ousadia e perguntas curtas e cortantes chamou a atenção. Aos 17, fui chamado para um teste na *Rede Globo* em São Paulo e acabei contratado na hora. Mudei para a capital paulista, que eu mal conhecia, me tornei o mais jovem repórter de toda a história da emissora e nunca mais parei. Estava no segundo colegial e só depois me formei em Jornalismo. A própria *Globo* pagou minha faculdade e me formou como jornalista de televisão. Tudo em minha carreira foi muito precoce. Aos 16 me tornei repórter, aos 17 fui contratado como repórter pela *Globo*, aos 19 fiz minha primeira cobertura internacional, aos 21 fui escolhido para cobrir minha primeira Copa do Mundo [de 1982, na Espanha] e aos 22 me tornei correspondente internacional da *Globo* em Nova Iorque pela primeira vez.

“Estive correspondente internacional, estive diretor e hoje estou editor-chefe, mas, fundamentalmente, sou repórter. Essa é minha essência, a reportagem.”

### **Qual é a importância da reportagem para o jornalismo? Os repórteres hoje têm cumprido bem seu papel?**

**RC:** Sou radical quando abordo esse assunto. Acho que tudo no jornalismo é substituível e dispensável, menos a reportagem. Ela é o coração do jornalista. Não adianta você ter uma redação maravilhosa, se você não tiver uma boa matéria, e a grande reportagem não se encontra dentro da redação de um jornal, e sim na rua. Um dos grandes males do jornalista atual é ir pra rua apenas para confirmar aquilo que foi discutido na reunião de pauta. Se ele encontra uma realidade diferente, simplesmente fecha os olhos pra ela. Você tem que estar pronto para mudar totalmente a sua pauta diante do que encontra. É isso que eu vejo como defeito em muita gente que começa hoje em dia. Exagerando um pouco, é como se o repórter saísse pra cobrir o jogo do Corinthians contra o Flamengo e, de repente, acontecesse um terremoto. O estádio cai e ele não cobre nada porque não teve jogo. É preciso estar com seus sentidos totalmente abertos para captar a realidade. O jornalista deve sempre pensar que a melhor matéria da sua vida vai ser a próxima, que daqui a pouco ele vai sair, conversar com a faxineira e ela vai contar algo que vai gerar a matéria da vida dele. Se você ficar acomodado com o que fez no passado ou achar que seu trabalho se limita ao horário de expediente, você não conseguirá a grande reportagem. Você é jornalista 24 horas por dia ou, então, deve seguir outra profissão.

### **Então, o jornalismo exige entrega total?**

**RC:** Sim, é um verdadeiro sacerdócio. Se você não tiver essa filosofia, jamais vai ser um grande profissional. Quando comecei na rádio, nunca pensava quanto eu ia ganhar. Hoje, tenho a felicidade de ser um dos jornalistas mais bem remunerados da TV. E de maneira justa, as matérias que faço valem cada centavo do meu salário. São mais de 30 anos de trajetória profissional no Brasil e no mundo, fazendo reportagens com ameaças de morte, já passei por tudo. Quem conhece minha carreira sabe que já estive para ser morto, já fui preso por causa de matéria, passei por muitas situações. Mas me sinto cada vez mais feliz com a decisão de ser um repórter. Estive correspondente internacional, estive diretor e hoje estou editor-chefe, mas, fundamentalmente, sou repórter. Essa é minha essência, a reportagem.

**De que forma começou a se especializar em jornalismo investigativo?**

**RC:** Foi uma transição natural. Sempre fui apaixonado por matérias ousadas e, ao mesmo tempo, densas, profundas. Em meados dos anos 90, já como correspondente em Londres na Inglaterra, me tornei repórter investigativo e nunca mais parei.

**Você acredita na expressão “jornalismo investigativo” ou acha que todo jornalismo envolve investigação?**

**RC:** Jornalismo investigativo é aquele profundo, denso e independente, que procura contemplar com rigor as causas e consequências dos fatos. Todo jornalismo em teoria deveria ser investigativo. Acontece que existem tantas formas de jornalismo raso, parcial, unilateral e institucional, que a expressão “jornalismo investigativo” acabou sendo cunhada para definir o jornalismo que foge dessas armadilhas, dos desvios da profissão. Hoje pode-se medir o nível de democratização de qualquer sociedade pelo nível de jornalismo investigativo que ela apresenta.

**Qual é a importância de ser um jornalista investigativo?**

**RC:** Envolve a sacerdotal missão de fiscalizar com isenção as instituições e os caminhos da própria sociedade e, assim, trazer oportunidades de reflexão e conscientização para as pessoas.

**Que qualidades um bom jornalista investigativo deve ter? E que pecados o jornalista nunca pode cometer?**

**RC:** É antes de tudo um trabalho que requer humildade e responsabilidade. O jornalista precisa ter cuidado de contemplar a notícia em todos os seus ângulos, inclusive aqueles com os quais possa discordar. Visões superficiais, tendenciosas, preconceituosas e unilaterais precisam ser evitadas com rigor.

**Em 1993, após sete meses de investigação, você descobriu o paradeiro de PC Farias, tesoureiro do ex-presidente Fernando Collor**



### **de Melo. Quais foram os métodos usados para localizá-lo em Londres e conseguir a entrevista com ele?**

**RC:** Juntando pedaços, indo atrás de fontes, tendo paciência, perseverança e gastando muito tempo na investigação. Nenhum ser humano é uma ilha e os fugitivos voltam mais cedo ou mais tarde a antigos hábitos, antigas relações. No caso do PC, a investigação foi muito longa, porém, em resumo, quando ele não era fugitivo detectei que se utilizava de uma empresa de portugueses e brasileiros chamada Sanal, com sede em Paris, na França. Era na fachada uma agência de viagens, mas que, na prática, cuidava de toda sua logística, suas operações na Europa como deslocamentos, locações de imóveis, carros, remessas de dinheiro etc. Além disso, uma outra fonte - no caso uma brasileira que trabalhava em uma imobiliária em Londres - mencionou para diversas pessoas, incluindo jornalistas e autoridades, que soube de uma reserva de imóvel em Londres repleta de cuidados, uma situação muito diferente do normal. Eu a ouvi como faço com todos os contatos e fomos evoluindo nas informações. Passei a me interessar mais quando descobrimos que essa pessoa [da reserva comentada pela brasileira] tinha tempos depois alugado um imóvel e exigia que seus motoristas não fossem brasileiros. Essas informações não faziam muito sentido para as outras pessoas, mas para mim fizeram a partir do momento em que eu descobri em um nome escrito a lápis na ficha de locação, que a empresa de Paris deveria ser contatada para efetuar o pagamento das despesas. Assim, juntei os dados e passei a vigiar intensamente o imóvel. Era um trabalho duro, complicado, feito com frio, chuva e olhares permanentes de policiais londrinos que perguntavam porque eu não saía da frente do Europa House (nome do condomínio) na Randolph Street, no bairro de Camden. Foram horas e horas andando de um lado para o outro no quarteirão, para disfarçar de moradores e dos policiais, e o PC nunca aparecia. Um dia tive a impressão de tê-lo visto entrando rapidamente com outra pessoa, mas não consegui ter certeza. Pensei: “Será que estou vendo coisas?” Passaram-se semanas, meses e eu precisava fazer uma viagem longa para o Japão e depois para a Austrália, pois na época também fazia a cobertura da Fórmula 1. Na véspera da viagem - que depois eu acabaria cancelando pela descoberta - resolvi dar o xeque-mate. Decidi ligar para a empresa que eu já investigava há meses

em Paris. Um homem chamado Raul, sócio brasileiro da empresa, atendeu Perguntei sobre o PC e ele disse em voz alterada para eu parar de procurá-los e investigá-los, porque ele e seu sócio português nada sabiam, reafirmando o que já me tinha falado outras vezes neste período. Fui, então, para um plano ousado. Segurei a respiração e joguei verde. Blefei. Disse que já tinha uma matéria pronta, que tinha filmado o PC e o imóvel, mas que queria ouvir o lado dele. Ele mais uma vez negou tudo. Insistiu que depois que PC tinha se tornado fugitivo tinham cortado qualquer relação com ele e que PC nem tinha pago o que devia por serviços anteriores. Mas quando falei do imóvel alugado que eles pagavam, o cara mudou o tom e o comportamento. Com voz já tremula, Raul perguntou: “Dá o endereço então...”. E eu com a voz firme, tentando esconder a ansiedade, respondi: “Europa House, Randolph Street, número tal”. Ele emudeceu. Segundos depois, xingou, praguejou, enfim, admitiu: “Sim é ele e pagamos mesmo o aluguel. Mas por favor espera para pôr a reportagem no ar”. Como os homens da agência que servia PC na Europa acreditaram piamente que eu já tinha imagens e matéria pronta, rapidamente concordaram. Eram agora exemplo de gente prestativa. Disseram que o PC iria me receber: “Ele prefere aparecer de forma mais civilizada em uma reportagem”. O encontro só aconteceu dois dias depois, porque havia uma greve no aeroporto de Paris justo naquele dia e eles precisariam ir à Bélgica para embarcar e conseguir chegar à capital da Inglaterra. A conversa com o escudeiro de Fernando Collor aconteceu dois dias depois em outro apartamento. Percebi então que Paulo César Farias tinha dois apartamentos alugados em Londres e o que eu tinha o endereço era justamente o que ele usava menos. No encontro houve muita tensão. Ele não queria ser filmado, queria me entregar só uma carta onde admitia que tinha sido localizado por mim, mas no fim acabou falando e o cinegrafista Sérgio Gilz espertamente registrou tudo. O resultado foi uma matéria histórica, repleta de revelações. PC Farias e seus agentes mal sabiam que, na verdade, eu não tinha até então nenhuma imagem dele. O PC foi o primeiro de uma série de quatro fugitivos da Justiça que localizei antes da Polícia, a qual, em alguns casos, sequer estava de fato à procura deles. O próprio PC, por exemplo, me contou meses depois que pagava a alguns contatos dele na polícia para não ser localizado.

### Como era a personalidade do PC?

**RC:** Uma pessoa comunicativa, falante, educada, sagaz. O típico especialista em tráfico de influência.

**Você também entrevistou o ex-presidente Fernando Collor de Melo, em 1995, na grande reportagem *Enigma das Alagoas*. Muita gente diz que Collor acabou sendo um injustiçado, pois governos posteriores cometeram mais “pecados” em termos de corrupção do que o dele. Qual é a sua opinião?**

**RC:** Isso tudo é verdade, mas não elimina o fato de que ele cometeu ilegalidades. A entrevista que fiz com ele foi muito tensa, foi eleita pela revista *Veja* como a melhor reportagem do ano [em 1995]. Collor me conhecia muito pelas matérias do PC e resolveu me receber. Argumentei que eu queria ouvir o lado dele da história. No meio da matéria, ele quis desistir, porque percebeu que vinha “bucha” pela frente, que eu ia perguntar tudo o que ele evitava falar, mas acabou chegando à conclusão de que tinha que falar. Fizemos a entrevista em Miami. Foram três horas muito tensas. Eu comecei fazendo a seguinte pergunta: “Presidente Fernando Collor de Melo, nós podemos perguntar tudo o que nós quisermos nesta entrevista? Ele disse prontamente que poderíamos perguntar qualquer coisa. Falou isso pra se mostrar corajoso. Essa técnica foi ótima porque, a partir daquele momento, ele não poderia reclamar de nada que eu perguntasse, e eu fiz todas as questões que julguei pertinentes, mesmo as mais complicadas, como: “Presidente, o senhor é corrupto?” e “seu irmão, Pedro Collor, no livro *Passando a Limpo – a trajetória de um farsante* [1992], diz que o senhor usava drogas pesadas como cocaína e LCD, isso é verdade?”

*“Um dos grandes males do jornalista atual é ir pra rua apenas para confirmar aquilo que foi discutido na reunião de pauta. Se ele encontra uma realidade diferente, simplesmente fecha os olhos pra ela.”*

**Você fez uma reportagem emblemática em 1998, que lhe rendeu o prêmio *Líbero Badaró*, sobre o voo 254 da Varig que, em 1989,**

**teve de realizar um pouso forçado em plena floresta amazônica depois de um erro não assumido pelo piloto. Na aterrissagem, o impacto do avião contra as árvores causou a morte de 12 ocupantes e deixou 42 feridos. Qual foi o ponto alto dessa matéria?**

**RC:** O voo 254 começava em Marabá (PA) e ia até o norte, para Belém. Era uma época em que não havia GPS. Os pilotos se baseavam na cartografia e nos planos de voo, vistos pelo computador. Havia acontecido uma mudança nos planos de voo e vários pilotos estavam se confundindo. Foi o que ocorreu com o piloto do voo 254. Em vez de ir para o norte, e olhar para os pontos elementares de orientação, como o sol e as montanhas da região, ele acabou indo para o oeste, perdendo-se na floresta amazônica e tendo de fazer o pouso forçado. Ele culpava a Varig pelo ocorrido, nunca tinha contado a verdadeira história. A empresa, de fato, teve uma parcela de culpa, mas, na verdade, o acidente aconteceu por prepotência do piloto, que não admitiu que estava perdido. Passageiros que faziam aquele voo toda semana começaram a alertá-lo de que havia algo estranho. Eles conheciam o local e nunca tinham visto um rio naquele trajeto. Mas o piloto ignorou as informações, não reconheceu o erro. Se ele tivesse admitido que estava errado, a tragédia teria sido evitada. Só com a minha reportagem, nove anos depois, o caso foi desvendado. Numa entrevista nos Estados Unidos, como prova de que estava dizendo a verdade e de que tinha boa-fé, o piloto me deu, pela primeira vez, a caixa preta, com a gravação do voo. Conseguimos convencê-lo a nos conceder uma entrevista sobre o assunto e ilustramos a fala dele com partes da gravação presente na caixa preta. Também localizamos o co-piloto. Ele contou a mesma história do piloto, mas eu percebi, no olhar dele, que ele estava mentindo. Comecei, então, a ligar para ele, perguntar se estava escondendo algo, e ele dizia que não. Até que um dia, falei: “Vem aqui”, e ele disse tá bom. Aí ele me contou toda a verdade, ou seja, desmentiu tudo o que o piloto falou. Me entregou a caixa preta com a íntegra da gravação e percebi que havia 30 segundos a mais nela. Exatamente nesses 30 segundos o piloto admitia que tinha cometido todas as bobagens, que tinha sido prepotente, que não tinha dado ouvido a ninguém. Ele tinha retirado essa parte da gravação que me deu. Essa matéria foi muito reveladora. Voltamos ao lugar onde se encontravam os destroços do avião,

## Mestres da Reportagem

lá no meio da floresta, no Xingu. Revelamos a verdadeira história de um dos casos clássicos da aviação brasileira.

**Você teve a experiência de correspondente internacional, tendo feito reportagens reveladoras sobre alguns países como Iraque e Afeganistão. O estigma de “terroristas” que a mídia norte-americana dá a esses países realmente procede ou há uma generalização? O que mais te surpreendeu nas coberturas que você fez nesses países?**

**RC:** Cobri seis guerras e, como disse Hiram Johnson [senador americano], em uma guerra a primeira vítima é a verdade. Todos os lados do conflito procuram manipular as informações visando que a história seja contada de forma mais favorável a eles. Cabe ao jornalista encontrar meios para ouvir todos que participam do conflito. Isso envolve pressões, riscos, não sucumbir a censura e intimidações. É comum que minorias do poder econômico internacional sejam classificadas como terroristas e que seus opositores sejam classificados de heróis da liberdade. Cabe ao jornalismo não ceder a essas simplificações que em geral refletem rótulos de interesses econômicos e geopolíticos. Guerras jamais envolvem a luta do bem contra o mal. Maniqueísmos não cabem na cobertura de conflitos.

**Qual é a maior dificuldade de atuar como repórter em regimes repressivos e ditatoriais? Você chegou a correr risco de morte nessas coberturas?**

**RC:** Riscos fazem parte da rotina. O regime de Saddam [Saddam Hussein, ex-ditador iraquiano] não queria que localizássemos e filmássemos os soldados que tiveram as orelhas cortadas porque não queriam servir o Exército de Bagdá nos anos 90. Tivemos que driblar seus agentes de informação e assumir riscos para, enfim, encontrar esses soldados e desmoralizar totalmente o próprio Saddam e o vice-primeiro-ministro Tariq Aziz, que insistam que isso era invenção da mídia imperialista. Não queriam que fôssemos à cidade curda de Halabja, que foi atacada com armas químicas, mas driblamos os agentes e fomos até o local. Os próprios americanos impunham muitas limitações para o que não os interessava na

cobertura no Iraque e no Afeganistão. Para filmar prisioneiros humilhados na prisão de Abu Ghraib, no Iraque, onde já tinham sido relatados casos de tortura, tivemos que disfarçar e desobedecer instruções da segurança do exército americano, pois julguei que a importância de se registrar a violação de direitos humanos suplantava a regulamentos circunstanciais. No Afeganistão, em 1995, eu e meu cinegrafista Sherman Costa fomos presos pelo Talibã, depois de filmarmos uma vila persa ser totalmente destruída pelo fato de seus moradores terem ajudado os opositores do regime então semi-implantado do Talibã. Só sobrevivemos a um fuzilamento pelo fato de eu saber algumas palavras em pastum, o idioma deles e ter demonstrado respeito pela cultura islâmica. Acabei os convencendo que só estávamos ali por termos nos perdido – o que não era verdade, é claro - mas conseguimos sair dali e com tudo filmado. No interior da Colômbia em 2010, ficamos dois dias sequestrados pelos guerrilheiros das Farc [Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia], porém conseguimos demonstrar que nossa cobertura era diferente da feita pelos veículos americanos, que as Farc consideram dominados pelo imperialismo econômico. E assim fomos liberados. Existem lugares onde você se identificar como jornalista ajuda, em outros isso o torna imediatamente alvo. É preciso ter conhecimento do terreno onde se pisa, e respeito pela cultura diversa da sua. São posturas e procedimentos que aumentam sua chance de sobrevivência.

*“Todo jornalismo em teoria deveria ser investigativo. Acontece que existem tantas formas de jornalismo raso, parcial, unilateral e institucional, que a expressão jornalismo investigativo acabou sendo cumbada para definir o jornalismo que foge dos desvios da profissão.”*

**Você cobriu a ascensão do grupo radical Talibã no Afeganistão, produzindo o documentário *Em nome de Alá*, que foi vencedor do Prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos, em 1996. Que técnicas de investigação utilizou neste trabalho jornalístico? Como fez, por exemplo, para conseguir fontes no Talibã?**

## Mestres da Reportagem

**RC:** É algo que leva tempo. O fundamental é demonstrar que, embora o jornalista venha de uma cultura distante, respeita totalmente diferentes pontos de vista e o direito de autodeterminação dos povos, e também demonstrar que trabalha para um veículo de comunicação democrático e pluralista. Não há espaço para intolerância, preconceito e arrogância em coberturas de conflitos, especialmente nos locais de culturas muito diversas das que estamos acostumados.

**Você é editor-chefe e apresentador do *Conexão Repórter*, um programa que se dedica a grandes reportagens. A ideia de criação do programa foi sua? Se sim, porque resolveu criá-lo?**

**RC:** Sim. Me atraiu muito no convite do *SBT* a possibilidade de montar um projeto da estaca zero. Tive liberdade para montar a equipe, criar o nome do programa e todo seu conceito e estilo de atuação. O *Conexão Repórter* reflete um sonho de longa data e um estágio de amadurecimento de minha trajetória e carreira. Hoje tenho muito orgulho de nossa equipe e de todas nossas conquistas. Nossa audiência cresceu 25% no ano passado em relação ao ano anterior e neste ano [2012] já somos o programa da emissora com maior crescimento. Além disso, já ganhamos o *Prêmio Esso de Telejornalismo*, o *Troféu Imprensa* de melhor jornalístico e provocamos a realização de diversas CPI's [Comissão Parlamentar de Inquérito]. Reportagens do *Conexão* chegaram a repercutir nos principais veículos do mundo como o *New York Times*, a *CNN*, o *Le Monde*, o *El País*. Não poderia sonhar com mais realizações em menos de três anos de programa.

**Como é desenvolvido o programa *Conexão Repórter*? O que gera pautas para o programa, por exemplo?**

**RC:** Nossa principal inspiração é a luta intransigente pelos direitos humanos: defender as minorias, os discriminados, os desassistidos, os injustiçados, os esquecidos. É o que nos move no *Conexão*! Sem lutar por quem não tem voz e nem vez, o jornalismo investigativo não tem alma e nem sentido.

**O *Conexão Repórter* venceu em 2010 o *Prêmio Esso Especial de***

***Telejornalismo* pela reportagem *Sexo, Intrigas e Poder na Igreja Católica*, que denunciou casos de pedofilia envolvendo padres, no estado de Alagoas. A matéria repercutiu até fora do Brasil e fez com que o Vaticano reconhecesse pela primeira vez casos de pedofilia na Igreja. Essa é uma prova de que uma boa reportagem pode mudar a realidade?**

**RC:** Não resta a menor dúvida. Esta reportagem, além de muito trabalhosa em sua investigação de campo, levou-nos a enfrentar pressões violentas de setores da Igreja interessados na perpetuação da impunidade. Resistimos e o resultado foi histórico. A sentença dos padres de Arapiraca acusados de pedofilia foi proferida pelo juiz João Luiz de Azevedo Lessa, titular da 1ª Vara Judiciária da Infância e Juventude, no dia 19 de dezembro. O monsenhor Luiz Marques [que era o principal acusado, aquele que aparece no vídeo tendo relação sexual com um ex-coroinha] foi condenado a 21 anos de reclusão. Já o padre Edilson Duarte e o monsenhor Raimundo Gomes foram sentenciados a 16 anos e quatro meses. Nosso trabalho jornalístico foi considerado fundamental pelo Ministério Público para a condenação histórica dos sacerdotes católicos, fato inédito no Brasil. No dia 3 de janeiro de 2012, o Vaticano anunciou que os três padres de Arapiraca condenados por pedofilia foram expulsos da Igreja Católica que foi, na verdade, a grande beneficiada em todo episódio, pois passou por um processo imprescindível de amadurecimento e depuração. Os verdadeiros sacerdotes e a sociedade foram os vencedores.

### **Como fez para conseguir as fontes para essa matéria?**

**RC:** Por meio de fontes conquistadas com a confiança e a credibilidade de toda uma carreira. Todos os dias recebemos denúncias e informações de quem acredita em nosso trabalho.

### **Você utilizou alguma estratégia para convencer os acusados a falar?**

**RC:** Sim. Em primeiro lugar, ouvimos o monsenhor Luiz Marques. Minha estratégia foi entrar pelas “beiradas”. Comecei falando de outros assuntos até chegar à questão do abuso. Se eu perguntasse diretamente



## Mestres da Reportagem

sobre a denúncia de pedofilia, ele me colocaria pra fora e não falaria nada. Então, fui perguntando como era a vida na cidade, sobre a figura dele, sobre casos de abuso sexual envolvendo religiosos, e ele foi falando tudo, sem saber que estava se expondo. Foi contando quem ele era, qual visão tinha do mundo e do papel do religioso, como ele encarava o abuso sexual, enfim. Até o momento em que eu fui direto ao ponto e ele, claro, ficou acuado. Pediu que nos retirássemos e, educadamente, saímos. Foi como que uma confissão. Essa entrevista foi um dos pontos que mais contribuíram para ganharmos o *Essô*. Os julgadores do prêmio gostaram muito da técnica utilizada. Ganhamos por unanimidade na comissão do *Essô* pelo caráter histórico da reportagem.

**Como manter o sangue frio diante de casos tão nojentos como este?**

**RC:** Sempre se posicionando como um profissional idealista em uma missão. Com humildade e respeito sempre.

**A boa matéria nasce sempre de uma denúncia que demanda grande investigação?**

**RC:** Não. Algumas vezes o fato está ali na nossa frente, não é algo obscuro. Cito como exemplo a reportagem que fiz sobre os meninos que ficam nos faróis, que é uma das minhas favoritas. Esses garotos estão ali todo dia pra qualquer um ver. Vemos, mas não enxergamos o que está por trás deles. Qual é a história deles, de onde eles vêm, se são explorados ou não, como vivem, o que pensam da vida, qual é a sua perspectiva para o futuro, qual contato eles têm com drogas, com a violência, enfim. Quem está interessado nessas questões? Portanto, nem sempre a grande matéria é aquela que você vai investigar por vários meses, como é o caso de muitas que eu faço. Pode ser um fato que está visível a todos, e que só depende de um olhar de sensibilidade para ser retratado.

**Muitos críticos dizem que o gênero reportagem está em declínio na grande imprensa, que dá preferência para textos mais curtos e burocráticos. Você concorda com isso?**

**RC:** Por mais que os métodos se modernizem sempre vai haver espaço para a grande reportagem e para os bons contadores de história.

**A reportagem *Oxi - A Nova Droga* foi finalista do Prêmio Esso de 2011. Como vocês descobriram a tendência de uso desta nova droga?**

**RC:** Faz parte de nosso trabalho estarmos permanentemente antenados com novas situações e novas ameaças à sociedade.

**Para documentar como acontecem as vendas de Oxi, o produtor do *Conexão Repórter* se passou por um viciado. Você considera esse método válido no jornalismo investigativo para conseguir informações?**

**RC:** Nós o fizemos com as precauções necessárias e habituais. Com conhecimento do Ministério Público e em um trabalho de inquestionável interesse público.

*“É comum que minorias do poder econômico internacional sejam classificadas como terroristas e que seus opositores sejam classificados de heróis da liberdade. Cabe ao jornalismo não ceder a essas simplificações que em geral refletem rótulos de interesses econômicos e geopolíticos.”*

**Você usa muito a microcâmera em suas reportagens investigativas? Acredita que a entrada da tecnologia vem ajudando o jornalismo?**

**RC:** A moderna tecnologia torna as investigações mais eficientes. O uso de microcâmeras acontece em casos de extrema necessidade e inquestionável benefício da sociedade como um todo.

**Deixe uma mensagem para quem está começando agora no jornalismo.**

## Mestres da Reportagem

**RC:** Estamos em uma profissão difícil e de muitos riscos, mas com grande potencial no combate às injustiças e mazelas do mundo. Para isso, o repórter precisa ter iniciativa, ousadia, responsabilidade e humildade. Lembrem-se de que o nós é mais importante que o eu e que qualquer reportagem só tem sentido se produzir benefícios na vida das pessoas enquanto sociedade. No mais afirmo: O jornalismo exercido com dignidade é uma das profissões mais gratificantes que existem.◆

# **SILVIA BESSA**

***"Precisamos  
contar o que  
se passa  
no Nordeste"***





## Para a repórter Sílvia Bessa, o jornalista da região tem uma responsabilidade a mais

Por Edijane Araujo de Vasconcelos,  
Lilian Rebeca Yoshida Mendes e Luciana Andreilino Santana

Se Silvia Bessa, 37 anos, tivesse escolhido prosseguir fazendo jornalismo político, o sertão nordestino teria perdido uma voz valiosa. Ela chegou a ser criticada por colegas quando resolveu cobrir Cidades, deixando pra trás o prestígio que havia adquirido após anos na editoria de Política. Mesmo assim, se manteve firme na decisão. Aceitou o desafio de falar das mazelas da região com responsabilidade e dedicação, e tem se saído muito bem. Prova disso são os prêmios que ganhou com reportagens que escancararam fatos chocantes da realidade nordestina, como *Nordeste Conectado*, que mostrou o caso de crianças que chegavam a se prostituir para acessar a Internet, como uma forma de se sentirem incluídas em um mundo avesso à sua realidade, que lhe rendeu em 2006 o *Esso de Informação Científica, Tecnológica e Ecológica*; e *Quilombolas – Os direitos negados de um povo*, em que denunciou a exclusão social e os péssimos indicadores sociais dos moradores dos quilombos do Nordeste, e que lhe rendeu a premiação da Associação dos Correspondentes Internacionais da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2009.

Para Silvia, o repórter nordestino tem uma responsabilidade a mais: “Precisamos contar o que se passa aqui, sobretudo no semi-árido por ser ainda mais sofrido, precisamos dar projeção nacional às nossas questões, para então, ajudar de alguma forma a buscar novas ações e iniciativas”.

A carreira da jornalista foi iniciada ainda no final da década de 90, quando se dividia entre o curso de Jornalismo na Universidade Católica

## Mestres da Reportagem

de Pernambuco e o estágio na Secretaria de Imprensa do Estado. Na mesma época, tornou-se pupila do jornalista e romancista Raimundo Carrero na Fundarpe (Fundação de Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco), em um segundo estágio, que compatibilizou com o primeiro. Em 1996, conseguiu a disputada vaga de repórter de Política do *Diário de Pernambuco*. Mas, algum tempo depois, percebeu que ainda não estava satisfeita. Precisava de desafios maiores. Por isso, desde 2005, começou a sugerir e cobrir pautas para Cidades (no Diário de Pernambuco, o caderno se chama Vida Urbana), como forma de apontar os problemas de uma das regiões mais esquecidas desse país.

Nesta entrevista, a jornalista fala de momentos marcantes de sua trajetória, conta os bastidores de algumas de suas premiadas reportagens e defende a obrigatoriedade do diploma de Jornalismo: “Na universidade aprendemos técnicas, discutimos equilíbrio na apuração e os caminhos para uma boa reportagem. Uma coisa é você estar sentado na cadeira do quarto e escrever uma opinião sobre o que lhe vem à cabeça. Outra coisa é escrever depois de entrevistar meio mundo de gente, pesquisar sobre a matéria em questão, ponderar os lados”.

### **Como foi seu início como jornalista? Sempre quis seguir essa profissão?**

**Silvia Bessa:** Comecei como estagiária do departamento de rádio da Secretaria de Imprensa do Estado de Pernambuco. Era repórter, saía para a rua diariamente. Entrevistava autoridades, voltava à redação, ouvia a fita e montava a matéria. Fazia no tranco, sem muita orientação, como acontece com a maioria dos estagiários. Achava aquele o maior dos empregos. E era mesmo na ocasião. Por meio dele, tive os primeiros contatos com colegas jornalistas, observava como os repórteres profissionais se comportavam, anotava perguntas para adaptá-las em outras oportunidades. Depois, consegui um estágio em uma instituição governamental da área de cultura, chamada aqui de Fundarpe [Fundação de Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco]. Acumulava os dois estágios e estudava à noite na Universidade Católica. Achava que, quanto mais estágio tivesse, melhor para aprender a prática e aumentar as relações pessoais - naquela época, claro, não havia redes sociais. Era um sufoco, no

entanto, me divertia com as descobertas. Deixei a rádio para ficar durante os dois horários na Fundarpe, onde acabei assumindo a equipe de Imprensa ainda antes de me formar. Na época, o presidente da instituição era Raimundo Carrero, romancista brasileiro premiado e também jornalista. Carrero já me conhecia como estagiária e disse que supervisionaria meu trabalho.

“Busque sempre os mais experientes, sendo o mais honesto que pode quanto ao seu desconhecimento sobre determinado assunto.”

**Como foi seu ingresso no *Diário de Pernambuco*? Há quantos anos atua lá?**

**SB:** Apareceu uma vaga de estágio como repórter do *Diário* para a área de Cidades. Fiz o teste, mas não fiquei com a vaga. Depois, apareceu outra como repórter da editoria de Política do jornal, e Carrero me incentivou a tentar. Chegou a me ajudar na preparação, discutindo nomes e fatos históricos que eu pouco conhecia. Desse episódio, tirei uma lição que carrego até hoje: busque sempre os mais experientes, sendo o mais honesto que pode quanto ao seu desconhecimento sobre determinado assunto. Fui aprovada. Enfim, entrei numa redação. Estou no *Diário de Pernambuco* desde 1996. Fiquei dois anos como estagiária e, em 1998, me formei. Atuei como repórter de Política durante muito tempo; uns dez anos, creio. Comecei a fazer a cobertura da Câmara Municipal do Recife, cobri pequenos partidos, a Assembleia Legislativa, o Governo Estadual. Escrevi um pouco de tudo. Participei também de muitas coberturas de visitas presidenciais ao estado. Visitas do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pernambucano que volta e meia estava aqui, então, já nem sei quantas foram. Gostava da editoria de Política, até que surgiram outras ideias e achei que valia a pena me desafiar e me experimentar.

**Você se formou em Jornalismo, em 1997, pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e, pelo que pesquisamos, se posiciona a favor do diploma. Em um artigo de 2009, para o site da faculdade Joaquim Nabuco, por exemplo, você diz que “opinião**



**todo mundo tem, pode e deve expressar, mas o jornalismo está alicerçado em informação de qualidade [...] é mais que opinião”. Por que considera a faculdade de jornalismo fundamental e que efeitos a queda do diploma pode acarretar no futuro da carreira?**

**SB:** Sou, sim, defensora do diploma de Jornalismo. Acho que na universidade aprendemos técnicas, discutimos equilíbrio na apuração e os caminhos para uma boa reportagem. Preparamo-nos, ou começamos a nos preparar, para garantir a qualidade na informação transmitida e isso é a base do Jornalismo. Lógico que você não obtém só por meio de um curso de graduação a capacidade de leitura, opinião e crítica, mas acho que os cursos ajudam a dar métodos de trabalho, abrem portas para discussões interessantes sobre o que praticamos no dia a dia. Não é purismo, não. Gosto de ler blogs, sou empolgada demais com os efeitos positivos da Internet sobre a sociedade, tanto que já escrevi duas longas matérias sobre inclusão digital [série *Nordeste Conectado* e um caderno especial recente chamado *Nordeste em Rede*]. Ocorre que uma coisa é você estar sentado na cadeira do quarto e escrever uma opinião sobre o que lhe vem à cabeça. Outra, é escrever depois de entrevistar meio mundo de gente, pesquisar sobre a matéria em questão, ponderar os lados. Hoje não tenho clareza do quanto o fim da exigência do diploma pode afetar a carreira porque, por enquanto, os grandes jornais ainda valorizam a graduação, o canudo. Mas temo bastante pela qualidade da informação, pela história que jornalistas por ocasião, sem formação específica, irão contar ao longo dos anos.

**Você acabou se especializando em reportagens com cunho social na região Nordeste, ligadas inclusive a direitos humanos. Essa opção foi proposital ou ocorreu naturalmente? Se foi proposital, por que escolheu este caminho?**

**SB:** Um pouco de cada. Depois de escrever para a editoria de Política durante muitos anos, passei a ter necessidade de me desafiar em outras áreas. Propus uma pauta sobre presídios em Pernambuco, que ganhou boa repercussão estadual e nacional (foi finalista do *Esso Regional*, inclusive). A partir de então, vieram outras pautas do universo mais social. Aí, afirmo que foi algo natural porque tinha interesse em ler e ver

matérias com esse viés quando abria um jornal, uma revista ou assistia a um telejornal. A gente vai acumulando conhecimento e, sem perceber, as ideias se juntaram e formaram uma pauta. Quando me dei conta desse meu interesse por assuntos da área social, passei a insistir junto aos editores para fazer pautas com esse perfil. A partir desse momento, se transformou em uma escolha proposital, porque percebi que essas matérias me davam prazer e tinham revigorado minhas energias enquanto repórter.

“Temo bastante pela qualidade da informação, pela história que jornalistas por ocasião, sem formação específica, irão contar ao longo dos anos.”

### **Qual é a responsabilidade de ser jornalista numa região tão esquecida como o Nordeste brasileiro?**

**SB:** Sabe que fiz essa reflexão ao me ver dividida entre uma condição de certa estabilidade, fontes e alguma experiência como repórter de Política e a possibilidade de recomeçar como foca da área de Cidades? Cheguei a ouvir algumas críticas de colegas jornalistas. Alguns lembravam que eu já tinha acumulado algum conhecimento na área de política e que um repórter de política goza de certo status, o que é verdade. Mas cheguei à conclusão de que havia uma responsabilidade que eu gostaria de assumir: de falar sobre mazelas sociais do Nordeste, a região mais pobre do país e que cresce a passos lentos, em virtude da falta de uma política diferenciada e eficaz para torná-la menos desigual em relação às demais regiões do país. Então, voltando à resposta: acho que temos um tantinho de responsabilidade a mais. Precisamos contar o que se passa aqui, sobretudo no semi-árido por ser ainda mais sofrido, precisamos dar projeção nacional às nossas questões para, então, ajudar de alguma forma a buscar novas ações e iniciativas. Porque as que já existem não são e não foram suficientes ou boas suficientemente para que o quadro seja mudado.

### **Na sua opinião, a grande mídia cobre adequadamente a região?**

**SB:** Não, acho que não. A grande maioria das empresas jornalísticas não cobre bem a região. Abro uma exceção não para uma empresa, mas

## Mestres da Reportagem

para um programa – o *Jornal Nacional*, que tem afiliadas em todo o país. No geral, acho que subestimam o potencial consumidor dos nordestinos e, por isso, fazem pouco investimento em equipe e estrutura. Antes dos anos 90, essa chamada grande mídia apostava muito nas coberturas regionais. Com o corte de custos, as regiões foram vitimadas e aí o olhar da cobertura vem sendo cada vez mais dado pelos grandes centros urbanos, principalmente São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília. Para você ter uma ideia: antes, os melhores profissionais da região Nordeste disputavam e compunham escritórios de sucursais prestigiadas. Hoje, quando muito em um ou outro estado, há um correspondente. Muitos deles trabalham em casa e contam com fotógrafos contratados esporadicamente. Acho que, se houvesse um investimento maior, teríamos boas pautas saindo daqui e um espaço ampliado dado à região. Algo que iria além do período de secas extremas, como o atual. Mas, infelizmente, o jornalismo brasileiro resolveu seguir uma tendência internacional e vai deixando cada vez mais uma parcela representativa da população sem ser retratada como deveria.

**Você hoje tem desfrutado do cargo de “repórter especial”. Você escolhe suas pautas, os assuntos que quer cobrir?**

**SB:** Sugiro a maioria das pautas que realizo, principalmente quando se trata de grandes reportagens publicadas em cadernos especiais de várias páginas ou séries de reportagens. Outras pautas também são sugeridas por leitores e colegas de redação. Discuto todas e as escolho com a ajuda da diretora de redação do *Diário de Pernambuco*, Vera Ogando, a quem estou subordinada atualmente. Vera é uma grande incentivadora do meu trabalho, me acompanha desde a época em que fazia apenas Política e tem uma visão jornalística muito apurada. A opinião dela é uma referência forte para mim. Além de Vera, tenho a sorte de contar com uma espécie de consultor em tempo integral, cujo nome é Vandeck Santiago. Vandeck é repórter experiente e premiado, trabalhou em grandes empresas, tipo *Veja*, *Folha de São Paulo* e *Estadão* e hoje atua comigo como repórter Especial do *Diário* também. Como é meu marido, acabo debatendo minhas pautas com ele, às vezes, até no café da manhã, o que é ótimo para aprimorar ideias e apontar caminhos que eu não havia pensado.

**Na reportagem *Quilombolas - Os direitos negados de um povo*, você denunciou a exclusão social e os péssimos indicadores sociais dos moradores dos quilombos do Nordeste, uma situação que costuma ser ignorada pela grande imprensa. Você percorreu 5 mil quilômetros, em seis estados nordestinos, visitou comunidades quilombolas e apresentou estatísticas recentes sobre elas. De que maneira você se preparou para fazer essa reportagem? Tinha uma pauta já estruturada?**

**SB:** Fiz outras pautas para as quais acabei visitando quilombolas de mais de uma cidade do estado de Pernambuco. Eram matérias triviais, uma sobre idosos e outra sobre um vídeo produzido por uma comunidade, por exemplo. Me impactou bastante a forma como aquelas pessoas viviam. Como já andei muito pelo interior, comparava as comunidades quilombolas com outras realidades. Tinha a impressão de que a situação dos quilombolas era mais grave do que muitas áreas rurais da região Nordeste. Foi quando li que uma antropóloga iria fazer um estudo para mapear os quilombolas de Pernambuco [Projeto de Mapeamento das Comunidades Quilombolas do Sertão de Pernambuco, coordenado pelo Centro de Cultura Luiz Freire]. Surgiu, então, a ideia de um especial maior, que acabou virando um caderno. Pesquisei muito e estruturei a pauta. Essa fase de produção é muito importante para mim e, às vezes, demoro tanto nela quanto na rua. Pois bem: tracei um mapa das comunidades que visitaria e, aos poucos, durante as conversas, a pauta foi se moldando até o formato final.

*“Cheguei à conclusão de que havia uma responsabilidade que eu gostaria de assumir: de falar sobre mazelas sociais do Nordeste, a região mais pobre do país e que cresce a passos lentos em virtude da falta de uma política diferenciada eficaz para torná-la menos desigual em relação às demais regiões do país.”*

**O que mais a impressionou nessa matéria, que foi premiada, inclusive internacionalmente?**

**SB:** A falta de interesse que existe em reconhecer os direitos desses descendentes de escravos. Falo do interesse por parte dos governos e do

## Mestres da Reportagem

interesse da sociedade de discutir a questão. O descaso para com eles vai desde a ausência de estatísticas que balizem políticas públicas, ainda escassas, até o não reconhecimento de que esses cidadãos merecem uma compensação por séculos de opressão. Os quilombolas, como disse uma das entrevistadas, continuam “cativos” da pobreza. Isso foi muito angustiante e impressionante para mim.

**Você recebeu os prêmios Esso e Embratel de Jornalismo pela série chamada *Nordeste Conectado*. Você percorreu municípios nordestinos com os piores indicadores socioeconômicos e visitou *lanhouses* nessas cidades. É verdade que você encontrou crianças que até se prostituíam para conseguir dinheiro para acessar a internet?**

**SB:** É verdade. Alguns casos foram registrados por conselheiros tutelares das cidades visitadas. Obtive relatos de casos de crianças e adolescentes que saíam de casa, à noite, escondidas dos pais para conseguir trocados vendendo o corpo e gastar no dia seguinte com o uso dos computadores. Foi a constatação de uma realidade muito triste, que misturava o desejo de conhecer o mundo, de se incluir, com a falta absoluta de recursos financeiros e aporte social. Eram meninos que viviam longe de tudo, que cansaram de ver pela TV bens de consumo e gente que pensava e tinha vida diferente. Diante desses meninos, surgiu um objeto capaz de transportá-los para outro lugar em um clique. E mais: um objeto que lhes tirava da condição de observadores. Para essas pessoas, as *lanhouses* e a Internet eram janelas imensas e atrativas. Escrevi essa série há cinco anos e ela tratava do fenômeno das *lanhouses* no Nordeste. Agora há pouco, em março deste ano [2012], publiquei outro especial chamado *Nordeste em Rede*, que revela o quanto a tecnologia tem transformado as famílias, as escolas, as pessoas desse Nordeste mais isolado. Fiquei satisfeita com o avanço que vi. Encontrar Jussandra, uma garota de Francisco Macêdo [PI] que é um município de menos de 3 mil habitantes, fazendo consultoria para professores sobre Internet é algo animador. A fase atual é o resultado da inclusão que vi sendo descoberta lá atrás de forma torta, muitas vezes.

**Percebemos que você desenvolve suas matérias com intensida-**

**de. A paixão e o envolvimento ajudam o repórter a fazer um grande trabalho? O que você acha da postura muito ensinada nas faculdades hoje sobre ser imparcial e não se envolver?**

**SB:** De uma forma geral, acho que a paixão e o envolvimento ajudam o repórter. Fazem com que a gente veja e escute o personagem de forma mais cuidadosa. Também ajudam na redação das matérias. A emoção, a forma de se contar uma história, é muito interessante e útil, mas não pode comprometer a informação, que é o mais importante de tudo no jornalismo. É bom frisar: acho que essa paixão não pode atrapalhar a imparcialidade da informação. Talvez haja uma certa confusão porque as pessoas sempre acham que a imparcialidade precisa ser fria. Agora, essas são opiniões mais genéricas que tenho. Lógico, há casos de matérias específicas, como nas áreas de política ou economia, com as quais é preciso um cuidado maior na escolha da redação e nas quais, muitas vezes, um texto mais seco funciona melhor.

*“Infelizmente, o jornalismo brasileiro resolveu seguir uma tendência internacional e vai deixando cada vez mais uma parcela representativa da população sem ser retratada como deveria.”*

**Na coluna *Andanças pelo Nordeste*, publicada no *Portal Imprensa*, você diz que ainda hoje, na era da Internet, a essência dos entrevistados está mais nos seus silêncios do que nas suas falas. Por quê?**

**SB:** Porque a gente não pode ignorar que os trejeitos e as expressões são formas de comunicação. Não verbais, menos objetivas, mas são. Um sorriso de canto de boca, um olhar distante ou entristecido, a forma como a frase é dita partida, rápida ou engolida como se fosse um bolo de carne mal mastigada, pode mudar tudo. Nós, repórteres, não podemos nos esquecer disso. Entrevista por telefone e e-mail é mais rápido, útil, boa em alguns casos. Mas ao vivo é muito melhor e rende muito mais. Sempre.

**Que requisitos não podem faltar num repórter?**

## Mestres da Reportagem

**SB:** Pra mim, uma das qualidades essenciais é a disposição para ir em busca da melhor pauta, do melhor entrevistado, da melhor fala, do melhor texto, da melhor suíte. Destacaria também a perseverança e a humildade, entre outras.

**Das reportagens que realizou e muitas premiações, qual considera a mais marcante? Por quê?**

**SB:** O *Esso* de *Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente* que ganhei em 2006 foi bem marcante. No ano anterior, concorri na categoria regional Norte/Nordeste e fiquei entre as três finalistas. Perdi. Voltei do Rio de Janeiro para Recife pensando: “Nunca mais terei essa chance”. No ano seguinte, estava lá para ganhar a disputa e tive a sorte de ganhar outros dois prêmios *Esso* em anos posteriores. Outra premiação que me marcou bastante foi o da Associação dos Correspondentes Internacionais da ONU, em 2009. Nunca pensei que o ganharia. Precisei da ajuda do meu fiel-escudeiro Vandek para traduzir a matéria inteira para o inglês e francês. Recebi a notícia da conquista enquanto cuidava de minha filha, Anaís, numa UTI neonatal. Não pude ir a Nova Iorque receber o prêmio, mas fiquei feliz em saber que o Ban Ki-Moon [secretário-geral das Nações Unidas] leu o nome da nordestina aqui lá na entrega da honraria. ♦

# SÔNIA BRIDI

*"A única coisa  
que vale a pena  
no jornalismo  
é a reportagem"*







## A repórter Sônia Bridi critica a superficialidade e a burocracia de muitos textos encontrados hoje em nossos jornais

Por André Luiz Guimarães

Tudo na vida de Sônia Matilde Bridi, 48 anos, aconteceu rápido. E isso por conta de sua personalidade e comportamento, marcados por uma postura proativa, versátil, perseverante e apaixonada.

Aos 14 anos, já era colunista do jornal *Imprensa Catarinense*, de Caçador (SC), sua cidade natal. Fazia tanta marcação cerrada na porta do impresso para pedir emprego que um dia seu professor de português, que estava de passagem pela redação, conseguiu convencer o dono do jornal a dar uma oportunidade para aquela que era a melhor aluna dele.

Três anos depois dessa primeira experiência no jornalismo, foi morar em Florianópolis, onde arrumou emprego de redatora na *Rádio Barriga Verde*. O grupo de comunicação ao qual pertencia a emissora resolveu apostar em TV e Sônia teve a chance de começar a atuar na telinha. Passou pelo grupo *Bandeirantes* e, aos 21 anos, teve duas experiências que foram cruciais em sua vida: tornou-se mãe e editora do telejornal *RBS Notícias*, da *RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações)*, retransmissora da *Rede Globo*.

Quando estava no segundo ano de jornalismo, já fazia matérias para o *Jornal Hoje* e para o *Fantástico*. Aos 27 anos, era apontada como uma das principais repórteres do *Jornal Nacional*.

Em 1995, surgiu a oportunidade de ser correspondente internacional da *Globo*, em Londres, mais uma vez por conta de sua postura proativa. A rede carioca de televisão gostou do jogo de cintura da jornalista na cober-

## Mestres da Reportagem

tura da Copa de 1994, nos EUA, e fez o convite: “Quando chegamos a Orlando para cobrir a Copa não tínhamos como mandar as matérias por satélite do Centro de Mídia. Tive que descobrir um local de onde poderíamos gerar o material. Liguei para a *Globo* e disse: o centro de mídia não está montado ainda, não tem como mandarmos por satélite de lá, mas temos essas alternativas. Se há um problema, vou logo buscar a solução. Gostaram da minha postura”.

De Londres, a jornalista foi para Nova Iorque (1996 a 1999), Pequim (2005 a 2006) e Paris (2007 a 2009). Mas de todas as experiências internacionais, a da China, segundo ela, foi a mais enriquecedora: “É um prato cheio para o jornalista. Lá você vai até a esquina e volta com cinco matérias, aonde você vai tropeça numa reportagem. Tudo é muito diferente”. A vivência naquele país resultou no livro *Laowai – histórias de uma repórter brasileira na China* (Ed. Letras Brasileiras, 2008).

Desde 2009, Sônia ocupa a função de repórter especial do *Fantástico*. Fez para o programa dominical a série de reportagens *Terra, que tempo é esse?*, que acabou resultando no livro *Diário do clima*, lançado em junho de 2012. A jornalista percorreu 14 países durante seis meses em busca de soluções e explicações para o problema do aquecimento global, conversou com os principais cientistas e estudiosos do assunto no mundo.

Sônia se define como “pé de boi”. Faz questão de suar a camisa e de ser responsável por tudo que envolve sua matéria. Perfeccionista, escreve todos os seus textos, vê todas as imagens e ajuda na edição. “Dá um trabalho desgraçado, mas não pode ser de outro jeito. Eu acompanho tudo de perto, não espero o produtor ligar pra marcar uma entrevista. Sempre que posso, eu mesma ligo e falo com a fonte”.

Apesar do reconhecimento nacional e internacional e dos prêmios que já recebeu, não é o papel de jornalista que a orgulha, e sim o de mãe e esposa: “Eu gosto muito do meu trabalho e não consigo me imaginar sem ele, mas o que me orgulha nessa vida é ser mãe da Mariana e do Pedro e mulher do Paulo [Paulo Zero, cinegrafista, que também é companheiro profissional da jornalista]. Isso sim é importante. É ter a vida que a gente leva de amor e respeito. Não ter o jornalismo como uma religião, me faz uma jornalista melhor.”.

**Dos 14 aos 17 anos você escreveu na *Imprensa Catarinense*, jornal local de Caçador (SC), sua cidade natal. Era uma coluna estudiantil. Foi a partir dessa experiência que resolveu seguir no jornalismo?**

**Sônia Bridi:** Não, foi ao contrário, essa experiência só aconteceu porque eu queria ser jornalista. Eu era garota e estava estudando. Sou de uma família de oito irmãos. Quando a gente chegava à idade de 14 anos, cada um arrumava um trabalho para ajudar, não pra ajudar em casa, mas para ter o seu dinheiro, para gastar num fim de semana, comprar uma roupa nova, livro, disco, estas coisas. Eu queria ser jornalista, então fui ao jornal e pedi emprego. O dono do jornal achou muito engraçado, uma fedelha batendo na porta para pedir emprego, mas eu não saía de lá, pelo menos uma vez por semana ia até o jornal. Um dia meu professor de português estava lá e disse: “Dá uma chance pra ela, é a minha melhor aluna”. O dono do jornal propôs que eu fizesse uma coluna estudiantil, mas eu tinha que vender o patrocínio dela, então, eu só tinha salário quando havia patrocinador. Geralmente, os meus acordos com os patrocinadores eram por permuta. Tinha mês que era um sapato, no outro uma roupa. O meu patrocinador mais frequente era o dono da loja de discos e livros. Havia tudo numa loja só e era onde eu comprava essas coisas que adolescente adora.

“O editor pode alterar algumas coisas, mas o responsável pelo conteúdo da minha reportagem sou eu, disso não abro mão. Dá um trabalho desgraçado, mas não pode ser de outro jeito.”

**Daquela primeira experiência até o cargo de repórter especial do *Fantástico*, que você ocupa hoje na *Rede Globo*, acredito que deve ter sido um longo caminho. Por quais empresas você passou antes da *Globo*?**

**SB:** Três anos depois dessa primeira experiência fui morar em Florianópolis para fazer a Faculdade, e arrumei emprego de redatora de uma rádio FM que tinha bastante notícia. Chamava-se *Rádio Barriga Verde*. O grupo a que pertencia essa emissora montou uma televisão e, auto-

## Mestres da Reportagem

maticamente, passei a trabalhar nela, mas eu era muito garota ainda, tinha 17 para 18 anos e havia acabado de entrar na faculdade de Filosofia. O diploma de Jornalismo não era obrigatório, então eu achava que iria ganhar mais com Filosofia do que com Jornalismo. Trabalhei no grupo *Barriga Verde* por dois ou três anos até que fui contratada pela *TV Cultura*, que não era essa de São Paulo da rede pública, e sim a retransmissora da *TV Bandeirantes* na região, naquela época. Aos 21 anos eu já estava como editora do telejornal *RBS Notícias*, da *RBS [Rede Brasil Sul de Comunicações]*, uma TV local retransmissora da *Rede Globo*. Editava sozinha o jornal. Após três anos trabalhando ali, percebi que precisava fazer a faculdade de Jornalismo, não tinha jeito. Se eu quisesse continuar nesse trabalho, teria que ter o diploma, então, prestei vestibular na UFSC [Universidade Federal de Santa Catarina] e entrei no curso. Comecei a fazer Jornalismo no período da manhã e fui para a reportagem, pois era a única função que tinha horário fixo. Quando eu estava no segundo ano de Jornalismo, já fazia matérias para o *Jornal Hoje*, da *Globo*, e comecei a fazer uma matéria ou outra para o *Fantástico*. Depois veio a chance de emplacar algumas matérias no *Jornal Nacional*. Quando terminei a faculdade, já era repórter do *JN* há dois anos, tinha entre 27 anos. Fui contratada para trabalhar na *Globo* do Rio de Janeiro, onde fiquei de 1991 a 1995. Depois fui para Londres ser correspondente internacional e, de lá, pra Nova Iorque em 1996, onde fiquei até o meio de 1999. Tive vários empregos ainda garota, mas só de *Rede Globo*, contando com o tempo da *RBS*, são 27 anos, até agora.

### **Qual foi o seu diferencial para ser bem-sucedida na área jornalística?**

**SB:** Sempre gostei de ler, lia muito. Isso fez com que desde menina eu tivesse uma forma diferente de ver as coisas. Conhecia bem Literatura e História. Aos 20 anos, já tinha lido todos os clássicos de Dostoiévski, Tolstói, Tchecov e Shakespeare. Tudo o que você imaginar de literatura eu tinha devorado. Sabemos que, para escrever direito, é preciso ler, então, isso foi um diferencial. Outro fato é que eu trabalho bastante, quando estou fazendo uma matéria, não paro até checar os últimos detalhes, leio e releio várias vezes até terminar. Como fui editora antes de ser re-

pórter, compreendo bem a estrutura da reportagem. Decupo todos os discos, vejo cada imagem, escrevo para a imagem, entro na ilha de edição e dou pitaco, fico até o fim. Por exemplo, na *Globo* teve um seminário que discutiu quem deveria ser responsável por cada coisa e aí vieram com uma história de que o responsável pela matéria era o editor, e não o repórter. Não concordei. “O responsável pela minha matéria sou eu. A matéria é minha”, disse. O editor pode alterar algumas coisas, mas o responsável pelo conteúdo da minha reportagem sou eu, disso não abro mão. Dá um trabalho desgraçado, mas não pode ser de outro jeito. Eu acompanho tudo de perto, não espero o produtor ligar pra marcar uma entrevista, por exemplo. Eu mesma ligo, falo com a fonte. Na experiência como corresponde internacional a gente aprende isso. É como se trabalhássemos numa emissora pequena do interior, você agenda, marca viagem, produz, edita, gera, faz tudo. Foi ótimo para me dar um controle sobre o conteúdo que dificilmente eu teria numa estrutura grande. Com isso, você imprime a sua marca na reportagem. Sei que as minhas matérias não têm uma característica só do meu texto, mas têm um ritmo de edição, tem um jeito específico de filmar. Não gosto do ritmo cheio de tititi, de imagens cortadas. Não quero enganar as pessoas, quero que elas vejam e que elas contemplem a imagem, que tenham tempo de entender o que estão vendo. Uma edição muito rápida é uma edição para criar confusão, e não para esclarecer. As pessoas dizem que é preciso ter ritmo de edição, mas ritmo de edição não tem nada a ver com a velocidade da edição. Quando afirmo que a matéria é “minha”, digo isso para o bem e para o mal. Assumo toda a responsabilidade. Se tem alguma coisa errada, a culpa é minha e não do editor. Agora, é bom deixar bem claro que ninguém faz TV sozinho. Precisamos de uma grande equipe, e quando um elo apenas não funciona, tudo pode desabar. Precisamos fazer TV com bons cinegrafistas, produtores, editores, técnicos, repórteres. E quanto mais gente der opinião na matéria, melhor ela vai ficar. Mas quando vai ao ar é com minha voz e minha cara, então a responsabilidade é minha.

**Como foi cobrir a chacina ocorrida na Igreja Nossa Senhora da Candelária, em 23 de julho de 1993, no centro do Rio de Janeiro, logo no início de sua carreira?**

## Mestres da Reportagem

**SB:** Horrível, horrível. Pensar que você vive num país onde uma criança de seis anos é morta, tentando cobrir a cabeça e deixando o pezinho de fora para se esconder com aquele cobertor sujo. Primeiro, você pensar que vive num país onde as crianças vivem nas ruas, desprotegidas e, ainda por cima, vem gente defendendo que a criança tem o direito de estar na rua. Criança não tem direito nenhum de estar na rua, o meu filho não tem o direito de estar na rua. Ele tem o direito de ir para a escola, de ter comida na mesa, de ter disciplina, responsabilidades, carinho, amor, uma família. Isso é um direito da criança, estar na rua não é direito não, é desleixo nosso, é responsabilidade da sociedade. A chacina da Candelária pra mim é a visita do inferno, sabe? [emocionada]. É você ver o que tem de pior na humanidade, porque revela o pior de tudo que nós somos. Uma sociedade que abandona as suas crianças à própria sorte no meio da rua, uma sociedade que permite que elas sejam assassinadas. Teve gente que contratou os policiais, policiais que estão ali para proteger gente, matando crianças. Foi o momento mais chocante da minha carreira.

### O que mais te comoveu naquela cobertura?

**SB:** Foi andar na rua [emocionada] e ver gente dizendo que os assassinos fizeram bem. Percebi que os brasileiros tinham perdido a noção do que é certo ou errado. Era uma inversão de valores muito grande. Percebo que, agora, o Brasil está começando a recuperar alguns valores, mas nós estávamos num caminho extremamente perigoso nesse país, em que o ladrão era venerado, em que o bicheiro era idolatrado no carnaval, o bandido fazia pose na favela e como se fosse o responsável pelo bem-estar da comunidade, os corruptos com a maior cara de pau desfilando por aí, todos os traços de uma sociedade que perdeu a vergonha. O senso da vergonha é uma coisa fundamental para a existência em sociedade. Nós não precisamos fazer como o japonês que, quando é envergonhado publicamente, tem de cometer o suicídio, um ritual para limpar o nome da sua família, mas a gente precisa ter um pingão de vergonha como sociedade, e isso o Brasil estava perdendo. Acredito que estamos recuperando isso um pouco aqui, um pouco ali, está melhor do que estava antes, mas, mesmo assim, os principais problemas do Brasil são estruturais, e tudo começa com a Educação.

**Pode nos contar um pouco dos bastidores de investigação daquela cobertura?**

**SB:** Eu acompanhei muito de perto o trabalho “da polícia”, a P2 da PM [Serviço de Inteligência da Polícia Militar]. Na época, era o Coronel Brum que comandava a P2 fazendo esta investigação. Logo em seguida, teve a chacina de Vigário Geral [28 de agosto de 1993, na Praça Catolé do Rocha, em Vigário Geral, RJ] e também fui uma das primeiras repórteres a chegar lá. Foi igualmente horrível... Era a mesma equipe fazendo a investigação, porque o crime também havia sido cometido por policiais militares. Aliás, se fizermos uma lista dos 30 piores crimes cometidos no Brasil nos últimos 20 anos vamos ver que, desses 30 piores, 20 foram cometidos por policiais. Se isso não diz alguma coisa pra gente, o que é que diz, então? Nessa época, estávamos dando a notícia sobre o caso todos os dias e as investigações apontavam para policiais. Lembro-me de estar em uma delegacia. Passou um PM por mim e falou assim: “É... tem gente que não sabe que, de repente, vem uma bala perdida. Quem vai dizer de onde ela saiu?”. Aquelas ameaças para intimidar, sabe? Nunca gostei de matéria policial. Há repórteres que gostam muito da reportagem policial, eu não gosto dessa coisa de negociação com polícia, não gosto, não gosto mesmo. Precisamos cobrir as questões policiais com seriedade, porque quando acontece um caso como o do menino Juan Moraes [garoto de 11 anos, que desapareceu no dia 20 de junho de 2011 durante uma operação da Polícia Militar na favela Danon, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense], percebemos como essa questão é importante. Um menino é assassinado, seu corpo é escondido e tem policiais envolvidos na história. Temos a obrigação de tentar saber o que aconteceu, mesmo que não houvesse policiais envolvidos. Se é um menino rico que some, se é meu filho que some, está todo mundo da imprensa em cima. Se é um menino pobre, precisamos dar o mesmo peso. Uma vida é uma vida, não interessa a cor, classe social. Temos que lutar sempre pela vida.

**Como chegou ao cargo de correspondente internacional?**

**SB:** Na Copa de 1994 [realizada nos Estados Unidos] fui chamada para participar da cobertura, fiquei na sede da *Globo* de Orlando com um cinegrafista e um assistente, durante 40 dias. Quando chegamos, não tí-



## Mestres da Reportagem

nhamos como mandar as matérias por satélite. Tive que descobrir um local de onde poderíamos gerar o material e quanto custava. Quando liguei para a *Globo* do Rio, disse: “O centro de mídia não está montado ainda, não tem como mandarmos por satélite, mas temos essas alternativas”, e expliquei como poderíamos fazer. Sempre fui muito proativa. Se há um problema, vou logo buscar a solução. A *Globo* gostou do meu trabalho na Copa. No ano seguinte, abriu uma vaga em Londres e convidaram-me para ir. Não era uma coisa que eu tinha planejado, porque a Mariana [filha de Sônia Bridi] era pequena, ela estava com 10 anos na época. Era difícil ir para o exterior com uma criança e tudo mais. Mas achei um desafio bom, interessante. Me abriu perspectivas novas a possibilidade de viver um tempo na Europa. Acabou que fiquei pouco tempo, porque a *Globo* ficou sem repórter em Nova Iorque e precisavam de alguém rápido, alguém que chegasse já direto no batente. Eles sabiam que poderiam contar comigo, que eu não iria ficar sofrendo para me adaptar, chegaria colocando a mão na massa. Fui de Londres para Nova Iorque e fiquei lá quase quatro anos.

### **Como foi ficar tanto tempo longe da família no Brasil?**

**SB:** Muito duro. O pior era quando chegava o fim de semana. Sou de uma família grande, então os fins de semana sempre foram bem movimentados. Quando vim morar no Rio pela primeira vez, a Mariana era pequenininha, tinha cinco ou seis anos. Tínhamos um grupo de amigos muito bom aqui no Rio. Todo fim de semana nos reuníamos. Era uma turma de amigos vindos do sul, acabamos nos agregando. Quando fomos morar em Nova Iorque, era muito solitário, principalmente aos domingos. Lembro-me que dizíamos que o almoço de domingo era chato, pois era aquele dia em que estávamos sempre com a família e amigos no Brasil e lá estávamos sozinhos. Ao mesmo tempo, não acredito que o que faz a amizade é só a proximidade física. O importante é você saber que pode contar com as pessoas, ter um relacionamento sincero, aberto. Sei que se eu gritar socorro, meus irmãos baixam os sete aqui em meia hora. Isso é uma coisa que vale ouro, não tem nada que vale tanto quanto isso. Da mesma maneira que, se eles precisarem, estarei lá por eles, pelos meus pais e pelos meus amigos. Hoje tenho tantos amigos, totalizando uns 30, que os

chamo de “irmãos”. Isso é muito bom. Quando estávamos na China foi um isolamento muito maior, porque em Nova Iorque, em Londres e em Paris, todo mundo vai te visitar, agora na China não. Lá é muito duro, muito longe. Sentia muita saudade da Mariana, porque ficamos dois anos na China e, durante um ano e meio, ela ficou aqui no Brasil. A gente se via a cada seis meses, mas mãe e filha se verem a cada seis meses é muito pouco. Ela já tinha 20 anos, mas sentimos muita, muita saudade uma da outra. Ao mesmo tempo, foi um momento em que tivemos uma qualidade de convivência familiar muito grande: eu, o Paulo [marido de Sônia] e o Pedro [filho de Sônia e Paulo]. Convivemos muito intensamente, nos conhecemos profundamente, ficamos muito juntos o tempo todo. Isso foi muito bom.

*“Os brasileiros que vão pra a China só sabem falar de trabalho escravo, por causa do comunismo. Não conseguem enxergar os méritos das pessoas. Não analisam o que aquele povo está fazendo pra sair da miséria, uma geração inteira fazendo um imenso sacrifício para criar oportunidade para seus filhos, enquanto aqui no Brasil, faz-se o quê?”*

**Você tem uma rica experiência como correspondente internacional. Como é retratar a realidade de diferentes países?**

**SB:** Quando a gente chega num lugar, a primeira coisa que temos que fazer é tentar entender como as pessoas daquele lugar fazem as coisas e por que elas fazem. Fico muito desanimada quando vejo brasileiros que viajam e só sabem falar mal do lugar onde estão. No caso da China, principalmente, isso é revoltante. Os chineses fazem um esforço desgraçado pra sair da miséria, trabalham loucamente, é um povo dedicado, estudioso, um país que possui 1,3 milhões de habitantes e não tem uma criança fora da sala da aula, ninguém que estude menos de 10 anos. Trinta por cento da renda familiar deles é para a educação de uma única criança. Os brasileiros que vão para a China só sabem falar de trabalho escravo, por causa do comunismo. Não conseguem enxergar os méritos das pessoas. Não analisam o que aquele povo está fazendo pra sair da miséria, uma

## Mestres da Reportagem

geração inteira fazendo um imenso sacrifício para criar oportunidade para seus filhos, enquanto aqui no Brasil, faz-se o quê? Ficam defendendo que todo mundo possa se aposentar antes dos 65 anos de idade. Hoje, tem gente com menos de 50 anos que está se aposentando para viver até os 90 anos em cima do dinheiro público, comprometendo nossa capacidade de investir em infraestrutura e de tornar o Brasil um país mais competitivo. Vejo pessoas que defendem universidade gratuita para filho de rico, enquanto a escola pública dos pobres não tem o mínimo de recurso para funcionar. Muita gente defende os direitos dos professores, chamando-os de coitados, porque eles recebem mal. Mas também é direito do aluno ter uma escola decente, um professor que vai dar aula, que não falta. Mesmo reconhecendo que precisamos de fato melhorar bastante a vida dos professores, sabemos que, infelizmente, há docentes que não aparecem, apresentam atestado falso. Isso tudo precisa mudar. É necessário que as pessoas sintam que precisam devolver coisas para a sociedade. Quem faz uma faculdade pública, se não paga durante, deveria pagar depois. Aqui no Brasil os pobres pagam pela universidade, e os ricos fazem universidades públicas e de graça. Quer maior exclusão que esta? A democracia é você ter oportunidades iguais desde a largada. E onde é a largada? É o ensino básico e bom para todos.

### Como as populações desses países te receberam?

**SB:** Em cada país é diferente. A Inglaterra e os EUA são países cheios de imigrantes, legais e ilegais. São grandes metrópoles, você passa ignorado no meio da multidão. Quanto mais civilizado e avançado democraticamente o país for, mais fácil é de se viver. A França é um país muito complicado, os franceses são revoltados com o mundo, pensam como a maioria dos brasileiros que acha que o Estado deve dar tudo a eles. Hoje o Brasil deveria pensar na frase de John Fitzgerald Kennedy [ex-presidente dos Estados Unidos]: “Não pergunte o que seu país pode fazer por você. Pergunte o que você pode fazer por seu país”. Na China foi uma coisa muito complicada. Ao chegar à casa dos chineses, eles te oferecem o que têm de melhor, são curiosos, querem saber tudo sobre você, mas com muito medo, porque a pressão é grande, e se relacionar com estrangeiro é complicado. Vai que o imigrante com quem eles estão se relacio-

nando é acusado de espionagem... eles estarão encrocados. Com toda a censura e a repressão impostas pelo Governo, eles podem realmente se complicar. Os chineses têm medo de falar, principalmente com jornalistas estrangeiros. Quando se vive numa ditadura é muito difícil estabelecer relacionamentos humanos, porque a ditadura faz isso, ela bota um medo nas pessoas e esse medo permeia todos os relacionamentos de trabalho, de negócios, de amizade, tudo.

**Podemos dizer que a experiência que mais marcou você como correspondente foi a China?**

**SB:** Sim. Estados Unidos, França e Inglaterra são países mais desenvolvidos que o Brasil, mas são países ocidentais, com os mesmos valores, parecidos de modo geral com o nosso, línguas que você pode falar, que você consegue aprender. Na China aprender a língua é como tornar-se analfabeto, você chega e é analfabeto. Não reconhecer as letras é um choque. É uma coisa terrível. Você não entende uma palavra que os chineses falam, os gestos e os costumes também são diferentes. Usar branco, por exemplo, é luto. Há um monte de rituais. Ao comer peixe, você não pode virá-lo, come de um lado e não pode virar para comer o outro, porque peixe é sorte e, se virar, o peixe estará virando a sua sorte. O número 8 é o número da sorte. Quatro eles não usam, porque o número 4 significa morte. Então, não tem esse número na sua casa, não há quarto andar, décimo quarto e nem vinte e quatro... Nada que tenha o número quatro. Você precisa aprender os códigos do país, as maneiras como as pessoas se relacionam. No Brasil, uma pessoa bronzeada é bonita, lá é horrível. Porque isso é coisa de camponês, de gente que faz trabalho braçal, os intelectuais não pegam sol. É muito código, entende? É uma cultura muito diferente, mas muita gente vai pra China e só consegue enxergar o povo cuspidando no chão, como se não fizessem o mesmo aqui no Brasil. Me pergunto por que as pessoas não se concentram em entender, por exemplo, como esta sociedade confucionista valoriza a educação, o conhecimento, a promoção por mérito, o cuidado para com os filhos, o respeito para com os velhos. Ao mesmo tempo, têm coisas desprezíveis como os maus-tratos às mulheres. Mas você não pode olhar apenas pra isso, desprezar uma sociedade toda, quando você vê coisas que não entende. Precisamos ten-

## Mestres da Reportagem

tar entender o que os leva a agir assim, o porquê dos comportamentos, e entender também a vantagem de cada sistema, de cada povo. A China é um prato cheio para o jornalista. Lá você vai até a esquina e volta com cinco matérias, aonde você vai tropeça numa reportagem. A própria medicina é diferente, não é uma medicina baseada em anatomia, em conhecimento da biologia, mas é baseada em conceitos filosóficos e de energia, medicina é uma filosofia na China. É tudo muito interessante. Excelente para quem é repórter e gosta de fazer matérias que ainda não foram feitas. A China nunca sai do noticiário. Todos os dias leio os principais jornais do mundo pela Internet, do *The New York Times* ao *El País*. Em qualquer dia, vejo uma ou duas reportagens sobre a China e isso não começou agora. Desde os anos 90, venho acompanhando isso. Antes de ir para lá, vivia dizendo na *Globo*: “Precisamos ir pra China fazer algumas matérias, está acontecendo uma coisa muito incrível lá, o país está crescendo mais de 10% ao ano, e a economia brasileira está estagnada. Por que eles conseguem resistir?” Em 2004, encontrei com o Carlos Henrique Schroder [Diretor-geral de Jornalismo e Esporte] e falei pra ele que precisávamos fazer uma série de reportagens sobre aquele país. Ele disse: “Não, vamos fazer um *Globo Repórter!*”. Na ocasião coincidiu que o Lula [ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva] estava indo para a China. Fui com uma equipe para cobrir a visita do Lula e acabamos ficando um pouco mais para fazer um *Globo Repórter*. O Schroder gostou muito do programa e ele ficou muito legal mesmo, porque mostrava tudo aquilo que estava acontecendo na China. Lembro que recebi algumas críticas, dizendo que eu não tinha mostrado que tem pobreza na China. Só que pobreza lá não é novidade. Novo é mostrar milhões de pessoas deixando de ser pobres e entrando na classe média. É como um gringo que vem hoje para o Brasil, com tudo o que está acontecendo na economia do país, com 40 milhões de pessoas que saíram da pobreza e entraram na classe média nos últimos 10 anos; 40 milhões é a população da Argentina! Claro que um jornalista gringo focaria nesta mudança. Enfim, em 2004, a *Globo* decidiu que, no ano seguinte, deveria ter correspondente na China. O projeto inicial era mandar um mochileiro, um repórter sozinho, mas aí chegaram à conclusão de que talvez a China fosse um pouco mais complexa do que eles estavam imaginando e convidaram o Paulo Zero e eu pelas nossas experiências.

Não pensamos duas vezes, era tudo que queríamos. Foi duro, foi difícil, foi complicado, mas foi muito bom. Como repórter não tem experiência melhor. A China está mudando o mundo. Há duas coisas que vão mudar o mundo dos nossos filhos, dois assuntos que vão mudar o mundo no futuro: a ascensão da China e as mudanças climáticas. E eu me dedico muito a esses dois assuntos, acredito que é um jornalismo pensando no futuro.

**No livro *Laowai : histórias de uma repórter brasileira na China* (2008), você conta um pouco do seu cotidiano naquele país e explica que você e seu esposo tinham a missão de montar a primeira base da TV Globo na Ásia. Como foi encarar este desafio?**

**SB:** Uma responsabilidade imensa, mas ao mesmo tempo, como tinha passado 40 dias na China trabalhando em uma matéria anterior, sabia que não estava indo para Marte. Sabia que iria para um país onde as pessoas querem viver bem e gostam de tratar bem as crianças. Nunca vi um povo carinhoso com criança como o chinês. Não vi um chinês maltratando criança durante os dois anos em que eu passei lá. Eles dão balas, pirulitos para as crianças, as estragam até, mimando-as, é uma coisa incrível. Lembro-me de um dia em que o Pedrinho teve um ataque, aquelas coisas de uma criança de três anos querendo alguma coisa dentro do supermercado: “Eu quero, eu quero, eu quero”, ele dizia. Eu o deixei esperneando no chão e os chineses começaram a vir com pirulitos, balas, porque, para eles, não dá para deixar uma criança chorando, a criança tem que ser agradada. De repente, ele parou de chorar. Perguntei a ele: “Terminou?”. E ele disse: “Terminei”. Então, eu falei: “Agora levanta daí e vem aqui dar um abraço na mamãe. Ele veio e uma chinesa velhinha olhou pra mim e disse na língua deles: “Muito bem!”. Quanto à moradia, não tínhamos dúvidas de que iríamos morar muito bem. Os prédios na China são de mais qualidade do que os condomínios do Brasil, em geral. Não era fácil, mas não era impossível. Paulo e eu estávamos planejando fazer isso. Foi mais difícil para o Pedrinho. Para uma criança de três anos morar num país onde não consegue se comunicar, brincar, se relacionar, é complicado. Ele brincava muito sozinho, estava sempre isolado na escola. No primeiro ano, não foi nada fácil. Já no segundo ano, quando ele estava dominando a língua, adorou.

**Em *Laowai* você também fala da censura do governo chinês à Internet e sobre o controle rígido das informações. Diz que isso atrapalhava bastante sua atividade jornalística. Hoje as dificuldades são as mesmas ou mudaram?**

**SB:** Várias pessoas diziam que, conforme houvesse a abertura econômica da China, a censura iria diminuir, mas eu nunca acreditei nisso. Hoje vejo que eu estava certa. O governo central da China acredita que precisa deixar a mão firme para poder manter o país no rumo, que uma virada no sistema de governo seria extremamente prejudicial ao desenvolvimento do país, ou seja, os comunistas não vão largar o poder assim. De comunista mesmo a China não tem mais nada, só tem autoritarismo. Antes das Olimpíadas [2008], assinaram uma porção de liberdades, mas isso era para gringo ver e continua sendo assim. A gente tem acompanhado, por exemplo, o que tem acontecido com o Ai Weiwei [artista plástico chinês que expôs na Bienal de Arte de São Paulo, em 2010]. Ele fez algumas críticas ao governo e foi preso. Ninguém tem notícias sobre o processo, porque ele é fechado. O sistema judiciário é uma piada de mau gosto na China, é uma tragédia. Eu sinceramente não acredito que a China vai afrouxar o sistema nos próximos 15 anos. Acho que até eles chegarem aonde eles querem chegar, não vão afrouxar.

**Como era conseguir fontes para entrevistar em um país de censura?**

**SB:** Um inferno! Eles não censuram o que digo, eles censuram o que as fontes me dizem, e censuram o acesso às fontes. Portanto, as pessoas não falam com estrangeiros, principalmente com jornalistas, não atendem ao telefone, não dão entrevista. Às vezes, é uma coisa simples, uma matéria boba e você não tem fonte. Sempre tem que achar um jeito de produzir a matéria sem ter uma entrevista, isso não é fácil. É uma frustração todo dia. Em compensação, o pouco que você consegue já é uma matéria sensacional, porque é uma realidade diferente, como disse há pouco. Tive muita preocupação, principalmente com a Sheryl (nome ocidental de Hu Hua), que era nossa tradutora, e com o Li, nosso motorista. Cada vez em que eu ia fazer alguma coisa que achava que poderia dar problema com o Estado chinês, não falava pra eles. Arranjava um jeito de

ir com uma tradutora brasileira que falava chinês. Eles nem sabiam o que eu estava fazendo, porque eu não queria que eles fossem. Os chineses são muito cruéis nisso, eles punem as pessoas que você gosta, usam o nosso sentido de culpa ocidental, realizam isso com muita frequência. Punem os produtores, as pessoas que trabalham pra você, botam na cadeia. Fizemos isso com tanta gente que prestava serviço para o *The New York Times* que, para o jornal, ficou quase impossível conseguir empregado chinês.

*“O correspondente internacional não pode ser limitado a um assunto, porque é um trabalho que exige cobertura de várias áreas. Um dia você vai cobrir uma tragédia, um acidente. No outro, vai falar sobre a crise econômica mundial. É bem dinâmico. Precisa ser uma pessoa eclética, ter interesses variados.”*

### **A China tem uma sociedade machista. Você chegou a ser maltratada?**

**SB:** Pra mim era muito mais difícil no Japão do que na China. No Japão, 30% das mulheres simplesmente não querem casar, porque a mulher que casa passa a pertencer ao marido, ela deixa de ser gente, e as mulheres do Japão são educadas o suficiente para saber que existe uma vida melhor do que isso. Lá eu já passei por situações muito ruins. Estava me servindo em um restaurante e um homem me empurrou porque a mulher tem que dar a vez para o homem. Na China, tem esta história toda, mas o Partido Comunista tenta desde o início promover a igualdade entre os sexos. Claro que você não muda a cultura de um povo por decreto, mas pode ir criando situações favoráveis a essa mudança. Na China, há mulheres no Governo, como a Ma Xiuhong [vice-ministra do Comércio]. Ela é uma das mulheres mais poderosas do país. A maior fortuna chinesa pertence à Wu Yajun [executiva-chefe da Longfor Properties, empresa de investimentos no setor imobiliário]. A maior empresa de aço da China, a Sinopec, é presidida por uma mulher. Portanto, vemos lá mulheres em altos cargos. Ainda há discriminação, mas você não sente isso o tempo todo.



### **Quais qualidades um correspondente internacional deve ter?**

**SB:** Primeiro não pode ser limitado a um assunto, porque é um trabalho que exige cobertura de várias áreas. Num dia, você vai cobrir uma tragédia, um acidente. No outro, vai falar sobre a crise econômica mundial. Em seguida, vai tratar de uma exposição de arte. É bem dinâmico. Precisa ser uma pessoa eclética, ter interesses variados, estar sempre informado sobre todas as coisas. Em segundo lugar, precisa falar bem inglês. Com o inglês você trabalha em qualquer país do mundo. Hoje é assim, talvez no futuro seja diferente. Qualquer estudante de Jornalismo hoje tem de saber que, mesmo para trabalhar no Brasil, saber inglês é essencial. Porque para você ter perspectiva do que acontecerá aqui, tem que ler os jornais internacionais, tem que saber o que está acontecendo no mundo.

### **Qual foi a melhor reportagem que você já fez e por que considera que ela foi a melhor?**

**SB:** Não tem uma específica. Há várias matérias que gostei muito de fazer. Têm reportagens que são pouco relevantes, mas são bonitas, ficaram benfeitas. Outras são muito fortes. No ano passado, fiz uma série sobre aquecimento global e ficou bem legal. Na verdade, é o seguinte: a matéria mais importante é a que eu estou fazendo agora, não a matéria que já foi para o ar. Se eu não tratar a matéria que estou fazendo agora como a mais importante da minha carreira, então ela não vai manter o padrão de qualidade. Não dá para tratar uma reportagem como apenas mais uma.

### **Hoje temos uma desvalorização do gênero reportagem. A maioria da grande mídia dá preferência pela notícia, que é um texto mais factual, menos analítico e burocrático. Qual é a sua opinião sobre isso?**

**SB:** Estou com 48 anos e nunca quis sair da reportagem para apresentar telejornal ou para fazer outras coisas. Tive várias oportunidades, desde o início da minha carreira, mas nunca quis. A reportagem é uma escolha que eu fiz e vou te dizer o porquê: não existe jornalismo sem reporta-

gem! Você pode acabar com todos os editores, com todos os diretores, você pode acabar com todos os pauteiros, mas, se você não acabar com os repórteres, o jornalismo continua. A única coisa que vale a pena fazer em jornalismo é isso. Realmente, a reportagem está em falta, principalmente nos jornais. Vejo um jornalismo meio burocrático, preso a essa maldita pirâmide invertida, do lide, sublide. As matérias são mal-escritas. São poucos os jornalistas que têm um bom texto, um texto atraente. Me canso de abrir o jornal de manhã e não ter uma informação que eu já não tenha visto no telejornal do dia anterior. O jornal não é feito para isso, ele precisa me cativar, oferecer uma escrita melhor, perspectivas diferentes. Muitos jornais optaram pelo “jornalismo de notinha”. Dá um monte de notícia, sem aprofundar nada. Eu aposto no jornalismo que investe em reportagem. O *Fantástico*, por exemplo, fica bem mais interessante quando traz mais reportagens. O programa é uma revista, então, é claro que tem que ter entretenimento, música e humor. Mas quando tem uma carga maior de reportagem, a gente enriquece a noite do domingo. Acho que o barato de trabalhar no *Fantástico* é isso. Você tem a oportunidade de fazer matérias especiais. No telejornal do dia a dia a proposta é outra, a menos que você fique fazendo séries de maior fôlego.

### **Quais são as qualidades essenciais de um bom repórter?**

**SB:** Ser curioso, persistente e saber contar uma história.

### **O que diferencia a reportagem da TV para a reportagem no impresso?**

**SB:** Vou puxar a brasa para a minha sardinha [risos]. Na minha opinião, o repórter de televisão precisa ter qualidades diferentes das de um repórter de jornalismo impresso. Além de fazer tudo o que um repórter de impresso faz, ele tem que ser capaz de parar na frente de uma câmera e contar aquela história. E isso é um dom, ou você tem ou não tem. É preciso ser capaz de contar a história de uma maneira que o telespectador entenda prontamente. Porque no impresso, se o leitor não entendeu, ele pode voltar no texto e ler de novo até entender, mas na televisão não dá para voltar. Você também precisa saber fazer a narração, usar os recursos

## Mestres da Reportagem

audiovisuais, saber contar um fato com imagens. Muita gente de impresso diz que o texto de televisão é simples e pobre, mas não é verdade. É muito mais difícil escrever para TV. Você tem que escrever sempre na ordem direta, pensar no ritmo da narração. Não pode, por exemplo, fazer as frases todas do mesmo tamanho. Tem que ir intercalando o tamanho delas, manter uma narrativa. É como você fazer jornalismo e cinema ao mesmo tempo. E, além do mais, se você acorda com aquela cara amassada, como faz? Tem que se maquiuar, estar sempre com uma boa aparência, porque ninguém tem nada a ver com isso, certo? Outro ponto: o repórter de jornal impresso fecha uma matéria no dia. Já o de TV, durante uma cobertura, prepara três ou quatro retrancas em diferentes horários de fechamento, ele pode passar o dia inteiro apurando e fechando matérias ao mesmo tempo. Se você está em uma cobertura grande, por exemplo, você fecha uma matéria para o *Bom dia Brasil*, uma para o *Jornal Hoje*, uma para o *Jornal Nacional* e outra para o *Jornal da Globo*. E tudo isso sempre com uma cara boa [risos]. É um trabalho complexo. Outra coisa: no jornal você pode ligar para um entrevistado, falar com ele, e pronto. Na TV você tem que ir até lá, gravar com a fonte. Dá mais trabalho.

### **O que é essencial na fase de apuração de uma matéria jornalística?**

**SB:** Cobrir todas as fontes, desatar todos os nós e fechar todas as pontas. Tem que apurar, tem que desconfiar, tem que duvidar, checar, checar e checar.

### **Que técnicas você costuma utilizar para conseguir informações importantes para uma reportagem?**

**SB:** Conversar, ligar, falar bastante com as pessoas. Às vezes, é difícil chegar numa fonte, mas existem coisas que são simples, por exemplo, um dia fui pegar meu filho na casa de um amiguinho, aí a mãe dele me disse: “Sabe com quem eu vou almoçar amanhã? Com o Carlos Saldanha, diretor de cinema de animação brasileiro. Nós somos muito amigos”. Então, pedi a ela: “Pergunta pra ele se ele me dá uma entrevista antes do lançamento do filme *Rio*”. Resultado: ele topou. A gente não precisa ser agres-

sivo, não precisa ser briguento para conseguir o que deseja. Podemos correr atrás do que precisamos de maneira delicada. Uma coisa que defendo firmemente é que o jornalista não maltrate o entrevistado. Muitas vezes, você tem que perguntar coisas duras para a fonte, mas não precisa gritar ou ser indelicado com ela. O jornalista faz a pergunta e, se o entrevistado for grosseiro, isso revelará quem ele é de verdade. Se o entrevistado tem um ataque de raiva, bate na mesa e fala palavrão para o entrevistador, isso faz parte da informação – revela caráter, estado emocional etc. O jornalista não pode perder a compostura, tem que se manter na linha. Quanto mais delicado você for com um entrevistado grosso, maior ficará o contraste, o telespectador percebe. Portanto, seja quem for que você vai entrevistar – assassino, artista, viciado, ou Presidente da República – é preciso tratá-lo com respeito. Lembrar que você não é juiz, e sim repórter.

**Você participou da cobertura especial do *Fantástico* sobre os 10 anos dos atentados de 11 de setembro de 2001, nos EUA. Passada uma década do episódio, a sensação de insegurança naquele país ainda é grande?**

**SB:** Não, as pessoas já se acostumaram a viver num ritmo diferente, com algumas limitações de liberdade, de direitos individuais. No aeroporto, por exemplo, todo mundo precisa tirar o sapato. É chato, mas hoje eles entendem que isso é necessário para a segurança de todos. Se Osama bin Laden [líder do grupo radical islâmico al-Qaeda], queria mudar a sociedade americana, de certa forma ele conseguiu isso, principalmente em relação à economia. Os Estados Unidos tinham o infortúnio de ter um presidente muito medíocre no momento em que foram atacados. Quando o mundo todo foi solidário com eles, eles conseguiram criar inimigos para todos os lados. George Bush cortou todos os impostos dos ricos e gastou os impostos dos pobres em guerras que não precisavam ser feitas. Tomou decisões muito burras em relação à educação. Quando contarem a história daquele país algum dia, vão comparar o Bush com o Nero.

**Você citou há pouco a série de reportagens que fez para o *Fantástico*, em 2010, sobre os efeitos do aquecimento global. Você percorreu 14 países durante seis meses em busca de soluções e expli-**

**cações para o problema do aquecimento, dissecando o tema. Resolveu até lançar o livro *Diário do Clima* (em junho de 2012), com o material colhido durante essas reportagens. Qual das nove matérias da série foi mais difícil de realizar?**

**SB:** A mais difícil foi a matéria do monte Kilimanjaro [localizado no norte da Tanzânia, junto à fronteira com o Quênia]. Tivemos que subir a montanha para fazer a reportagem, então, isso envolveu um esforço físico e mental muito grande. Eu gosto de fazer exercícios, de me manter mais ou menos em forma, mas não sou uma atleta. A gente teve que se preparar fisicamente. Antes de começar esta matéria ela já tinha me dado mais trabalho do que qualquer outra que eu fiz. A subida do monte é um negócio de esforço absurdo, falta de oxigênio, frio, tudo contra você, cansaço, altitude. Achei que, se eu quisesse retratar o que realmente está acontecendo, precisava estar lá. O repórter não pode fazer matéria a distância. Ele tem que ver o que está acontecendo. O Marcos Uchoa costuma dizer: “A gente não faz jornalismo de safari”. No safari, você passa de caminhonete, fica vendo os bichos aqui e ali, mas não pisa no território deles. Na reportagem, pelo contrário, você tem que pisar, tem que entrar na situação.

*“Você pode acabar com todos os editores, com todos os diretores, você pode acabar com todos os pauteiros, mas, se você não acabar com os repórteres, o jornalismo continua. A única coisa que vale a pena fazer em jornalismo é isso.”*

**Você é vencedora de duas edições do Prêmio Comunique-se de melhor correspondente brasileiro no exterior (2007 e 2009). O que mais a ajudou a ganhar esses prêmios?**

**SB:** Eu acho que as pessoas que gostam das minhas matérias votaram em mim. Em alguns prêmios eles incentivam que os jornalistas peçam votos e façam campanha. Acho isso degradante. Jamais pedi um voto e jamais vou pedir. Neste ano, por exemplo, fui finalista e não botei nem no twitter que eu era, porque acho que não cabe a mim dizer para as pessoas votarem. Ser premiado é legal, é interessante, mas eu não acredito que o jornalismo deva ser feito visando a prêmios.

**Em janeiro de 2011 você acompanhou de perto a tragédia vivida no Rio de Janeiro pelas enchentes. Na reportagem você fala do lado humano de qualquer profissional ao enfrentar de perto um acontecimento como esse. Por que muitos profissionais hoje se preocupam mais em informar o ocorrido com sensacionalismo do que em fazer uma reportagem mais completa, que leve as pessoas a refletir?**

**SB:** Eu não sei o que leva os outros a fazerem matéria como fazem. Posso falar por mim. O que me motivou nessa matéria, em especial, foi tentar entender qual é o impacto que aquele acontecimento teve. O que a gente fez foi chegar lá e não fazer jornalismo de safari. Fomos acompanhando uma equipe de voluntários e mostrando o que a gente foi encontrando pelo caminho. Só que quando você chega num lugar que mesmo três dias depois da tragédia os bombeiros ainda não conseguiram alcançar, você vê que não tem água, que não tem nada. Pega as pessoas desesperadas. Isso te emociona muito. É impossível não se emocionar. Você cobre um milhão de tragédias, mas naquele caso eu estava numa tragédia pertinho da minha casa. Eu via toda aquela desgraça e depois vinha dormir em casa. Nos três primeiros dias, eu virei uma noite trabalhando. No segundo, eu dormi no hotel e, no terceiro, também. Você vai lá e percebe que são pessoas que falam a sua língua, seus vizinhos, praticamente, vivendo um drama daquele. Uma senhora me disse: “Liga pra minha filha, diga pra ela que eu estou viva”. Nesse caso, claro que eu passei a mão no telefone e liguei. Se eu posso fazer isso, por que não vou fazer? Sou gente, certo? Quando vi o alívio e a alegria dessa mulher do outro lado da linha em saber que a mãe estava viva no meio daquela tragédia, desmontei. O que eu fiz ali foi andar e mostrar as pessoas o que eu estava encontrando pelo caminho. Eu não estava tão interessada em saber onde é que foi parar o carro, mas o que estava acontecendo com a pessoa que estava no meio daquela situação.

### **Que tipo de reportagem você não gosta de fazer?**

**SB:** Não gosto de fazer matéria irrelevante, matéria de comportamento que não tem nada a ver com nada. Não faço e pronto! Graças a Deus, o bom de ficar velho é isso. Chega uma hora em que você olha e diz: “Não!” [risos].

### **Hoje existem várias faculdades de Jornalismo no Brasil, porém o que diferencia a formação de um excelente profissional?**

**SB:** A vontade de ser um bom jornalista, de aprender coisas fora da técnica do jornalismo, porque, sinceramente, qualquer pessoa com uma inteligência média aprende a técnica do jornalismo em seis meses. O que vai fazer a diferença é o conteúdo que ele é capaz de botar dentro da sua reportagem, e este conteúdo está na História, na Sociologia, na Psicologia, na Física, na Matemática, na Biologia, na Economia, na Filosofia, enfim. Isso o profissional tem que buscar sozinho. Então, o cara que achar que tirar dez em jornalismo é garantia de ser bom jornalista está ferrado. Porque o que faz um bom jornalista não é a capacidade de fazer *lead*, *sublead*, e sim a habilidade de compreender o mundo onde ele está, de botar referência nos textos, de fazer comparação, de avançar em diversos assuntos.

### **Quem são os repórteres que você admira hoje no Brasil?**

**SB:** Vários. Clóvis Rossi é um grande ídolo. Ele é bem mais velho e percebo que em todas coberturas que eu faço junto com ele, ele trabalha mais do que eu. E olha que eu sou o que a gente chama de “pé de boi”. Mas o Clóvis está em todas as coletivas, faz perguntas, acorda cedo, dorme tarde, escreve as matérias, é um batalhador. Também considero a Mirian Leitão uma grande jornalista, uma supermulher. Na televisão, eu admiro muito o Marcos Uchoa, que é um grande amigo, e o Marcelo Canellas. Mas também gosto muito do jeito que o Ernesto Paglia conta a história, admiro muito o Caco Barcellos. No jornalismo escrito, eu gosto demais da Eliane Brum, ela é sensacional, escreve maravilhosamente e tem uma cultura absurda.

### **O que é mais importante para a Sônia Bridi?**

**SB:** Há muitas mulheres que dizem que não tiveram filhos para não prejudicar suas carreiras, porque quem tem filho não faz carreira. Eu fui mãe com 21 anos e, depois, mãe de novo com 38. Isso não prejudicou minha carreira, pelo contrário, me botou mais perto da realidade. Sei o que é ser mãe, sei o que é se preocupar com os filhos, sei o que é botar no

## Sônia Bridi

mundo e quais são as responsabilidades. Isso me aproxima mais e me faz uma pessoa melhor. Eu gosto muito do meu trabalho, adoro o meu trabalho e não consigo me imaginar sem ele, mas o que me orgulha nessa vida é ser mãe da Mariana, do Pedro e mulher do Paulo. Isso sim é importante. É ter a vida que a gente leva de amor e respeito. Não ter o jornalismo como uma religião, talvez me faça uma jornalista melhor.♦





A black and white close-up portrait of a woman with long, dark, wavy hair. She is looking slightly to the left of the camera with a neutral expression. The background is dark and out of focus, showing some foliage.

# **TATIANA MERLINO**

***"É preciso ser ético,  
estar próximo do povo  
e dar voz a ele"***



## Para a repórter Tatiana Merlino, o princípio do jornalismo é o de serviço público

*Por Alexandra da Costa Silva e Wânia Ferreira Silva*

Um drama familiar foi o combustível para Tatiana Merlino, 36 anos, se tornar uma repórter voltada à defesa dos direitos humanos. Ela cresceu com a angústia e a indignação de alguém que teve o tio, também jornalista, assassinado durante a ditadura militar (1964-1985), após ser torturado. “Isso influenciou a minha escolha profissional e também a área em que atuo há dez anos. A escolha está ligada à necessidade de reportar e denunciar a violência do Estado e sua impunidade, tanto no caso da ditadura civil-militar quanto nos abusos cometidos pelo Estado nos dias de hoje”.

Formada pela Faculdade Cásper Líbero, Tatiana, começou seu jornalismo engajado em 2003 a partir de um convite feito por José Arbex Jr., uma das vozes mais críticas e conscientes do nosso jornalismo. Motivado pelo talento da estudante, Arbex, que era então seu professor, a chamou para integrar a equipe do jornal *Brasil de Fato*, que à época estava sendo lançado com o objetivo de dar voz aos movimentos sociais brasileiros, normalmente solapados e deturpados pela grande mídia. Na época, Arbex era editor-chefe do jornal.

Em 2009, Tatiana assumiu o cargo de editora-adjunta da revista *Caros Amigos*, onde prossegue até hoje com seu jornalismo pautado nas causas sociais. Em apenas três anos na publicação, venceu três prêmios *Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos*. Os dois primeiros, ainda em 2009, com as reportagens *Porque a Justiça não pune os ricos* e *Uma missa para o torturador* (o primeiro prêmio na categoria *Revista* e o segundo na categoria

## Mestres da Reportagem

*Internet*). Em 2010, foi premiada na categoria *Menção Honrosa* com a matéria *Grupos de extermínio matam com a certeza da impunidade*.

Defensora de um jornalismo independente, que possa atender sem amarras às demandas da sociedade, Tatiana fundou em 2011, juntamente com as jornalistas Natália Viana e Marina Amaral, a *Pública* ([publica.org](http://publica.org)), uma agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos e que trabalha a livre reprodução de conteúdo (segue a licença *creative commons*).

Nesta entrevista, a jornalista fala sobre a sua carreira e a importância do jornalismo de cunho social. Confira!

“A imparcialidade total é impossível. Na simples escolha das fontes, na decisão de como priorizá-las ao longo do texto, assim como na construção do texto, você já está sendo parcial. Quando o repórter aparece no texto, é a negação da imparcialidade.”

### Por que você escolheu o jornalismo como profissão?

**Tatiana Merlino:** Foi o resultado de uma mistura de interesses, do meu gosto pela escrita, literatura, história, política, e também de muita curiosidade e uma enorme indignação que tenho desde a infância-adolescência em função do assassinato do meu tio, Luiz Eduardo Merlino. Ele era jornalista e foi morto pelo regime militar. Isso influenciou muito a minha escolha profissional e também a área em que atuo há dez anos, que é o jornalismo de direitos humanos. A escolha está ligada à necessidade de reportar e denunciar a violência do Estado e sua impunidade, tanto no caso da ditadura civil-militar, quanto nos abusos cometidos pelo Estado nos dias de hoje, seja pela polícia, pelo sistema carcerário, enfim... A influência é, além de profissional, política. Atribuo parte da minha opção política à luta que ele travou contra a ditadura. Por isso tudo, desde muito pequena, eu sabia que queria ser jornalista. Apesar disso, tive um acidente de percurso e fui parar no curso de Publicidade e Propaganda, onde fiquei por três anos. Tranquei o curso de publicidade, morei um ano na Inglaterra e, quando voltei ao Brasil, fiquei um tempo trabalhando como professora de inglês. Só fui fazer Jornalismo aos 24 anos, quando entrei na Faculdade Cásper Líbero.

## Como anda o processo que cobra justiça pelo assassinato do seu tio?

**TM:** Esse é o segundo processo que minha mãe, Regina Merlino Dias de Almeida, e a ex-mulher do meu tio, Angela Mendes de Almeida, movem contra o coronel da reserva do Exército Carlos Alberto Brillante Ustra, ex-comandante do DOI-CODI [Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna], onde meu tio foi assassinado. O primeiro, uma ação civil declaratória, foi extinto em 2008 e o segundo, uma ação indenizatória por danos morais, é de 2010. Em julho de 2011, ocorreu a audiência das testemunhas de acusação, no Fórum João Mendes, em São Paulo. As testemunhas da família são ex-militantes do POC [Partido Operário Comunista], organização na qual ele militava; o ex-ministro da Secretaria Especial de Direitos Humanos, Paulo de Tarso Vannuchi; e o historiador e escritor, Joel Rufino dos Santos. Na audiência ocorrida em São Paulo, as testemunhas de acusação relataram que Ustra era quem comandava as torturas a que os presos políticos eram submetidos no DOI-CODI, assim como foi ele o responsável pela tortura e as péssimas condições em que Merlino ficou após a violência a que foi submetido. Em junho deste ano [2012], o coronel Ustra foi condenado na ação por danos morais. A Justiça de São Paulo entendeu que o coronel reformado do Exército foi responsável pela tortura seguida de morte de Merlino no DOI-Codi, em 1971. Na sentença, ele foi condenado a pagar uma indenização de R\$ 100 mil à família. Embora nenhum dinheiro possa repor uma vida, essa ação foi nossa única saída para responsabilizar o coronel Ustra, já que, com a interpretação da Lei de Anistia que vigora hoje no país, não é possível mover ações na área penal. A decisão significa muito para a família. Para se ter uma ideia, minha avó, Iracema Merlino, moveu uma ação contra a União em 1979, que foi extinta. Antes dessa ação, a família já havia movido também uma ação civil declaratória, que foi extinta em 2008. Na nossa avaliação, a sentença da juíza é excelente, pois além de condenar o Ustra, ela questiona a interpretação da Lei de Anistia, reiterada pelo STF, de que os crimes cometidos pelos torturadores foram anistiados. Essa sentença nos dá força para seguir lutando, porque queremos que Ustra e outros torturadores sejam responsabilizados penalmente.

### Como você começou a trabalhar na área jornalística?

**TM:** Comecei em uma revista segmentada da área de publicidade, fui indicada por uma amiga que era repórter dessa publicação. Estava no primeiro ano da faculdade de jornalismo. Depois, fui convidada pelo jornalista José Arbex Jr [hoje editor especial da *Caros Amigos*], na época meu professor na Cásper Líbero, para trabalhar no jornal *Brasil de Fato*, que estava sendo lançado em 2003. Trabalhar com os movimentos sociais, escrever sobre suas reivindicações, conhecer e reportar a realidade desses grupos que apareciam na grande mídia como figuras anacrônicas e, em geral criminalizadas, foi um grande desafio. Trabalhei no jornal até 2009, quando fui convidada para ir para a revista *Caros Amigos*, onde continuei até hoje, como editora adjunta. Em março de 2011, fundei, junto com as colegas Natália Viana e Marina Amaral, a *Pública*, uma agência de jornalismo investigativo.

### Como surgiu a ideia de criar a *Pública* e qual é o objetivo da agência?

**TM:** A *Pública* surgiu a partir de discussões que eu mantinha com a Marina e a Natália. Estávamos motivadas pela paixão que temos em comum pelo jornalismo. É uma agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos, inspirada em propostas que já existem de centros independentes que se dedicam a fazer reportagens de fôlego, algo que tem perdido espaço nos veículos tradicionais. A proposta da *Pública* é fazer jornalismo “puro” – reportagem – em parceria com veículos, instituições e jornalistas independentes do Brasil e de todo o mundo. A organização *Wikileaks* [portal transnacional que se dedica a divulgar informações sigilosas sobre países e empresas] e o jornalista investigativo britânico Andrew Jennings [apresentador do programa *Panorama*, da *BBC* britânica, e autor do livro *Jogo Sujo*, que detalha relações financeiras corruptas nas entidades que administram o futebol no mundo e no Brasil] estão entre os que já participaram do projeto.

### Como se deu a parceria com o *Wikileaks*?

**TM:** A Natália Viana morou muito tempo na Inglaterra e tinha conta-

to com vários centros investigativos de jornalismo. Lá ela conheceu Julian Assange [responsável pelo *Wikileaks*]. O *Wikileaks* propôs, então, a parceria com a *Pública* de publicar alguns documentos que ainda não tinham sido veiculados pela imprensa. A Natália foi convidada para trazer esse material do *Wikileaks* para o Brasil. Foi assim que surgiu a parceria.

“*Todo jornalismo deveria ser investigativo, mas não é na prática. Acho que o jornalismo benfeito é, por natureza, investigativo.*”

### **Qual foi a primeira reportagem que você fez?**

**TM:** Na revista de publicidade fiz várias matérias ao longo do ano que trabalhei lá, mas a primeira reportagem mais trabalhada que fiz foi sobre a questão feminina no sistema prisional, para o *Brasil de Fato*. Visitei, junto com uma organização, que trabalha com direitos de mulheres encarceradas, vários presídios femininos em São Paulo. A reportagem tratou da especificidade do cotidiano das presas, que sofrem várias discriminações em relação aos presos homens, como restrições em relação à visita íntima.

### **Na sua opinião, qual foi a melhor reportagem que você fez?**

**TM:** Acho que a melhor reportagem que fiz foi resultado de uma viagem com meu colega e marido Igor Ojeda, entre fevereiro e março de 2011, para o Saara Ocidental, a última colônia da África. O país é uma ex-colônia da Espanha e hoje é ocupado pelo Marrocos. Parte dos saarauis [nacionalidade do povo do Saara Ocidental] vive em um campo de refugiados na Argélia, no deserto Hamada, o mais inóspito do Saara. Lá eles proclamaram uma República no exílio, e há 35 anos esperam voltar para casa. A situação permanece num impasse porque há interesses comerciais das grandes potências nos recursos do Saara, como fosfato e pesca. Acho que foi a melhor reportagem que fiz, pois a realidade e mesmo a existência desse povo é praticamente desconhecida do Brasil: eles são árabes muçulmanos, têm como segunda língua o espanhol, pois foram colonizados pela Espanha, são descendentes de beduínos, vivem em um



## Mestres da Reportagem

campo de refugiados no deserto da Argélia. Tudo é muito diferente da nossa cultura, mas extremamente rico jornalisticamente.

**Hoje a reportagem parece ser um texto em extinção na grande imprensa. São poucos os veículos que o exploram. Na *Caros Amigos*, a reportagem realmente é a prioridade?**

**TM:** Sim, a *Caros Amigos* foi fundada por Sérgio de Souza, que vinha da tradição da revista *Realidade* e trabalhava com grandes reportagens. É uma pena que a grande reportagem esteja desaparecendo das páginas dos grandes veículos. A *Caros Amigos* continua priorizando esse tipo de texto.

*“Acredito ser mais relevante reportar o que acontece com milhares de pessoas que serão afetadas pela construção de uma barragem do que o caso de um casal que tem seu filho de classe média sequestrado. Não significa que esse segundo caso não mereça atenção, mas ele não pode ter prioridade em detrimento do primeiro.”*

**A *Caros Amigos* possui um texto mais elaborado. Vemos um texto melhor trabalhado, próximo da literatura, e o repórter muitas vezes aparece na matéria. Alguns críticos veem com maus olhos esse tipo de jornalismo que traz o olhar do repórter no texto. Qual é a sua opinião sobre isso?**

**TM:** A minha opinião é que a imparcialidade total é impossível. Na simples escolha das fontes, na decisão de como priorizá-las ao longo do texto, assim como na construção do texto, na ordem das informações, você já está sendo parcial. Quando o repórter aparece no texto, é a negação da imparcialidade. Ele aparece como observador próximo dos acontecimentos. Acho que, às vezes, cabe sim o repórter aparecer no texto, mas não como regra.

**A *Caros Amigos* faz muitas reportagens de cunho social, que denunciam a opressão aos mais fracos. Você acha que o jornalismo deve ter esse engajamento?**

**TM:** O princípio do jornalismo é o de serviço público e, por isso, deve reportar os fatos que envolvem problemas da maioria da população. Assim, por essa lógica, acredito ser mais relevante reportar o que acontece com milhares de pessoas que serão afetadas pela construção de uma barragem, por exemplo, do que o caso de um casal que tem seu filho de classe média sequestrado. Não significa que esse segundo caso não mereça atenção, mas ele não pode ter prioridade em detrimento do primeiro. Além disso, no caso da *Caros Amigos*, ela é uma publicação anticapitalista, de esquerda, cujo lema é *A primeira à esquerda* e é exatamente por isso que tem como foco dar voz e espaço para os que sofrem opressão.

*“Jornalista não pode ser preguiçoso. E também é importante ser humilde, não se envaidecer por estar perto do poder, e achar que é um deles.”*

**Alguns jornalistas dizem que todo jornalismo é investigativo. Existe mesmo um jornalismo investigativo que se diferencia dos demais?**

**TM:** Concordo que todo jornalismo deveria ser investigativo, mas não é na prática. Jornalismo é jornalismo, seja com um viés mais literário ou mais investigativo. Acho que o jornalismo benfeito é, por natureza, investigativo.

**Que riscos você já correu trabalhando a reportagem investigativa?**

**TM:** Sempre há riscos, por exemplo em áreas de conflito, como quando fui para regiões de pistolagem no Brasil, de conflito rural, ou quando fiz matérias sobre abusos e violência policial. Já fui agredida e ameaçada verbalmente, em telefonemas e também por e-mail. Mas nunca estive em situações de iminência real de violência, de risco físico.

**Qual conselho você oferece para quem deseja ser um bom jornalista?**

## Mestres da Reportagem

**TM:** Não se contentar com informações dadas por fontes oficiais, tentar se aprofundar, pesquisar muito, ouvir várias fontes, não se limitar a ficar na redação fazendo entrevistas por telefone. Jornalista não pode ser preguiçoso. E também é importante ser humilde, não se envaidecer por estar perto do poder, e achar que é um deles. É preciso ser ético, estar próximo do povo e dar voz a ele.◆



# **VALMIR SALARO**

***“Não sou um  
jornalista justiceiro”***



## Para o repórter Valmir Salaro, é melhor apurar à exaustão do que dar o furo e cometer um grande erro

*Por Alessandra Küster e Jéssica Tamyres dos Santos*

Se você fizer uma retrospectiva das matérias televisivas mais impactantes que trataram de crimes que chocaram o Brasil nas últimas duas décadas, certamente se lembrará da figura de um homem discreto, de cabelos brancos, com uma expressão firme e voz grave, mas um jeito muito respeitoso e sério no narrar. Com suas reportagens para o *Fantástico*, da *Rede Globo*, Valmir Salaro, 59 anos, já conseguiu muitas vezes arrebatado boa parte dos telespectadores brasileiros, colocar literalmente o país na frente da telinha. Foi o que aconteceu na entrevista com os Nardoni, em 2008 (Alexandre Nardoni e Anna Jatobá, que mataram a menina Isabella Nardoni, segundo a Justiça) ou com a professora que foi baleada pelo seu aluno (Davi Mota) numa escola de São Caetano, na Grande São Paulo, em 2011, apenas para citar dois casos.

Nascido em São Paulo, Salaro tem 30 anos de jornalismo. Já trabalhou no *Diário do Grande ABC*, *Diário de São Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Jovem Pan* e na *TV Record*, antes de ir para *Globo*. Hoje ocupa o cargo de repórter especial do *Fantástico*.

Em 1994, ficou conhecido, de uma maneira negativa, pelo caso Escola Base, no qual os donos e alguns funcionários da escola (localizada na capital paulista) foram acusados, sem provas, de abusarem sexualmente dos alunos. Salaro foi o primeiro repórter de TV a dar a notícia da acusação, acreditando na versão das mães das crianças, que tinha sido atestada pela polícia. Quando foi mostrado que, na verdade, não havia provas concretas contra os proprietários da instituição, acabou ficando no olho do furacão. Diferentemente de muitos jornalistas que também divulga-

## Mestres da Reportagem

ram o caso acusando os donos da escola, Salaro assumiu publicamente seu erro, com humildade. Já deu diversas entrevistas sobre o assunto. Depois disso, construiu um jornalismo de apuração rigorosa, comprometido com a busca da verdade. Fato que o coloca hoje entre os principais mestres brasileiros da reportagem.

Nesta entrevista, ele fala desse episódio e conta um pouco sobre tudo o que viu nessa vida, que ele define como sendo um “boletim de ocorrências”.

**Há mais de 30 anos você cobre o jornalismo policial. Como você acabou se especializando nessa área?**

**Valmir Salaro:** Antes de Polícia, cheguei a cobrir Esportes. Quando fui trabalhar no *Diário do Grande ABC* a vaga que tinha era para repórter policial. Eu trabalhava com José Louzeiro, que é um grande escritor dessa temática. É autor de *Pixote* e de *Lúcio Flávio: o passageiro da agonia* [1976]. Fiquei fascinado por essa área. Comecei a cobrir e fui “me especializando”. Digo isso porque o jornalista é formado em generalidades. Embora eu trabalhe nessa área há muito tempo, não tenho o conhecimento que tem um advogado, um policial ou um juiz. Conheço um pouco. Fiz um ano e meio de Direito, mas acabei largando, porque tive dificuldade de conciliar com os empregos que eu tinha na época. Depois do *Diário*, fui para a *Folha de São Paulo* e tive a experiência de trabalhar de madrugada. Entrava à 1h da manhã e saía às 7h, justamente da década de 1980 para a de 1990, quando a Rota [Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar], uma polícia de elite parecida com a Tropa de Elite no Rio, agia com um certo rigor na periferia. Eles matavam muitos suspeitos em tiroteio e, muitas vezes, esse chamado “confronto” era questionado. Até hoje esse tipo de ação da polícia deixa muita dúvida. Fiquei dois anos de madrugada, depois passei para o dia e continuei nesta área. É uma editoria em que as pessoas começam, mas depois costumam largar e vão para outra, como Economia, Política, Esportes. Eu continuei nela e minha vida virou um boletim de ocorrências [risos].

**Quais pré-requisitos são importantes para ser um bom repórter policial?**

**VS:** São os mesmos pré-requisitos necessários para cobrir todas as áreas jornalísticas, só que é preciso destacar que essa é uma área complicadíssima, porque você mexe no limite da emoção das pessoas. Se eu vou cobrir um homicídio, por exemplo, estarei mexendo com os sentimentos da família de alguém que foi assassinado. E quando o pai ou o filho perde o familiar de forma violenta? É uma situação delicada. Durante esses 30 anos já acompanhei muito esses casos e isso me marca. Sou até hoje tocado por alguns deles. E você tem que se aproximar, conversar com os familiares, tirar informação de forma precisa. Você não é um policial, não é um médico legista ou um juiz. Você tem a obrigação de ir lá, conseguir as informações e passá-las para o texto de um jornal, rádio ou televisão. É preciso ter um cuidado muito grande e respeito com a pessoa que você vai conversar. Ela está destruída naquele momento.

“*Polícia é uma editoria em que as pessoas começam, mas depois costumam largar e vão para outra. Eu continuei nela e minha vida é um boletim de ocorrências.*”

**Por falar em precisão do trato das informações, alguns críticos costumam te culpar por ter sido o primeiro repórter de TV a noticiar as denúncias de suposto abuso sexual de crianças na Escola Base, por parte de funcionários e diretores da escola, caso que até hoje é tido como um dos maiores erros de apuração da nossa imprensa. Lembrando que vários veículos, com exceção do *Diário de S. Paulo* (então *Diário Popular*) também deram repercussão às denúncias. Como você responde a essas críticas?**

**VS:** Bom, isso é assunto para um dia inteiro, mas eu assumo que errei. Eu confiei nas crianças e na mãe delas. Havia um laudo do Instituto Médico Legal que atestava que o menino tinha um ferimento compatível com o de violência sexual. Embasei-me neste laudo, nos depoimentos das testemunhas, confiei no promotor, no juiz que decretou a prisão das pessoas. Mas, apesar disso, eu devia ter desconfiado de tudo, de todos e de mim mesmo. Só que eu faço uma ressalva, porque nós só colocamos essa matéria no ar 24 horas depois que o delegado mostrou o laudo do



## Mestres da Reportagem

IML, que é um setor extremamente respeitável. Só para lembrar, foram com base em laudos do IML, e nos laudos do Instituto de Criminalística, que o casal Nardoni foi condenado. Você não tem testemunha, não tem nenhuma prova cabal contra o casal, só tem essas provas técnicas. Por isso, são institutos respeitados.

**Muitos jornalistas renomados, como Percival de Souza, destacam que a culpa recaiu totalmente sobre a imprensa, sendo que outras instâncias, como a Polícia e a Justiça, erraram antes.**

**VS:** Sim, e ninguém foi a público assumir o erro. Eu assumi e assumi publicamente. Vocês já devem ter visto declarações minhas sobre o caso. Prejudiquei a vida daquelas seis pessoas. Preferi tirar um peso da minha cabeça e assumir. Cometi um erro que vou levar para sempre e eu não me nego a falar sobre o caso. Ajudei de forma negativa a mudar a vida dessas pessoas. Muitos colegas se negam, não foram os primeiros a dar a notícia, mas cobriram tanto quanto eu. E eu não agi de maneira irresponsável. O delegado confirmava o caso, ou seja, trabalhamos com fonte oficial. Como envolvia menores de idade, as autoridades deveriam ter decretado sigilo na investigação e só depois divulgar o resultado, caso as denúncias realmente se confirmassem. Mas até hoje as mães mantêm a história de que houve a violência. Elas não voltaram atrás. Eu já pensei muito sobre isso e sofri muito com esse caso e com outros que cobri. Talvez na televisão não pareça, acho que eu passo até a imagem de um cara frio, mas minha família sabe o quanto eu sofro com essas coberturas.

**Quando se cobre casos tão chocantes, como o da menina Isabella Nardoni, dá para separar a vida profissional da pessoal?**

**VS:** Eu não consigo separar. Eu acho que o repórter de Polícia não está preparado para isso. O policial, o bombeiro e o juiz estão, mas o repórter não. Mesmo porque não é uma área muito valorizada dentro da imprensa. De uns tempos para cá, até que existe uma aura sobre o repórter investigativo, mas antigamente predominava o repórter de boletim de ocorrência mesmo. Já fui muito em velório pedir foto para a família da vítima, quer dizer, é difícil não se envolver. Isso te marca muito. As histó-

rias trágicas e definitivas dessas pessoas que se foram e de suas famílias vêm sempre a minha mente e me emocionam.

“Não agi de maneira irresponsável [sobre o caso Escola Base]. Havia a denúncia das mães formalizada e aceita pela Polícia. O delegado confirmava o caso, ou seja, trabalhamos com fonte oficial. Mesmo assim reconheço que deveria ter desconfiado mais, checado mais. Assumi publicamente o erro, enquanto muitos colegas se negam a fazê-lo.”

### **Que caso mais chocou você?**

**VS:** Todos eles chocaram bastante, mas tem uma história antiga que me marcou muito. Eu trabalhava na rádio *Jovem Pan*. Um estudante de Odontologia foi baleado ali perto do Objetivo [colégio], na Rua Luís Goes. Era um sábado frio, eu estava de plantão e me mandaram para o velório, que era no cemitério do Araçá. Eu tinha 20 anos a menos. Cheguei lá, me apresentei à família. Você chega meio constrangido, pois não sabe como vai ser recebido. As pessoas normalmente não gostam de receber um jornalista num momento como aquele. Uma senhora jovem se levantou e me levou até o caixão. Mostrou o jovem que estava com uma blusa cinza de tricô toda trabalhada. A minha avó fazia muito aquele tipo de tricô. Ela me disse: está muito frio. Eu coloquei esta blusa porque o lugar para onde ele vai deve ser mais frio. Ela não sabia quem eu era. Também tem o caso da menina Isabella Nardoni. Eu penso nessa história todo dia e toda hora, porque eu acho que ninguém sabe de verdade o que aconteceu naquele apartamento. E foi um caso que angustiou todo o país. E teve muita repercussão. Naquele domingo a entrevista que fizemos pelo *Fantástico* chamou a atenção de boa parte do Brasil.

### **Como surgiu a oportunidade da entrevista exclusiva com o casal?**

**VS:** Eu estava cobrindo o caso, assim como outros, sem focar muito nele. O pai do Alexandre Nardoni me procurou para conversar. Eu acabei sendo criticado pela entrevista que fiz com o casal. Dizem que eu não fiz as perguntas que deveriam ser feitas, que eu deveria ter encostado os dois

## Mestres da Reportagem

contra a parede. Eu perguntei para o casal Nardoni: “Ana, você está sendo acusada de ter enforcado a Isabela, e você, Alexandre, está sendo acusado de ter pego sua filha e ter jogado da janela”. Depois disso eu vou perguntar o quê? Era só para ir lá e pegar a declaração deles. A polícia já tinha falado bastante. Eles já eram acusados e tinham estado presos, então acho que tinham o direito de falar. Eu perguntei o que eu achei importante. Não sou um jornalista justiceiro. O “furo” jornalístico, não tem como negar, é o sal da nossa profissão. Mas quando vira um furo n’água é o fim de sua carreira e a destruição da vida das pessoas que você citou ou que confiaram em você. Hoje eu vou com o objetivo de a pessoa falar aquilo que ela quer falar. Me disseram que eu tenho um papel discreto na entrevista. Gostei dessa expressão. É isso que eu quero, ser discreto. O jornalista Ricardo Kotscho chegou a escrever que o casal se autocondenou naquela entrevista. Acho que eu fiz o meu papel.

**Em uma entrevista num seminário na Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) você afirmou que hoje os jornalistas se vestem muito com o manto da prepotência e são arrogantes, vendem-se como especialistas.**

**VS:** Quando cai um avião começa a surgir uma série de especialistas. Especialista em pneu, especialista em asfalto, em manete ou em reverso do avião. Acontece um grande incêndio, um homicídio, o jornalista vira perito, vira legista. Eu não viro nada. Sou um contador de história privilegiado por ter contato com as pessoas que realmente vão investigar, que são os verdadeiros especialistas.

**Quais são as qualidades de um bom repórter?**

**VS:** Acho que primeiro é preciso ser ético e uma ética do ser humano comum. O repórter não tem que ser mais ético que as outras pessoas. Ser ético e honesto é tirar o avental da prepotência, da arrogância. Numa história policial, cada lado tem a sua verdade. A vítima, o policial, o acusado, o promotor e a testemunha falam. Você tem que confrontar todas as versões e tem que chegar o mais perto que puder da verdade real de um caso. É um trabalho difícil, mas precisa ser feito. Tem que conversar mui-

to e ouvir à exaustão — gostar de ouvir as histórias. Ai sim transformar a apuração num texto de jornal ou numa matéria de rádio ou televisão.

**Você costuma dizer que alguns casos mais graves que ocorrem na periferia não têm tanto destaque como teve o caso Isabella Nardoni. Por que a mídia se comporta dessa maneira?**

**VS:** É a classe média cobrindo crime de classe média. Na maioria das vezes, é isso. Se o caso Isabella tivesse acontecido na periferia, ia até sair a notícia num jornal ou outro, mas não teria essa repercussão de parar o país. Porque todos falavam do caso Isabella. Aonde eu ia as pessoas me perguntavam a respeito.

*“Se o caso Isabella Nardoni tivesse acontecido na periferia, ia até sair a notícia num jornal ou outro, mas não teria essa repercussão de parar o país.”*

**Quais são as suas principais técnicas de reportagem?**

**VS:** Depende do caso. No da Isabella eu tive que adotar um planejamento, um norte. Outra coisa é que você não trabalha sozinho e sim com uma equipe: com produtores, cinegrafistas e editores. Tem também a questão das fontes que você prioriza. Você pode ter contato com um policial, um promotor, uma vítima ou uma testemunha. Já tive muito contato com a polícia. Hoje eu procuro conversar mais com as testemunhas e as vítimas. Me sinto melhor. Mas é claro que eu vou precisar da fonte oficial.

**No processo de investigação jornalística, você já sofreu alguma ameaça?**

**VS:** Já sofri antes de vir para o *Fantástico*. Eu e o produtor Robinson Cerantula, que é meu parceiro no programa, fizemos uma série de matérias em Guarulhos. Era o caso de policiais que, a pedido dos comerciantes, executavam ladrões ou assaltantes que cometiam pequenos roubos. Entrevistamos um policial que cometeu mais de 50 homicídios e recebemos ameaças. Cheguei a receber no meu celular o som de uma música fúnebre.

## Mestres da Reportagem

Fui interrogado por quatro ou cinco oficiais. Eles queriam saber quem era aquele policial que nós entrevistamos, porque esse policial deu a entrevista de farda, mas sem mostrar o rosto, num lugar ermo. Trouxeram umas cinco fotos e pediram para eu apontar quem era. Eu disse que não ia nem olhar para as fotos, porque, se eu olhasse, eles poderiam, por um vacilo meu, descobrir quem era. Esse policial é preservado até hoje.

### **Como você avalia o jornalismo policial que é feito hoje no Brasil?**

**VS:** Acho que é muito oficialesco, muito chapa branca. Eu queria mais do jornalismo investigativo, mas não depende de você, porque hoje para cobrir essa área você depende de um áudio que um policial vai te passar, de uma informação privilegiada de uma autoridade. Você não vai entrar numa favela, colher um material rico de denúncia e fazer o que muita gente acaba fazendo, chegando até a negociar com traficantes. O verdadeiro jornalismo investigativo foi feito pelo Tim Lopes, mas ele pagou com a vida. Eu esperava um jornalismo mais crítico e profundo, com uma visão mais reflexiva sobre o que é segurança pública. Hoje essa questão é tão importante quanto a economia e a política, porque não adianta nada o país estar num bom momento econômico, se a população honesta corre o risco de morrer nas mãos de um bandido na próxima esquina ou na porta de casa. Você tem quase um ou dois latrocínios [roubo seguido de morte] por semana em São Paulo e a polícia, muitas vezes, não consegue esclarecer os casos. A imprensa deveria analisar mais essa situação.

### **Hoje se exige muita rapidez do repórter na apuração e entrega do texto. Isso não influencia na qualidade das matérias policiais?**

**VS:** Infelizmente o tempo é curtíssimo. Você tem que fazer a matéria, levantar os dados e colocar no ar, e o volume de fatos que acontece hoje e vira manchete amanhã é enorme.

### **Num país que é injusto como o Brasil, a sociedade cria muita expectativa com relação ao jornalismo policial?**

**VS:** Cria. O jornalista policial acaba sendo o último ponto de ajuda, a população se apega a você. É nessa que a gente acaba ficando íntimo das

vítimas. Foi o caso da cobertura da morte do menino Davi [que atirou na professora, numa escola municipal de São Caetano e depois se matou]. Fizemos a entrevista com a professora, e no sábado eu liguei para o pai do menino avisando que ela daria a entrevista ao *Fantástico*. Eu não queria que ele soubesse da entrevista por outra pessoa. Queria prepará-lo, então liguei para ele e avisei que a matéria iria ao ar no dia seguinte. Também o tranquilizei sobre o que ela falaria na entrevista.

**O sonho de muitos jornalistas é trabalhar na TV Globo. Que dicas você oferece para quem tem esse sonho?**

**VS:** No meu caso foi sorte. Eles estavam precisando de um repórter de Polícia e eu acabei vindo para cá. Estou há mais de 20 anos, mas eu acho que primeiro você tem que ter o DNA da notícia. Não se preocupar em trabalhar na *TV Globo*. Tudo bem, isso pode fazer parte do seu projeto de vida, mas você tem que vir para cá muito amadurecido. Toda função é fundamental e tem seu papel dentro de uma redação: o pessoal que trabalha na apuração - que apura a primeira notícia que chega à TV, os chefes de reportagem, produtores, editores de texto e imagem, os cinegrafistas e os repórteres. Todos ali fazem parte de uma engrenagem que não pode falhar. Quero destacar aqui o papel também do pessoal da parte técnica e dos motoqueiros. Não são jornalistas, mas também são fundamentais numa cobertura. Sem eles uma bela reportagem ou um grande furo jornalístico jamais entraria no ar. Só entra porque eles chegam sempre a tempo na TV. Então, você precisa saber qual é o seu objetivo. É ser repórter? Um ótimo produtor? Um ótimo editor? Enfim... Eu, por exemplo, antes de chegar aqui, trabalhei no jornal de bairro, trabalhei de madrugada no *Diário do Grande ABC* [final dos anos 70], na *Folha de S. Paulo* [década de 80] e na *TV Record* [final dos anos 80].

**Quais são seus planos para o futuro?**

**VS:** Tenho a intenção de escrever um livro, mas não tive tempo. Nesse livro quero abordar os bastidores das matérias que eu fiz, porque as pessoas parecem se interessar por esses casos policiais que participei das coberturas.◆



# BASTIDORES











## Conheça mais a série *Mestres da Reportagem*, adquirindo suas outras obras:



### *Mestres da Reportagem Vol. II* Jornalistas entrevistados:

Aiana Freitas, André Caramante, Andrei Netto, Audálio Dantas, Caetano Cury, Clóvis Rossi, Daniela Arbex, Fernando Rodrigues, Francisco José, Gilberto Nascimento, Heródoto Barbeiro, José Patrício, Laura Capriglione, Leonencio Nossa, Luiza Villaméa, Mário Magalhães, Maristela Crispim, Mauro Naves, Paulina Chamorro, Renata Alves, Rubens Valente e Vinicius Sassine.



### *Mestres da Reportagem Vol. III* Jornalistas entrevistados:

Abel Neto, Ângela Bastos, Bruno Paes Manso, Bruno Torturra, Cristiane Segatto, Denise Fon, Dimmi Amora, Fausto Salvadori Filho, Fernando Fernandes, Katia Brasil, Leonardo Sakamoto, Leticia Duarte, Lourival Sant'Anna, Michelle Trombelli, Nathan Fernandes, Ricardo Brandt, Sérgio Dávila, Tai Nalon, Vandeck Santiago, Vladimir Netto e Zuenir Ventura.

Disponível em:

[www.livrariainhouse.com](http://www.livrariainhouse.com)



---

Caro Leitor

Nós esperamos que esta obra tenha correspondido às suas expectativas.

Envie suas dúvidas e sugestões  
através do nosso e-mail:

[editorainhouse@gmail.com](mailto:editorainhouse@gmail.com)

---

Compre outros títulos em  
**[www.livrariainhouse.com](http://www.livrariainhouse.com)**

---



---

[www.editorainhouse.com.br](http://www.editorainhouse.com.br)

Curta nossa página no Facebook: Editora In House

Fones: (11) 4607-8747 / 99903-7599

---